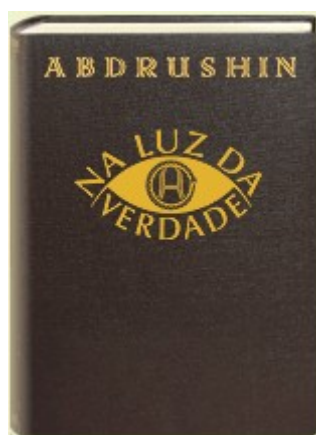


Na Luz da Verdade

Mensagem do Graal de Abdrushin



Tradução portuguesa da Edição Original alemã publicada em 1931. (Livro único)

(Versão 2.0 – 2020. Tradução para Português de Portugal)

(Baseado na tradução em Português do Brasil)

Em caso de dúvida em relação à presente tradução: prevalece sempre o sentido expresso pelo autor na obra original em alemão de 1931 “Im Lichte der Wahrheit”.

Sequência das dissertações

Para a absorção apropriada da Mensagem do Graal, é essencial que leia as dissertações respeitando a sequência estabelecida. De outra forma, surgirão lacunas que impossibilitarão a plena compreensão.

*Quem
não se esforça,
para compreender direito a Palavra
do Senhor, torna-se
culpado!*

Para orientação!

A venda cai e a crença torna-se convicção. Somente na convicção residem libertação e redenção!

Falo somente para aqueles que procuram com sinceridade. Eles têm de estar aptos e dispostos a examinar isso objectivamente! Os religiosos fanáticos e entusiastas volúveis que permaneçam à distância, pois são nocivos à Verdade. Quanto aos malévolos e incoerentes, devem encontrar nas próprias palavras o seu julgamento.

A Mensagem atingirá somente aqueles que trazem aberta em si uma centelha da Verdade e o anseio de serem realmente seres humanos. Para todos esses ela também se tornará um luminar e um firme apoio. Sem rodeios ela conduzirá para fora de toda caótica confusão actual.

A palavra que se segue não traz uma nova religião, mas terá de ser o archote para todos os ouvintes ou leitores sinceros, a fim de que encontrem o caminho certo que os leve à almejada altitude.

Apenas quem se movimenta por si pode progredir espiritualmente. O tolo, que se serve para isso das formas prontas das concepções alheias, como meio de auxílio, segue seu caminho como que se apoiando em muletas, enquanto seus próprios membros saudáveis permanecem inactivos.

Tão logo, porém, utilize todas as faculdades, que jazem adormecidas dentro de si à espera do seu chamado, corajosamente, como meio para a escalada, ele aproveita as dádivas que lhe foram confiadas de acordo com a vontade do seu Criador, e superará brincando todos os obstáculos, que querem cortar seu caminho, distraíndo-lhe a atenção.

Por isso, despertai! Somente na convicção repousa a verdadeira crença, e a convicção só vem através de exames e análises irrestritas! Sede seres vivos na maravilhosa Criação de vosso Deus!

Abdruschin

1. O que procurais?

O que procurais? Dizei, o que significa esse impulso impetuoso? Como um bramir ele atravessa o mundo, e grandes vagas de livros se derramam sobre todos os povos. Eruditos procuram nas antigas escrituras, investigam, cismam até à exaustão espiritual. Profetas surgem, para advertir, prometer... de todos os lados se quer de repente, como em estado febril, difundir nova luz!

Assim se passa actualmente, como uma tempestade, pela alma humana alvoroçada, sem nutrir nem refrescar, mas sim crestando, consumindo e absorvendo as últimas forças que restaram à dilacerada alma humana, nestas sombras da actualidade.

Também aqui e acolá, manifesta-se um sussurro, um murmúrio de expectativa crescente, de algo que está para vir. Inquieto está cada nervo, tenso por um anseio inconsciente. Palpita, borbulha e paira sobre tudo, de modo latente e sombrio, uma espécie de atordoamento. Gerando desgraça. Que *há* de nascer disso? Confusão, desalento e ruína, se não for rasgada com energia a camada escura que agora envolve espiritualmente o globo terrestre, a qual, com a viscosidade dos charcos imundos, absorve e sufoca, antes que se torne forte cada livre pensamento luminoso que surge, a qual, com o silêncio lúgubre de um pântano, já reprime, decompõe e destrói no gérmen cada boa vontade, antes que possa surgir daí uma acção.

O grito dos que buscam a Luz, porém, que contém força para romper a lama, é desviado, e seu som se perde contra uma abóbada impenetrável, erigida com empenho justamente por aqueles que supõem ajudar: *Eles oferecem pedras em lugar de pão!*

Examinai os inúmeros livros:

Através deles o espírito humano só se cansará, não se vivificará! E isso é a prova da esterilidade de tudo o que é oferecido. Pois o que cansa o espírito nunca é o certo.

Pão espiritual refresca imediatamente, Verdade revigora, e Luz vivifica!

Pessoas simples têm que desanimar, quando vêem que muros estão sendo levantados ao redor do Além, pela assim chamada ciência do espírito. Quem, dentre os simples, pode entender as frases eruditas, as estranhas expressões? Destinar-se-á então o Além só para os cientistas do espírito?

Fala-se aí de Deus! Será necessário erguer uma universidade, para nela se adquirir primeiramente as capacidades de reconhecer o conceito da divindade? Para onde leva essa mania que na maior parte está enraizado apenas na ambição?

Como bêbados cambaleiam os leitores e os ouvintes, de um lugar para o outro, incertos, tolhidos em si mesmos, unilaterais, pois foram desviados do caminho simples.

Escutai, ó desalentados! Erguei o olhar, vós que buscais com sinceridade: *O caminho para o Altíssimo se encontra pronto na frente de cada ser humano! Erudição não é o portal para lá!*

Escolheu Cristo Jesus, esse grande exemplo no verdadeiro caminho para a Luz, os seus discípulos entre os cultos fariseus? Entre pesquisadores das escrituras? Tirou-os da singeleza e da simplicidade, porque eles não tinham que lutar contra este grande erro, que o caminho para a Luz é difícil de aprender e deve ser árduo de seguir.

Este pensamento é o maior inimigo das criaturas humanas, pois é mentira!

Por isso, distanciai-vos de toda e qualquer sabedoria vã, lá onde se trata do que há de mais sagrado no ser humano e que quer ser *plenamente compreendido!* Afastai-vos, porque a ciência, como obra malfeita do cérebro humano, é fragmentária, e como tal tem de permanecer.

Reflecti, como poderia a ciência, arduamente aprendida, levar à divindade? *Que é saber, na realidade?* Saber é o que o cérebro pode compreender. Quão restritamente limitada é, contudo, a capacidade de compreensão do cérebro, que permanece ligado firmemente a espaço e tempo. Já a eternidade e o sentido do infinito não consegue um cérebro humano abranger. Exactamente isso, que se acha ligado inseparavelmente à divindade. Silencioso, porém, permanece o cérebro, diante dessa força inapreensível que interpenetra tudo o que existe e da qual ele próprio haure sua actividade. A força que todos sentem dia após dia, hora após hora, a cada momento, como algo evidente, que também a própria ciência sempre reconheceu como algo existente, e que com o cérebro, portanto, com o saber e o intelecto, procura-se em vão assimilar e compreender.

Tão defeituosa é, pois, a actividade de um cérebro, da pedra fundamental e instrumento da ciência, e essa limitação se faz sentir logicamente também através das obras que constrói, portanto, através de todas as próprias ciências. Por conseguinte, a ciência é útil como *complemento*, para uma compreensão melhor, para subdividir e classificar tudo quanto ela

recebe pronto da força criadora precedente, contudo, ela tem que malograr incondicionalmente, se pretender ela própria se arrogar a guia ou crítica, enquanto se prender, como até agora, tão firmemente ao intelecto, isto é, à faculdade de compreensão do cérebro.

É por esse motivo que a erudição, e também a humanidade que por ela se orienta, permanecem sempre presas a pormenores, ao passo que cada ser humano traz em si o grande, inapreensível todo como presente, que o capacita totalmente, sem aprendizagem cansativa, a atingir o que há de mais nobre e sublime!

Por isso, fora com esse desnecessário tormento de uma escravidão espiritual! Não é em vão que o grande Mestre exclama: Sede como as crianças!

Quem possui em si firme vontade para o bem e se esforça por aplicar pureza a seus pensamentos, *esse já achou o caminho para o Altíssimo!* E assim, tudo o mais lhe será concedido. Para tanto não precisa nem de livros ou esforço espiritual e nem de uma penitência ou isolamento. Torna-se saudável de corpo e alma, livre de toda a pressão de ponderação mórbida; pois qualquer exagero prejudica. Deveis ser criaturas humanas, e não plantas de estufa, que devido a desenvolvimento unilateral sucumbem às primeiras rajadas de vento!

Despertai! Olhai em redor! Ouvi vosso íntimo! Unicamente isso é capaz de abrir o caminho!

Não deis atenção às brigas das igrejas. O grande portador da Verdade, Cristo Jesus, a corporificação do amor divino, não perguntou por religião. O que, aliás, são hoje as confissões religiosas? Tolhimentos do espírito livre do ser humano, escravização da centelha de Deus que habita em vós; dogmas ^(*Doutrinas de igrejas) que procuram restringir a obra do Criador e também Seu amor imenso nas formas estreitas do sentido humano, o que equivale a rebaixamento do divinal, desvalorização proposital. Todo investigador sincero é repellido por esse procedimento, pois através dele jamais poderá vivenciar a grande realidade, com o que tornar-se-á cada vez mais desesperançado seu anseio pela Verdade, fazendo-o por fim desesperar de si e do mundo! Por conseguinte, despertai! Destruí os muros dogmáticos dentro de vós, arrancai a venda para que a Luz pura do Altíssimo possa penetrar em vós. O vosso espírito lançar-se-á então, jubilando, para as alturas, sentirá, regozijando, o grande amor do Pai, que desconhece quaisquer fronteiras do intelecto terreno. Sabereis finalmente que sois uma parte dele e o compreenderéis sem esforço e completamente, unir-vos-eis a ele, e assim ganhareis diariamente, hora após hora, nova força, como uma dádiva, que vos tornará evidente a ascensão para fora da confusão!

2. Despertai!

Despertai, vós seres humanos, do sono de chumbo! Reconhecei o fardo indigno que carregais e que pesa com uma indizível e tenaz pressão sobre milhões de criaturas. Atirai-o fora! Acaso merece ser carregado? Nem sequer um único segundo!

Que encerra ele? Debulho vazio que se desvanece temeroso ao sopro da Verdade. Desperdiçastes o tempo e a força em vão. Arreentai, portanto, as cadeias que vos prendem em baixo, tornai-vos finalmente livres!

O ser humano que permanece acorrentado interiormente será eternamente escravo, mesmo que seja um rei.

Vós vos atais com tudo o que vos esforçais por aprender. Ponderai: com a aprendizagem vos comprimis sempre em formas alheias que outros conceberam, vos associais de bom grado a uma convicção alheia, apenas apropriando-vos daquilo que outros vivenciaram em si, para si. Considerai: uma coisa não é para todos! O que é útil para um pode prejudicar a outrem. Cada qual tem de percorrer por si seu próprio caminho para o aperfeiçoamento. Seu equipamento para isso são as faculdades que traz em si. De acordo com elas é que tem de se orientar, e sobre elas edificar! Se não o fizer, permanecerá um estranho dentro de si mesmo, e se encontrará sempre *ao lado* daquilo que estudou, e que nunca poderá tornar-se vivo dentro dele. Assim, cada proveito para ele está fora de consideração. Vegeta, e um progresso é impossível.

Notai bem, vós que vos esforçais com sinceridade pela Luz e a Verdade:

O caminho para a Luz deve cada qual vivenciar dentro de si, deve descobri-lo *pessoalmente*, se desejar caminhar com segurança sobre ele. Somente aquilo que o ser humano vivencia em si, intuindo com todas as modificações, é que compreendeu plenamente!

A dor e também a alegria batem continuamente à porta, estimulando, sacudindo para um despertar espiritual. Durante segundos fica então o ser humano aí muitas vezes libertado de todas as futilidades da vida quotidiana e, tanto na felicidade como na dor, presente a ligação com o espírito que perpassa tudo o que é vivo.

E *tudo* é vida, nada está morto! Feliz daquele que compreende e retém tais momentos de ligação, erguendo-se nisso para cima. Não deve aí ater-se a formas rígidas, mas sim cada um deve desenvolver-se por si mesmo, partindo de seu íntimo.

Tende compaixão com os zombadores e todos aqueles que ainda desconhecem a vida espiritual. Não fiquéis zangados com eles, quando se tornarem sarcásticos; pois estes são apenas dignos de lástima. Como bêbados, como doentes se encontram perante a grande obra da Criação, que tanto nos oferece. Como cegos que passam, tacteando, pela existência terrena, e não vêem todo o esplendor que os rodeia!

Os coitados estão confusos, dormem; pois como pode um ser humano, por exemplo, ainda afirmar que só existe aquilo que ele vê? Que acolá, onde ele com seus olhos nada consegue distinguir, não haja vida nenhuma. Que, com a morte de seu corpo, também ele deixa de existir, somente porque até agora, em sua cegueira, não se pôde convencer com seus olhos do contrário? Não sabe ele agora, já por muitas coisas, como é estreitamente limitada a capacidade do olho? Não sabe ele ainda que ela está ligada às capacidades de seu cérebro, adstritas a tempo e espaço? E que, por essa razão, tudo quanto está *acima* de espaço e tempo ele *não* pode reconhecer com seus olhos? Nenhum desses zombadores compreendeu ainda tal fundamentação lógica do intelecto? A vida espiritual, chamemo-la também de Além, é, contudo, somente algo que se acha inteiramente acima do conceito terreno de espaço e tempo, e que necessita, portanto, de um caminho idêntico para ser reconhecido.

Contudo, nosso olho nem mesmo vê aquilo que se deixa classificar no tempo e no espaço. Imagine a gota d'água, cuja incondicional pureza cada olho testemunha e que, observada através dum microscópio, encerra milhares de seres vivos, que dentro dela, sem piedade, lutam e se destroem. Não há, às vezes, bacilos na água, no ar, que possuem força para destruir corpos humanos, e que não são perceptíveis aos olhos? Todavia se tornam visíveis através de instrumentos aperfeiçoados. Quem, depois disso, ousará ainda afirmar que não encontrareis coisas novas até agora desconhecidas, tão logo aperfeiçoardes melhor tais instrumentos? Aperfeiçoi-os mil vezes, milhões de vezes, mesmo assim a visão não terá fim, mas sim, diante de vós se desvendarão sempre mundos novos que antes não podíeis ver nem sentir e que, todavia, já existiam. O pensamento lógico leva a idênticas conclusões também sobre tudo aquilo, que as ciências até agora conseguiram reunir. Dá-se a expectativa de permanente desenvolvimento e nunca, porém, de um fim.

Que é então o Além? Muitos se confundem com essa *palavra*. O Além é simplesmente tudo aquilo que não se deixa reconhecer com meios auxiliares terrenos. Meios auxiliares terrenos, contudo, são os olhos, o cérebro, e tudo o mais do corpo, bem como os instrumentos

que ajudam essas partes a exercer suas actividades de modo mais nítido e exacto, expandindo-as. Poder-se-ia dizer, portanto: o Além é o que se encontra além das faculdades de reconhecimento dos nossos olhos corpóreos. *Uma separação, porém, entre este mundo e o Além não existe!* E também nenhum abismo! Tudo é homogéneo, como a Criação toda. *Uma* força perflui tanto o Aquém como o Além, tudo vive e actua a partir dessa única corrente da vida e, por causa disso, é completa e indissolivelmente interligado. Disso se torna compreensível o seguinte. Quando uma parte desse todo adoece, deve o efeito fazer-se sentir na outra parte, como num corpo. Partículas doentes dessa outra parte fluem então para a que adoeceu, através da atracção da igual espécie, reforçando assim ainda mais a doença. Se tal doença, porém, tornar-se incurável, surge então a indispensável contingência de afastar à força o membro doente, a fim de que o conjunto não sofra permanentemente. E o perigo condiciona efeito recíproco salutar que, devido à sintonização errada, é dificultado, às vezes de forma inimaginável.

Por esse motivo, mudai vosso modo de pensar. Não existe um Aquém e um Além, mas sim apenas uma existência una! A noção de separação foi inventada apenas pelo ser humano, por não poder ver tudo e por se considerar o ponto central e principal do âmbito que lhe é visível. Mas o seu campo de acção é maior. Com o erro da separação, ele apenas se restringe, veementemente, impede seu progresso, e dá oportunidade a fantasias desenfreadas, originando imagens monstruosas. É de se surpreender, então, se, como consequência, muitos apenas têm um sorriso incrédulo, outros uma adoração doentia que degenera em escravidão ou fanatismo? Quem pode aí ainda se espantar com o medo tímido, sim, aflição e pavor que são criados em muitos seres humanos? Fora com tudo isso! Por que esse tormento? Derrubai essa barreira que o erro dos seres humanos procurou levantar, e que, todavia, nunca existiu! A sintonização errónea de até agora vos dá também uma base falsa sobre a qual vos esforçais inutilmente em erguer sem fim a verdadeira fé, isto é, a convicção interior. Esbarrais por isso em pontos, rochedos que vos devem tornar vacilantes ou hesitantes, ou vos obrigam a destruir de novo o edifício todo, para, em seguida, talvez abandonar tudo com desalento ou rancor. Nisso, o prejuízo é somente vosso, pois para vós não existe progresso, mas sim apenas paragem ou retrocesso. O caminho, porém, que tendes de percorrer, torna-se desta forma ainda mais comprido.

Quando tiverdes finalmente compreendido a Criação como um todo, que ela é, quando não fizerdes nenhuma separação entre o Aquém e o Além, então tereis o caminho recto, o alvo verdadeiro estará mais próximo, e a ascensão vos causará alegria, dará satisfação. Podereis então sentir e compreender muito melhor os efeitos da reciprocidade que pulsam, cheios de vida, através do todo, do homogéneo, pois toda a actuação é impulsionada e mantida por aquela força única. A Luz da Verdade irrompe assim para vós!

Reconhecereis em breve que, para muitos, só a comodidade e a preguiça é a causa de zombarias, somente porque custariam esforços para derrubar o que foi aprendido e considerado até agora, e construir coisa nova. E a outros isso vem alterar a habitual rotina, e por isso se lhes torna incómodo. Deixai esses tais, não brigueis; contudo, ofereci com gosto de ajudar o vosso saber àqueles que não estiverem contentes com os prazeres passageiros e que procuram algo *mais* na existência terrena, não sendo como os animais, que só procuram satisfazer o seu corpo. Dai-lhes o reconhecimento, que estais obtendo, não enterreis o tesouro, pois com o dar o vosso saber também se torna, reciprocamente, mais rico e mais forte.

No Universo age uma lei eterna: Que somente no dar também pode haver um receber, quando se trata de valores, que são permanentes! Isso penetra tão fundo, trespassa a Criação toda, como um legado sacrossanto do seu Criador. Dar desinteressadamente, ajudar onde for necessário, e ter compreensão pelo sofrimento do próximo, bem como por suas fraquezas, chama-se receber, pois esse é o caminho simples e verdadeiro para o Altíssimo!

E querer isso seriamente redundaria em vosso imediato auxílio e força! Um único desejo intuído sincera e profundamente voltado para o bem, e já será despedaçada, como que por uma espada de fogo, pelo outro lado agora ainda invisível para vós, a muralha que vossos próprios pensamentos até agora tinham erguido como obstáculo; pois vós sois, sim, uma só coisa com o Além tão temido, negado ou desejado por vós, sois ligados a ele estreita e inseparavelmente.

Experimentai isso; pois vossos pensamentos são os mensageiros que enviais, e que a vós retornam sobrecarregados com o que foi intencionado por vós, seja coisa boa ou má. Isso acontece. Lembrai que os vossos pensamentos são coisas que se formam espiritualmente, tornando-se frequentemente configurações que sobrevivem à existência terrena do vosso corpo, e então muito tornar-se-vos-á claro. Evidenciar-se-á assim a exactidão do que foi dito: Pois suas obras os seguirão! As criações de pensamentos são obras que hão de esperar-vos! Que formam anéis claros ou escuros à vossa volta e que tereis de transpor para penetrar no mundo espiritual. Nenhuma protecção, nenhuma interferência pode ajudar aí, porque tendes a autodeterminação. O primeiro passo para tudo tem de partir de vós, portanto. Ele não é difícil, reside apenas no querer que se manifesta pelos pensamentos. Desta forma trazeis em vós mesmos tanto o céu como o inferno.

Podeis decidir, mas estais sujeitos às consequências de vossos pensamentos e de vosso querer, incondicionalmente! As consequências, vós próprios as criais, por isso vos clamo: Conservai puro o foco dos vossos pensamentos, com isso estabelecereis a paz e sereis felizes!

Não vos esqueçais de que cada pensamento por vós criado e enviado atrai durante o percurso todos os da mesma espécie ou adere a outros, com isso vai se tornando forte, cada vez mais forte e por fim atinge também um alvo, um cérebro que talvez tenha se distraído durante alguns segundos apenas, dando assim espaço para tais formas flutuantes de pensamentos, para que entrem e actuem. Imaginai só que responsabilidade cai então sobre vós, se o pensamento um dia se transformar em acção por uma pessoa em que pôde actuar! Tal responsabilidade se manifesta já pela circunstância de que cada pensamento conserva ligação ininterrupta convosco, como através de um fio que não arrebenta, para então retornar com a força adquirida durante o percurso, para vos sobrecarregar ou tornar felizes, conforme a espécie que gerastes.

Assim nos encontramos no mundo dos pensamentos, e damos também lugar, com o respectivo modo de pensar, a formas de pensamentos semelhantes. Por isso não desperdiceis a força do pensar, ao contrário, concentraí-a para a defesa e para uma forma de pensar *aguçada* que saia como lanças, actuando sobre tudo. Criai assim com os vossos pensamentos a *lança sagrada* que combate pelo bem, que cicatriza feridas e beneficia a Criação inteira!

Por isso, para o actuar e o progredir, sintonizai nisso o pensar! Para fazê-lo, tereis de abalar muitas colunas que suportam concepções tradicionais. Muitas vezes se trata dum conceito erroneamente absorvido, que não deixa encontrar o verdadeiro caminho. Ele tem de retroceder ao ponto de onde partiu. Um vislumbre de luz põe abaixo a construção inteira, que ele penosamente construiu durante décadas, e então recomeça a obra depois de um maior ou menor atordoamento! Ele é *obrigado*, já que no Universo não existe estagnação. Tomemos, por exemplo, a noção do tempo:

O tempo passa! Os tempos mudam! Assim se ouve por toda parte os seres humanos dizerem, e com isso surge involuntariamente em nosso espírito um quadro: *vemos tempos mutáveis passando por nós!*

Esse quadro se torna hábito e para muitas pessoas forma uma base sólida por onde vão edificando, orientando todas as suas pesquisas e reflexões de acordo com isso. Não demora muito, contudo, até que esbarrem então em obstáculos, que se encontram em contradição uns com os outros. Já nada se ajusta, nem com a melhor boa vontade. Perdem-se e deixam lacunas, que, não obstante todo o cismar, não mais podem ser preenchidas. Muitas pessoas acham então que em tal contingência se deve recorrer à *fé*, como sucedâneo, quando o pensamento lógico não encontra nenhum amparo. Mas isso é errado! O ser humano não deve crer em coisas que não possa compreender! Deve procurar compreendê-las; do contrário irá

abrir largamente a porta para os erros, e com os erros sempre se desvaloriza também a Verdade.

Crer sem compreender é apenas indolência, preguiça mental! Isso não leva o espírito para o alto, pelo contrário, oprime-o. Por conseguinte, levantemos o olhar, devemos examinar e pesquisar. Não é à toa que existe dentro de nós o impulso para isso.

O tempo! Passará realmente? Qual a razão de esbarrarmos em obstáculos referentes a esse princípio, quando aí se quer prosseguir no pensar? Muito simples, porque o pensamento básico é *falso; pois o tempo permanece parado!* Nós, sim, é que marchamos ao seu encontro! Investimos pelo tempo adentro, que é eterno, procurando dentro dele a Verdade. O tempo permanece parado. Continua o mesmo hoje, ontem, e em mil anos! Somente as formas é que variam. Mergulhamos no tempo, para haurir no seio de suas anotações, a fim de fomentar nosso saber com as colecções que ele encerra! Pois nada se perdeu, tudo ele preservou. Não mudou, porque é eterno. Tu também, ó ser humano, és sempre apenas o mesmo, quer pareças jovem ou velho! Permaneces aquele que és! Tu próprio ainda não o percebeste? Não notas nitidamente uma diferença entre a forma e o teu “eu”? Entre o corpo, que é sujeito a alterações, e tu, o espírito, que é eterno?

Vós procurais a Verdade! Que é a Verdade? O que hoje ainda admitis como Verdade patentear-se-vos-á amanhã já como erros, para mais tarde descobrires outra vez que nesses erros se encontram grãos de Verdade! Pois também as revelações modificam suas formas. Assim continua para vós com ininterrupta pesquisa, mas na modificação amadurecereis!

A Verdade, contudo, permanece sempre a mesma, não muda; pois é eterna! E sendo eterna, nunca poderá, mediante os sentidos materiais que só distinguem mutações de formas, ser compreendida real e límpidamente! Por isso, espiritualizai-vos! Livres de todos os pensamentos terrenos, possuireis a Verdade e estareis na Verdade, a fim de banhar-vos nela, irradiados constantemente pela sua luz límpida; pois ela vos envolve totalmente. Nadareis nela, tão logo vos espiritualizardes.

Então não tereis mais necessidade de aprender arduamente as ciências nem de reear quaisquer erros, mas sim já tereis para cada pergunta a resposta na própria Verdade, mais ainda, não tereis então mais perguntas, porque, sem que penseis, sabereis tudo, abrangereis tudo, porque vosso espírito *vive* na Luz límpida, na Verdade!

Por conseguinte, tornai-vos livres espiritualmente! Arreentai todas as algemas que vos detêm em baixo! Se com isso se apresentarem obstáculos, jubilai alegremente ao seu

encontro; pois eles significam para vós o caminho para a liberdade e para a força! Considerai-os como uma dádiva, donde surgem proveitos para vós e, brincando, ireis transpo-los.

Ou eles são colocados à vossa frente para que aprendais com isso e vos desenvolvais, com o que aumentais vossos recursos para a ascensão, ou são efeitos retroactivos de alguma culpa, que com isso redimireis e da qual vos podeis libertar. Em ambos os casos vos levarão para diante. Assim, ide em frente, é para vossa salvação!

É tolice falar de golpes do destino ou provações. Cada luta e cada sofrimento é progresso. Com isso é oferecida ao ser humano a oportunidade de anular sombras de faltas anteriores; pois nenhum centavo pode ser perdoado a cada um, porque o circular de leis eternas no Universo também é inexorável a esse respeito, leis nas quais se revela a vontade criadora do Pai, que assim nos perdoa e desfaz todas as trevas.

O menor desvio nisso reduziria o mundo a escombros, tão clara e tão sabiamente tudo está disposto.

Quem, todavia, tiver muita coisa anterior a liquidar, não deverá tal pessoa desanimar então, apavorando-se diante do resgate das culpas?

Pode dar início a isso confiante e alegre, livre de quaisquer preocupações, logo que *queira com sinceridade!* Pois uma *compensação* pode ser criada através da corrente contrária duma força de boa vontade, que no espiritual se torna viva igual a outras formas de pensamentos e como uma forte arma capaz de afastar cada lastro de trevas, cada pesadume, e conduzir o “eu” para a Luz!

Força de vontade! Um poder não pressentido por tantos que, como um íman que nunca falha, atrai para si as forças iguais, para com elas crescer como avalanche, e unido a outros poderes espirituais semelhantes, actua retroactivamente, atinge novamente o ponto de partida, portanto, a origem, ou, melhor ainda, o gerador, e o eleva alto para a Luz ou o arremessa mais profundamente ainda na lama e na sujeira! Conforme a espécie que o próprio causador desejou anteriormente. Quem conhece essa acção recíproca que se realiza de forma permanente e infalível, existente em toda a Criação, que nela se desencadeia e desabrocha com inamovível certeza, esse sabe utilizá-la, tem de amá-la, tem de temê-la! Para esse torna-se vivo gradualmente o mundo invisível que o rodeia; pois sente seus efeitos com tal nitidez, que liquida cada dúvida. Tem de intuir as fortes ondas de actividade infatigável que agem sobre ele, provenientes do grande Universo, tão logo atente apenas um pouco para isso, sentindo, por fim, que ele é o foco de fortes correntes, qual uma lente que capta os raios

solares e os faz convergir sobre um ponto e acolá gera uma força que actua inflamando, podendo queimar e destruir, bem como curar e vivificar, trazer bênçãos, e a qual também é capaz de acender um fogo abrasador! *E tais lentes somos também nós*, capazes de, mediante nossa vontade, enviar essas correntes invisíveis de força que nos atingem, concentradas num potencial, para finalidades benéficas ou malévolas, levando bênção ou também destruição à humanidade. Fogo abrasador podemos, devemos acender com isso nas almas, fogo do entusiasmo para o bem, para o que é nobre, para a perfeição!

Para isso se faz necessário apenas uma força de vontade que torna o ser humano de certa maneira o senhor da Criação, para a determinação de seu próprio destino. Sua própria vontade lhe acarreta a destruição ou a redenção! Cria-lhe, com inexorável certeza, a recompensa ou os castigos.

Não temais, pois, que tal saber vos afaste do Criador, vos enfraqueça a fé de até agora. Pelo contrário! O conhecimento dessas leis eternas, que podemos utilizar, deixa toda a obra da Criação parecer-nos ainda mais sublime, e obriga o pesquisador perspicaz a se curvar de joelhos, cheio de devoção, diante de sua grandeza!

E então jamais o ser humano quererá o mal. Agarrar-se-á com alegria ao melhor apoio que existe para ele: ao amor! Amor por toda a Criação maravilhosa, amor pelo próximo, a fim de também conduzi-lo para cima, à magnificência dessa usufruição, dessa consciência de força!

3. O silêncio

Tão logo surja em ti um pensamento, trata de retê-lo, não o pronuncies logo, porém, nutre-o; pois ele se comprime mediante a contenção no silêncio e ganha em forças, como o vapor sob contrapressão.

A pressão e a compressão geram a propriedade duma actuação magnética segundo a lei de que tudo o que é mais forte atrai o fraco para si. Formas de pensamentos análogas serão, através disso, atraídas de todas as partes, seguradas, reforçando cada vez mais a força do próprio pensamento primitivo, e apesar disso actuam de modo que a primeira forma gerada se vá moldando pela junção de formas alheias, transformando-se e adquirindo formas variáveis, até atingir seu amadurecimento. Sentes tudo isso dentro de ti, todavia, julgas sempre que seja unicamente tua própria vontade. *Mas em coisa alguma dás inteiramente tua própria vontade, tens sempre junto algo alheio!*

Que te diz esse fenómeno?

Que somente na fusão de muitas partículas algo perfeito pode ser criado! Criado? Está isso certo? Não, mas sim formado! Pois realmente não há nada de novo a criar, trata-se em tudo apenas de um novo formar, visto que todas as partículas já existem na grande Criação. Cumpre apenas impulsionar essas partículas para actuarem em direcção ao caminho da perfeição, o que traz a fusão.

Fusão! Não passes de leve por tal termo, procura antes aprofundar-te nesse conceito de que o amadurecimento e a perfeição são alcançados por meio da fusão. Essa sentença repousa em toda a Criação, como uma preciosidade que quer ser descoberta! Acha-se intimamente ligada à lei de que somente no dar também se pode receber! E o que condiciona a exacta compreensão dessas sentenças? Isto é, a vivência? O amor! E por isso o amor constitui também a força máxima, como poder ilimitado dentro dos mistérios do grande existir!

Assim como a fusão, no caso dum único pensamento, forma, lapida e molda, assim se dá com o próprio ser humano e com toda a Criação, que na interminável fusão de formas individuais existentes passa por novas configurações, devido à força de vontade, e assim se forma o caminho para a perfeição.

Um ser isolado não pode oferecer-te a perfeição, mas sim a humanidade toda, na pluralidade de suas características! Cada qual tem algo que pertence de maneira incondicional

ao conjunto. Daí acontecer também que uma pessoa que já atingiu amplo progresso, já não conhecendo mais nenhuma cobiça terrena, sinta amor pela humanidade inteira e não por um ser isolado, visto que somente a humanidade toda consegue fazer vibrar as cordas de sua alma amadurecida, libertadas através da purificação, em harmoniosa sinfonia celestial. Traz harmonia dentro de si, porque todas as cordas vibram!

Voltemos ao pensamento que atraiu para si as formas alheias e que assim foi se tornando forte, cada vez mais forte: por fim ele vai além de ti em ondas de força unidas, rompe a aura da tua própria pessoa e passa a exercer uma influência sobre um âmbito mais amplo.

A isso a humanidade chama de magnetismo pessoal. Os leigos dizem: “Irradias algo!” Conforme a espécie, algo desagradável ou agradável. Atraente ou repulsivo. Mas sente-se!

Contudo, não irradias nada! O fenómeno que gerou o sentimento nessas outras pessoas teve sua origem no facto de atraíres magneticamente para ti tudo o que é espiritualmente da mesma espécie. E esse atrair torna-se perceptível às pessoas mais próximas. É que nisso também reside o efeito recíproco. No contacto, essa outra pessoa sente então nitidamente a tua força, nascendo através disso a “simpatia”.

Mantém sempre diante dos olhos: Tudo quanto é espiritual, expresso segundo nossos conceitos, é magnético, e também te é conhecido que sempre o mais forte supera o fraco, pela atracção e pela absorção. Por isso “é tirado do pobre (fraco) até mesmo o pouco que possui”. Ele se torna dependente.

Nisso não reside nenhuma injustiça, mas isso se realiza de acordo com as leis divinas. O ser humano precisa apenas se animar, querer realmente, e está protegido disso.

Naturalmente lançarás então a questão: E como será quando todos quiserem ser fortes? Quando nada tiverem a tomar de alguém? Então, querido amigo, *será um intercâmbio espontâneo*, subordinado à lei de que somente dando é que também se pode receber. Não ocorrerá paralisação por causa disso, mas sim tudo quanto é inferior estará extinto.

Assim acontece que, devido à preguiça, muitos se tornam dependentes no espírito, às vezes, por fim, mal possuem ainda a capacidade de desenvolver seus próprios pensamentos.

Deve ser salientado que somente a igual espécie é atraída. Daí o provérbio: “Igual com igual se entendem bem”. Assim se juntarão sempre os que são dados à bebida, fumadores têm

“simpatias”, tagarelas, jogadores, etc., mas também os de índole nobre se encontram para fins elevados.

No entanto, ainda prossegue: aquilo que se esforça espiritualmente também se efectiva por fim *fisicamente*, visto todo o espiritual perpassar a matéria grosseira, razão pela qual cumpre ter sempre em mente a lei da acção de retorno, porque um pensamento sempre mantém ligação com a origem, causando nessa ligação irradiações retroactivas.

Refiro-me aqui sempre apenas aos pensamentos *reais*, que contêm em si a força vital da intuição anímica. Não ao desperdício de forças da substância cerebral confiada a ti como instrumento, que forma apenas pensamentos voláteis que se manifestam como emanações difusas em desordenada confusão e que, felizmente, logo se desfazem. Tais pensamentos só te custam tempo e força, e desperdiças com isso um bem que te foi confiado.

Meditas, por exemplo, a sério sobre determinada coisa, tal pensamento se tornará fortemente magnético dentro de ti pela força do silêncio e atrairá todos os afins, tornando-se, desse modo, fertilizado. Ele amadurece e transpõe os limites da rotina, até penetra devido a isso em outras esferas também, recebendo daí a afluência de pensamentos mais elevados... a inspiração! Por essa razão, na inspiração, em contraste com a mediunidade, o pensamento básico deve partir de ti mesmo, deve formar uma ponte para o Além, o mundo espiritual, a fim de ali haurir conscientemente de uma fonte. Por conseguinte, a inspiração não tem nada a ver com a mediunidade. Dessa forma o pensamento amadurecerá dentro de ti. Avanças para a realização e *levarás, comprimido por tua força*, à realização aquilo que já pairava antes em inúmeras partículas no Universo, como formas de pensamentos.

Dessa maneira crias com algo espiritual já há muito existente, por meio da fusão e da compressão, *uma nova forma!* Assim, na Criação toda, sempre mudam apenas as formas, pois tudo o mais é eterno e indestrutível.

Acautela-te de pensamentos confusos, e de toda a superficialidade no pensar. O descuido vingará-se amargamente; pois sem demora te verás rebaixado a um lugar tumultuado de influências estranhas, o que te tornará facilmente irritado, inconstante e injusto para com o teu ambiente mais próximo.

Se tens um pensamento autêntico e o reténs bem, assim finalmente essa força concentrada também tem de impelir para a realização; pois o desenvolvimento de tudo se desenrola espiritualmente, *já que toda força é apenas espiritual!* O que então se torna visível para ti são sempre apenas as últimas manifestações dum processo magnético-espiritual ocorrido

anteriormente e que se realiza sempre uniformemente de acordo com uma ordem predeterminada.

Observa, e quando pensas e sentes, logo terás a prova de que toda a vida real *só* pode ser na verdade *a espiritual*, onde unicamente se encontram a origem e também o desenvolvimento. Tens de chegar à convicção de que tudo quanto vês com os olhos corpóreos realmente são apenas manifestações do espírito eternamente impulsionante.

Qualquer acção, até mesmo o menor movimento duma pessoa, foi precedida sempre de uma vontade espiritual. Os corpos exercem em tais casos apenas a função de instrumentos vivificados pelo espírito, que propriamente só adquiriram consistência através da força do espírito. Assim também árvores, pedras e toda a Terra. Tudo é vivificado, trespassado e impulsionado pelo espírito criador.

Visto que a matéria toda, portanto, o que é visível terrenamente, só vem a ser efeito da vida espiritual, não te será difícil compreender que, conforme a espécie *mais imediata* da vida espiritual que nos rodeia, assim se formarão também as *circunstâncias terrenas*. O que daí se deduz logicamente é claro: à própria humanidade é dada, pela sábia disposição da Criação, a força para formar para si, de modo auto-criativo, as condições de vida mediante a própria força do Criador. Feliz dela se a utilizar somente para o bem! Mas ai dela, se se deixar induzir a utilizá-la para o mal!

Nos seres humanos o espírito somente é envolvido e escurecido pelas ambições terrenas que, como escórias, aderem, sobrecarregam e arrastam-no para baixo. Seus pensamentos são, pois, actos de vontade nos quais repousa a força do espírito. *O ser humano dispõe da decisão para pensar bem ou mal e pode assim orientar a força divina tanto para o bem como para o mal!* Nisso reside a responsabilidade que o ser humano assume; pois a recompensa ou o castigo há de vir, já que todas as consequências dos pensamentos voltam ao ponto de partida através da lei da reciprocidade instituída, que nunca falha, e que nisso é inamovível, portanto, inexorável. E por isso também incorruptível, severa e justa! Não se diz o mesmo também a respeito de Deus?

Se muitos inimigos da fé hoje nada mais querem saber de uma divindade, tudo isso não consegue alterar em nada os factos que expus. Basta que essas pessoas suprimam a palavra “Deus” e se aprofundem seriamente na ciência, virão a encontrar então *exactamente o mesmo*, só que expresso em outras palavras. Não é, portanto, ridículo discutir sobre isso? Nenhum ser humano pode se esquivar das leis da natureza, ninguém consegue nadar em sentido contrário a elas. Deus é a força que impulsiona as leis da natureza; a força, que ninguém ainda

compreendeu, que ninguém viu, mas cujos *efeitos* cada um, dia a dia, hora a hora, até mesmo nas fracções de todos os segundos, tem de ver, intuir, observar, se apenas *quiser* ver, em si, em cada animal, cada árvore, cada flor, cada fibra de uma folha, quando irrompe do invólucro para chegar à luz. Não é cegueira opor-se tenazmente, quando todos, até mesmo esses negadores obstinados, reconhecem e comprovam a existência dessa força? O que os impede então de chamar de Deus essa força reconhecida? É uma teimosia pueril? Ou uma certa vergonha por terem de admitir que durante todo esse tempo procuraram negar obstinadamente algo, cuja existência desde o início lhes era evidente?

Certamente não é nada de tudo isso. A causa deve residir no facto de que foram apresentadas à humanidade, de tantas partes, caricaturas da grande divindade, com as quais, num sério pesquisar, ela não podia concordar. A força da divindade, que tudo abrange e tudo perpassa, tem de ser diminuída e desvalorizada na tentativa de imprimi-la num quadro!

Numa reflexão profunda, nenhum quadro pode harmonizar-se com isso! Exactamente porque cada ser humano traz em si o conceito de Deus, é que se opõe cheio de pressentimentos contra a restrição da grandiosa e inapreensível força que o gerou e que o conduz.

O *dogma* é culpado pelo facto de que uma grande parte daqueles, em seu conflito, procura transpor cada meta, muitas vezes até mesmo contra a certeza que vive em seu interior.

Mas não está distante a hora, em que virá o despertar espiritual! Em que interpretar-se-á direito as palavras do Redentor, compreender-se-á correctamente sua grande obra de redenção; pois Cristo nos trouxe redenção das trevas, ao apontar-nos o caminho para a Verdade, mostrando, como ser humano, o caminho para as alturas luminosas! E com o sangue na cruz imprimiu o selo de sua convicção!

A Verdade nunca foi diferente do que já foi outrora e do que ainda é hoje e há de ser daqui a dezenas de milénios; pois é eterna!

Por isso, aprendei a conhecer as leis que se encontram no grande livro de toda a Criação. Submeter-se a elas significa: amar a Deus! Pois com isso não provocas nenhuma dissonância na harmonia, mas sim contribuis para que os acordes vibrantes atinjam amplitude total.

Quer digas: Submeto-me voluntariamente às leis existentes da natureza, porque é para o meu bem, ou quer digas: Submeto-me à vontade de Deus, que se revela nas leis da natureza ou à força inconcebível que impulsiona as leis da natureza... há alguma diferença em seu

efeito? A força aí está e tu a reconheces, *tens* de reconhecê-la, sim, já que não te resta outra alternativa, tão logo reflectas um pouco... e com isso reconheces teu Deus, o Criador!

E essa força actua em ti também no pensar! Por conseguinte, não faças mau uso dela para o mal, mas sim, pensa coisas boas! Nunca te esqueças: Quando crias pensamentos, utilizas força divina, com a qual és capaz de alcançar o que há de mais límpido e excelso!

Procura jamais deixar de atentar que todas as consequências do teu pensar recaem sempre sobre ti, segundo a força, o tamanho e amplitude *do efeito* dos pensamentos, tanto no bem como no mal.

E como o pensamento é espiritual, assim as consequências retornam de maneira *espiritual*. Encontrar-te-ão, portanto, seja lá como for, ou aqui na Terra, ou então no espiritual, depois de teu falecimento. Por serem espirituais, também não são ligadas à matéria. Disso resulta *que a decomposição do corpo não revoga o resgate!* A recompensa no efeito retroactivo ocorrerá na certa, mais cedo ou mais tarde, aqui ou acolá. A ligação espiritual permanece firme com todas as tuas obras; pois também as obras materiais terrenas possuem, sim, origem espiritual através do pensamento gerador, e continuam existindo, mesmo que tudo o que é terreno tenha desaparecido. Por isso, há veracidade na expressão: “As tuas obras te aguardam, enquanto o resgate ainda não te atingiu no efeito de retorno”.

Caso, por ocasião de um efeito retroactivo, ainda estejas aqui na Terra, ou para aqui tenhas voltado, assim efectiva-se então a força das consequências do espiritual, *de acordo com a espécie*, para o bem ou para o mal, através das circunstâncias, no teu ambiente ou em ti mesmo directamente, em teu corpo.

Aqui seja mais uma vez indicado especialmente o seguinte: *A verdadeira e legítima vida se processa no espiritual!* E essa não conhece nem tempo nem espaço, logo, também nenhuma separação. Situa-se acima dos conceitos terrenos. Por essa razão, as consequências te encontrarão onde estiveres, no tempo em que, de acordo com a lei eterna, o efeito retorna ao ponto inicial. Nada se perde, tudo volta, com toda a certeza.

Isso soluciona agora também a pergunta, já tantas vezes apresentada, de como acontece que pessoas visivelmente boas às vezes têm de sofrer tanto na vida terrena, e de tal forma, que é visto como injustiça. *Trata-se de resgates que têm de atingi-las!*

Conheces agora a resposta a essa pergunta; pois teu respectivo corpo não desempenha nisso nenhum papel. Teu corpo não é tu próprio, não é o teu “eu” completo, e sim um

instrumento que escolheste para ti ou que tiveste de tomar segundo as vibrantes leis da vida espiritual, às quais podes chamar também de leis cósmicas, caso assim te pareçam mais compreensíveis. A respectiva vida terrena é somente um curto espaço da tua verdadeira existência.

Um pensamento arrasador, se não houvesse nenhuma saída, nenhum poder que se contrapusesse protectoramente a isso. Quantos não deveriam desanimar ao despertarem para o espiritual, e desejariam, de preferência, continuar a dormir na antiga rotina. Eles não sabem, pois, *o que* os aguarda e o que ainda os atingirá de outrora pelo efeito de retorno! Ou, como dizem os seres humanos: “O que eles ainda têm de reparar.”

Contudo, não tenhas receio! Com o despertar te é mostrado, na sábia disposição da grande Criação, também um caminho, por aquela *força da boa vontade*, à qual já me referi especialmente e que atenua os perigos do carma que se desencadeia, ou os afasta totalmente para o lado. Também isso o Espírito do Pai colocou na tua mão. A força da boa vontade forma à tua volta um círculo capaz de destruir o mal que aflui ou atenuá-lo bastante, da mesma forma que a camada de ar também protege o globo terrestre. Contudo, a força da boa vontade, essa protecção eficaz, é desenvolvida e beneficiada pelo poder do silêncio.

Por isso, a vós que procurais, clamo mais uma vez insistentemente:

Conservai puro o foco dos vossos pensamentos, e, a seguir, praticai em primeiro lugar o grande poder do silêncio, se quiserdes ascender.

O Pai já depositou em vós a força para tudo! Precisais apenas utilizá-la!

4. Ascensão

Não vos emaranheis numa rede, vós que aspirais por reconhecimento, mas sim tratai de ver com clareza!

Decorrente de lei eterna, uma obrigação de expiação (*Purificação das faltas, falhas ou delitos e crimes realizados.) inalterável pesa sobre vós, a qual nunca podereis passar para outros. Aquilo com que vos sobrecarregais mediante vossos pensamentos, palavras ou acções, ninguém mais, senão vós próprios, pode resgatar! Ponderai bem, pois de outro modo a justiça divina seria apenas um som oco, caindo tudo o mais com ela em ruínas.

Por isso, libertai-vos! Não desperdiceis nenhuma hora para ultimar essa obrigação de expiação! A sincera vontade para o bem, para o melhor, que por meio da oração profundamente intuída obtém uma maior força, *traz a redenção!*

Sem a vontade sincera e firme para o bem, nunca poderá ocorrer a expiação. Continuamente tudo quanto é inferior irá, então, fornecer sempre a si mesmo novo alimento para continuar a existir e com isso exigir sempre nova expiação sem tréguas, a ponto de parecer que o que vai continuamente se renovando vos pareça como um *único* vício ou sofrimento! Trata-se, contudo, de toda uma corrente sem fim, sempre atando de novo, antes mesmo que as coisas anteriores pudessem se desligar. Então nunca ocorre a redenção, por exigir continuamente expiações. É como se uma corrente vos chumbasse ao solo. Nisso o perigo de que ocorra uma queda ainda mais funda é bem grande. Por conseguinte, animai-vos finalmente para a boa vontade, vós que ainda permanecéis do lado de cá ou que, segundo vossas concepções, já vos encontrais do lado de lá! Com a persistente boa vontade *tem* de sobrevir o remate de todas as expiações, já que aquele que quer o bem e age nesse sentido não concede novo alimento para nova exigência de expiação. Dessa maneira advém então a libertação, a redenção, que unicamente permite a escalada para a Luz. *Atentai à advertência! Não há outro caminho para vós! Para ninguém!*

Com isso, cada um adquirirá também a certeza de que nunca pode ser tarde demais. Talvez para o acto individual, evidentemente, esse vós deveis então expiar, resgatar, mas no momento em que se iniciam com sinceridade vossos esforços para o bem, vós colocais o marco para o remate de vossa expiação, tende certeza de que então esse fim *tem* de chegar, iniciando assim a vossa ascensão! Então podereis alegremente ir resgatando todas as vossas expiações. O que então ainda vem ao vosso encontro acontece em prol de vossa salvação, aproxima-vos da hora da redenção, da libertação.

Compreendeis, então, o valor, quando eu vos aconselho a iniciar com toda a força a boa vontade, o pensar puro? A não desistir, e sim agarrar-vos nisso com toda a ansiedade, toda a energia? Isso vos eleva para o alto! Transforma-vos, bem como a vosso ambiente! Ponderai que cada passagem pela Terra é uma breve escola, que não termina para vós com a desencarnação. Vivereis continuamente ou morrereis continuamente! Usufruireis felicidade contínua ou sofrimento contínuo! Quem supuser que com o sepultamento terreno também para ele está tudo terminado, tudo remido, que se afaste e prossiga seu caminho; pois com isso somente quer iludir-se a si próprio. Então ficará apavorado diante da verdade... *obrigado* a começar seu caminho de sofrimento! Seu verdadeiro eu, desprovido da protecção de seu corpo, cuja densidade envolveu-o como uma muralha, será então atraído por sua espécie semelhante, cercado e segurado.

O ânimo do sincero querer para o melhor, que poderia libertá-lo e elevá-lo ainda mais, ser-lhe-á mais difícil e por muito tempo impossível, porque então estará sujeito exclusivamente à influência do ambiente, que não traz em si nenhum pensamento luminoso dessa espécie que pudesse despertá-lo e apoiá-lo. Terá de sofrer redobradamente com tudo o que criou para si.

Por essa razão, um progresso então é ainda bem mais difícil do que em carne e sangue, onde o bem anda ao lado do mal, o que só se torna possível sob a protecção do corpo terreno, porque... essa vida terrena é uma escola onde ao “eu” de cada um é dada a possibilidade de aperfeiçoamento conforme seu próprio livre-arbítrio. Por isso, animai-vos enfim! O fruto de cada pensamento cairá sobre vós, aqui ou no Além, e tereis de saboreá-lo! Ser humano algum pode fugir desta realidade! O que vos adianta se, como a avestruz, procurais enfiar medrosamente a cabeça na areia, diante desta realidade? Encarai, pois, os factos, corajosamente! Com isso só vos facilitareis tudo; pois aqui podeis progredir mais depressa. Principiai! Mas com a consciência de que todo o passado tem de ser saldado. Não espereis, como muitos tolos, que a felicidade caia imediatamente no colo, entrando pela porta e janela. Pode ser que muitos dentre vós ainda tenham de resgatar uma enorme corrente. Quem por isso desanimar prejudicará a si próprio, pois nada lhe poderá ser descontado nem tirado. Por meio de hesitações torna apenas tudo mais difícil para si e talvez impossível por muito tempo. Isso deveria servir-lhe de estímulo para não mais desperdiçar sequer uma hora; pois somente com o primeiro passo começa ele a viver! Feliz daquele que se anima para isso, elo por elo desligar-se-á dele. Com passos gigantescos pode avançar, jubilando e agradecendo, vencendo também os últimos obstáculos; pois tornar-se-á livre!

As pedras, que sua actuação errada de até agora amontoou à sua frente como um muro, as quais tinham de impedir o avançar, não serão acaso retiradas, pelo contrário, sollicitamente

serão colocadas diante dele, para que as reconheça e as transponha, pois terá de saldar todos os erros. Todavia, perplexo e admirado, breve verá o amor que nisso actua ao seu redor, tão logo mostre apenas boa vontade. O caminho lhe será tão facilitado com delicado zelo, como os primeiros passos duma criança são amparados pela mãe. Se houver coisas de sua vida de até agora que, temendo em silêncio, o amedrontaram e que preferiria deixar dormir continuamente... inesperadamente ele será colocado bem à frente delas! Tem de resolver, agir. Visivelmente é impelido para isso pelo atamento. Se ousar, então, dar o primeiro passo confiante na vitória da boa vontade, abrir-se-á o nó fatídico, ele passará por este e estará livre disso.

Porém, mal essa culpa é resgatada, já lhe surge outra sob qualquer forma, exigindo de modo idêntico ser resgatada também. Assim se desfaz um anel após outro, que tinham de tolhê-lo e oprimi-lo. Sente-se tão leve! E a sensação de leveza que alguns dentre vós certamente já vivenciaram alguma vez não é nenhuma ilusão, e sim efeito de um facto real. O espírito assim liberto da opressão torna-se leve e ascenderá de maneira rápida, de acordo com a lei da gravidade espiritual, para aquela região a que ele agora pertence conforme sua respectiva leveza. Assim terá de ir avançando sempre ao encontro da Luz almejada. A má vontade comprime o espírito para baixo, tornando-o pesado, mas o que é bom impele-o para cima.

O grande Mestre Jesus já mostrou a vós também o caminho singelo para isso, que leva infalivelmente ao alvo; pois profunda verdade reside nestas simples palavras: “*Ama teu próximo como a ti mesmo!*”

Com isso deu a chave para a liberdade, para a ascensão! Por quê? Porque é incontestável: o que fazeis ao próximo, fazeis na realidade somente para vós! A vós somente, porque tudo, de acordo com as leis eternas, recai infalivelmente sobre vós, o bem ou o mal, seja já agora aqui ou no Além. Virá! Por conseguinte, com isso vos é apontado o caminho mais simples, como deveis conceber o passo para a boa vontade. Com vossa *maneira de ser*, com vossa espécie deveis dar ao vosso próximo! Não, por acaso, imprescindivelmente com dinheiro ou bens. Pois assim os pobres ficariam privados da possibilidade de dar. E nesse modo de ser, nesse “dar-se” no convívio com o vosso próximo, na consideração, no respeito que vós lhe ofereceis espontaneamente, está o “amar” de que nos fala Jesus, está também o auxílio que prestais ao vosso próximo, porque nisso ele se torna capaz de modificar-se por si mesmo ou prosseguir em direcção ao alto, porque nisso ele pode fortalecer-se.

As irradiações retroactivas disso, porém, erguem-vos rapidamente em sua reciprocidade. Através delas recebereis sempre novas forças. Com voo elevado conseguireis, então, dirigir-vos ao encontro da Luz...

Pobres tolos os que ainda podem indagar: “Que ganho com isso, se abandono tantos hábitos antigos e me modifico?” Por acaso é um negócio que deva ser fechado? E se eles ganhassem somente como ser humano, como tal no modo de ser mais elevado, então já seria bastante a recompensa. Porém é infinitamente mais! Eu repito: com o começo da boa vontade, coloca cada um também o marco para o fim de sua obrigação de expiação, a qual tem de cumprir, da qual jamais poderá escapar. A esse respeito nenhum outro pode substituí-lo. Com tal resolução ele coloca, por conseguinte, um fim previsível à obrigação de expiação. Trata-se dum valor que todos os tesouros deste mundo não são capazes de sobrepujar. Livra-se com isso das correntes de escravo que ele próprio continuamente forjou para si. Portanto, despertai do sono que enerva. Deixai finalmente chegar o despertar!

Fora com a embriaguez que, paralisante, traz a ilusão de que a redenção por intermédio do Salvador tornou-se um salvo-conduto, para que possais passar a vida toda descuidadamente, entregando-vos ao “egocentrismo”, bastando que vos torneis no último momento crentes, retrocedendo e deixando esta Terra crendo no Salvador e em sua obra! Tolos, esperar da divindade uma tão deplorável e imperfeita obra fragmentária! Isso significaria cultivar o mal! Pensai nisso, libertai-vos!

5. Responsabilidade

Essa questão continua sendo primordial, porque a grande maioria dos seres humanos gostaria de livrar-se de toda responsabilidade, jogando-a sobre qualquer outra coisa, menos sobre si mesmos. Que isso constitua em si uma desvalorização pessoal não tem nenhuma importância para eles. A tal respeito são de facto bem humildes e modestos, mas somente a fim de poderem entregar-se a uma vida ainda mais prazenteira e inescrupulosa.

Seria, pois, tão bonito poderem satisfazer todos os seus desejos e entregar-se a todos os seus apetites, também perante outras pessoas, ficando isentos de castigo. As leis terrenas podem, em casos de necessidade, ser facilmente burladas, evitando conflitos. Os mais habilidosos podem até mesmo, acobertados por essas mesmas leis, realizar empreendimentos astuciosos muito bem sucedidos e fazer muitas outras coisas que não suportariam nenhum exame mais pormenorizado. Ainda muitas vezes conquistam com isso a fama de pessoas excepcionalmente eficientes. Portanto, com alguma habilidade poderia se levar uma vida bem agradável, conforme suas próprias ideias, se... não existisse algures determinada coisa que despertasse um sentimento incómodo, se não surgisse às vezes uma momentânea inquietação no sentido de que, finalmente, muita coisa poderia ser um pouco diferente do que o próprio desejo estabelece para si.

E assim também é! A realidade é séria e inexorável. Os desejos humanos não podem, a tal respeito, provocar alterações de espécie alguma. Férrea se mantém a lei: “O que o ser humano semeia, isso ele colherá multiplicadamente!”

Estas poucas palavras contêm e dizem muito mais do que tantos pensam. Coadunam-se, com precisão e certeza absolutas, com os fenómenos reais do efeito recíproco que reside na Criação. Não poderia ser encontrada expressão mais adequada para o facto. Assim como a colheita resulta na multiplicação de uma sementeira, da mesma forma o ser humano colherá sempre multiplicado aquilo que ele despertou e emitiu com suas próprias intuições, de acordo com a espécie de seu pensamento.

A criatura humana traz, por conseguinte, espiritualmente, a responsabilidade por tudo quanto faz. Essa responsabilidade já inicia com a resolução, não apenas por ocasião do acto realizado, que nada mais é senão uma consequência da resolução. E a resolução é o despertar de um querer sincero!

Não existe separação nenhuma entre o Aquém e o chamado Além, mas sim tudo é um único e imenso existir. Toda essa Criação gigantesca, em parte visível e em parte invisível aos seres humanos, actua como uma engrenagem admiravelmente bem feita, jamais falhando, que se articula com justeza, sem se desengrenar. Leis *uniformes* seguram o todo, as quais, como um sistema nervoso, tudo perpassam e sustentam, e actuam mutuamente em constante efeito recíproco!

Quando nisso então as igrejas e as escolas falam do céu e do inferno, de Deus e do diabo, tudo isso está certo. Errada, porém, é a explicação referente às forças boas e más. Isso induzirá qualquer indagador sério imediatamente a erros e dúvidas; pois onde existem *duas* forças, logicamente deve haver dois soberanos, neste caso, portanto, dois deuses, um bom e um mau.

E este não é o caso!

Existe apenas *um* Criador, um Deus, e, portanto, também apenas *uma* força que perflui, vivifica e fomenta tudo o que existe!

Essa força de Deus, pura e criadora, flui constantemente através de toda a Criação, reside nela e é inseparável dela. Encontramo-la por toda parte: no ar, em cada gota d'água, nas rochas que se formam, nas plantas que crescem, nos animais e naturalmente nas criaturas humanas também. Nada existe onde ela não esteja.

E assim como ela tudo perpassa, da mesma forma também perflui ininterruptamente o ser humano. Este, porém, é constituído de tal maneira, que se assemelha a uma lente. E assim como uma lente reúne os raios solares que a atravessam, conduzindo-os adiante em forma concentrada, de maneira que os raios caloríficos, unindo-se em um ponto, ardem e inflamando acendem fogo, da mesma forma o ser humano, devido a sua constituição especial, reúne por meio de sua intuição a força da Criação que o perpassa e a conduz adiante, de forma concentrada, através de seus pensamentos.

Conforme a espécie desse intuir e dos pensamentos que se ligam a ele, o ser humano *dirige* a força criadora de Deus, de actuação autónoma, para bons ou maus efeitos!

E essa é a responsabilidade com que o ser humano tem de arcar!

Vós, que muitas vezes procurais de modo tão convulsivo encontrar o verdadeiro caminho, por que tornais isso tão difícil para vós? Imaginai com toda a simplicidade como a força pura

do Criador flui através de vós, a qual dirigis com os vossos pensamentos em direcção boa ou má. Dessa maneira, sem esforço nem quebra-cabeça, tereis tudo! Considerai que depende da simplicidade de vosso intuir e pensar, se agora essa força prodigiosa irá acarretar o bem ou o mal. Que poder benéfico ou destruidor vos é concedido com isso!

Nisso, não precisais fazer esforço que vos provoque suor na testa, nem precisais agarrar-vos às chamadas práticas ocultistas, a fim de, mediante contorções corporais e espirituais, possíveis e impossíveis, alcançar algum degrau totalmente insignificante para vossa verdadeira ascensão espiritual!

Abandonai tal brincadeira que rouba o tempo e que já tantas vezes se transformou em tormentos mortificantes, que nada mais significa do que as auto-fustigações e flagelações de outrora nos conventos. É apenas uma outra forma delas, a qual tampouco poderá vos trazer proveito.

Os chamados mestres e discípulos do ocultismo são modernos fariseus! Na mais fiel acepção do termo. Constituem legítimas reproduções dos fariseus do tempo de Jesus de Nazaré.

Lembra-vos com alegria pura que podeis, sem nenhum esforço, através de vosso simples e bem-intencionado intuir e pensar, dirigir essa força única e gigantesca da Criação. Exactamente de acordo com a maneira de vosso intuir e de vossos pensamentos são então os efeitos dessa força. *Actua por si*, bastando apenas que a guieis. E isso se processa com toda a simplicidade e singeleza! Para tal não se faz necessária erudição, nem mesmo saber ler ou escrever. *A cada qual* de vós é dado em igual medida! Nisso não há diferença.

Assim como uma criança pode, brincando, ligar uma corrente eléctrica, mexendo num interruptor, disso decorrendo efeitos incríveis, da mesma forma vos é presenteado o dom de guiar a força divina, através de vossos simples pensamentos. Vós podeis vos alegrar, podeis vos orgulhar, tão logo a utilizeis para o bem! Tremei, porém, se a desperdiçardes ou se a empregardes em coisas impuras! Pois não podeis fugir à lei da reciprocidade que está inserida na Criação. Mesmo que tivésseis as asas da aurora, alcançar-vos-ia a mão do Senhor, de cuja força com isso abusastes, onde quer que vos escondêsseis, e isso através desse efeito recíproco que actua naturalmente.

O mal é produzido pela mesma pura força divina, assim como o bem!

E essa maneira de utilização, deixada a critério de cada um, desta força de Deus uniforme, contém em si a responsabilidade da qual ninguém pode escapar. Por isso clamo a cada um que procura: “Conserva puro o foco dos teus pensamentos, com isso estabelece a paz e és feliz!”

Regozijai-vos, ignorantes e fracos; pois vos é dado o mesmo poder que aos fortes! Não vos dificulteis, portanto, em demasia! Não vos esqueçais de que a pura e autónoma força de Deus flui também através de vós e que igualmente vós, como seres humanos, estais capacitados a dar a essa força uma determinada direcção pela espécie de vossas intuições interiores, isto é, de vossa vontade, quer para o bem como para o mal, construindo ou devastando, trazendo alegria ou sofrimento!

Em virtude de existir apenas essa única força de Deus, esclarece-se também o mistério por que em cada séria luta final as trevas têm de retroceder diante da Luz, e o mal diante do bem. Se dirigirdes a força de Deus no sentido do bem, ela permanece, sem turvação, em sua pureza original e desenvolve desse modo uma força muito maior, ao passo que com a turvação para o impuro se processa ao mesmo tempo um enfraquecimento. Assim, numa luta final, a *pureza* da força terá sempre efeitos concretos e decisivos.

O que vem a ser bem e mal, cada um sente até nas pontas dos dedos, sem explicações. Cismar a tal respeito só traria confusões. Entregar-se a cismas é desperdício de energias, é como um pântano, um brejo viscoso, que, immobilizando, envolve e asfixia tudo o que está ao seu alcance. Alegria radiante, porém, rompe as barreiras do cismar. Não tendes necessidade de ser tristes e oprimidos! A todo momento podeis iniciar a escalada para as alturas e reparar o passado, seja ele qual for! Não façais nada mais do que pensar no facto de que a pura força de Deus vos perflui continuamente, então vós próprios temereis dirigir essa pureza para canais imundos de maus pensamentos, porque sem qualquer esforço podeis alcançar da mesma maneira o mais elevado e o mais nobre. Precisais apenas *dirigir*, a força então actuará por si mesma, na direcção por vós desejada.

Tendes assim nas próprias mãos a felicidade ou a infelicidade. Erguei, portanto, orgulhosamente a cabeça e livre e destemidamente a testa. O mal não pode se aproximar, se não o chamardes! Conforme vós *optardes*, assim suceder-vos-á!

6. Destino

As pessoas falam sobre destino merecido e imerecido, recompensa e castigo, desforra e carma. ^{*(Destino)}

Tudo isso são apenas designações parciais duma lei que reside na Criação: *a lei da reciprocidade!*

Uma lei que reside na Criação inteira desde os seus primórdios, lei essa que foi entrelaçada inseparavelmente no vasto processo do evoluir eterno, como parte indispensável do próprio criar e do desenvolvimento. Como um gigantesco sistema de finíssimos fios de nervos, essa lei mantém e anima o gigantesco Universo, impulsionando permanente movimento, um eterno dar e receber!

De modo simples e singelo e, no entanto tão acertado já disse o grande portador da Verdade Cristo Jesus: *“O que o ser humano semeia, isso ele colherá!”*

Estas poucas palavras reproduzem, de modo tão brilhante, a imagem da actuação e da vida em toda a Criação, como dificilmente poderia ser dito de outra maneira. O sentido de tais palavras está entretecido ferreamente na existência. De modo inabalável, intocável e incorruptível em seu efeito contínuo.

Podereis vê-lo, se *quiserdes* ver! Começai com isso na observação do ambiente que vos é agora visível. Aquilo a que chamais de leis da natureza são, pois, as leis divinas, são a vontade do Criador. Reconhecereis rapidamente quão constantes são tais leis em suas incessantes actuações; pois se semeardes trigo, não colhereis centeio, e se semeardes centeio, não poderá surgir arroz! Isso é tão evidente a todo ser humano, que ele já nem medita sobre o fenómeno em si. Razão por que nem se torna consciente da severa e grande lei que aí reside. E, todavia, aí se encontra diante da solução de um enigma, que não precisava ser um enigma para ele.

Essa mesma lei, pois, que aqui podeis observar, actua com a mesma certeza e a mesma potencialidade também nas coisas mais delicadas que só estais aptos a averiguar mediante o emprego de lentes de aumento e, ainda continuando, na parte de matéria fina de toda a Criação, que é a sua parte mais extensa. Em cada fenómeno ela jaz inalteravelmente, até mesmo no desenvolvimento, o mais subtil, de vossos pensamentos, os quais, aliás, são constituídos também de certa materialidade, porque senão não poderiam produzir nenhum efeito.

Como pudestes supor que justamente lá devesse ser diferente, onde vós querieis que fosse? Vossas dúvidas outra coisa não são, na realidade, senão desejos íntimos não expressos!

Em todo o existir que se vos apresenta de forma visível ou invisível não é diferente, tudo se baseia em que cada espécie dá origem à sua mesma espécie, seja qual for a matéria. A mesma regra perdura para o crescimento, o desenvolvimento e a frutificação, bem como para a reprodução da mesma espécie. Esse acontecimento perpassa tudo *uniformemente*, não faz qualquer diferença, não deixa nenhuma lacuna, não se detém diante de uma outra parte da Criação, mas conduz os efeitos como um fio inquebrantável, sem parar ou romper. Mesmo que a maior parte da humanidade, por estreiteza e arrogância, tenha se isolado do Universo, as leis divinas ou da natureza não deixaram, por isso, de considerá-la como parte integrante, continuando a trabalhar serenamente de forma inalterada e uniforme.

A lei da reciprocidade condiciona, também, que tudo quanto a criatura humana semeia, isto é, ali onde ela der oportunidade a uma acção ou a um efeito, também *terá* de colher!

O ser humano dispõe sempre apenas da livre decisão, da livre resolução no início de cada coisa, com referência à direcção que deve ser dada, como deve ser guiada essa força universal que o perflui. *Terá* então de arcar com as consequências decorrentes da força activada na direcção por ele desejada. Apesar disso muita gente se apega à afirmação de que o ser humano não tem nenhum livre-arbítrio se está sujeito a um destino!

Essa tolice só deve ter como finalidade um auto-atordoamento ou uma submissão rancorosa por algo inevitável, uma resignação desgostosa, principalmente, porém, uma auto-desculpa; porque cada um desses efeitos, que recai sobre ele, teve um início e *nesse início* estava a causa, em uma *livre decisão* anterior do ser humano, para o posterior efeito. Essa livre decisão precedeu *cada* acção de retorno, portanto, cada destino! Com um primeiro querer o ser humano produziu e criou algo, no qual ele mesmo, mais tarde, em prazo curto ou longo, terá de viver. É, no entanto, muito variável quando isso ocorrerá. Pode ser ainda na mesma existência terrena em que teve início esse primeiro querer, assim como também pode ser depois de despir o corpo de matéria grosseira, já, portanto, no mundo de matéria fina, ou então ainda mais tarde, novamente numa existência terrena na matéria grosseira. As mudanças não alteram nada, não livram a pessoa disso. Permanentemente carrega ela consigo os fios de ligação, até que deles um dia venha a ser libertada, isto é, “desligada” deles, mediante o derradeiro efeito decorrente da lei da reciprocidade.

O gerador está ligado à sua própria obra, mesmo que a tenha destinado a outrem!

Portanto, se hoje uma pessoa toma a deliberação de prejudicar uma outra pessoa, seja por pensamentos, palavras ou actos, com isso “inseriu no mundo” algo, não importando se é visível ou não, se, portanto, de matéria grosseira ou fina, tem força e com isso vida em si, que continua actuando e se desenvolvendo na direcção desejada.

Como o efeito se realiza na pessoa a quem foi destinado, depende inteiramente da respectiva constituição anímica da pessoa em questão, podendo o dano causado a ela ser grande ou pequeno, ou mesmo talvez diverso do que foi desejado, ou até mesmo não acarretar-lhe dano nenhum; pois unicamente o estado anímico da respectiva pessoa, por sua vez, é determinante para ela mesma. Logo, em tais coisas, ninguém se encontra sem protecção.

De modo diferente ocorre com aquele que, pela sua decisão e pela sua vontade, deu origem a esse movimento, isto é, aquele que foi o gerador. O produto gerado permanece incondicionalmente ligado a ele, e retorna a ele, depois de uma curta ou longa peregrinação no Universo, reforçado, carregado como uma abelha, devido à atracção da igual espécie. Desencadeia-se com isso a lei da reciprocidade, quando cada produto gerado atrai no seu movimento através do Universo várias espécies iguais ou por estas é atraído, e devido à fusão dessas espécies surge uma fonte de energia, a qual, como a partir de uma central, retransmite força aumentada da mesma espécie a todos aqueles que, devido a seus produtos gerados, são ligados como que por cordões ao ponto de concentração.

Através desse fortalecimento advém, então, uma compressão cada vez mais forte, até que finalmente disso se origina um sedimento de matéria grosseira, no qual o gerador de outrora terá agora de exaurir-se, na espécie por ele desejada aquela vez, para que finalmente seja libertado daquilo. *Essa* é a formação e o desenvolvimento do destino tão temido e desconhecido! É justo até a mais ínfima e mais subtil gradação, porque pela atracção *somente de espécies iguais* nunca poderá a irradiação, em seu retorno, trazer algo diferente daquilo que foi realmente desejado originalmente. É indiferente se para uma determinada pessoa ou de um modo geral; pois o mesmo processo ocorre também naturalmente quando a pessoa dirige seu querer não necessariamente em direcção a uma ou várias pessoas, mas quando vive em qualquer espécie de querer.

A espécie do querer pelo qual ela se decide é determinante para os frutos que por fim terá de colher. Dessa maneira inúmeros fios de matéria fina estão presos ao ser humano ou ele se acha pendurado neles, os quais fazem refluir a ele tudo quanto uma vez desejou seriamente. Esses fluxos acabam constituindo uma mistura que contínua e fortemente influi na formação do carácter.

Assim, inúmeras são as coisas que no colossal maquinismo do Universo concorrem para ter influência na “vida” do ser humano, porém, nada existe a que o próprio ser humano não tenha inicialmente dado origem.

Ele fornece os fios com os quais, no infatigável tear da existência, é tecido o manto que terá de usar.

De modo claro e nítido Cristo exprimiu a mesma coisa, ao dizer: “O que o ser humano semeia, isso ele *colherá*.” Não disse “pode”, mas sim “*colherá*”. É o mesmo que dizer que ele *tem* de colher o que semeia.

Quantas vezes se ouvem pessoas, em geral bem sensatas, dizer: “Que Deus permita semelhante coisa é incompreensível para mim!”

Incompreensível, porém, é que haja pessoas que possam dizer tal coisa. De que forma mesquinha imaginam Deus, segundo essa afirmação. Com isso dão prova de que O concebem como um “Deus que age *arbitrariamente*”.

No entanto, Deus absolutamente não intervém de forma directa em todas essas pequenas e grandes preocupações humanas, guerras, misérias e o que ainda mais existe de terrenal! Já desde o início Ele entrelaçou na Criação as Suas leis perfeitas que executam naturalmente suas funções incorruptíveis, de modo a tudo se cumprir com a máxima exactidão, desencadeando-se de modo eternamente uniforme, com o que fica excluída a possibilidade tanto de preferências como de prejuízos, sendo impossível qualquer injustiça. Deus não precisa, portanto, preocupar-se de modo especial a esse respeito, Sua obra não apresenta lacunas.

Um defeito principal de tantas pessoas é, porém, que julgam somente segundo pontos de vista de matéria grosseira e consideram-se nisto como ponto central, bem como contam com *uma* existência terrena, quando na realidade já têm atrás de si *várias* vidas terrenas. Tais vidas, bem como também os intervalos no mundo de matéria fina, constituem um existir *uno*, através do qual os fios são firmemente esticados, sem se romperem, de maneira que nos efeitos de cada existência terrena apenas uma pequena parte desses fios se torna visível. Constitui, por conseguinte, um grande erro acreditar que com o nascimento principia uma vida inteiramente nova, que, portanto, uma criança é “inocente” *(Ver dissertação Nº 15: O mistério do nascimento) e que todos os acontecimentos deverão ficar adstritos apenas ao curto lapso de uma existência terrena. Se isso fosse realidade, então, havendo justiça, as causas, os efeitos e os efeitos retroactivos deveriam naturalmente se efectivar integralmente no lapso de uma existência terrena.

Afastai-vos desse erro. Então descobrireis rapidamente em todos os acontecimentos a lógica e a justiça, das quais agora tantas vezes sentistes falta!

Muitos se assustam com isso e temem aquilo que segundo essas leis ainda têm de esperar de outrora, nos efeitos retroactivos.

No entanto, são preocupações desnecessárias para aqueles que levam a sério a boa vontade; *pois nessas leis naturais reside também, ao mesmo tempo, a segura garantia para a graça e para o perdão!*

Sem levar em conta que com a firme aplicação da boa vontade fica imediatamente colocado um limite para o ponto em que a corrente dos efeitos retroactivos ruins tem de atingir um fim, onde entra em vigor ainda um outro fenómeno de inestimável valor. Através da permanente boa vontade em todo o pensar e actuar, flui igualmente de modo retroactivo, proveniente da fonte de força de igual espécie, um reforço contínuo, de modo que o bem se torna mais e mais firme na própria pessoa, transborda dela, formando, em primeiro lugar, correspondentemente, o ambiente de matéria fina, que a circunda como um invólucro protector, semelhante à camada de atmosfera que rodeia a Terra, dando-lhe protecção.

Quando então maus efeitos retroactivos de antigamente retornam à tal pessoa para resgate, escorregam então na pureza de seu ambiente ou invólucro e são assim desviados dela.

Se eles, porém, apesar disso, penetrarem nesse invólucro, então as más irradiações ou serão imediatamente desfeitas ou pelo menos ficarão bastante enfraquecidas, de modo que o efeito nocivo nem sequer poderá realizar-se ou apenas em escala bem reduzida.

Além disso, pela transformação ocorrida, também a criatura humana interior, propriamente dita, visada pelas irradiações de retorno, tornou-se muito mais delicada e leve, devido aos constantes esforços em direcção à boa vontade, de modo que ela não se encontra mais de maneira análoga à densidade maior de más e baixas correntezas. Semelhante ao telégrafo sem fio, quando o receptor não se acha sintonizado na frequência do aparelho transmissor.

A consequência natural disso é que as correntes mais densas, por serem de espécie diferente, não podem agarrar-se e atravessam inócuas, sem efeito.

Portanto, sem demora ao trabalho! O Criador vos colocou nas mãos tudo na Criação. Aproveitai o tempo! Cada momento encerra para vós a ruína ou o proveito!

7. A criação do ser humano

“Deus criou o ser humano segundo a Sua imagem e insuflou-lhe o Seu alento!” Trata-se de dois acontecimentos: o criar e o vivificar!

Ambos os acontecimentos, como tudo o mais, estavam severamente sujeitos às leis divinas vigentes. Nada pode ultrapassar o âmbito das mesmas. Nenhum acto da vontade divina se oporá a essas inamovíveis leis que portam em si mesmas a vontade divina. Até mesmo cada revelação e promessa realiza-se com base nessas leis, devendo cumprir-se nelas, e não diferentemente!

Assim também a encarnação do ser humano na Terra, que constituiu um progresso da Criação grandiosa, a passagem da matéria grosseira para um período de desenvolvimento inteiramente novo e mais elevado.

Falar da encarnação do ser humano condiciona o conhecimento do mundo de matéria fina; pois o ser humano em carne e sangue é posto como elo favorecedor entre a parte da Criação de matéria fina e a de matéria grosseira, enquanto suas raízes permanecem no puro espiritual.

“Deus criou o ser humano segundo a Sua imagem!” Esse criar ou conformar era uma extensa corrente do desenvolvimento que se processava rigorosamente dentro das leis entretécidas na Criação pelo próprio Deus. Instituídas pelo Altíssimo, essas leis actuam ferreamente com ritmo contínuo no cumprimento de Sua vontade, naturalmente, como uma parte Dele, ao encontro da perfeição.

Assim também se deu com a criação do ser humano, como coroa de toda a obra, na qual deveriam reunir-se todas as espécies existentes na Criação. Por isso, no mundo de matéria grosseira, na matéria terrenamente visível, foi formado pouco a pouco, pelo desenvolvimento contínuo, o receptáculo no qual pôde ser depositada uma centelha proveniente do puro espiritual, que é imortal. Pelo contínuo e progressivo processo de formar, surgiu com o tempo o animal desenvolvido ao máximo que, raciocinando, já se servia de diversos meios auxiliares para a subsistência e para a defesa. Podemos também hoje observar espécies inferiores de animais que se utilizam de alguns meios auxiliares para obtenção e conservação de suas necessidades de vida e que demonstram, muitas vezes, na defesa, surpreendente astúcia.

Os animais desenvolvidos ao máximo, antes mencionados, que com as modificações operadas na Terra acabaram desaparecendo, designamos hoje como “seres humanos primitivos”. Chamá-los, porém, de *antepassados do ser humano* é um grande erro! Com o mesmo direito poderia se designar as vacas como “mães parciais” da humanidade, visto que um grande número de crianças, nos primeiros meses de vida, necessita directamente do leite de vaca para o desenvolvimento de seus corpos, permanecendo, portanto, com o auxílio delas em condições de viver e crescer. Muito mais, esse nobre e pensante animal “ser humano primitivo” também não tem a ver com o verdadeiro ser humano; pois o corpo de matéria grosseira do ser humano nada mais é do que o meio auxiliar indispensável de que ele necessita para poder agir em todos os sentidos, na matéria grosseira terrenal, e fazer-se compreender.

Com a afirmação de que o ser humano descende do macaco, literalmente “joga-se fora a criança com a água do banho”! Com isso ultrapassa-se muito o objectivo. Um processo parcial é elevado como facto único e total. Aí falta o essencial!

Seria acertado, se o corpo do ser humano fosse realmente “o ser humano”. Mas o corpo de matéria grosseira é apenas sua vestimenta, que ele despe tão logo retorne à matéria fina.

Como se deu então a primeira encarnação do ser humano?

Depois de atingido o ponto culminante no mundo de matéria grosseira com o animal mais perfeito, tinha de processar-se uma alteração em prol do desenvolvimento contínuo, se nenhuma estagnação devesse ocorrer, a qual, com seus perigos, poderia tornar-se um retrocesso. E essa alteração fora prevista e ocorreu: Saído como centelha espiritual, peregrinando através do mundo de matéria fina, renovando e elevando tudo, encontrava-se em seu limite, no momento em que o receptáculo de matéria grosseira terrenal atingira o ponto culminante de seu desenvolvimento, o ser humano de matéria fina e espiritual, igualmente preparado a se ligar com a matéria grosseira para beneficiá-la e elevá-la.

Assim, enquanto o receptáculo, amadurecido na matéria grosseira, havia sido criado, a alma tinha se desenvolvido de tal forma na matéria fina, que possuía a força necessária para conservar sua autonomia, ao ingressar no receptáculo grosso-material.

A ligação dessas duas partes significou, então, uma união mais íntima do mundo de matéria grosseira com o mundo de matéria fina, até em cima no espiritual.

Somente este processo constituiu o nascimento do ser humano!

A própria geração é ainda hoje no ser humano um acto puramente animal. Sentimentos mais elevados ou mais baixos aí nada têm a ver com o acto em si, mas acarretam circunstâncias espirituais, cujos efeitos, na *atração* da espécie absolutamente igual, tornam-se de grande importância.

De espécie puramente animal é também o desenvolvimento do corpo até a metade da gestação. Puramente animal não é propriamente a expressão certa, no entanto, quero designá-lo de puramente grosso-material.

Somente no meio da gestação, em um determinado grau de maturidade do corpo em formação, é encarnado o espírito previsto para o nascimento e que até ali se mantivera frequentemente nas proximidades da futura mãe. A entrada do espírito provoca as primeiras contracções do pequeno corpo de matéria grosseira que se desenvolve, isto é, os primeiros movimentos da criança. Nesse ponto surge também a sensação particularmente bem-aventurada da gestante que, desse instante em diante, experimenta intuições inteiramente diferentes: a consciência da proximidade do segundo espírito nela, a percepção do mesmo. E conforme a espécie desse novo, desse segundo espírito nela, serão também as suas próprias intuições.

Assim é o processo em cada encarnação do ser humano. Agora, porém, voltemos à primeira encarnação do ser humano.

Chegara, pois, o grande período no desenvolvimento da Criação: de um lado, no mundo de matéria grosseira, estava o animal desenvolvido ao máximo, que devia fornecer o corpo de matéria grosseira como receptáculo para o futuro ser humano, de outro lado, no mundo de matéria fina, estava a alma humana desenvolvida, que aguardava a ligação com o receptáculo de matéria grosseira, a fim de assim dar a tudo quanto é matéria grosseira um impulso mais amplo para a espiritualização.

Quando se realizou um acto gerador entre o mais nobre par desses animais altamente desenvolvidos, não surgiu no momento da encarnação, como até então, uma alma animal, *(Dissertação N° 49: A diferença na origem entre o ser humano e o animal) encarnando-se, contudo, em seu lugar, a alma humana já preparada para isso e que trazia em si a imortal centelha espiritual. As almas humanas de matéria fina com aptidões desenvolvidas de modo predominantemente positivo encarnaram-se de acordo com a igual espécie em corpos animais masculinos, aquelas com aptidões predominantemente negativas, mais delicadas, em corpos femininos mais próximos à sua espécie. *(Dissertação N° 78: Sexo)

Esse processo não oferece o menor ponto de apoio para a afirmação que o ser humano, cuja verdadeira origem está no espiritual, descende do animal “ser humano primitivo”, que apenas pôde fornecer o receptáculo grosso-material de transição. Também hoje aos mais obstinados materialistas não viria à mente considerar-se directamente aparentado com um animal e, entretanto, hoje como outrora, há um estreito parentesco corporal, portanto, existe uma igual espécie grosso-material, ao passo que o ser humano realmente “vivo”, isto é, o “eu” propriamente espiritual do ser humano, não possui nenhuma igual espécie ou derivação do animal.

Após o nascimento do primeiro ser humano terreno, encontrava-se este então sozinho na realidade, sem pais, visto que, apesar do elevado desenvolvimento dos mesmos, não podia reconhecer os animais como seus pais e nem ser capaz de ter com eles uma vida em comum.

Por suas qualidades espirituais mais valiosas, a mulher devia e podia ser na realidade mais perfeita do que o homem, se tivesse apenas se esforçado em clarificar mais e mais harmoniosamente as intuições que lhe foram concedidas, com o que lhe teria advindo um poder, que teria de actuar de forma revolucionária e altamente beneficiadora em toda a Criação de matéria grosseira. Infelizmente, porém, foi logo ela quem falhou em primeira linha, já que se tornou joguete das poderosas forças intuitivas a ela conferidas, as quais, além do mais, turvou e conspurcou através de sentimento e fantasia.

Que sentido profundo se encontra na narrativa bíblica sobre o provar da árvore do conhecimento! E de como a mulher, estimulada pela serpente, ofereceu a maçã ao homem. Figuradamente nem podia ser expresso melhor o acontecimento na materialidade.

O oferecimento da maçã pela mulher representa a consciência adquirida por ela de seus atractivos perante o homem e a *utilização intencional* dos mesmos. O facto de aceitar e comer, por parte do homem, no entanto, foi a sua concordância a esse respeito, juntamente com o despertar do impulso de atrair a atenção da mulher somente sobre si mesmo, com o que ele começou a se fazer desejado pela acumulação de tesouros e pela apropriação de diversos valores.

Com isso começou o cultivo excessivo do intelecto com seus fenómenos colaterais de cobiça, mentira, opressão, ao qual os seres humanos acabaram se sujeitando inteiramente, tornando-se assim voluntariamente escravos de sua ferramenta. No entanto, com o intelecto como soberano, eles se acorrentaram, em consequência inevitável, conforme sua constituição específica, também firmemente a espaço e tempo, e perderam com isso a capacidade de compreender ou vivenciar algo, que está acima de espaço e tempo, como tudo quanto é

espiritual e de matéria fina. Isto constituiu a *separação* total do Paraíso propriamente dito e do mundo de matéria fina, provocada por eles mesmos; pois então era inevitável que não mais pudessem “compreender” tudo quanto fosse de matéria fino-espiritual, que não conhece nem espaço nem tempo, com sua capacidade de compreensão de horizonte estreitamente limitado, devido à ligação firme do intelecto a espaço e tempo. Assim, para os seres humanos de intelecto, as vivências e as visões das criaturas humanas de intuição, bem como as incompreendidas tradições tornaram-se “lendas”. Os materialistas, cujo número cresce cada vez mais, isto é, as pessoas capacitadas a reconhecer somente a matéria grosseira, ligada a espaço e tempo, acabaram rindo escarnecedoramente dos idealistas, aos quais, devido à sua vida interior muito maior e mais ampla, ainda não se achava totalmente fechado o caminho para o mundo de matéria fina, e rotularam-nos de sonhadores, quando não de tolos ou até de impostores.

Hoje, contudo, estamos finalmente perto da hora em que surgirá o próximo grande período na Criação, que será de progresso incondicional e trará o que já o primeiro período com a encarnação do ser humano devia trazer: o nascimento do ser humano pleno e espiritualizado!

Do ser humano que actua favorecendo e enobrecendo em toda a Criação de matéria grosseira, como é a verdadeira finalidade dos seres humanos na Terra. Então não haverá mais lugar para o materialista acorrentado a espaço e tempo, que retém tudo em baixo. Será um estranho em todos os países, um apátrida. Secará e desaparecerá como o joio que se separa do trigo. Atentai para que não vos encontreis demasiado leves nessa separação!

8. O ser humano na Criação

O ser humano não deve, na realidade, viver segundo os conceitos de até agora, mas ser mais *criatura humana intuitiva*. Com isso constituiria um elo indispensável ao desenvolvimento contínuo de toda a Criação.

Como reúne em si a matéria fina do Além e a matéria grosseira do Aquém, é possível a ele inteirar-se de ambas e vivenciá-las ao mesmo tempo. Além disso, ainda se encontra à sua disposição uma ferramenta que o coloca no ápice de toda a Criação de matéria grosseira: o intelecto. Com essa ferramenta ele consegue dirigir, isto é, conduzir.

O intelecto é o que há de mais elevado terrenalmente e deve ser o *leme* durante a vida na Terra, ao passo que a *força propulsora* é a intuição, que se origina no mundo espiritual. O solo do intelecto é, portanto, o corpo, o solo da intuição, porém, é o espírito.

O intelecto está preso a espaço e tempo, como tudo quanto é terrenal, por conseguinte, somente um produto do cérebro, que pertence ao corpo de matéria grosseira. O intelecto jamais poderá actuar sem espaço e tempo, apesar de ser em si de matéria mais fina do que o corpo, mas ainda demasiadamente espesso e pesado para se elevar acima de espaço e tempo. Está, portanto, inteiramente preso à Terra.

A intuição, porém, (não o sentimento) é sem espaço e tempo, provém, portanto, do espiritual.

Assim equipado, podia o ser humano estar intimamente ligado com a parte mais etérea da matéria fina e até ter contacto com o próprio puro espiritual, mesmo vivendo e actuando no meio de tudo quanto é terrenal, de matéria grosseira. Somente o ser humano é dotado dessa maneira.

Somente ele devia e podia fornecer a ligação sadia e vigorosa, como a única ponte entre as alturas fino-materiais e luminosas e o que é terreno, de matéria grosseira! *Somente através dele, devido à sua característica específica, podia a vida pura pulsar da fonte da Luz, descendo até a matéria grosseira mais profunda e dela novamente para cima, na mais harmoniosa e magnífica reciprocidade!* Encontra-se entre ambos os mundos, unindo-os, de modo que através dele estes se fundem num só mundo.

Todavia, ele não cumpriu essa missão. *Separou* esses dois mundos, ao invés de conservá-los firmemente unidos. *E isso foi então o pecado original!* —

O ser humano, devido à característica específica agora mesmo esclarecida, foi colocado realmente como uma espécie de senhor do mundo de matéria grosseira, porque o mundo de matéria grosseira depende de sua mediação, a tal ponto que esse mesmo mundo, de acordo com a espécie do ser humano, foi forçado a sofrer conjuntamente, ou pôde ser elevado através dele, conforme as correntes da fonte da Luz e da vida tenham ou não podido fluir *puras* através da humanidade.

Mas o ser humano *obstruiu* o fluxo dessa corrente alternada, necessário para o mundo de matéria fina e o mundo de matéria grosseira. Assim como uma circulação sanguínea boa mantém o corpo vigoroso e saudável, o mesmo acontece com a corrente alternada na Criação. Uma obstrução tem de acarretar confusão e doença, que por fim terminam em catástrofes.

Esse falhar funesto do ser humano pôde dar-se por ele ter utilizado o intelecto, que se origina somente da matéria grosseira, não apenas como instrumento, mas por sujeitar-se totalmente a ele, colocando-o como soberano de todas as coisas. Tornou-se com isso escravo da sua ferramenta, tornando-se apenas ser humano de intelecto, que costuma orgulhosamente denominar-se materialista!

Ao sujeitar-se totalmente ao intelecto, o ser humano acorrentou-se a tudo quanto é de matéria grosseira. Como o intelecto nada pode compreender daquilo que se encontra além de espaço e tempo, é lógico que também não o poderá quem se sujeitou a ele totalmente. Seu horizonte, isto é, sua capacidade de compreensão, restringiu-se juntamente com a capacidade limitada do intelecto. A ligação com o mundo de matéria fina ficou assim desfeita, levantou-se um muro que se tornou mais e mais espesso. Como a fonte da vida, a Luz primordial, Deus, paira muito acima de espaço e tempo e até mesmo muito acima da matéria fina, é natural que, devido ao atamento do intelecto, fosse cortado qualquer contacto. Por esse motivo é inteiramente impossível ao materialista reconhecer Deus.

O provar da árvore do conhecimento outra coisa não foi senão o cultivar do intelecto. A separação da matéria fina, que a isso se liga, foi também o fechamento do Paraíso, como consequência natural. Os seres humanos excluíram-se por si mesmos, ao inclinarem-se totalmente para a matéria grosseira através do intelecto, portanto, rebaixando-se, e forjaram voluntariamente ou por escolha própria sua servidão.

E onde foi dar isso? Os pensamentos do intelecto, exclusivamente materialistas, isto é, baixos e presos à Terra, com todos os seus fenómenos colaterais de cobiça, ganância, mentira, roubo e opressão etc., *tinham* de ocasionar o efeito recíproco inexorável da igual espécie, que mostrou-se primeiro no espiritual, e, então, passou deste também para o grosso-material, formou tudo correspondentemente, impeliu os seres humanos e por fim se desencadeará sobre tudo com... destruição!

Compreendeis agora que os acontecimentos dos últimos anos *tinham* que acontecer? Que assim ainda deverá continuar até a destruição? Um julgamento mundial, que, de acordo com as leis cármicas ^(*Conforme o destino) existentes, não pode ser evitado. Como numa tempestade que se concentra e tem de produzir por fim descarga e destruição. Mas ao mesmo tempo também purificação!

O ser humano não serviu, como era necessário, de elo entre as partes de matéria fina e de matéria grosseira da Criação, não deixou que a indispensável corrente alternada sempre refrescante, vivificante e estimuladora as atravessasse, pelo contrário, separou a Criação em dois mundos, já que se negou a servir de elo e algemou-se inteiramente à matéria grosseira, com isso, ambas as partes do Universo tiveram de adoecer pouco a pouco. A parte que foi obrigada a se ver totalmente privada da corrente de Luz, ou que a recebia demasiadamente fraca, através das poucas pessoas que ainda mantinham ligação, foi naturalmente a que adoeceu mais gravemente. Trata-se da parte de matéria grosseira que, devido a isso, encaminha-se para uma terrível crise e em breve será sacudida por tremendos acessos febris, até que tudo quanto haja aí de doente seja consumido e possa finalmente sarar sob novo e forte influxo proveniente da fonte primordial.

Mas quem, com isso, será consumido?

A resposta se encontra nos próprios acontecimentos naturais: cada pensamento *intuído* adquire logo, por intermédio da viva força criadora nele contida, uma forma de matéria fina correspondente ao conteúdo do pensamento e permanece sempre ligado como por um cordão ao seu gerador, sendo, porém, atraído e puxado para fora pela força de atracção da igual espécie em tudo quanto é de matéria fina, e impulsionado através do Universo juntamente com as correntes que pulsam constantemente, que, como tudo na Criação, movimentam-se de forma oval. Assim chega o tempo em que os pensamentos, que se tornaram vivos e reais na matéria fina, juntamente com os de sua igual espécie atraídos no percurso, *retornam* para a sua origem e *ponto de partida*, visto que, apesar de sua migração, permanecem ligados a este, para então aí se desencadearem, redimindo-se.

A destruição atingirá, portanto, *em primeiro lugar*, por ocasião da derradeira concentração dos efeitos agora esperados, aqueles que com seus pensamentos e intuições foram os geradores e nutridores constantes, portanto, os materialistas. É inevitável que a devastadora força de retorno abranja círculos ainda maiores, alcançando de leve também espécies apenas aproximadamente iguais dessas pessoas.

Depois, porém, os seres humanos cumprirão aquilo que é seu dever na Criação. Virão a ser o elo, pela sua capacidade de haurir do espiritual, isto é, deixar-se-ão guiar pela intuição purificada, transmitindo-a para a matéria grosseira, para o que é terreno, servindo-se então do intelecto e das experiências adquiridas apenas como ferramentas, de modo a, contando com todas as coisas terrenas, aplicar tais intuições puras na vida grosso-material, com o que toda a Criação de matéria grosseira será constantemente beneficiada, purificada e elevada. Através disso, nos efeitos recíprocos, pode também algo mais saudável refluir da matéria grosseira para a matéria fina, surgindo então um mundo novo, uniforme e harmónico. Os seres humanos, porém, tornar-se-ão, no cumprimento acertado de sua actuação, os tão desejados seres completos e nobres; pois também eles, pela sintonização adequada na grande obra da Criação, receberão forças bem diferentes do que até agora, que os deixarão intuir permanentemente contentamento e felicidade.

9. Pecado hereditário

O pecado hereditário surgiu do primeiro pecado original.

O pecado, isto é, a actuação errada, consistiu no cultivo exagerado do intellecto, com o consequente acorrentamento voluntário a espaço e tempo, e nos efeitos colaterais aí surgidos do exacto trabalho do intellecto, tais como a cobiça, o logro, a opressão etc., que têm no seu séquito muitos outros, no fundo, aliás, todos os males.

Esse facto teve, naturalmente, naqueles que se desenvolviam como seres humanos de puro intellecto, pouco a pouco, influências cada vez mais fortes na formação do corpo de matéria grosseira. Como o cérebro anterior, gerador do intellecto, foi se tornando unilateralmente cada vez maior por causa do esforço contínuo, era natural que nas procriações tais formas em processo de alteração se manifestassem na reprodução do corpo terreno e as crianças já nascessem trazendo consigo um cérebro anterior cada vez mais forte e desenvolvido.

Nisso, porém, encontrava-se, e encontra-se ainda hoje, a disposição ou a predisposição para uma força do intellecto que predomina sobre tudo o mais, o que encerra em si o perigo de, em seu total despertar, acorrentar o portador do cérebro não somente a espaço e tempo, isto é, a tudo quanto é de matéria grosseira terrena, de modo que o torna incapaz de compreender o que é de matéria fina e o que é puro espiritual, mas que também o emaranha ainda em todos os males que são inevitáveis devido à supremacia do intellecto.

O facto de trazer consigo esse cérebro anterior voluntariamente hipercultivado, no qual se encontra o perigo do puro predomínio do intellecto com todos os males colaterais inevitáveis, *é o pecado hereditário!*

Portanto, a transmissão hereditária física da parte actualmente designada como grande cérebro, devido ao seu intensificado desenvolvimento artificial, pelo que o ser humano traz consigo ao nascer um perigo que mui facilmente pode emaranhá-lo no mal.

Isso, porém, não lhe tira nenhuma responsabilidade. Essa lhe permanece; pois herda apenas o perigo, não o pecado propriamente. Não é necessário, em absoluto, que deixe predominar incondicionalmente o intellecto, submetendo-se a ele por isso. Pode, ao contrário, utilizar-se da grande força do intellecto como uma espada afiada para abrir caminho na agitação terrena, o qual a sua intuição lhe indica, a qual também é denominada voz interior.

Se, porém, em uma criança o intelecto é elevado a um domínio irrestrito através de educação e ensinamentos, então é retirada da criança uma parte da culpa, ou melhor, do consequente efeito retroactivo devido à lei da reciprocidade, visto que essa parte atinge o educador ou mestre causador disso. A partir desse momento ele fica preso à criança, até que esta fique liberta dos erros e de suas consequências, mesmo que isso demore séculos ou milénios.

Tudo, porém, quanto uma criança assim educada fizer, depois de ter-lhe sido dada oportunidade séria para uma introspecção e conversão, atingirá somente a ela mesma nos efeitos retroactivos. Semelhantes oportunidades se oferecem pela palavra oral ou escrita, por grandes abalos na vida ou por acontecimentos semelhantes, que obrigam a um momento de profundo intuir. Nunca deixam de vir. —

Seria inútil continuar a falar mais a esse respeito, pois sob todos os aspectos tratar-se-ia apenas de seguidas repetições, as quais teriam de se encontrar nesse ponto. Quem reflectir sobre isso, a esse logo será tirado um véu dos olhos, terá solucionado nisso muitas perguntas em si mesmo.

10. Filho de Deus e Filho do Homem

Um grande erro corre já desde milénios: a suposição de que Jesus de Nazaré foi ao mesmo tempo o Filho de Deus e o tantas vezes mencionado Filho do Homem é errada! Em Jesus de Nazaré foi encarnada ^(*Inserida na existência terrena) uma parte da divindade, a fim de estender a ponte sobre o abismo entre a divindade e a humanidade, que a própria humanidade abriu através do cultivo do intelecto adstrito a espaço e tempo. Dessa forma, Jesus foi *Filho de Deus*, como uma parte Dele, que cumpriu sua missão entre a humanidade, o que só pôde realizar em carne e sangue. Mesmo com a encarnação, continuou sendo Filho de Deus.

Mas se era Filho de Deus, então não podia ser Filho do Homem; pois trata-se de dois. E ele foi e ainda é Filho de Deus! Quem é, portanto, o Filho do Homem? ^{*(Dissertação Nº 60: O Filho do Homem)}

Os discípulos já haviam percebido que Jesus falava na terceira pessoa quando se referia ao Filho do Homem, e interrogaram-no a esse respeito. As tradições foram escritas na própria pressuposição de que Jesus, o Filho de Deus, e o Filho do Homem devessem ser uma só pessoa. Em cima disso todos orientaram de antemão seus relatos, e assim, involuntariamente ou inconscientemente, propagaram erros.

Quando Jesus falava do Filho do Homem, então o fazia com a visão prospectiva da vinda do mesmo. Ele próprio o anunciou, uma vez que a vinda do Filho do Homem encontra-se em íntima ligação com a actuação do Filho de Deus. Dizia: “Quando, porém, vier o Filho do Homem...” etc.

Trata-se de um movimento circular, como em toda parte na Criação. A divindade desceu até a humanidade, na pessoa de Jesus, a fim de trazer a Verdade e semeá-la. A sementeira germinou, os frutos amadureceram para a colheita, e agora a humanidade, no movimento circular, por intermédio da Verdade trazida pelo Filho de Deus, deve elevar-se, madura, em direcção à divindade na pessoa do Filho do Homem e, através deste, novamente religar-se intimamente com Deus.

Isso não deve ser tomado apenas de modo puramente simbólico, ^(*Metáfora) como muitos supõem, mas sim a Palavra cumprir-se-á literalmente através de uma pessoa, como também ocorreu com Jesus. Entre as duas pessoas, Jesus, o Filho de Deus, e o Filho do Homem encontra-se *o enorme carma da humanidade*. ^(*O destino da humanidade)

Jesus dirigiu-se para a festa de Páscoa, em Jerusalém, onde muitos povos da Terra estavam representados. As pessoas enviaram mensageiros para o Getsêmani, a fim de buscar Jesus. Foi a época em que os seres humanos, tomados de ódio e de brutalidade terrena, mandaram seus mensageiros procurar o Enviado de Deus. Atentai, pois, ao momento em que ele saiu do jardim, estando eles postados à sua frente com armas e archotes, com pensamentos de destruição.

Quando o Filho de Deus pronunciou as palavras: “Eu o sou!”, entregando-se com isso à humanidade, teve início o enorme carma com que a humanidade se sobrecarregou. Desse momento em diante ele pesou sobre a humanidade, forçando-a, de acordo com as leis inexoráveis do Universo, cada vez mais para a Terra, até o resgate final se aproximar. Encontramo-nos perto disso!

Fechar-se-á como um circuito oval. O resgate virá através *do Filho do Homem!*

Quando os seres humanos, devido aos graves acontecimentos, ficarem desanimados, desesperados e exaustos, pequenos, bem pequenos, então terá chegado a hora em que ansiarão pelo prometido Enviado de Deus e o procurarão! E quando souberem onde ele se encontra, enviarão, como outrora, mensageiros. Contudo, estes não trarão dentro de si, então, pensamentos de destruição e de ódio, mas sim, através deles, a humanidade virá dessa vez exausta, humilde, suplicante e cheia de confiança na direcção daquele, que foi escolhido pelo Supremo Dirigente de todos os mundos para libertá-los do banimento, daquele que lhes traz ajuda e libertação das aflições, tanto espirituais como terrenais.

Também esses mensageiros perguntarão. E assim como outrora o Filho de Deus, no Getsêmani, pronunciou as palavras: “Eu o sou!”, com o que o carma da humanidade teve início, de igual maneira o Enviado de Deus responderá desta vez com as mesmas palavras: “Eu o sou!”, e com isso dissolver-se-á, então, o pesado carma da humanidade. As mesmas palavras, que fizeram rolar a grande culpa sobre a humanidade cheia de ódio daquela época, retirá-la-ão novamente com a mesma pergunta da humanidade, que chega agora receosa e, contudo, confiante e suplicante.

O movimento circular desse carma é imenso e, no entanto, conduzido de modo tão firme e exacto, que as profecias se cumprirão nele. E desde o momento em que essas palavras forem pronunciadas para a humanidade, pela segunda vez por um Enviado de Deus, toma a direcção ascendente. Só então se inicia, de acordo com a vontade do Supremo, o Reino da Paz, não antes!

Vedes, de um lado, os mensageiros da humanidade, tomados de ódio, aproximarem-se do Filho de Deus, amarrando-o e maltratando-o, aparentemente triunfando sobre ele. A isso segue-se, então, a constante decadência, provocada por eles mesmos, dentro da inevitável reciprocidade. Com isso, porém, ao mesmo tempo, também o fortalecimento e amadurecimento de uma sementeira lançada por Jesus. Agora aproxima-se, anunciado pelo próprio Jesus, o Filho do Homem, como Enviado de Deus, que, a serviço do Filho de Deus, continua e complementa sua obra, trazendo a colheita e separando, dessa forma, segundo a justiça divina, o joio do trigo.

Jesus, o Filho de Deus, desceu para os seres humanos por amor, a fim de restabelecer a ligação que a humanidade rompeu. O Filho do Homem é o Homem que está em Deus e que conclui a ligação no movimento circular, de modo que a pura harmonia novamente possa fluir através da Criação inteira.

11. Deus

Por que motivos evitam os seres humanos tão receosamente esta palavra, que, no entanto, devia ser-lhes mais familiar do que tudo o mais? O que é que os impede de reflectir profundamente, de penetrar nela intuitivamente, para compreendê-la verdadeiramente?

Será veneração? Não. Será, aliás, este estranho “não ousar” algo grande, louvável ou profundo? Jamais; pois ponderai: vós orais a Deus, e na oração nem sois capazes de ter uma noção correcta Daquele para quem vós orais, pelo contrário, estais confusos, porque a tal respeito, quer nas escolas, quer nas igrejas, nunca vos ministraram informação clara, que satisfizesse vosso impulso interior pela Verdade. No fundo, a verdadeira trindade ainda continuou sendo um mistério para vós, diante do qual procurastes vos conformar da melhor maneira possível.

Pode, sob tais circunstâncias, a oração ser tão fervorosa, tão confiante como deve ser? Impossível. Se vós, no entanto, conheceis vosso Deus, tornando-se Ele com isso mais familiar a vós, não estará, então, a oração acompanhada de intuições mais profundas, não será muito mais directa, mais fervorosa?

No entanto, precisais e deveis chegar mais perto de vosso Deus! Não deveis apenas ficar parados à distância. Quão insensato é, pois, dizer que poderia ser um erro ocupar-se tão pormenorizadamente com Deus. A preguiça e o comodismo até afirmam que isso é injúria! Eu, contudo, vos digo: *Deus quer isso*. A condição para a aproximação encontra-se na Criação inteira. Por conseguinte, quem se esquiva a essa aproximação não tem humildade, pelo contrário, ilimitada arrogância! Pois exige com isso que Deus se aproxime dele, para que possa compreendê-Lo, ao invés de tentar ele aproximar-se de Deus para reconhecê-Lo. Para onde quer que se volte, vê-se e ouve-se hipocrisia e comodidade, e tudo sob o manto de falsa humildade!

Vós, porém, que não quereis mais dormir, que procurais com fervor e aspirais pela Verdade, aceitai a revelação e procurai compreender o certo:

O que é teu Deus? Tu sabes, Ele falou: “Eu sou o Senhor, teu Deus, tu não deverás ter outros deuses ao meu lado!”

Existe apenas *um* Deus, apenas *uma* força. No entanto, que é então a Trindade? A Trindade? Deus-Pai, Deus-Filho e Deus, o Espírito Santo?

Quando a própria humanidade fechou para si o Paraíso, pela razão de não se deixar guiar mais pela intuição, que é puro espiritual e, portanto, também próxima a Deus, mas arbitrariamente cultivou o intelecto terreno e se submeteu, tornando-se com isso escrava do seu próprio instrumento, que lhe fora dado para utilização, ela se distanciou mui naturalmente mais e mais de Deus. Com isso consumou-se a separação, visto que a humanidade se inclinara predominantemente apenas para o terrenal, que está incondicionalmente atado a espaço e tempo, o que Deus em Sua espécie não conhece, com o qual Ele também jamais poderá ser compreendido. A cada geração foi se alargando mais o abismo, os seres humanos cada vez mais se algemavam somente à Terra. Tornaram-se seres humanos de intelecto atados à Terra, que se chamam materialistas, denominando-se assim até com orgulho, porque nem pressentem suas algemas, visto que, na condição de estarem firmemente atados a espaço e tempo, naturalmente estreitou-se simultaneamente seu horizonte. Como devia ser encontrado, a partir daí, o caminho de volta para Deus? Nunca!

Era impossível, se o auxílio não viesse de Deus. A partir Dele devia, por isso, ser novamente lançada uma ponte, se devesse vir auxílio. E Ele se apiedou. O próprio Deus em Sua pureza não mais podia se revelar aos baixos seres humanos de intelecto, porque estes, devido ao trabalho de seu intelecto, não estavam mais capacitados a sentir, ver ou ouvir Seus mensageiros, e os poucos, que ainda o conseguiam, eram ridicularizados, porque o horizonte estreitado dos materialistas, atado apenas a espaço e tempo, recusava como impossível cada pensamento referente a uma ampliação existente acima disso, por ser-lhe incompreensível. Por isso também não bastavam mais os profetas, cuja força já não conseguia se fazer valer, porque, por fim, até os pensamentos básicos de todas as tendências religiosas haviam se tornado puramente materialistas. Portanto, tinha de vir um mediador entre a divindade e a humanidade transviada, que dispusesse de mais força do que todos os outros até então, para poder fazer-se valer. Deveria se dizer: por causa dos poucos que, sob o mais crasso materialismo, ainda ansiavam por Deus? Estaria certo, mas seria designado pelos adversários preferencialmente como presunção dos fiéis, ao invés de reconhecerem nisso o enorme amor de Deus e também a severa justiça, que com a recompensa e o castigo oferece ao mesmo tempo a redenção.

O mediador, porém, que possuía a força para penetrar nessa confusão, devia ser, ele próprio, divino, pois o que é baixo já havia se alastrado de tal forma, que também os profetas como enviados nada mais conseguiram. Por esse motivo Deus, em Seu amor, por um acto de vontade, separou uma *parte* de Si mesmo, encarnando-a ^(*Introduzindo-a na matéria grosseira) em carne e sangue, num corpo humano de sexo masculino: Jesus de Nazaré, como sendo doravante o Verbo feito carne, o Amor de Deus encarnado, o Filho de Deus!

A parte assim separada, e apesar disso espiritualmente ainda intimamente ligada, tornou-se com isso *peçoal*. Também depois de ter despido o corpo terreno, na mais estreita reunificação com Deus-Pai, continuou sendo pessoal devido à sua encarnação.

Deus-Pai e Deus-Filho são, portanto, dois e na realidade apenas um! E o “Espírito Santo”? Em relação a ele, o próprio Cristo disse que pecados contra Deus-Pai e Deus-Filho poderiam ser perdoados, nunca, porém, os pecados contra o “Espírito Santo”!

É então o “Espírito Santo” mais elevado ou algo mais do que Deus-Pai e Deus-Filho? Esta pergunta já oprimiu e preocupou tantos corações, tendo desnordeado tantas crianças.

O “Espírito Santo” é o Espírito do Pai, que, apartado Dele, actua separadamente em toda a Criação e que, como também o Filho, apesar disso, ainda permaneceu estreitamente ligado com Ele, um só com Ele. As leis férreas da Criação, que atravessam todo o Universo como fios de nervos, ocasionando a absoluta reciprocidade, o destino do ser humano ou seu carma, são... do “Espírito Santo!” *(Dissertação Nº 52: Desenvolvimento da Criação) ou mais explicitamente: de seu actuar.

Por isso, disse o Salvador que ninguém poderia pecar contra o Espírito Santo impunemente, porque, segundo a inexorável e inalterável reciprocidade, a retribuição retorna ao autor, ao ponto de partida, seja coisa boa ou má. E como o Filho de Deus é do Pai, do mesmo modo o é o Espírito Santo. Ambos, por conseguinte, partes Dele mesmo, pertencendo-Lhe inteiramente, de modo inseparável, pois do contrário faltar-Lhe-ia uma parte. Assim como os braços de um corpo, que realizam movimentos independentes e, todavia, fazem parte dele, se o corpo deve ser completo; e que também só podem realizar movimentos independentes em ligação com o todo, sendo, portanto, imprescindivelmente unos com ele.

Assim é Deus-Pai em Sua onipotência (*poder absoluto e supremo) e sabedoria, tendo à direita, como uma parte Sua, Deus-Filho, o Amor, e à esquerda, Deus, o Espírito Santo, a Justiça. Ambos saídos de Deus-Pai e pertencendo a Ele num conjunto uno. Esta é a trindade do Deus *uno*.

Antes da Criação, Deus era um! Durante a Criação separou Ele uma parte de Sua vontade, para que actuasse autonomamente na Criação, tornando-se assim dual. Quando se tornou necessário dar um mediador à humanidade transviada, porque a pureza de Deus não permitia, sem encarnação, uma ligação directa com a humanidade que se acorrentara por si, Ele separou, movido por amor, uma parte de Si mesmo para a encarnação temporária, a fim de novamente poder tornar-se compreensível à humanidade, e com o nascimento de Cristo tornou-se *triplo*!

O que são Deus-Pai e Deus-Filho já estava claro para muitos, mas do “Espírito Santo” permaneceu uma noção confusa. Ele é a justiça actuante, cujas leis eternas, inamovíveis e incorruptas perpulsam o Universo e que até agora só foram denominadas vagamente de: Destino!... Carma! A vontade divina!

12. A voz interior

A assim chamada “voz interior”, o espiritual na criatura humana, à qual ela pode dar ouvidos, é a intuição!

Não é em vão que a voz do povo diz: “A primeira impressão é sempre a certa”. Como em todas essas frases e ditados semelhantes reside profunda verdade, assim também aqui. Por impressão compreende-se, em geral, a intuição. O que uma pessoa, por exemplo, intui no primeiro encontro com uma até então desconhecida ou é uma espécie de advertência para que se acautele, podendo ir até a repulsa total, ou algo agradável até a simpatia plena, e em alguns casos também indiferença. Se então essa impressão, no decorrer da conversação e nas relações posteriores, for alterada ou totalmente apagada pelo critério do intelecto, de modo que surja a ideia de que a intuição original tenha sido errada, no fim de tais relações quase sempre resulta na exactidão da primeira intuição. Muitas vezes para amarga dor daqueles que, através do intelecto, deixaram enganar-se pelo carácter simulado de outros.

A intuição, que não é ligada a espaço e tempo, e que está em ligação com o que é de espécie igual, com o espiritual, o eterno, logo reconheceu no outro a verdadeira natureza, não se deixou enganar pela habilidade do intelecto.

Um erro é totalmente impossível na intuição.

Cada vez que acontece de seres humanos serem enganados, existem dois motivos que causam os erros: ou o intelecto ou o sentimento!

Quantas vezes se ouve também dizer: “Nesta ou naquela coisa deixei-me levar por meu sentimento e me prejudiquei. Só se deve confiar no intelecto!” Tais pessoas cometem o equívoco de tomar o sentimento pela voz interior. Pregam louvor ao intelecto sem pressentir que justamente este representa papel importante junto ao sentimento.

Por isso, sede vigilantes! Sentimento não é intuição! Sentimento emana do corpo de matéria grosseira. Este gera impulsos que, dirigidos pelo intelecto, fazem surgir o sentimento. Uma grande diferença com a intuição. O trabalho conjunto do sentimento com o intelecto, porém, faz nascer a fantasia.

Assim, pois, temos do lado espiritual apenas a intuição, que se acha acima de espaço e tempo. *(Dissertação N° 86: Intuição) Do lado terreno temos, em primeiro lugar, o corpo de matéria

grosseira ligado a espaço e tempo. Desse corpo emanam então impulsos que, pela cooperação do intelecto, resultam em *sentimentos*.

O intelecto, um produto do cérebro ligado a espaço e tempo, pode, por sua vez, como o que há de mais fino e de mais elevado na matéria, gerar, em colaboração com o sentimento, a *fantasia*. Portanto, a fantasia é o resultado do trabalho conjunto do sentimento com o intelecto. Ela é de matéria fina, mas *sem* força espiritual. Por isso a fantasia só consegue ter efeito *retroactivo*. Consegue apenas influir sobre o sentimento de seu próprio gerador, jamais enviar por si só uma fonte de força para outros. A fantasia actua, portanto, apenas *retroactivamente* sobre o sentimento daquele que a gerou, só podendo inflamar o *próprio* entusiasmo, jamais actuar sobre o ambiente. Com isso é claramente reconhecível o cunho do degrau inferior. Diferentemente com a intuição. Esta contém em si energia espiritual criadora e vivificante, e actua com isso irradiando sobre outros, arrebatando-os e convencendo-os.

Temos, portanto, de um lado a intuição, e do outro lado corpo – impulso – intelecto – sentimento – fantasia.

A intuição é puro espiritual, está acima de espaço e tempo. O sentimento é constituído de matéria grosseira fina, dependente dos impulsos e do intelecto, portanto, de nível inferior.

Apesar de o sentimento ser constituído dessa matéria grosseira fina, *já* poderá ocorrer, porém, uma *mistura* com a intuição espiritual, portanto, também nenhuma turvação da intuição. A intuição permanecerá sempre clara e pura, porque é espiritual. É também sempre intuída ou “escutada” de modo claro pelos seres humanos, se... é realmente a intuição que fala! Os seres humanos, porém, na maior parte, fecharam-se a essa intuição, ao colocar o sentimento em primeiro plano, qual denso invólucro, uma parede, tomando erroneamente o sentimento como voz interior, razão pela qual vivenciam muitas decepções, confiando então tanto mais apenas no intelecto, não pressentindo que justamente pela cooperação do intelecto é que puderam ser enganados. Por causa desse equívoco condenam precipitadamente tudo quanto é espiritual, com o qual as suas experiências nada tinham que ver, absolutamente, apegando-se cada vez mais às coisas de pouca valia.

O mal básico é, como em muitos outros casos, também aqui, sempre de novo, a sujeição voluntária dessas criaturas humanas ao intelecto atado a espaço e tempo!

O ser humano, que se submete totalmente ao seu intelecto, submete-se também inteiramente *às restrições* do intelecto, que está atado firmemente a espaço e tempo, como

produto do cérebro de matéria grosseira. Dessa forma o ser humano acorrenta-se completamente à matéria grosseira.

Tudo quanto o ser humano faz provém dele mesmo e voluntariamente. Logo, não está sendo acorrentado, mas ele mesmo se acorrenta! Deixa-se dominar pelo intelecto (pois se ele mesmo não quisesse, jamais poderia acontecer), que o prende, segundo a sua própria espécie, também a espaço e tempo e não mais o deixa reconhecer, compreender o que está fora de espaço e tempo. Por isso estende-se nisso sobre a intuição independente de espaço e tempo, devido à capacidade restrita de compreensão, um invólucro firmemente adstrito a espaço e tempo, uma barreira, e o ser humano dessa forma não consegue ouvir mais nada, isto é, a sua “voz interior pura” se perdeu, ou ele apenas está capacitado ainda a “escutar” o sentimento ligado ao intelecto, em lugar da intuição.

Gera um conceito erróneo dizer: o sentimento subjuga a intuição pura; pois nada é mais forte do que a intuição, ela é a força mais elevada do ser humano, jamais pode ser subjugada ou simplesmente prejudicada por outra coisa. Será mais certo dizer: o ser humano torna-se incapaz de reconhecer a intuição.

O falhar depende sempre apenas da própria pessoa e nunca da intensidade mais forte ou mais fraca de determinados dons; pois justamente o dom fundamental, a força propriamente dita, o mais poderoso de tudo no ser humano, que encerra em si toda a vida e é imortal, é dado em quinhões *iguais* a cada um! Quanto a isso, ninguém apresenta vantagem sobre os demais. Todas as diferenças residem apenas na *aplicação*!

Também este dom fundamental, a centelha imortal, jamais poderá ser turvado ou conspurcado! Conserva-se puro até mesmo no maior lodo. Apenas deveis romper o invólucro com que vós próprios vos cobristes por meio da restrição voluntária da capacidade de compreensão. Então, sem demora arderá tão límpido e claro conforme era no princípio, desenvolver-se-á de modo vivo e forte, e ligar-se-á à Luz, ao espiritual! Alegrai-vos com esse tesouro que jaz em vós assim inviolável! Não importa se sois considerados valiosos ou não pelo vosso próximo! Mediante a boa vontade sincera pode ser eliminada qualquer sujeira que se juntou, qual uma barragem, em torno dessa centelha espiritual. Se tiverdes executado esse trabalho e desenterrado o tesouro, sereis tão valiosos como aquele que jamais o enterrou!

Ai, porém, daquele que por comodismo se abster constantemente de querer o bem! Na hora do julgamento ser-lhe-á tomado esse tesouro, e com isso ele deixará de existir.

Acordai, por isso, ó vós que vos mantendes isolados e que, com a limitação da capacidade de compreensão, colocais o manto do intelecto sobre a intuição! Sede atentos e escutai os brados que vos alcançam! Seja uma dor violenta, um forte abalo anímico, um imenso sofrimento ou uma alegria sublime e pura, que seja capaz de romper a camada obscurecedora dos baixos sentimentos, não deixeis que nada disso passe inutilmente por vós. São auxílios que vos mostram o caminho! Contudo, será melhor que não espereis por isso, e sim que iniciéis já com vontade sincera para todo o bem e para a escalada espiritual. Assim, logo irá se tornando mais fina e leve a camada separadora, até acabar se desvanecendo, e a centelha sempre pura e imaculada irromperá em chama ardente. Todavia, esse primeiro passo pode e deve ser dado *somente pela própria pessoa*, de outra maneira ela não pode ser auxiliada.

E quanto a isso tendes de distinguir rigorosamente entre desejar e querer. Com o desejar, nada ainda está feito, não basta para qualquer progresso. Tem de ser o querer, que também condiciona a acção, já a traz em si. A acção já se inicia com o querer sincero.

Mesmo que aí muitos também tenham de seguir por inúmeros atalhos, por terem se amarrado até então somente ao intelecto, não devem hesitar. Também eles lucram! Sua meta é clarificar o intelecto, ao vivenciar cada um dos atalhos, descartando e livrando-se gradualmente de tudo quanto seja obstáculo.

Por isso, adiante, sem vacilação. Com o querer sincero cada caminho conduz finalmente ao alvo!

13. A religião do amor

A religião do amor é compreendida erroneamente, devido às múltiplas desfigurações e deturpações do conceito *amor*; pois a maior parte do verdadeiro amor é severidade! O que *actualmente* é chamado de amor é tudo, menos amor. Se forem examinados inexoravelmente a fundo todos os assim chamados amores, nada restará a não ser egoísmo, vaidade, fraqueza, comodismo, presunção ou desejo.

O verdadeiro amor não verificará o que agrada ao outro, o que lhe proporciona prazer e alegria, e sim cuidará apenas do que lhe *seja útil!* Não importando se isso lhe causa ou não alegria. Este é o verdadeiro amar e servir.

Portanto, se está escrito: “Amai vossos inimigos!”, então isso quer dizer: “Fazei o que lhes for útil! Castigai-os, portanto, também, se por outra maneira não puderem chegar ao reconhecimento!” Isso é servi-los. Só que nisso deve imperar a justiça; pois o amor não se deixa separar da justiça, são uma só coisa! Condescendência imprópria equivaleria a cultivar ainda mais os erros dos inimigos e desse modo continuar a deixá-los deslizar pelo caminho em declive. Seria isso amor? Pelo contrário, sobrecarregar-se-ia assim com uma culpa!

Apenas devido a desejos manifestados das criaturas humanas, a religião do amor foi transformada em uma religião de frouxidão, como também a pessoa do portador da Verdade, Cristo Jesus, foi rebaixada a uma moleza e indulgência que jamais possuía. Exactamente por causa do amor universal, foi ele áspero e severo entre as criaturas humanas de intelecto. Sua tristeza, que o acometia muitas vezes, era apenas natural, em vista de sua elevada missão e do material humano que tinha de enfrentar. Com moleza ela não tinha absolutamente nada a ver.

Após a eliminação de todas as deturpações e estreitezas dogmáticas, ^(*No que se refere à doutrina) a religião do amor será uma doutrina da mais rigorosa consequência, na qual não se encontra qualquer fraqueza nem condescendência ilógica.

14. O Redentor

O Salvador na cruz! Aos milhares estão colocadas essas cruzes como símbolo de que Cristo sofreu e morreu por causa da humanidade. De todos os lados elas clamam aos fiéis: “Pensai nisso!” Em paragens solitárias, nas ruas movimentadas das metrópoles, nos quartos silenciosos, nas igrejas, em cemitérios e nas festas de casamento, por toda parte serve ela de consolo, de fortalecimento e de advertência. Pensai nisso! Por causa de vossos pecados aconteceu que o Filho de Deus, que vos trouxe a salvação à Terra, sofreu e morreu na cruz.

Com estremecimento íntimo, em profunda reverência e cheio de gratidão, o fiel encaminha-se para ela. Com sensação de alegria deixa então o lugar, consciente de que com aquela morte por sacrifício também ele ficou livre de seus pecados.

Tu, porém, pesquisador sincero, vai e coloca-te ante o símbolo da sagrada severidade e esforça-te por compreender o teu Redentor! Atira longe o macio manto do comodismo que tão agradavelmente te aquece e produz uma sensação de bem-estar e segurança, que te deixa dormir até a derradeira hora terrena, quando então serás arrancado de repente de tua sonolência, desprende-te da estreiteza terrena e defronta-te repentinamente com a verdade límpida. Então terá terminado logo o teu sonho, ao qual havias te agarrado, com o qual te afundaste na inércia.

Por isso, acorda, teu tempo terreno é precioso! É literalmente certo e indiscutível que o Salvador veio por causa dos nossos pecados. E, também, que ele morreu por causa da culpa da humanidade.

Todavia, através disso não te serão tirados os teus pecados! A obra de redenção do Salvador foi travar a luta com as trevas, para trazer Luz à humanidade, *abrindo-lhe o caminho para o perdão de todos os pecados*. Percorrer esse caminho, cada qual tem de fazê-lo sozinho, segundo as leis inamovíveis do Criador. Também Cristo não veio para derrubar as leis, mas para cumpri-las. Não interpretes mal aquele, que deve ser o teu melhor amigo! Não atribuas significado errôneo às palavras legítimas!

Quando se diz acertadamente: por causa dos pecados da humanidade aconteceu tudo isso, então se quer dizer que a vinda de Jesus só se tornou indispensável porque a humanidade não mais conseguia, por si, achar saída das trevas criadas por ela mesma e libertar-se de suas tenazes. Cristo teve de abrir esse caminho novamente e mostrá-lo à humanidade. Se esta não tivesse se emaranhado tão profundamente em seus pecados, isto é, se a humanidade não

tivesse andado no caminho *errado*, a vinda de Jesus não teria sido necessária, e ter-lhe-ia sido poupado o caminho de luta e de sofrimento. Por isso é inteiramente certo que ele teve de vir somente por causa dos pecados da humanidade, para que esta, no caminho errado, não tivesse de deslizar completamente para o abismo, para as trevas.

Todavia, isto não quer dizer que, com isso, a qualquer pessoa também devam ser perdoadas, *num instante*, suas culpas pessoais, assim que acredite realmente nas palavras de Jesus e viva segundo elas. Porém, se viver segundo as palavras de Jesus, então seus pecados lhe *serão* perdoados. Contudo, apenas aos poucos, numa época quando o remate através do trabalho contrário da boa vontade se efectivar na reciprocidade, conforme as palavras de Jesus. Não de outro modo. Diferentemente, porém, será com aqueles que não vivem segundo as palavras de Jesus, sendo-lhes absolutamente impossível o perdão.

Isto não quer dizer, contudo, que somente os adeptos da igreja cristã podem obter o perdão dos pecados.

Jesus anunciou a *Verdade*. Por conseguinte, suas palavras devem encerrar também todas as verdades de outras religiões. Ele não quis fundar uma igreja, mas mostrar à humanidade o verdadeiro caminho, o qual pode seguir igualmente através das verdades de outras religiões. Por isso é que se encontram em suas palavras também tantas consonâncias com as religiões já existentes naquele tempo. Jesus não as tirou daquelas religiões, mas, como ele trouxe a Verdade, devia encontrar-se nela também tudo aquilo que em outras religiões já existia da Verdade.

Também quem não conhece as palavras de Jesus e almeja de modo sincero a Verdade e o enobrecimento já vive muitas vezes inteiramente no sentido dessas palavras e por isso marcha com segurança também para uma crença pura e o perdão de seus pecados. Acautela-te, por conseguinte, de concepções unilaterais. É desvalorização da obra do Redentor, rebaixamento do espírito divino.

Quem se esforça seriamente pela Verdade, pela pureza, a esse também não falta o amor. Será conduzido espiritualmente para cima, de degrau em degrau, mesmo que às vezes através de duras lutas e dúvidas e, *seja qual for a religião a que pertença*, já aqui ou também somente no mundo de matéria fina, encontrará o espírito de Cristo, o qual então o levará *por fim* até o Pai, com o que também se cumpre a sentença: “Ninguém chegará ao Pai, a não ser através de mim”.

Esse “por fim”, contudo, não se inicia nas últimas horas terrenas, mas sim num determinado grau no desenvolvimento do ser humano espiritual, para o qual o trespasse do mundo de matéria grosseira para o de matéria fina significa apenas uma mudança.

Agora, quanto ao acontecimento propriamente dito da grande obra de redenção: a humanidade andava perdida na escuridão espiritual. Ela própria a criou, ao submeter-se cada vez mais e mais somente ao intelecto que havia cultivado arduamente. Com isso eles restringiram cada vez mais os limites da capacidade de compreensão, até que ficaram incondicionalmente atados a espaço e tempo, tal como o cérebro, sem possibilidades de abranger mais o caminho para o infinito e o eterno. Assim eles ficaram inteiramente atados à Terra, restritos a espaço e tempo. Estava cortada com isso toda e qualquer ligação com a Luz, com o que é puro, espiritual. A vontade dos seres humanos só conseguia ainda se dirigir para o que era terrenal, com excepção de uns poucos que, como profetas, não possuíam o poder para se impor e abrir caminho livre para a Luz.

Devido a esse estado, todas as portas ficaram abertas para o mal. Trevas espirituais ascendiam borbulhando, derramando-se funestamente sobre a Terra. Isso só podia acarretar *um fim*: morte espiritual. O que de mais pavoroso pode atingir o ser humano.

A culpa de toda essa miséria, porém, cabia aos próprios seres humanos! Ocasionalmente-na, já que deliberadamente optaram por essa direcção. Desejaram-na e cultivaram-na, ficaram mesmo orgulhosos de tal aquisição, em sua cegueira desmedida, sem reconhecer a terribilidade das consequências, devido à restrição da compreensão a que eles mesmos penosamente se obrigaram. Caminho algum podia ser aberto a partir dessa humanidade em direcção à Luz. O estreitamento voluntário já era demasiado grande.

Aliás, se ainda devesse tornar-se possível uma salvação, então devia vir auxílio da Luz. Do contrário, não podia mais ser impedido o afundamento da humanidade para dentro das trevas.

As próprias trevas, devido à impureza, têm uma maior densidade que acarreta peso espiritual. Devido a esse peso, elas conseguem elevar-se por si próprias somente até um determinado limite de peso, se não lhes vier do outro lado uma força de atracção em auxílio. A Luz, porém, possui uma leveza correspondente à sua pureza, que a impossibilita de descer até essas trevas.

Existe, portanto, entre essas duas partes um abismo intransponível, no qual se encontra a criatura humana com a sua Terra!

Encontra-se, pois, nas mãos dos seres humanos, segundo a espécie de sua vontade e de seus desejos, ir ao encontro da Luz ou das trevas, abrir os portões e aplainar os caminhos para que a Luz ou as trevas se derramem sobre a Terra. Eles próprios constituem nisso os mediadores, através de cuja força de vontade a Luz ou as trevas encontram firme apoio, podendo daí agir com maior ou menor força. Quanto mais, dessa maneira, a Luz ou as trevas ganham poder sobre a Terra, tanto mais cobrem a humanidade com aquilo que podem dar, com coisas boas ou más, fortuna próspera ou infortúnio, felicidade ou desgraça, paz paradisíaca ou tormentos infernais.

A vontade pura dos seres humanos havia se tornado demasiado fraca para, em meio às pesadas trevas que tomaram conta e tudo sufocavam e assoberbavam, poder oferecer à Luz um ponto de apoio na Terra, ao qual pudesse se agarrar, ligar de tal modo, que, em pureza cristalina e conseqüente força plena, conseguisse destruir as trevas, libertando a humanidade, a qual então poderia aprovisionar-se de forças na fonte assim aberta e encontrar o caminho ascendente para as alturas luminosas.

Para a própria Luz não era possível descer tanto até a imundície, sem que para isso fosse oferecido um forte apoio. Por isso era necessário que viesse um mediador. Somente um emissário dos cumes luminosos, mediante *encarnação*, podia derrubar o muro das trevas erguido pela vontade dos seres humanos, e assim formar entre todos os males aquele alicerce de matéria grosseira para a Luz divina, que se encontra firme no meio das pesadas trevas. Saindo desse ancoradouro, poderiam então as irradiações puras da Luz separar e espalhar as massas obscuras, para que a humanidade não sucumbisse totalmente nas trevas, asfixiando-se.

Dessa maneira, Jesus *veio* por causa da humanidade e de seus pecados!

A nova ligação assim criada com a Luz não podia, em virtude da pureza e força do emissário da Luz, ser cortada pelas trevas. Com isso estava assim aberto para os seres humanos um novo caminho para as alturas espirituais. De Jesus, esse ponto de apoio terreno surgido da Luz por encarnação, saíam então as irradiações em direcção às trevas mediante a Palavra Viva, que trazia a Verdade. Ele podia transmitir essa Verdade inalterada, porque a sua ligação com a Luz, devido à força da mesma, era pura e não podia ser turvada pelas trevas.

Os seres humanos foram então sacudidos de seu estado de sonolência pelos milagres que simultaneamente se operavam. Seguindo estes, encontravam a Palavra. Ouvindo a Verdade trazida por Jesus e nela reflectindo, foi nascendo em centenas de milhares de pessoas, gradualmente, o desejo de ir ao encontro dessa Verdade e sobre ela saber mais. E assim vagarosamente foram se esforçando em direcção à Luz. Por causa de tal desejo as trevas que

as envolviam foram afrouxadas, irradiações e mais irradiações da Luz penetravam vitoriosamente, à medida que os seres humanos reflectiam sobre as palavras e consideravam-nas como certas. Em torno deles o ambiente foi se clareando cada vez mais, as trevas não encontravam mais nenhum apoio firme neles e, por fim, caíram resvalando, com o que perderam cada vez mais terreno. Assim a Palavra da Verdade actuava nas trevas como um grão de mostarda em germinação e como o fermento na massa de pão.

E essa foi a obra de redenção de Jesus, Filho de Deus, do portador da Luz e da Verdade.

As trevas, que supunham já ter o domínio sobre a humanidade inteira, contorceram-se, elevando-se em luta selvagem, a fim de tornar irrealizável a obra de redenção. Do próprio Jesus não podiam aproximar-se, resvalavam em sua pura intuição. Era natural então que lançassem mão das ferramentas solícitas de que dispunham para o combate.

Essas eram as criaturas humanas que acertadamente se denominavam “seres humanos de intelecto”, isto é, que se sujeitavam ao intelecto e, como este, estavam por consequência firmemente atadas a espaço e tempo, impossibilitadas assim de discernir os conceitos espirituais mais elevados, situados muito acima de espaço e tempo. Por isso era-lhes também impossível seguir a doutrina da Verdade. Todas elas se encontravam, segundo suas próprias convicções, em solo demasiadamente “real”, como tantas também ainda hoje. Terreno real, porém, significa na verdade um solo demasiadamente restrito. E todos esses seres humanos constituíam justamente a maioria daqueles que representavam a autoridade, isto é, que tinham em mãos o poder governamental e religioso.

Assim as trevas, em sua defesa furiosa, fustigavam tais seres humanos até as graves transgressões contra Jesus, servindo-se do poder terreno que tinham em mãos.

As trevas esperavam com isso fazer Jesus vacilar e, ainda no último momento, poder destruir a obra de redenção. Que elas pudessem exercer esse poder na Terra a tal ponto foi exclusivamente culpa da humanidade, que pela sua deliberada sintonização errada estreitou sua capacidade de compreensão, dando assim supremacia às trevas.

Esta culpa, por si só, foi o pecado da humanidade, que fez seguir todos os demais males.

E por causa dessa culpa da humanidade Jesus teve de sofrer! As trevas fustigavam ainda mais, até o extremo: Jesus incorreria na morte na cruz, se persistisse em suas afirmações de ser o portador da Verdade e da Luz. Tratava-se da última decisão. Uma fuga, uma retirada total de tudo poderia salvá-lo da morte na cruz. Mas isso teria significado uma vitória das

trevas no último momento, porque então toda a actuação de Jesus teria se espalhado aos poucos na areia, podendo, assim, as trevas tomar novamente conta de tudo vitoriosamente. Jesus não teria cumprido sua missão, a iniciada obra de redenção seria deixada inacabada.

A luta íntima no Getsêmani foi dura, porém curta. Jesus não temia a morte terrena, mas sim ficou firme e encaminhou-se serenamente para o desenlace terrenal, em prol da Verdade trazida por ele. Com seu sangue na cruz, ele colocou o selo em tudo quanto disse e viveu.

Com esse acto ele venceu totalmente as trevas, que com isso haviam jogado seu último trunfo. Jesus venceu. Por amor ao Pai, à Verdade, por amor à humanidade, para a qual com isso ficou aberto o caminho para a liberdade em direcção à Luz, pois com essa vitória ela fora fortalecida da verdade de suas palavras.

Uma retirada através da fuga e a conseqüente renúncia à sua obra teria de trazer dúvidas à humanidade.

Jesus morreu, portanto, devido aos pecados da humanidade! Se não fossem os pecados da humanidade, o afastamento de Deus causado pela restrição do intelecto, poderia ter sido poupada a vinda de Jesus e, dessa forma, também o seu caminho de sofrimento e a sua morte na cruz. É inteiramente certo, portanto, quando é dito: foi por causa dos nossos pecados que Jesus veio, padeceu e sofreu a morte na cruz!

Isso, porém, não significa que tu próprio não terias de remir teus pecados!

Só que agora podes fazê-lo facilmente, porque Jesus *mostrou-te* o caminho pela transmissão da Verdade *em suas palavras*. Assim também a morte de Jesus na cruz não pode simplesmente apagar teus próprios pecados. Se tal coisa acontecesse, então antes teriam de desmoronar todas as leis universais. Tal não se dá, porém. O próprio Jesus faz referência muitas vezes a tudo “que está escrito”, isto é, ao antigo. O novo evangelho do amor também não tem a intenção de destruir ou de anular o antigo da justiça, *mas completá-lo*. Quer com ele ser ligado.

Não olvides, por conseguinte, a justiça do grande Criador de todas as coisas, a qual não se deixa deslocar sequer por um fio de cabelo e que permanece inabalável desde o começo do mundo até o seu fim! Ela nem poderia consentir que alguém tomasse a si a culpa de outrem para resgatá-la.

Por causa da culpa de outros, isto é, devido à culpa de outros, Jesus pôde vir, sofrer e morrer, apresentando-se como lutador em prol da Verdade, mas ele próprio permaneceu puro e inatingido por essa culpa, razão pela qual não poderia tomá-la sobre si pessoalmente.

A obra de redenção por isso não é menor, mas um sacrifício como não pode haver maior. Por ti desceu Jesus das alturas luminosas para a lama, lutou por ti, sofreu e morreu por ti, para trazer-te Luz no caminho certo para o alto, a fim de que não te perdesse nem submergisses nas trevas!

Assim está teu Redentor diante de ti. *Essa* foi sua enorme obra de amor.

A justiça de Deus permaneceu séria e severa nas leis do mundo; pois o que o ser humano semeia, isso ele colherá, diz também o próprio Jesus em sua mensagem. Nem um centavo lhe pode ser perdoado, de acordo com a justiça divina!

Lembra-te disso quando estiveres diante do símbolo da sagrada severidade. Agradece de todo coração que o Redentor, com a sua Palavra, abriu para ti novamente o caminho para o perdão de teus pecados, e deixa tais lugares com o firme propósito de seguir o caminho a ti mostrado, para que te possa advir o perdão. Seguir o caminho, porém, não quer dizer apenas aprender a Palavra e acreditar nela, mas *viver* essa Palavra! Acreditar nela, considerá-la certa e não agir em tudo de acordo com a mesma, de nada te adiantaria. Pelo contrário, estarás em pior situação do que aqueles que nada sabem da Palavra.

Por isso, acorda, o tempo terreno é precioso para ti!

15. O mistério do nascimento

Quando os seres humanos dizem que existe uma grande injustiça na maneira pela qual se dá a distribuição dos nascimentos, então eles não sabem o que com isso fazem!

Com grande insistência afirma um: “Se existe uma justiça, como pode nascer uma criança já com o fardo de uma doença hereditária! A criança inocente tem de carregar consigo os pecados dos pais.”

O outro: “Uma criança nasce na riqueza, outra em amarga pobreza e miséria. Com isso não pode surgir qualquer crença na justiça.”

Ou: “Admitindo que os pais devam ser castigados, não está certo que isso se cumpra pela doença e morte de uma criança. A criança, pois, com isso tem de sofrer inocentemente.”

Estas e outras observações abundam aos milhares entre a humanidade. Até mesmo pesquisadores sinceros às vezes quebram a cabeça com isso.

Com a simples declaração de que “estes são os imperscrutáveis caminhos de Deus, que tudo conduzem para o melhor” não se elimina do mundo a ânsia pelo “por quê”. Quem com isso se contentar tem de concordar *apaticamente*, ou reprimir imediatamente como injusto qualquer pensamento indagador.

Assim não é desejado! É perguntando que se acha o caminho certo. Apatia ou veemente repressão apenas lembra escravidão. Mas Deus não quer escravos! Não quer obediência apática, mas um olhar livre e consciente para o alto. Suas maravilhosas e sábias disposições não precisam ser envoltas pela escuridão mística, pelo contrário, ganham em sua sublime e inatingível magnitude e perfeição, quando expostas abertamente em nossa frente! De forma imutável e incorruptível, numa segurança e tranquilidade uniforme, elas executam ininterruptamente o seu eterno actuar. Não se preocupam com o rancor nem com o reconhecimento dos seres humanos, tampouco com sua ignorância, mas restituem a cada um, até nas mais ínfimas nuances, em frutos maduros, o que lançou como sementeira.

“Os moinhos de Deus moem devagar, mas com segurança”, diz a voz do povo tão acertadamente a respeito deste tecer de incondicional reciprocidade em toda a Criação, cujas leis imutáveis trazem em si a justiça de Deus e executam-na. Brota, flui e corre, e derrama-se

sobre todos os seres humanos, quer queiram ou não, quer se submetam ou se revoltam, terão de receber como castigo justo e como perdão, ou como recompensa na elevação.

Se um resmungão ou céptico pudesse apenas uma única vez lançar um olhar para o flutuar e tecer na matéria fina, perpassado e suportado pelo rigoroso espiritual, que trespassa e envolve a Criação toda, e no qual ela se encontra, sendo mesmo uma parte dele, vivo como um tear de Deus em eterno funcionamento, logo silenciaria envergonhado e reconheceria, assustado, a arrogância contida em suas palavras. A serena sublimidade e segurança que vê, obriga-o a curvar-se, pedindo perdão. Quão mesquinho, pois, havia suposto seu Deus! E, todavia, que incrível grandeza encontra em Suas obras. Reconhecerá então que, com suas mais elevadas conceituações terrenas, só podia ter procurado diminuir Deus e restringir a perfeição da grande obra com o esforço vão de querer encerrá-la no âmbito restrito, que o cultivo do intelecto criou, o qual jamais poderá elevar-se acima de espaço e tempo. O ser humano não deve esquecer-se de que ele se encontra na *obra* de Deus, que ele mesmo é um pedaço da obra e que, por conseguinte, está incondicionalmente também sujeito às leis dessa obra.

Contudo, tal obra não abrange apenas as coisas visíveis aos olhos terrenos, mas também o mundo de matéria fina que contém em si a maior parte da verdadeira existência e actividade humana. As respectivas vidas terrenas são apenas pequenas partes disso, *mas sempre importantes pontos de transição*.

O nascimento terreno constitui sempre apenas o início de uma fase importante em toda a existência de uma criatura humana, mas não o seu começo propriamente dito.

Ao iniciar sua peregrinação pela Criação, o ser humano como tal encontra-se livre, sem fios de destino, que partem para o mundo de matéria fina, tornando-se cada vez mais fortes no caminho devido à força de atracção da igual espécie, cruzando-se com outros, entretecendo-se e actuando retroactivamente sobre o autor, com quem permaneceram ligados, conduzindo consigo destino ou carma. Os efeitos de fios que retornam simultaneamente misturam-se entre si, pelo que as cores, originalmente definidas de modo nítido, recebem outras tonalidades, produzindo novos quadros combinados. *(Dissertação Nº 6: Destino) Os fios individuais constituem o caminho dos efeitos de retorno até que o autor não ofereça mais nenhum ponto de apoio em seu íntimo para elementos de igual espécie, portanto, quando de sua parte não mais cuida desse caminho e nem o conserva, pelo que esses fios não podem mais se prender nem se firmar, devendo secar e cair dele, quer se trate de coisas boas ou más.

Cada fio de destino é, portanto, formado na matéria fina pelo acto de vontade na decisão para uma acção, emigra, mas permanece, apesar disso, ancorado no autor e constitui dessa maneira o caminho seguro para espécies iguais, fortalecendo-as, mas também, simultaneamente, recebendo força delas, a qual retorna ao ponto inicial por esse caminho. Decorre desse processo o auxílio que chega aos que se esforçam pelo bem, conforme fora prometido, ou, porém, a circunstância de que “o mal tem de gerar continuamente o mal”.

*(Dissertação Nº 30: O ser humano e seu livre-arbítrio)

Os efeitos recíprocos desses fios em curso, aos quais, diariamente, o ser humano ata outros novos, trazem, então, a cada ser humano o seu destino, criado por ele próprio e ao qual está sujeito. Cada arbitrariedade fica aí excluída, portanto, também cada injustiça. O carma, que uma pessoa traz consigo e que se assemelha a uma predestinação unilateral, é na realidade apenas a *consequência* incontestável de seu passado, enquanto esta não tiver sido remida através da reciprocidade.

O verdadeiro começo da existência de uma pessoa é *sempre* bom, e de muitas também o fim, com excepção daquelas que se perdem por si próprias, por terem estendido primeiro espontaneamente, através de suas resoluções, as mãos ao mal, o qual, por sua vez, arrastou-as totalmente para a ruína. As vicissitudes ocorrem sempre apenas no intervalo, na época da formação e maturação interior.

O próprio ser humano, portanto, sempre forma para si sua vida futura. Ele fornece os fios e com isso determina a cor e o padrão da vestimenta que o tear de Deus lhe tece pela lei da reciprocidade.

Frequentemente jazem bem distantes as causas que actuam de modo determinante para as circunstâncias em que uma alma nascerá, bem como para a época sob cujas influências a criança virá ao mundo terreno, para que esta então influa continuamente durante sua peregrinação na Terra, e consiga aquilo, que é necessário para a remição, o polimento, a eliminação do carma e o desenvolvimento justamente dessa alma.

Também isso, porém, não acontece unilateralmente apenas à criança, mas os fios se tecem naturalmente, de maneira a se estabelecer também um efeito recíproco no terrenal. Os pais dão ao filho exactamente aquilo que este precisa para seu desenvolvimento contínuo e, de modo inverso, o filho em relação aos pais, seja algo bom ou mau; pois ao desenvolvimento contínuo e à elevação pertence também, naturalmente, a libertação do mal pelo seu consumo, com o que ele é reconhecido como tal e repellido. E a oportunidade para tanto sempre traz a reciprocidade. Sem esta, não poderia nunca, realmente, o ser humano se libertar de coisas

ocorridas. Portanto, encontra-se nas leis da reciprocidade, como grande dádiva de graça, o caminho para a liberdade ou a ascensão. Por conseguinte, não se pode falar, de modo algum, em castigo. Castigo é uma expressão errada, uma vez que exactamente nisso se encontra o grandiosíssimo amor, a mão que o Criador estende para o perdão e a libertação.

A vinda do ser humano à Terra compõe-se de geração, encarnação e nascimento. A encarnação é a entrada, propriamente dita, da criatura humana na existência terrena. ^{*(Dissertação N°}

7: A criação do ser humano)

São, portanto, aos milhares os fios que co-participam na determinação de uma encarnação. Há sempre, contudo, também nesses fenómenos da Criação uma justiça sintonizada até às minúcias, que se efectua e impulsiona para um favorecimento de *todos* os envolvidos nisso.

Dessa maneira o nascimento de uma criança torna-se algo muito mais sagrado, mais importante e mais valioso do que em geral é considerado. Acontece, pois, com isso, simultaneamente à criança, aos pais e também aos possíveis irmãos e outras pessoas que venham a ter contacto com a criança, com sua entrada no mundo terreno, uma nova e especial graça do Criador, com o que todos recebem a oportunidade de progredir de alguma maneira. Aos pais pode, pelo cuidado necessário no tratamento de uma doença, por grave preocupação ou sofrimento, ser dada a oportunidade para lucro espiritual, seja como remédio, como simples meio para um fim ou também como verdadeira remição de uma culpa antiga, talvez até como pré-remição de um carma ameaçador. Pois acontece muitas vezes que, com a já iniciada boa vontade, a *própria* doença grave de uma pessoa, que devia atingi-la segundo a lei da reciprocidade como carma, seja *pré-remida* por graça, em consequência de sua boa vontade em dispensar, por livre resolução, cuidados abnegados a um outro ou a um próprio filho. Uma verdadeira redenção só se pode processar na intuição, através do pleno vivenciar. Na execução de um cuidadoso tratamento com verdadeiro amor, o vivenciar, frequentemente, é ainda maior do que numa doença própria. É mais profundo na ansiedade, na dor durante a doença de um filho ou de outrem a quem se considere realmente como seu querido próximo. Igualmente profunda é também a alegria ante o restabelecimento do mesmo. E esse forte vivenciar por si só imprime suas marcas inapagáveis na intuição, no ser humano espiritual, modificando-o com isso e cortando com essa transformação fios de destino que de outra forma ainda o teriam atingido. Devido a esse cortar ou abandonar, os fios voltam como elásticos distendidos para o lado oposto, para as centrais de matéria fina de igual espécie, por cuja força de atracção são agora atraídos de modo unilateral. Com isso fica excluído cada efeito subsequente sobre o ser humano transformado, por faltar o caminho de ligação para tanto.

Existem assim milhares de maneiras de resgates nessa forma, quando uma pessoa voluntariamente e de bom grado toma a si algum dever perante outrem por amor ou por misericórdia, que é similar ao amor.

Quanto a isso Jesus mostrou os melhores exemplos em suas parábolas. Da mesma forma no seu Sermão da Montanha, bem como em todas as demais lições, apontou ele bem nitidamente os bons resultados de semelhantes práticas. Sempre se referia ao “próximo”, e mostrava assim, na forma mais singela e mais elucidativa, o melhor caminho para a remissão do carma e para a ascensão. “Ama a teu próximo como a ti mesmo”, exortou ele, dando com isso a chave para o portal de toda a escalada. Não é necessário que a esse respeito se trate sempre de doença. As crianças, seu necessário trato e educação, dão da maneira mais natural tantas oportunidades, que encerram em si *tudo* o que ademais possa entrar em consideração como remissão. E por isso crianças trazem bênçãos, pouco importando como nasceram e se desenvolveram!

O que vale para os pais, vale também para os irmãos e para todos aqueles que entram muito em contacto com crianças. Também estes têm oportunidade de lucrar com o novo habitante da Terra, ao se esforçarem, quer seja também apenas para se livrarem de maus hábitos ou coisas semelhantes, na paciência, nos cuidadosos auxílios da mais variada espécie.

Para a própria criança, o auxílio não é menor. Cada um, pelo nascimento, é colocado diante da possibilidade de escalar um enorme trecho do caminho! Onde isso não ocorre, a própria pessoa é a culpada. Então, ela não quis. Deve-se, por conseguinte, considerar cada nascimento uma bondosa dádiva de Deus que vem a ser distribuída equanimemente (*imparcialmente). Também para aquele que não tem filhos e adopta uma criança estranha, a bênção não fica diminuída, ao contrário, maior ainda pelo acto da adopção, se esta ocorrer por causa da criança e não para satisfação própria.

Numa encarnação comum, portanto, a força de atracção da igual espécie espiritual tem papel predominante como co-actuante nos efeitos recíprocos. Características que são consideradas como herdadas, na realidade, não são transmitidas por herança, mas devem ser atribuídas meramente a essa força de atracção. Nada se encontra aí de herdado espiritualmente da mãe ou do pai, uma vez que a criança é também uma pessoa individual, tal como aqueles, trazendo em si apenas espécies iguais, pelas quais se sentiu atraída.

Contudo, não é apenas essa força de atracção da igual espécie que actua de modo determinante na encarnação, mas co-participam também ainda outros fios do destino em curso, aos quais a alma a ser encarnada se encontra ligada e que talvez estejam de alguma

forma atados a um membro da família à qual ela é conduzida. Tudo isso colabora, atrai e leva por fim à encarnação.

É, porém, diferente quando uma alma aceita voluntariamente uma missão (*Envio, incumbência) para ajudar determinados seres humanos terrenos ou para colaborar numa obra de auxílio para toda a humanidade. Em tais casos a alma aceita de antemão e voluntariamente sobre si o que vier a encontrar na Terra, com o que tampouco se pode falar de injustiça. E a recompensa tem de advir-lhe como resultado do efeito da reciprocidade, se tudo acontece em abnegado amor, que por sua vez não pergunta pela recompensa. Nas famílias em que há doenças hereditárias, encarnam-se almas que precisam dessas doenças, através da reciprocidade, para remição, purificação ou para o progresso.

Os fios condutores e sustentadores nem consentem que ocorra uma encarnação errada, isto é, injusta. Excluem nisso cada erro. Seria a tentativa de nadar contra uma correnteza que segue seu curso regrado com força férrea e imperturbável, excluindo de antemão qualquer resistência, de modo que nem pode ocorrer uma tentativa. Sob rigorosa observância de suas propriedades, no entanto, ela oferece apenas bênçãos.

E tudo é considerado, inclusive nos casos de encarnações voluntárias, quando as doenças são assumidas espontaneamente para conseguir uma determinada finalidade. Se talvez o pai ou a mãe atraiu a doença sobre si, por causa duma culpa, mesmo que isso advenha somente por inobservância às leis naturais que exigem uma atenção incondicional à preservação da saúde do corpo a eles confiada, então a dor de ver novamente essa doença no filho já traz em si uma expiação que conduzirá à purificação, assim que tal dor for verdadeiramente intuída.

Mencionar exemplos específicos pouco adiantaria, uma vez que cada nascimento individual daria um novo quadro, devido aos fios de destino multi-entrelaçados, divergindo dos outros, e mesmo cada igual espécie teria de apresentar-se em milhares de variações, devido às delicadas graduações das reciprocidades em suas misturas.

Seja dado apenas um exemplo simples: uma mãe gosta tanto de seu filho, que o impede por todos os meios de deixá-la pelo casamento. Prende-o a si indeterminadamente. Esse amor é errado, puramente egoístico, interesseiro, embora a mãe, segundo a própria opinião, ofereça tudo para tornar a vida terrena do filho tão bela quanto possível. Devido a esse amor egoístico, intrometeu-se indevidamente na vida do filho. O verdadeiro amor nunca pensa em si mesmo, mas sempre quer o bem da pessoa querida e age nesse sentido, mesmo que isso esteja vinculado com a própria renúncia. Virá a hora da mãe, em que ela será chamada para o Além. O filho encontra-se agora sozinho. Para ele tornou-se tarde demais, para ainda

conseguir dar o impulso alegre para a realização de seus próprios desejos, impulso este que a juventude proporciona. Apesar de tudo, ele ainda lucrou algo com isso; porque com a renúncia circunstancial ele resgata alguma coisa. Quer seja uma igual espécie decorrente de sua vida anterior, com o que simultaneamente desviou-se do isolamento interior em um matrimônio o qual, com o casamento, teria de atingi-lo, ou qualquer outra coisa. Em tais circunstâncias, só há lucro para ele. A mãe, porém, levou consigo seu amor egoístico. A força de atracção da igual espécie espiritual puxa-a irresistivelmente às pessoas com propriedades idênticas, porque nas proximidades delas ela encontra a possibilidade de poder intuir conjuntamente uma pequena parte da sua própria paixão na vida intuitiva de tais pessoas, quando elas exercem seu amor egoístico sobre outrem. Dessa forma ela permanece ligada à Terra. Porém, quando se der uma fecundação numa das pessoas em cuja proximidade ela se encontra constantemente, ela vem à encarnação devido à ligação desse entrelaçamento espiritual existente. Invertem-se então os papéis. Agora, como criança, sob idêntica característica paterna ou materna, terá de sofrer a mesma coisa que outrora infligiu ao seu filho. Não poderá livrar-se da casa paterna, não obstante seus desejos e as oportunidades que se oferecem. Dessa forma sua culpa será extinta, quando ela, através do vivenciar em si mesma, reconhecer tais propriedades como injustiça e assim ser libertada disso.

Pela ligação com o corpo de matéria grosseira, isto é, a encarnação, é colocada em cada pessoa uma venda, que a impede de ver sua existência anterior. Também isso, como todo acontecimento na Criação, só é para vantagem da respectiva pessoa. Nisso, mais uma vez, encontra-se a sabedoria e o amor do Criador. Se cada um se recordasse exactamente da existência anterior, permaneceria em sua nova vida terrena apenas um calmo observador, ficando de lado, na convicção de conquistar com isso um progresso ou de remir algo, no que igualmente só reside progresso. Justamente devido a isso, porém, não haveria para ele nenhum progresso, mas sim, pelo contrário, traria um grande perigo de deslizar para baixo. A existência terrena deve ser *vivenciada* realmente, se é que deva ter uma finalidade. Somente o que for vivenciado no íntimo em todos seus altos e baixos, portanto, intuído, torna-se algo próprio. Se uma pessoa, de antemão, sempre soubesse claramente a direcção exacta que lhe seria útil, não haveria para ela nenhum ponderar, nenhum decidir. Com isso, também não poderia receber nenhuma força e nenhuma autonomia, absolutamente indispensáveis para ela. Dessa forma, porém, ela toma cada situação de sua vida terrena de modo mais real. Tudo o que é realmente vivenciado grava firmemente impressões na intuição, no eterno, que o ser humano em sua metamorfose leva consigo para o Além como sendo seu, como parte dele mesmo, moldado de forma nova de acordo com as impressões. Mas também *apenas* aquilo que é realmente vivenciado, tudo o mais se apaga com a morte terrena. O *vivenciado*, porém, permanece seu lucro como conteúdo principal purificado da existência terrena! Nem tudo o que foi aprendido faz parte do vivenciado. Do aprendido, porém, restará apenas aquilo, que o

ser humano houver absorvido para si pela vivência. Todo o acúmulo restante de coisas inúteis do que foi aprendido, a que tantas pessoas sacrificam a existência terrena inteira, fica para trás como debulho. Por isso, cada momento da vida jamais pode ser encarado de modo suficientemente sério, para que através dos pensamentos, palavras e acções flua forte calor de vida, evitando que decaiam em hábitos vazios.

A criança recém-nascida então parece, devido à venda que lhe é passada nos olhos no acto da encarnação, totalmente ignorante, por isso também tida erroneamente como inocente. Não raro traz consigo enorme carma, que lhe dá oportunidade de remir caminhos errados anteriores, no exaurir vivencial. O carma é, na predestinação, apenas a consequência necessária de acontecimentos passados. Nas missões, é uma aceitação voluntária, a fim de atingir com isso a compreensão terrena e a maturação terrena para o cumprimento da missão, caso não faça parte da própria missão.

Por isso o ser humano não deveria mais resmungar a respeito de injustiça nos nascimentos, mas olhar com gratidão para o Criador que, com cada nascimento individual, apenas oferece novas graças!

16. É aconselhável a aprendizagem do ocultismo?

Esta pergunta tem de ser respondida com um “não” absoluto. A aprendizagem do ocultismo, que em geral engloba exercícios para a aquisição de clarividência, clariaudiência, etc., é um estorvo ao livre desenvolvimento interior e à verdadeira escalada espiritual. O que com isso pode ser desenvolvido é o que em tempos passados se compreendia como os assim chamados magos, ^(*Feiticeiros) tão logo a aprendizagem decorresse mais ou menos favorável.

É um tactear unilateral, de baixo para cima, com o que nunca poderá ser transposta a assim denominada área terrena. Sempre se tratará, em todos esses acontecimentos eventualmente alcançáveis, apenas de coisas de espécie baixa e baixíssima, que não são capazes de elevar interiormente os seres humanos, mas podem, sim, desencaminhá-los.

O ser humano consegue com isso apenas penetrar no âmbito de matéria fina que lhe está mais próximo, cujas inteligências muitas vezes são ainda mais ignorantes do que os próprios seres humanos terrenos. Tudo quanto com isso alcança é abrir-se a perigos desconhecidos por ele, dos quais permanece protegido exactamente pelo facto de não se abrir.

Quem por meio de aprendizagem tornou-se clarividente ou clariaudiente verá ou ouvirá, nesse âmbito inferior, muitas vezes também coisas que têm aparência de algo elevado e puro, e que, no entanto, estão muito longe disso. A tudo isso junta-se ainda a própria fantasia, ainda mais excitada por causa de exercícios, que também gera um ambiente que o aprendiz, então, vê e ouve realmente, e a confusão está aí. Tal pessoa, não estando firme nos pés devido à aprendizagem artificial, não pode diferenciar e, mesmo com a melhor boa vontade, não pode traçar um limite nítido entre a verdade e a ilusão, bem como a multiforme força formadora na vida da matéria fina. Por último juntam-se ainda as influências inferiores que lhe são certamente nocivas, às quais ele mesmo voluntariamente e com muito esforço se abriu, às quais não poderá opor nenhuma força superior, e assim tornar-se-á logo um destroço de navio sem leme num mar desconhecido, que pode tornar-se perigoso a tudo que lhe vier de encontro.

É idêntico a uma pessoa que não sabe nadar. Bem protegida num barco, está perfeitamente apta a atravessar com toda a segurança o elemento, que não lhe é familiar. Comparável à vida terrena. Se, porém, durante o trajecto, tirar uma tábua do barco protector, romperá uma brecha no abrigo, por onde entrará água, roubando sua protecção e arrastando-a para o fundo. Por não saber nadar, tal pessoa será apenas uma vítima do elemento que não lhe é familiar.

Eis o processo da aprendizagem do ocultismo. Com isso a pessoa só arranca uma tábua de seu barco protector, mas não aprende a nadar!

Contudo, também há nadadores que se denominam mestres. Nadadores nesse sector são aqueles que já trazem consigo um dom preparado, complementando-o mediante alguns exercícios, a fim de pô-lo em evidência, procurando também ampliá-lo cada vez mais. Em tais casos, portanto, uma predisposição mais ou menos desenvolvida ligar-se-á a uma aprendizagem artificial. Todavia, mesmo ao melhor nadador sempre são colocados limites bastante restritos. Se ousar ir longe demais, as forças lhe fraquejam e ele acaba se perdendo da mesma forma que um que não sabe nadar, caso... não lhe advenha socorro da mesma forma como a um que não sabe nadar.

Tal auxílio, no entanto, no mundo de matéria fina, só pode vir das alturas luminosas, do puro espiritual. E esse auxílio, por sua vez, só pode se aproximar, se a pessoa que se encontra em perigo já tiver atingido determinado grau de pureza em seu desenvolvimento anímico, com o que pode ligar-se a um ponto de apoio. E tal pureza não se consegue através da aprendizagem do ocultismo para fins de experiências, só podendo vir pela elevação da legítima moral interior, no constante olhar para a pureza da Luz.

Tendo uma pessoa seguido *esse* caminho, que com o tempo a levará a um certo grau de pureza interior, que naturalmente se reflectirá então também em seus pensamentos, palavras e obras, então, pouco a pouco, obtém ligação com as alturas mais puras e de lá, reciprocamente, também força aumentada. Com isso, ela tem uma ligação através de todos os degraus intermediários, que a segura e na qual pode se apoiar. Não demorará muito e tudo lhe será dado sem esforço próprio, o que os nadadores inutilmente se esforçavam por obter. Mas com um cuidado e precaução, que jazem nas rígidas leis da reciprocidade, de modo que sempre receberá apenas tanto daquilo quanto pode dar de força equivalente, pelo menos na mesma intensidade, com o que de antemão fica eliminado qualquer perigo. Por fim, a barreira separadora, que pode ser comparada às tábuas de uma embarcação, vai ficando cada vez mais fina até cair totalmente. Este é então também o momento em que tal pessoa, como o peixe na água, se sentirá inteiramente à vontade no mundo de matéria fina até as alturas luminosas. Esse é o único caminho certo. Toda preparação prematura mediante aprendizagem artificial é errada nisso. Somente para o peixe na água, esta se apresenta realmente sem perigos, por se tratar de “seu elemento” e para o qual ele traz em si todo o aparelhamento que mesmo um exímio nadador *jamais* conseguirá *alcançar*.

Se um indivíduo adota tal aprendizagem, tem isso de se iniciar com uma prévia resolução voluntária, a cujas consequências ele então fica sujeito. Por conseguinte, também

não pode contar que um auxílio lhe *deva* ser dado. Dispôs, antes, do livre-arbítrio de resolução.

Uma pessoa, porém, que incentiva outros a tais aprendizagens, que com isso estarão expostos a toda sorte de perigos, tem de arcar com uma grande parte das consequências, como culpa de cada um individualmente. Será acorrentada a todos na matéria fina. Após sua morte terrena terá de descer irrevogavelmente até aqueles que a precederam, que sucumbiram aos perigos, até aquele que caiu mais profundamente. E ela mesma não conseguirá subir, enquanto não houver ajudado cada um daqueles a se elevar de novo, enquanto não houver extinguido o caminho errado e, além disso, recuperado o que foi perdido através disso. Isso é o equilíbrio na reciprocidade e ao mesmo tempo o caminho de graças para ela, a fim de corrigir o mal cometido e ascender.

E se aquela pessoa não tiver agido apenas através da palavra, mas sim também através da escrita, sua situação será ainda pior, porque seus escritos continuarão a causar danos, mesmo depois de sua própria morte terrena. Terá então de aguardar na vida de matéria fina, até que não chegue ao Além mais nenhum daqueles, que se deixaram desviar pela escrita, aos quais, por isso, ela terá de ajudar a subir de novo. Séculos podem passar assim.

Com isso, porém, não se quer dizer que o âmbito do mundo de matéria fina deva permanecer intocado e inexplorado na vida terrena!

Aos interiormente amadurecidos isso sempre será dado na hora certa, para que se sintam à vontade, o que para outros encerra perigos. Ser-lhes-á permitido contemplar a verdade e transmiti-la. Nisso, no entanto, terão também uma visão clara dos perigos que ameaçam aqueles que, unilateralmente, mediante a aprendizagem do ocultismo, querem intrometer-se nos baixios de um terreno que lhes é desconhecido. Estes amadurecidos jamais incentivarão aprendizagens ocultistas.

17. Espiritismo

Espiritismo! Mediunidade! Acaloradamente são discutidos os prós e os contras. Não é tarefa minha dizer algo sobre os adversários e seu afínco em negar. Seria desperdício de tempo; pois cada ser humano que raciocina logicamente necessita somente ler o tipo dos assim chamados exames ou pesquisas, para por si só reconhecer que eles atestam completo desconhecimento e categórica incapacidade dos “examinadores”. Por quê? Se eu quero pesquisar a terra, tenho de me orientar de acordo com a terra e sua constituição. Se, porém, pretendo investigar o mar, outra coisa não me resta senão me orientar de acordo com a constituição da água e servir-me dos meios de auxílio correspondentes à constituição da água. Querer enfrentar a água com pá e enxada ou mesmo com perfuradoras, pouco proveitoso me seria em minhas pesquisas. Ou porventura terei de negar a água, por não opor resistência à entrada da pá, ao contrário do que acontece com a terra, de consistência mais compacta e a mim mais familiar? Ou por não me ser possível, tampouco, andar a pé sobre ela, como habitualmente em terra firme? Adversários dirão: É diferente, pois a existência da água *vejo* e sinto; isto, portanto, ninguém pode negar!

Quanto tempo faz que se negavam bem energicamente os milhões de seres vivos multicolores numa gota de água, de cuja existência já agora cada criança sabe? E por que se negava? Somente porque não eram vistos! Só depois que inventaram um instrumento que estava ajustado à sua constituição, foi possível reconhecer, ver e observar esse novo mundo.

O mesmo se dá com o mundo extra-material, o assim chamado Além! Tornai-vos, pois, capazes de ver! E, *então*, permiti-vos um julgamento! Depende de *vós*, e não do “outro mundo”. Tendes em *vós*, além do vosso corpo de matéria grosseira, ainda a matéria do outro mundo, ao passo que os que se acham no Além não possuem mais da vossa matéria grosseira. Exigis e esperais que os do Além, que não mais dispõem da matéria grosseira, aproximem-se de *vós* (dando sinais, etc.). Esperais que eles *vos* comprovem sua existência, enquanto *vós* mesmos, que sois constituídos não só de matéria grosseira, como também da matéria que eles dispõem, aguardais sentados em atitudes de um juiz.

Construí *vós*, pois, a ponte que *vós podeis* estender, trabalhai enfim com a mesma matéria que também está à vossa disposição e tornai-vos dessa forma capazes de ver! Ou calai-vos, se não compreendeis, e continuai a nutrir apenas o que é de matéria grosseira, que cada vez mais sobrecarrega o que é de matéria fina. Uma hora virá o dia em que o que é de matéria fina terá de se separar do que é de matéria grosseira, ficando então por terra, extenuado, por ter se desabitado totalmente ao voo; pois também tudo isso está sujeito às leis terrenas como o

corpo terrenal. Somente movimento produz força! Não necessitais de médiuns para reconhecer o que é de matéria fina. Basta observardes a vida que a vossa própria matéria fina leva dentro de vós. Concedei-lhe, mediante a vossa vontade, o que necessita para se fortificar. Ou acaso pretendeis contestar também a existência de vossa vontade, uma vez que não a podeis ver nem palpar?

Quantas vezes sentis os efeitos da vossa vontade em vós mesmos. Vós os sentis bem, mas não podeis vê-los nem pegá-los. Quer se trate de elevação, de alegria ou de sofrimento, de ira ou de inveja. Tão logo tenha efeito, tem ela de possuir também força, que produz uma pressão; porque sem pressão não pode haver nenhum efeito, nenhuma percepção. E onde há uma pressão, tem de actuar um corpo, algo sólido da mesma matéria, do contrário não poderá originar-se qualquer pressão.

Portanto, deve haver formas sólidas de uma matéria que não podeis ver nem tocar com vosso corpo de matéria grosseira. E assim é a matéria do Além, que somente podeis reconhecer com a igual espécie, também inerente a vós.

Esquisita é a disputa a favor e contra uma vida depois da morte terrena, chegando, aliás, muitas vezes até o ridículo. Quem for capaz de, com intento sereno, imparcial e neutro, reflectir e observar, logo concluirá que na verdade *tudo*, mas tudo mesmo, fala a favor da probabilidade da existência de um mundo de outra matéria, mundo esse que a actual criatura humana mediana não consegue perceber. São tantos os acontecimentos que sempre e sempre de novo advertem a esse respeito e que não podem ser postos à margem simples e desconsideradamente como inexistentes. No entanto, a favor de um cessar incondicional, após a morte terrena, nada mais existe senão o desejo de muitos que com isso gostariam de esquivar-se de qualquer responsabilidade espiritual, onde não entram em questão inteligência ou habilidades, mas apenas o verdadeiro intuir. —

Agora, no que se refere aos *adeptos* do espiritismo, do espiritualismo e assim por diante, ou como queiram denominar-se, o que por fim vem a dar no mesmo, isto é, em grandes erros!

Os adeptos são muitas vezes bem mais perigosos, muito mais nocivos à Verdade do que os adversários!

São apenas poucos dentre milhões que permitem que se lhes diga a verdade. A maioria deles está emaranhada numa gigantesca trama de pequenos erros, que não lhes deixa mais encontrar o caminho de saída, rumo à verdade singela. Onde se encontra a culpa? Estaria nos do Além? Não! Ou nos médiuns? Também não! *Apenas no próprio ser humano individual!*

Ele não é bastante sincero nem severo consigo mesmo, não quer derrubar opiniões preestabelecidas, teme destruir uma imagem que ele próprio formou a respeito do Além, a qual lhe deu durante muito tempo, em sua fantasia, *sagrados calafrios e certo bem-estar*. E aí daquele que nisso tocar! Cada um dos adeptos já está com a pedra pronta para lhe arremessar! Agarra-se firmemente nisso e está mais facilmente disposto a chamar os do Além de mentirosos ou de espíritos gracejadores, ou a tachar de insuficientes os médiuns, em vez de primeiramente iniciar um sereno exame de si próprio, reflectindo se a *sua concepção* por acaso não teria sido errônea.

Onde deveria eu começar aí a exterminar as muitas ervas daninhas? Seria um trabalho sem fim. Por isso seja destinado, aquilo que aqui falo, apenas para aqueles que realmente procuram com sinceridade; pois somente esses devem encontrar.

Um exemplo: uma pessoa procura um médium, seja este importante ou não! Estão com ela ainda outros. Começa uma “sessão”. O médium “falha”. Não se passa nada. A consequência? Há gente que dirá: O médium não presta. Outras: O espiritismo todo não vale nada. Os analisadores aprumam-se declarando: As propriedades mediúnicas tantas vezes comprovadas do médium eram embuste; pois, assim que *nós* chegamos, o médium nada mais ousa. E os “espíritos” calam-se! Mas os fiéis e os convictos saem acabrunhados. A fama do médium sofre e poderá desaparecer totalmente, se as “falhas” se repetirem. Se houver no caso até uma espécie de gerente (*Empresário) do médium e estiverem envolvidos interesses monetários, então o gerente nervosamente pressionará o médium para que se esforce, uma vez que as pessoas gastam dinheiro para tal, etc. Em suma: há dúvidas, zombarias, descontentamento, e o médium procurará, numa nova tentativa, colocar-se de maneira forçada em estado de mediunidade, chegando a dizer, talvez inconscientemente em nervosa auto-ilusão, algo que presume ouvir, ou até lançar mão de fraude directa, a qual, por exemplo, não se tornará muito difícil a um médium de manifestação oral. Conclusão: embuste, negação total do espiritismo e isso porque talvez naquelas determinadas circunstâncias alguns médiuns se valeram de fraudes, a fim de evitar inimizades crescentes. A esse respeito, algumas perguntas:

1. Em qual classe humana, seja ela qual for, não existem trapaceiros? Por causa de alguns trapaceiros condena-se, também em outras questões, imediatamente a capacitação dos que trabalham honestamente?

2. Por que justamente neste caso e realmente em nenhum outro?

Estas perguntas qualquer pessoa poderá responder a si mesma facilmente.

Mas de quem será agora a culpa principal em tal estado indigno de coisas? Não do médium, mas sim dos próprios seres humanos! Por suas ideias bastante unilaterais e, acima de tudo, por sua total ignorância, obrigam o médium a escolher entre inimizades injustas e fraudes.

Difícilmente os seres humanos permitem um meio-termo a um médium.

Refiro-me aqui apenas a um médium merecedor de consideração, e não aos inúmeros com sopro de mediunidade, que procuram pôr em evidência suas faculdades mediócras. Também está longe de mim defender de alguma forma os grandes séquitos dos médiuns; pois em mui raros casos existe real valor em tais espíritas que se juntam ao redor de um médium, com exceção dos pesquisadores sinceros que enfrentam esse campo novo a fim de *aprender*, não porém a fim de julgar ignorantemente. Para a maioria dos assim chamados fiéis, semelhantes frequências ou “sessões” não produzem nenhum progresso, mas estagnação ou retrocesso. Tornam-se tão dependentes, que não são mais capazes de tomar uma resolução própria para nada, mas sempre querem pedir o conselho “dos que se acham no Além”. Muitas vezes até em assuntos os mais ridículos e, via de regra, para ninharias terrenas.

Um pesquisador sério ou uma pessoa que procura com sinceridade sempre há de revoltar-se com a incrível estreiteza exactamente desses que, durante anos e anos, como frequentadores assíduos, sentem-se junto a um médium “como que em casa”. Com ares de extraordinária inteligência e superioridade falam os maiores disparates e postam-se lá em atitude hipócrita de devoção, para sentir as agradáveis sensações que o convívio com as forças invisíveis oferece à fantasia. Muitos médiuns comprazem-se aí com as palavras adadoras de tais assíduos visitantes que na realidade denotam com isso apenas mero desejo egoístico de quererem, eles próprios, “vivenciar” muita coisa. Mas para eles o “vivenciar” equivale apenas a ver ou ouvir, isto é, divertir-se. Nunca chegará a ser neles um “vivenciar”.

Que deve, pois, pensar uma pessoa *séria* sobre tais acontecimentos?

1. Que um médium não pode absolutamente contribuir para um “êxito”, a não ser se abrindo intimamente, isto é, entregar-se, e, no mais, aguardar; pois é uma mera ferramenta a ser utilizada, um instrumento que por si só não pode produzir som se não for tocado. Portanto, devido a isso, nem pode ocorrer um assim chamado *fracasso*. Quem disser isso, demonstra uma estreiteza mental, deve largar mão disso e tampouco manifestar opiniões, visto nem poder julgar. Tal qual todo aquele que deveria abster-se de cursar universidade, quando tem dificuldade em aprender. Um médium é, portanto, simplesmente uma ponte ou um meio para a finalidade.

2. Que aí, porém, os *visitantes* desempenham um grande papel! Não em sua aparência ou até condição social, mas *pela sua vida interior!* A vida interior constitui, como é conhecido mesmo pelos maiores zombadores, um mundo por si. Não pode naturalmente ser um “nada”, com suas intuições, com seus pensamentos geradores e nutridores, mas têm de ser, logicamente, corpos ou coisas de matéria fina, os quais, mediante pressão ou efeitos, produzem intuições, porque de outra maneira estas não poderiam surgir. Tampouco podem ser vistas imagens no espírito, se não existe nada aí. Justamente uma tal concepção significaria a maior lacuna nas leis das ciências exactas. Portanto, aí *tem* de existir algo, e também *existe* algo aí; pois o pensamento gerador cria imediatamente no mundo de matéria fina, isto é, no mundo do Além, formas correspondentes, cuja densidade e vitalidade dependem da força intuitiva dos respectivos pensamentos geradores. Assim, pois, origina-se com o que é chamado de “vida interior” de uma pessoa também um ambiente correspondente de matéria fina de forma similar em torno da mesma.

E é esse ambiente que, de modo agradável ou desagradável, até mesmo dolorosamente, deve tocar um médium, que está mais fortemente sintonizado com o mundo de matéria fina. Por essa razão pode suceder que manifestações reais provenientes do mundo de matéria fina não venham a ser transmitidas de modo tão puro, quando o médium se acha constrangido, oprimido ou perturbado pela presença de pessoas de vida interior impura, seja de matéria fina ou espiritual. Vai mais além ainda. Essa impureza constitui um muro para a matéria fina mais pura, mesmo quando esta for conduzida por um espírito pessoal, com livre-arbítrio também no Além, de maneira que uma manifestação, por esse motivo, nem pode ocorrer, a não ser de igual espécie de matéria fina impura.

Tratando-se de visitantes de vida interior *pura*, é naturalmente possível a ligação com um ambiente de matéria fina correspondentemente puro. Cada diferença, porém, estabelece um abismo intransponível! Daí as diferenças nas assim chamadas sessões, daí muitas vezes o completo fracasso ou manifesta confusão. Tudo isso se baseia em leis imutáveis meramente físicas, que actuam no Além da mesma forma como no Aquém.

Com isso os relatos desfavoráveis dos “examinadores” expõem-se a uma luz diferente. E todo aquele que estiver apto a observar os fenómenos de matéria fina terá de rir ao verificar que muitos dos examinadores, com seus relatos, pronunciam apenas o seu *próprio* julgamento e, desnudando sua vida interior, censuram apenas o *próprio* estado anímico.

Um segundo exemplo: uma pessoa procura um médium. Acontece-lhe que um parente falecido lhe fale através do médium. Ela lhe pede conselho sobre um assunto terreno talvez de certa importância. O falecido dá-lhe a tal respeito algumas sugestões, às quais a consulente

logo se apega como a um evangelho, como a uma revelação proveniente do Além, passa a seguir por elas com exactidão e, por causa disso... malogra, sofrendo muitas vezes sérios prejuízos.

A consequência? Antes de mais nada passa a duvidar do médium devido à sua decepção e, com raiva dos prejuízos sofridos, talvez agirá contra o médium, em alguns casos até se sentirá obrigada a atacá-lo publicamente, a fim de preservar outras de idênticos prejuízos e malogros. (A seguir eu deveria aqui esclarecer a vida do Além, de como tal pessoa se abre assim a correntezas semelhantes do Além, pela maneira de atracção da igual espécie espiritual, e de como, então, consegue tornar-se uma exaltada, como instrumento de tais correntezas contrárias, na orgulhosa convicção de colocar-se a favor da verdade e com isso prestar um grande serviço à humanidade, ao passo que essa pessoa, na realidade, torna-se escrava da impureza, sobrecarregando-se com um carna para cuja remição necessitará de uma vida terrena e mais ainda, donde então partem, repetidamente, novos fios, a ponto de originar uma rede na qual ela se emaranha, acabando sem saber mais o que fazer, e então, hostilmente, investe tanto mais furiosa.)

Ou a consulente decepcionada, caso não considere o médium um trapaceiro, pelo menos passa a desconfiar de todo o Além ou seguirá o caminho cómodo que tantos milhares percorrem, e dirá: “Que me importa o Além. Os outros que quebrem a cabeça com isso. Tenho algo melhor para fazer”. Esse “melhor”, no entanto, é servir apenas ao corpo, através do ganho de dinheiro e distanciando-se assim ainda mais do que é de matéria fina. Onde se encontra, então, propriamente, a culpa? *Novamente, apenas nela mesma!* Formou uma imagem *falsa*, ao aceitar o que fora dito como um evangelho. Isso foi unicamente *seu* erro e não culpa de outros. Porque admitiu que um falecido, devido à sua matéria fina, teria se tornado ao mesmo tempo em parte omnisciente ou pelo menos soubesse mais. Nisso reside o erro de muitas centenas de milhares de pessoas. Tudo quanto uma pessoa falecida sabe a mais, devido à sua transformação, é que ela realmente, com a assim chamada morte, não deixou de existir.

Isso, porém, será também tudo, enquanto não aproveitar a oportunidade de progredir no mundo da matéria fina, o que também lá depende de sua própria livre deliberação. Dará, portanto, ao ser consultada em questões terrenas, sua opinião, na boa vontade de satisfazer o desejo, convencida também de assim dar o melhor; mas ignora que não se encontra em situação de emitir juízo claro sobre coisas e situações terrenas, como uma pessoa viva de carne e sangue, uma vez que não dispõe mais da matéria grosseira de que necessitaria absolutamente para emitir juízo certo. Seu ponto de vista deve ser, por conseguinte, bem diferente. Todavia, dá o que lhe é possível, e com isso dá também o melhor com a melhor boa

vontade. Portanto, nem ela nem o médium merecem censura. Por isso tampouco é um espírito mentiroso, visto que só deveríamos distinguir espíritos que sabem e espíritos que não sabem; porque assim que um espírito decai, isto é, tornando-se mais impuro e mais pesado, o seu ponto de vista simultaneamente se restringe também de modo bem natural. Sempre dá e actua conforme ele próprio sente: *e vive apenas por intuições*, não pelo intelecto calculador, o qual não possui mais, uma vez que este estava ligado ao cérebro terreno e, com isso, também a espaço e tempo. Logo que isso deixou de existir com a morte, não havia mais para ele um pensar nem raciocinar, mas apenas um intuir, *um experimentar vivencial imediato e contínuo!*

O erro é dos que ainda querem receber conselhos, sobre coisas terrenas ligadas a espaço e tempo, daqueles que não mais dispõem dessa limitação, não podendo, por isso, também compreender.

Os do Além estão de facto em condições de reconhecer em que direcção, quanto a uma determinada coisa, está o certo e o errado, mas então o ser humano com seus meios auxiliares terrenos, isto é, com o intelecto e com sua experiência, terá de ponderar de que modo poderá seguir o rumo certo. Terá de harmonizar isso com todas as possibilidades terrenas! Essa é *sua* tarefa.

Mesmo quando um espírito muito decaído consegue oportunidade para falar e influir, ninguém poderá declarar que ele mente ou procura orientar errado, mas transmite aquilo que vive, procurando também convencer outros disso. Nada poderá dar de diferente.

Assim, há numerosos erros na concepção dos espíritos.

O “espiritismo” tornou-se muito difamado, não por si próprio, mas por causa da maior parte dos adeptos que, já após poucos resultados, e muitas vezes bem escassos, presumem, entusiasticamente, que o véu já lhes foi removido, desejando então proporcionar aos outros uma ideia da vida de matéria fina por eles mesmos imaginada, criada por uma fantasia desenfreada e correspondendo em primeiro lugar e totalmente aos próprios desejos. Raramente, contudo, tais imagens se coadunam de todo com a verdade!

18. Preso à Terra

Tal expressão vem sendo muito usada. Mas quem é que compreende realmente o que com isso profere? “Preso à Terra” soa como um castigo horrendo. A maioria dos seres humanos sente um certo pavor, atemoriza-se diante daqueles que ainda se acham presos à Terra. Todavia, o sentido desse termo não é tão ruim. Certamente existe muita coisa sombria que deixa esta ou aquela pessoa tornar-se presa à Terra. Predominantemente, porém, são coisas bem simples que têm de levar ao aprisionamento à Terra.

Tomemos por exemplo um caso: os pecados dos pais vingam-se até a terceira e quarta geração!

Uma criança faz em família uma pergunta qualquer sobre o Além ou sobre Deus, o que ouviu na escola ou na igreja. O pai corta logo isso com a observação: “Ora, larga dessa tolice! Quando eu morrer, tudo estará acabado.” A criança fica surpresa e tomada de dúvidas. As manifestações desdenhosas do pai ou da mãe se repetem, a criança também ouve o mesmo por parte de outros e acaba aceitando essa opinião.

Chega, no entanto, a hora do trespasse do pai. Ele reconhece com isso, para seu horror, que não deixou de existir. Despertará nele então o desejo ardente de comunicar esse reconhecimento ao seu filho. Esse desejo liga-o à criança. O filho, porém, não o ouve e não sente a sua presença; porque vive agora na convicção de que o pai não existe mais, e isso se interpõe como uma firme e intransponível parede entre ele e os esforços do seu pai. E o tormento do pai por ter de observar que o filho segue caminho errado por sua iniciativa, o qual o leva cada vez mais longe da verdade, o medo de que o filho, nesse caminho errado, não possa escapar dos perigos de afundar ainda mais e, sobretudo, esteja muito mais facilmente exposto, actua agora simultaneamente nele, como um assim chamado castigo para ele, pelo facto de haver conduzido o filho para esse caminho. Raramente ele consegue transmitir a este o reconhecimento de alguma forma. Ele tem de ver como a ideia errada do filho se retransmite aos filhos deste, e assim por diante, tudo como consequência de seu próprio erro. E não se libertará, enquanto um de seus descendentes não reconhecer e seguir o caminho certo, e também exercer influência sobre os outros, com o que pouco a pouco será libertado e poderá pensar na sua própria escalada.

Um outro caso: um fumador inveterado leva consigo para o outro lado o impulso forte de fumar; pois é *intuição*, portanto, espiritual. Esse impulso torna-se um ardente desejo, e o pensamento para a satisfação do impulso prende-o lá, onde possa alcançar essa satisfação... na

Terra. Encontra-a, seguindo no encalço de fumadores e também desfrutando *com eles através da intuição destes*. Se nenhum carma pesado prender esses tais a outro lugar, sentem-se mais ou menos bem, eles raramente ficam conscientes de um real castigo. Somente aquele que abrange a existência toda reconhece o castigo na inevitável reciprocidade, que faz com que o mesmo não possa subir enquanto o desejo para a satisfação, vibrando constantemente na “vivência”, mantê-lo atado a outros seres humanos que ainda vivem em carne e sangue na Terra, através de cuja intuição, unicamente, pode alcançar satisfação conjunta.

Assim também acontece com a satisfação sexual, com bebidas, sim, até com a predilecção especial por comidas. Igualmente neste caso, muitos estão presos por causa dessa predilecção, devendo vasculhar por adegas e cozinhas, a fim de co-participar através de outrem do saborear das comidas e pelo menos poder sentir uma pequena parte do prazer. Considerando bem, isso constitui logicamente um “castigo”. Mas o desejo premente dos “que se acham presos à Terra” não os deixa intuir isso, pelo contrário, domina tudo o mais e por isso o anseio pelas coisas mais elevadas, mais nobres, não pode tornar-se tão forte, que chegue a ser uma vivência dominante, que os liberte desse modo dos outros desejos e eleve-os. O que realmente perdem com isso, eles nem o percebem, até que esse desejo de satisfação, que aliás apenas pode constituir uma pequena parte da satisfação através de outrem, acaba afrouxando e enfraquecendo como um lento desacostumar-se, dando margem, assim, a que outras intuições neles latentes, e com menor força de desejo, lentamente avancem até o mesmo lugar e depois até o primeiro lugar, com o que chegam, de imediato, ao vivenciar e com isso à força da realidade. A espécie das intuições avivadas o conduz então para lá onde se acha a igual espécie, quer de nível mais alto ou mais baixo, até que também esta, como a anterior, pouco a pouco seja resgatada pelo desacostumar-se e venha a se evidenciar outra, que ainda existe. Assim, com o tempo, realiza-se a purificação das numerosas escórias que ele levou para o Além. Acaso não permanecerá lá detido em algum lugar por uma última intuição? Ou empobrecido de força intuitiva? Não! Porque quando finalmente as intuições inferiores, pouco a pouco, morrerem ou forem abandonadas, seguindo em rumo ascendente, desperta a saudade contínua por coisas cada vez mais elevadas e puras, e esta impele permanentemente para cima. Assim é o andamento *normal*! Há, porém, milhares de incidentes. O perigo de queda ou de detenção é muito maior do que em carne e sangue na Terra. Se já te encontras em plano mais elevado e cedés ante alguma intuição inferior por um momento que seja, tal intuição tornar-se-á imediatamente um vivenciar e, com isso, realidade. Tornas-te mais denso e serás mais pesado, cairás para regiões de igual espécie. Teu horizonte se restringe com isso e terás de te esforçar nova e lentamente para cima, se não te acontecer que caias mais baixo, sempre mais baixo. “Velai e orai!”, portanto, não é uma expressão vazia. Agora a matéria fina existente em ti ainda se acha protegida por teu corpo, sustentada como que por uma firme âncora. Quando ocorrer o desenlace, na assim chamada morte e decomposição do corpo,

estarás então sem essa protecção e, por ser de matéria fina, serás irresistivelmente atraído pela igual espécie, seja elevada ou baixa, não poderás fugir. Somente uma grande força propulsora poderá ajudar-te a subir, tua firme vontade para as coisas elevadas, boas, que se torna saudade e intuição e, com isso, também vivenciar e realidade, segundo a lei do mundo de matéria fina, que só conhece intuição. Por isso, trata de preparar-te, para desde já iniciares com essa vontade, para que na ocasião da transição, que pode atingir-te a qualquer hora, essa vontade não possa ser subjugada por desejos terrenos demasiado fortes! Acautela-te, criatura humana, e vigia!

19. A abstinência sexual é necessária ou aconselhável?

Quando as criaturas humanas tiverem finalmente se livrado do erro das vantagens da abstinência sexual, haverá também muito menos infelicidade. A abstinência forçada é uma transgressão que pode vingar-se amargamente. As leis na Criação inteira, para onde quer que se olhe, mostram o caminho de forma suficientemente nítida. Supressão é antinatural. E tudo quanto é antinatural vem a ser uma revolta contra as leis naturais, isto é, divinas, o que, como em todas as coisas, também aqui não poderá trazer boas consequências. E justamente nesse exacto ponto não é feita uma excepção. O ser humano somente não deve deixar-se dominar pelo desejo sexual, não deve tornar-se escravo de seus desejos, senão ele os transforma em paixão, com que o natural, saudável, torna-se vício doentio.

O ser humano deve colocar-se *acima disso*, isto é: não por acaso forçar a abstinência, mas exercer um controle com moral interior pura, para evitar males a si mesmo e a outrem.

Se um ou outro supõe elevar-se mais espiritualmente através de abstinência, pode facilmente suceder-lhe que com isso consiga justamente o contrário. Segundo sua disposição, manter-se-á mais ou menos constantemente em luta com seus impulsos naturais. Essa luta lhe absorve grande parte de suas energias espirituais, portanto, mantém-nas atadas, com o que não podem actuar de outro modo. Dessa maneira fica impedido um livre desabrochar das forças espirituais. Tal pessoa sofre, de tempos em tempos, de graves opressões anímicas que lhe impedem uma alegre elevação interior.

O corpo é uma dádiva confiada pelo Criador, que o ser humano tem obrigação de cuidar. Da mesma forma como ele não pode abster-se impune das exigências do corpo pela comida, pela bebida, pelo descanso e pelo sono, pelo esvaziamento da bexiga e dos intestinos, da mesma forma como a falta de ar fresco e a insuficiente movimentação logo se fazem sentir desagradavelmente, de modo idêntico não poderá também interferir nas exigências sadias de um corpo maduro para a actividade sexual, sem que com isso acarrete algum dano para si.

A satisfação das necessidades naturais do corpo só pode beneficiar o ser humano interiormente, isto é, o desenvolvimento do espiritual, jamais estorvar, do contrário o Criador nunca a teria instituído. Mas como em tudo o mais, também aqui todo o excesso é prejudicial. Deve-se observar atentamente que essa exigência não seja acaso apenas a consequência de uma fantasia atizada artificialmente, de um corpo enfraquecido ou de nervos superexcitados por leituras ou outras causas. Tem de tratar-se realmente apenas da exigência de um corpo saudável, a qual absolutamente não se manifesta ao ser humano de modo mui frequente.

Isso só se dará quando existir previamente uma completa harmonia espiritual entre os dois sexos, a qual por fim tende às vezes também para uma união corporal.

Todos os outros motivos são para ambas as partes degradantes, impuros e imorais, *mesmo no matrimónio*. Ali onde não houver harmonia espiritual, a continuação de um casamento se tornará absoluta imoralidade.

Se a regulamentação social ainda não encontrou nisso um caminho certo, tal falha não altera em nada as leis naturais, que jamais se orientarão segundo as disposições humanas e conceitos erroneamente doutrinados. Aos seres humanos nada mais restará, senão terminar ajustando suas instituições estatais e sociais às leis naturais, isto é, às leis divinas, se realmente quiserem sanar e ter paz interior.

A abstinência sexual também nada tem a ver com a castidade. A abstinência poderia no máximo ser enquadrada no conceito de “decência”, oriunda de autodisciplina, educação ou autocontrole.

Como legítima castidade deve-se compreender a *pureza dos pensamentos*, porém em *todas* as coisas, até mesmo nos pensamentos profissionais. A castidade é uma característica puramente espiritual, não física. Também na satisfação do acto sexual a castidade pode ser mantida plenamente pela pureza mútua dos pensamentos.

Além disso, a união corporal não tem como finalidade apenas a fecundação, mas deve realizar-se aí o não menos valioso e necessário processo de uma fusão íntima e uma permuta de fluídos mútuos para maior desenvolvimento de forças.

20. O Juízo Final

O mundo! Quando o ser humano emprega esta palavra, na maioria das vezes articula-a impensadamente, sem chegar a fazer uma ideia de *como* esse, por ele chamado de mundo, realmente é. Contudo, muitas pessoas que procuram imaginar algo definido neste sentido, vêem mentalmente inúmeros corpos celestes de constituição e tamanho os mais diversos, ordenados em sistemas solares, percorrendo suas determinadas órbitas no Universo. Sabem que, com o desenvolvimento de instrumentos mais fortes e de mais longo alcance, sempre novos e mais corpos celestes irão se tornando visíveis. O ser humano mediano compraz-se então com a palavra “infinito”, com o que inicia nele o erro de uma noção *falsa*.

O mundo não é infinito. Ele é a Criação, isto é, a *obra* do Criador. Esta obra, como todas as demais, encontra-se *ao lado* do Criador, e é, como tal, limitada.

Os assim chamados progressistas frequentemente sentem-se orgulhosos em possuir o reconhecimento de que Deus repousa na Criação toda, em cada flor, em cada rocha, e de que a força propulsora da natureza seja Deus, por conseguinte, tudo o que é imperscrutável, que se torna perceptível, mas que não é possível se compreender realmente. Uma força primordial permanentemente actuante, a fonte de forças que eternamente se renova e se desenvolve por si própria, a Luz primordial inenteal. Cuidam-se sumamente avançados na concepção de que Deus, por ser uma força propulsora que, penetrando em tudo, agindo sempre com a única finalidade do desenvolvimento para a perfeição, pode ser achado e encontrado por toda parte.

Isto, porém, é certo apenas em determinado sentido. Encontramos na Criação inteira apenas a Sua vontade e, com isso, o Seu espírito, Sua força. Ele próprio encontra-se muito acima da Criação. A Criação, como Sua obra, como a expressão de Sua vontade, fora submetida, já na hora do surgimento, às leis imutáveis do formar e decompor; pois aquilo que nós chamamos de leis da natureza é a vontade criadora de Deus que, actuando continuamente, forma e desfaz mundos. Essa vontade criadora é *uniforme* em toda a Criação, à qual pertencem, como *uma só coisa*, os mundos de matéria fina e de matéria grosseira. E essa Criação toda é, como uma *obra*, não apenas limitada como qualquer obra, mas também efêmera! A uniformidade incondicional e inamovível das leis primordiais, isto é, da vontade primordial, acarreta que nos mínimos fenómenos da Terra de matéria grosseira tudo sempre se desenrola exactamente como tem de ocorrer em qualquer fenómeno, portanto, também nos mais gigantescos acontecimentos da Criação inteira, e como na própria génese.

A forma rigorosa da vontade primordial é singela e simples. Encontrá-la-emos facilmente, uma vez reconhecida, em todas as coisas. A causa da confusão e da incompreensibilidade de muitos fenómenos reside apenas no múltiplo entrelaçamento dos desvios e atalhos, formados pelo diferente querer dos seres humanos.

A obra de Deus, o mundo, está, portanto, como Criação, sujeita às leis divinas, que em tudo permanecem uniformes e perfeitas, também delas se originou e, por conseguinte, é limitada.

O artista está, por exemplo, também na sua obra, identifica-se com ela e apesar disso encontra-se pessoalmente ao lado dela. A obra é restrita e efémera, mas nem por isso o é a capacidade do artista. Este, portanto, o criador da obra, pode destruir a mesma, na qual reside sua vontade, sem que ele próprio venha a ser atingido. Não obstante isso, continuará sendo sempre o artista. Reconhecemos e encontramos o artista na sua obra, e ele se nos torna familiar, sem que seja necessário tê-lo visto pessoalmente. Temos as suas obras, sua vontade jaz dentro delas e actua sobre nós, por intermédio delas ele vem ao nosso encontro, podendo, todavia, viver por si, longe de nós.

O artista auto-criador e sua obra reflectem uma fraca imagem da relação entre o Criador e a Criação.

Eterno e sem fim, isto é, infinito, é apenas o *circular* da Criação, no seu ininterrupto formar, perecer, para outra vez tomar nova forma.

Nesses acontecimentos se cumprem também todas as revelações e promessas. Por último cumprir-se-á nisso para a Terra também o “Juízo Final”!

O Juízo Final, isto é, o *último* Juízo, chega uma vez para *cada* corpo sideral material, isso, porém, não ocorre ao mesmo tempo em toda a Criação.

Trata-se dum fenómeno necessário naquela respectiva parte da Criação, a qual já tenha, em seu circuito, atingido o ponto em que sua dissolução deve começar, a fim de poder tomar nova forma no caminho a seguir.

Por este circular eterno não se entende o ciclo rotativo da Terra e de outros astros em torno de seus sóis, mas sim o grande e mais poderoso círculo que por sua vez todos os sistemas solares devem percorrer, enquanto eles ainda executam em si, de forma especial, seus próprios movimentos.

O ponto, no qual deve principiar a dissolução de cada corpo sideral, está fixado com precisão, novamente com base na consequência lógica de leis naturais. Trata-se dum lugar bem determinado no qual *deve* operar-se o processo da decomposição, independentemente do estado do respectivo corpo sideral e de seus habitantes. De modo irresistível, o movimento circular impele cada corpo sideral nessa direcção e sem retardamento cumprir-se-á a hora de sua decomposição que, como em tudo na Criação, significa na realidade somente uma transformação, a oportunidade para uma evolução progressiva. Então terá chegado aí a hora da “decisão” para cada ser humano. Ou ele será elevado à Luz, caso aspire ao espiritual, ou ficará acorrentado à matéria a que está aderido, caso declarar, por convicção, serem de valia apenas coisas materiais. Em tal caso, de acordo com a lei, não conseguirá elevar-se da matéria, em consequência da sua própria vontade, e será arrastado com ela no último trecho do caminho para a decomposição. Isto é então a morte espiritual! Equivale a ser riscado do Livro da Vida. Este processo, em si totalmente natural, é denominado também condenação eterna, visto que aquele, que for levado desta forma à decomposição, “terá que deixar de existir”, ele será pulverizado e misturado à semente primordial, impregnando-a ainda após a decomposição com forças espirituais. Nunca mais poderá voltar a ser “pessoal”. O mais terrível que pode atingir uma criatura humana. É considerada uma “pedra imprestável”, inaproveitável para uma construção espiritual, devendo por isso ser triturada.

Essa separação do espírito da matéria, ocorrendo também com base em leis e fenómenos totalmente naturais, é o assim chamado “Juízo Final”, que se acha ligado a grandes transformações e mudanças.

Que tal dissolução não se processará *num* dia terrenal, é bem compreensível a cada um; pois nos fenómenos cósmicos mil anos são como um dia.

Contudo, já nos encontramos no limiar desse período. A Terra está chegando agora ao ponto em que se afastará da órbita de até então, fenómeno este que se fará sentir fortemente também na matéria grosseira. Então se estabelecerá cada vez mais intensamente a separação entre todos os seres humanos, separação esta que já foi preparada nos últimos tempos, pronunciando-se por enquanto apenas em “opiniões e convicções”.

Por esta razão, cada hora de uma existência terrena é mais preciosa do que nunca. Quem procura com sinceridade e quer aprender, este que se desprenda com todos os esforços de pensamentos baixos, os quais têm de acorrentá-lo às coisas terrenas. Senão correrá o perigo de permanecer aderido à matéria e de com ela ser arrastado à dissolução total. Já aqueles, contudo, que aspiram pela Luz, serão pouco a pouco desprendidos da matéria e por fim elevados para a pátria de todo o espiritual.

Então estará definitivamente realizada a separação entre a Luz e as trevas, e cumprido o Juízo.

“O mundo”, isto é, a Criação inteira, não perecerá nisso, porque os corpos siderais só serão arrastados para o processo de decomposição quando em seu curso alcançarem o ponto em que a dissolução e com esta a prévia separação devam processar-se. O início para isso já está em andamento para a Terra, em breve tudo movimentar-se-á para diante com passos gigantescos.

A execução irrompe pelo efeito natural das leis divinas, que desde os primórdios da Criação nela residiam, que originaram a própria Criação e que também hoje e no futuro sustentam firmemente a vontade do Criador. No eterno circular é um ininterrupto criar, semear, amadurecer, colher e desintegrar, a fim de, na mudança da combinação, tomar novamente, revigorado, outras formas, que se movimentam ao encontro de um novo circular.

Pode-se imaginar esse circular da Criação como um colossal funil ou uma enorme cavidade de espécie fino-material, por onde irrompe, numa torrente incessante, a semente primordial igualmente fino-material que, em movimentos circulatorios, vai em busca de nova combinação e desenvolvimento. Tal qual a ciência já sabe e já descreveu acertadamente. Espessas névoas, tornando-se grosso-materiais, formam-se mediante fricção e fusão, constituindo-se dessas, por sua vez, corpos siderais que se agrupam, pelas irretorquíveis leis, em segura consequência lógica, em sistemas solares e que, em seu próprio movimento circular, acompanharão unidos o grande circular, que é o eterno. Assim como no fenómeno visível aos olhos terrenos, advêm da semente o desenvolvimento, a formação, a maturação e a colheita, ou a desintegração, o que tem como consequência uma transformação, uma decomposição para um posterior desenvolvimento, quer se trate de plantas, corpos animais ou humanos, exactamente assim é também nos grandes fenómenos universais. Os corpos siderais, visíveis na matéria grosseira, que carregam consigo um ambiente de matéria mais fina muito maior, portanto, não visível aos olhos terrenos, acham-se submetidos a idêntico fenómeno em seu eterno circular, porque neles actuam as mesmas leis.

A existência da semente primordial não pode ser negada nem mesmo pelo mais fanático céptico, contudo, não pode ser notada por nenhum olho terreno, porque se trata de outra matéria, do “Além”. Chamemo-la de novo, calmamente, de matéria fina.

Também não é difícil compreender que, de modo natural, o mundo que *primeiramente* se forma dela é igualmente de matéria fina e não é reconhecível aos olhos terrenos. Somente o sedimento *mais grosseiro* que *depois* resulta disso, partindo e dependendo do mundo de

matéria fina, é que forma, pouco a pouco, o mundo de matéria grosseira com seus corpos de matéria grosseira, e *tão-só isso* pode ser observado desde os mínimos inícios com os olhos terrenos e com todos os meios auxiliares de matéria grosseira que a ela pertencem. Agora, tratando-se de moléculas, de elétrons ou de outras coisas, farão parte, sempre, apenas das precipitações mais grosseiras do mundo fino-material, que já muito antes teve suas formas prontas e sua vida.

O mesmo acontece com o invólucro do verdadeiro ser humano, em sua espécie espiritual, de que virei a falar ainda. Em suas peregrinações através dos mundos de espécies diferentes, suas vestes, manto, invólucro, corpo ou ferramenta, enfim, seja lá qual for o nome que se queira dar ao invólucro, tudo terá de adquirir a espécie de matéria idêntica à do respectivo ambiente em que ingressa, a fim de servir-se dele como protecção e meio auxiliar necessário, se quiser ter a possibilidade para agir *directamente* nela de modo eficaz. Todavia, como o mundo de matéria grosseira origina-se e depende do mundo de matéria fina, disso resulta também o efeito retroactivo de todos os acontecimentos do mundo de matéria grosseira para o de matéria fina.

Esse grande ambiente de matéria fina também foi criado da semente primordial, portanto, acompanha o circular eterno, acabando também por ser aspirado e arrastado para o lado posterior do gigantesco funil já mencionado, onde se processa a decomposição, para ser expelido do outro lado como semente primordial, para novo ciclo. Como na actividade do coração e na circulação do sangue, assim o funil é como o coração da Criação. O processo de decomposição atinge, por conseguinte, a Criação inteira, inclusive a parte de matéria fina, visto que *tudo* torna a dissolver-se em semente primordial, para um novo formar-se. Em nenhuma parte se encontra uma arbitrariedade, pelo contrário, tudo se processa segundo a lógica consequência das leis primordiais, que não admitem outro caminho. Por isso, num determinado ponto do grande circular, chega para tudo o que foi criado, quer seja de matéria grosseira ou fina, o momento em que o processo de decomposição daquilo que foi criado, prepara-se de maneira autónoma, e por fim irrompe.

Esse mundo de matéria fina é, pois, o lugar de permanência transitória para as pessoas terrenamente falecidas, o assim chamado Além. Acha-se estreitamente interligado com o mundo de matéria grosseira, que faz parte dele, que é um todo com ele. No momento do falecimento, o ser humano ingressa com o seu corpo de matéria fina, que traz junto com o de matéria grosseira, no ambiente de igual espécie fino-material, que envolve o mundo de matéria grosseira, ao passo que deixa neste o seu corpo de matéria grosseira. Esse mundo de matéria fina, pois, o Além, pertencente à Criação, está sujeito às mesmas leis de contínuo desenvolvimento e decomposição. Ao iniciar-se a decomposição, processa-se por sua vez uma

separação entre o espiritual e o material de modo inteiramente natural. Conforme o estado espiritual do ser humano no mundo de matéria grosseira, bem como no de matéria fina, terá o ser humano espiritual, o “eu” propriamente dito, de se movimentar para as alturas ou permanecer acorrentado à matéria. O sincero anseio pela Verdade e pela Luz tornará cada um espiritualmente mais puro e assim mais luminoso, devido à sua simultânea modificação, de modo que essa circunstância o desprenderá de forma natural mais e mais da densa matéria e o impulsionará em direcção às alturas, conforme sua pureza e leveza. Aquele, porém, que só crê na materialidade, mantém-se, devido às suas convicções, ligado à materialidade e nela permanece acorrentado, não podendo por isso ser levado para o alto. Através da decisão do livre-arbítrio de cada um é que se opera agora uma separação entre os que se esforçam para a Luz e os que permanecem ligados às trevas, de acordo com as leis naturais da gravidade espiritual existentes.

Essa separação é o Juízo Final!

Torna-se assim evidente que também haverá um *fim real* para a possibilidade de desenvolvimento das pessoas terrenamente falecidas, no processo de purificação do assim chamado Além. Uma decisão final! Os seres humanos em ambos os mundos ou se tornam de tal modo enobrecidos que possam ser elevados às regiões da Luz, ou permanecem presos devido à sua condição inferior, conforme a própria vontade, sendo finalmente, através disso, atirados à “condenação eterna”, isto é, sofrerão a decomposição junto com a matéria da qual não podem se libertar, sofrem-na com dores, e deixam com isso de ser pessoais. Como debulho arremessado ao vento, eles se dispersarão, sendo com isso riscados do Livro dourado da Vida!

O assim chamado Juízo Final, isto é: o último Juízo, é, por conseguinte, também um processo que se realiza naturalmente pela actuação das leis que mantêm a Criação, de tal maneira que nem poderia dar-se diferentemente. O ser humano recebe também aqui sempre apenas os frutos daquilo que ele próprio quis, portanto, o que provocou mediante suas convicções.

O saber de que tudo o que na Criação ocorre se realiza segundo a mais severa consequência lógica, de que o fio condutor do destino humano é sempre decorrente do próprio ser humano, através de seus desejos e de sua vontade, de que o Criador não interfere observando, a fim de recompensar ou castigar, não diminui a grandeza do Criador, mas sim somente pode dar motivo para imaginá-Lo ainda muito mais sublime. A grandeza reside na *perfeição* da Sua obra, e esta obriga à respeitosa contemplação, visto que o maior amor e a mais incorruptível justiça devem estar contidos tanto nos acontecimentos máximos como nos

mínimos, sem diferença. Grande é também o ser humano, colocado como tal dentro da Criação, como senhor do seu próprio destino! Ele pode, por si, mediante sua vontade, erguer-se para fora da obra e contribuir para o mais elevado desenvolvimento desta; como também pode degradá-la e nela enredar-se, sem jamais poder desvencilhar-se, seguindo com ela ao encontro da dissolução, quer seja no mundo de matéria grosseira, quer no de matéria fina. Por isso, lutai para livrar-vos de todos as ataduras dos baixos sentimentos; pois o tempo urge! Aproxima-se a hora do término do prazo! Despertai em vós o anseio pelo que é puro, verdadeiro e nobre! —

Muito acima do eterno circular da Criação paira no meio, como uma coroa, uma “Ilha Azul”, o lar dos abençoados, dos espíritos purificados, que já podem permanecer nas regiões da Luz! Essa ilha jaz separada do mundo. Por conseguinte, também não acompanha o circular, porém, não obstante a altura em que jaz acima da Criação circulante, constitui o apoio e o ponto central, donde emanam as forças espirituais. É a ilha que contém em seu ponto elevado a tão enaltecida cidade das ruas de ouro, a celeste Jerusalém. Lá, nada mais está sujeito à transformação. Não há que temer mais nenhum Juízo Final. Aqueles que podem permanecer lá, encontram-se na “pátria”. Como último, porém, nessa Ilha Azul, como o mais elevado então, existe, inacessível para os não-autorizados, o... Castelo do Graal, já mencionado tantas vezes em poesias!

Envolto em lendas, como anseio de incontáveis criaturas, ele paira acolá no fulgor da suprema magnificência e abriga o cálice sagrado, o símbolo ^(*Emblema) do puro amor do Omnipotente, o Graal!

Como guardiões foram eleitos os mais puros dos espíritos, que se encontram mais perto do trono do Altíssimo. São os portadores do amor divino em sua forma mais pura, que é substancialmente diferente do que os seres humanos na Terra o imaginam, embora o vivenciem toda hora e todo dia. Esse Castelo forma o portal para os degraus do trono do Supremo. Ninguém consegue chegar aos degraus, sem ter percorrido o Castelo do Graal. Rigorosa é a guarda ante o portal dourado, severa e inflexível, para que a pureza do Graal permaneça conservada, com o que ele pode derramar a bênção sobre todos os que procuram.

Através de revelações, a notícia da existência desse Castelo desceu por muitos degraus o longo percurso, da Ilha Azul através do mundo de matéria fina, até chegar finalmente, devido à inspiração aprofundada de alguns poetas, aos seres humanos da Terra de matéria grosseira. De degrau em degrau transmitida mais para baixo, aquilo que é verdade acabou sofrendo, também involuntariamente, várias desfigurações, de modo que a última transmissão pôde permanecer somente um reflexo várias vezes turvado, que se tornou a causa de muitos erros.

Contudo, quando duma parte da grande Criação sobe até o Criador uma súplica ardente por causa de grande sofrimento, então é enviado um servo do cálice para, como portador desse amor, intervir auxiliando na aflição espiritual. Assim, aquilo que apenas como mito e lenda flutua na obra da Criação, entra então de modo vivo nela! Todavia, tais missões não se realizam com frequência. São sempre acompanhadas de incisivas modificações, grandes transformações. Na maioria das vezes, milénios as separam. Tais mensageiros trazem Luz e Verdade aos que perderam o caminho, paz aos desesperados, estendem a mão com sua mensagem a todos quantos buscam, reúnem todos os fiéis para lhes oferecer nova coragem e nova energia, e guiá-los através de toda a escuridão para cima, rumo à Luz.

Chegam somente para aqueles que anseiam por auxílio da Luz, e não, porém, para os zombadores e presunçosos. A próxima vinda de um enviado do Graal dessa espécie seja um sinal para todos os que procuram, para, com força, cobrarem ânimo para o bem, o nobre; pois advertirá para o Juízo inevitável, que terá de vir um dia como o Juízo Final. Feliz aquele que então não mais permanecer atado à materialidade devido à mente limitada, para que possa ser elevado para a Luz!

21. A luta

De uma renhida defrontação de duas concepções do mundo não se podia falar até agora. A expressão luta é, portanto, inadequadamente escolhida para o que ocorre realmente entre os seres humanos de intelecto e os que buscam com sinceridade a Verdade. Tudo quanto aconteceu até agora consistiu em ataques unilaterais dos seres humanos de intelecto, ataques esses que para os observadores serenos têm de parecer visivelmente infundados e muitas vezes ridículos. Contra todos aqueles, que procuram se desenvolver espiritualmente cada vez mais para o alto, irrompem zombarias, hostilidades e até mesmo perseguição da pior forma, mesmo que conservem serena reserva. Há sempre alguns que tentam, com escárnio ou com violência, reter os que se esforçam para cima, e arrastá-los para baixo, para a sonolência apática ou para a hipocrisia das massas. Muitos tinham, com isso, que se tornar autênticos mártires, porque não somente a grande maioria humana como também os poderes terrenos estavam do lado das criaturas humanas de intelecto. E o que estas podem dar já se acha nitidamente indicado na palavra “intelecto”. Isto é: limitação estreita da capacidade de compreensão, visando ao puramente terreno, portanto, à parte mais ínfima da verdadeira existência.

Que isto não pode de maneira alguma trazer algo de perfeito, aliás, nada de bom, para uma humanidade, cuja existência passa principalmente através de planos que as próprias criaturas humanas de intelecto fecharam para si, é facilmente compreensível. Sobretudo quando se considera que exactamente a diminuta vida terrena deve tornar-se um importante ponto de transição para toda a existência, acarretando incisivas intervenções em outros planos que são para os seres humanos de intelecto completamente incompreensíveis. A responsabilidade dos seres humanos de intelecto, já profundamente decaídos, cresce desse modo para dimensões enormes; ela contribuirá como imensa pressão para comprimi-los cada vez mais e mais depressa ao encontro do alvo escolhido, para que eles finalmente sejam obrigados a usufruir os frutos daquilo que propagaram com tenacidade e presunção.

Sob seres humanos de intelecto deve-se compreender aqueles que se submeteram incondicionalmente ao seu próprio intelecto. Estes julgaram, desde milénios, e de maneira esquisita, possuir um direito absoluto de impor suas convicções restritas, usando da lei e da violência, também sobre aqueles que desejavam viver de conformidade com outra convicção. Essa arrogância totalmente ilógica reside, por sua vez, apenas na restrita capacidade de compreensão dos seres humanos de intelecto, a qual não consegue elevar-se mais alto. Exactamente a limitação lhes traz um assim chamado clímax de compreensão, facto pelo qual têm de surgir tais ilusões presunçosas, por acreditarem que se encontram realmente nas alturas

máximas. Para eles próprios, isso também é assim, pois chega ali o limite que não conseguem transpor.

Seus ataques contra os que buscam a Verdade mostram, contudo, na odiosidade tantas vezes incompreensível, se observados mais de perto, nitidamente o brandir do chicote das trevas atrás deles. Raramente se encontra algo de intenção sincera nessas investidas hostis, que pudesse justificar, mais ou menos, a maneira do tão abominável procedimento. Na maioria dos casos trata-se de um desencadear de cólera cega, à qual falta qualquer lógica verdadeira. Basta examinar com toda a calma tais ataques. Quão raro é aí um artigo, cujo conteúdo mostra a tentativa de se aprofundar de forma realmente *objectiva* nas palestras ou nas dissertações de um buscador da Verdade.

Totalmente surpreendente evidencia-se a inconsistente mediocridade dos ataques sempre justamente no facto que estes nunca são mantidos *absolutamente objectivos*! Constituem sempre, às claras ou às escondidas, conspirações à *pessoa* do pesquisador da Verdade. *Age dessa forma só mesmo quem não é capaz de contrapor nada objectivamente*. Um buscador ou portador da Verdade não se dá *pessoalmente*, mas traz aquilo que *diz*.

A palavra deve ser submetida a exame, e não a *pessoa*! Mas é costume dos seres humanos de intelecto que se procure primeiro focalizar a pessoa, para depois considerar se podem dar ouvidos às suas palavras. Estes, em sua estreita limitação da capacidade de compreensão, *precisam* de tal apoio exterior, porque têm de se agarrar a exterioridades, a fim de não se confundirem. Eis a construção vazia que eles levantam e que é inaproveitável aos seres humanos, um grande estorvo para o progresso. Se no íntimo dispusessem dum apoio seguro, então deixariam simplesmente falar facto contra facto, e excluiriam nisso as pessoas. Isso, todavia, não conseguem. Evitam isso, também, intencionalmente, porque pressentem ou sabem em parte que num torneio bem organizado logo cairiam da sela. A frequente alusão irónica a “pregador leigo” ou “interpretações de leigos” põe à mostra algo tão ridiculamente presunçoso, que cada ser humano sensato logo intuirá: “Emprega-se aqui um escudo, a fim de esconder por todos os meios um estado oco. Tapar o próprio vazio com um letreiro barato!”

Uma estratégia tosca, que não pode se manter por muito tempo. Ela tem por objectivo colocar de antemão os buscadores da Verdade, que podem se tornar incómodos, num degrau “inferior” perante os olhos dos próximos, senão até a uma classe ridícula ou no mínimo na de “charlatões”, para que não sejam levados a sério. Com tal procedimento visam impedir que haja quem se ocupe seriamente com as palavras apresentadas. O motivo desse procedimento não decorre, porém, da preocupação de que os demais seres humanos possam ser impedidos, por doutrinas falsas, de sua escalada íntima, mas por um vago receio de perderem influência e

assim serem obrigados a se aprofundar mais do que até então, precisando modificar muito do que até agora devia ser considerado como intocável e era cómodo.

Justamente essa frequente referência a “leigos”, esse esquisito olhar de pouco caso para aqueles que, através de sua intuição fortalecida e mais influenciada, encontram-se muito mais perto da Verdade, pessoas que não ergueram muros através das rígidas formas do intelecto, são factores que põem a descoberto uma fraqueza, cujos perigos não podem passar despercebidos a nenhum perscrutador. *Quem professa tais opiniões está desde logo excluído da possibilidade de ser um mestre e um guia não influenciado*; pois se encontra assim muito mais afastado de Deus e de Sua obra do que quaisquer outros. O saber do desenvolvimento das religiões com todos os erros e falhas não leva os seres humanos para mais perto de Deus, o mesmo se dando com a interpretação intelectual da Bíblia ou de outros escritos valiosos das diferentes religiões. O intelecto está e permanece ligado a espaço e tempo, portanto, preso à Terra, ao passo que a divindade e, por conseguinte, também o reconhecimento de Deus e de Sua vontade está acima de tempo e espaço e de tudo quanto é transitório, nunca podendo por essa razão ser compreendido pelo limitado intelecto. Por esse simples motivo, o intelecto também não é destinado a trazer elucidação em valores eternos. Contradizer-se-ia a si próprio. Assim, pois, quem nestes assuntos se vangloria de qualificações universitárias, querendo desprezar as pessoas que não se deixam influenciar, já comprova sua incapacidade e estreiteza. As pessoas que pensam intuirão imediatamente a unilateralidade e empregarão a cautela em relação àquele, que de tal maneira as põe de sobreaviso!

Somente os convocados podem ser legítimos mestres. E convocados são aqueles que trazem em si a capacitação. Tais dons de capacitação não requerem, contudo, formação universitária, e sim vibrações duma capacidade intuitiva mais apurada que consegue se elevar acima de espaço e tempo, isto é, acima dos limites da compreensão do intelecto terreno.

Além disso, todo ser humano interiormente livre sempre dará valor a uma coisa ou a uma doutrina pelo *que* ela traz, e não por *quem* a apresenta. Esta última hipótese é, para aquele que examina, um testemunho de pobreza como não pode ser maior. Ouro é ouro, quer esteja nas mãos de um príncipe, quer nas de um mendigo.

Essa irrevogável realidade, porém, procura-se omitir e alterar com tenacidade, justamente nas coisas mais preciosas do ser humano espiritual. Evidentemente com tão pouco resultado como no caso do ouro. Pois aqueles que realmente procuram com sinceridade não se deixam influenciar por tais distrações, no sentido de examinar a questão pessoalmente. Já os que se deixam influenciar por isso ainda não estão amadurecidos para o recebimento da Verdade, ela não é para eles.

Contudo, distante não está a hora em que deve começar uma luta que até aqui faltava. A unilateralidade acabará, e virá um confronto rigoroso, destruindo todas as falsas presunções.

22. Formas de pensamento

Sentai-vos em qualquer restaurante ou bar e observai lá as mesas ocupadas ao vosso redor. Prestai atenção às conversas. Ouvi o que as pessoas têm a se dizer. Frequentai famílias, observai vosso ambiente mais próximo nas horas de lazer, quando o trabalho não mais pressiona.

Com espanto verificareis a vacuidade de tudo sobre o que as pessoas conversam, quando não podem falar a respeito de suas ocupações em geral. Intuireis, até a aversão, o vazio dos pensamentos, a estreiteza opressora do círculo de interesses, como também a assustadora superficialidade, tão logo vos ocupardes uma vez de modo sério com aguçada observação. As poucas exceções que então encontrareis, cujas palavras *em horas de lazer* da vida quotidiana se acham perpassadas de anseio pelo aperfeiçoamento da alma, parecer-vos-ão até solitários estranhos em meio à turbulência de um parque de diversões.

Exactamente nas assim chamadas horas de lazer é que conseguireis reconhecer com maior facilidade o íntimo verdadeiro do ser humano, depois que o apoio externo e o campo específico de seus conhecimentos cessam com o afastamento de suas actividades profissionais costumeiras. O que *então* restar é o autêntico indivíduo. Olhai para ele, escutai atentamente suas palavras como desinteressados. Em breve interrompereis as observações, porque a vós se tornarão insuportáveis. Profunda tristeza virá sobre vós quando reconhecerdes quantos seres humanos não são muito diferentes dos animais. Não tão broncos, com maior capacidade mental, em linhas gerais, porém, idênticos. Como que providos de antolhos (*palas), atravessam unilateralmente a existência terrena, vendo diante de si sempre apenas o mero terrenal. Preocupam-se com a comida, com a bebida, tratam de acumular quantidade maior ou menor de valores terrenos, esforçam-se por prazeres corporais e consideram quaisquer reflexões sobre coisas que não podem ver como desperdício de tempo, o qual, na opinião deles, é bem melhor empregado em “recreação”.

Não podem, nem jamais compreenderão que a existência terrena, com todos os seus prazeres e alegrias, só obterá real conteúdo quando se estiver de certo modo familiarizado com o mundo de matéria fina a isso pertencente, se conhecer os efeitos recíprocos que a ele nos ligam e, com isso, não ter mais a sensação de estar entregue a acasos. Repelem isso para longe de si, na falsa concepção de que, se existisse realmente um mundo de matéria fina, dele só lhes poderiam advir incómodos ou também pavores, tão logo com ele se ocupassem.

Estranha lhes é a ideia de que toda a vida terrena só adquire valor real com o anseio por algo mais elevado, e que, com isso, o mais maravilhoso calor de vida também pulsa através de todas as alegrias e prazeres terrenos. Não, por acaso, colocando estes de lado, mas proporcionando ardente afirmação de vida, como o mais belo efeito recíproco, aos que anseiam por algo mais puro e mais elevado e aos que procuram sinceramente, o que muitas vezes ressoa em jubiloso entusiasmo por tudo o que existe e se oferece.

Tolos, os que passam por tudo isso! Covardes, aos quais as maravilhosas alegrias de um progredir corajoso permanecerão sempre negadas.

Rejubilai-vos, portanto, pois tudo em vossa volta *vive*, estendendo-se a paragens aparentemente imensuráveis! Nada está morto, nada vazio como aparenta. Tudo actua e tece na lei da reciprocidade, em cujo centro vos encontrais como seres humanos, para formar de novo os fios e dirigi-los, como pontos de partida e metas finais. Poderosos regentes, dos quais cada um individualmente forma seu reino, para que o eleve ou o soterre. Despertai! Utilizai o poder que vos foi dado, no pleno conhecimento do acontecimento gigantesco, para que, como agora, por estupidez, teimosia ou mesmo por indolência, não gereis apenas monstros nocivos, que superam o sadio e bom, acabando por levar o próprio gerador a oscilar e tombar.

Já o ambiente de matéria fina mais próximo do ser humano consegue contribuir bastante para elevá-lo ou derrubá-lo. Trata-se do singular mundo das formas de pensamentos, cuja vivacidade constitui apenas uma pequena parte da gigantesca engrenagem de toda a Criação. Mas seus fios vão até o que é de matéria grosseira, como também ascendem ao que é de matéria ainda mais fina, porém, igualmente descem ao reino das trevas. Tal qual uma gigantesca rede de veias ou nervos, tudo se acha entretecido e entrelaçado de maneira indestrutível, inseparável! Prestai atenção a isso!

Favorecidos conseguem ver aqui ou acolá uma parte disso, muita coisa, porém, apenas podem pressentir. Dessa forma, pois, alguma coisa já chegou ao conhecimento da humanidade. Estes procuraram prosseguir edificando sobre isso, a fim de obter um quadro completo. Todavia, não deixaram de aparecer erros e falhas. Muitos pesquisadores no campo da matéria fina deram saltos, o que tinha de resultar em perda da ligação. Outros, por sua vez, preencheram lacunas com figuras fantásticas, as quais causaram deformações e deturpações, que necessariamente tiveram de abalar a fé no todo. A consequência foi zombaria justificada que, baseada na falta de lógica dos assim chamados pesquisadores espiritualistas, teve de triunfar.

Já que se deve falar sobre isso, então em primeiro lugar tem de ser estendida uma corda através de todos os acontecimentos na obra da Criação, na qual o observador possa segurar-se e através da qual ele seja capaz de se alçar. Muitos fenómenos que lhe são incompreensíveis já encontram seu ponto de partida no ambiente próximo. Um olhar para dentro do mundo das formas de pensamentos devia ensiná-lo a compreender muita coisa que antes lhe parecia inexplicável. Também a justiça executante, ao julgar alguns casos, encontraria como reais causadores bem outros do que os imputados por ela, levando-os em primeiro lugar à responsabilidade. A chave para isso encontra-se na ligação do ser humano individual com o mundo das formas de pensamentos, que se encontra como o mais próximo da humanidade terrena. É, sem dúvida, um benefício para muitos que portem a venda, a qual não lhes deixa ver além do que seus olhos terrenos-corpóreos sejam capazes de abranger. A espécie das actuais formas de pensamentos deixá-los-ia assustados. Pavor paralisante estender-se-ia sobre muitos que agora passam pela vida inescrupulosamente de modo ingénuo ou até leviano. Pois *cada pensamento gerado* adquire logo uma forma, como tudo no mundo de matéria fina, a qual corporifica e apresenta o real sentido desse pensamento.

A força viva criadora que perflui os seres humanos reúne, pela vontade concentrada de um pensamento pronto, o que é de matéria fina e junta-o ligando numa forma que expressa a vontade desse pensamento. Portanto, algo real, vivo, que nesse mundo de formas de pensamentos, devido à lei de atracção da igual espécie, atrai elementos homólogos ou por eles se deixa atrair, conforme sua própria força. Assim como um pensamento, ao irromper, é ao mesmo tempo *co-intuído*, com maior ou menor intensidade, de igual modo a sua forma de matéria fina trará em si *vida* correspondente. Densamente povoado é esse mundo de pensamentos. Centrais inteiras têm se formado pela força de atracção recíproca, das quais, devido às suas forças concentradas, emanam influências sobre os seres humanos.

Em primeiro lugar sempre sobre aqueles que são propensos para a igual espécie, isto é, que contêm em si algo de semelhante. Serão desse modo fortalecidos em sua vontade correspondente e estimulados para a sempre renovada produção de formas semelhantes que, agindo de maneira análoga, entram no mundo das formas de pensamentos.

Mas também outras pessoas que não trazem em si essas particularidades podem ser molestadas por elas e pouco a pouco atraídas para elas, se essas centrais receberem forças inimagináveis através de contínuo e novo afluxo. Só se acham protegidas disso aquelas que possuem algo de outra espécie em maior intensidade, com o que uma ligação com algo não semelhante torna-se impossível.

Infelizmente, na época actual são somente o ódio, a inveja, o ciúme, a cobiça, a avareza e todos os outros males que, devido ao número maior de adeptos, possuem as centrais de força mais poderosas no mundo das formas de pensamentos. Em menor escala a pureza e o amor. Por essa razão o mal cresce, expandindo-se com velocidade sinistra. Ocorre ainda que essas centrais de força das formas de pensamentos, por sua vez, recebem ligações com as esferas de igual espécie das trevas. De lá são especialmente ataçadas para uma actividade cada vez maior, de maneira que, progredindo, conseguem provocar verdadeiras devastações entre a humanidade.

Abençoada, portanto, deve ser a hora em que os pensamentos de puro amor divino adquirem novamente um lugar mais amplo entre a humanidade, para que assim se desenvolvam fortes centrais de igual espécie no mundo das formas de pensamentos, que possam receber reforços das esferas mais luminosas e com isso não apenas propiciar fortalecimento aos que almejam o bem, mas também actuar lentamente, de modo purificador, sobre os ânimos mais escurecidos.

Pode-se, porém, observar também ainda uma outra actividade nesse mundo de matéria fina: formas de pensamentos são impelidas pela vontade do gerador em direcção a determinadas pessoas, às quais podem aderir. Tratando-se de formas de pensamentos de espécie pura e nobre, constituem elas um embelezamento da pessoa visada, reforçam ao seu redor a protecção da pureza, e podem, pela semelhança das intuições interiores, elevá-la ainda mais e fortalecê-la para a ascensão. Mas pensamentos de impureza têm de conspurcar a pessoa visada, da mesma forma que um corpo de matéria grosseira se torna sujo pelos arremessos de imundície e lodo. Se uma pessoa assim atingida não estiver interiormente bem ancorada nas centrais de correntes luminosas, pode suceder-lhe que sua intuição venha a ser perturbada com o tempo, devido a esses arremessos de pensamentos impuros. Isso é possível, porque as formas aderidas de pensamentos impuros conseguem atrair algo de igual espécie, com o que elas, assim robustecidas, envenenam pouco a pouco os pensamentos da pessoa circundada.

É lógico que a responsabilidade maior recai sobre a pessoa que gerou os pensamentos impuros e remeteu-os à pessoa visada por seu desejo ou cobiça; pois as formas de pensamentos também permanecem ligadas a quem as gerou, agindo retroactivamente sobre ela, de modo correspondente.

Por esse motivo deve sempre de novo ser chamada a atenção de todos que procuram sinceramente: “Cuidai da pureza de vossos pensamentos!” Empregai nisso todas as vossas forças. Não podeis imaginar o que criais com isso. Há nisso algo de gigantesco! Com isso

podeis actuar quais vigorosos lutadores, pioneiros em prol da Luz e, conseqüentemente, em prol da libertação dos vossos semelhantes das trepadeiras venenosas que infestam o mundo das formas de pensamentos.

Se fosse agora tirada a venda dos olhos de uma pessoa, de maneira que ela pudesse ver o âmbito mais próximo de matéria fina, a princípio ela depararia atemorizada com uma tremenda confusão que poderia incutir-lhe medo. Mas somente até que reconhecesse a força nela latente, com a qual está apta a abrir livre caminho para si, como se fosse com uma espada afiada. Sem esforços, apenas pela própria vontade. Em centenas de milhares de variedades ela vê as formas de pensamentos, todas as configurações possíveis e para os olhos terrenos muitas vezes impossíveis. Cada uma, porém, expressa nitidamente, mostrando e vivendo exactamente aquilo, que foi a verdadeira vontade por ocasião da geração do pensamento. Sem enfeites, livre de todos os artifícios encobridores.

Mas apesar das milhares de espécies, reconhece-se com o tempo imediatamente a essência de cada forma de pensamento, isto é, sabe-se a que categoria pertencem, apesar de suas configurações diversas. Assim como se pode distinguir pela fisionomia um homem de um animal, ou mesmo as diversas raças humanas por determinadas características fisionómicas, exactamente assim as formas de pensamentos têm expressões bem determinadas, que indicam claramente se a forma pertence ao ódio, à inveja, à cobiça ou a qualquer outra categoria básica. Cada uma dessas categorias básicas possui sua determinada marca, que é impressa nas formas de pensamentos isoladas, como base das características por ela corporificadas, seja qual for a configuração externa que essas formas tenham adquirido pelo pensamento gerador. Assim, portanto, apesar das mais esquisitas desfigurações duma forma em horrendíssimas deformidades, pode-se reconhecer imediatamente a que espécie básica ela pertence. Com esse reconhecimento, também a aparente e desordenada confusão deixa de apresentar-se como tal.

Vê-se a inamovível ordem e o rigor das leis básicas que perfluem toda a Criação, as quais, quando as conhecemos e nos ajustamos ao seu curso, concedem infinita protecção e trazem grandes bênçãos. Mas, quem se opuser a essas leis será naturalmente atacado e sofrerá, quando não derrubado e esmagado, pelo menos dolorosas escoriações que, sob dores e amargas experiências vivenciais, remodelá-lo-ão até que se enquadre à correnteza dessas leis, não significando mais um obstáculo. Somente depois disso é que poderá ser levado para cima.

Essas formas de pensamentos não somente remetem seus efeitos à humanidade, como alcançam ainda mais longe; porque ao âmbito mais próximo desse mesmo mundo de matéria fina pertence também a maior parte dos seres da natureza. Quem já se conformou com o facto

de que tudo vive e, conseqüentemente, que tudo está em formas, seja terrenamente visível ou não, a esse não será difícil imaginar que também forças naturais se acham formadas. A estas pertencem os já vistos por muitos – outrora mais do que agora – gnomos, elfos, silfos, ondinas, etc., entes da terra, do ar, do fogo e da água. Eles são influenciados pelas formas de pensamentos, com o que por sua vez se originam muitos benefícios ou muitos males. E assim por diante. Uma coisa se engrena na outra, como num conjunto de engrenagens de um motor aperfeiçoado ao máximo primor.

Em meio a toda essa engrenagem, porém, encontra-se o ser humano! Provido com os meios para determinar a espécie dos tecidos que devem resultar da actuação na Criação, para manobrar o conjunto das engrenagens em diversas direcções. Tornai-vos conscientes dessa responsabilidade imensurável; pois tudo se desenrola apenas na própria esfera do vosso ambiente terrenal. De acordo com a sábia disposição do Criador, nada disso vai além, mas retorna somente a vós próprios. Conseguis com o vosso desejar, pensar e querer, envenenar o Aquém e o Além da Terra, ou, também, purificando, elevá-los ao encontro da Luz. Por isso, tornai-vos condutores do destino, que leva às alturas, mediante a pureza de vossos pensamentos!

23. Moralidade

Sobre a humanidade paira algo como uma escura nuvem de tempestade. Sufocante está a atmosfera. De modo apático, sob pressão abafada, trabalha a faculdade de intuição de cada um. Excessivamente tensos encontram-se somente os nervos que actuam sobre a vida sensorial e impulsiva do corpo. Estimulados artificialmente pelos erros duma educação falsa, duma concepção errónea e auto-ilusão. A tal respeito o ser humano de hoje não é normal, mas sim traz consigo uma impulsividade sexual doentia, aumentada até dez vezes, que procura exaltar, adorando-a por centenas de formas e maneiras, o que deverá acarretar a perdição da humanidade inteira.

De modo contagioso, transmissível como um hálito pestífero, actua com o tempo também sobre aqueles que procuram prender-se ainda obstinadamente a um ideal, cujos vislumbres ainda enxergam no esconderijo da semi-consciência. Bem que estendem ansiosos seus braços a isso, mas, suspirando, abaixam-nos sempre de novo, sem esperança, desesperados, quando voltam o olhar para o que os cerca. Em caótica impotência vêem, apavorados, com que grande velocidade vai se turvando a visão clara em relação à moralidade e imoralidade, perdendo a faculdade de discernimento, modificando nisso a pauta dos conceitos, de tal modo, que muito daquilo que há pouco tempo teria causado repugnância e desprezo, rapidamente passa a ser admitido como inteiramente natural, já não escandalizando mais. Mas o cálice em breve estará cheio até as bordas. Há de sobrevir um terrível despertar!

Já agora passa, às vezes, por sobre essas massas fustigadas pelos sentidos, como que um repentino e tímido encolhimento, inteiramente irreflectido e inconsciente. A incerteza se apodera por um instante de muitos corações; contudo, não chega a um despertar, a uma intuição nítida de sua actuação indigna. Acode então um zelo redobrado para jogar fora ou então abafar tais “fraquezas” ou “últimos resquícios” de conceitos antiquados. Deve haver progresso a todo custo. Mas progredir é possível em duas direcções. Para cima ou para baixo. Conforme a escolha feita. E como está agora, conduz com velocidade sinistra para baixo. O choque terá de arrebentar os que assim enverendam para baixo, quando soar a hora em que eles baterão contra uma resistência forte.

Nesse ambiente abafadiço, a nuvem de tempestade condensa-se sinistramente cada vez mais. A qualquer momento é de se esperar o primeiro relâmpago, que rasga e clareia a escuridão, que ilumina flamejantemente o que está mais escondido, com uma inexorabilidade e agudeza que traz em si libertação para aqueles que anseiam por luz e clareza, destruição, porém, para aqueles que não têm anseio pela Luz. Quanto mais tempo dispuser essa nuvem

para densificar sua escuridão e pesadume, tanto mais penetrante e apavorante será também o raio, que a nuvem gera. Desaparecerá a atmosfera frouxa e branda que esconde cobiças viscosas nas dobras de sua indolência; pois ao primeiro relâmpago seguir-se-á naturalmente uma corrente de ar fresco e seco, que traz vida nova. Na claridade fria da Luz encontrar-se-ão, de repente, diante dos olhares da humanidade horrorizada, todas as monstruosidades da fantasia mórbida, despidas de suas mentiras de falso brilho. Como o abalo de um poderoso trovão será o despertar nas almas, de modo que o manancial de água vivificante da Verdade límpida possa jorrar estrondosamente sobre o solo assim afogado. O dia da liberdade desponta. Libertação do feitiço de uma imoralidade existente desde milênios e que agora chegou à máxima florescência.

Olhai em torno de vós! Observai as leituras, as danças, as roupas! A época actual esforça-se, mais do que nunca, através do abatimento de todas as barreiras entre os dois sexos, para turvar sistematicamente a pureza da intuição, deformá-la com essa turvação e colocar-lhe máscaras enganadoras, se possível, por fim, asfixiá-la totalmente. As reflexões que surgem, os seres humanos sufocam com palavras sonantes, as quais, porém, examinadas nitidamente, apenas provêm do estremeedor impulso sexual, a fim de dar sempre nova nutrição às cobiças, de incontáveis maneiras hábeis e inábeis, de modo escondido e não-escondido.

Falam do prelúdio de uma humanidade livre e autónoma, de um desenvolvimento do fortalecimento interior, de cultura do corpo, beleza da nudez, de desporto enobrecido, e de educação para a vivificação do lema: “Ao puro, tudo é puro!”, em suma: o soerguimento do género humano por meio da extinção de todo o “pudor”, (*Decência aparente) para assim criar o ser humano livre e nobre que deve conduzir o futuro! Ai daquele que ousar falar algo em contrário! Um tal atrevido será imediatamente apedrejado, sob grande vozerio, com insultos parecidos com as afirmações de que somente pensamentos impuros poderiam movê-lo a “achar algo nisso”!

Um frenético redemoinho de águas podres, do qual exala uma emanção entorpecente e venenosa que, qual um êxtase de morfina, desencadeia ilusões perturbadoras dos sentidos, para dentro das quais se deixam deslizar permanentemente milhares e milhares de pessoas, até sucumbirem enfraquecidas nisso. O irmão procura ensinar a irmã, os filhos, seus pais. Como um dilúvio, isso passa sobre todos os seres humanos, e furioso embate de ondas surge lá, onde quer que alguns prudentes, tomados de asco, reajam isolados como recifes no mar. A esses se agarram muitos que no turbilhão percebem que a própria força ameaça lhes faltar. Apraz ver esses pequenos grupos, que se encontram como oásis no deserto. Do mesmo modo reconfortante como aqueles, convidando para repouso e descanso o viajante que, lutando penosamente, conseguiu atravessar a tempestade de areia que o ameaçava aniquilar.

Tudo quanto hoje em dia está sendo pregado sob os lindos mantos do progresso, outra coisa não é senão um disfarçado estímulo ao grande descaramento, o envenenamento de todas as intuições mais elevadas no ser humano. A maior epidemia que jamais se abateu sobre a humanidade. E esquisito: é como se muitos apenas tivessem aguardado que lhes fosse dado um pretexto cabível, para eles próprios se rebaixarem ao nível de animais. Para incontáveis pessoas isso é muito bem-vindo!

Entretanto, quem conhece as leis espirituais que actuam no Universo afastar-se-á com repugnância das tendências actuais. Tomemos por exemplo apenas um desses “inofensivos” divertimentos: “Os banhos em conjunto”. “Para o puro, tudo é puro!” Isso soa tão bem que, sob a protecção desse acorde harmonioso, pode-se permitir muitas coisas. Observemos, contudo, os mais simples fenómenos na matéria fina durante um desses tais banhos. Admitamos que ali estejam trinta pessoas de ambos os sexos, e que, dessas, vinte e nove sejam realmente puras em todos os sentidos. Uma suposição que de antemão já é de todo impossível; pois o contrário é que seria mais certo, se bem que ainda raro. Todavia suponhamos tal coisa. Esse um, o trigésimo, incentivado pelo que está vendo, tem pensamentos impuros, muito embora externamente talvez se porte correctamente. Tais pensamentos corporificam-se na esfera de matéria fina imediatamente em formas de pensamentos vivas, dirigem-se para o objecto de sua contemplação e aderem a ele. Isso é uma conspurcação, quer chegue a quaisquer manifestações ou actos de agressão, quer não! A pessoa assim atingida sairá dali levando consigo essa conspurcação, capaz de atrair formas de pensamentos semelhantes que vagueiam por aí. Dessa maneira torna-se cada vez mais denso em torno dela, podendo finalmente influenciá-la e envenená-la, do mesmo modo que a trepadeira parasita muitas vezes consegue matar a árvore mais sadia. Eis os fenómenos de matéria fina, nos chamados “inofensivos” banhos em conjunto, jogos de sociedade, danças ou outros mais.

No entanto, deve ser levado em consideração que tais banhos e divertimentos, em todo caso, são frequentados por aqueles que propositadamente procuram algo para incentivar especialmente seus pensamentos e sentimentos, mediante tais contemplações! Portanto, que sujeira com isso é cultivada, sem que exteriormente se note algo na esfera de matéria grosseira, não é difícil de explicar. Da mesma forma é evidente que essa nuvem sempre crescente e condensante de formas de pensamentos voluptuosos tem de, gradualmente, actuar sobre um número incontável de pessoas que por si mesmas não procuram tais coisas. Nelas vão surgindo primeiro de modo fraco, depois, mais forte e mais vivo, pensamentos análogos, que vão sendo alimentados constantemente pela espécie actual dos “progressos” em seu ambiente, e assim um após outro desliza para dentro da corrente escura e viscosa, onde a

capacidade de compreensão da autêntica pureza e moralidade vai cada vez se obscurecendo mais, até arrastar tudo às profundidades da mais completa escuridão.

Essas oportunidades e estímulos para tais excrescências proliferativas devem, em primeira linha, ser novamente eliminados! Não passam de incubadoras onde os vermes pestíferos de seres humanos imorais podem lançar seus pensamentos que, a seguir, vicejando, crescem e devastadoramente se alastram sobre toda a humanidade, criando sempre novos focos de proliferação e constituindo por fim apenas um campo enorme de excrescências asquerosas, das quais emana um halo venenoso que sufoca até mesmo o que é bom.

Afastai-vos à força desse torpor que, qual entorpecente, só aparenta um fortalecimento, mas que na verdade só consegue actuar enfraquecendo e destruindo. É evidente, se bem que também entristecedor, que em primeira linha justamente o sexo feminino ultrapassa novamente todos os limites e, em seu vestuário, rebaixou-se sem escrúpulos à condição devassa de mulher de rua. Isso só prova, porém, a exactidão do que ficou esclarecido a propósito dos fenómenos de matéria fina. É exactamente a mulher que, por natureza, em sua maior faculdade de intuição, recebe e colhe primeiro e mais amplamente esse veneno do pestífero mundo de formas de pensamentos de matéria fina, sem mesmo se dar conta disso. Ela se acha mais exposta a esses perigos, e por isso também é arrastada primeiro e, com incompreensível rapidez e de forma surpreendente, vai ultrapassando quaisquer limites. Não é em vão que se diz: “A mulher, quando ruim, é pior do que o homem!” Isso se patenteia em tudo, seja na crueldade, no ódio ou no amor! A conduta da mulher será sempre o resultado do mundo de matéria fina que a envolve! Nisso, naturalmente, existem excepções. Por essa razão também ela não está isenta de responsabilidade; pois consegue perceber as influências que investem sobre ela e dirigir sua vontade e seu actuar conforme seu arbítrio se... ela quiser! Que isso, infelizmente, não acontece com a maioria é uma falha do sexo feminino, que somente decorre em virtude da ilimitada ignorância sobre tais coisas. Grave para os tempos actuais, porém, é que na realidade a mulher também tem o futuro do povo nas mãos. E isso se dá por ser seu estado anímico mais decisivo sobre os descendentes do que o do homem. Que decadência, conseqüentemente, deverá trazer o futuro! Inevitável! Não poderá ser detida pelas armas, pelo dinheiro, nem pelos inventos. Também não pela bondade, nem pela política consciente. Aí devem vir meios mais incisivos.

Mas não cabe somente à mulher essa enorme culpa. Ela será sempre apenas a imagem fiel daquele mundo de formas de pensamentos que paira sobre o seu povo. Isso não deve ser esquecido. *Respeitai e honrai a mulher como tal* e ela se formará por esse padrão, tornar-se-á *aquilo que virdes nela*, e com isso elevareis todo o vosso povo! Antes, todavia, cumpre que as mulheres passem por um grande processo de transformação. Conforme elas são actualmente,

um restabelecimento só poderá ocorrer por meio de uma operação radical, por um corte implacável e violento, que retira todas as excrescências com facas afiadas, e as atira no fogo! Do contrário, elas ainda destruiriam todas as partes sadias.

Para essa intervenção necessária na humanidade inteira, acontece o tempo actual sem demora, depressa, cada vez mais depressa, desencadeando-a finalmente por si mesmo! Será doloroso, terrível, mas o fim será a cura. Só então terá chegado o tempo para se falar em moralidade. Hoje isto se perderia como palavras jogadas na tempestade. No entanto, depois de passada a hora, em que a Babel dos pecados teve de sucumbir, porque desmoronou apodrecida, observai então o sexo feminino! Sua conduta e seu comportamento mostrar-vos-ão sempre *conforme sois*, porque a mulher, devido à sua intuição mais fina, vive aquilo que as formas de pensamentos desejam.

Este facto nos dá também a certeza de que, com a pureza dos pensamentos e das intuições, a feminilidade elevar-se-á rapidamente como a primeira àquele ideal que consideramos um ser humano nobre. Então a moralidade aparecerá com todo o brilho de sua pureza!

24. Vela e ora!

Quantas vezes este ditame do Filho de Deus é transmitido como um bem-intencionado conselho e advertência, sem que, todavia, nem o aconselhador nem aquele a quem este conselho é dado se dêem ao trabalho de reflectir sobre o que estas palavras realmente devam dizer.

O que se compreende por orar cada criatura humana sabe ou, falando mais acertadamente, *acredita* saber, se bem que na realidade o *ignore*. Também supõe compreender exactamente o velar, no entanto, está longe disso.

“Velai e orai” é a reprodução figurada da advertência para a vivacidade da faculdade de intuição, isto é, para a actividade do espírito! Espírito no *legítimo* sentido, e não compreendido como actividade do cérebro; pois a maneira de se expressar do espírito vivo do ser humano é apenas e unicamente a *intuição*. *Em nada mais* actua o espírito do ser humano, isto é, seu núcleo de origem, que se formou no “eu” propriamente dito na peregrinação através da Criação posterior.

“Vela e ora” nada mais quer dizer senão a exigência para o refinamento e o fortalecimento da faculdade de intuição do ser humano terreno, equivalente à vivificação do espírito, o qual é o único valor eterno do ser humano, o único que consegue regressar ao Paraíso, à Criação primordial, de onde se originou. *Terá* de regressar para lá, quer seja amadurecido e auto-consciente, quer tornado novamente inconsciente, como um Eu vivo, de acordo com a vontade da Luz, tornado útil na Criação, ou como um eu dilacerado e morto, se foi inútil na Criação.

A exortação do Filho de Deus, “vela e ora”, é por isso uma das mais severas que legou aos seres humanos terrenos. Ao mesmo tempo uma advertência ameaçadora para que se torne útil na Criação, a fim de que não resulte na condenação, pela actuação natural das leis divinas na Criação.

Vede a mulher! Ela possui como o mais alto bem da feminilidade uma delicadeza na intuição, que nenhuma outra criatura pode alcançar. *Por isso*, dever-se-ia poder falar apenas de feminilidade *nobre* nesta Criação, porque feminilidade traz em si as mais fortes dádivas para a realização de tudo quanto é bom. Assim, pois, pesa sobre a mulher também a maior das responsabilidades. Por *esse* motivo Lúcifer, com todos os bandos que lhe pertencem, fixou na mulher seu principal objectivo, a fim de submeter desse modo a Criação inteira ao seu poder.

E infelizmente Lúcifer encontrou, na mulher da Criação posterior, terreno demasiadamente leviano. De olhos abertos voou ela ao seu encontro e envenenou, devido à sua espécie, toda a Criação posterior, pela inversão de conceitos puros em reflexos desfigurados, os quais deviam acarretar confusão a todos os espíritos humanos. A flor pura da nobre feminilidade, como coroa desta Criação posterior, logo se rebaixou, pela influência do tentador, a uma planta venenosa que ostenta reluzentes cores e que com seu perfume atraente arrasta tudo para o lugar onde ela medra, isto é, para o *pântano*, em cujo lodaçal mole e asfíxiante afundam os assim arrastados.

Ai da mulher! Já que lhe foram conferidos os mais elevados de todos os valores, que não empregou direito, tem de ser a primeira sobre quem a espada da justiça divina se abaterá se ela não se decidir, com a agilidade da intuição espiritual que lhe é peculiar, ir à frente na indispensável escalada da humanidade terrena, saindo das ruínas duma estruturação errada de conceitos deteriorados, que se originaram exclusivamente pela insuflação de Lúcifer. A mulher terrena colocou, em lugar do anseio exemplar pela jóia da alva flor de pureza nobre, o **coquetismo** (*característica ou comportamento particular de pessoa que procura despertar interesse amoroso e/ ou admiração de outrem através da sedução e/ ou aparência) e a vaidade, que encontraram seu campo de actividade no coquetismo de uma vida social erradamente cultivada. Ela sentia, sim, que desse modo perdia a verdadeira jóia da feminilidade e agarrou o sucedâneo que lhe foi oferecido pelas trevas, ao procurar expor os seus atractivos corporais, tornando-se uma desavergonhada escrava da moda, com o que só deslizou ainda mais para o abismo, arrastando consigo os homens através da intensificação de seus desejos, o que tinha de impedir o desenvolvimento do espírito dela.

Contudo, com isso, elas próprias plantaram em seu íntimo o gérmen que agora no Juízo indispensável há de levar à destruição, pela acção recíproca, todas aquelas que assim falharam e se tornaram frutos apodrecidos desta Criação, porque com isso se tornaram incapazes de resistir aos vendavais purificadores que se aproximam vigorosamente. Que ninguém se deixe sujar as mãos nos adoradores do ídolo da vaidade e do coquetismo, quando estes quiserem agarrá-las, para se salvar das aflições. Deixai-os afundar, repeli-os, pois não há neles valor que possa ser aproveitado para a nova construção que está prometida.

Eles não percebem o ridículo e o vazio de seu actuar. Seu riso e escárnio, porém, a respeito das poucas, que ainda procuram sustentar diante de si mesmas o decoro e a pureza de verdadeira feminilidade, *não* deixando reprimir em si o mais belo adorno da moça e da mulher, isto é, o delicado sentimento do pudor; o escárnio a esse respeito em breve há de transformar-se em gritos de dor, silenciando-se neles!

A mulher da Criação posterior encontra-se como que sobre o gume de uma faca, por causa dos altos dotes que recebeu. Pois terá de prestar contas agora de como os utilizou até então. Para ela não existe nenhuma desculpa! A volta ou o retorno são impossíveis; pois o tempo passou. Todas deviam ter pensado nisso antes e sabido que *sua* opinião não pode opor-se à vontade inamovível de Deus, na qual só reside a *pureza*, límpida como cristal. —

A mulher do futuro, porém, que pôde salvar-se com os seus valores através da época de vida depravada de uma Sodoma e Gomorra na actualidade, e aquela que nascer de novo levará finalmente a feminilidade àquela florescência, perante a qual tudo poderá aproximar-se apenas com sagrada timidez da *mais pura* reverência. Ela será *aquela* mulher que viverá de acordo com a vontade divina, isto é, que se encontrará na Criação *de tal maneira* que equivalerá à coroa radiante que *pode e deve* ser, perfluindo tudo com as vibrações que ela recebe das alturas luminosas, podendo transmitir-las sem obscurecimento, em virtude de sua faculdade que se encontra na delicadeza da intuição feminina.

A sentença do Filho de Deus: “Velai e orai” estará corporificada em *cada* mulher do futuro, como já devia estar corporificada em cada mulher do presente; *pois no vibrar da faculdade de intuição feminina encontra-se, sempre que se esforçar para a pureza e para a Luz, o velar permanente e o orar mais belo, que é do agrado de Deus!*

Tal vibrar traz a vivência de alegria cheia de gratidão! E *essa é a oração* como deve ser! O vibrar, porém, encerra ao mesmo tempo uma vigilância constante, isto é, um *velar!* Pois tudo que não é bonito e que procura se aproximar, e cada má intenção, são captados e notados por tais vibrações de sensibilidade delicada, já antes mesmo que possam se formar em pensamentos, e então fica fácil à mulher de ainda e *sempre* se proteger em tempo certo, se ela mesma não o *quiser diferentemente*.

E, apesar da delicadeza dessas vibrações, encontra-se aí uma força que é capaz de transformar *tudo* na Criação. Não há nada que pudesse resistir a ela; pois essa força traz Luz e, com isso, vida!

Isso Lúcifer sabia muito bem! E por essa razão dirigiu-se também principalmente com os ataques e as tentações a toda feminilidade! Sabia que conseguiria *tudo*, se somente conquistasse a mulher. E infelizmente, infelizmente conseguiu, como pode ver hoje nitidamente cada um que quiser ver!

Por isso o apelo da Luz, em primeiro lugar, dirige-se novamente para a mulher! Ela *deveria*, pois, reconhecer quão baixo degrau está agora ocupando. Deveria, se... a vaidade o

permitisse. Mas *essa* armadilha de Lúcifer mantém toda a feminilidade na esfera do seu poder, tão firmemente, que ela até mesmo não mais pode reconhecer a Luz, sim, *nem mais quer!* Não quer, porque a mulher moderna da actualidade não pode se separar de suas levianas futilidades, apesar de vagamente já intuir o que com isso perdeu. *Sabe-o até muito bem!* E a fim de entorpecer essa intuição exortadora, equivalente ao saber, ela corre desvairadamente, como que às cegas, açoitada, ao encontro do novo ridículo, *masculinizando-se tanto na profissão como em todo o seu ser!*

Ao invés de retroceder à legítima feminilidade, o mais precioso dos bens em toda a Criação! E com isso à missão que lhe fora determinada pela Luz!

É *ela* que, com isso, rouba ao homem tudo quanto é sublime, impedindo também com isso o florescer da nobre masculinidade.

Lá, onde o homem não for capaz de erguer o olhar para a mulher em sua feminilidade, nenhuma nação, nenhum povo consegue florescer rumo ao alto!

Somente legítima, mais pura feminilidade pode levar e despertar o homem para grandes feitos! Nada mais. E *essa* é a missão da mulher na Criação, segundo a vontade divina! Pois assim ela ergue o povo e a humanidade, sim, toda a Criação posterior; pois unicamente nela se encontra essa elevada força de suave actuação! Um poder irresistível e dominador, abençoado pela força divina lá, onde for de vontade puríssima! Nada lhe equivale; pois traz beleza na forma mais pura em tudo o que faz e que dela emana! Por isso sua actuação deve atravessar toda a Criação de modo refrescante, elevando, favorecendo e vivificando, como um sopro do Paraíso almejado!

A essa pérola, entre as dádivas de vosso Criador, é que Lúcifer lançou mão em *primeiro lugar* com toda a astúcia e malícia, sabendo que com isso rompia o vosso apoio e o vosso anseio pela Luz! Pois na mulher encontra-se o precioso segredo capaz de desencadear na Criação a pureza e a nobreza de todos os pensamentos, o impulso para a maior actividade, para a mais nobre actuação... pressuposto que essa mulher seja assim conforme o Criador quis que ela fosse, ao cumulá-la com essas dádivas.

No entanto, vós vos deixastes iludir demasiadamente fácil! Entregaste-vos às tentações inteiramente sem luta. Como escrava obediente de Lúcifer, a mulher dirige agora os efeitos das belas dádivas de Deus inversamente e, com isso, submete toda a Criação posterior às trevas! Existem hoje apenas caricaturas horrendas de tudo aquilo que Deus pretendia deixar surgir nesta Criação para alegria e felicidade de todas as criaturas! De facto, tudo surgiu, mas,

sob a influência de Lúcifer, alterado, torcido e errado! A mulher da Criação posterior prestou-se para tanto a servir de intermediária! Sobre o solo límpido da pureza formou-se um pântano sufocante. O entusiasmo irradiante foi substituído pela embriaguez dos sentidos. *Agora* quereis lutar, mas contra qualquer exigência da Luz! A fim de permanecerdes no delírio de vaidosas presunções que vos embriagam!

Não são mais muitas, as que hoje em dia são capazes de suportar um olhar claro. Na maioria revelam-se como leprosas, cuja beleza, isto é, a verdadeira feminilidade, já se encontra arruinada, o que nunca mais pode ser reparado. Para muitas sobrevirá asco de si mesmas se, apesar de tudo, ainda puderem ser salvas e, após anos, lembrarem-se de tudo aquilo que hoje consideram belo e bom. Será como um despertar e convalescer dos mais pesados sonhos febris!

Assim, porém, como a mulher foi capaz de degradar profundamente toda a Criação posterior, tem ela também a força de elevá-la novamente e favorecê-la, visto que nisso o homem a seguirá. Em breve virá o tempo, após a purificação, em que se poderá exclamar, jubilosamente: Vede a mulher como deve ser, a *legítima* mulher em toda a sua grandeza, em sua mais nobre pureza e poder, e nela vivenciareis a sentença de Cristo: “Velai e orai” em toda a naturalidade e na mais bela forma!

25. O Matrimónio

Matrimónios são contraídos no céu! Esta frase é proferida muitas vezes com raiva e amargura pelos casados. Mas também é utilizada com hipocrisia pelos que se encontram mais afastados do céu. A consequência natural é que a respeito desta frase somente se encolhe os ombros, se sorri, se fazem troças e até mesmo se escarnece.

Com vista a todos os matrimónios, que uma pessoa chega a conhecer no decorrer dos anos em seu ambiente mais próximo ou afastado, isso se torna compreensível. Os escarnecedores têm razão. Só que seria melhor não escarnecer dessa expressão, mas dos próprios matrimónios! São *esses* que em sua maioria merecem não apenas troça e escárnio, mas até desprezo.

Os matrimónios, conforme se apresentam hoje, bem como já há séculos, solapam a verdade da frase, não deixam ninguém acreditar nela. Representam, infelizmente, com apenas raríssimas exceções, um estado nitidamente imoral, ao qual não se pode dar um fim suficientemente rápido, para resguardar milhares dessa vergonha, à qual, de acordo com os costumes da época actual, acorrem cegamente. Supõem que não pode ser de outra forma, porque assim é usual. Acresce ainda, que tudo na época actual está descaradamente direccionada com o objectivo de escurecer e sufocar cada percepção intuitiva pura. Ser humano algum pensa em tornar a personalidade, também através do respeito pelo corpo, naquilo que devia ser, pode ser e tem de ser.

O corpo, assim como a alma, tem de ser algo precioso, portanto, intangível, que não se põe à vista como engodo. Algo elevado, sagrado! E por isso, na Terra, também a esse respeito o corpo não é separável da alma. Ambos têm de ser, simultaneamente, estimados e resguardados como santuário, se devam ter algum valor. Do contrário, tornam-se trapos, em contacto com os quais nos conspurcamos, que apenas merecem ser atirados para um canto, a fim de pertencer por baixo preço ao primeiro trapeiro que apareça. Se surgisse hoje na Terra um exército de tais trapeiros e arrematadores, encontrariam uma quantidade inimaginável desses trapos. A cada passo, encontrariam novos montes já à sua espera. E tais arrematadores e trapeiros já perambulam de facto por aí em densos bandos. São os emissários e instrumentos das trevas que se apoderam, vorazmente, das presas fáceis, a fim de triunfando arrastá-las cada vez mais e mais para baixo, para o seu reino escuro, até que tudo os encubra com negror e não possam achar, nunca mais, o caminho de volta para a Luz. Não é de admirar que todos riam, tão logo alguém ainda fale seriamente que matrimónios são contraídos no céu!

O casamento civil nada mais é do que um simples acto comercial. Os que se ligam por meio dele não o fazem a fim de se dedicar, em comum, com seriedade a uma obra, que eleve o valor intrínseco e extrínseco das pessoas em questão, que os deixe aspirar conjuntamente a elevadas metas e com isso traga bênção a elas próprias, à humanidade, bem como a toda a Criação, mas sim como um simples contrato, mediante o qual, reciprocamente, se garantem economicamente, a fim de que a mútua entrega corporal possa se dar sem considerações calculistas. Onde fica, aí, a santidade do corpo, que por ambos os lados deve ser trazida para o matrimónio e nele também conservada? Esta, nem é levada em consideração.

A mulher ocupa em tudo isso um lugar tão degradante, que seria preciso afastar-se dela. Em oitenta por cento dos casos ela se contrata ou se vende simplesmente a serviço do homem, que não procura nela uma companheira de igual valor, mas sim, além de um objecto de contemplação, uma governanta barata e obediente que lhe torne o lar agradável e com a qual ele, sob o manto de uma falsa honestidade, também possa conjuntamente e sem perturbações satisfazer os desejos.

Muitas vezes, pelos motivos mais ínfimos, moças abandonam a casa dos pais, a fim de contrair um matrimónio. Às vezes cansaram-se da casa dos pais, desejam um ambiente de actuação no qual elas mesmas possam dispor. A outras parece interessante representar o papel de uma jovem senhora, ou esperam uma vida mais movimentada. Acreditam talvez também chegar a condições económicas melhores. Identicamente existem casos em que moças contraem núpcias por mero capricho, para com isso irritar outrem. Também impulsos puramente corporais dão motivo para o casamento. Por leituras impróprias, conversas e brincadeiras impróprias, foram eles despertados e artificialmente cultivados.

Raramente trata-se de verdadeiro amor anímico que as induz a dar esse passo, que é o mais sério de todos na vida terrena. As moças, sob a zelosa assistência de muitos pais, são supostamente “espertas demais” para se deixarem guiar somente por intuições mais puras, mas com isso correm justamente ao encontro da infelicidade. Essas têm sua recompensa por esta superficialidade, em parte, já no próprio matrimónio. Mas só em parte! O amargo vivenciar dos efeitos recíprocos, como consequência de tais matrimónios errados, vem muito mais tarde; pois o mal principal nisso encontra-se na negligência levemente provocada desse modo, em detrimento de possível progresso. Muitas vidas terrenas ficam assim inteiramente perdidas para a verdadeira *finalidade* da existência pessoal. Isso ocasiona ainda até mesmo um grave retrocesso, que por sua vez terá de ser recuperado penosamente.

Quão diferente, quando um matrimónio é contraído em bases certas e se desenvolve harmoniosamente! Alegres, um a serviço espontâneo do outro, crescem lado a lado para o

alto, para enobrecimento espiritual, encarando sorridentes, ombro a ombro, as dificuldades terrenas. O matrimónio passa então a ser um lucro para a existência inteira, devido à felicidade. E nessa felicidade encontra-se um impulso para cima, não apenas individual, mas para toda a humanidade! Ai, portanto, dos pais que impelem seus filhos a matrimónios errados por meio de persuasão, astúcia ou obrigação provenientes de motivos racionais. O peso da responsabilidade, que nisso alcança mais longe do que apenas o próprio filho, recai, mais cedo ou mais tarde, tão fortemente sobre eles, que desejariam nunca haver tido “ideias tão brilhantes”.

O casamento religioso é considerado por muitos apenas como uma parte de um festejo puramente terreno. As próprias igrejas ou os seus representantes aplicam a sentença: “O que Deus uniu, a criatura humana não deve separar!” Nos cultos religiosos predomina a ideia básica de que ambos os noivos, pela cerimónia de um casamento, são unidos por Deus. Os “mais avançados” são, em vez disso, de opinião de que os dois que contraem matrimónio são dessa forma unidos *perante* Deus. A última interpretação pelo menos tem maior justificativa do que a primeira.

Com estas palavras, porém, não se deseja tal interpretação! Elas devem dizer algo totalmente diferente. Nelas fica fundamentado o facto de que matrimónios são realmente contraídos no céu.

Afastando-se dessa frase todos os falsos conceitos e interpretações, cessa logo qualquer razão para risos, zombarias ou sarcasmos, e o sentido jaz diante de nós em toda a sua seriedade e em sua inalterável verdade. Mas a consequência natural é, então, também o reconhecimento de que os matrimónios são idealizados e desejados de modo completamente diferente do que os de hoje são, isto é, que um matrimónio só deve ser contraído sob pressuposições totalmente diferentes, com aspectos e convicções inteiramente diferentes e com propósitos totalmente puros.

“Os matrimónios são contraídos no céu” demonstra, em primeiro lugar, que já com a entrada na vida terrena cada pessoa traz consigo determinadas qualidades, cujo desenvolvimento harmonioso só pode ser conseguido por pessoas de qualidades condizentes. Qualidades condizentes, porém, não são as mesmas, e sim aquelas *que completam* e que, mediante essa complementação, tornam-nas de pleno valor. Nesse pleno valor, porém, ressoam todas as cordas num acorde harmonioso. Se, contudo, uma parte se torna de pleno valor através de outra, também essa outra parte, que auxilia, torna-se, através da segunda, identicamente de pleno valor e, na união de ambas, isto é, no convívio e no actuar, soará esse harmonioso acorde. *Assim* é o matrimónio que foi contraído no céu.

Com isso, porém, não fica expresso que para uma pessoa seria adequada, para um matrimónio harmonioso, somente *uma* outra bem determinada pessoa na Terra, mas geralmente existem *várias*, que trazem em si o complemento da outra parte. Não é necessário, portanto, que se peregrine pela Terra durante décadas para encontrar essa segunda parte condizente e complementar. Bastará tão-só empregar para tanto a necessária seriedade, ficar com os olhos, os ouvidos e o coração abertos e, principalmente, desistir das actuais condições preliminares, consideradas exigências para um casamento. Justamente aquilo que hoje é válido *não* deve prevalecer. Um trabalho em comum e alvos elevados condicionam um matrimónio *saudável* tão indispensavelmente quanto um corpo saudável, a movimentação e o ar fresco. Quem contar com comodidade e a maior despreocupação possível, querendo nessa base construir a vida em comum, terá de colher no fim somente algo doentio com todos os efeitos colaterais. Por isso procurai, finalmente, firmar matrimónios que sejam contraídos no céu. Então a felicidade vos alcançará!

Contraído no céu significa estarem predestinados um para o outro, já antes ou com a entrada na vida terrena. A predestinação consiste, porém, apenas nas qualidades trazidas, com as quais as duas partes se completam mútua e integralmente. Estas são, desse modo, destinadas uma para a outra.

Serem destinadas pode também ser expresso “que combinam uma com a outra”, completando-se, portanto, realmente. Nisso reside a destinação.

“O que Deus uniu, a criatura humana não deve separar.” A incompreensão desse ditame de Cristo já provocou muitos males. Muitos até agora supunham com: “O que Deus uniu” o casamento. Este, até agora, praticamente nada teve a ver com o sentido de tais palavras. Aquilo que Deus uniu é uma união, na qual são preenchidas as condições que exigem uma harmonia plena, que, portanto, é contraída no céu. Se, a esse respeito, foi dada ou não uma permissão do Estado e da igreja, em nada altera o caso.

Logicamente é necessário enquadrar-se também aí na ordem civil. Se então, numa união assim firmada, um casamento for ainda ratificado com a cerimónia de casamento pelo respectivo culto religioso, em correspondente devoção, é bem natural que essa união adquira consagração muito mais elevada, pela disposição interior dos participantes, propiciando vigorosas e legítimas bênçãos espirituais ao casal. Um tal matrimónio terá sido então de facto realizado *por* Deus e *perante* Deus e contraído no céu.

Vem a seguir a advertência: “A criatura humana não deve separar!” Como tem sido amesquinhado também o alto sentido *dessas* palavras. Aí, no entanto, a verdade evidencia-se

tão claramente! Onde quer que exista uma união que foi contraída no céu, isto é, onde dois se completam de tal modo, que surja um pleno acorde harmonioso, lá nenhuma terceira pessoa deve tentar provocar uma separação. Seja introduzindo uma desarmonia, tornando impossível uma união ou provocando uma separação, não importa, tal procedimento seria pecado. Um agravo que, em seu efeito recíproco, tem de aderir pesadamente ao autor, uma vez que com isso são atingidas, simultaneamente, duas pessoas e com estas também as bênçãos que se teriam espalhado, através da felicidade delas, no mundo de matéria grosseira e no de matéria fina. Há nessas palavras uma verdade singela que se torna reconhecível por todos os lados. A advertência visa proteger apenas aquelas uniões que foram contraídas no céu, devido às condições prévias já antes mencionadas, para o que têm a sua actuação mediante as propriedades anímicas trazidas, que mutuamente se completam.

Entre tais, nenhuma terceira pessoa deve intrometer-se, nem mesmo os pais! Os dois interessados, eles próprios, nunca terão a ideia de desejar uma separação. A harmonia divina, que forma a base, devido às suas mútuas propriedades anímicas, não deixará que surja tal pensamento. A sua felicidade e a estabilidade de seu matrimónio estão assim de antemão asseguradas. Se houver solicitação de separação por parte de um dos cônjuges, com isso dará este a melhor prova de que *não* existe como base a necessária harmonia, o matrimónio, portanto, não pode ter sido contraído no céu. Em tal caso um matrimónio deveria ser desfeito impreterivelmente; para elevação da autoconsciência moral de ambos os cônjuges, que vivem em tal ambiente insano. Tais matrimónios errados constituem hoje a grande maioria. Esse estado pernicioso decorre principalmente do retrocesso moral da humanidade, bem como da adoração predominante do intelecto.

A separação daquilo, que Deus uniu, porém, não se refere apenas ao matrimónio, mas também à aproximação anterior de duas almas, que poderiam, por suas propriedades complementares, desenvolver somente harmonia, portanto, que estão predestinadas uma à outra. Uma vez concluída tal união e uma terceira pessoa procura intrometer-se por meio de difamação ou por semelhantes meios conhecidos, então tal intenção já é adultério consumado!

O sentido das palavras: “O que Deus uniu, a criatura humana não deve separar” é tão simples e claro que é difícil compreender como pôde surgir a esse respeito uma acepção errónea. Isso só foi possível mediante a separação errada entre o mundo espiritual e o mundo terreno, com o que a conceituação estreita do intelecto conseguiu se impor, e a qual jamais resultou em valores reais.

Do espiritual foram dadas essas palavras, portanto, apenas no espiritual elas podem encontrar seu verdadeiro esclarecimento!

26. O direito do filho em relação aos pais

Muitos filhos vivem em relação aos pais numa suposição infeliz, que se reverte no maior prejuízo para eles. Acreditam poder jogar sobre os pais a causa de sua própria existência terrena. Muitas vezes ouve-se esta observação: “É lógico que meus pais têm de cuidar de mim; já que eles me puseram no mundo. Não tenho culpa de estar aqui.”

Nada mais insensato pode ser dito. Cada pessoa está aqui nesta Terra por seu próprio pedido ou por sua própria culpa! Os pais só dão a possibilidade da encarnação, nada mais. E cada alma encarnada deve ser grata por tal possibilidade ter-lhe sido dada!

A *alma* de uma criança nada mais é do que *hóspede* de seus pais. Só nessa evidência já existe esclarecimento suficiente para ficar explícito que um filho, na realidade, não pode querer impor quaisquer direitos em relação aos pais! Direitos espirituais em relação aos pais ele não tem! Direitos terrenos, porém, originaram-se tão-somente da ordem social, puramente terrena, que o Estado prevê, para que ele próprio não precise assumir quaisquer obrigações.

A criança é, espiritualmente, uma personalidade individual por si! Excepto o corpo terreno, que é necessário como instrumento para actuar nesta Terra de matéria grosseira, nada recebeu dos pais. Por conseguinte, apenas um alojamento que a alma, já de antemão independente, pode utilizar.

Contudo, pela geração, assumem os pais a obrigação de alimentar esse alojamento assim formado e de conservá-lo, até que a alma, que dele tomou posse, seja capaz de assumir por si própria a manutenção. A época para tanto é mostrada pelo próprio desenvolvimento natural do corpo. O que se fizer depois disso é um presente dos pais.

Os filhos deveriam, portanto, cessar de uma vez de contar com os pais, e preferir pensar em firmar-se, o quanto antes possível, nos próprios pés. Evidentemente, aí pouco importa se exercem actividades na casa paterna ou fora. Mas actividade tem que existir, que não consiste em divertimentos e cumprimento dos chamados compromissos sociais, porém, num determinado cumprimento de dever real e útil, no sentido de que a respectiva actividade tenha de ser executada por uma outra pessoa especialmente contratada para isso, se o filho não mais executar esse trabalho. Só assim se pode falar de uma existência útil na Terra, o que acarreta amadurecimento do espírito! Se um filho preenche na casa paterna uma tal tarefa, seja qual for o sexo, masculino ou feminino, deveria receber dos pais também *aquela* recompensa que caberia a uma pessoa estranha empregada para tal finalidade. Por outras palavras: o filho,

cumpridor de suas obrigações, deve ser considerado e tratado como uma pessoa realmente autônoma. Se laços especiais de amor, confiança e amizade unirem pais e filhos, então tanto mais belo será para ambas as partes; pois então isto é uma união voluntária, oriunda de convicção íntima, e, por conseguinte, tanto mais valiosa! É então legítima, e as mantém unidas inclusive no Além para mútuo benefício e alegria. Imposições e costumes de família, porém, são insanos e condenáveis, tão logo um determinado limite de idade das crianças seja ultrapassado.

Naturalmente, também não existem os assim chamados direitos de parentesco, nos quais principalmente tias, tios, primas, primos e todos os demais que ainda procuram apresentar-se como parentes, apoiam-se tantas vezes. Justamente esses direitos de parentesco constituem um abuso condenável, que sempre produzirá nojo nas pessoas em si já amadurecidas.

Infelizmente, devido às tradições, isso se transformou num costume, a ponto de que, em geral, uma pessoa nem tenta pensar de outra forma e adapta-se a isso em silêncio, mesmo que com aversão. Quem, contudo, ousar dar o pequeno passo e pensar sobre isso livremente, sentirá no fundo de sua alma tudo tão ridículo, tão repugnante que, indignado, acabará se distanciando de tais petulâncias com isso estabelecidas.

Deve-se acabar um dia com tais coisas tão anti-naturais! Tão logo despertar em si uma nova e sadia espécie humana, tais abusos não mais serão suportados, por serem contrários a todo e qualquer sentido saudável. De tais distorções artificiais da vida natural, não poderia surgir nunca algo de realmente grandioso, porque aí os seres humanos permanecem demasiadamente tolhidos. Nessas coisas aparentemente secundárias há um gigantesco atamento. *Aqui* tem de ser estabelecida a liberdade, ao desprender-se cada indivíduo de costumes indignos! Verdadeira liberdade só existe no *reconhecimento* certo das obrigações, o qual permanece ligado com o *cumprimento* voluntário dos deveres! Unicamente o cumprimento do dever outorga *direitos*! Isso se refere também aos filhos, aos quais, igualmente, apenas com o cumprimento mais fiel dos deveres, podem advir direitos. —

Existe, no entanto, toda uma série de deveres severíssimos de todos os pais, que não estão relacionados com os direitos dos filhos.

Cada adulto tem de estar consciente daquilo que se relaciona propriamente com a geração. A leviandade e a irreflexão de até agora a esse respeito, bem como os conceitos errados, têm se vingado de maneira tão nefasta.

Apenas tornai claro para vós que no Além mais próximo existe um grande número de almas que já se acham prontas à espera duma possibilidade de reencarnação na Terra. Trata-se, na maioria, daquelas almas humanas que, presas a fios cármicos, procuram algum resgate numa nova vida terrena.

Logo que se lhes oferece uma possibilidade para tanto, apegam-se a lugares onde sucedeu um acto de geração, a fim de acompanhar, aguardando, o desenvolvimento do novo corpo humano para alojamento. Durante essa espera, tecem-se fios de matéria fina do corpo em formação para a alma, que se mantém obstinadamente bem próxima da futura mãe, e em sentido contrário, a certa altura da maturação, tais fios servem então como ponte que facilita a entrada da alma estranha do Além no novo corpo, do qual toma posse também imediatamente. Entra, por conseguinte, um hóspede estranho que pode, devido ao seu carma, causar muitas aflições aos educadores! Um hóspede estranho! Que pensamento desconfortável! Isto o ser humano devia ter sempre diante dos olhos e nunca esquecer que pode *co-decidir* na escolha da alma que espera, se não deixar passar levianamente o tempo para tanto. A encarnação se acha, sem dúvida, sujeita à lei de atracção da igual espécie. Todavia, não é absolutamente necessário, para tanto, que a igual espécie de um dos geradores sirva de pólo, mas, às vezes, de alguma pessoa que se encontre frequentemente nas proximidades da futura mãe. Quanto infortúnio pode então ser evitado, assim que o ser humano conhecer direito todo o processo e com este se ocupar conscientemente. No entanto, passam o tempo levianamente, frequentam diversões e danças, dão recepções e não se preocupam muito com o que está se preparando de importante nessa época e que mais tarde virá a exercer influência poderosamente em sua vida inteira.

Na oração, a qual sempre tem como base o desejo ardente, deviam conscientemente dirigir muita coisa nisso, enfraquecer o mal, fortalecer o bem. O hóspede estranho que então entra como filho em seu lar, apresentar-se-ia de tal modo, que continuaria *bem-vindo* em *todos* os sentidos! Diz-se muitos disparates sobre educação pré-natal, na habitual semi-compreensão ou na compreensão errónea de muitos efeitos que se tornam observáveis exteriormente.

Como, porém, frequentemente, assim também aqui as conclusões humanas de tais observações são erróneas. Não existe nenhuma possibilidade de educação pré-natal, mas sim uma possibilidade absoluta de *exercer influência na atracção*, se acontecer no tempo oportuno e com a devida seriedade! É uma diferença, que nas conseqüências alcança mais longe do que a suposta educação pré-natal jamais poderia alcançar.

Quem, portanto, estiver esclarecido a tal respeito e ainda realizar levianamente ligações irrefletidas não merece nada diferente senão que se introduza em sua esfera um espírito humano que apenas lhe cause desassossego e, talvez, até mesmo desgraça.

A geração deve ser para um ser humano, espiritualmente livre, nada mais do que a prova de sua boa vontade para receber um espírito humano estranho como hóspede permanente na família, dando-lhe oportunidade de remir na Terra e de amadurecer. Somente quando em ambas as partes existir o desejo íntimo *para essa finalidade*, é que deve efectuar-se a oportunidade para uma geração. Contemplai agora uma vez os pais e os filhos, partindo dessas realidades, então muita coisa mudará por si. O trato mútuo, a educação, tudo receberá outras bases, mais sérias do que até agora tem sido usual em inúmeras famílias. Haverá mais consideração e mais respeito mútuo. Consciência de independência e esforços de responsabilidade far-se-ão sentir, o que traz como consequência a natural ascensão social do povo. Os filhos, porém, em breve esquecer-se-ão de querer se arrogar direitos que nunca existiram. —

27. A oração

Se é que se deva falar a respeito da oração, é evidente que as palavras valem apenas para aqueles que se ocupam com a oração. Quem não sente em si o impulso para uma oração, pode calmamente abster-se dela porque suas palavras ou pensamentos, por fim, têm de se desfazer em nada. Se uma oração não for intuída profundamente, então não tem valor e, portanto, também nenhum efeito. O momento de um sentimento de gratidão transbordando em grande alegria, bem como a intuição da mais profunda dor no sofrimento, formam a melhor base para uma oração da qual se possa esperar efeito. Em tais momentos a criatura humana está trespassada por uma determinada intuição, que supera nela tudo o mais. Por isso é possível que o desejo principal da oração, seja um agradecimento ou pedido, receba força sem turvação.

Aliás, muitas vezes os seres humanos fazem uma imagem errada do acontecer e do formar de uma oração e seu posterior desenvolvimento. Nem todas as orações chegam ao mais elevado Dirigente dos mundos. Pelo contrário, é uma exceção muito rara que uma oração realmente consiga chegar até os degraus do trono. Também aqui a força de atracção da igual espécie, como lei básica, representa o papel mais importante.

Uma oração sinceramente intencionada e profundamente intuída, atraindo por si mesma e sendo atraída pela igual espécie, entra em contacto com um centro de forças daquela espécie da qual o conteúdo principal da oração se acha impregnado. Os centros de forças poderiam também ser denominados de secções de esferas ou possuir qualquer outra designação, no fundo, resultará sempre no mesmo. A reciprocidade traz então aquilo que foi o desejo essencial da oração. Quer seja tranquilidade, força, restabelecimento, planos subitamente surgidos no íntimo, solução de difíceis perguntas ou quaisquer outras coisas. Sempre advirá disso algo de bom, mesmo que seja apenas a própria tranquilidade e concentração fortalecidas, que por sua vez conduzem a uma saída, a uma salvação.

Também é possível que essas orações emitidas, aprofundadas em sua força pelo efeito recíproco de centros de força de igual espécie, encontrem um caminho fino-material para pessoas que, devido a isso, são estimuladas a trazer auxílio de alguma forma e, com isso, atendimento da oração. Todos esses acontecimentos são facilmente compreensíveis na observação da vida de matéria fina. Igualmente nisso, a justiça reside outra vez no facto de que o factor decisivo numa oração sempre será a disposição interior da pessoa que ora, a qual, de acordo com a sua profundidade, determina a força, portanto, a vitalidade e a eficiência da oração.

No grande acontecer fino-material do Universo, cada espécie de intuição encontra sua determinada igual espécie, uma vez que não somente não poderia ser atraída por outras, mas até seria repelida. Só quando surge uma igual espécie é que se dá ligação e, com isso, fortalecimento. Uma oração, que contém várias intuições, as quais, devido ao grande aprofundamento de quem ora, ainda possuem certa força, não obstante seu desmembramento, atrairá, por conseguinte, efeitos diversos e, na reciprocidade, trará de volta efeitos diversos. Se nisso pode então ocorrer uma realização, dependerá inteiramente da espécie das partes individuais, as quais podem ter efeitos que se favorecem ou se estorvam mutuamente. Em todo caso, porém, será melhor emitir numa oração apenas *um* pensamento, como intuição, para que não surja nenhuma confusão.

Assim, Cristo absolutamente não quis que o “Pai Nosso” fosse orado necessariamente de modo integral, mas apenas indicou com isso, de modo concentrado, tudo *aquilo* que o ser humano, com vontade sincera, pode em primeiro lugar pedir com segurança de obter realização.

Em tais pedidos estão contidas as bases para *tudo* quanto a pessoa necessita para seu bem-estar corporal e sua ascensão espiritual. No entanto, dão ainda mais! Os pedidos indicam ao mesmo tempo as *directrizes* para o esforço que a pessoa deve seguir em sua vida terrena. A composição dos pedidos é, por si só, uma obra-prima. O “Pai Nosso” unicamente pode ser *tudo* para a criatura humana que procura, quando nele se aprofunda e o compreende correctamente. Nem precisaria mais do que o “Pai Nosso”. Este lhe mostra o Evangelho todo em forma concentrada. É a chave rumo às alturas luminosas para aquele que saiba vivenciá-lo de modo certo. Pode ser para cada pessoa, simultaneamente, *bastão* e *luminar* para o prosseguir e o ascender! Tantas coisas imensuráveis ele trás em si. *(Dissertação N° 28: O Pai Nosso)

Já essa riqueza indica a verdadeira finalidade do “Pai Nosso”. *Jesus* deu à humanidade no “Pai Nosso” a *chave para o Reino de Deus! O núcleo de sua mensagem*. Mas não quis com isso dizer que devesse ser recitado dessa maneira.

A criatura humana necessita apenas prestar atenção, depois de orar, e por si mesma reconhecerá quanta distração isso lhe trouxe e como enfraqueceu a profundidade de sua intuição, ao seguir a sequência dos pedidos individuais, mesmo que estes lhe sejam por demais conhecidos.

É-lhe impossível passar sucessivamente de um pedido ao outro com o fervor necessário a uma verdadeira oração! *Jesus*, porém, segundo sua maneira, facilitou tudo para a humanidade. A expressão certa é “tão fácil como se fosse para crianças”. Ele indicou especialmente:

“Tornai-vos como as crianças!” Portanto, pensando com toda a simplicidade e procurando o mínimo de dificuldades. Jamais teria esperado da humanidade algo tão impossível, como o exige o orar realmente aprofundado do “Pai Nosso”. Isso deve levar também a humanidade à convicção de que Jesus desejava algo diferente, algo maior. Ele deu a chave para o Reino de Deus, não uma simples oração!

A plurilateralidade de uma oração enfraquecê-la-á sempre. Um filho também não vem ao pai com sete pedidos ao mesmo tempo, mas sempre apenas com aquele que justamente mais lhe pesa no coração, seja sofrimento ou um desejo.

Assim também uma pessoa em aflição deve, pedindo, dirigir-se a seu Deus com aquilo que a oprime. E na maioria dos casos, de facto, tratar-se-á apenas de *uma* determinada questão e não de muita coisa em conjunto. Também não deve pedir por algo que não a oprime no momento. Uma vez que tal pedido também não pode ser intuído com suficiente vivacidade em seu íntimo, ele torna-se uma forma vazia e naturalmente enfraquece outro pedido talvez realmente necessário.

Por isso sempre se deve pedir apenas aquilo que for realmente necessário! Nada de formas vazias que têm de dispersar-se e, com o tempo, cultivar a hipocrisia!

A oração exige a mais profunda seriedade. Deve-se orar com calma e pureza, para que, através da calma, a força da intuição seja aumentada e que esta, pela pureza, obtenha aquela leveza luminosa, capaz de elevar a oração até as alturas de tudo quanto é luminoso, de tudo quanto é puro. Então advirá também aquela realização que será mais proveitosa ao suplicante e que realmente o levará para frente em toda a sua existência!

Não é a força da oração que consegue arremessá-la para o alto ou impulsioná-la, mas *somente a pureza* em sua leveza correspondente. Pureza na oração, porém, cada pessoa pode conseguir, mesmo que não em todas as suas orações, tão logo o impulso para pedir se torne vivo nela. Para tanto não é necessário que já se encontre com toda a sua vida na pureza. Isso não consegue impedi-lo de, na oração, pelo menos temporariamente aqui e acolá, elevar-se por segundos na pureza de sua intuição.

Para a força da oração, porém, contribui não apenas a calma absoluta e a assim possibilitada profunda concentração, mas também cada forte emoção como a angústia, a preocupação, a alegria.

No entanto, não está dito que a realização de uma oração corresponda sempre, incondicionalmente, às ideias e aos desejos *terrenalmente* pensados, e esteja em concordância com estes. A realização estende-se benevolmente para muito além disso, e conduz *o todo* para o melhor, não o momento terreno! Muitas vezes, portanto, um aparente não-cumprimento deve ser reconhecido, mais tarde, como a única certa e melhor realização, e a pessoa sente-se feliz por não ter ocorrido segundo seus desejos do momento.

Agora a intercessão! O ouvinte muitas vezes se indaga como a acção recíproca numa intercessão, isto é, num pedido de outrem, pode achar o caminho para uma pessoa que propriamente não tenha orado, uma vez que o efeito retroactivo tem de refluir, pelo caminho preparado, para aquele que pediu.

Também nesse caso não há nenhum desvio das leis estabelecidas. Um intercessor pensa durante sua oração de modo tão intenso na pessoa pela qual pede, que devido a isso o seu desejar é primeiramente *ancorado* ou firmemente amarrado naquela pessoa e então, de lá, toma seu caminho para cima, podendo, portanto, também voltar para essa pessoa, para a qual o forte desejo do intercessor, de qualquer modo, já se tornou vivo, circulando em volta dela. É pressuposição indispensável, porém, que o solo daquela pessoa, em favor da qual se ora, esteja em condições receptíveis e pela igual espécie apto a uma ancoragem, e não coloque acaso obstáculos à mesma.

Caso o solo não esteja em condições receptíveis, portanto, indigno, há no resvalar das intercessões apenas novamente a maravilhosa justiça das leis divinas, as quais não podem permitir que a um solo totalmente estéril chegue de fora uma ajuda através de outrem. Esse rechaçar ou desviar da intencionada ancoragem de uma intercessão de uma pessoa, objecto desse rogo, a qual é indigna devido a seu estado interior, acarreta a impossibilidade de uma acção de auxílio. Existe também aqui, novamente, algo tão perfeito nesse actuar autónomo e lógico, que o ser humano se encontra admirado diante da distribuição integral e justa, a isso ligada, dos frutos de tudo quanto foi por ele próprio desejado!

Se isso não se processasse tão inexoravelmente, então a engrenagem da Criação provocaria uma lacuna, que permitiria possibilidades para injustiça contra aqueles indignos, que não podem ter intercessores, apesar de que intercessores também surgem somente por reciprocidade de amizades anteriores ou algo semelhante.

Intercessões de pessoas, que as praticam sem o próprio impulso íntimo e absoluto de verdadeiras intuições, não têm nenhum valor nem resultado. São apenas debulho vazio.

Existe ainda uma outra espécie de efeito de intercessões legítimas. Trata-se de indicar o rumo! A oração sobe directamente e aponta para a pessoa necessitada. Se for enviado um mensageiro espiritual, por meio desse caminho indicado, para apoio, então a possibilidade de um auxílio está sujeita às mesmas leis do valor ou falta de valor, portanto, da capacidade receptiva ou da rejeição. Se o necessitado estiver inclinado intimamente para as trevas, o mensageiro com vontade de auxiliar, baseado na intercessão, não poderá obter contacto, não conseguirá influir e terá de voltar sem nada haver feito. A intercessão, portanto, não pôde ser realizada, porque as leis, em sua vivacidade, não o permitiram. Mas se houver o solo adequado, então uma legítima intercessão terá valor incalculável! Ou levará auxílio, mesmo que o necessitado nada saiba disso, ou unir-se-á ao desejo ou oração do necessitado, dando-lhe assim grande fortalecimento.

28. O Pai Nosso

São apenas poucas as pessoas que procuram consciencializar-se *do que* realmente querem, quando proferem a oração “Pai – Nosso”. Menos ainda, as que sabem realmente qual o *sentido* das frases que aí estão recitando. Recitar é decerto a única expressão adequada para o procedimento que o ser humano, neste caso, chama de orar.

Quem se examinar rigorosamente a tal respeito *tem* de admitir isso, ou então testemunhará que passa toda a sua vida de idêntica maneira... superficial, não sendo, nem jamais tendo sido capaz de um pensamento profundo. Existem muitos desses nesta Terra que, sem dúvida, levam-se a sério, mas, pelos outros, mesmo com a melhor boa vontade, não podem ser levados a sério.

Exactamente o começo desta oração desde sempre é intuído erroneamente, se bem que de modos diversos. As pessoas que procuram proferir com seriedade esta oração, isto é, que nela se empenham com uma certa boa vontade, sentem surgir em si, logo após ou durante as primeiras palavras, um certo sentimento de segurança, de tranquilidade anímica! E este sentimento permanece predominante nelas até alguns segundos depois de orar.

Isso explica duas coisas: primeiro, que quem reza só pode manter sua seriedade durante as primeiras palavras, através das quais se desencadeia tal sentimento, e, segundo, que justamente o desencadeamento desse sentimento prova quão longe se acha de entender o que com isso profere!

Mostra com isso, nitidamente, sua incapacidade de manter a profundidade do pensar, ou também sua superficialidade; porque, do contrário, com as palavras que se seguem, imediatamente devia surgir um *outro* sentimento, correspondente ao conteúdo alterado das palavras, tão logo nele elas se tornem realmente vivas.

Portanto, permanece nele apenas o que as primeiras palavras despertam. Entendesse ele, porém, o sentido correto e o significado verdadeiro das palavras, estas teriam de despertar-lhe uma intuição muito diferente do que um agradável sentimento de acolhimento.

Pessoas mais presunçosas vêm por sua vez na palavra “Pai” a confirmação de descenderem directamente de Deus, e assim, num desenvolvimento correcto, tornarem-se, por fim, até mesmo divinas, já trazendo, porém, sem dúvida, algo divino dentro de si. E assim existem ainda muitos outros erros entre os seres humanos quanto a esta frase. A maioria,

contudo, considera-a simplesmente como a *invocação* na oração, o apelo! Aí necessitam pensar o mínimo possível. E correspondentemente é recitada sem reflexão, quando exactamente na invocação a Deus devia residir todo o fervor de que uma alma humana, enfim, pode tornar-se capaz.

Mas tudo isso esta primeira frase não deve dizer nem ser, contudo, o Filho de Deus inseriu na escolha das palavras simultaneamente a explicação ou a indicação *de que maneira uma alma humana* deve encaminhar-se para a oração, *de que modo* pode e deve apresentar-se perante seu Deus, se sua oração deve ser atendida. Diz exactamente qual a disposição que ela deve possuir em tal momento, como tem de ser seu estado de pura intuição, quando quiser depor seu pedido nos degraus do trono de Deus.

Assim, a oração toda se divide em três partes. A primeira parte é a entrega total, a rendição da alma perante seu Deus. Falando figuradamente, ela se abre de todo diante Dele, antes de aproximar-se com uma súplica, dando previamente testemunho de sua própria força de vontade pura. O Filho de Deus quer com isso deixar claro qual deve ser o intuir que unicamente pode formar a base para uma aproximação de Deus! Por isso apresenta-se como um grande sacrossanto juramento, quando no início se encontram as palavras: “*Pai nosso, que estás no céu!*” Considerai que oração não tem a mesma significação que pedido! Do contrário, não haveria orações de agradecimento que não contivessem nenhum pedido. Orar não é pedir. Já nisso o “Pai Nosso” tem sempre sido incompreendido até agora, por causa do mau hábito do ser humano de nunca se dirigir a Deus, se ao mesmo tempo não espera ou até exige algo Dele; pois no esperar já se encontra o exigir. E aí a criatura humana realmente *sempre* espera algo, isto ela não pode negar! Mesmo que, falando em traços gerais, exista nela apenas o sentimento nebuloso de receber um dia um lugar no céu. O ser humano não conhece a jubilosa gratidão no alegre usufruir de sua existência consciente a ele concedida, expressa na cooperação desejada por Deus ou por Deus com razão esperada na grande Criação para o bem de seu ambiente! Tampouco presente que é justamente isso, e *somente* isso, que abrange seu próprio e verdadeiro bem-estar, seu progresso e sua ascensão.

Sobre tal base desejada por Deus, porém, encontra-se em verdade a oração “Pai Nosso”! De outra forma o Filho de Deus nem poderia tê-la dado, pois apenas desejava o bem dos seres humanos, que reside somente na correcta observação e cumprimento da vontade de Deus!

A oração dada por ele é, portanto, tudo, menos uma oração de súplica, mas sim um grande juramento do ser humano abrangendo tudo, o qual, nisso, prostra-se aos pés de seu Deus! Deu-a Jesus aos seus discípulos, que estavam dispostos naquele tempo a viver em pura

adoração a Deus, a servir a Deus com seu viver na Criação e com esse servir honrar Sua sacrossanta vontade!

A criatura humana deveria reflectir bem e profundamente se pode atrever-se, enfim, a utilizar essa oração e a pronunciá-la, deveria examinar-se seriamente se, na utilização, não procura por acaso mentir a Deus!

As frases introdutórias advertem com clareza suficiente que cada um deve se examinar, se também realmente é assim como nelas se apresenta! Se com isso ousa aproximar-se sem falsidade do trono de Deus!

Se, contudo, vivenciardes em vós as três primeiras frases da oração, então elas vos conduzirão aos degraus do trono de Deus. Elas são o caminho para isso, quando numa alma chegarem ao vivenciar! Nenhum outro leva até lá. Mas este, seguramente! Não vivenciando essas frases, porém, nenhum dos vossos pedidos poderá chegar até lá.

Deve ser uma invocação submissa e, contudo, jubilosa, quando ousais proferir: “Pai nosso, que estás no céu!”

Nesta exclamação repousa a vossa sincera afirmação: “A ti, ó Deus, dou todos os direitos de Pai sobre mim, aos quais quero submeter-me com obediência infantil! E reconheço com isso também Tua onisciência, Deus, em tudo o que Tua determinação trazer, e peço que disponhas de mim como um pai tem de dispor dos seus filhos! Aqui estou, Senhor, para Te ouvir e Te obedecer infantilmente!”

A segunda frase: “*Santificado seja o Teu nome!*” Esta é a afirmação da alma em adoração, de como nela é sincero tudo aquilo que ousa dizer a Deus. Que está presente com plena intuição em cada palavra e pensamento, não abusando com superficialidade do nome de Deus! Pois o nome de Deus lhe é sobremaneira sagrado! Considerai, vós que orais, o que com isto prometeis! Se quiserdes ser inteiramente sinceros convosco, tendes de reconhecer que vós, seres humanos, até agora, justamente com isto, tendes mentido diante do semblante de Deus; porque nunca fostes *tão* sinceros na oração conforme o Filho de Deus, pressupondo, estabeleceu nestas palavras como *condição!*

A terceira frase: “*Venha a nós o Teu reino!*” novamente não é nenhum pedido, mas apenas mais uma promessa! É um prontificar-se de que através da alma humana tudo deve tornar-se aqui na Terra *tal* como é no Reino de Deus! Por isso a expressão: “*Venha a nós o Teu reino!*” Isto quer dizer: Nós seres humanos queremos fazer de tudo aqui na Terra para que o Teu reino

perfeito possa estender-se até aqui! O solo deve ser preparado por nós de modo que tudo viva apenas segundo a Tua santa vontade, isto é, cumprindo plenamente as Tuas leis da Criação, de maneira a tudo se realizar *tal* qual é em Teu reino, o reino espiritual onde se encontram os espíritos amadurecidos e livres de todas as culpas e cargas, que apenas vivem servindo à vontade de Deus, porque somente no cumprimento incondicional desta surge algo de bom, pela perfeição nela latente. É, portanto, a afirmação de querer tornar-se *assim*, para que também a Terra, mediante a alma humana, venha a ser um reino do cumprimento da vontade de Deus!

Tal afirmação fica ainda reforçada pela frase seguinte: “*Seja feita a Tua vontade, como no céu, assim também na Terra!*” Essa não é apenas a declaração da boa vontade de enquadrar-se inteiramente na vontade divina, mas incluída nela também a promessa de interessar-se por essa vontade, de esforçar-se com toda a diligência, após o reconhecimento dessa vontade. Tal esforço tem de preceder, sim, a uma adaptação a essa vontade; pois enquanto a criatura humana não a conhecer direito, não estará apta a orientar-se por ela com seu intuir, seu pensar, falar e agir! Que enorme e condenável leviandade é, pois, para cada ser humano fazer essas promessas sempre e sempre de novo ao seu Deus, quando na realidade nem se importa de como seja a vontade de Deus, que se acha firmemente ancorada na Criação. O ser humano mente, sim, em cada palavra da oração, quando ousa proferi-la! Com isso, encontra-se como um hipócrita diante de Deus! Acumula sempre novas culpas por cima das antigas, sentindo-se por fim digno de lástima, quando ele, no corpo de matéria fina, tiver de sucumbir no Além sob este fardo. Para reconhecer correctamente a vontade de Deus, foi-lhe dada oportunidade agora já por *três vezes!* Uma vez através de Moisés, que foi para isso inspirado. ^(*Iluminado) A segunda vez pelo próprio Filho de Deus Jesus, que trouxe a Verdade dentro de si, e agora, a terceira e, com isso, a *última vez*, na Mensagem do Graal que, por sua vez, foi haurida directamente da Verdade. —

Somente quando estas frases tiverem sido cumpridas realmente por uma alma, como condição preliminar, é que ela poderá prosseguir: “*O pão nosso de cada dia nos dá hoje!*” Isso equivale a dizer: “Se eu tiver cumprido aquilo que afirmei ser, deixa então que a Tua bênção paire sobre a minha actuação terrena, a fim de que eu, nas actividades para a obtenção de minhas necessidades grosso-materiais, disponha sempre de tempo para poder viver segundo a Tua vontade!”

“*E perdoa-nos nossa dívida, assim como nós perdoamos aos nossos devedores!*” Nisso jaz o saber a respeito do incorrupto, justo efeito retroactivo das leis espirituais, que transmitem a vontade de Deus. Simultaneamente também a expressão da confirmação na plena confiança nisso; pois o pedido de perdão, isto é, de remissão da culpa, baseia-se

condicionalmente no cumprimento *anterior*, pela alma humana, do próprio perdoar de todas as injustiças que os semelhantes lhe fizeram. Quem, porém, é capaz *disso*, quem já houver perdoado tudo ao seu próximo, este também está *de tal forma* purificado interiormente que ele próprio, *intencionalmente*, nunca comete injustiça! Com isso, todavia, também estará livre perante Deus de todas as culpas, uma vez que lá só é considerado como injustiça o que tiver sido feito *intencionalmente de má fé*. Só assim é que vem a ser uma injustiça. Há nisso uma grande diferença com relação a todas as leis humanas e conceitos terrenos actualmente existentes.

Assim, pois, também nessa frase, como base, encontra-se novamente uma promessa perante seu Deus de cada alma que almeja a Luz, declaração de sua verdadeira vontade, para cuja realização espera, através do aprofundamento e compreensão de si mesma, receber força na oração, a qual, na sintonização correta, também receberá segundo a lei da reciprocidade.

“*E não nos deixes cair em tentação!*” É um conceito errado, quando a criatura humana quer ler nestas palavras que seria tentada por Deus. Deus não tenta ninguém! Trata-se neste caso apenas de uma transmissão incerta que escolheu inabilmente o termo tentação. Seu sentido correto deve ser classificado em conceitos como errar, perder-se, isto é, andar errado, procurar erradamente no caminho ao encontro da Luz. Equivale a dizer: “Não nos deixes tomar caminhos errados, procurar erradamente, não nos deixes fazer mau uso do tempo! Desperdiçá-lo, malbaratá-lo! Mas retém-nos *à força*, se necessário for, inclusive se tal necessidade tenha de atingir-nos como sofrimento e dor.” Este sentido o ser humano também tem de deduzir da sentença seguinte, e de acordo com o teor directamente ligado a ela: “*Mas livra-nos do mal!*” Este “mas” mostra bem nitidamente a unidade das frases. O sentido equivale a: Faze-nos reconhecer o mal, seja qual for o preço que isso venha a nos custar, mesmo com o preço do sofrimento. Capacita-nos para tanto por intermédio de Teus efeitos recíprocos em cada uma de nossas faltas. No reconhecer encontra-se também a remissão para aqueles que tenham boa vontade para isso!

Com isso termina a segunda parte, o colóquio com Deus. A terceira parte constitui o remate: “*Pois Teu é o reino, a força e a magnificência por toda a eternidade! Amém!*”

É uma confissão jubilosa do sentimento de ser acolhido na onipotência de Deus através do cumprimento de tudo aquilo que a alma na oração deposita-Lhe aos pés como juramento!

Esta oração dada pelo Filho de Deus possui, por conseguinte, duas partes. A introdução da aproximação e o colóquio. Por último, adveio por Lutero a confissão jubilosa do saber do

auxílio para tudo aquilo que o colóquio encerra, do recebimento da força para o cumprimento daquilo que a alma prometeu ao seu Deus. E o cumprimento *terá* de levar a alma ao Reino de Deus, ao país da alegria eterna e da Luz! Assim o Pai Nosso, quando realmente vivenciado, torna-se o apoio e o bastão para a escalada ao reino espiritual!

O ser humano não deve esquecer-se de que numa oração ele tem de buscar, na realidade, somente a força, para poder *ele próprio realizar* o que pede! Assim deve orar! E assim também é constituída a oração que o Filho de Deus deu aos discípulos!

29. Adoração a Deus

Pode-se dizer sem receio que o ser humano ainda nem compreendeu a absoluta naturalidade para ele de uma adoração a Deus, menos ainda a praticou. Observai como vinha sendo feita até hoje a adoração a Deus! Conhece-se somente um pedir ou, falando ainda melhor, um mendigar! Apenas aqui e acolá também acontece alguma vez, por fim, que se elevem orações de gratidão provenientes realmente do coração. Isso, no entanto, só se dá, como grande exceção, sempre quando e onde uma pessoa recebe *inesperadamente* uma dádiva toda especial, ou é salva *subitamente* de um grande perigo. Para ela torna-se necessário que haja aí o inesperado e o súbito, quando, enfim, resolve fazer uma oração de agradecimento. Da mesma forma, as coisas mais extraordinárias podem cair-lhe no colo sem merecimento, no entanto, jamais ou apenas mui raramente chegará a pensar em agradecimento, tão logo tudo corra de maneira serena e normal. Se a ela, bem como a todos que ela ama, for sempre presenteada saúde de modo surpreendente, e se não tiver preocupações terrenas, então dificilmente ela resolverá fazer uma sincera oração de agradecimento. A fim de provocar em si um sentimento mais forte, o ser humano necessita sempre, infelizmente, de um impulso todo *especial*. Quando as coisas lhe vão bem, nunca se dá espontaneamente a esse trabalho. Ele a tem talvez na boca, aqui e acolá, ou também vai à igreja a fim de, nessa oportunidade, murmurar uma oração de agradecimento, mas nem lhe acode à mente estar presente com toda a sua alma, mesmo que seja apenas por um único minuto. Somente quando uma verdadeira aflição se lhe depara é que *então* mui rapidamente se lembra de que existe alguém capaz de *ajudá-lo*. O medo o impele, para finalmente uma vez balbuciar também uma oração! Isso, no entanto, será sempre apenas um pedir, mas nenhuma adoração.

Assim é o ser humano que ainda se considera *bom*, que se tem na conta de religioso! E esses são poucos na Terra! Excepções dignas de louvor!

Imaginai agora uma vez diante de vossos olhos o quadro deplorável! Como este se apresenta a vós, seres humanos, em uma observação correta! Quanto mais miserável, no entanto, encontra-se tal pessoa diante de seu Deus! Mas assim, infelizmente, é a realidade! Podeis virar-vos e revirar-vos do modo que quiserdes, tais factos permanecem, tão logo vos esforceis em investigar o assunto a fundo, excluindo qualquer dissimulação. Haveis de ficar aí um tanto apreensivos; pois nem o pedir e nem o agradecimento pertencem à adoração.

Adoração é *veneração*! E essa, porém, realmente não encontrais por toda esta Terra! Contemplai uma vez as celebrações ou solenidades que devem servir para louvor a Deus,

onde uma vez, excepcionalmente, deixa-se de pedir e mendigar. Aí estão os oratórios! (*Peças musicais religiosas) Procurai os cantores que cantam em adoração a Deus! Observai-os quando se preparam para tanto no auditório ou na igreja. Todos eles querem realizar algo, a fim de agradar aos *seres humanos*. Deus aí lhes é bastante indiferente. Justamente Ele, a quem, sim, isso devia ser dedicado! Olhai para o maestro da orquestra! Ele exige aplausos, quer mostrar aos seres humanos do que é capaz.

Prosegui, ainda. Contemplai as majestosas edificações, igrejas, catedrais que em louvor a Deus... deviam existir. O artista, o arquitecto e o construtor lutam apenas pelo reconhecimento terreno, cada cidade *vangloria-se* com essas edificações... para honra de si mesma. Têm até de servir para atrair forasteiros. Mas não acaso para adoração a Deus, ao contrário, para que acorra à localidade dinheiro em decorrência do movimento aumentado! Apenas o impulso pelas exterioridades terrenas, para onde olhardes! E tudo isso sob o pretexto de adoração a Deus!

Bem que existe ainda, aqui e acolá, uma pessoa cuja alma costuma abrir-se na floresta ou nas montanhas, que até se lembra aí, passageiramente, também da grandeza do criador de toda a beleza em seu redor, porém, de modo bem distante e em segundo plano. Nisso sua alma se expande, mas não para um voo de júbilo às alturas, porém... ela se expande literalmente no prazer do bem-estar. Isso não deve ser confundido com um voo às alturas. Não deve ser avaliado de maneira diferente que a satisfação de um glutão perante uma mesa ricamente sortida. Esse tipo de arrebatamento da alma é tomado erroneamente como adoração; permanece sem conteúdo, exaltação, sensação de bem-estar *próprio*, que aquele que assim intui considera como um agradecimento ao Criador. É mero acontecimento terrenal. Também muitos dos entusiastas da natureza consideram exactamente essa embriaguez como sendo adoração correta a Deus, e cuidam-se também nisso muito acima de quantos não têm as possibilidades de desfrutar dessas belezas de formações terrenas. É um grosseiro farisaísmo, oriundo unicamente da sensação do próprio bem-estar. Lantejoula, à qual falta qualquer valor. Quando essas pessoas um dia tiverem de procurar seus tesouros de alma, a fim de utilizá-los para sua ascensão, encontrarão o receptáculo dentro de si inteiramente vazio; pois o tesouro imaginado era somente uma embriaguez de beleza, nada mais. Faltava-lhe a verdadeira veneração pelo Criador. —

A verdadeira adoração a Deus não se manifesta em exaltação, nem em preces murmuradas, tampouco em súplicas, ajoelhamentos, contorções de mãos, nem em estremecimento bem-aventurado, mas em alegre *acção*! Na jubilosa afirmação dessa existência terrena! Pela usufruição de cada momento! Usufruir significa aproveitar. Aproveitar, por sua vez... vivenciar! Não, porém, em jogo e dança, nem em desperdícios de

tempo que prejudicam o corpo e a alma, os quais o intelecto procura e precisa como equilíbrio e estímulo de sua actividade, mas no olhar voltado para a Luz e para a vontade da *mesma*, que estimula, eleva e enobrece *tudo* quanto existe na Criação!

Para tanto se faz necessário, porém, como condição básica, o conhecimento exacto das leis de Deus na Criação. Estas lhe mostram de que maneira ele deve viver, se quiser ser saudável de corpo e de alma, mostram exactamente o caminho que conduz para cima, ao reino espiritual, no entanto, deixam também que ele reconheça de modo claro quais os horrores que têm de sobrevir-lhe quando se opõe a essas leis!

Visto que as leis da Criação actuam de modo autónomo e vivo, inflexível, inabalável, com uma força, contra a qual os espíritos humanos são de todo impotentes, então, no fundo, é apenas natural que a necessidade mais premente de cada ser humano tem de ser *a* de reconhecer irrestritamente essas leis, a cujos efeitos ele, em qualquer caso, realmente permanece exposto sem defesa!

E, no entanto, essa humanidade é tão restrita, que procura passar descuidadamente por cima dessa necessidade tão nítida e simples, apesar de não haver algo mais evidente! É notório que à humanidade não ocorrem jamais os pensamentos *mais simples*. Nisso qualquer animal é estranhamente mais esperto do que o ser humano. Adapta-se à Criação e nela é favorecido, enquanto o ser humano não procurar impedi-lo nisso. O ser humano, no entanto, quer dominar aquilo, a cuja actuação autónoma está e sempre estará sujeito. Presume, em sua vaidade, já *dominar* forças, quando apenas chega a aprender a utilizar-se, para seus fins, de pequenas derivações de irradiações, ou quando se utiliza, em escala bem reduzida, dos efeitos do ar, da água e do fogo! Aí não pondera que para essas utilizações, relativamente ainda muito pequenas, precisa, *antes de mais nada*, aprender e observar, a fim de utilizar-se das capacitações ou forças já existentes, exactamente *de acordo com suas propriedades específicas*. Ele tem de procurar adaptar-se aí, caso deva haver êxito! *Ele*, totalmente sozinho! Isso não é nenhum dominar, nem subjugar, mas um sujeitar-se, um enquadrar-se nas leis vigentes.

O ser humano deveria finalmente ter reconhecido nisso que apenas um adaptar-se aprendendo pode lhe trazer o proveito! Nisso deveria prosseguir, gratamente. Mas não! Vangloria-se e comporta-se cada vez mais presunçosamente do que antes. Exactamente ali onde ele se curva, servindo à vontade divina na Criação, obtendo através disso, imediatamente, proveitos visíveis, procura de modo pueril apresentar isso de tal forma, como se fosse ele um vencedor! Um vencedor da natureza! Essa mentalidade absurda alcança o auge de toda a tolice no facto de ele passar, dessa forma, cegamente por aquilo que realmente

é grande; pois com uma mentalidade correcta seria realmente um vencedor... sobre si mesmo e sua vaidade, porque ele, na observação lógica de todas as notáveis conquistas, aprendendo antes, curvou-se ao já existente. Somente assim advém-lhe sucesso. Cada inventor, bem como tudo aquilo que é realmente grande, adaptou seu pensar e seu querer às leis vigentes da natureza. O que quiser se opor ou até agir em sentido contrário será esmagado, triturado, esmigalhado. É impossível que alguma vez possa chegar realmente à vida.

Assim como as experiências em escala pequena, também não ocorre diferentemente com toda a existência do ser humano, nem diferentemente com ele mesmo!

Ele, que tem de peregrinar não somente através do curto período terreno, mas através de toda a Criação, necessita para tanto, incondicionalmente, do conhecimento das leis a que se acha submetida a *Criação inteira*, e não apenas o ambiente visível mais próximo de cada ser humano terreno! Se não as conhecer, ficará retido e impedido, ferido, jogado para trás ou até triturado, porque em sua ignorância não pôde seguir *com* as correntes de força das leis, mas sim colocou-se de maneira tão errada, que elas tiveram de empurrá-lo para baixo ao invés de para cima.

Um espírito humano não se apresenta grande, digno de admiração, mas apenas ridículo, sempre que se esforça por negar cega e obstinadamente os factos que *tem* de reconhecer diariamente em seus efeitos por toda parte, logo que deva utilizá-los não apenas em sua actividade e em toda a técnica, mas também fundamentalmente para si e para sua alma! Ele tem *sempre* oportunidade de ver, em sua existência terrena e em seu actuar, a absoluta perfeição e uniformidade de todos os efeitos básicos, quando não se fechar leviana ou até malevolamente e dormir.

Nisso não há excepção alguma na Criação inteira, também não para uma alma humana! *Tem* de submeter-se às leis da Criação, se seus efeitos devam ser favoráveis para ela! E essa simples evidência a criatura humana ignorou totalmente até agora, da maneira mais leviana.

Considerou-a tão simples, que exactamente por isso teve de tornar-se o mais difícil que havia para ela no reconhecimento. Cumprir essa tarefa difícil tornou-se-lhe com o tempo totalmente impossível. Encontra-se hoje assim diante da ruína, do descalabro anímico, que deve destruir conjuntamente tudo quanto construiu!

Só uma coisa poderá salvá-la: o conhecimento irrestrito das leis de Deus na Criação. Somente isso poderá impeli-la de novo para diante, fazê-la subir e, com ela, tudo o que procurar edificar futuramente.

Não digais que vós, como espíritos humanos, não podeis reconhecer tão facilmente as leis da Criação, que a Verdade dificilmente se deixa diferenciar das conclusões enganadoras. Isso não é verdade! Quem faz tais declarações tenta com isso apenas encobertar novamente a preguiça, que traz em si, só não quer deixar reconhecível a indiferença de sua alma ou procura desculpar-se perante si mesmo para tranquilização própria.

Nada, porém, lhe adianta; pois cada ser humano indiferente, cada preguiçoso, será agora condenado! Só aquele, que congrega todas as suas forças para utilizá-las *irrestritamente* na obtenção daquilo que é mais necessário para sua alma, pode ainda ter a perspectiva de salvação. O meio-termo vale tanto como nada. Igualmente cada hesitar, o protelar já é uma total negligência. À humanidade não é deixado mais tempo, porque ela já esperou até o ponto que constitui o último limite.

Evidentemente, desta vez não lhe será tão facilitado e nem será tão fácil, visto que ela mesma, por causa da mais despreocupada mornidão de até agora nessas coisas, privou-se de qualquer capacitação, até de crer na profunda seriedade de uma necessária e *última* resolução! E *este* ponto constitui exactamente a maior fraqueza, tornar-se-á a queda infalível de tantos!

Durante milénios muito foi feito a fim de tornar-vos clara a vontade de Deus ou a uniformidade das leis na Criação, pelo menos tanto quanto necessitastes, para que pudésseis ascender à Criação primordial donde saístes, para que achásseis novamente o caminho para lá! Não pelas assim chamadas ciências terrenas, nem pelas igrejas, mas pelos servos de Deus, os profetas dos tempos antigos, bem como depois pela mensagem do próprio Filho de Deus. Apesar de esta ter-vos sido dada de modo tão simples, *fazeis* apenas *referência* a ela, contudo, jamais vos esforçastes seriamente para compreendê-la direito, menos ainda viver de acordo! Isso era, segundo vossa concepção preguiçosa, exigir por demais de vós, não obstante ser vossa única salvação! Quereis ser salvos, sem vos esforçardes de maneira alguma para tanto! Se reflectirdes a respeito, haveis de chegar a esse triste reconhecimento.

Fizestes de cada mensagem de Deus uma religião! Para vossa comodidade! *E isso foi errado!* Pois a uma religião construístes um degrau todo especial e elevado, à parte das actividades quotidianas! E nisso se encontrava o maior erro que pudestes cometer; pois com isso colocastes também a vontade de Deus à parte da vida quotidiana, ou, o que vem a dar no mesmo, vós *vos* colocastes à parte da vontade de Deus, ao invés de unificar-vos com ela, de inseri-la no centro da vida e da actividade do vosso dia a dia! De tornar-vos *uma só coisa* com ela! Deveis assimilar de forma absolutamente *natural* e prática cada mensagem de Deus, deveis incorporá-la ao vosso trabalho, ao vosso pensar, a toda a vossa vida! Não deveis fazer dela algo a ser mantido à parte, conforme sucede actualmente, algo a que só vos dirigis para

visitas em horas de lazer! Onde por curto espaço de tempo procurais entregar-vos à contrição, ou ao agradecimento, ao descanso. Dessa forma, isso não se tornou para vós algo evidente, que vos seja próprio como a fome ou o sono.

Compreendi finalmente com acerto: vós deveis *viver* nessa vontade de Deus, a fim de vos orientardes direito em todos os caminhos, os quais trazem o bem para vós! As mensagens de Deus são indicações preciosas das quais *necessitais*, sem cujo conhecimento e observância estais perdidos! Portanto, não deveis colocá-las dentro de uma vitrine para contemplá-las com bem-aventurado estremecimento, como algo sagrado, tão-só aos domingos, ou para, na aflição, no medo, ali refugiar-vos em busca de forças! Desditosos, não deveis venerar a Mensagem, mas *utilizá-la*! Deveis pegá-la com vontade, não somente com trajes de festa, mas com as mãos calosas da vida laboriosa, que jamais desonram ou humilham, mas *honram* a qualquer um! A jóia brilha na mão calosa, suja de suor e de terra, de modo muito mais puro, mais intenso, do que nos dedos bem tratados de um ocioso indolente, que passa seu tempo terreno apenas em contemplações!

Cada mensagem de Deus devia se tornar algo próprio em vós, isto é, *tornar-se uma parte de vós*! Deveis procurar compreender o sentido correctamente!

Não devíeis considerá-la como algo à parte, que fica afastado de vós, e à qual costumais aproximar-vos com tímida reserva. Assimilai a Palavra de Deus em vosso *íntimo*, para que cada um saiba *de que forma* terá de viver e se conduzir, a fim de atingir o Reino de Deus!

Portanto, acordai finalmente! Aprendei a conhecer as leis da Criação. Para tanto não vos ajudará em nada qualquer inteligência terrena nem o insignificante saber de observações técnicas, algo tão mínimo é insuficiente para o caminho que vossa alma deve tomar! *Tendes* de elevar o olhar muito *acima* da Terra e reconhecer para onde vos conduz o caminho depois desta existência terrena, a fim de que nisso vos chegue simultaneamente a consciência do porquê e para qual finalidade estais nesta Terra. E, por sua vez, exactamente *assim* como vos encontráis *nesta* vida, se pobre, se rico, saudável ou doente, em paz ou em luta, alegria ou sofrimento, aprendereis a reconhecer a causa e também a finalidade, e com isso ficareis alegres e leves, agradecidos pelo vivenciar que até agora vos foi dado. Aprendereis a apreciar valiosamente cada segundo e, acima de tudo, a aproveitá-lo! Aproveitá-lo para a escalada rumo à existência cheia de alegria, à felicidade grandiosa e pura!

E por vos terdes emaranhado e desnorteado em demasia por vós próprios, veio-vos outrora, por intermédio do Filho de Deus, a mensagem de Deus como salvação, depois que as advertências transmitidas pelos profetas não tinham encontrado ouvidos. A mensagem de

Deus vos indicava o caminho, o único para a vossa salvação do pântano que já vos ameaçava asfixiar! O Filho de Deus procurou guiar-vos por meio de parábolas neste caminho! Os que queriam acreditar e os perscrutadores acolheram-nas com os seus *ouvidos*, mais adiante, contudo, elas não iam. Nunca procuraram viver de acordo.

A religião e a vida quotidiana permaneceram sempre duas coisas distintas para vós. Vós sempre ficastes de lado, ao invés de por dentro! Os efeitos das leis na Criação explicados nas parábolas permaneceram totalmente incompreendidos por vós, porque nelas não os procurastes!

Agora vem na Mensagem do Graal mais uma vez a mesma interpretação das leis na forma a vós mais compreensível para a época actual! São na realidade exactamente as mesmas que Cristo já trouxe outrora, na forma adequada *de então*. Ele mostrava como os seres humanos devem pensar, falar e agir, a fim de, amadurecendo espiritualmente, conseguir ascender na Criação! Mais a humanidade nem precisava. Para isso não há nenhuma lacuna na mensagem de outrora. A Mensagem do Graal traz agora exactamente a mesma coisa, somente na forma actual.

Todo aquele que finalmente se orienta por ela no pensar, falar e agir, *pratica com isso a mais pura adoração a Deus; pois esta repousa exclusivamente na acção!*

Quem se sintoniza de bom grado com as leis age sempre com acerto! *Com isso* prova seu respeito pela sabedoria de Deus, curva-se jubiloso à Sua vontade que reside nas leis. Dessa forma vem a ser favorecido e protegido pelos seus efeitos, libertado de todo sofrimento e elevado para o reino do espírito luminoso, onde, em jubiloso vivenciar, a omnisciência de Deus torna-se visível a cada um, sem turvação, e onde a adoração a Deus consiste na própria vida! Onde cada respiração, cada intuição, cada acção é apoiada pela mais alegre gratidão e assim permanece como um constante prazer. Nascido da felicidade, semeando felicidade e, por isso, colhendo felicidade! A adoração a Deus na vida e no vivenciar reside unicamente na observância das leis divinas. Somente com isso será assegurada a felicidade. Assim deverá ser no reino vindouro, o Milénio, que se denominará o Reino de Deus sobre a Terra! Dessa forma, todos os adeptos da Mensagem do Graal deverão tornar-se candeeiros e indicadores do caminho no meio da humanidade.

Quem não puder ou não quiser isso, este novamente não entendeu a mensagem. O serviço do Graal deve ser verdadeiro, viva adoração a Deus. Adoração a Deus é o primeiro serviço a Deus que não consiste em coisas exteriores, que não se mostra apenas externamente, mas que

vive também em cada ser humano nas horas de recolhimento mais íntimo, e que se mostra no seu pensar e no seu agir, como algo evidente.

Quem não quiser reconhecer isso espontaneamente, este não presenciará a época próxima do Reino de Deus, será destruído ou ainda obrigado à incondicional submissão com força divina e poder terreno! Para o bem de toda a humanidade, que está agraciada para finalmente encontrar nesse Reino a paz e a felicidade!

30. O ser humano e seu livre-arbítrio

Para que se possa dar um quadro completo a respeito, faz-se necessário reunir muitos elementos de fora que exercem suas influências maiores ou menores sobre o factor principal!

O livre-arbítrio! É algo diante do qual até mesmo seres humanos eminentes se detêm pensativamente, porque havendo uma responsabilidade, segundo as leis da justiça, também deve haver incondicionalmente uma possibilidade de livre resolução.

Por onde quer que se ande, de todos os lados se ouve a exclamação: onde é que existe uma vontade livre no ser humano, quando há de facto providência, condução, determinações, influências astrais e carma? ^(*Destino) Pois o ser humano é impelido, ajustado e conformado, quer queira quer não!

Com afínco os pesquisadores sinceros se lançam sobre tudo aquilo que fala do livre-arbítrio, no reconhecimento mui acertado de que, justamente a esse respeito, necessita-se imprescindivelmente de um esclarecimento. Enquanto este falta, o ser humano também não consegue se enquadrar direito, a fim de impor-se na grande Criação como aquilo que realmente é. Se, porém, não estiver sintonizado de maneira certa com referência à Criação, terá de permanecer nela como um estranho, andará sem rumo, terá de se deixar empurrar, ajustar e moldar, porque lhe falta a consciência do alvo. Assim resulta então uma coisa da outra, e, como consequência natural, o ser humano tornou-se por fim aquilo que ele hoje é, mas que, na verdade, não deve ser!

Seu grande defeito é o facto, que ele não sabe onde realmente se encontra seu livre-arbítrio e como actua. Tal contingência mostra também que perdeu completamente o caminho para seu livre-arbítrio, não sabendo mais como encontrá-lo.

A entrada do caminho para a compreensão não é mais reconhecível, devido à areia movediça amontoada. Dissiparam-se os rastros. A criatura humana, indecisa, corre aí em círculos, fatigando-se, até que por fim um vento refrescante abra novamente os caminhos. É natural e evidente que antes toda essa areia movediça será levantada em rodopios violentos e, ao desaparecer, ainda poderá turvar a vista de muitos dos que, ansiosos, continuam a procurar a abertura do caminho. Por esse motivo, cada um deve exercitar o máximo cuidado para conservar a vista livre, até que o último grãozinho dessa areia movediça também tenha se dispersado. Do contrário, pode suceder que esteja vendo o caminho, no entanto, com a vista

levemente turvada, pise em falso, tropece e caia, para, já com o caminho diante de si, ainda afundar. —

A incompreensão sempre de novo manifestada obstinadamente pelos seres humanos com relação à verdadeira existência de um livre-arbítrio baseia-se principalmente na não compreensão daquilo que o livre-arbítrio realmente é.

A explicação, na verdade, já se encontra na própria definição, porém, como por toda parte, aqui também não se vê a coisa realmente simples, por causa de tanta simplicidade, mas sim se procura em lugares errados, não se chegando dessa maneira a formar uma noção do livre-arbítrio.

Por arbítrio, o maior número dos seres humanos hoje em dia entende aquela sintonização forçada do cérebro terreno, quando o intelecto, atado a espaço e tempo, indica e determina alguma determinada direcção para o pensar e o sentir.

Esse, no entanto, não é o livre-arbítrio, mas o arbítrio atado pelo *intelecto* terreno!

Tal equívoco feito por tantas pessoas causa grandes erros, ergue as barreiras que impossibilitam um reconhecimento e uma compreensão. Admira-se então o ser humano quando aí encontra lacunas, depara com contradições e não consegue introduzir lógica nenhuma.

O livre-arbítrio, que sozinho actua tão incisivamente na verdadeira vida, de modo que se estende até longe no mundo do Além, que imprime seu cunho à alma, sendo capaz de moldá-la, é de espécie totalmente diferente. Muito maior para ser tão terrenal. Por isso não está em nenhuma ligação com o corpo terreno de matéria grosseira, portanto, também não com o cérebro. Encontra-se exclusivamente no próprio espírito, na alma do ser humano.

Se o ser humano não concedesse ao intelecto, sempre de novo, a soberania ilimitada, poderia o livre-arbítrio, com a visão mais ampla de seu verdadeiro “eu” espiritual, indicar ao cérebro do intelecto a direcção, oriunda da fina intuição. Por esse motivo, a vontade atada, que é absolutamente necessária para a realização de todas as finalidades terrenas, ligadas a espaço e tempo, teria então de enveredar muitas vezes por outro caminho, diferente do que acontece agora. Que com isso também o destino toma outro rumo é fácil de se explicar, porque o carma, devido aos diferentes caminhos tomados, também ata outros fios, trazendo outro efeito recíproco.

Essa explicação, naturalmente, ainda não pode trazer uma compreensão correta sobre o livre-arbítrio. Para que seja traçado um quadro completo disso, é necessário saber de que forma o livre-arbítrio já tem actuado. E de que maneira ocorreu a trama tantas vezes intrincada de um carma já vigente, que é capaz de, em seus efeitos, encobrir o livre-arbítrio de tal forma, que a sua existência mal ou de forma alguma pode ainda ser reconhecida.

Tal explicação, porém, somente poderá ser dada, por sua vez, se for recorrido ao processo evolutivo completo do ser humano espiritual, a fim de partir daquele momento em que a semente espiritual do ser humano mergulha pela primeira vez no invólucro de matéria fina, no limite extremo da materialidade. —

Vemos então que o ser humano não é absolutamente o que cuida ser. Nunca tem no bolso o direito absoluto à bem-aventurança e à continuação eterna de uma vida pessoal. ^{*(Dissertação N° 20: O Juízo Final)} A expressão: “Somos todos filhos de Deus”, no sentido interpretado ou imaginado pelos seres humanos, é errada! *Nem* todo ser humano é um filho de Deus, mas só quando para tanto tenha se desenvolvido.

O ser humano é lançado na Criação como um gérmen espiritual. Esse gérmen contém em si tudo para poder se transformar em um filho de Deus, pessoalmente consciente. Aí, porém, é pressuposto que para tanto ele desenvolva as correspondentes faculdades e cuide delas, sem deixar que se atrofiem.

Grande e poderoso é o processo, e, todavia, inteiramente natural em cada etapa do fenómeno. Nada se encontra aí fora de uma evolução lógica; porque a lógica está em todo o actuar divino, por ser este perfeito e tudo quanto é perfeito não pode dispensar a lógica. Cada um desses germens espirituais contém as mesmas faculdades em si, visto que promanam de um só espírito, e cada uma dessas faculdades individuais encerra uma promessa, cujo cumprimento realiza-se incondicionalmente, tão logo a faculdade seja levada ao desenvolvimento. Mas também somente então! Essa é a perspectiva de *cada* gérmen na sementeira. No entanto...!

Saiu um semeador para semear: lá onde o divinal, o eterno, paira sobre a Criação, e onde o mais etéreo da matéria fina da Criação toca a entealidade, é o campo para a sementeira dos germens espirituais humanos. Pequenas fagulhas saem do enteal transpondo o limite e afundam no solo virgem da parte fino-material da Criação, tal como nas descargas eléctricas de um temporal. É como se a mão criadora do Espírito Santo disseminasse sementes na materialidade.

Enquanto a semente se desenvolve e vagarosamente amadurece para a safra, muitos grãos se perdem. Não vingam, isto é, não desenvolveram suas faculdades mais elevadas, mas apodreceram ou secaram e devem perder-se na matéria. Aqueles, porém, que vingaram e sobressaem do solo, serão examinados rigorosamente por ocasião da colheita, as espigas vazias separadas das espigas cheias. Após a colheita, o joio será mais uma vez separado cuidadosamente do trigo.

Assim é a imagem do processo em geral. E agora, a fim de conhecermos o livre-arbítrio, temos de acompanhar mais detalhadamente o processo evolutivo propriamente dito *do ser humano*:

Como o mais elevado, o mais puro, é, em seu esplendor, o eterno, o divinal, o ponto de partida de tudo, o início e o fim, rodeado pelo luminoso ental.

Quando então centelhas do ental saltam para o campo da extremidade fino-material da Criação material, fecha-se instantaneamente em redor dessa centelha um invólucro gasoso de idêntica espécie de matéria dessa mais delicada região da materialidade. Com isso, o gérmen espiritual do ser humano entrou na Criação, a qual, como tudo o que é matéria, está sujeita a alterações e à decomposição. Ele ainda está livre de carma e espera as coisas que deverão vir.

Até a essas mais extremas ramificações chegam então as vibrações das fortes vivências que se processam incessantemente no meio da Criação em todo o formar e decompor.

Ainda que se trate dos mais delicados vislumbres que atravessam essa matéria fina gasosa como um sopro, são, pois, suficientes para despertar a vontade sensível no gérmen espiritual e chamar-lhe a atenção. Ele quer “provar” esta ou aquela vibração e segui-la ou, caso se queira expressar de outra forma, deixar-se levar por ela, o que equivale a um deixar-se atrair. Nisso, há a primeira decisão do gérmen espiritual multiplamente dotado e que doravante será, segundo a sua escolha, atraído para aqui ou acolá. Aí também já se vão atando os primeiros fios mais delicados do tecido que mais tarde constituirá o seu tapete de vida.

Agora, no entanto, poderá esse gérmen, que se desenvolve rapidamente, utilizar-se de cada momento para entregar-se às vibrações de outras espécies que cruzam de modo permanente e múltiplo o seu caminho. Tão logo o realize, isto é, o deseje, modificará assim sua direcção, seguindo a espécie recém-escolhida ou, expresso de outra forma, deixando-se arrastar por ela.

Através de seu desejo ele pode mudar, como por meio de um leme, o curso nas correntezas, tão logo uma delas não mais lhe agrade. Assim consegue “provar” aqui e acolá.

Nesse provar ele amadurece mais e mais, recebe lentamente a faculdade de discernir e por fim a capacidade de julgar, até que finalmente, tornando-se cada vez mais consciente e seguro, segue numa determinada direcção. Sua escolha das vibrações, as quais está disposto a seguir, não fica aí sem um efeito mais profundo sobre ele próprio. É apenas uma consequência muito natural que essas vibrações, nas quais ele, devido à sua livre vontade, por assim dizer, flutua, influenciem na reciprocidade o gérmen espiritual de acordo com sua espécie.

Mas o próprio gérmen espiritual, no entanto, possui em si *apenas* qualidades *nobres e puras*! Estes são os talentos que ele deve "colocar ao mais alto uso" na Criação. Se ele se entregar a vibrações nobres, estas, na lei da reciprocidade, vivificarão, despertarão, fortalecerão e desenvolverão as propriedades latentes no gérmen, de modo que estas com o tempo produzem juros abundantes e distribuem grandes bênçãos na Criação. Um ser humano espiritual que dessa forma se desenvolve tornar-se-á com isso um bom administrador.

Mas, se ele se decidir predominantemente por vibrações baixas, estas podem com o tempo influenciá-lo tão fortemente que a espécie delas fica aderida a ele, cobrindo e sufocando as próprias faculdades puras do gérmen espiritual, não deixando que cheguem a um verdadeiro despertar e florescer. Estas têm, por fim, de ser consideradas como de facto “enterradas”, pelo que o respectivo ser humano tornar-se-á um mau administrador dos dons a ele confiados.

Um gérmen espiritual não consegue, portanto, ser por si originariamente impuro, porque provém daquilo que é puro e traz apenas pureza em si. Pode, contudo, depois de seu mergulho na materialidade, conspurcar seu invólucro igualmente material pelo “provar” de vibrações impuras de acordo com a própria vontade, isto é, por meio de tentações, pode até com isso *adquirir* anímica e exteriormente coisas impuras, por fortes sufocações daquilo que é nobre, com o que ele então recebe características impuras, em contraste às capacidades inerentes e herdadas pelo espírito. A alma é somente o invólucro fino-material mais etéreo, gasoso, do espírito, e *somente* existente na Criação material. Após um eventual retorno para o puro espírito-enteal, situado mais acima, a alma é deixada para trás e só existe ainda o espírito, que de outra forma nem poderia ultrapassar o limite da Criação material para regressar ao espiritual. O seu regresso, seu retorno, no entanto, acontece então de forma viva, consciente, enquanto que a centelha que partiu ainda não o era no início.

Cada culpa e todo o carma é *apenas* de ordem *material*! Somente dentro do âmbito da Criação material, não diferentemente! Também não pode se transferir para o espírito, mas somente se aderir a ele. Razão pela qual é possível um *lavar-se* de toda a culpa.

Esse reconhecimento nada derruba, mas apenas confirma tudo o que a religião e a Igreja dizem figuradamente. Sobretudo, reconhecemos sempre mais e mais a grande Verdade que Cristo trouxe à humanidade.

É também evidente que um gérmen espiritual, que se sobrecarregou de coisas impuras na materialidade, não pode mais voltar novamente com essa carga para o espiritual, mas deverá permanecer na matéria até que tenha se desprendido desse fardo e podido livrar-se dele. Terá assim, naturalmente, de permanecer sempre na região para a qual o peso de sua carga o obriga, sendo para isso factor determinante o maior ou menor grau de impureza. Caso não consiga libertar-se e lançar fora o fardo até o dia do Juízo, não conseguirá ascender, apesar da sempre permanente pureza do gérmen espiritual, que, aliás, pela sobrepujança das coisas impuras, não pôde desenvolver correspondentemente suas reais capacidades. O impuro, pelo seu peso, retém-no e arrasta-o junto para a decomposição de tudo quanto é material. ^{*(Dissertação N°}

20: O Juízo Final)

Quanto mais consciente se torna então um gérmen espiritual em seu desenvolvimento, tanto mais o invólucro exterior irá se amoldando às características interiores. Ou aspirará ao que é nobre ou ao que é vil, isto é, ao belo ou ao feio.

Cada mudança de direcção, que ele fizer, formará um nó nos fios, que ele vai arrastando atrás de si, que, em muitos caminhos errados, em muitas idas e vindas, podem vir a formar numerosas meadas como numa rede, na qual ele se emaranha, pelo que ou nela afunda, porque o retém, ou terá de se libertar violentamente. As vibrações às quais ele se entregou, provando ou usufruindo durante seus percursos, ficam ligadas a ele e arrastam-se atrás dele como fios, transmitindo-lhe, porém, também dessa forma, ininterruptamente, sua espécie de vibrações. Se ele então mantiver por longo tempo a mesma direcção, assim os fios anteriores que se encontram mais longe, bem como os que estão mais perto, poderão actuar com intensidade não diminuída. Caso, porém, mude de rumo, as vibrações anteriores pouco a pouco irão se enfraquecendo em sua influência, por causa desse cruzamento, pois terão de passar primeiro por um nó que actua sobre elas de modo embaraçador, porque o enlaçamento em si já constitui uma ligação e fusão com a nova e diferente direcção. A nova direcção então resultante continua actuando em sua espécie diferente sobre a anterior, desagregando e dissolvendo, caso não pertença a uma espécie semelhante à primeira. E assim segue sucessivamente. Os fios vão se tornando mais espessos e mais fortes com o crescimento do

gérmen espiritual, formando o carma, cujo efeito posterior pode, por fim, adquirir tanto poder, que associa ao espírito este ou aquele “pendor”, que finalmente é capaz de prejudicar suas livres decisões, dando-lhes uma direcção já antes estimável. Com isso o livre-arbítrio está então obscurecido, não pode mais actuar como tal.

Desde o início, portanto, existe o livre-arbítrio, só que muitos arbítrios estão mais tarde de tal forma sobrecarregados, que são fortemente influenciados pela maneira já mencionada, não podendo mais ser, portanto, nenhum livre-arbítrio.

O gérmen do espírito, que dessa forma vai se desenvolvendo mais e mais, deve, pois, ir se aproximando cada vez mais da Terra, visto que dela partem as vibrações de modo mais forte e ele, direccionando de forma cada vez mais consciente, segue-as, ou, melhor dito, deixa-se “atrair” por elas, a fim de poder provar cada vez mais intensamente as espécies escolhidas segundo a sua inclinação. Quer passar do petiscar para o real “provar” e, daí, para o “desfrutar”.

As vibrações oriundas da Terra são por isso tão fortes, porque aqui sobrevém algo de novo, muito revigorante: a força sexual corporal da matéria grosseira! *(Dissertação Nº 62: A força sexual em sua significação para a ascensão espiritual)

Essa tem a finalidade e a capacidade de “*incandescer*” toda a intuição espiritual. O espírito somente assim obtém correta ligação com a Criação material e pode por isso, só então, nela tornar-se activo com pleno vigor. Abrange então tudo quanto é necessário para se fazer valer plenamente na materialidade, a fim de firmar-se nela em todos os sentidos, podendo actuar de maneira penetrante e dominadora, estando armado contra tudo e também protegido de tudo.

Daí as colossais ondas de força que emanam do vivenciar que se processa através dos seres humanos na Terra. Alcançam, no entanto, sempre apenas tão longe quanto a Criação material, contudo, nela vibrando até as ramificações mais delicadas.

Uma pessoa na Terra que fosse espiritualmente elevada e nobre, e que por isso viesse com elevado amor espiritual a seus próximos, permanecer-lhes-ia estranha, não podendo aproximar-se interiormente, tão logo fosse excluída sua força sexual. Assim, faltaria uma ponte para o entendimento e para o intuir anímico, existiria conseqüentemente um abismo.

No momento, porém, em que tal amor espiritual entra em pura ligação com a força sexual, e torna-se incandescido por esta, o fluxo para toda a materialidade recebe uma vida

muito diferente, torna-se nisso terrenalmente mais real e consegue assim actuar sobre os seres humanos terrenos e sobre toda a materialidade de modo pleno e compreensível. Só assim ele é assimilado e compreendido por esta e pode trazer aquela bênção à Criação, que o espírito do ser humano deve trazer.

Há algo gigantesco nessa ligação. *Esse* é também o objectivo propriamente dito, pelo menos a *finalidade principal*, desse imensurável impulso natural, para tantos enigmático, a fim de deixar o espiritual desenvolver-se na materialidade até a plena força de actuação! Sem isso ele permaneceria demasiado estranho à materialidade, para poder manifestar-se direito. A finalidade procriadora só vem em *segundo* lugar. O facto principal é o impulso para cima que resulta dessa ligação no ser humano. Com isso o espírito humano também recebe sua força plena, seu calor e sua vitalidade, fica, por assim dizer, pronto com este processo. *Por isso principia aqui, mas também somente agora, a sua plena responsabilidade!*

A sábia justiça de Deus outorga ao ser humano, porém, nesse importante ponto de transição, também simultaneamente, não somente a possibilidade, mas sim até o impulso natural para desembaraçar-se facilmente de todo o carma com que até então sobrecarregou seu livre-arbítrio. Dessa forma, o ser humano consegue outra vez libertar o arbítrio completamente, para então, estando conscientemente de modo poderoso na Criação, tornar-se um filho de Deus, actuar no Seu sentido e subir às alturas em puras e elevadas intuições, para onde mais tarde será atraído, quando tiver deixado seu corpo de matéria grosseira.

Se o ser humano não fizer isso, a culpa é dele; pois com a entrada da força sexual manifesta-se nele, de modo preponderante, um impulso poderoso para cima, para o que é ideal, belo e puro. Isso sempre pode ser observado nitidamente na juventude incorrupta de ambos os sexos. Daí os entusiasmos dos anos da mocidade, infelizmente muitas vezes ridicularizados pelos adultos, e que não devem ser confundidos com os dos anos da infância. Por isso também nesses anos as intuições inexplicáveis, levemente melancólicas e com um ar de seriedade. Não são infundadas as horas em que parece que um moço ou uma jovem teria de carregar toda a dor do mundo, quando lhe surgem pressentimentos de uma profunda seriedade. Também o não se sentir compreendido, que tão frequentemente ocorre, contém em si, na realidade, muito de verdadeiro. É o reconhecimento temporário da conformação errada do mundo em redor, o qual não quer nem pode compreender o sagrado início de um voo puro às alturas, e só fica satisfeito quando essa tão forte intuição exortadora nas almas em amadurecimento é arrastada para baixo, para o “mais real” e sensato, que lhe é mais compreensível e que considera mais adequado à humanidade, julgando, em seu sentido intelectual unilateral, como o único normal.

Não obstante isso, existem inúmeros materialistas inveterados que, em idêntica época de sua vida, intuíram da mesma forma como uma severa advertência e que, aqui e acolá, falam prazerosamente do tempo áureo do primeiro amor com um leve acesso de certa sensibilidade, até de melancolia, que expressa inconscientemente certa dor sobre algo perdido, que não é possível descrever mais pormenorizadamente. E nisso todos eles têm razão! O mais precioso foi lhes tomado, ou eles próprios jogaram-no fora levemente, quando, no cinzento dia-a-dia do trabalho, ou sob o sarcasmo dos assim chamados “amigos” e “amigas”, ou por meio de maus livros e exemplos, enterraram timidamente a jóia, cujo brilho, não obstante, irrompe novamente durante sua vida posterior, uma vez aqui e acolá, deixando aí num instante bater mais alto o coração insatisfeito, num inexplicável tremor de uma enigmática tristeza e saudade.

Mesmo que tais intuições sejam sempre de novo recalçadas e ridicularizadas rapidamente em amargo auto-escarnecimento, comprovam ainda assim a existência desse tesouro, e felizmente poucos são aqueles que podem afirmar nunca terem tido tais intuições. E esses também apenas seriam dignos de lástima; pois nunca viveram.

Mas mesmo tais corrompidos, ou digamos dignos de lástima, sentem então uma saudade, quando se lhes dá a oportunidade de encontrar uma pessoa que utiliza essa força propulsora com disposição correta, e que, portanto, assim se tornou pura e já se encontra na Terra interiormente elevada. O efeito de semelhante saudade em tais pessoas é, porém, na maioria das vezes, primeiramente o reconhecimento involuntário da própria baixeza e negligência, que acaba transformando-se então em ódio, que pode chegar até a uma cólera cega. Não é raro também acontecer que uma pessoa perceptivelmente já animicamente elevada atraia sobre si o ódio de massas inteiras, sem que ela própria realmente tivesse dado motivo reconhecível externamente para tanto. Tais massas então não sabem outra coisa senão bradar: “crucificai-o, crucificai-o!”. Daí o grande número de mártires que a história da humanidade tem registado.

A causa é a dor feroz de ver em outros algo precioso, que eles próprios perderam. Uma dor que só reconhecem como ódio. Em pessoas com maior calor interior, que foram retidas ou arrastadas para a imundície apenas devido a maus exemplos, a saudade daquilo que propriamente não foi conseguido provoca, num encontro com uma pessoa interiormente elevada, muitas vezes também ilimitado amor e veneração. Para onde quer que se dirija tal pessoa, há sempre apenas um pró ou um contra em torno dela. Indiferença não consegue resistir.

A graça misteriosamente irradiante duma jovem incorrupta ou dum moço incorrupto outra coisa não é senão o impulso *puro* da força sexual que desperta em união com a força espiritual

para coisas mais elevadas e mais nobres, intuído conjuntamente pelo seu ambiente devido às fortes vibrações! Zelosamente, cuidou o Criador de que isso só sucedesse ao ser humano numa idade em que pudesse tornar-se plenamente consciente de sua vontade e de seus actos. Então é chegado o tempo no qual ele pode e deveria desembaraçar-se, como que brincando, de tudo quanto pertence ao passado, em ligação com a força plena nele agora existente. Cairia até por si, caso o ser humano mantivesse sua vontade pelo bem, ao que nessa época sente-se impulsionado sem cessar. Poderia, então, como as intuições mui acertadamente indicam, escalar sem esforço àquele degrau ao qual ele, como ser humano, pertence! Vede a atitude sonhadora da mocidade incorrupta! Nada mais é senão a intuição do impulso para cima, a vontade de libertar-se de toda a imundície, o anseio ardente pelo que é ideal. A inquietação impulsionadora, porém, é o sinal para não perder o tempo, mas desembaraçar-se energicamente do carma e iniciar a escalada do espírito.

Por isso a grande importância, o grande ponto de transição que a Terra é para a criatura humana!

É algo de esplêndido encontrar-se nessa força concentrada, actuar nela e com ela! Isso, enquanto a direcção que o ser humano escolheu for boa. Mas também não existe nada mais miserável do que malbaratar essas energias unilateralmente em cega embriaguez dos sentidos e assim vir a paralisar seu espírito, privando-o de uma grande parte do impulso de que tanto necessita para chegar às alturas.

E, no entanto, o ser humano, na maioria dos casos, perde essa preciosa época transitória, deixando-se guiar pelo ambiente “entendido” para caminhos errados, os quais o retêm e, infelizmente, com demasiada frequência até o conduzem para baixo. Devido a isso não consegue libertar-se das turvas vibrações nele aderentes, as quais, pelo contrário, recebem apenas novo suprimento de forças e, assim, envolvem mais e mais o seu livre-arbítrio, até que ele não consegue mais reconhecê-lo.

Assim acontece na *primeira* encarnação na Terra. Nas seguintes encarnações, que se fazem necessárias, o ser humano trará consigo um carma muito mais pesado. A possibilidade de desvencilhamento, porém, apresenta-se, apesar disso, sempre de novo, e nenhum carma poderia ser mais forte do que o espírito do ser humano ao chegar na plenitude do seu vigor, tão logo receba através da força sexual a ligação sem lacunas com a materialidade, à qual, sim, o carma pertence.

Se, porém, o ser humano desperdiçou essas épocas para desvencilhar-se do seu carma e para a recuperação a isso ligada de seu livre-arbítrio, tendo se emaranhado mais ainda, tendo

talvez até caído profundamente, apesar disso, ainda se oferece a ele um poderoso aliado para o combate do carma e para a ascensão. O maior vencedor que há, capaz de tudo sobrepujar. A sabedoria do Criador dispôs as coisas na materialidade de tal maneira, que os períodos mencionados não são os únicos em que o ser humano pode encontrar a possibilidade de auxílio rápido, nos quais ele consegue encontrar a si mesmo, bem como o seu real valor, recebe até para tanto um impulso extraordinariamente forte, a fim de que atente a isso.

Esse poder mágico, que está à disposição de cada ser humano durante toda sua existência terrena, em constante prontidão de auxílio, mas que também se origina da mesma união da força sexual com a força espiritual, podendo provocar a eliminação do carma, é *o amor!* Não o amor cobiçoso da matéria grosseira, mas o elevado e puro amor que outra coisa não conhece nem deseja senão o bem da pessoa amada, que nunca pensa em si próprio. Ele pertence também à Criação material e não exige renúncia nem penitências, mas quer sempre apenas o melhor para o outro, preocupa-se com ele, sofre com ele, mas divide também com ele as alegrias.

Como base, tem ele as intuições semelhantes de anseio pelo ideal da juventude incorrupta no irromper da força sexual, mas também estimula o ser humano responsável, isto é, maduro, para a força plena de toda a sua capacidade, até ao heroísmo, de modo que a força produtiva e combativa seja concentrada à máxima intensidade. Aqui, em relação à idade, não são postos limites! Tão logo uma pessoa dê guarida ao amor puro, seja o de um homem por uma mulher ou vice-versa, ou por um amigo, ou por uma amiga, ou pelos pais, pelos filhos, não importa, se este apenas for puro, trará como primeira dádiva a oportunidade para livrar-se de todo o carma, que então apenas é remido ainda de forma puramente “simbólica”, *(Dissertação Nº 37: Simbolismo no destino humano) para o desabrochar do livre e consciente arbítrio, que *só* pode ser dirigido para cima. Como consequência natural, inicia-se então a escalada, o resgate das cadeias indignas que a retêm.

A primeira intuição que se manifesta quando desperta o amor puro é o julgar-se indigno diante do ser querido. Com outras palavras, pode-se descrever esse fenómeno como o princípio da modéstia e da humildade, portanto, o recebimento de duas grandes virtudes. A seguir, junta-se a isso o impulso de querer manter a mão sobre o outro, protetoramente, a fim de que não lhe aconteça mal algum de nenhum lado, mas sim que seu caminho o conduza por veredas floridas e ensolaradas. O “querer trazer nas palmas das mãos” não é um ditado oco, mas sim caracteriza mui acertadamente a intuição que brota. Nisso, porém, encontra-se uma abdicação da própria personalidade, uma grande vontade de servir, o que, por si só, poderia bastar para eliminar em pouco tempo todo o carma, tão logo essa vontade perdure e não dê lugar a impulsos puramente sensuais. Por último, manifesta-se ainda, no amor puro, o desejo

ardente de poder fazer algo bem grande para o outro ser querido, no sentido nobre, de não o ofender ou ferir com nenhum gesto, nenhum pensamento, nenhuma palavra, muito menos ainda com uma acção feia. Torna-se viva a mais delicada consideração.

Trata-se, então, de segurar essas puras intuições e colocá-las acima de tudo o mais. Nunca alguém, então, quererá ou fará algo de mal. Simplesmente não o consegue, mas sim, pelo contrário, tem nisso a melhor protecção, a maior força, o mais bem-intencionado conselheiro e auxiliador.

Por esse motivo também Cristo, sempre de novo, indica para a onnipotência do amor! Somente ele tudo ultrapassa, tudo consegue. Todavia, pressupondo sempre que não se trate apenas do amor terreno e cobiçoso, que contém em si o ciúme e seus vícios análogos.

O Criador, em Sua sabedoria, lançou com isso uma bóia de salvação na Criação, que não somente uma vez na vida terrena toca em *cada* criatura humana, a fim de que nela se segure e por ela se eleve!

Esse auxílio está à disposição de todos. Não faz nenhuma diferença, nem na idade nem no sexo, nem no pobre nem no rico, tampouco no nobre ou humilde. Por essa razão, o amor é também a maior dádiva de Deus! Quem compreende isso, esse está certo da salvação de todas as vicissitudes e de todas as profundezas! Liberta-se, recupera assim de modo mais fácil e mais rápido um límpido livre-arbítrio, que o conduz para cima.

E mesmo que se encontre numa profundidade, que deve levá-lo ao desespero, o amor é capaz de arrancá-lo com o ímpeto de um furacão para cima, ao encontro da Luz, de Deus, que é o próprio amor. Tão logo numa pessoa desperte um amor puro mediante qualquer impulso, tem ela também a mais directa ligação com Deus, a fonte primordial de todo o amor, e com isso também o mais forte auxílio. Mas se um ser humano possuísse tudo e *não* tivesse o amor, só seria um metal soante ou um chocalho tilintante, isto é, sem calor, sem vida... nada!

Se vier a sentir, no entanto, amor verdadeiro por qualquer um de seus semelhantes, o qual só se esforça para dar à pessoa amada luz e alegria, não a degradar mediante cobiças insensatas, mas sim elevá-la protegendo, então ele *serve* a ela, sem se tornar consciente do servir, propriamente, visto que assim se torna um desinteressado doador e presenteador. E esse servir liberta-o!

Muitos dirão para si mesmos: Eis exactamente isso que eu faço, ou pelo menos já me esforço! Procuro por todos os meios tornar fácil a vida terrena de minha mulher ou família,

proporcionar-lhes prazeres, empenhando-me em conseguir tantos meios para que possam ter uma vida confortável, agradável e livre de preocupações. Milhares baterão no peito, sentindo-se elevados e julgando-se por demais bons e nobres. Enganam-se! *Esse não é o amor vivo!* Este não é tão unilateralmente terreno, mas impulsiona ao mesmo tempo muito mais fortemente para o que é mais elevado, mais nobre e ideal. Claro é que ninguém deve impunemente, isto é, sem consequências prejudiciais, descuidar-se das necessidades terrenas, não deve negligenciá-las, mas estas não devem constituir a finalidade principal do pensar e do actuar. Acima disso paira, de modo imenso e forte, o desejo, tão misterioso para muitos, de poder *ser*, realmente, perante si mesmos, *aquilo* que valem perante aqueles pelos quais são amados. E esse desejo é o caminho certo! Ele conduz sempre somente para o alto.

O amor verdadeiro e puro não necessita ser esclarecido ainda mais detalhadamente. Cada ser humano sente perfeitamente como ele é constituído. Procura apenas enganar-se com frequência a tal respeito, quando vê aí os seus erros e intui de modo claro quão longe se encontra ainda realmente de amar de modo verdadeiro e puro. Mas ele deve então se animar, não pode parar hesitantemente e chegar por fim a falhar; pois para ele não existe mais um livre-arbítrio sem o verdadeiro amor!

Quantas oportunidades são, portanto, proporcionadas ao ser humano, a fim de se animarem e se lançarem rumo ao alto, sem que os aproveitem. Por isso, na maioria, suas lamúrias e buscas não são legítimas! Nem querem, tão logo eles próprios tenham de contribuir com algo, mesmo que seja apenas uma pequena modificação de seus hábitos e opiniões. Na maior parte é mentira, auto-ilusão! Deus é que deve vir até eles e elevá-los para Si, sem que precisem renunciar à tão querida comodidade e à sua auto-adoração. Então, também, consentiriam em acompanhar, mas não sem esperar para tanto ainda um agradecimento todo especial de Deus.

Deixai que tais zangões sigam seu caminho para a ruína! Não merecem que alguém se esforce por eles. Deixarão passar sempre de novo, queixando-se e rezando, as oportunidades que se oferecem. Se uma tal pessoa, no entanto, se aproveitasse delas uma vez, então certamente iria privá-las de seu mais distinto adorno, da pureza e altruísmo, para arrastar este preciosíssimo bem à lama das paixões.

Pesquisadores e sábios devem finalmente se animar e se desviar dessas pessoas! Não devem pensar que estão fazendo obra agradável a Deus, quando oferecem continuamente a Sua Palavra e a Sua vontade sagrada como mercadoria barata e por meio de tentativas de ensinamentos, dando assim quase a aparência de que o Criador precisaria mendigar por intermédio de Seus fiéis para ampliar o círculo dos adeptos. É uma conspiração, se for

oferecida a esses que com as mãos imundas agarram-na. Não se deve esquecer a sentença que proíbe “atirar pérolas aos porcos”.

E outra coisa não se dá em tais casos. Desnecessário desperdício de tempo, que em tal medida não deve ser mais esbanjado, sem que, por fim, na acção retroactiva, se torne prejudicial. Só devem ser ajudados aqueles que procuram.

A inquietação que por toda parte surge em muitas pessoas, o pesquisar e o procurar pelo paradeiro do livre-arbítrio são perfeitamente justificados e constituem um sinal de que não há tempo a perder. Reforça-se este facto com o pressentimento inconsciente de um possível tarde demais para tal. Isso mantém agora o pesquisar constantemente vivo. Mas é em grande parte inútil. *Os seres humanos de hoje, em sua maior parte, não conseguem mais activar o livre-arbítrio, porque se embaraçaram demasiadamente!*

Venderam-no e mercadejaram-no... por nada!

Quanto a isso não poderão responsabilizar Deus, como se tenta fazer sempre de novo tão frequentemente, mediante toda a sorte de interpretações, para se eximirem do pensamento duma responsabilidade própria que os aguarda, mas terão de acusar a si mesmos. E mesmo que tal auto-acusação fosse perpassada da mais acerba amargura e da mais profunda dor, ainda assim não seria suficientemente forte para dar uma relativa compensação pelo valor do bem perdido, que foi insensatamente calcado ou desperdiçado.

Não obstante isso, o ser humano ainda pode encontrar o caminho para conquistá-lo novamente, tão logo se esforce seriamente nesse sentido. No entanto, sempre apenas quando ele o desejar do mais fundo do seu íntimo. Se esse desejo realmente *viver* nele e jamais enfraquecer. Deve trazer o mais ardente anseio para tanto. E mesmo que devesse empenhar nisso toda a sua existência terrena, só teria o que ganhar com isso; pois extremamente séria e necessária para o ser humano é a recuperação do livre-arbítrio! Podemos em lugar de recuperação dizer desenterramento, ou purificação libertadora. Vem a dar exactamente no mesmo.

Enquanto, porém, o ser humano só *pensar* e *cismar* a tal respeito, não conseguirá nada. O maior esforço e pertinácia têm de falhar aí, visto que através de pensamentos e cismas não conseguirá nunca ultrapassar os limites de tempo e espaço, isto é, jamais chegará até onde se encontra a solução. E como actualmente o pensar e o cismar têm sido considerados como o principal caminho para todo o pesquisar, não existe, também, nenhuma perspectiva de que se

possa esperar um progresso além das coisas puramente terrenas. A não ser que os seres humanos se modifiquem nisso fundamentalmente.

Aproveitai o tempo da existência terrena! Pensai no grande ponto de transição que sempre traz consigo a plena responsabilidade!

Por esse motivo, uma criança ainda não se encontra espiritualmente capacitada, porque a ligação entre o espiritual e o material ainda não se efectuou nela através da força sexual. Só no momento da entrada de tal força é que suas intuições adquirirão aquele vigor capaz de perpassar de modo incisivo a Criação material, transformando-a e remodelando-a, com o que assumirá, de modo espontâneo, plena e inteira responsabilidade. Antes, os efeitos retroactivos também não são tão fortes, porque a capacidade de intuição actua de modo muito mais fraco. Por isso, na primeira encarnação ^(*Entrada do ser humano na existência terrena) na Terra, um carma não pode ser tão pesado, mas, quando muito, pode influir na ocasião do nascimento, determinando o ambiente em que o nascimento se dá, a fim de que ajude o espírito, durante a vida terrena, a libertar-se do carma mediante o reconhecimento de suas propriedades específicas. Os pontos de atracção das espécies iguais representariam aí um papel predominante. Tudo, porém, apenas em sentido *fraco*. O carma, propriamente dito, potente e incisivo, só se inicia quando no ser humano a força sexual se liga à sua força espiritual, pelo que ele se torna na matéria não apenas de pleno valor, mas pode, em todos os sentidos, elevá-la amplamente, caso se sintonizar correspondentemente.

Até aí também as trevas, o mal, não conseguem chegar directamente ao ser humano. Disso uma criança se acha protegida pela falta de ligação com o material. Como que separada. Falta a ponte.

Por isso, a muitos ouvintes tornar-se-á também mais compreensível por que as crianças gozam de uma protecção muito maior contra o mal, o que já é proverbial. Pelo mesmo caminho, porém, que forma a ponte para a força sexual que se inicia, e sobre a qual o ser humano pode andar lutando em seu pleno vigor, pode lhe chegar naturalmente também tudo o mais, se não estiver suficientemente vigilante. Mas em caso algum isso pode acontecer antes que possua também a necessária força defensiva. Não existe em momento algum uma desigualdade que permita surgir uma desculpa.

Por essa razão, a responsabilidade dos pais assume proporções gigantescas! Ai daqueles que privam os próprios filhos da oportunidade de se desembaraçar de seu carma e de ascender, quer por zombarias inoportunas, quer por educação errónea, se não até por maus exemplos, aos quais pertencem também as ambições exageradas nos mais variados sectores.

As tentações da vida terrena, já por si só, atraem neste ou naquele sentido. E por não ser explicada aos adolescentes a sua real posição de poder, ou eles nem aplicam a sua força ou aplicam-na de modo insuficiente, ou desperdiçam-na da maneira mais irresponsável, quando não fazem dela até uso errado e mau.

Assim, na ignorância, inicia-se, pois, o inevitável carma com ímpeto cada vez maior, lança adiante, influenciando, as suas irradiações através de algum pendor para isto ou aquilo, e restringe com isso o livre-arbítrio propriamente dito nas decisões, de modo que ele não é mais livre. Decorreu disso também o facto de a *maioria* da humanidade, hoje em dia, não mais poder activar livre-arbítrio algum. Ela se atou, acorrentou, escravizou-se por própria culpa. Quão pueris e indignos se mostram os seres humanos, quando procuram repelir o pensamento duma responsabilidade incondicional, preferindo nisso lançar ao Criador uma censura de injustiça! Quão ridículo soa o pretexto de que até nem teriam nenhum livre-arbítrio próprio, mas seriam conduzidos, empurrados, aplainados e modelados, sem poder fazer algo contra isso.

Se ao menos por um momento quisessem consciencializar-se do mísero papel que representam realmente com tal comportamento. Se, antes de tudo o mais, finalmente quisessem se examinar de forma verdadeiramente crítica em relação à posição de poder que lhes foi concedida, a fim de reconhecer como eles a desperdiçam, irreflectidamente, em ninharias e futilidades transitórias, como, em troca, elevam bagatelas a uma posição de importância desprezível, sentem-se grandes em coisas nas quais, no entanto, têm de parecer tão pequenos em relação à sua destinação real como seres humanos na Criação. O ser humano de hoje é como um homem ao qual foi dado um reino e que prefere perder seu tempo com os mais simples brinquedos infantis!

É apenas evidente, e não de se esperar diferentemente, que as forças poderosas concedidas ao ser humano devam esmagá-lo, se não souber guiá-las.

É chegado o último momento para finalmente despertar! Devia o ser humano aproveitar plenamente o tempo e a graça que lhe são presenteados com cada vida terrena. Ainda não presente quão indispensável isso já é. No momento em que vier a libertar novamente o arbítrio, que actualmente se acha preso, servi-lo-á tudo o que agora parece muitas vezes estar contra ele. Mesmo as irradiações dos astros, temidas por tantos, só existem para servi-lo e auxiliá-lo. Pouco importa de que natureza sejam.

E cada qual o consegue, mesmo que o carma ainda incline pesadamente nele! Mesmo que as irradiações dos astros pareçam ser predominantemente desfavoráveis. Tudo isso se efectua

de modo pernicioso somente no caso de um arbítrio atado. Mas também aí apenas aparentemente; porque, na realidade, ainda assim será para o seu bem, se não souber mais ajudar a si mesmo de outra maneira. Desse modo será forçado a defender-se, a acordar e a estar alerta.

O medo das irradiações dos astros não é, contudo, apropriado, porque os fenómenos colaterais que aí se efectivam são sempre apenas os fios do carma, que está actuando para a respectiva pessoa. As irradiações dos astros constituem apenas canais, para os quais é conduzido todo o carma que, na ocasião, encontra-se suspenso para uma pessoa, até o ponto em que este, em sua espécie, corresponda às respectivas irradiações de igual espécie. Se, portanto, as irradiações dos astros são desfavoráveis, então se juntará nesses canais apenas carma suspenso desfavorável para o ser humano, aquilo que corresponde exactamente à espécie das irradiações, nada diferente. Igualmente nos casos de irradiações favoráveis. Guiado assim mais concentradamente, pode também efectivar-se sobre o ser humano sempre de modo mais sensível. Onde, porém, não há carma nocivo, as irradiações desfavoráveis dos astros também não poderão actuar de modo nocivo. Uma coisa não é separável da outra. Também nisso se reconhece mais uma vez o grande amor do Criador. Os astros controlam ou guiam os efeitos do carma. Consequentemente, um carma nocivo não pode actuar sem interrupções, mas também no meio tem de deixar ao ser humano intervalos para tomar alento, porque os astros irradiam alternadamente e, assim, no período de irradiações benignas, o mau carma está impossibilitado de agir! Tem, pois, que interromper e aguardar até que recomecem as irradiações desfavoráveis, não podendo, por conseguinte, oprimir inteiramente uma pessoa tão facilmente. Não havendo, ao lado do carma nocivo da criatura humana, também algum carma benigno que se efectiva através das irradiações favoráveis dos astros, então, pelas irradiações favoráveis, pelo menos se consegue que o sofrimento venha a ter interrupções durante as épocas de irradiações benignas.

Assim se engrenam também aqui, uma na outra, as rodas dos acontecimentos. Uma coisa acarreta a outra, dentro da mais estrita lógica, e controla-a simultaneamente, a fim de que não possam ocorrer irregularidades. E assim prossegue, como num gigantesco conjunto de engrenagens. De todos os lados os dentes das engrenagens se entrosam de forma precisa e exacta, movimentando e impulsionando tudo adiante, para o desenvolvimento.

No centro de tudo, porém, encontra-se o ser humano com o incalculável poder que lhe é confiado para dar, por meio de sua vontade, a direcção a essa gigantesca engrenagem. *No entanto, sempre apenas para si próprio!* Poderá levá-lo para cima ou para baixo. Unicamente a sintonização é a determinante para o fim.

Todavia, a engrenagem da Criação não é constituída de material rígido, mas de formas e seres, todos vivos, que, actuando conjuntamente, causam uma impressão ainda mais gigantesca. Todo esse maravilhoso tecer, no entanto, serve apenas para ajudar o ser humano, para servi-lo, enquanto ele não interferir com o poder que lhe foi dado, de modo a embaraçá-lo pelo esbanjamento pueril e aplicação errada. Urge, por fim, que se enquadre diferentemente para tornar-se aquilo que deve ser. Obedecer outra coisa não significa, na realidade, senão compreender! Servir é auxiliar. Auxiliar, porém, significa reinar. Em pouco tempo cada um pode libertar seu arbítrio conforme deve ser. E dessa forma tudo muda para ele, pois ele próprio primeiramente mudou o seu íntimo.

Mas para milhares, centenas de milhares, sim, para milhões de seres humanos tornar-se-á demasiadamente tarde, porque não o querem diferentemente. É apenas natural que a força erradamente dirigida destrua a máquina, força que, de outra forma, teria lhe servido para realizar um trabalho abençoado.

Quando sobrevirem os acontecimentos, todos os hesitantes lembrar-se-ão de novo repentinamente de rezar, porém não poderão encontrar mais a maneira adequada, a qual, unicamente, poderia proporcionar auxílio. Reconhecendo então o falhar, passarão logo, em seu desespero, a blasfemar e a afirmar acusadoramente que não poderia existir um Deus, se Ele permite tais coisas. Não querem acreditar na justiça férrea, tampouco que lhes tenha sido dado o poder de modificar tudo ainda em tempo. E que isso também lhes fora dito com suficiente frequência.

Mas eles exigem para si, com obstinação pueril, segundo o seu modo, um Deus amoroso que tudo perdoa. Só nisso querem reconhecer a Sua grandeza! Como deveria esse Deus, segundo suas ideias, proceder então com aqueles que sempre O procuraram sinceramente, mas que justamente por causa desse procurar foram pisados, escarneidos e perseguidos por aqueles que esperam perdão?

Tolos esses que, em sua cegueira e surdez sempre de novo desejadas, correm ao encontro da ruína, eles próprios criam com fervor sua destruição. Que fiquem entregues às trevas, ao encontro das quais se dirigem teimosamente, devido ao tudo saber melhor. Só mesmo mediante o próprio vivenciar é que ainda poderão chegar à reflexão. Por isso também as trevas serão a sua melhor escola. Mas virá o dia, a hora, em que esse caminho também será tarde demais, porque o tempo não será mais suficiente para, após um reconhecimento final pelo vivenciar, ainda se libertarem das trevas e ascenderem. Por esse motivo já é tempo de, finalmente, ocuparem-se seriamente com a Verdade.

31. Moderna ciência do espírito

Moderna ciência do espírito! Quanto se acha reunido sob essa bandeira! O que se encontra aí, e o que também se combate aí! Trata-se de uma arena de sérias pesquisas, de pouca sabedoria, grandes planos, vaidade, estupidez e muitas vezes também de uma vazia fanfarronice e ainda mais de interesses comerciais os mais inescrupulosos. Não raro florescem dessa balbúrdia a inveja e o ódio sem limite, redundando por fim em pérfidas vinganças da mais baixa espécie.

Em tais circunstâncias naturalmente não é de admirar quando muitas pessoas se esquivam de todo esse pandemônio, com um receio como se eles fossem se envenenar, caso entrassem em contacto com isso. Estas não deixam de ter certa razão; pois inúmeros adeptos da ciência do espírito não mostram em sua conduta realmente nada que seduza, muito menos que atraia, mas antes tudo neles adverte cada ser humano para que tenha a máxima cautela.

É curioso que todo o domínio da denominada ciência do espírito, confundida muitas vezes, pelos malévolos ou pelos ignorantes, com a ciência de *espíritos*, constitua ainda hoje uma espécie de *terreno livre*, onde qualquer pessoa pode fazer o que bem entende desimpedida, sim, desenfreada e impunemente.

Admite-se isso. Contudo, as experiências já ensinaram mui frequentemente que isso *não é* assim!

Inúmeros pioneiros nesse campo, que foram suficientemente levianos para ousar avançar alguns passos apenas com conhecimentos imaginários, tornaram-se vítimas indefesas de sua imprudência. Apenas lamentável nisso é que todas essas vítimas tenham caído, sem que com isso pudesse ser proporcionado o mínimo lucro para a humanidade!

Cada um desses casos, na verdade, deveria ter sido uma prova de que o caminho tomado não é o certo, visto ocasionar somente malefícios e até destruição, mas nenhuma bênção. No entanto, com uma teimosia característica são mantidos esses falsos caminhos e feitas sempre novas vítimas; ante cada grãozinho de qualquer evidência reconhecida na gigantesca Criação, é levantada enorme gritaria e são escritas inúmeras dissertações, que devem desencorajar muitos pesquisadores sinceros, porque o tactear incerto aí se torna nitidamente perceptível.

Todo o pesquisar de até agora, na realidade, pode ser chamado de uma perigosa brincadeira com um fundo de boa intenção.

O campo da ciência do espírito, encarado como campo livre, nunca poderá ser pisado impunemente, enquanto *previamente* não se souber levar em conta as leis *espirituais* em toda a sua amplitude. Toda e qualquer oposição consciente ou inconsciente, isto é, a “não-observância” das mesmas, o que equivale a uma transgressão, terá de atingir, por efeito de retorno inevitável, o ousado, o frívolo ou o leviano que não as considera ou não consegue observá-las de forma exacta.

Querer percorrer o extraterreno com meios e possibilidades terrenas, outra coisa não é, senão colocar e deixar uma criança ainda não desenvolvida, ainda não familiarizada com os perigos terrenos, sozinha numa mata virgem, onde apenas um adulto, correspondentemente aparelhado, em sua força plena e com toda a cautela, poderá ter probabilidades de atravessá-la incólume.

Não é diferente com relação aos modernos cientistas do espírito em seu actual modo de trabalhar, mesmo que julguem levá-lo extremamente a sério e que realmente só ousem muitas coisas por causa do saber, a fim de, com isso, ajudar os seres humanos a avançar para transpor uma fronteira onde desde há muito aguardam, batendo na porta.

Como crianças esses pesquisadores ainda se detêm ali, desamparados, tateando, desconhecendo os perigos que a qualquer momento podem lhes sobrevir ou através deles irromper sobre outras pessoas, tão logo com suas experiências incertas cavem uma brecha ou abram uma porta na muralha de natural protecção que, para muitos, seria melhor se permanecesse fechada.

Tudo isso só pode ter a designação de leviandade, e não de ousadia, enquanto os que querem avançar assim não souberem exactamente se são capazes de dominar imediatamente, de modo total, todos os perigos que possivelmente venham a se apresentar, não apenas para eles próprios, mas também para outros.

De maneira a mais irresponsável agem aqueles “pesquisadores” que se ocupam com experiências. Sobre o crime da hipnose ^{*(Dissertação Nº 35: O crime da hipnose)} várias vezes já foi feita referência. Os pesquisadores que ainda empreendem experiências de outra espécie cometem na maioria dos casos o lamentável erro, que eles, nada sabendo a respeito – pois do contrário certamente não o fariam –, colocam outras pessoas muito sensíveis ou mediúnicas em sono magnético ou até hipnótico, a fim de com isso aproximá-las das influências corporeamente invisíveis do mundo do “Além”, na esperança de poder assim ouvir ou observar algo, que em estado de completa consciência diurna das respectivas pessoas em experiência não seria possível.

No mínimo, em noventa e cinco de cem casos expõem tais pessoas a grandes perigos, aos quais ainda não são capazes de se contrapor; pois *toda a sorte* de ajuda artificial para o aprofundamento constitui um atamento da alma, devido ao qual ela entra num estado de sensibilidade que vai além do que o permitiria seu desenvolvimento natural.

A consequência é que tal vítima das experiências encontra-se de súbito animicamente num campo onde está privada de sua protecção natural devido à ajuda artificial, ou para o qual não possui a sua protecção natural, que só pode surgir pelo *próprio* e saudável desenvolvimento interior.

Deve-se imaginar figuradamente tal pessoa, digna de lástima, como se fosse amarrada nua num poste e impelida como chamariz para uma região perigosa, a fim de atrair e até deixar actuar sobre si a vida e actuação ainda desconhecida, para poder dar um relato a respeito, ou para que diversos efeitos se tornem visíveis também a outros, mediante a sua cooperação, colocando à disposição certos elementos terrenos de seu corpo.

Tal pessoa submetida à experiência consegue assim, temporariamente, através da ligação que a sua alma impelida precisa manter com o corpo terreno, transmitir aos espectadores tudo o que acontece, como que por meio de um telefone.

Se com isso, porém, a sentinela, posta assim artificialmente em área avançada, vier a sofrer qualquer ataque, não conseguirá defender-se por falta de protecção natural, está exposta de forma desamparada, porque, através da cooperação de outrem, fora impelida apenas artificialmente para um campo, ao qual, de acordo com seu próprio desenvolvimento, ela ainda não pertence, ou absolutamente nem pertence. Tampouco o assim chamado pesquisador que a empurrou para lá, por avidez de conhecimento, poderá auxiliá-la, uma vez que ele próprio é estranho e inexperiente lá de onde vem o perigo, não podendo por isso fazer nada em prol de qualquer protecção.

Assim acontece que os pesquisadores involuntariamente se tornem criminosos e sem que possam ser levados à justiça terrena. Isso não exclui, porém, que as leis espirituais exerçam seus efeitos retroactivos com toda a severidade e acorremem o pesquisador à sua vítima.

Várias pessoas submetidas a experiências sofrem agressões de matéria fina cujo efeito, com o tempo, muitas vezes também rápida ou imediatamente, também se faz sentir fisicamente na matéria grosseira, evoluindo para uma doença terrena ou a morte, com o que, porém, o dano anímico ainda não estará reparado.

Entretanto, os observadores que se denominam pesquisadores, que empurram suas vítimas para regiões desconhecidas, permanecem durante tais perigosas experiências, na maioria dos casos, bem abrigados terrenamente, sob a protecção de seus corpos e da consciência diurna.

Raro é o caso de tomarem parte simultaneamente nos perigos a que as pessoas são submetidas nas experiências, e que tais perigos, portanto, estendam-se imediatamente sobre eles. Mas com sua morte terrena, com o trespassar para o mundo de matéria fina, por causa do atamento às suas vítimas, *terão* que seguir em todo caso até lá, para onde quer que estas tenham sido arrastadas, só podendo, em conjunto com elas, elevar-se lentamente de novo.

O empurrar artificial de uma alma para outro campo não deve ser entendido sempre como se tal alma abandonasse o corpo e flutuasse para uma outra região. Na *maior parte* dos casos ela permanece calmamente no corpo. Apenas é sensibilizada pelo sono magnético ou hipnótico de maneira anómala, de modo a captar correntes e influências muitíssimo mais finas do que seria possível em estado natural. É evidente que nesse estado anormal não existe a força plena da qual, do contrário, disporia se tivesse chegado até esse ponto por si própria, através do desenvolvimento interior, e assim se manteria firme e segura nesse terreno novo e bem mais subtil, contrapondo a todas essas influências a mesma força. Devido a essa falta de força plena e sadia, decorre pela artificialidade uma desigualdade, que tem de acarretar perturbações. A consequência disso é a absoluta turvação em todas as intuições, ocasionando deformações da realidade.

A causa dos falsos relatos e dos inúmeros erros é dada sempre de novo apenas pelos próprios pesquisadores através de sua ajuda prejudicial. Provém daí, também, que nos muitos assuntos já “pesquisados” do campo oculto, já existentes, muita coisa não se deixa harmonizar com a severa lógica. Encontram-se, aí, inúmeros erros que até hoje não puderam ser reconhecidos como tais.

Por esses caminhos visivelmente erróneos, não será alcançado o mínimo sequer, que pudesse ter algo de útil ou benéfico para os seres humanos.

De proveito para os seres humanos pode ser na realidade apenas algo que os ajude *para cima* ou que, pelo menos, mostre um caminho para tanto. Mas tudo isso é de antemão e para sempre totalmente impossível nessas experiências! Mediante ajuda artificial poderá, às vezes, um pesquisador conseguir afinal empurrar uma pessoa de sensibilidade mais apurada ou mediúnica para fora do corpo de matéria grosseira terrena, para o mundo de matéria fina que se acha mais próximo dela, *nunca*, porém, *mais alto* um milímetro sequer do que o nível a

que, de qualquer forma, ela pertença por sua conformação interior. Pelo contrário, por meio de ajuda artificial nem conseguirá elevá-la até lá, mas sempre tão-somente ao ambiente mais próximo de tudo quanto é terrenal.

Esse ambiente mais próximo do terrenal, porém, só pode conter do Além tudo aquilo que ainda se acha estreitamente ligado à Terra e que, devido à sua mediocridade, vícios e paixões, permanece acorrentado a ela.

Naturalmente, também alguma coisa mais adiantada estará, aqui e acolá, de modo transitório nesse ambiente. Isso, porém, não é de se esperar sempre. Algo elevado não pode encontrar-se aí, por motivos absolutamente de acordo com as leis naturais. Seria mais fácil o mundo sair dos seus eixos ou... seria preciso que houvesse numa pessoa uma base para ancoragem da Luz!

Não é admissível, porém, que isso se dê em uma pessoa que se submete à experiência ou em um pesquisador que assim taceia. Portanto, permanecem o perigo e a inutilidade de todas essas experiências.

É certo também que algo realmente mais elevado *não* pode se aproximar de um médium sem a presença de uma pessoa mais desenvolvida, purificando tudo o que é mais grosseiro, menos ainda falar através do médium. Materializações ^(*Corporificações na matéria grosseira) de círculos *mais elevados* não entram absolutamente em consideração, e muito menos ainda os passatempos engraçados e populares de batidas, movimentação de objectos e assim por diante. O abismo para tanto é grande demais, para que possa ser transposto sem mais nem menos.

Não obstante a presença de um médium, todas estas coisas só podem ser efectuadas por aqueles do Além que ainda estejam mui estreitamente ligados à matéria. Se fosse possível de outro modo, isto é, que algo elevado pudesse se colocar tão facilmente em contacto com a humanidade, então não teria havido necessidade de Cristo tornar-se ser humano, pelo contrário, poderia ter cumprido sua missão sem esse sacrifício. ^{*(Dissertação Nº 14: O Salvador)} Os seres humanos de hoje, porém, seguramente não se encontram mais desenvolvidos animicamente do que na época terrena de Jesus, não sendo, por conseguinte, de supor que uma ligação com a Luz seja mais fácil de se estabelecer do que naquela época.

Agora os adeptos da ciência do espírito, no entanto, alegam que visam em primeira linha averiguar a vida no Além, isto é, a continuação da vida depois da morte terrena, e que, devido ao cepticismo dominante actualmente de um modo geral, é necessária a utilização de armas

fortes e grosseiras, isto é, provas *terrenas palpáveis*, a fim de abrir uma brecha na resistência dos adversários.

Tal argumentação não justifica, porém, que almas humanas sejam sempre e sempre de novo expostas a riscos, assim tão levemente! Além disso, não há nenhuma necessidade premente para que se queira convencer a todo o custo os adversários malévolos! É notório, e também já expresso nas palavras de Cristo, que estes não estariam propensos a acreditar, mesmo que um anjo descesse directamente do céu para lhes anunciar a Verdade. Assim que o anjo fosse embora, estariam prontos a declarar que tudo não passara de uma ilusão colectiva, mas não de um anjo, ou então arranjariam qualquer outra desculpa. E se alguma coisa ou uma pessoa for trazida, que continue na matéria, isto é, não desaparecendo outra vez nem se tornando invisível, então existem novamente outras desculpas, justamente porque para os que não propendem a acreditar em um mundo do Além isso seria também demasiado terreno. Não recuariam em classificar como fraude semelhante prova, de apontar tal ser humano como um lunático, um fantasista ou até mesmo como um impostor. Quer seja demasiadamente terrenal ou extraterrenal ou as duas coisas juntas, sempre terão algo para criticar ou duvidar. E não tendo mais ao que recorrer, lançam então imundícies, passando também a ataques mais fortes, não receando empregar actos de violência.

Para convencer *esses tais*, pois, não é adequado recorrer a sacrifícios! E menos ainda para muitos dos assim chamados adeptos. Estes julgam, devido a uma singular espécie de arrogância e a uma crença na vida do Além, crença essa na maioria dos casos algo confusa e fantástica, ter o direito de apresentar determinadas exigências para, por sua vez, “ver” ou “vivenciar” algo. Esperam de seus guias sinais do Além, como recompensa por seu bom comportamento. Tornam-se, muitas vezes, até ridículas as expectativas evidentes que vivem expondo, bem como o sorriso de perdão benevolente com ares de sabedoria com que deixam transparecer a própria ignorância. É veneno querer dar também ainda espectáculos a essas massas; pois, por se julgarem muito sábios, tais experiências são consideradas por eles no máximo como horas de divertimento bem merecido, para o que os do Além devem concorrer como artistas de circo.

Abandonemos, porém, agora uma vez as experiências de grande porte e examinemos as menores, como a movimentação de mesas. Estas não são absolutamente tão inofensivas conforme se pensa, pelo contrário, constituem pela incrível facilidade de propagação um *perigo muito sério!*

Disso cada qual deveria ser advertido! Os entendidos devem se afastar com horror, quando vêem com que leviandade se opera com tais coisas. Quantos adeptos procuram

mostrar seu “saber” em diversas rodas, propondo experiências mediante movimentação de mesas, ou então introduzem em famílias, quer sorrindo, quer sob sussurros misteriosos, as experiências com letras e copos ou outros recursos, experiências essas mais parecidas com brincadeiras, onde, mediante o leve toque da mão por cima do copo, este se movimenta ou é atraído em direcção a diferentes letras, formando palavras. Com rapidez sinistra tudo isso se desenvolveu à categoria de divertimentos sociais, onde são praticados sob risadas, escárnio e às vezes agradáveis arrepios.

Diariamente reúnem-se então, em família, senhoras mais idosas e mais moças em torno de uma mesa, ou mesmo isoladamente, diante de letras desenhadas numa cartolina e que, sempre que possível, devem ser dispostas de modo bem determinado, para que não falem ostentações místicas, incitando à fantasia que, aliás, é aí absolutamente dispensável; pois tudo decorreria mesmo sem isso, quando a respectiva pessoa possui alguma propensão para tanto. E dessas há inúmeras!

Os modernos cientistas do espírito e os dirigentes dos círculos de ocultismo alegram-se diante do facto de se formarem aí palavras e frases reais sem o influxo mental consciente ou inconsciente do praticante. Ele deve, com isso, ser convencido, aumentando assim o número de adeptos do “oculto”.

Os escritos de orientação ocultista apontam para isso, os oradores intervêm a favor, meios auxiliares são fabricados e vendidos, facilitando assim todo esse abuso, e dessa forma quase todo o mundo do ocultismo se apresenta como *prestimoso servo das trevas*, na sincera convicção de serem com isso sacerdotes da Luz!

Esses acontecimentos por si só já comprovam a completa ignorância que reina nas tendências ocultistas desse tipo! Mostram que nenhum dos que a isso pertencem é *deveras vidente*! Não deve servir de contraprova, se algum bom médium se desenvolveu aqui e acolá de tais origens, ou, pelo contrário, o que é mais certo, se um bom médium, no começo, foi atraído temporariamente para isso.

As poucas pessoas que de antemão são predestinadas a isso têm em seu próprio desenvolvimento natural uma protecção vigilante e cuidadosa de espécie inteiramente diversa e que se estende de degrau em degrau, protecção esta que os outros *não* desfrutam. Tal protecção actua, contudo, também só num desenvolvimento próprio natural, *sem nenhuma ajuda artificial*! E isso exactamente porque somente em tudo quanto é natural é que repousa uma protecção como algo evidente.

Tão logo surja nisso a menor ajuda, seja ela pelos exercícios da própria pessoa ou advenha de outra parte por sono magnético ou por hipnose, deixa assim de ser natural e desse modo já não se ajusta mais totalmente às leis naturais, as únicas capacitadas a oferecer protecção. Se a isso se juntar ainda a ignorância existente agora por toda parte, então a fatalidade está aí. O *querer* somente jamais substituirá a capacitação quando se trata de agir. Ninguém, porém, deve ultrapassar a própria capacitação.

Evidentemente não está excluído que, entre as centenas de milhares, que se dedicam a essas brincadeiras perigosas, aqui e acolá uma pessoa escape impune e esteja bem protegida. Do mesmo modo muitas outras somente serão prejudicadas de uma forma ainda não perceptível terrenamente, de modo que apenas depois de seu desenlace terão de reconhecer, de repente, que tolices de facto cometeram. Contudo, também existem muitas que são atingidas por danos já terrenamente visíveis, mesmo que durante sua existência terrena também nunca cheguem ao reconhecimento da verdadeira causa.

Por essa razão, tem de ser explicado uma vez o fenómeno de matéria fina e espiritual durante essas brincadeiras. É do mesmo modo simples, como tudo na Criação, e de forma alguma tão complexo, contudo, também bem mais grave do que muitos imaginam.

Da maneira como a Terra se apresenta actualmente, as *trevas* ganharam supremacia sobre toda a matéria, devido à vontade da humanidade. Elas se encontram, portanto, em todas as coisas materiais, a bem dizer, como que em terreno próprio e familiar a elas, podendo, devido a isso, também actuar plenamente na matéria. Acham-se, portanto, em seu elemento, combatem em um terreno que bem conhecem. Por esse motivo, na actualidade, elas se mostram superiores à Luz em tudo quanto é material, isto é, de matéria grosseira.

A consequência disso é que em toda a matéria a força das trevas é mais forte que a da Luz. No entanto, em tais divertimentos, como a movimentação de mesas, etc., a Luz, isto é, algo elevado, não entra absolutamente em consideração. Podemos falar no máximo de algo ruim, portanto, escuro, e de algo melhor, portanto, mais claro.

Servindo-se então uma pessoa de uma mesa ou de um copo, ou, aliás, de qualquer objecto grosso-material, coloca-se assim em um terreno de luta familiar às trevas. Um terreno que todas as trevas consideram como seu. Ela, assim, cede-lhes de antemão uma força, contra a qual não pode opor nenhuma protecção eficiente.

Observemos, uma vez, uma actividade espírita ou também qualquer divertimento social com a mesa e sigamos aí os fenómenos espirituais, ou melhor, os de matéria fina.

Quando uma ou mais pessoas se dispõem em torno de uma mesa com a intenção de entrar em contacto com os do Além, seja que estes se manifestem através de pancadas, ou através da movimentação da mesa, o que é mais comum, a fim de através desses sinais poder formar palavras, desde logo esse contacto material faz atrair principalmente as trevas, que passam a se encarregar das mensagens. Com grande habilidade utilizam-se de palavras não raro pomposas, procuram responder os pensamentos das pessoas, fáceis de ler para eles, na forma desejada, porém, conduzem-nas sempre por trilhas falsas em questões sérias, e procuram, se isso ocorre frequentemente, colocá-las pouco a pouco sob sua influência sempre crescente, e assim, vagarosa, contudo, seguramente, arrastá-las para baixo. Com isso, mui astutamente, deixam os desencaminhados na crença de que estão subindo.

Caso, porém, logo de início ou também em qualquer outra ocasião apareça e se manifeste algum parente falecido ou amigo, chegando a expressar-se por intermédio da mesa, facto que se dá frequentemente, então o embuste ainda se torna mais facilmente realizável. As pessoas reconhecem que deve ser realmente um determinado amigo que se manifesta e por isso crêem que é sempre ele, quando através da mesa cheguem quaisquer comunicações, mencionando-se como autor o nome daquele conhecido.

Mas tal não é o caso! Não apenas as trevas sempre atentas utilizam habilmente o nome, a fim de dar às mensagens enganadoras um aspecto o mais acreditável possível, adquirindo assim a confiança das pessoas indagadoras, mas vai até mesmo a ponto de um elemento escuro se imiscuir numa frase iniciada pelo amigo real, terminando-a intencionalmente de modo falso. Sucede então o facto pouco conhecido de na transmissão de uma frase simples e ininterrupta haver *dois* implicados. Primeiro, o autêntico amigo, talvez bem claro, portanto, mais puro, e depois um mais obscuro, mal-intencionado, sem que o indagador perceba algo disso.

As consequências disso são fáceis de imaginar. O que confia é iludido e abalado na sua fé. O adversário utiliza-se do acontecimento para o fortalecimento de suas zombarias e de suas dúvidas, às vezes para fortes ataques contra a causa toda. Na realidade, porém, ambos estão sem razão, devendo tudo ser atribuído à ignorância que predomina sobre todo esse campo.

O fenómeno, contudo, desenrola-se com toda a naturalidade: caso esteja na mesa um amigo mais claro e verdadeiro, manifestando-se a fim de satisfazer o desejo daquele que formula as perguntas, e se intromete um espírito escuro, terá o mais claro de retroceder, pois o mais escuro pode desenvolver uma força mais forte, através da matéria mediadora da mesa, porque actualmente toda a matéria é o campo das trevas propriamente dito.

Tal erro comete o ser humano que escolhe coisas materiais, criando assim de antemão um terreno desigual. O que é espesso, pesado, portanto, escuro, já se encontra em densidade mais próximo da matéria grosseira do que aquilo que é luminoso, puro e mais leve, e assim, devido à ligação mais estreita, desenvolve maior força.

Por seu turno, todavia, o que é mais claro, e que ainda pode se manifestar através da matéria, dispõe igualmente ainda de uma densidade até certo grau contígua, pois do contrário nem seria mais possível uma ligação com a matéria para fins de qualquer comunicação. Isso pressupõe uma contiguidade com a matéria, a qual traz consigo, por sua vez, a possibilidade de uma conspurcação, logo que, através da matéria, se realize a ligação com as trevas. Para não incorrer nesse perigo, não resta outra coisa ao mais claro do que se retirar depressa da matéria, isto é, da mesa ou de outros meios auxiliares, assim que um mais escuro se aproprie deles, para desligar o elo intermediário, que constituiria uma ponte sobre o natural abismo separador e, com isso, protector.

Não poderá ser evitado do lado do Além, então, que em tais casos a pessoa, que se entrega a tais experiências, servindo-se da mesa, tenha que ser exposta às influências baixas. Foi ela quem também não quis outra coisa, pelo seu próprio modo de agir; *pois o desconhecimento das leis também não consegue protegê-la aqui.*

Com esses acontecimentos ficará esclarecido para muitas pessoas muito do que até agora era inexplicável, inúmeras contradições enigmáticas encontram sua solução, e tomara que agora também muitas pessoas deixem de lado tais divertimentos tão perigosos!

Do mesmo modo minucioso, poderiam então ser descritos também os perigos de todas as demais experiências que são muito maiores e mais fortes. Contudo, limitemo-nos por enquanto a esses assuntos mais usuais e disseminados.

Somente um outro perigo deve ainda ser mencionado. Por causa desse tipo de perguntas e da exigência de respostas e conselhos, as pessoas acabam se tornando muito indecisas e dependentes. O contrário daquilo que a existência terrena tem por finalidade.

O caminho é errado seja qual for a sua direcção! Só acarreta danos, nenhuma vantagem. É um arrastar-se pelo chão, onde há o perigo de encontrar sempre de novo vermes repugnantes, de desperdiçar suas forças e, por fim, ficar extenuado no percurso... por nada!

Com essa “ânsia de pesquisar”, porém, ocasionam-se também grandes danos aos que se acham no Além!

A muitos escuros é dada assim a oportunidade, são com isso até directamente levados à tentação de praticar o mal, carregando-se com nova culpa, o que, do contrário, não lhes seria tão fácil. Outros, porém, devido ao constante atamento a desejos e pensamentos, são impedidos em seus esforços para ascender. Pela observação clara desses métodos de pesquisa se patenteia quanto tudo isso, muitas vezes, é puerilmente teimoso, perpassado do mais desconsiderado egoísmo sem consideração e ao mesmo tempo tão tolo, que se chega a mover de um lado para o outro a cabeça e perguntar como é possível, enfim, que haja quem queira abrir para a colectividade em geral um território do qual ele próprio realmente não conhece um passo sequer.

É erróneo também que a pesquisa toda se desenrole diante do público em geral. Com isso cria-se pista livre para os fantasistas e impostores, ^(*Palradores, vigaristas) e dificulta-se à humanidade a adquirir confiança.

Em nenhum outro campo já ocorreu isso. E toda investigação, da qual o pleno sucesso hoje é reconhecido, teve antes, na fase de pesquisa, numerosos fracassos. Todavia, não se deixava o público co-participar tanto! Ele se cansa disso e, com o tempo, perde qualquer interesse. A consequência é que, ao encontrar finalmente a Verdade, a força principal de um entusiasmo transformador e eficaz teve antes de se perder. A humanidade já não consegue mais recuperar ânimo para uma alegria jubilosa que tudo arrasta de forma convencidora.

Os reveses no reconhecimento de caminhos errados tornam-se armas afiadas nas mãos de muitos inimigos, os quais podem com o tempo incutir em centenas de milhares de seres humanos uma desconfiança tal, que esses dignos de lástima, por ocasião do surgimento da Verdade, não mais desejarão examiná-la seriamente, por grande receio de nova ilusão! Taparão seus ouvidos, que de outra forma teriam aberto, perdendo assim o último lapso de tempo que ainda podia dar-lhes a oportunidade de escalar rumo à Luz. Com isso as trevas obtiveram então uma nova vitória! Podem agradecer aos pesquisadores que lhes estenderam as mãos para isso e que de bom grado e orgulhosos atribuem a si o título de dirigentes das modernas ciências do espírito!

32. Caminhos errados

As criaturas humanas, com poucas exceções, encontram-se num engano ilimitado e, para elas, funesto!

Deus não necessita correr atrás delas nem lhes rogar que acreditem na Sua existência. Também Seus servos não são enviados para advertir continuamente, para que não O abandonem. Isso seria ridículo até. É uma depreciação e rebaixamento da divindade excelsa pensar assim e esperar tal coisa. Essa concepção errônea causa grande dano. É alimentada pelo procedimento de muitos párocos realmente sérios, que em sincero amor a Deus e aos seres humanos procuram sempre de novo converter criaturas humanas, voltadas apenas para o que é terreno, convencê-las e conquistá-las para a igreja. Tudo isso apenas contribui para aumentar desmedidamente a presunção já suficientemente existente do ser humano a respeito de sua importância, dando por fim a muitos a ilusão de que devem ser implorados para querer o bem. Isso também traz consigo a esquisita opinião da maioria dos “fiéis”, que representam muito antes exemplos aterradores do que modelos. Milhares e milhares sentem em si uma certa satisfação, um sentimento de elevação na consciência de que crêem em Deus, que recitam suas orações com a seriedade que lhes é possível e que, intencionalmente, não causam dano ao próximo.

Nessa “sensação de elevação” interior eles sentem uma certa compensação do bem, um agradecimento de Deus por sua obediência, percebem uma espécie de ligação com Deus, em quem também às vezes pensam com certo estremecimento sagrado, que causa ou deixa uma sensação de bem-aventurança, que eles usufruem com felicidade.

Mas essas multidões de fiéis enganam-se no caminho. Vivem felizes numa ilusão por elas próprias criada, que as deixa inconscientemente somar-se àqueles fariseus que levavam suas pequenas oferendas com sentimento de gratidão real, porém, errado: “Agradeço-Te, Senhor, por não ser como aqueles”. Isso não é pronunciado, na realidade nem pensado, mas o “eufórico sentimento” no íntimo não significa mais do que aquela inconsciente oração de agradecimento, que também Cristo já declarou como falsa.

A “sensação de elevação” interior outra coisa não representa em tais casos senão a consequência de uma auto-satisfação provocada pela oração ou por bons pensamentos forçados. Os que se denominam humildes encontram-se geralmente muito longe de serem realmente humildes! Muitas vezes é preciso auto-domínio para falar com tais fiéis. Jamais alcançarão eles em tal estado a bem-aventurança que já supõem com certeza possuir! Eles que

cuidem de não se perder de todo em sua presunção espiritual, que consideram humildade. Muitos dos que até hoje ainda são incrédulos absolutos terão mais facilidade em entrar no Reino de Deus do que todas as multidões com sua presunçosa humildade que, na verdade, não se apresentam diante de Deus simplesmente rogando, mas sim indirectamente exigindo, para que Ele as recompense por suas orações e palavras piedosas. Seus rogos são exigências, sua maneira de ser, hipocrisia. Serão varridas de Seu semblante como debulho vazio. Receberão a recompensa, sim, apenas de modo diferente do que pensam. Já se saciaram suficientemente na Terra, na consciência de seu próprio valor.

A sensação de bem-estar desaparecerá logo no trespasse para o mundo de matéria fina, onde se põe em evidência a intuição íntima, aqui mal pressentida, enquanto o sentimento até agora predominantemente produzido apenas por pensamentos dissipa-se em nada.

A expectativa íntima, silenciosa, denominada humilde, de algo melhor, nada mais é na realidade do que uma exigência, mesmo quando expressa de maneira diferente em palavras, por mais belas que sejam. Cada exigência é, porém, uma arrogância. Somente Deus deve exigir! Também Cristo não veio rogando até as criaturas humanas com sua mensagem, e sim advertindo e exigindo. Deus, sim, esclarecimentos sobre a Verdade, mas não expôs atraentes recompensas diante dos olhos dos seus ouvintes para, dessa maneira, estimulá-los a se tornarem melhores. Ele ordenou aos que procuravam com seriedade, serena e severamente: Ide e agi de acordo!

Exigindo encontra-se Deus diante da humanidade, não atraindo e suplicando, não se queixando e lamentando. Calmamente abandonará às trevas todos os maus, até mesmo todos os indecisos, para não mais expor aos ataques aqueles que aspiram às alturas, e para deixar os outros vivenciarem profundamente tudo quanto consideram certo, a fim de que possam chegar ao reconhecimento de seu erro!

33. Seres humanos ideais

Queremos, no entanto, dizer melhor: seres humanos que querem ser ideais! Mas também aqui devem ser excluídos, em primeira linha, bem cuidadosamente, todos aqueles que assim se denominam ou que de bom grado deixam que assim sejam chamados, mas que nem pertencem aos que querem ser ideais. Trata-se da grande classe de pessoas de ambos os sexos, fracas e sonhadoras, às quais ainda se juntam as pessoas dotadas de fantasias, que nunca puderam aprender a dominar seu dom e utilizá-lo de maneira útil. Deverão ser excluídas igualmente aquelas que sempre estão insatisfeitas com as condições existentes e atribuem esse descontentamento ao facto de serem dotadas de forma mais ideal do que todas as demais, não se enquadrando por isso em sua época. Então encontramos ainda as massas dos assim chamados “incompreendidos” de ambos os sexos, constituídos na maior parte por moças e senhoras. Esse tipo de seres humanos imagina ser incompreendido. Isto é, falando bem claro, vivem permanentemente na ilusão de trazerem em si um tesouro de valores que a outra parte, com a qual no momento se relacionam, não é capaz de reconhecer. Na realidade, todavia, em tais almas nem se encontram tesouros ocultos, mas em lugar destes apenas uma fonte inesgotável de desejos desmedidos, jamais saciáveis.

Pode-se tranquilamente denominar todos os assim chamados seres humanos incompreendidos simplesmente de “imprestáveis”, por se mostrarem imprestáveis para a autêntica vida no presente, tendendo apenas para o irreal e em parte até para a leviandade. Sempre, porém, para aquilo que não condiz com uma vida terrena sadia. O caminho de tais moças e senhoras eternamente incompreendidas, no entanto, leva, lamentavelmente, muitas vezes a uma vida que comumente se denomina “leviana”, imoral, porque sempre só querem se deixar “consolar” com muito bom grado, muita facilidade e também demasiada frequência, o que uma certa espécie de homens naturalmente sabe e aproveita inescrupulosamente. Contudo, justamente essas incompreendidas também serão e permanecerão sempre, em todos os sentidos, indignas de confiança. Julgam-se ideais, no entanto, são totalmente sem valor, de modo que, para uma pessoa sincera, que não nutre intenções baixas, seria melhor que saísse do caminho delas. Seria inútil prestar auxílio. Aproximam-se-lhes também quase sempre somente “consoladores” com *más* intenções, com o que a reciprocidade se desencadeia aí mui rapidamente; pois perto do coração ou nos braços de um assim chamado consolador uma jovem incompreendida, ou uma tal senhora, já após poucos dias ou semanas, sentir-se-á novamente “incompreendida” e estará desejosa por um novo estado de ser compreendida, porque, aliás, nem sabe o que realmente quer. A todos esses grupos imprestáveis se agrega, ainda por fim, também o grupo dos sonhadores inofensivos! Aparentemente inofensivos como as crianças. A ingenuidade de um tal sonhador, no entanto, só existe em relação ao efeito

contra ele próprio, sobre sua própria personalidade, não, porém, sobre seu ambiente e todas as pessoas com as quais entra em contacto. Para *muitos*, um assim inofensivo sonhador actua, pela conversa, já directamente como um veneno de acção lenta, destruindo, corroendo, porque, com suas explicações de ideias, ele é capaz de arrancá-los da vida terrena normal e com isso sadia, para conduzi-los ao reino daquilo que é impróprio, irreal para a época terrena. Contudo, bem notado: eu não digo que um tal sonhador seja impuro ou mesmo ruim, ao contrário. Pode ele querer o *melhor*, mas sempre o desejará de modo irreal para a Terra, irrealizável na prática, e dessa forma não actua de modo benéfico para a existência terrena, mas sim dificultando, destruindo.

Contudo, também entre os seres humanos então restantes “que aspiram por ideais”, observando criteriosamente, devemos fazer mais uma divisão. Encontramos então ainda mais duas categorias: pessoas que “procuram seguir” ideais e pessoas que aspiram por ideais. As pessoas, que procuram seguir ideais, são na maior parte fracalhões, que anseiam constantemente por algo, que aliás jamais pode ser alcançado. Pelo menos não na Terra, e as quais, por isso, jamais poderão ser realmente felizes ou ao menos alegres. Situam-se bem perto do grupo dos “incompreendidos” e acabam, com o tempo, caindo num sentimentalismo mórbido que não conduz a nada de bom. Se, então, tivermos separado de tal forma rigorosa, devemos, falando figuradamente, procurar de facto com a lanterna durante o dia os que ainda restam por fim, tão poucos eles são. Esses poucos, no entanto, ainda não podem ser chamados de “seres humanos ideais”, mas sim, conforme já disse, pessoas que “aspiram por ideais”. Considerando aspirar por ideais como uma faculdade pessoal que actua na Terra. *Esses* são, só então, os seres humanos que podem ser plenamente valorizados, que têm em mira, sim, um alvo grande, muitas vezes grandioso, nunca chegando aí, porém, a vacilar, mas que se firmam solidamente na vida terrena com ambos os pés, a fim de não se perderem naquilo que é irreal para a Terra. Esforçam-se, degrau por degrau, com visão sadia e mão habilidosa em direcção ao alvo amplamente planejado, sem, entretanto, prejudicar outras pessoas imerecidamente. O proveito, que tal espécie de seres humanos proporciona, raramente se estende a apenas algumas pessoas. Uma exploração de qualquer espécie jamais entrará aí em consideração, visto que então a denominação “aspirar por ideais” não se justificaria. E cada pessoa pode e deve ser alguém que aspira por ideais, seja qual for a actividade que desenvolve aqui na Terra. Pode com isso enobrecer qualquer espécie de trabalho e dar-lhe finalidades amplas. Mas jamais deve esquecer aí de manter tudo no âmbito da *vida terrena*. Se o ultrapassar, tornar-se-á irreal para a Terra e assim doentio. A consequência é que jamais se conseguirá um *progresso*, o que é condição básica e característica de tudo quanto aspira por ideais. Na Terra, o ser humano tem o dever de colocar como alvo o que para ele seja o mais alto alcançável e de empenhar-se com todas as forças para atingir esse alvo. Como *ser humano*! Isso exclui, de antemão, que se esforce tão-só pela comida e bebida como os animais, conforme infelizmente

o fazem tantas pessoas, ou que se deixe chicotear pelo intelecto, a fim de adquirir grandeza ou celebridade puramente terrenas, sem visar aí, como finalidade principal, o bem geral e a elevação da humanidade. Todos esses valem para a Terra menos do que os animais, porque um animal sempre é, sem artifícios, *integralmente aquilo* que deve ser, mesmo que sua finalidade sirva apenas para conservar alertas as criaturas, a fim de que não se estabeleça um relaxamento estorvante, que poderia ter como consequência a decadência e a decomposição, visto que o *movimento* na Criação permanece condição vital. *Estar alerta!* O ser humano que realmente aspira por ideais é reconhecido, portanto, por procurar *elevantar* tudo o que existe na Terra, não acaso no sentido intelectual de aumento de poder, mas sim no de *enobrecimento!* Todas as suas ideias terão, contudo, também a possibilidade de realização terrena, acarretando proveito, tanto para a pessoa individual como também para a colectividade, ao passo que as pessoas que apenas querem ser ideais se comprazem em ideias, as quais são impossíveis de serem aproveitadas de modo prático numa vida terrena sadia, mas que apenas desviam dela, conduzindo para um mundo de sonhos, que acarreta o prejuízo de deixar sem aproveitamento o presente para o amadurecimento do seu espírito, que cada ser humano, na sua vida actual, deve formar e desenvolver.

Assim, levado a sério, também as pessoas com pensamentos ideais comunistas são nocivas à humanidade, porque a concretização dos mesmos só acarretaria algo de insano, apesar de elas, por si mesmas, quererem o bem. Assemelham-se a construtores que montam cuidadosamente *na oficina* uma casa para um outro local. Ela parece vistosa e bonita... na oficina. Mas transportada para o terreno verdadeiro, encontra-se torta e pouco firme, de modo que não pode ser habitada por ninguém, porque o solo era desigual e não se deixou nivelar, apesar dos maiores empenhos e esforços. Os construtores esqueceram-se de levar isso em conta. Não consideraram a avaliação certa do existente, que, para essa construção, era essencial e inalterável! Alguém que realmente aspira por ideais não faz isso!

As ideias comunistas ideais não podem, em sua execução, crescer do solo, tampouco nele serem ancoradas, nem a ele ligadas, visto que este solo, os seres humanos, a ele nem se adaptam! É demasiadamente desigual e assim permanecerá sempre, porque não é possível se conseguir um amadurecimento uniforme de todos os seres humanos na Terra. Haverá sempre e sempre uma grande diferença no respectivo amadurecimento, porque os seres humanos individuais, espiritualmente, são e continuarão sendo personalidades totalmente *distintas*, que só poderão se desenvolver de maneira diferente, visto que dessas pessoas espirituais jamais deverá ser tirado o livre-arbítrio *sobre si próprias!* O livre-arbítrio de até agora, actuando *externamente*, foi retirado da humanidade com a transição universal, ocasionada pela encarnação da Vontade de Deus na Terra, a qual agora, de modo totalmente natural, tem de dominar a vontade humana, porque se encontra acima desta e é mais forte! Apenas

interiormente poderá cada um, individualmente, decidir ainda *uma vez* sobre o caminho de seu espírito, que o conduz para a luz da subsistência ou para a escuridão da desintegração! Procurai agora reconhecer na Terra os seres humanos que verdadeiramente aspiram por ideais, a fim de apoiar suas actuações, pois eles, edificando, só propiciarão benefícios. —

34. Lançai sobre ele toda a culpa

Esta frase, tão frequentemente empregada, é um dos principais calmantes de todos quantos se denominam fiéis cristãos. Todavia, o calmante é um tóxico que produz embriaguez. Como muitos tóxicos que são utilizados em doenças apenas para entorpecer dores físicas, acarretando assim uma tranquilidade aparente, semelhantemente ocorre em relação espiritual com as palavras: “Lançai sobre ele toda a culpa; pois ele nos libertou e através de suas feridas estamos curados!”

Já que isso é considerado pelos fiéis como uma das colunas básicas das doutrinas eclesiásticas cristãs, actua entre eles tanto mais devastadoramente. Edificam sobre isso toda a sua sintonização interior. Através disto, no entanto, eles são vítimas do abraço mortal da fé cega, no qual eles conseguem ver tudo o mais apenas ainda fortemente turvado, até que por fim toda a imagem se desloca e sobre a Verdade desce um véu cinzento, de modo que só podem encontrar ainda um apoio na construção artificial de teorias desfiguradoras, que terá de ruir junto com elas, no dia do reconhecimento.

“Lançai sobre ele toda a culpa...!” Tola ilusão! Como fogo passará a Verdade por entre as legiões dos doutrinadores falsos e dos fiéis indolentes e, incendiando, queimará todo o inverídico! Comodamente, massas ainda hoje se comprazem na crença de que tudo quanto o Salvador fez e sofreu aconteceu por elas. Na indolência de seu pensar, denominam isso ousado, injurioso por parte de cada pessoa que presume que também tem de contribuir pessoalmente com algo para poder entrar no céu. A tal respeito muitos dispõem de uma admirável modéstia e humildade, que em outros aspectos pode-se procurar em vão neles. Segundo a sua opinião, equivaleria a uma blasfémia dar lugar, mesmo que bem atenuada e timidamente, ao pensamento de que a descida do Salvador à Terra e os sofrimentos e a morte, que assim tomou a si, ainda não pudessem bastar para apagar os pecados de todos aqueles seres humanos que não mais duvidam da sua existência terrena de outrora.

“Lançai sobre ele toda a culpa...” pensam eles com fervorosa devoção e não sabem o que realmente fazem. Dormem, mas seu despertar um dia será horrível! Sua crença aparentemente humilde nada mais é senão vaidade e ilimitada soberba, ao suporem que um Filho de Deus desça, a fim de lhes preparar servilmente o caminho, no qual então poderão trotar como broncos, directamente para o reino do céu. Na realidade, qualquer um devia reconhecer imediatamente e sem mais demoras tal vacuidade. Ela só pode ter surgido do mais indescritível comodismo e leviandade, a não ser que a astúcia a tenha criado como engodo para fins de vantagens terrenas!

A humanidade perdeu-se em milhares de caminhos errados, iludindo-se a si mesma com sua crença tola. Que aviltamento de Deus há nisso. O que é o ser humano para ousar esperar que um Deus mandasse Seu Filho Unigénito, isto é, uma parte de Sua própria vitalidade inenteal, para que os seres humanos pudessem lhe atirar o lastro de seus pecados, somente para que eles próprios não precisassem se esforçar em lavar suas vestes sujas e remir a situação escura com que se sobrecarregaram. Ai dos que tiverem de prestar contas um dia por tais pensamentos! É a mais atrevida conspurcação à sublime divindade! A missão de Cristo não foi assim banal, mas sim elevada, apontando de modo exigente para o Pai.

Já uma vez me referi à grande obra de redenção do Filho de Deus. *(Dissertação Nº 14: O Redentor) Sua grande obra de amor brotou no Aquém e no Além, e trouxe frutos de toda a espécie. Nesse ínterim, porém, pessoas convocadas apenas por seres humanos procuravam muitas vezes passar por convocadas por Deus, pegavam com mãos profanas os puros ensinamentos e, obscurecendo-os, arrastavam-nos em sua direcção, para baixo. A humanidade, que nelas confiava sem examinar seriamente a palavra que ensinavam, tombou junto. O núcleo elevado da Verdade divina foi envolvido com estreitezas terrenas, de modo que a forma talvez tenha se conservado, porém, todo o fulgor sucumbiu na ânsia pelo poder e vantagens terrenas. Apenas um pálido crepúsculo reina ali onde podia existir o mais claro resplendor de vida espiritual. Da humanidade suplicante fora roubada a jóia que Cristo Jesus trouxe para *todos quantos almejam por isso*. Desfigurado pelo envoltório de desejos egoísticos, aos que procuram é apontado um caminho errado, o qual não apenas faz com que eles percam tempo precioso, mas até os impele muitas vezes para os braços das trevas.

Rapidamente, doutrinas erradas vicejaram. Sufocaram a singeleza, a Verdade, e cobriram-na com um manto cintilante de cuja pujança de cores, porém, emanam perigos como nas plantas venenosas, entorpecendo tudo o que se lhes aproxima, com o que a vigilância dos fiéis sobre si próprios enfraquece, por fim, apaga-se. Com isso perde-se também toda possibilidade de ascensão para a verdadeira Luz! Uma vez mais ressoará o grande chamado da Verdade por todos os países. Então, porém, virá o ajuste de contas para cada um, pelo destino que teceu para si próprio. Os seres humanos, finalmente, receberão aquilo que até aí defenderam com persistência. Terão de vivenciar todos os erros que estabeleceram em seus desejos ou pensamentos atrevidos, ou aos quais procuraram seguir. Para muitos, a consequência será um uivar selvagem, e começará um bater de dentes, causado pelo medo, pela raiva e pelo desespero.

Os assim pesadamente atingidos pelo mal e condenados no Juízo intuirão então, de repente, como sendo injustiça e dureza, tão logo sejam empurrados para *aquela* realidade, a qual eles, em sua vida terrena, até agora queriam reconhecer como sendo a única verdadeira,

com a qual também continuamente supriram seus semelhantes. Então aquele Deus ainda deve ajudar, a Quem eles enfrentavam com tão ilimitada arrogância! Implorar-Lhe-ão, clamarão por Ele, também esperarão que Ele, em Sua divindade, perdoe facilmente também as piores coisas aos homúnculos “ignorantes”. Ele, de repente, será demasiadamente “grande”, segundo sua suposição, para poder ter rancor de tal coisa. Ele, o Qual eles até agora tanto aviltaram!

Contudo, Ele *não* lhes dará ouvidos, *não* mais os ajudará, porque antes não quiseram ouvir a Sua Palavra, que Ele lhes enviara! E nisso há justiça, que nunca pode ser separada de Seu grande amor.

Era dever dos seres humanos examinar *a própria Palavra*, que Ele lhes deu. Mesmo se não quisessem reconhecer os Seus mensageiros como tais. Ressoar-lhes-á, por isso, retumbantemente: “Vós não quisestes! Por isso sejais agora exterminados e apagados do Livro da Vida!”

35. O crime da hipnose

Esquisito! Há vinte anos ainda gritavam irados contra a afirmação de que a hipnose realmente existe, à frente de todos iam nisso muitos médicos. Não se intimidaram de chamar a hipnose de trapaça e fraude, conforme pouco antes já haviam feito com o magnetismo terapêutico, que hoje se tornou uma grande bênção para muitos. Os que o praticavam eram atacados mordazmente, sendo chamados de charlatães e trapaceiros.

Hoje, por sua vez, são justamente os médicos que em grande parte se apropriaram da hipnose. Aquilo que há vinte anos ainda foi negado com as mais severas expressões, hoje em dia defendem.

Isso pode ser analisado por dois lados. Quem examinou de modo bem objectivo a luta encarniçada daquele tempo não poderá hoje deixar de reprimir naturalmente um sorriso, quando novamente tem de observar como os fervorosos adversários de outrora procuram, agora, com maior fervor ainda, aplicar a hipnose por eles tão desdenhada. De outro lado, tem de ser reconhecido, por sua vez, que tal reviravolta quase grotesca ainda assim também merece apreço. Necessária é certa coragem para se expor ao perigo do ridículo, que justamente neste caso está bem próximo. Deve-se reconhecer nisso a sinceridade, que realmente deseja ser útil à humanidade e, por esse motivo, não recua ante mesmo aceitar um tal perigo.

Lamentável é apenas que disso não se tenha tirado lições também para o futuro, tornando-se mais cauteloso nos julgamentos e – digamos tranquilamente – nas hostilizações, quando se trata de coisas que pertencem ao mesmo campo em que a hipnose se encontra. Infelizmente novamente hoje, em muitos outros sectores desse mesmo domínio, procede-se de modo idêntico e quase ainda pior, apesar de todas as experiências. Não obstante, o mesmo espectáculo terá por fim de se repetir, que, sem transição, se defenda repentinamente com fervor algo, que até então se procurava negar tão tenazmente. Mais ainda, que se procura inescrupulosamente por todos os meios ter tantas coisas somente nas próprias mãos, para execução, cujo pesquisar e descobrir foi deixado inicialmente, de modo cauteloso e sob contínuo combate, para os outros, na maioria das vezes aos assim chamados “leigos”. Se isso, então, ainda pode ser designado como um mérito ou uma acção corajosa, resta saber. Pelo contrário, é muito mais provável que essas eternas repetições também possam colocar sob uma outra luz as acções já mencionadas como mérito. Até aí, o resultado de uma análise *superficial*.

Muito mais grave, contudo, torna-se quando se conhece direito os *efeitos das aplicações* da hipnose. Que a *existência* da hipnose, finalmente, tenha encontrado reconhecimento e confirmação, cessando assim os ataques cheios de locacidade da ciência que, segundo a experiência actual, revelam apenas ignorância, é bom. Mas que, com isso, sob a protecção favorecedora dos adversários de até então, que se tornaram repentinamente cientes, também a *aplicação tenha* encontrado tão ampla propagação, prova que os tais entendidos se acham muito mais longe do legítimo reconhecimento do que os tão difamados leigos, que inicialmente pesquisavam.

É abalador saber que desgraça assim se origina do facto de milhares entregarem-se hoje, cheios de confiança, às mãos chamadas convocadas, a fim de se submeter a uma hipnose, voluntariamente, por serem persuadidos a isso ou, o que é o mais condenável, sem o seu conhecimento serem dessa forma violentados. Mesmo que tudo ocorra com as melhores intenções de com isso querer fazer algo de bom, não altera em nada os incomensuráveis danos que essa prática ocasiona *em qualquer caso!* Mãos convocadas *não* são as que utilizam a hipnose. Convocado somente pode ser aquele que for totalmente versado no campo a que pertence tudo aquilo que utiliza. No caso da hipnose seria o campo de matéria fina! E quem conhece realmente esse campo, sem que presunçosamente apenas o imagine, *jamais utilizará a hipnose*, enquanto quiser o melhor para o seu próximo. A não ser que tencione prejudicá-lo pesadamente com pleno conhecimento. Consequentemente, peca-se por toda parte onde quer que a hipnose chegue a ser praticada, não importando tratar-se de leigos ou não! Quanto a isso, não existe uma única excepção!

Mesmo que se procure, com a maior singeleza, pensar somente dentro da lógica, tem de se chegar à conclusão de que, na realidade, trata-se de ilimitada leviandade lidar com algo, cujo alcance só pode ser abrangido nos mais restritos degraus, e cujo efeito final é ainda desconhecido. Quando tal leviandade nos assuntos do bem e do mal do próximo não só acarreta danos à respectiva pessoa da experiência, mas a responsabilidade recai duplamente pesada também sobre o praticante, então isso não proporciona tranquilização. As pessoas, preferencialmente, não deveriam se entregar tão confiantemente a algo que elas mesmas também não conhecem a fundo. Se isso se processa sem o seu conhecimento e sua vontade, semelhante procedimento vem a equivaler a um legítimo crime, mesmo que executado por mãos denominadas convocadas.

Uma vez que não é de se supor que todos os que trabalham com a hipnose tenham o intento de prejudicar o próximo, resta apenas constatar o facto de que eles ignoram totalmente a natureza da hipnose, achando-se completamente sem compreensão diante das consequências

de sua própria actividade. Quanto a isso também não existe a menor dúvida; pois apenas uma coisa ou outra entra em consideração. Portanto, resta somente a incompreensão.

Se uma pessoa utiliza a hipnose em seu próximo, *ata com isso o espírito deste!* Esse atamento em si é um delito ou um crime espiritual. Não elimina a culpa, se a hipnose for utilizada com a finalidade de cura de uma doença do corpo ou como meio para uma melhora psíquica. Tampouco pode ser apresentado como defesa o facto de que, com as alterações anímicas conseguidas para o bem, também o querer do submetido tenha melhorado, de modo que a pessoa tratada pela hipnose tenha auferido proveitos com isso. Viver e agir em tal crença é uma auto-ilusão; porque somente aquilo que um espírito empreende por vontade inteiramente *livre* e influenciada pode trazer-lhe o proveito de que necessita para uma real ascensão. Tudo o mais são exterioridades que apenas passageiramente podem lhe trazer aparente proveito ou dano. Cada atamento do espírito, seja para qual finalidade este aconteceu, constitui um embargo absoluto na possibilidade do progresso indispensável. Sem levar em consideração que um tal atamento acarreta muito mais perigos do que vantagens. Um espírito assim atado acha-se não só acessível à influência do hipnotizador, mas sim, até certo ponto, não obstante uma eventual proibição por parte do hipnotizador, fica também exposto indefeso a outras influências da matéria fina, visto faltar-lhe, devido ao atamento, a protecção tão necessária, a qual, unicamente, pode oferecer-lhe a liberdade absoluta de acção. O facto de os seres humanos nada notarem dessas lutas contínuas, dos ataques e da própria defesa, eficaz ou não, não exclui a vivacidade no mundo de matéria fina e seu próprio actuar conjunto aí.

Cada um, que é submetido a uma hipnose eficiente, foi, portanto, mais ou menos fortemente impedido no progresso real de seu núcleo mais profundo. As circunstâncias exteriores, tenham elas se tornado com isso ainda mais desfavoráveis, ou aparente e passageiramente benéficas, só representam um papel secundário, portanto, não devem também ser determinantes para uma avaliação. *Em todo caso o espírito tem de permanecer livre*, porque afinal se trata única e exclusivamente dele!

Suponhamos que ocorra uma melhora exteriormente reconhecível, no que os que trabalham com a hipnose tanto gostam de se apoiar, então a respectiva pessoa, na realidade, não tem lucro nenhum com isso. Seu espírito atado não consegue agir de imediato na matéria fina de maneira criadora, como um espírito inteiramente livre. As criações de matéria fina, que são originadas pela sua vontade tolhida ou forçada, são desprovidas de força, por serem formadas somente de segunda mão, e logo murcham no mundo de matéria fina. Por essa razão sua vontade tornada melhor não lhe pode trazer aquele proveito na reciprocidade, que infalivelmente é de se esperar nos actos criadores do espírito livre. De modo idêntico,

naturalmente, também ocorre quando um espírito atado deseja e executa algo de mal a mando de seu hipnotizador. Pela falta de força das acções criadoras de matéria fina, estas desaparecerão logo, apesar das más acções de matéria grosseira, ou serão absorvidas por outras espécies iguais, de maneira que uma reciprocidade de matéria fina nem pode ocorrer, pelo que às pessoas assim forçadas pode resultar uma responsabilidade terrena, não porém uma responsabilidade espiritual. *Idêntico é o processo, tratando-se de loucos.* Através disso vemos, mais uma vez, a justiça sem lacunas do Criador, que se efectua no mundo de matéria fina através das leis vivas, inatingíveis em sua perfeição. Uma pessoa assim forçada, apesar das más práticas devido à vontade alheia, não poderá ser atingida por nenhuma culpa, mas tampouco por alguma bênção, porque seus melhores actos foram executados sob a vontade de outrem, nos quais ela não tomou parte como “eu” autónomo.

Em vez disso acontece, porém, algo diferente: o atamento forçado do espírito por meio da hipnose prende, simultaneamente, a pessoa que pratica hipnose à sua vítima como que com cadeias fortíssimas. E não a liberta, enquanto não tiver auxiliado a pessoa, violentamente embargada em seu próprio livre desenvolvimento, a progredir ao ponto que devia ter alcançado, se ela não tivesse realizado aquele atamento. Terá de ir, depois de sua morte terrena, até lá onde for o espírito por ela atado, mesmo que seja até as maiores profundezas. O que, portanto, espera tais seres humanos, que muito se ocupam com a prática da hipnose, é fácil de se imaginar. Quando, despertando após a morte terrena, chegam de novo à lucidez, verificarão aterrorizados quantos atamentos prendem-nos a pessoas já falecidas anteriormente, bem como a outras que ainda peregrinam na Terra. Nenhum deles lhes poderá ser perdoado. Elo por elo, ele terá de desfazê-los, mesmo que com isso perca até milénios. É provável, porém, que com isso não mais possa chegar completamente até o fim, mas sim seja arrastado à decomposição, que destrói a personalidade do seu próprio “eu”;

pois ele pecou gravemente contra o espírito!

36. Astrologia

De arte régia é ela chamada, e não sem acerto. Não, porém, por ser a soberana entre todas as artes, tampouco por ser reservada apenas aos reis terrenos, mas quem conseguisse praticá-la realmente estaria apto a assumir espiritualmente uma categoria régia, porque com isso tornar-se-ia dirigente da realização e da não realização de muitos acontecimentos.

Mas não existe um único ser humano terreno, ao qual são confiadas essas faculdades. Por isso todos os trabalhos nesse sentido devem permanecer tristes tentativas, não confiáveis, quando consideradas sérias pelos que as praticam, criminosas, quando no lugar da profunda seriedade cooperam nisso a presunção e a fantasia doentia.

O mero cálculo astrológico, aliás, pouco pode adiantar; porque às irradiações dos astros pertence, como verdadeira força do efeito, também incondicionalmente a matéria fina viva, em toda a sua actividade, como, por exemplo, o mundo das formas de pensamentos, do carma, as correntes das trevas e da Luz na materialidade, bem como muitas coisas mais. Qual ser humano pode vangloriar-se de abranger tudo isso de modo nítido e claro, até os abismos mais profundos e até as alturas mais elevadas da materialidade?

As irradiações dos astros formam somente os caminhos e os canais, através dos quais tudo o que é vivo na matéria fina pode chegar mais concentradamente a uma alma humana, a fim de ali se efectivar. Falando figuradamente, pode-se dizer: os astros dão o sinal para as épocas em que as acções de efeito retroactivo através da condução de suas irradiações podem fluir mais concentrada e cerradamente sobre o ser humano. Às irradiações desfavoráveis ou hostis dos astros congregam-se na matéria fina acções retroactivas más pendentes destinadas ao respectivo ser humano, às irradiações favoráveis, por sua vez, apenas as boas, de acordo com a igual espécie. Eis por que os cálculos em si não são de todo destituídos de valor. Mas é condição indispensável que, na ocasião das irradiações desfavoráveis de um ser humano, haja também efeitos retroactivos desfavoráveis ou, por ocasião das irradiações benéficas, efeitos retroactivos benéficos. Do contrário, será impossível qualquer efeito. Por sua vez, porém, também as irradiações dos astros não são por acaso fantasmagóricas, ineficazes por si só sem ligação com outras forças, mas possuem também efeitos naturais, dentro de uma certa *restrição*. Se para determinada pessoa só houver acções de retorno maléficas no mundo de matéria fina, prontas para actuar, tal actividade, todavia, ficará bloqueada, reprimida ou pelo menos bastante represada nos dias ou horas de irradiações astrais benéficas, segundo a espécie das irradiações. De idêntico modo, evidentemente, também o inverso, de maneira que, nos

efeitos retroactivos benéficos em actividade, o favorável fica bloqueado pela irradiação desfavorável pelo tempo correspondente às irradiações.

Por conseguinte, mesmo que os *canais* das irradiações siderais *corram vazios* pela falta de efeitos de *igual espécie*, servem ao menos como *bloqueio* temporário contra efeitos recíprocos de espécie diferente eventualmente em actividade, de modo que nunca permanecem de todo sem influência. Apenas não podem, justamente as irradiações de todo benéficas, trazer sempre algo de bom ou as irradiações más sempre algo de mau, se para a respectiva pessoa nos efeitos recíprocos tal coisa não está disponível.

A esse respeito os astrólogos não podem dizer: “Então, portanto, temos de facto razão”. Pois esse ter razão é apenas condicional e *muito* restrito. Não justifica as afirmações muitas vezes arrogantes e os apregoamentos comerciais. Canais vazios das irradiações dos astros podem de facto acarretar interrupções, porém, nada mais, nem de bem nem de mal. Deve-se admitir, por sua vez, que em certo sentido a interrupção temporária de maus efeitos retroactivos também já é em si algo de bom. Pois proporciona, a quem se encontra fortemente afligido pelo mal, um tempo para tomar alento e com isso forças para prosseguir suportando.

Os cálculos dos astrólogos, apesar de tudo, poderiam ser bem recebidos, se não se der atenção às inúmeras fanfarrônicas e à propaganda de tantos. Contribuem, porém, ainda outras circunstâncias importantes que tornam tais cálculos muito duvidosos, de modo que eles, na realidade, geralmente produzem mais danos do que proveitos.

Na verdade, não entram em consideração apenas os poucos astros que hoje estão à disposição dos astrólogos para os cálculos. Inúmeros outros astros, nem sequer conhecidos pelos astrólogos, diminuindo os efeitos, fortalecendo, cruzando e deslocando, desempenham um papel tão grande, que o resultado final do cálculo muitas vezes pode ser totalmente oposto àquilo que ao melhor astrólogo é possível dizer hoje em dia.

Por fim, mais um ponto é decisivo, o maior e o mais difícil: este é a *alma* de cada ser humano individual! Apenas aquele que, além de todas as outras exigências, é capaz de pesar com exactidão cada uma dessas almas, até o último grau, com todas as suas capacidades, características, complicações cármicas, bem como em todos os seus esforços, enfim, em sua verdadeira maturidade ou imaturidade no Além, poderia talvez ousar fazer cálculos! Por mais que as irradiações astrais possam ser benéficas para um ser humano, nada poderá atingi-lo de luminoso, isto é, de bom, se ele tiver em volta de si muito de trevas, devido ao estado de sua alma. No caso oposto, porém, a pessoa cujo estado anímico só permite em volta de si a limpidez e o que é luminoso, a mais desfavorável de todas as correntezas astrais não poderá

oprimir tanto que ela sofra sérios danos, por fim, tudo terá de se voltar sempre para o bem. A onnipotência e a sabedoria de Deus não são tão unilaterais como cuidam em seus cálculos os discípulos da astrologia. Ele não sincroniza o destino de Seus seres humanos, isto é, o seu bem e o seu mal somente às irradiações dos astros. Estas, sim, cooperam vigorosamente não apenas em relação a cada ser humano isoladamente, mas em relação a todos os fenómenos mundiais. Contudo, também nisso elas são meros instrumentos, cuja actuação não só está em ligação com muitas outras, mas também com isso permanecem dependentes, em suas possibilidades, de todos os efeitos. Mesmo quando tantos astrólogos supõem trabalhar por convicção interior, sob sugestão, inspiração, então isso não pode contribuir tanto para um aprofundamento, que se permita depositar muito maior confiança na aproximação de uma realidade dos cálculos.

As intuições desses não podem vir de um lugar elevado, permanece, de lá, um véu anteposto, devido ao imensurável abismo que se encontra entre o espírito que tudo abrange e a humanidade. Os cálculos permanecem fragmentos unilaterais, insuficientes, lacunosos, em suma: imperfeitos, portanto errados. Trazem inquietação entre os seres humanos. A inquietação, no entanto, é a inimiga mais perigosa da alma; pois abala a muralha de protecção natural, deixando justamente assim entrar muitas vezes o que é do mal, que do contrário não teria encontrado qualquer entrada. Inquietos tornam-se muitos seres humanos ao dizer para si que possuem no momento irradiações maléficas, mas muitas vezes demasiadamente confiantes e com isso imprudentes, quando estão convictos de estarem justamente sujeitos a irradiações benéficas. Pela insuficiência de todos os cálculos, sobrecarregam-se eles, com isso, apenas com preocupações desnecessárias, ao invés de possuir sempre um espírito livre e alegre, que reúne mais forças para a defesa do que conseguem as mais fortes correntezas más para oprimir. Os astrólogos deviam, se não conseguem diferentemente, continuar calmamente seus trabalhos e procurar aperfeiçoar-se nisso, mas somente em silêncio e para si próprios, *conforme fazem também os que entre eles realmente devem ser levados a sério!* Deveriam poupar ainda os demais seres humanos de tais imperfeições, visto que estas apenas actuam maleficamente, trazendo como fruto abalo da autoconfiança, atamento nocivo de espíritos livres, que, incondicionalmente, tem de ser evitado.

37. Simbolismo (*Resgate simbólico) no destino humano

Se os seres humanos não se dedicassem completamente às necessidades e às muitas ninharias quotidianas, mas quisessem prestar também alguma atenção aos pequenos e grandes acontecimentos à sua volta, devia em breve chegar-lhes um novo reconhecimento. Surpreender-se-iam consigo mesmos e mal acreditariam que até então pudessem ter passado impensadamente por coisas tão marcantes. Existem, de facto, razões de sobra para que, cheios de compaixão de si mesmos, movam de um lado para o outro as cabeças. Com um pouco de observação apenas, descortinar-se-lhes-á de súbito todo um mundo de acontecimentos vivos, severamente ordenados, deixando reconhecer nitidamente uma direcção firme de mão superior: o mundo do simbolismo!

Este se acha profundamente enraizado na parte de matéria fina da Criação, e apenas suas derradeiras extremidades, quais ramificações, entram na parte terrena visível. É como num mar, que aparenta estar absolutamente calmo e cujo movimento contínuo não se percebe, só podendo isso ser notado na praia, em seus últimos efeitos. O ser humano não pressente que, mediante bem reduzido esforço através de um pouco de atenção, é capaz de observar claramente a actividade do carma para ele tão incisivo e por ele tão temido. Possível lhe é tornar-se mais familiarizado com isso, com o que, pouco a pouco, o medo, muitas vezes brotado nos seres humanos que pensam, se desfaz com o tempo, perdendo o carma seu terror. Para muitos isso pode tornar-se um caminho para a ascensão, quando aprenderem a sentir, através dos fenómenos terrenalmente visíveis, as ondulações mais profundas da vida de matéria fina e puderem segui-lo, com o que surge com o tempo a convicção da existência de efeitos recíprocos absolutamente lógicos. Tão logo um ser humano atinja tal ponto, se adaptará então lentamente, passo a passo, até que por fim reconheça a força propulsora rigorosamente lógica e sem lacunas da consciente vontade divina em toda a Criação, portanto, no mundo de matéria grosseira e de matéria fina. A partir desse momento contará com ela e curvar-se-á voluntariamente a ela. Isto, porém, significa para ele um nadar na força, cujos efeitos, com isso, somente lhe podem ser proveitosos. Ela lhe serve, porque sabe utilizá-la, ao adaptar-se, ajustar-se, ele próprio, correctamente. Dessa forma então, o efeito recíproco apenas pode desencadear-se como portador de felicidade para ele. Sorrindo, verá então concretizada literalmente cada palavra bíblica que, devido à sua simplicidade infantil, às vezes queria tornar-se para ele uma pedra de tropeço, cujo cumprimento, por isso, muitas vezes ameaçava tornar-se-lhe difícil, porque, segundo a sua opinião de até então, exigia uma mentalidade de escravo. A exigência arbitrária de obedecer, intuída por ele de modo desagradável, transforma-se pouco a pouco, ante seus olhos tornados lúcidos, na distinção mais alta que uma criatura pode experimentar; numa verdadeira dádiva divina, que encerra a

possibilidade de um desenvolvimento enorme de força espiritual, que permite uma cooperação pessoal e consciente na maravilhosa Criação. As expressões: “Somente aquele que se rebaixa a si próprio será elevado”, o ser humano deve “humildemente curvar-se diante de seu Deus”, a fim de poder ingressar no Seu reino, ele deve “obedecer”, “servir”, e o que ainda mais existe de conselhos bíblicos, de início chocam um pouco a pessoa moderna, em sua maneira de expressão singela, infantil e, no entanto, tão acertada, porque ferem seu orgulho que reside na consciência do saber intelectual. Não quer mais ser conduzida tão às cegas, mas ela própria, reconhecendo, quer cooperar em tudo conscientemente, a fim de adquirir, *por convicção*, o impulso interior, indispensável para tudo quanto é grande. E isto *não é nenhum erro!*

O ser humano *deve*, em seu desenvolvimento contínuo, estar de modo mais consciente na Criação do que outrora. E quando com alegria tiver reconhecido que as singelas expressões bíblicas, em sua maneira tão estranha à época de hoje, aconselham exactamente tudo aquilo a que ele, ao conhecer as poderosas leis da natureza, também se decide de modo voluntário e com plena convicção, então lhe cai como que uma venda dos olhos. Encontra-se abalado diante do facto de que até então apenas condenara os antigos ensinamentos por havê-los interpretado de modo errado, jamais procurando seriamente penetrar neles de modo certo, harmonizá-los com a actual capacidade de concepção.

Quer se diga então: “curvar-se em humildade à vontade de Deus”, ou “servir-se da maneira e do actuar das poderosas leis da natureza, após reconhecê-las acertadamente”, *é o mesmo.*

O ser humano só pode tirar proveito das forças portadoras da vontade de Deus se as estudar direito, isto é, se as reconhecer e então se orientar por elas. O contar com elas ou orientar-se por elas é, porém, na realidade, nada mais do que um adaptar-se, portanto, um curvar-se! Não se colocar *contra* essas forças, mas seguir *com elas*. Somente ao adaptar o seu querer às características das forças, isto é, ao seguir na mesma direcção, o ser humano consegue utilizar o poder das forças. Isso não significa um subjugar das forças, e sim um curvar-se humildemente à vontade divina! Mesmo que o ser humano denomine tanta coisa também de uma perspicácia ou de uma conquista do saber, em nada altera o facto de que tudo apenas significa um assim chamado “descobrir” de efeitos de leis naturais vigentes, isto é, da vontade divina, que com isso se “reconheceu” e com o aproveitamento ou aplicação se “sujeita” a esta vontade. Isso *é* incondicionalmente um curvar-se cheio de humildade diante da vontade de Deus, um “obedecer”!

Contudo, agora ao simbolismo! Todo acontecimento na Criação, isto é, na materialidade, tem de atingir no seu curso circular um termo certo ou, como se pode dizer também: deve fechar-se num círculo. Por isso, de acordo com as leis da Criação, tudo também retorna incondicionalmente ao seu ponto de partida, onde unicamente pode encontrar sua conclusão, isto é, onde é dissolvido, remido ou extinto como algo actuante. Assim se dá com a Criação toda, como com qualquer fenómeno individual. Disso se origina o efeito recíproco incondicional, que por sua vez acarreta o simbolismo.

Já que todas as acções devem terminar lá onde se originaram, então se depreende disso que toda acção deve terminar também na mesma espécie de matéria em que se originou. Portanto, um começo na matéria fina tem de ter um fim na matéria fina, um começo na matéria grosseira, porém, um fim na matéria grosseira. O fino-material as criaturas humanas não conseguem ver, o final grosso-material de cada acontecimento, no entanto, elas chamam-no de simbolismo. É-lhes visível, sim, mas a muitos falta a verdadeira chave para tanto, isto é, o começo, que na maioria dos casos encontra-se numa existência anterior de matéria grosseira.

Mesmo que também nisto a maior parte de todo o desenrolar do efeito recíproco se dê apenas no mundo de matéria fina, o carma, que desse modo actua, jamais poderia encontrar uma remição total, se o fim não se introduzir de alguma forma no mundo de matéria grosseira e tornar-se ali visível. Um círculo em curso somente pode ser fechado com um procedimento visível, correspondente ao sentido da reciprocidade, com o que se realiza então a completa remição, pouco importando se, de acordo com o começo, outrora, ela seja boa ou má, traga felicidade ou infelicidade, bênçãos ou perdão pelo remate. Esse último efeito visível *tem* de se realizar no mesmo lugar onde reside a origem, isto é, *naquele* ser humano, que por qualquer acção deu outrora o começo a isso. Em caso algum ele pode ser evitado.

Se, então, nesse ínterim a respectiva criatura humana tiver se modificado interiormente, de tal modo que nela tenha se tornado vivo algo melhor do que fora o acto de outrora, então o efeito retroactivo em sua espécie não pode ancorar-se nela. Não encontra mais terreno de igual espécie na alma que se esforça em ascender, a qual tornou-se mais luminosa e com isso mais leve, segundo a lei da gravidade espiritual. ^{*(Dissertação Nº 6: Destino)} A consequência natural é que um efeito mais turvo, ao aproximar-se, é impregnado pelo ambiente mais luminoso da respectiva pessoa e com isso substancialmente enfraquecido. Ainda assim, contudo, a lei do curso circular e da reciprocidade tem de se cumprir plenamente, em sua força de actuação natural. Uma revogação de qualquer lei natural é impossível.

Eis por que uma reciprocidade assim enfraquecida em seus efeitos de retorno terá, de acordo com as leis imutáveis, de se manifestar *visivelmente* também na matéria grosseira, a fim de realmente ser remida, isto é, extinta. O fim tem de refluir ao começo. Devido ao ambiente tornado mais claro, no entanto, o carma obscuro não pode causar males à respectiva pessoa, e assim acontece que esse efeito recíproco enfraquecido passe a actuar somente de tal modo sobre o *ambiente* mais próximo, que o atingido se vê na contingência de fazer voluntariamente algo, cuja natureza apenas corresponda ainda *ao sentido* da reciprocidade em retorno. A diferença com relação à intensidade originalmente integral do efeito da correnteza obscura de retorno a ele destinado é que não lhe causa nenhuma dor ou dano, mas talvez até proporcione alegria.

Isto é então um remate *puramente simbólico* de algum carma *pesado*, mas correspondendo perfeitamente às leis da Criação, devido à mudança do estado de alma, actuando dessa forma naturalmente. Por essa razão, para a maioria dos seres humanos, isso muitas vezes permanece também totalmente inconsciente. Com isso o carma foi remido e a justiça inquebrantável foi satisfeita até em suas mais delicadas correntezas. Nesses processos naturais, segundo as leis da Criação, encontram-se tamanhas acções de graça como somente a onisciência do Criador poderia realizar em Sua obra perfeita.

Existem muitos desses remates de efeitos recíprocos puramente simbólicos, que do contrário atingiriam pesadamente!

Tomemos um exemplo: uma pessoa de carácter outrora duro e despótico, oprimindo com o exercício dessas propriedades os seus semelhantes, acumulou sobre si um carma pesado que, vivo em suas características, segue o seu curso circular e então tem de recair sobre ela de modo idêntico, muitas vezes aumentado. Ao aproximar-se, essa correnteza de despotismo implacável, muitas vezes enormemente aumentada pela lei de atracção de igual espécie fino-material, impregnará de tal modo todo o ambiente de matéria fina da respectiva pessoa, que ela actua de maneira incisiva sobre o ambiente de matéria grosseira ligado estreitamente a ela e cria assim circunstâncias que obrigam o causador de outrora a sofrer de modo muito maior, sob idêntico despotismo, do que seus semelhantes, por ele atormentados em tempos passados.

Mas se, nesse ínterim, tal ser humano tiver chegado a um melhor reconhecimento, obtendo, através de esforços sinceros para a escalada, um âmbito luminoso e mais leve, assim altera-se com isso logicamente também a espécie do último efeito. As trevas mais densas que voltam serão perpassadas, de acordo com a força luminosa do novo ambiente da respectiva pessoa, com maior ou menor intensidade por essa Luz, por conseguinte, serão também mais ou menos neutralizadas. Se a pessoa antes tão despótica tiver se elevado bastante, isto é, na

hipótese duma regeneração extraordinária do culpado, pode até suceder que o efeito propriamente dito seja como que anulado e que ele apenas passageiramente faça algo que, de acordo com a aparência externa, assemelhe-se a uma expiação. Suponhamos que se trate de uma mulher. Bastaria que ela uma vez tomasse a escova das mãos da criada para mostrar-lhe, com toda a amabilidade, de que modo o assoalho deveria ser esfregado. Mesmo que sejam apenas poucos os movimentos nesse sentido, isso é o suficiente para o simbolismo do mais baixo servir. Essa breve acção resulta num remate, que precisava processar-se *de modo visível* e que, não obstante sua leveza, é capaz de pôr termo a um pesado carma.

De idêntico modo pode a modificação de um único quarto tornar-se o símbolo para o remate e a extinção de uma culpa, cuja penitência ou retorno, propriamente, teria requerido uma transformação maior, dolorosamente incisiva. Tais factos resultam, de qualquer forma, das influências enfraquecidas de um efeito retroactivo, ou também acções ocasionais são habilmente utilizadas pelos guias espirituais para conduzir a uma absolvição.

Naturalmente é pressuposto em tudo isso que já tenha ocorrido uma extraordinária melhora, bem como a transformação do estado anímico a isso ligado. Circunstâncias que um astrólogo naturalmente não consegue levar em consideração, razão pela qual muitas vezes causa preocupações desnecessárias com os seus cálculos, às vezes até tamanho medo, que somente a sua intensidade já é capaz de causar ou formar de novo algo desagradável, com o que, aliás, apenas aparentemente, um cálculo então se concretiza, o qual, não fora esse medo, ter-se-ia patenteado como errado. Em tais casos, porém, a respectiva pessoa, ela mesma, abriu uma porta no círculo luminoso que a rodeia, devido a seu medo. Onde ela estender voluntariamente a mão além do envoltório protector, não lhe poderá advir auxílio de nenhum lado. Sua própria vontade rompe de dentro para fora *cada* protecção, ao passo que de fora, devido à Luz, nada poderá atingi-la sem a sua própria vontade.

Assim, pois, o mínimo favor prestado aos seus semelhantes, um verdadeiro sentimento de dor sentido pelo próximo, uma única palavra amistosa, podem se transformar em remições simbólicas de um carma, desde que interiormente seja formada como base a vontade sincera para o bem.

Isso evidentemente tem de preceder; pois do contrário não se pode falar de uma remição simbólica, porque tudo o que retorna efectua-se então plenamente em todos os sentidos. Mas, tão logo se inicie na criatura humana realmente a vontade sincera para a escalada, muito em breve pode observar como, pouco a pouco, manifesta-se mais e mais vida em seu ambiente, como se lhe fossem colocadas no caminho toda a sorte de coisas, as quais, no entanto, terminam sempre bem. Dá-lhe na vista até. Por fim, do mesmo modo surpreendente, advirá

um período onde principia mais tranquilidade ou quando todos os acontecimentos, nitidamente reconhecíveis, servem também para o progresso terreno. Então passou a época das remições. Com alegre agradecimento pode entregar-se à ideia de que muita culpa se lhe desprende, que de outro modo deveria ter penitenciado pesadamente. Deve então estar vigilante, a fim de que todos os fios do destino, que ata de novo pela sua vontade e pelo seu desejar, sejam apenas bons, para que também apenas o que é bom possa atingi-lo!

38. Crença

A crença não é assim, como a maioria dos assim chamados fiéis a demonstra. A verdadeira crença somente surge, quando a pessoa tiver se inteirado totalmente do conteúdo das Mensagens de Deus, e com isso tê-las transformado em convicção viva e voluntária.

Mensagens de Deus provêm através da Palavra de Deus, bem como através de Sua Criação. Tudo dá testemunho Dele e de Sua vontade. Tão logo uma pessoa possa *vivenciar*, conscientemente, todo o evoluir e o existir, seu intuir, pensar e actuar serão uma única e alegre afirmação de Deus. Silenciará então, não falará muito sobre isso, tornou-se, porém, uma personalidade que, com essa adoração silenciosa a Deus, a qual também pode ser denominada de confiança em Deus, estará de modo firme e seguro na Criação inteira. Não se entregará a devaneios fantasiosos, não cairá em êxtases, tampouco viverá na Terra apenas no espiritual, mas cumprirá com bom senso e salutar coragem sua obra terrena, aplicando também aí habilmente o intelecto frio como arma afiada, na necessária defesa em casos de agressão, sem naturalmente tornar-se injusta. Não deve absolutamente tolerar, calada, quando lhe acontece uma injustiça. Do contrário sustentaria e fortaleceria o mal com isso.

Existem, contudo, muitíssimas criaturas humanas que apenas se *imaginam* fiéis! Apesar de toda a concordância interior sobre a existência de Deus e de Sua actuação, temem o sorriso dos cépticos. É-lhes desagradável e penoso, passam nas conversações por cima disso silenciosamente com expressão diplomática na fisionomia, fazendo, por causa do embaraço, constantemente concessões aos cépticos, mediante seu comportamento. Isso não é crença, mas um mero *assentimento* interior! Renegam dessa forma, na realidade, a seu Deus, a Quem oram às escondidas e de Quem esperam, por isso, tudo o que é bom.

A falsa consideração em relação aos cépticos não pode ser desculpada com as palavras de que para os “fiéis” o assunto é “demasiadamente sagrado e sério”, para que eles possam querer expô-lo a eventual escárnio. Isso também não pode mais ser denominado modéstia, mas somente baixa covardia! Falai finalmente com toda a franqueza, de qual Espírito sois filhos! Sem medo diante de *cada* pessoa, com aquele orgulho que corresponde à filiação de Deus! Só então também os cépticos, por fim, ver-se-ão obrigados a refrear seu sarcasmo, que apenas denuncia insegurança. Agora, no entanto, ele só está sendo cultivado e nutrido pelo medroso comportamento de tantos “fiéis”.

Essas pessoas enganam-se a si mesmas, porque deram à palavra “crença” um sentido muito diferente do que essa palavra requer. A crença precisa ser *viva*, isto é, deve tornar-se

mais do que convicção, tornar-se acção! Tornar-se-á acção logo que tenha traspassado tudo, todo o intuir, o pensar e o actuar. Ela deve, partindo de dentro, em tudo o que faz parte do ser humano, tornar-se discretamente palpável e visível, isto é, uma evidência. Não se deve usá-la nem como disfarce, nem como escudo; ao contrário, tudo o que se torna exteriormente perceptível deve resultar exclusivamente da irradiação natural do núcleo interior espiritual. Popularmente falando, a verdadeira crença deve ser, portanto, uma força que, irradiando do espírito do ser humano, penetre sua carne e seu sangue, tornando-se assim uma única evidência natural. Nada de artificial, nada de forçado, nada de aprendido, mas apenas vida!

Olhai para muitos fiéis: estes afirmam que crêem firmemente na continuação da vida após a morte, aparentemente sintonizam também seus pensamentos nisso. Mas se alguma vez forlhes dado oportunidade de obter uma prova dessa vida do Além, fora da observação quotidiana mais simples, assustam-se ou ficam profundamente abalados! Com isso mostram justamente que no fundo não estavam assim tão convictos da vida do Além; pois do contrário tal prova ocasional devia parecer-lhes absolutamente natural. Não deviam, por conseguinte, nem se assustar, nem se abalar de forma especial com isso. Ao lado disso existem ainda inúmeros fenómenos que mostram nitidamente quão pouco crentes são, pois, os assim chamados fiéis. A crença não está viva neles.

39. Bens terrenos

Surge com muita frequência a questão, se o ser humano deve se separar de bens terrenos ou desprezá-los, quando aspirar por proveito *espiritual*. Estabelecer tal princípio seria tolice! Quando se diz que a criatura humana não deve se prender a bens terrenos, logo que se esforce em direção ao reino celeste, não se diz com isso que ela deve dar de presente ou jogar fora bens terrenos, para viver na pobreza. O ser humano pode e deve usufruir alegremente aquilo que Deus lhe torna acessível através de Sua Criação. O “não dever se prender” a bens terrenos significa apenas que um ser humano não deve deixar-se arrebatar a tal ponto de considerar a acumulação de bens terrenos como finalidade máxima de sua vida terrena, portanto, de se “prender” através disso predominantemente a esse pensamento. Semelhante atitude acabaria, evidentemente, por desviá-lo de alvos mais elevados. Não teria mais tempo disponível para tal e penderia realmente com todas as fibras de seu ser apenas para essa única finalidade de adquirir posses terrenas. Seja, pois, por causa dos próprios bens, ou por causa do prazer que a posse possibilita, ou, também, por causa de outras finalidades, não importa, no fundo permaneceria sempre o mesmo resultado. Com isso, o ser humano pende e ata-se ao puramente terrenal, pelo que perde a visão para o alto e não consegue subir.

Essa concepção errada de que os bens terrenos não fazem parte de um progresso espiritual provocou, na maioria dos seres humanos, o conceito absurdo de que todos os empreendimentos espirituais nada podem ter em comum com bens terrenos, se é que devam ser levados a sério. Do dano que a humanidade causou com isso a si própria, ela, estranhamente, nunca se tornou ciente.

Com isso, desvalorizam para si próprios os dons espirituais, isto é, os mais elevados que a eles podem ser concedidos; pois como, em virtude dessa conceituação esquisita, todos os empreendimentos espirituais, até agora, teriam de depender de sacrifícios e doações, semelhante aos *mendigos*, imiscuiu-se com isso, também de modo imperceptível, igualmente em relação aos empreendimentos espirituais, a mesma atitude que se manifesta em relação aos mendigos. Razão por que esses nunca puderam obter aquele respeito que, na realidade, é-lhes devido em primeiro lugar. Esses empreendimentos, porém, tiveram, pela mesma razão, de trazer em si de antemão o gérmen da morte, porque nunca puderam firmar-se nos próprios pés, mas sempre permanecer dependentes da boa vontade das criaturas humanas. É justamente para proteger e defender perante a humanidade aquilo que de mais sagrado possui, o *espiritual*, que aquele que se esforça sinceramente não deve desprezar bens terrenos! Devem servir-lhe agora predominantemente como escudo no mundo de matéria grosseira, a fim de poder rechaçar o igual com o igual. Seria provocada uma situação insensata se, na época dos

materialistas, os que se esforçam por progredir espiritualmente quisessem desdenhar a arma mais forte dos adversários inescrupulosos! Isso seria uma leviandade, que poderia vingar-se pesadamente.

Por isso vós, fiéis legítimos, não menosprezeis bens terrenos, que também só puderam ser criados pela vontade de Deus, a Quem procurais honrar! Contudo, não vos deixeis adormecer pelo conforto que a posse de bens terrenos pode trazer consigo, mas usai-os de modo saudável.

O mesmo se dá com os dons especiais daquelas forças que servem para curar diversas doenças ou com capacitações semelhantes, ricas em bênçãos. Da maneira mais ingênua ou, digamos mais acertadamente, da maneira mais inescrupulosa, pressupõem as criaturas humanas que essas capacitações lhes são postas gratuitamente à disposição, já que também foram dadas pelas esferas espirituais como dádiva especial para serem postas em prática. Chega até a tal ponto, que certas pessoas esperam uma especial manifestação de alegria quando “condescendem” em servir-se de auxílio desse tipo por ocasião de grande aflição. Tais pessoas devem ser excluídas de todo auxílio, mesmo se também fosse o único que ainda pudesse lhes ajudar!

As pessoas assim dotadas, porém, deviam elas próprias, antes de tudo, aprender a dar apreço mais alto a essa sua dádiva de Deus, para que as pérolas não sejam sempre de novo atiradas aos porcos. Para uma assistência eficiente necessitam de *muito mais* forças físicas e fino-materiais, bem como de tempo, do que um advogado para seu melhor discurso de defesa, ou um médico por ocasião de muitas visitas a doentes, ou um pintor para a criação de um quadro. A pessoa alguma jamais ocorreria a ideia de exigir de um advogado, de um médico ou de um pintor um trabalho gratuito, embora uma boa capacidade de compreensão seja também apenas uma “dádiva de Deus”, como qualquer outro dom, nada mais. Jogai fora, finalmente, essas roupas de mendigos e apresentai-vos com os trajes que mereceis.

40. A morte

Algo em que todas as pessoas crêem, sem excepção, é a morte! Cada uma está convicta de sua chegada. Esse é um dos poucos factos sobre o qual não reina qualquer controvérsia e qualquer ignorância. Muito embora todos os seres humanos contem, desde a infância, com o facto de ter de morrer um dia, a maioria, no entanto, sempre procura afastar tal pensamento. Muitos até se enfurecem, quando alguma vez se fala disso em sua presença. Outros, por sua vez, evitam cuidadosamente visitar cemitérios, desviam-se de enterros e procuram o mais depressa possível desfazer novamente qualquer impressão, se porventura uma vez encontram um caixão funerário na rua. Nessa oportunidade, oprime-os sempre um medo secreto de que um dia poderiam ser repentinamente surpreendidos pela morte. Medo indefinido impede-os de se aproximarem com pensamentos sérios desse facto inamovível.

Certamente não existe nenhum outro acontecimento que, apesar de sua inevitabilidade, seja sempre de novo posto tão de lado, em pensamento, como a morte. Mas também certamente nenhum acontecimento tão importante existe na vida terrena, a não ser o nascimento. É, contudo, notório que o ser humano queira ocupar-se tão pouco exactamente com o começo e o fim de sua existência terrena, ao passo que a todos os outros acontecimentos, mesmo às coisas de importância totalmente secundária, procure emprestar significação profunda. Investiga e perscruta todos os episódios intermediários com mais afinco do que aquilo que lhe daria esclarecimento de tudo: o começo e o fim de sua peregrinação terrena. Morte e nascimento são tão estreitamente ligados, porque um é consequência do outro.

Quão pouca seriedade, porém, é dedicada já à geração! Talvez em mui raros casos encontra-se a tal respeito algo digno do ser humano. Justamente nesse acto é que os seres humanos preferem se identificar com os animais, e não conseguem, contudo, manter a inocência destes. Isso resulta numa atitude *inferior* à do animal. Pois este actua conforme o seu degrau, que ocupa na Criação. O ser humano, porém, não consegue ou não quer respeitar o degrau que lhe compete. Desce mais profundamente e então se admira quando a humanidade inteira em vários sentidos pouco a pouco vai decaindo. Já os hábitos dos casamentos são todos orientados para considerar a união conjugal apenas como um facto puramente terreno. Em muitos casos, chega até a tal ponto, que pessoas de índole séria se afastam com asco diante de pormenores inequívocos que visam apenas relações terrenas. Os festejos de núpcias em meios sociais baixos, como também em mais elevados, degeneraram em muitos casos apenas a festas de verdadeira alcovitagem, de cuja frequência todos os pais, conscientes de sua alta responsabilidade, deviam proibir aos filhos com a maior severidade.

Moços e moças, porém, que ante tais costumes e alusões durante uma tal festa não sentem surgir em si o asco e, por esse motivo, face à sua própria responsabilidade pela sua conduta, não permanecem afastados, já podem de qualquer modo ser tidos na conta de pertencerem ao mesmo baixo nível, portanto, não podem mais ser levados em consideração por ocasião de uma avaliação. É como se também nessa contingência as criaturas humanas procurassem, numa envenenada embriaguez, enganar-se a si mesmas sobre algo em que não querem pensar.

Se a vida terrena é, então, construída em bases tão levianas, conforme já se tornou hábito e costume, pode-se compreender que os seres humanos também procurem iludir-se em relação à morte, esforçando-se obstinadamente para não pensar nela. Esse afastar-se para longe de todos os pensamentos sérios está em íntima ligação com a própria posição decadente no acto da procriação. O medo indefinido, que como uma sombra acompanha o ser humano durante toda a vida terrena, decorre em grande parte da noção plena de todo o mal dos actos levianos que degradam as criaturas humanas. E quando elas não podem de modo algum adquirir tranquilidade de outra forma, agarram-se por fim de maneira obstinada e artificial à auto-ilusão de que tudo se acaba com a morte, com o que testemunham plenamente a consciência de sua mediocridade e sua covardia ante uma eventual responsabilidade, ou se agarram à esperança de que também não são muito piores do que outras pessoas.

Mas todas essas imaginações não alteram um mínimo grão sequer do facto que a morte terrena se lhes aproxima. A cada dia, a cada hora chega mais perto! É lastimoso ver, muitas vezes, quando, nas derradeiras horas da maioria daqueles que procuravam com teimosia negar uma responsabilidade numa continuação da vida, começa o grande e angustioso perguntar, que prova como chegam a duvidar repentinamente da própria convicção. Mas isso então não lhes pode valer muito; pois novamente é apenas covardia que pouco antes do grande passo para fora da existência terrena os faz ver diante de si, de repente, a possibilidade de uma continuação da vida e, juntamente com essa, uma responsabilidade. Contudo, o medo, a angústia e a covardia permitem tão pouco a redução ou o resgate da incondicional reciprocidade de todas as acções quanto a teimosia. Um compreender, isto é, um chegar ao reconhecimento, igualmente não se processa dessa maneira. Devido ao medo, a astúcia de seu intelecto, tantas vezes posta à prova na vida terrena, ainda nas últimas horas, aplica um golpe danoso nos moribundos, procurando repentinamente, em sua costumeira precaução, deixar a criatura humana tornar-se ainda, rapidamente, beata no sentido intelectual, assim que a separação do ser humano de matéria fina, que continua a viver, do corpo de matéria grosseira já tenha alcançado um grau tão adiantado, que a vida intuitiva nesse desenlace se iguala ao vigor do intelecto, ao qual até aí esteve subordinado à força.

Dessa forma nada lucram! Colherão o que durante a sua vida terrena semearam por meio de pensamentos e acções. Nem a mínima coisa é com isso melhorada ou sequer modificada! Irresistivelmente serão arrastados para as engrenagens das leis da reciprocidade em severa actuação, a fim de nelas vivenciarem no mundo de matéria fina tudo aquilo que erraram, isto é, pensaram e fizeram por convicção errónea. Têm toda a razão para temer a hora do desenlace do corpo terreno de matéria grosseira, que por algum tempo serviu-lhes de anteparo protector contra muitos acontecimentos de matéria fina. Essa parede protectora foi-lhes dada como escudo e abrigo por um tempo, para que por trás dela pudessem modificar, em sossegada tranquilidade, muita coisa para melhor, e até remir totalmente aquilo que, sem essa protecção, pesadamente deveria tê-los atingido.

Duplamente triste, sim, dez vezes triste é para aquele que, em leviana auto-ilusão, passa cambaleando, como que em estado de embriaguez, por essa época de graças de uma existência terrena. A angústia e o pavor são, portanto, justificados em muitos deles.

Bem diverso com os que não desperdiçaram a sua existência terrena, que ainda em tempo certo, mesmo que em hora tardia, mas não por medo e pavor, tomaram o caminho da ascensão espiritual. Levam consigo sua procura sincera como bastão e apoio para o mundo de matéria fina. Podem sem receio e apreensão empreender o passo da matéria grosseira para a matéria fina, o qual é inevitável para cada um, visto que tudo o que é efêmero, como o corpo de matéria grosseira, também uma vez tem de perecer. Podem saudar a hora deste desligamento, pois constitui para eles um progresso absoluto, não importando o que terão de vivenciar na vida de matéria fina. Então o que é bom os tornará felizes, o pesado lhes será surpreendentemente facilitado; pois aí a boa vontade auxilia mais vigorosamente do que jamais supunham.

O próprio processo da morte nada mais é do que o nascimento para o mundo de matéria fina. Semelhante ao processo do nascimento para o mundo de matéria grosseira. Durante algum tempo, depois do desenlace, o corpo de matéria fina permanece ligado ao corpo de matéria grosseira, como por um cordão umbilical, que é tanto mais frouxo quanto mais elevado o assim nascido para o mundo de matéria fina já tiver desenvolvido sua alma na existência terrena em direcção ao mundo de matéria fina, como transição para o Reino de seu Deus. Quanto mais, por sua vontade, ele próprio acorrentou-se à Terra, portanto, à matéria grosseira, e assim nada quis saber da continuação da vida no mundo de matéria fina, tanto mais firmemente constituído, por conseguinte, devido à sua própria vontade, será agora esse cordão, que o liga ao corpo de matéria grosseira e, com isso, também ao seu corpo de matéria fina, do qual ele necessita como vestuário do espírito no mundo de matéria fina. Mas quanto mais espesso for seu corpo de matéria fina, tanto mais pesado será ele segundo as leis

vigentes, e tanto mais escuro também terá de parecer. Em virtude dessa grande semelhança e achegado parentesco com tudo o que é de matéria grosseira, ser-lhe-á também muito difícil separar-se do corpo de matéria grosseira, acontecendo, pois, que tal pessoa tenha também de sentir ainda as últimas dores corpóreas da matéria grosseira, bem como toda a desintegração durante a decomposição. Na cremação, tampouco fica insensível. Depois da separação definitiva desse cordão de ligação, porém, ela desce no mundo de matéria fina até o ponto em que o seu ambiente tem idêntica densidade e peso. Lá encontra então, na mesma gravidade, também somente os de índole idêntica. É compreensível que ali seja pior do que no corpo de matéria grosseira na Terra, porque no mundo de matéria fina todas as intuições são vividas de modo *total* e sem entraves.

Diferente é com os seres humanos que já na vida terrena iniciaram a ascensão para tudo quanto é mais nobre. Devido ao facto desses trazerem vivamente em si a convicção do passo para o mundo de matéria fina, a separação também é muito mais fácil. O corpo de matéria fina e com ele o cordão de ligação não é denso, e essa diferença, em sua heterogeneidade recíproca com o corpo de matéria grosseira, deixa também o desligamento efectuar-se mui rapidamente, de modo que o corpo de matéria fina, durante toda a chamada agonia ou últimas contracções musculares do corpo de matéria grosseira, já há muito se encontra *ao lado* deste, se aliás se possa falar de agonia num falecimento normal de uma tal pessoa. O estado frouxo, pouco denso do cordão de ligação não permite que o ser humano de matéria fina, que se encontra ao lado, sofra a mínima dor, porque esse ténue cordão de ligação não pode, em seu estado pouco denso, constituir qualquer transmissor de dor da matéria grosseira à matéria fina. Esse cordão, em consequência de sua maior delicadeza, rompe também a ligação de modo mais rápido, de maneira que o corpo de matéria fina se liberta totalmente num prazo muito mais curto, ascendendo então para aquela região constituída da idêntica espécie, mais fina e mais leve. Lá, ele também somente poderá encontrar os de índole idêntica, recebendo paz e felicidade na vida intuitiva mais elevada e boa. Um tal corpo de matéria fina, leve e menos denso, mostrar-se-á naturalmente também mais luminoso e mais claro, até atingir por fim tal refinamento, que o puro espiritual nele existente comece a irromper de modo fulgurante, antes de entrar no puro espírito-enteal de modo totalmente luminoso-irradiante.

Sejam, porém, advertidas as pessoas que rodeiam um moribundo, para que não irrompam em altas lamentações. Pela dor da separação exageradamente manifestada pode a criatura humana de matéria fina, que se acha em vias de desligamento ou talvez já se encontre do lado, ser atingida, isto é, ouvir ou sentir isso. Se nela despertar, desse modo, a compaixão ou o desejo de dizer ainda palavras de consolo, essa oportunidade ligá-la-á de novo, mais fortemente, com a necessidade de se manifestar de modo *compreensível* aos que se lamentam cheios de dor. Apenas pode fazer-se entender terrenamente ao utilizar-se do cérebro. O anseio,

porém, acarreta a estreita ligação com o corpo de matéria grosseira, condiciona-a, resultando por isso, como consequência, que não somente um corpo de matéria fina que ainda se acha em vias de desligamento se una de novo mais estreitamente ao corpo de matéria grosseira, mas que também uma criatura humana de matéria fina que já se encontra desligada e ao lado, seja mais uma vez atraída de volta ao corpo de matéria grosseira. O resultado final é o retorno a todas as dores, das quais já estava liberta. O novo desenlace ocorre então de modo bem mais difícil, podendo mesmo durar alguns dias. Ocorre então a assim chamada agonia prolongada, que se torna realmente dolorosa e difícil para quem queira se desligar. Culpados são todos quantos, com suas lamentações egoísticas, fizeram-na retroceder do seu desenvolvimento natural. Devido a essa interrupção do curso normal, deu-se uma nova ligação forçada, mesmo que seja apenas através da fraca tentativa de uma concentração para se fazer entender. E dissolver novamente essa ligação antinatural não é tão fácil para aquele que nisso ainda é totalmente inexperiente. Auxílios, aí, não lhe podem ser dados, visto que ele próprio quis a nova ligação. Essa ligação pode estabelecer-se facilmente, enquanto o corpo de matéria grosseira ainda não tenha arrefecido de todo e o cordão de ligação exista, o qual muitas vezes somente se rompe após muitas semanas. Portanto, um martírio desnecessário para aquele que passa para o outro lado, uma falta de consideração e crueldade dos que se encontram em redor. Por isso, num recinto de morte, deve imperar absoluta calma, uma seriedade condigna, correspondente à hora tão significativa! As pessoas, que não podem dominar-se, deveriam ser afastadas à força, mesmo que sejam os parentes mais próximos.

41. Falecido

Solitária e sem compreender nada se encontra uma alma no recinto de morte. Sem compreender nada, porque o ser humano que jaz no leito recusou-se, em sua vida terrena, a acreditar na continuação da vida após deixar o corpo de matéria grosseira, o qual, por isso, jamais se ocupou seriamente com o pensamento, e zombava de todos que falavam a tal respeito. Confuso, olha ao seu redor. Vê a si próprio no seu leito de morte, vê em volta pessoas conhecidas que choram, ouve as palavras que elas dizem, e provavelmente sente também a dor que elas intuem nas lamentações por ele haver morrido. Tem vontade de rir e clamar que ainda vive! Chama! E tem de notar, admirado, que não o ouvem. Repetidamente chama alto e cada vez mais alto. As pessoas não escutam, continuam a lamentar. Medo começa a brotar nele. Pois ouve, bem alto, a sua própria voz e sente também distintamente o seu corpo. Mais uma vez grita angustiadamente. Ninguém lhe dá atenção. Olham, chorando, para o corpo inerte que ele reconhece como sendo o seu, e o qual, no entanto, considera de repente como sendo algo estranho, que não lhe pertence mais; pois se encontra com seu corpo ao lado, livre de toda a dor que até então sentia.

Com amor chama então o nome de sua mulher, ajoelhada ali rente ao que até agora era seu leito. Mas o choro não cessa, nenhuma palavra, nenhum movimento denota que ela o ouviu. Desesperado, aproxima-se dela, sacode-a rudemente pelo ombro. Ela não percebe. Ele não sabe, pois, que tocou no corpo de matéria fina da esposa, sacudindo-o, e não no de matéria grosseira, e que sua esposa, que igual a ele nunca pensou existir algo mais do que o corpo terreno, também não pode sentir o toque em seu corpo de matéria fina.

Um indizível sentimento de medo deixa-o estremecer. A fraqueza do desamparo oprime-o até o chão, sua consciência desvanece.

Através de uma voz que ele conhecia, desperta de novo lentamente. Vê o corpo que usava na Terra, deitado, rodeado de flores. Ele quer ir embora, mas lhe é impossível desvencilhar-se daquele corpo frio e imóvel. Percebe nitidamente que ainda se acha ligado a ele. E eis que torna a ouvir a voz que o despertara do dormir. Trata-se de seu amigo que conversa com outra pessoa. Ambos trouxeram uma coroa funerária e, enquanto a depositam, conversam. Ninguém mais está junto dele. O amigo! Quer se fazer notar por ele e pelo outro, que com o amigo muitas vezes fora seu querido hóspede! Tem de dizer-lhes que nele a vida, esquisitamente, ainda continua, que ainda pode ouvir o que as pessoas falam. Chama! Todavia, calmamente o seu amigo se volta para o acompanhante e continua a falar. Mas *o que* ele fala perpassa-lhe como um susto através de seus membros. É *esse* o seu amigo! Assim ele

fala dele agora. Escuta, estarecido, as palavras dessas pessoas, com as quais tantas vezes bebeu e riu, que só lhe diziam coisas boas enquanto comiam à sua mesa e frequentavam sua casa hospitaleira.

Foram-se, chegaram novamente outros. *Como* podia agora reconhecer as pessoas! Tantas, a quem tinha em alta consideração, agora, só lhe despertavam asco e ira, enquanto que outras, a quem nunca dera atenção, de bom grado teria apertado a mão com gratidão. Mas elas não o ouviam, não o sentiam, apesar de ele se exaltar, gritar, a fim de provar que estava vivo! —

Com enorme acompanhamento conduziram então o corpo à sepultura. Estava sentado, como que cavalgando, no próprio caixão. Amargurado e desesperado, agora somente ainda conseguia rir, rir! O riso, porém, logo deu lugar ao mais profundo desalento, e imensa solidão lhe sobreveio. Cansou-se, dormiu. — — — —

Ao acordar, escuro estava à sua volta. Não sabia quanto tempo havia dormido. Sentia, todavia, que já não podia mais estar ligado como até então ao seu corpo terreno; pois estava livre. Livre na escuridão que lhe pesava de modo estranhamente opressor.

Chamava. Nenhum som. Não ouvia sua própria voz. Gemendo, caiu para trás. Contudo, bateu aí fortemente com a cabeça numa pedra pontiaguda. Quando, após longo tempo, tornou a acordar, havia ainda a mesma escuridão, o mesmo silêncio lúgubre. Queria levantar rápido, mas os membros estavam pesados e recusavam-se a servi-lo. Com toda a força, proveniente do mais angustiado desespero, levantou-se e cambaleou, tateando para lá e para cá. Muitas vezes caía no chão, feria-se, batia-se também pela direita e pela esquerda, em pontas e cantos, mas algo não lhe dava sossego para aguardar; pois um forte impulso forçava-o continuamente a avançar às apalpadelas e a procurar. Procurar! Mas o quê? Seu pensar estava confuso, cansado e sem esperanças. Procurava algo que não podia compreender. Procurava!

Impulsionava-o para diante, sempre para diante! Até novamente cair, para de novo levantar-se e retomar as caminhadas. Passaram-se anos assim, decênios, até que finalmente lhe sobrevieram lágrimas, soluços estremeceram seu peito e... um pensamento se despreendeu, uma súplica, qual grito de uma alma exausta, que deseja um fim para o sombrio desespero. O grito do mais desmedido desespero e da dor sem esperança trouxe, no entanto, o nascimento do primeiro pensar no desejo de sair daquele estado. Procurou reconhecer o que o conduziu a esse estado tão pavoroso, o que o obrigou tão cruelmente a perambular pela escuridão. Apalpou em redor: rochas ásperas! Seria a Terra ou talvez, sim, o outro mundo no qual jamais pôde acreditar? O outro mundo! Então estava morto terrenamente e, no entanto, vivia, se é que quisesse chamar de viver a esse estado. O pensar tornou-se imensamente difícil. Assim

cambaleava adiante, procurando. Anos decorreram novamente. Para fora, fora dessa escuridão! Esse desejo tornou-se um impulso impetuoso, do qual se formou saudade. Saudade, no entanto, é o intuir mais puro que se desprende do impulso grosseiro, e da saudade brotou timidamente uma oração. Essa oração de saudade eclodiu por fim dele, semelhante a uma fonte, e silenciosa e benéfica paz, humildade e sujeição entraram com isso em sua alma. Mas quando ele se levantou para continuar suas caminhadas, eis que uma correnteza de intenso vivenciar percorreu seu corpo; pois crepúsculo rodeava-o agora, de súbito podia ver! Longe, bem longe percebeu ele uma luz, igual a um archote, que o saudava. Jubilosamente estendeu os braços naquela direcção, tomado de profunda felicidade prostrou-se novamente e agradeceu, agradeceu com o coração a transbordar, Àquele que lhe concedeu a luz! Com nova força caminhava então em direcção a essa luz, que não se aproximava dele, mas que ainda assim esperava alcançar, após o que vivenciara, mesmo que levasse séculos. O que agora lhe sucedeu podia repetir-se e conduzi-lo finalmente para fora do amontoado de pedras, para um país mais cálido e raiado de luz, se humildemente implorasse por isso.

“Meu Deus, ajuda-me para isso!” brotou aflito do peito cheio de esperanças. E que prazer, novamente ouviu sua voz! Mesmo que inicialmente apenas fraca, contudo ouvia! A felicidade que sentiu deu-lhe novas forças e, esperançoso, tornou a seguir adiante. — —

Assim o início da história duma alma no mundo de matéria fina. A alma não poderia ser denominada má. Na Terra até era considerada muito boa. Um grande industrial, muito atarefado, esforçado em cumprir fielmente todas as leis terrenas. —

A respeito desse processo, um esclarecimento ainda: o ser humano que durante sua existência terrena nada quer saber de que depois da morte ainda há vida e que será obrigado a responsabilizar-se por todas as suas acções, em sua espécie, a qual não está de acordo com o ponto de vista terreno actual, é cego e surdo na matéria fina, quando tiver que passar para o outro lado. Somente enquanto permanecer ligado, por dias ou semanas, ao seu corpo de matéria grosseira que deixou, consegue temporariamente também perceber o que acontece à sua volta.

Tão logo, porém, fique livre do corpo de matéria grosseira em decomposição, perde tal possibilidade. Não ouve nem vê mais nada. Não se trata de um castigo, mas de algo absolutamente natural, porque não *quis* ver nem ouvir nada do mundo de matéria fina. Sua própria vontade, capaz de rapidamente formar a matéria fina correspondentemente, é que impede que seu corpo de matéria fina possa ver e também ouvir. Até que se manifeste, lentamente, uma alteração nessa alma. Se isso, agora, demorar anos, decénios, talvez séculos, é assunto particular de cada pessoa. A sua vontade lhe é deixada integralmente. Também o

auxílio chega para ela somente quando ela própria o almejar. Não antes. Nunca será forçada a isso.

A luz que essa alma, que adquiriu visão, saudou com tamanha alegria, sempre esteve lá. Só que antes ainda não podia vê-la. Ela também é mais clara e mais forte do que a alma, até então cega, inicialmente a vê. O *modo* pelo qual a vê, se forte, se fraca, depende novamente dela exclusivamente. Ela não vem nenhum passo ao seu encontro, mas está lá! Poderá usufruí-la a qualquer momento, bastando desejá-lo de maneira humilde e sincera.

Mas isso que aqui esclareço só se refere a *essa uma espécie* de almas humanas. Não, porém, a outras. Nas próprias trevas e em suas planícies não se encontra luz. Lá não é válido que aquele, que progride em si, possa de repente ver a luz, mas sim, para isso, primeiramente tem de ser conduzido para fora do ambiente que o retém.

Certamente a situação dessa alma, aqui apreciada, já é de ser qualificada de angustiosa, principalmente porque está tomada de grande pavor e não tem em si qualquer esperança, contudo, ela mesma não havia desejado de outra forma. Recebe apenas aquilo que forçou para si. Não quis saber nada da vida consciente após o falecimento terreno. A própria continuação da vida, a alma não pode com isso eliminar para si; pois sobre isso ela não pode dispor, porém, constrói para si mesma uma esfera estéril de matéria fina, paralisa os órgãos sensoriais do corpo de matéria fina, de modo a, na matéria fina, não poder ver nem ouvir, até que... finalmente *ela* modifique sua opinião.

São essas as almas que hoje são vistas aos milhões sobre a Terra, ainda classificáveis de *decentes*, não obstante nada quererem saber da eternidade ou de Deus. As de má vontade, naturalmente, passam pior, no entanto, delas não falaremos aqui, mas apenas das assim chamadas criaturas humanas *decentes*. —

Quando, pois, se diz que Deus estende Sua mão em *auxílio*, isso se dá *na Palavra* que Ele envia às criaturas humanas, na qual lhes mostra de que modo podem libertar-se da culpa em que se emaranharam. E Sua graça se acha de antemão em todas as grandes possibilidades concedidas aos espíritos humanos na Criação para utilização. Isso é tão imenso, como não pode o ser humano de hoje imaginar, porque jamais se ocupou com isso, não de maneira suficientemente séria; pois lá, onde tal se deu, foi apenas de modo pueril ou para fins de vaidosa auto-elevação!

No entanto, assim que os espíritos humanos reconhecerem na Palavra de Deus o verdadeiro valor, sua profunda seriedade, realizarão grandes feitos em toda a Criação! Até

agora preferiram sempre apenas o seu próprio saber e, por isso, tudo ficou obra incompleta do mais baixo grau em relação ao conteúdo da Palavra de Deus, que também hoje, novamente não reconhecido, querem colocar de lado; pois nenhum ser humano sabe do *verdadeiro* valor da Mensagem do Graal. Nem um único na Terra. Mesmo quando ele julga conhecer o sentido, mesmo quando já intui espiritualmente as vantagens que conquistou para si no reconhecimento parcial... ele *não* o conhece, o real valor, não o assimilou ainda nem em sua centésima parte! Isso digo eu, que trago esta Mensagem. Vós *não* sabeis o que tendes com isso em mãos!

Ela é o caminho, o portal e também a chave, que vos conduz *para a vida*. Para a vida, que não pode ser avaliada nem adquirida com todos os tesouros desta Terra, todos os tesouros de todo o Universo! *Hauri*, pois, da Mensagem que vos é oferecida. *Tomai* do tesouro, do mais precioso que podeis encontrar. Agarraí-o, como ele é, mas não procurai *nele* e não sofismaí *a respeito* dele. Procurar e interpretar *nele* não traz nenhum valor. Não é esta *Mensagem* que deveis vos tornar compreensível, mas vosso trabalho é de simplesmente criar para ela um *lugar* no centro de vossa alma. *Lá* deveis procurar, deveis interpretar, para encontrar o que não ajuda a ornamentar o recinto, quando esta Mensagem der entrada em vós! Vós deveis descobrir o que ainda atrapalha nesse recinto que dentro de vós tem de se tornar um templo. Criai esse templo dentro de vós, sem nisso tocar em minha Mensagem e todos, que assim agirem, também serão auxiliados! — — — —

42. Milagres

A explicação para isso reside na própria palavra. Milagre é um acontecimento sobre o qual o ser humano fica admirado. É algo que ele não julga possível. Mas também apenas *julga*, pois, que é possível, a própria efectivação do milagre já comprovou.

Milagres, segundo as concepções de muitas pessoas que crêem em Deus, *não* existem! Estas consideram um milagre como algo que acontece fora das leis da natureza, até mesmo como algo que é contrário a todas as leis da natureza. Exactamente nisso vêm o divinal! Para elas um milagre é algo possível apenas ao seu Deus, que com isso mostra Sua graça especial, e emprega Sua onnipotência para tal.

As pobres criaturas humanas imaginam sob onnipotência erroneamente a possibilidade de actos arbitrários, e os milagres como tais actos arbitrários. Não reflectem o quanto, com isso, diminuem a Deus; pois essa espécie de milagres seria tudo menos divina.

No actuar divino reside em primeira linha uma perfeição incondicional, sem falhas, sem lacuna. E perfeição condiciona a mais severa lógica, absoluta consequência em todos os sentidos. Um milagre, por conseguinte, tem de se efectivar somente em consequência lógica, sem lacunas, no acontecimento. A diferença consiste apenas no facto de que num milagre o caminho de desenvolvimento, que segundo conceitos terrenos levaria mais tempo, desenrola-se de facto de maneira normal, porém, com tamanha rapidez, quer mediante a força especialmente concedida a uma pessoa, quer por outros caminhos, de modo a poder ser denominado de milagroso pelos seres humanos, devido a todo o desenrolar extraordinariamente rápido, em suma, como milagre.

Pode, igualmente, tratar-se de algo acima do desenvolvimento actual, que é cumprido devido à força concentrada. Mas nunca, em tempo algum, colocar-se-á fora das leis naturais existentes, ou até em oposição às mesmas. Em tal momento, que em si é de qualquer forma impossível, tal acontecimento perderia todo o divino e se tornaria um acto de arbitrariedade. Portanto, exactamente o contrário daquilo que supõem muitos dos que crêem em Deus. Tudo, que carece de uma severa consequência lógica, não é divino. Cada milagre é um processo absolutamente natural, apenas numa extraordinária rapidez e força concentrada; jamais poderá suceder algo antinatural. Isso fica totalmente excluído.

Quando se realizam curas de doenças até então consideradas incuráveis, não há nisso nenhuma alteração das leis da natureza, mas isso mostra apenas as grandes lacunas no saber

humano. Tanto mais isso deve ser reconhecido como uma graça do Criador, que, aqui e acolá, dota alguns seres humanos com força especial, que estes podem utilizar em benefício da humanidade sofredora. Serão sempre, contudo, apenas aqueles que se conservam afastados de toda a presunção de uma ciência, visto que o conhecimento preso à Terra abafa, de forma totalmente natural, a possibilidade de receber dádivas mais elevadas.

A ciência presa à Terra quer conquistar, nunca, porém, consegue receber de modo puro, isto é, infantilmente. No entanto, forças vindas daquilo que é sem espaço e tempo só podem ser recebidas de modo simples, nunca conquistadas! Essa circunstância, por si só, mostra o que é o mais valioso, o mais forte e, por conseguinte, também o mais acertado!

43. O baptismo

Se o baptismo de uma criança for ministrado por um sacerdote que o considera como mero dever de ofício, ficará absolutamente sem significado, não produzindo benefícios nem danos. No baptismo de uma pessoa adulta, pelo contrário, sua receptividade interior contribui, de acordo com sua força e pureza, para que de facto seja recebido algo espiritual, ou não.

Numa criança, só a fé do baptizante pode ser levada em consideração, como meio para o fim. Conforme a força e a pureza deste, a criança recebe através do acto um certo fortalecimento espiritual, bem como uma parede protectora contra más correntezas.

O baptismo é um acto que não pode ser realizado, de modo eficaz, por qualquer pessoa investida por dirigentes eclesiásticos terrenos. Para isso se faz necessário uma pessoa que esteja em ligação com a Luz. Somente uma tal pessoa consegue transmitir Luz. Essa capacidade, porém, não se consegue mediante estudos terrenos nem pela consagração eclesiástica ou investidura no cargo. De modo algum está em ligação com costumes terrenos, mas é exclusivamente uma dádiva do próprio Altíssimo.

Um assim agraciado torna-se com isso um convocado! Esses não existem em grande número; pois tal dádiva condiciona, como pré-requisito, um terreno correspondente na própria pessoa. Não existindo nela tal condição preliminar, então a ligação proveniente da Luz não pode ser estabelecida. A Luz não pode descer em solo não preparado ou que dela se afaste, visto que também esse processo está submetido severamente, como tudo o mais, às leis primordiais que tudo perfluem.

Um tal convocado pode, porém, pelo acto do baptismo, transmitir realmente espírito e força, de modo que o baptismo receba *aquela* valor que simbolicamente exprime. Apesar disso, será sempre ainda preferível proporcionar o baptismo somente a pessoas que estejam plenamente conscientes dos efeitos desse acto e que intuem o saudoso desejo para tanto. O baptismo exige, por conseguinte, certa maturidade e o desejo voluntário do baptizando, bem como um convocado como baptizante, para que de facto possa ter valor completo.

João, o Baptista, que ainda hoje é considerado e reconhecido por todas as igrejas cristãs como verdadeiro convocado, teve seus maiores adversários justamente entre os escribas e fariseus, que naquele tempo tinham-se na conta dos mais credenciados para julgar a respeito. O próprio povo de Israel de outrora *era* o povo convocado. Quanto a isso não há dúvida. Em seu meio devia o Filho de Deus realizar sua obra terrena. Com esse cumprimento, no entanto,

a convocação de todo o povo estava extinta. Um novo Israel surgirá para novo cumprimento. Na época de João, porém, o antigo Israel ainda era o povo convocado. Consequentemente, também os sacerdotes desse povo, naquele tempo, deviam ter sido os mais credenciados para o baptismo. Apesar disso, teve de vir João, o Baptista, para, como único convocado, baptizar o Filho de Deus em seu invólucro terreno, no início de sua actividade terrena propriamente dita. Esse acontecimento comprova igualmente que investiduras terrenas num cargo nada têm a ver com as convocações divinas. A execução de actos em nome de Deus, isto é, por ordem Dele, como deve ser num baptismo, por sua vez, somente convocados por Deus podem realizar de modo eficiente. O convocado por Deus João, o Baptista, que não foi reconhecido pelo então sumo-sacerdote do povo convocado, chamava esses seus adversários de “corja de víboras”. Negou-lhes o direito de vir a ele.

Esses mesmos sacerdotes do povo outrora convocado também não reconheceram o próprio Filho de Deus, perseguiram-no continuamente e trabalharam por sua destruição terrena, por ser-lhes superior e, por isso, incómodo. Se Cristo, hoje em dia, aparecesse sob nova forma entre os seres humanos, viria sem dúvida a se defrontar com a mesma recusa e hostilidade como se deu outrora. Identicamente ocorreria com um seu emissário. Tanto mais por a humanidade considerar-se hoje “mais adiantada”.

Não somente desse caso isolado de João, o Baptista, mas de inúmeros casos análogos fica comprovado claramente que consagrações eclesiástico-terrenas e investiduras nos cargos que, aliás, pertencem como tais sempre apenas às “organizações das igrejas”, jamais poderão proporcionar uma capacitação mais ampla para actos espirituais, se a própria pessoa já não for convocada para isso.

Observado correctamente, também o baptismo dos representantes eclesiásticos nada mais é, portanto, do que um acto de admissão provisória na comunidade de uma congregação religiosa. Não uma admissão junto a Deus, mas uma admissão na correspondente comunidade *eclesiástico-terrena*. A confirmação e a comunhão que mais tarde se seguem podem ser consideradas apenas como uma ratificação e uma mais ampla admissão na participação dos rituais dessas comunidades. O sacerdote age como “servo instituído pela igreja”, isto é, puramente terreno, já que Deus e igreja não são uma só coisa.

44. O Santo Graal

Inúmeras são as interpretações das composições poéticas que existem sobre o Santo Graal. Os mais sérios eruditos e pesquisadores se ocuparam com esse mistério. Muito disso tem elevado valor ético, porém, tudo traz em si o grande erro de apenas mostrar uma construção que parte do plano terreno para cima, ao passo que falta o principal, o facho de luz de cima para baixo, único que poderia trazer a vivificação e o esclarecimento. Tudo quanto se esforça de baixo para cima tem de se deter no limiar da matéria, mesmo que lhe tenha sido concedido o que de mais elevado possa obter. Na maioria dos casos, porém, mesmo com condições preliminares favoráveis, mal pode ser feita a metade desse caminho. Quão longo, no entanto, ainda fica o caminho para o verdadeiro reconhecimento do Santo Graal!

Essa intuição da inacessibilidade torna-se, por fim, perceptível nos pesquisadores. O resultado disso é que agora procuram considerar o Graal como sendo uma designação puramente simbólica de um conceito, a fim de lhe dar assim aquela altitude, cuja necessidade para tal designação intuem mui correctamente. Com isso, porém, na realidade, vão para trás, não para frente. Para baixo, ao invés de para cima. Desviam-se do caminho certo já contido em parte nas composições poéticas. Somente estas deixam pressentir a verdade. Mas também apenas pressentir, porque as elevadas inspirações e as imagens em sonhos dos poetas foram demasiadamente terrenalizadas na transmissão, pela participação activa do intelecto. Deram à retransmissão do espiritualmente recebido a imagem de seu ambiente terrenal contemporâneo, a fim de tornar o sentido de suas obras poéticas mais compreensível às criaturas humanas, o que, apesar disso, não conseguiram, porque eles próprios não puderam se aproximar do núcleo propriamente dito da verdade.

Assim foi dada, de antemão, uma base incerta para as posteriores pesquisas e buscas; colocado com isso um restrito limite a cada êxito. Não é, portanto, de admirar que por fim somente se podia pensar em um mero simbolismo, transferindo a redenção pelo Graal para o íntimo de cada ser humano.

As interpretações existentes não são destituídas de grande valor ético, mas não podem ter nenhuma pretensão de constituir um esclarecimento das obras poéticas, e muito menos de se aproximar da verdade do Santo Graal.

Também não se entende por Santo Graal o cálice de que o Filho de Deus se serviu no fim de seu percurso terreno por ocasião da última ceia junto com os discípulos, e no qual foi recolhido, depois, seu sangue na cruz. Esse cálice é uma recordação sagrada da sublime obra

redentora do Filho de Deus, mas não é o Santo Graal, para cujo louvor os poetas das lendas foram agraciados. Essas obras poéticas foram erradamente interpretadas pela humanidade.

Deviam ser promessas provenientes de elevadíssimas alturas, cujas realizações as criaturas humanas têm de esperar! Tivessem sido interpretadas como tais, então certamente, já há muito, outro caminho teria sido também encontrado, que poderia conduzir as pesquisas ainda um pouco mais adiante do que até agora. Mas assim teve de se apresentar, por fim, um ponto morto em todas as interpretações, porque jamais pôde ser alcançada uma solução total, sem lacunas, uma vez que o ponto de partida de cada investigação se encontrava de antemão em base errada, devido à concepção errônea de até então. — —

Jamais um espírito humano conseguirá, esteja ele também por fim em sua maior perfeição e imortalidade, poder estar diante do Santo Graal! Por tal motivo, também nunca pode descer de lá à matéria, à Terra, uma notícia satisfatória sobre isso, a não ser através de um mensageiro que tenha sido enviado *de lá*. Para o espírito humano, portanto, o Santo Graal terá de permanecer sempre e eternamente um mistério.

O ser humano que continue naquilo que possa compreender espiritualmente e procure, antes de mais nada, cumprir tudo aquilo que estiver em suas forças, e levá-lo à mais nobre florescência. Lamentavelmente, porém, em seu anseio sempre estende de bom grado a mão para muito além, sem desenvolver sua real capacidade, com o que comete assim uma negligência, que não o deixa alcançar nem sequer aquilo de que seria capaz, enquanto que o desejado, de qualquer forma, jamais poderá alcançar. Priva-se com isso do que há de mais belo e mais elevado na sua verdadeira existência, obtém apenas um completo falhar do cumprimento de sua finalidade existencial. — — —

O Parsival é uma grande promessa. As falhas e erros que os poetas das lendas adicionaram, devido a seu pensar demasiadamente terreno, deturpam a verdadeira essência dessa figura. Parsival é um só com o Filho do Homem, cuja vinda o próprio Filho de Deus anunciou. *(Dissertação Nº 10: Filho de Deus e Filho do Homem) Um Enviado de Deus, terá ele de passar pelas mais difíceis penúrias terrenas com uma venda diante dos olhos espirituais, como ser humano entre seres humanos. Libertado dessa venda depois de determinado tempo, deve reconhecer novamente seu ponto de partida e, com isso, a si próprio, bem como ver diante de si nitidamente também sua missão. Essa missão igualmente trará uma redenção da humanidade que busca sinceramente, ligada a um rigoroso Juízo. Para tanto, não pode ser suposta uma pessoa qualquer, muito menos ainda se deve reconhecer nisso a possível experiência vivencial de muitos ou mesmo de todos os seres humanos; mas somente um bem determinado, escolhido, especialmente enviado trará essa possibilidade em si.

Nas leis inamovíveis de toda a vontade divina não é possível acontecer diferentemente, senão que cada coisa, após o percurso de desenvolvimento em sua mais alta perfeição, possa retornar novamente ao ponto de partida de seu ser original, nunca, porém, além deste. Assim também o espírito humano. Ele tem sua origem como semente espiritual no espírito-enteal, para onde pode regressar, como espírito consciente em forma enteal, após o seu percurso através da materialidade, tendo alcançado a mais alta perfeição e adquirido pureza viva. O seu caminho consegue conduzi-lo na melhor das hipóteses até a *ante-sala* do Castelo do Graal, que se encontra como o mais elevado no espírito-enteal e nele forma o portal para os degraus do trono, no qual a origem de todo o ser, Deus-Pai, em sua inentealidade divina, envolve-se temporariamente no manto do divino-enteal, portanto, toma forma. Nenhum espírito-enteal, por mais elevado, puro e radiante que seja, consegue ultrapassar o limite do divino. O limite e a impossibilidade de ultrapassá-lo reside aqui também, como nas esferas ou planos da Criação material, simplesmente na natureza da coisa, na heterogeneidade da espécie.

Como supremo e mais elevado está o próprio Deus em Sua inentealidade divina. A seguir, como o mais próximo, um pouco mais abaixo, vem o espírito-enteal. Ambos são eternos. A este somente então se liga, descendo mais e mais para baixo, a obra da Criação material, iniciando com a matéria fina gasosa, tornando-se, em planos ou esferas descendentes, cada vez mais densa, até finalmente a matéria grosseira, visível aos seres humanos. A matéria fina da Criação material é o que os seres humanos chamam de Além. Portanto, aquilo que se acha além de sua capacidade de visão terrenal e grosso-material. Ambas, contudo, fazem parte da obra da Criação, não sendo eternas em sua forma, mas sujeitas à modificação para fins da renovação e da reanimação.

No ponto de partida mais alto do eterno espírito-enteal encontra-se então o Castelo do Graal, espiritualmente visível e palpável, porque ainda é da mesma espécie espírito-enteal. Esse Castelo do Graal contém um recinto que, por sua vez, encontra-se no limite mais extremo em direcção ao divino, sendo, portanto, mais etéreo ainda do que tudo o mais do espírito-enteal. Nesse recinto encontra-se, como penhor da bondade eterna de Deus-Pai e como símbolo do Seu mais puro amor divino, e igualmente como ponto de partida directo da força divina: *o Santo Graal!*

É uma taça onde algo como sangue rubro borbulha e ondula ininterruptamente, sem jamais transbordar. Irradiantemente envolta pela mais clara luz, somente aos mais puros de todos os espírito-enteais é concedido poder olhar para essa luz. E *estes* são os guardiões do Santo Graal! Quando se diz nas obras poéticas que os mais puros dos seres humanos são destinados a se tornarem guardiões do Graal, esse é um ponto que o poeta agraciado transportou demasiadamente para o plano terreno, porque não conseguiu se expressar de outra

maneira. Nenhum espírito humano pode entrar nesse recinto sagrado. Mesmo em sua maior perfeição de entealidade espiritual, depois de seu regresso do percurso através da materialidade, ainda não está suficientemente eterizado para poder transpor o umbral, isto é, o limite para esse recinto. Mesmo no seu aperfeiçoamento máximo na entealidade, ainda é demasiadamente denso para tanto. Uma eterização maior para ele, porém, equivaleria a uma completa desintegração ou combustão, uma vez que sua espécie, já de origem, não é apta para se tornar ainda mais radiante e luminosa, isto é, ainda mais etérea. Ela não o suportaria.

Os guardiões do Graal são eternos, puro-espirituais, que nunca foram seres humanos, os ápices de todo o espírito-enteal. Necessitam, contudo, da força divino-inenteal, dependem dela, como tudo o mais depende do divino-inenteal, a origem de toda a força, Deus-Pai.

De tempos em tempos, então, no dia da Pomba Sagrada, aparece a Pomba sobre o cálice, como sinal renovado do imutável amor divino do Pai. É a hora da união, que traz a renovação da força. Os guardiões do Graal recebem-na com humilde devoção, e podem então retransmitir essa força milagrosa recebida.

Disso depende a existência da Criação inteira!

É o momento em que no Templo do Santo Graal o amor do Criador se derrama radiantemente para um novo existir, para novo impulso criador que, descendo, distribui-se pelo Universo inteiro em forma de pulsações. Um estremecer trespassa nisso todas as esferas, um tremor sagrado de alegria pressentida, de imensa felicidade. Apenas o espírito das criaturas humanas terrenas permanece de lado, sem intuir o que está acontecendo justamente a ele, quão imensa dádiva broncamente recebe, porque sua auto-restrição no intelecto não permite mais a compreensão de tal grandeza.

É o momento do provisionamento de vida para a Criação inteira!

É a contínua e indispensável repetição de uma confirmação do pacto, que o Criador mantém em relação a Sua obra. Se um dia tal afluxo fosse interrompido, ficasse suspenso, tudo quanto existe teria de secar aos poucos, envelhecer e se decompor. Adviria então o fim de todos os dias e só restaria o próprio Deus, conforme era no começo! Porque unicamente Ele é a vida.

Esse fenómeno está transmitido na lenda. É até feita alusão, como tudo tem que envelhecer e perecer, se o dia da Pomba Sagrada, isto é, o “desvelar” do Graal, não voltar, no

envelhecimento dos cavaleiros do Graal, durante o tempo em que Amfortas não desvela mais o Graal, até a hora em que Parsival aparece como Rei do Graal.

O ser humano devia afastar-se da ideia de considerar o Santo Graal apenas como algo inconcebível; pois existe realmente! No entanto, é negado ao espírito humano, por sua natureza, poder contemplá-lo sequer uma vez. Mas as bênçãos, que dele fluem e que podem ser retransmitidas pelos guardiões do Graal e que também são retransmitidas, essas os espíritos humanos podem receber e usufruir. Nesse sentido algumas interpretações não podem ser tidas em conta de totalmente erradas, contanto que não tentem incluir em suas explicações o próprio Santo Graal. São certas e, no entanto, também não o são.

O aparecimento da Pomba no dia determinado da Pomba Sagrada indica a missão periódica do Espírito Santo; pois essa Pomba se acha em íntima relação com ele. Mas é algo que o espírito humano só é capaz de compreender por imagens, porque conforme a natureza da coisa, mesmo tendo o mais alto desenvolvimento, na realidade só pode pensar, saber e intuir até lá de onde ele próprio veio, isto é, até aquela espécie que é *una* com a sua mais pura condição de origem. Este é o eterno puro espírito-enteal. Esse limite ele jamais poderá ultrapassar, nem mesmo no pensar. Algo diferente também nunca poderá compreender. Isso é tão evidente, lógico e simples, que cada pessoa pode acompanhar esse curso de pensamentos.

O que, porém, existir acima disso, será e deverá ser e permanecer, por essa razão, sempre um mistério para a humanidade!

Cada ser humano vive por isso numa ilusão errônea, se imagina ter Deus em si, ou ser ele próprio divino, ou poder tornar-se divino. Tem em si *puro-espiritual*, mas *não* divinal. E há nisso uma diferença intransponível. Ele é uma criatura, e não uma parte do Criador, conforme tantos procuram se persuadir. O ser humano é e continua sendo uma *obra*, jamais poderá se tornar mestre.

Por conseguinte, também é errôneo quando se declara que o espírito humano promana do próprio Deus-Pai e a Ele regressa. A origem do ser humano é o *espírito-enteal*, não o divino-inenteal. Apenas poderá, portanto, no caso de atingir a perfeição, voltar ao espírito-enteal. Correctamente falando, o espírito humano se origina do *Reino de Deus* e por isso também, quando tiver se tornado perfeito, poderá retornar novamente para o *Reino* de Deus, não, porém, a Ele próprio. O *Reino* de Deus é o puro espírito-enteal.

O Filho de Deus tornou-se o mediador entre o divino-inenteal e o puro espírito-enteal. Ele parte do divino-inenteal para o espírito-enteal, como ele outrora também veio para a matéria.

A vinda do Filho do Homem traz a conclusão da elevada missão divina do Filho de Deus. Após o cumprimento, o Filho de Deus voltará novamente para o divino-inenteal, enquanto que o Filho do Homem assume em seu lugar a função do mediador, tornando-se assim o guia dos guardiões do Santo Graal, o Rei do Graal, que vela o cálice sagrado.

O Filho do Homem tornar-se-á para o espírito humano então o α (alfa) e o Ω (ómega), porque ele dará o início e o fim para a capacidade de compreensão do espírito humano; pois ele consegue atravessar o limite para o divino-inenteal e, dessa forma, abranger tudo com a vista.

45. O mistério Lúcifer

Um véu cinzento paira sobre tudo o que se relaciona com Lúcifer. É como se tudo tivesse medo de elevar a ponta desse véu. O recuar assustado é na realidade apenas a incapacidade de penetrar no reino das trevas. A incapacidade jaz, por sua vez, na natureza da coisa, porque também nesse caso o espírito humano não consegue penetrar tão longe, por ser-lhe posta uma limitação, devido à sua constituição. Assim como não consegue ir até a altura máxima, da mesma forma tampouco pode penetrar até a profundidade mais baixa, aliás, jamais o conseguirá.

Assim, a fantasia criou substitutos para o que faltava, isto é, seres de várias formas. Fala-se do diabo sob as formas mais extravagantes, do arcanjo decaído e expulso, da corporificação do mau princípio, ^(*Conduta, lei básica) e o que mais ainda existe. Da verdadeira natureza de Lúcifer nada se compreende, não obstante o espírito humano ser atingido por ele e, por isso, muitas vezes jogado no meio de uma enorme discórdia, que pode ser denominada de luta.

Aqueles, que falam de um arcanjo decaído, e também os que se referem à corporificação do mau princípio são os que mais se aproximam do facto. Só que também aqui há uma concepção errónea que confere a tudo uma imagem errada. Uma corporificação do mau princípio faz pensar no ponto culminante, na meta final, a encarnação viva de todo o mal, portanto, a coroação, o final absoluto. Lúcifer, porém, ao contrário, constitui a *origem* do princípio errado, o *ponto de partida* e a força propulsora. Aquilo, que ele provoca, também não se devia denominar de *mau* princípio, mas sim de princípio *errado*. Errado, entendido como o conceito de incorrecto, e não de injusto. O âmbito de acção desse princípio erróneo é a Criação material. Unicamente na materialidade é que se encontram os efeitos do que é luminoso e os efeitos do que é das trevas, isto é, os dois princípios opostos, e nela actuam constantemente sobre a alma humana, enquanto esta percorre a materialidade para seu desenvolvimento. Agora, a qual princípio a alma humana mais se entrega, segundo seu próprio desejo, é decisivo para a sua ascensão para a Luz ou descida para as trevas.

Enorme é o abismo que existe entre a Luz e as trevas. Ele é preenchido pela obra da Criação da materialidade, que se acha sujeita à transitoriedade das formas, isto é, à decomposição das respectivas formas existentes e a um novo formar.

Visto que um circuito, de acordo com as leis que a vontade de Deus-Pai coloca na Criação, só pode ser considerado concluído e cumprido quando o seu final volta à origem, assim também o curso de um espírito humano só pode ser tido como cumprido quando

regressa ao espírito-enteal, que se encontra mais perto da Luz primordial, porque sua semente saiu desse espírito-enteal. Deixando-se desviar em direcção às trevas, ele incorrerá no perigo de ser arrastado para além do círculo mais externo de seu curso normal, às profundezas, de onde então não poderá mais reencontrar a escalada. Ele, porém, também não consegue, a partir das trevas fino-materiais mais densas e profundas, ir ainda mais fundo, além do limite extremo das mesmas, para fora da materialidade, como poderia fazê-lo para cima, em direcção ao reino espírito-enteal, por ser este o seu ponto de partida, e, por esse motivo, será continuamente arrastado junto no poderoso circular da Criação material, até, por fim, para a decomposição, porque a sua escura vestimenta de matéria fina, portanto, densa e pesada, denominada também corpo do Além, o retém. A decomposição desfaz então sua personalidade espiritual como tal, adquirida durante a peregrinação pela Criação, de modo que sofre a morte espiritual e será pulverizado à semente espiritual original.

O próprio Lúcifer se encontra *fora* da Criação material, portanto, *não* será arrastado junto para a decomposição, como se dá com as vítimas de seu princípio; pois Lúcifer é eterno. Origina-se de uma parte do divino-enteal. A discórdia iniciou-se depois do começo da formação de tudo que é matéria. Enviado para amparar o espírito-enteal na matéria e favorecê-lo no desenvolvimento, não cumpriu essa sua incumbência no sentido da vontade criadora de Deus-Pai, ao contrário, escolheu outros caminhos do que os que lhe foram indicados por essa vontade criadora, devido a um querer saber melhor, que lhe veio durante sua actuação na materialidade.

Fazendo mau uso da força que lhe foi concedida, introduziu o princípio das tentações, no lugar do princípio do auxílio amparador, que equivale ao amor prestimoso. Amor prestimoso na acepção divina, que nada tem em comum com o servir do escravo, mas tão-somente visa a ascensão espiritual e com isso a felicidade eterna do próximo, actuando correspondentemente.

O princípio da tentação, porém, equivale à colocação de armadilhas, nas quais as criaturas humanas não suficientemente firmes tropeçam logo, caem e se perdem, ao passo que outras, pelo contrário, fortalecem-se com isso em vigilância e vigor, para então florescer poderosamente em direcção às alturas espirituais. Tudo o que é fraco, porém, é de antemão entregue irremediavelmente à destruição. O princípio não conhece nem bondade, nem misericórdia; falta-lhe o amor de Deus-Pai, com isso, no entanto, também a mais poderosa força propulsora e o mais forte apoio que existe.

A tentação no Paraíso, narrada na Bíblia, mostra o efeito da introdução do princípio de Lúcifer, ao descrever figuradamente como este, mediante tentação, procura testar a força e a

perseverança do casal humano, a fim de, ante a menor vacilação, lançá-lo logo impiedosamente no caminho da destruição.

A perseverança teria sido equivalente a um submeter-se jubilosamente à vontade divina, que se encontra nas leis singelas da natureza ou da Criação. E essa vontade, o mandamento divino, era de pleno conhecimento do casal humano. Não vacilar seria ao mesmo tempo um reconhecimento e um cumprimento dessas leis, com o que o ser humano pode beneficiar-se delas, de modo certo e irrestrito, e tornar-se assim o verdadeiro “senhor da Criação”, porque “segue com elas”. Então todas as forças encontrar-se-ão a seu serviço, se não se opuser, e trabalharão naturalmente a seu favor. Nisso consiste, então, o cumprimento dos mandamentos do Criador, que nada mais visam do que a manutenção e o cultivo puro e desimpedido de todas as possibilidades de desenvolvimento que residem em Sua obra maravilhosa. Essa simples observância é, abrangendo mais longe, por sua vez, um consciente co-actuar no saudável desenvolvimento posterior da Criação ou do mundo material.

Quem não faz isso é um estorvo que, ou tem de deixar-se lapidar para atingir a forma correta, ou será esmagado pelas engrenagens do mecanismo universal, isto é, pelas leis da Criação. Quem não quiser curvar-se terá de quebrar, porque não pode haver paralisação.

Lúcifer não quer aguardar com bondade o amadurecimento e o fortalecimento graduais, não quer ser, como deveria, um jardineiro amoroso que ampara, protege e cuida das plantas a ele confiadas, ao contrário, com ele, literalmente, “o bode tornou-se jardineiro”. Visa a destruição de tudo quanto é fraco e, nesse sentido, trabalha impiedosamente.

Na verdade, ele despreza as vítimas que se rendem às suas tentações e armadilhas, e quer que pereçam em sua fraqueza.

Ele também tem asco da baixeza e da vileza que essas vítimas decaídas põem nos efeitos de seu princípio; pois somente os seres humanos os transformam na depravação repugnante em que se apresentam, incitando Lúcifer com isso ainda mais a ver neles criaturas que unicamente merecem destruição, não amor e amparo.

E para a realização dessa destruição contribui, não pouco, o princípio do viver até exaurir-se, que se associa ao princípio da tentação, como consequência natural. O viver até exaurir-se se processa nas regiões inferiores das trevas e já é aplicado terrenamente na chamada psicanálise ^(*Pesquisa da alma) por diversos praticantes, na suposição de que também na Terra o viver até exaurir-se amadurece e liberta.

Todavia, que terrível miséria não deve acarretar a prática desse princípio na Terra! Que desgraça deve causar, uma vez que na Terra, ao contrário das regiões das trevas, onde somente se junta aquilo que é de igual espécie, ainda vive junto e lado a lado o que é mais escuro como o que é mais luminoso. Basta que se pense apenas na vida sexual e coisas análogas. Se um tal princípio, em sua prática, for solto sobre a humanidade, deve haver por fim apenas uma Sodoma e Gomorra, da qual não há escapatória, mas onde apenas o pavor da pior espécie pode trazer um fim.

Mas, sem levar isso em consideração, já são vistas hoje inúmeras vítimas de doutrinas análogas, vagando por aí inseguras, cuja diminuta autoconsciência, aliás, todo o pensar pessoal, acabou sendo desfolhado totalmente e aniquilado lá, onde elas, cheias de confiança, esperavam ajuda. Encontram-se aí como pessoas, de cujos corpos foram arrancadas sistematicamente todas as roupas, para que sejam obrigadas então a se vestir com novas roupas a elas oferecidas. As assim despidas, no entanto, na maioria dos casos, lamentavelmente, não podem mais compreender por que ainda devem vestir-se com novos trajes. Pela sistemática intromissão em seus assuntos e direitos, os mais pessoais, perderam com o tempo também a intuição do pudor, conservador da autoconsciência pessoal, sem o qual não pode existir nada de pessoal e o qual constitui propriamente uma parte do que é pessoal.

Em terreno assim revolvido, pois, não se pode erguer nenhuma nova e firme construção. Essas pessoas, com raras exceções, permanecem dependentes, chegando até ao desamparo temporário, visto que também lhes foi tirado o pouco apoio que antes ainda tinham.

Ambos os princípios, o de viver até exaurir-se e o da tentação, estão tão estreitamente ligados um ao outro, que a tentação deve preceder incondicionalmente o viver até exaurir-se. É, portanto, o efectivo cumprimento e a disseminação do princípio de Lúcifer.

Para o verdadeiro médico de alma não há necessidade de destruir. Este cura primeiro e, então, continua edificando. O verdadeiro princípio proporciona uma modificação de desejos errados através de reconhecimento espiritual!

A prática desse princípio destituído de amor, porém, tinha de, evidentemente, separar Lúcifer, pela natureza da coisa, cada vez mais da vontade cheia de amor do Criador onipotente, o que acarretou a própria separação ou expulsão da Luz e, com isso, a queda cada vez mais profunda de Lúcifer. Lúcifer é um “que se separou por si próprio da Luz”, que equivale a um expulso.

A expulsão tinha de processar-se, também, de acordo com as leis primordiais vigentes, a inamovível sagrada vontade de Deus-Pai, porque um outro fenómeno não é possível.

Como, no entanto, unicamente a vontade de Deus-Pai, do Criador de todas as coisas, é onnipotente, a qual também está firmemente arraigada na Criação material e em seu desenvolvimento, Lúcifer consegue, sim, introduzir seu princípio na materialidade, mas seus efeitos poderão sempre mover-se apenas dentro das leis primordiais instituídas por Deus-Pai e terão de formar-se na direcção delas.

Assim Lúcifer até pode, com o prosseguimento de seu princípio erróneo, dar um impulso a caminhos perigosos para a humanidade, porém, não consegue forçar os seres humanos para qualquer coisa, enquanto estes voluntariamente não se decidirem a isso.

De facto, Lúcifer só pode tentar. A criatura humana, como tal, encontra-se, no entanto, mais firme do que ele na Criação material e, por conseguinte, muito mais segura e mais vigorosa, do que a influência de Lúcifer jamais poderá atingi-la. Assim, cada pessoa se acha de tal modo protegida, que é para ela uma vergonha dez vezes maior quando se deixa engodar por uma força comparativamente mais fraca do que a dela. Deve considerar que o próprio Lúcifer se encontra *fora* da materialidade, ao passo que ela se acha enraizada com os pés firmes num terreno e num solo que lhe é totalmente familiar. Lúcifer se vê obrigado, para aplicar seu princípio, a servir-se de suas tropas auxiliares, compostas de espíritos humanos decaídos pelas tentações.

A essas, porém, por sua vez, cada espírito humano que se esforça para o alto, não somente está plenamente igualado, mas sim as supera amplamente em força. Um único e sincero acto de vontade é suficiente para fazer desaparecer um exército deles, sem deixar vestígio. Pressuposto que estes, com suas tentações, não encontrem nenhum eco ou ressonância onde possam se agarrar.

Além do mais, Lúcifer seria impotente, se a humanidade se esforçasse por reconhecer e seguir as leis primordiais introduzidas pelo Criador. Infelizmente, porém, as criaturas humanas cada vez mais apoiam seu princípio mediante sua actual maneira de ser e por isso também terão de sucumbir na maior parte.

Impossível é que algum espírito humano possa travar uma luta com o próprio Lúcifer, pela simples razão de não poder chegar até ele, devido à constituição diferente. O espírito humano só pode entrar em contacto com os que sucumbiram ao princípio errado, que no fundo têm a mesma espécie que ele.

A origem de Lúcifer condiciona que só pode aproximar-se dele e enfrentá-lo pessoalmente quem tiver origem idêntica; pois somente este é capaz de chegar até ele. Terá de ser um emissário de Deus, vindo e preenchido do divino-enteal, munido da sacrossanta seriedade de sua missão e confiando na origem de todas as forças, no próprio Deus-Pai.

Essa missão está reservada ao anunciado Filho do Homem.

A luta é pessoal, frente a frente, e não apenas simbólica de modo geral, conforme muitos pesquisadores querem deduzir de profecias. É a realização da promessa em Parsival. Lúcifer aplicou mal a “lança sagrada”, o poder, e, através de seu princípio, abriu um ferimento doloroso no espírito-enteal, e, com isso, na humanidade como centelha e extremidade deste. Mas nessa luta ela lhe será tomada. Depois, já na “mão certa”, isto é, na realização do legítimo princípio do Graal do amor puro e severo, ela curará a ferida que abriu antes pela mão imprópria, isto é, pela utilização errada.

Por causa do princípio de Lúcifer, isto é, por causa da utilização errada do poder divino, equivalente à “lança sagrada” na mão imprópria, é conferido um ferimento no espírito-enteal, *que não pode se fechar!* Isso é reproduzido figuradamente com esse pensamento de modo acertado na lenda; pois esse fenómeno se assemelha realmente a uma ferida aberta que não se fecha.

Reflecta que os espíritos humanos, como sementes espirituais inconscientes ou centelhas, fluem ou saltam da extremidade mais baixa do espírito-enteal para a Criação da materialidade, na esperança de que essas partículas efluentes, após seu percurso através da materialidade, despertadas e desenvolvidas para a consciência pessoal, voltem novamente, na conclusão do ciclo, para o espírito-enteal. Semelhante à circulação do sangue no corpo de matéria grosseira! Contudo, o princípio de Lúcifer desvia uma grande parte dessa corrente circulatória espiritual, com o que muito do espírito-enteal se perde. Por esse motivo o necessário ciclo não pode ser fechado e efectiva-se como o constante *sangrar* enfraquecedor de uma ferida aberta.

Porém, se passar agora a “lança sagrada”, isto é, o poder divino, para a mão *certa*, que se encontra na vontade do Criador, apontando o caminho certo ao espírito-enteal que percorre a materialidade como um factor vivificante, caminho esse que o conduz para cima, ao seu ponto de partida, ao luminoso Reino de Deus-Pai, então ele não se perderá mais, mas flui de volta à sua origem, como o sangue ao coração, com o que será *fechada* a ferida que até agora vertia enfraquecedoramente no espírito-enteal. A cura, pois, só pode dar-se por intermédio da mesma lança que ocasionou a ferida.

Para tanto, porém, antes, a lança tem de ser arrancada de Lúcifer, passando para a mão certa, o que se realiza na luta *pessoal* do Filho do Homem com Lúcifer!

As lutas seguintes, que se travam ainda na matéria fina e na matéria grosseira, são apenas repercussões dessa grande luta, que deve trazer o prometido acorrentamento de Lúcifer, que anuncia o começo do Reino do Milénio. Significam a extirpação das consequências do princípio de Lúcifer.

Este se opõe ao actuar do amor divino, cujas bênçãos são concedidas às criaturas humanas em seu percurso pela materialidade. Se, portanto, a humanidade se esforçasse simplesmente no sentido desse amor divino, estaria logo protegida completamente contra quaisquer tentações de Lúcifer, e este seria despojado de todos os horrores que o espírito humano tece em seu redor.

Também promanam da fantasia colorida do cérebro humano essas formas medonhas e feias que erroneamente se procura atribuir a Lúcifer. Na realidade, também, nenhum olho de criatura humana conseguiu ainda vê-lo, pelo simples motivo da diferente natureza de espécie, nem mesmo o olho espiritual que, muitas vezes já durante a vida terrena, é capaz de reconhecer a matéria fina do Além.

Ao contrário de todas as concepções, Lúcifer pode ser chamado de altivo e belo, de uma beleza sobrenatural, de majestade sombria, com olhos claros, grandes, azuis, mas que dão testemunho da gélida expressão da falta de amor. Ele não é apenas um conceito, como geralmente tenta-se apresentá-lo após outras frustradas interpretações, mas ele é pessoal.

A humanidade deve aprender a compreender que também para ela são traçados limites, devido à sua própria espécie, os quais jamais poderá transpor, evidentemente nem mesmo no pensar e que, além desses limites, mensagens somente poderão advir pelo caminho da graça. Todavia, não através de médiuns, que também não podem alterar sua espécie através de condições extraterrenas, tampouco através da ciência. Justamente esta tem, sim, através da química, a oportunidade de verificar que a heterogeneidade das espécies pode estabelecer barreiras intransponíveis. Essas leis, no entanto, partem da origem e não são encontráveis somente na obra da Criação.

46. As regiões das trevas e a condenação

Quando se vêem quadros que devam reproduzir a vida no assim chamado inferno, passa-se adiante encolhendo os ombros com um sorriso meio irónico, meio de compaixão, e com o pensamento de que só mesmo uma fantasia doentia ou uma crença cega fanática poderia conceber cenas de tal género. Raramente haverá alguém, que procure nisso sequer o menor grão de verdade. E, todavia, nem mesmo a fantasia mais lúgubre consegue esboçar de forma aproximada um quadro que, de acordo com a expressão, aproxime-se dos tormentos da vida nas regiões trevosas. Pobres cegos que supõem poder passar por cima disso levianamente, com um encolher de ombros escarnecedor! O momento virá em que a leviandade se vingará amargamente com o surgimento abalador da Verdade. Aí não adiantará qualquer resistência, nenhum afastamento, serão arrastados para dentro do redemoinho que os aguarda, se não se desfizerem a tempo dessa convicção de uma ignorância, que sempre caracteriza apenas o vazio e a estreiteza de um tal ser humano.

Mal ocorreu o desprendimento do corpo de matéria fina do corpo de matéria grosseira, *(Dissertação Nº 40: A morte) eles já encontram então a primeira grande surpresa na vivência de que a existência e a vida conscientes com isso ainda não estão terminadas. A primeira consequência é a perplexidade, à qual se segue um temor inconcebível, que se transforma muitas vezes em resignação bronca ou no mais angustiante desespero! É inútil opor-se então, inútil todo o lamentar, inútil, porém, também o pedir; pois terão que colher o que semearam na vida terrena.

Se zombaram da Palavra, que lhes fora trazida de Deus, que aponta para a vida após a morte terrena e para a responsabilidade a isso ligada de cada pensar e actuar aprofundado, então o mínimo que os aguarda é aquilo que queriam: *profunda escuridão!* Seus olhos, ouvidos e bocas de matéria fina se acham fechados pela própria vontade. Estão surdos, cegos e mudos em seu novo ambiente. Isso é o que de mais vantajoso lhes pode suceder. Um guia ou auxiliador do Além não pode tornar-se-lhes compreensível, porque eles próprios se mantêm fechados a isso. Uma triste situação, à qual apenas o lento amadurecer interior da respectiva pessoa, o que se dá pelo desespero crescente, pode trazer uma gradual modificação. Com o crescente anseio pela Luz que, qual grito ininterrupto por socorro, sobe de tais almas oprimidas e martirizadas, finalmente, pouco a pouco, se tornará mais claro à volta dela, até aprender a ver também outras que, igualmente a ela, necessitam de auxílio. Tendo ela, agora, a intenção de auxiliar aqueles que aguardam na escuridão ainda mais profunda, para que também se possa tornar mais claro o ambiente deles, então ela se robustece cada vez mais no desempenho dessa tentativa de auxiliar, através do indispensável esforço para isso, até que

algum outro, já mais adiantado, possa chegar até ela a fim de também ajudá-la rumo a regiões mais luminosas.

Assim encontram-se acorados, desconsolados, uma vez que, devido ao não-querer, seus corpos de matéria fina também estão demasiadamente enfraquecidos para andar. Permanece por isso um penoso, inseguro rastejar no chão, caso chegar uma vez a algum movimento. Outros, por sua vez, andam tacteando nessa escuridão, tropeçam, caem, levantam-se sempre de novo, para logo bater aqui e acolá, com o que não tardam ferimentos doloridos; pois, visto que uma alma humana, sempre somente devido à espécie de sua própria escuridão, a qual anda de mãos dadas com a maior ou menor densidade, e a qual, por sua vez, acarreta um peso correspondente, afunda para aquela região que corresponde exactamente ao seu peso fino-material, portanto, de idêntica espécie de matéria fina, assim seu novo ambiente torna-se para ela do mesmo modo palpável, sensível e impenetrável, como acontece a um corpo grosso-material em ambiente de matéria grosseira. Por isso, cada batida, cada queda ou cada ferimento ela sente lá de forma tão dolorosa, como seu corpo de matéria grosseira sentiu durante a existência terrena, na Terra de matéria grosseira.

Assim é em cada região, seja qual for a profundidade ou a altura a que pertença. Idêntica materialidade, idêntica sensibilidade, idêntica impenetrabilidade recíproca. Contudo, cada região mais elevada ou cada espécie diferente de matéria pode atravessar sem impedimento as espécies de matérias mais baixas e mais densas, assim como tudo o que é de matéria fina atravessa a matéria grosseira, que é de outra espécie.

Diferentemente, no entanto, é com aquelas almas que, além de tudo o mais, têm de remir alguma injustiça cometida. O facto em si é uma coisa à parte. Pode ser remido no momento em que o autor consegue pleno e sincero perdão da parte atingida. Mas aquilo que mais *pesadamente* amarra uma alma humana é o *impulso* ou o pendor, que forma a força motora para uma ou mais acções. Esse pendor perdura na alma humana, mesmo depois do trespasse, depois do desligamento do corpo de matéria grosseira. Chegará até a evidenciar-se ainda mais forte no corpo de matéria fina, tão logo anulada a limitação de tudo quanto seja de matéria grosseira, visto que, então, as intuições actuam muito mais vivas e mais livres. É um tal pendor também, por sua vez, que se torna decisiva para a densidade, isto é, o peso do corpo de matéria fina. Consequência disso é que o corpo de matéria fina, depois de liberto do corpo de matéria grosseira, afunda imediatamente para aquela região que corresponde exactamente ao seu peso e, por conseguinte, à idêntica densidade. Por essa razão, encontrará ali também todos aqueles que se entregam ao mesmo pendor. Pelas irradiações desses, o seu será ainda nutrido, aumentado, e então ele se entregará desenfreadamente à prática desse pendor. Da mesma forma, evidentemente, também os outros, que ali se encontram junto com ele. Que

semelhantes excessos desenfreados devam constituir um suplício para os que estão em contacto com ele, não é difícil compreender. Como isso, porém, em tais regiões sempre é recíproco, cada qual terá de sofrer amargamente com os outros tudo aquilo que, por sua vez, procura causar constantemente aos outros. Assim, a vida ali se torna um inferno, até que uma tal alma humana, pouco a pouco, chegue a fatigar-se, sentindo asco disso. Então, finalmente, após longa duração, despertará gradualmente o anseio de sair de semelhante espécie. O anseio e o asco constituem o começo de uma melhora. Intensificar-se-ão, até tornarem-se um grito de socorro, e, por fim, uma prece. Somente então é que lhe pode ser estendida a mão para a escalada, o que muitas vezes demora decênios e séculos, às vezes também mais tempo ainda. O pendor em uma alma humana é, portanto, aquilo que amarra de modo mais forte.

Disso se depreende *que um acto irreflectido pode ser remido muito mais facilmente e muito mais depressa, do que um pendor que se encontra em uma pessoa, não importando se este tenha ou não se transformado em acção!*

Uma pessoa que traz em si um pendor pouco limpo, sem nunca deixar que este se torne acção, porque as condições terrenas lhe são favoráveis, terá por isso de expiar (*reparar o erro suportando o castigo imposto) mais pesadamente do que uma pessoa que cometeu uma ou mais faltas irreflectidamente, sem ter tido aí uma má intenção. O acto irreflectido pode ser perdoado imediatamente a essa última, sem desenvolver um carma ruim, o pendor porém, apenas quando tiver sido completamente extinto na criatura humana. E desses existem muitas espécies. Seja, pois, a cobiça e a avareza a ela aparentada, seja o sensualismo imundo, o impulso para o roubo ou o assassinio, para atear fogo ou também apenas para o logro (*fraude, dolo, burla, engano, decepção, etc.) e para desleixos levianos, não importa, um tal pendor sempre fará com que a respectiva pessoa afunde ou seja atraída para lá onde se encontram seus iguais. Não adianta reproduzir quadros vivos disso. São frequentemente de tamanho horror, que um espírito humano ainda aqui na Terra custará a crer em tais realidades, sem vê-las. E mesmo assim ainda julgaria tratar-se apenas de configurações de fantasias provocadas por uma febre altíssima. Deve bastar-lhe, por conseguinte, que sinta receio moral de tudo isso, receio que o liberta das ataduras de tudo quanto é baixo, para que mais nenhum impedimento se encontre no caminho de ascensão à Luz.

Assim são as regiões sombrias, como efeitos do princípio que Lúcifer procura introduzir. O eterno circular da Criação prossegue e chega ao ponto em que começa a decomposição, em que tudo o que é matéria perde a forma, a fim de desintegrar-se em semente primordial e, com isso, no desenrolar progressivo, trazer nova mistura, novas formas com energia renovada e solo virgem. O que até então não pôde se desligar das matérias grosseira e fina, para, ao transpor o limite mais elevado, mais fino e mais leve, deixando para trás tudo quanto é

material, penetrar no espírito-enteal, será impreterivelmente arrastado junto à decomposição, com o que também sua forma e o que é pessoal nele será destruído. Somente esta é então a condenação eterna, o extinguir de tudo quanto é pessoal consciente!

47. As regiões da Luz e o Paraíso

Luz irradiante! Limpidez ofuscante! Bem-aventurada leveza! Tudo isso já diz tanto por si só, que é quase desnecessário ainda mencionar detalhes. Quanto menos o corpo de matéria fina, isto é, o manto do espírito humano no Além, encontrar-se carregado com qualquer pendor para coisas inferiores, com qualquer cobiça para coisas de matéria grosseira e prazeres, tanto menos se sentirá atraído a isso, tanto menos denso e assim também tanto menos pesado será seu corpo de matéria fina, o qual se forma de acordo com sua vontade, e tanto mais depressa será elevado, devido à sua leveza, para as regiões mais luminosas, que correspondem à menor densidade de seu corpo de matéria fina.

Quanto menos denso, portanto, menos concentrado e mais fino se tornar esse corpo de matéria fina, devido ao seu estado interior purificado de desejos inferiores, tanto mais claro e mais luminoso também deverá parecer, porque então o núcleo do espírito-enteal na alma humana, por sua natureza já irradiante, transluzirá cada vez mais de dentro para fora o corpo de matéria fina que se torna menos denso, ao passo que nas regiões inferiores esse núcleo irradiante acaba ficando encoberto e obscurecido pela maior densidade e peso do corpo de matéria fina.

Também nas regiões da Luz cada alma humana encontrará a igual espécie, isto é, de ideias análogas, de acordo com a constituição de seu corpo de matéria fina. Uma vez que apenas o realmente nobre, o que quer o bem, é capaz de esforçar-se para cima, livre de cobiças inferiores, assim ele encontrará, como sendo sua igual espécie, também apenas o que é nobre. É, também, fácil de compreender que o habitante de uma tal região não tem de sofrer nenhum tormento, mas usufrui tão-só a bênção da mesma espécie nobre que ele irradia, sentindo-se bem-aventurado com isso e, por sua vez, ele próprio também desperta alegria nos outros com a sua própria actuação, compartilhando-a. Pode dizer que caminha nos reinos dos bem-aventurados, isto é, dos que se sentem bem-aventurados. Estimulado com isso, sua alegria pelo que é puro e elevado tornar-se-á cada vez mais intensa e o elevará cada vez mais alto. Seu corpo de matéria fina tornar-se-á, perpassado por esse intuir, cada vez mais fino e menos denso, de modo que o fulgor do núcleo espírito-enteal irrompe de forma cada vez mais irradiante e, por fim, também as últimas partículas desse corpo de matéria fina se desfazem como que consumidas pelas chamas, com o que então o espírito humano assim perfeito e consciente, tornado pessoal, pode transpor, em sua espécie totalmente puro espírito-enteal, os limites para o espírito-enteal. *Somente com isso ele entra no reino eterno de Deus-Pai, no Paraíso eterno.*

Assim como um pintor, em um quadro, não poderia reproduzir os tormentos da vida real nas regiões das trevas, tampouco ele consegue descrever o encantamento que reside na vida das regiões da Luz, também quando essas regiões ainda pertencem à transitória matéria fina e o limite para o reino eterno de Deus-Pai ainda não foi transposto.

Cada descrição e cada tentativa de reproduzir a vida em imagens significaria infalivelmente uma diminuição, que teria de trazer à alma humana, por isso, somente dano em vez de proveito.

48. Fenómenos universais

Não há perigo maior para uma coisa do que deixar uma lacuna, cuja necessidade de preenchimento é intuída muitas vezes. Nada adianta, então, querer passar por cima disso; porque uma tal lacuna impede cada progresso e, assim que sobre ela for erguida uma construção, deixará ruí-la algum dia, mesmo que seja executada com a maior habilidade e com material realmente bom.

Assim se apresentam hoje as diversas comunidades religiosas cristãs. Com tenaz energia fecham os olhos e ouvidos diante de muitos trechos de suas doutrinas que deixam perceber uma falta de lógica. Com palavras ocas procuram passar por cima disso, em lugar de realmente fazerem uma vez uma séria reflexão em seu interior. Bem que intuem o perigo de que as pontes, provisoriamente estendidas sobre tais abismos, devido a uma doutrina de fé cega, poderão um dia não ser mais suficientes, e eles temem o momento que deve deixar reconhecer, por elucidação, essa construção frágil. Sabem também que então ninguém mais será induzido a tomar um caminho tão enganoso, com o que, evidentemente, a sólida construção progressiva e o caminho, que então seguem novamente, deverão igualmente ficar vazios. Da mesma forma, é de seu conhecimento, que uma única rajada de verdade refrescante deve afastar tais configurações artificiais. Contudo, na falta de algo melhor, procuram, não obstante todos os perigos, segurar a tábua oscilante. Antes, estão até mesmo decididos a defendê-la por todos os meios e a destruir quem ousar trazer, pela própria Verdade, uma passagem mais sólida. Sem hesitar tentariam repetir o mesmo acontecimento, que se desenrolou há quase dois mil anos nesta Terra, que ainda lança sua sombra até os dias de hoje, e o qual, no entanto, eles mesmos, como grande acusação contra a cegueira e a teimosia perniciosa dos seres humanos, transformaram no foco principal de suas doutrinas e de sua crença. Foram os *representantes de religiões* e os eruditos daqueles tempos que, em sua estreiteza dogmática e em sua presunção que demonstra fraqueza, não puderam reconhecer a Verdade nem o Filho de Deus, também se fecharam diante disso e odiaram e perseguiram a ele e a seus adeptos por medo e inveja, ao passo que outras pessoas se abriam com mais facilidade ao reconhecimento e intuíam mais depressa a Verdade da Palavra. Apesar de os actuais representantes das comunidades religiosas cristãs acentuarem especialmente o caminho de sofrimento do Filho de Deus, eles próprios nada aprenderam com esse facto e não tiraram proveito disso. Justamente os actuais dirigentes dessas comunidades fundamentadas nos ensinamentos de Cristo, bem como os dos movimentos mais recentes, também hoje tentariam novamente neutralizar cada um que através da própria Verdade pudesse por em perigo as passagens oscilantes estendidas sobre lacunas ou abismos perigosos em seus

ensinamentos e interpretações. Persegui-lo-iam com seu ódio nascido do medo e bem mais ainda oriundo da vaidade, tal qual já ocorreu uma vez.

Faltar-lhes-ia a grandeza de aceitar que seu saber não seria suficiente para reconhecer a própria Verdade e preencher as lacunas, a fim de, com isso, aplainar o caminho aos seres humanos, para mais fácil compreensão e pleno entendimento.

E, não obstante, para a humanidade só é possível uma ascensão através da compreensão plena, jamais pela crença cega e ignorante!

Uma tal lacuna devido à transmissão errada é o conceito relativo ao “Filho do Homem”. Agarram-se doentamente a isso, semelhante aos fariseus que não quiseram se abrir à Verdade através do Filho de Deus, colocada à frente de suas tradicionais e rígidas doutrinas. Cristo se referiu a si *apenas* como o Filho de Deus. A falta de lógica, de denominar-se ao mesmo tempo de Filho do Homem, estava longe dele. Mesmo que, devido às próprias dúvidas, tenha se tentado, com a maior destreza e habilidade em todas as direcções, esclarecer essa contradição patente entre Filho de Deus e Filho do Homem, intuída por toda pessoa que reflecta sensatamente, então não pode ser afirmado, apesar de todos os esforços, que tenha sido encontrada uma *unificação*. A mais conveniente de todas as interpretações tinha que mostrar sempre e sempre de novo uma natureza dupla que permanecia *lado a lado*, mas que nunca podia parecer como *um só*.

Isso também se encontra inteiramente na natureza da questão. O Filho de Deus não pode se tornar o Filho do Homem apenas porque teve de nascer de um corpo humano para poder caminhar pela Terra.

A cada cristão é sabido que o Filho de Deus veio somente em missão *espiritual* e que todas as suas palavras se referiam ao *reino espiritual*, isto é, eram intencionadas de forma *espiritual*. Por conseguinte, também a sua repetida indicação ao Filho do Homem não deve, de antemão, ser entendida de modo diferente! Por que deve haver aqui uma excepção? Espiritualmente, porém, Cristo foi e sempre permaneceu somente o *Filho de Deus*! Quando então falava do Filho do Homem, não podia se referir com isso a si mesmo. Há em tudo isso algo muito mais grandioso, do que transmitem as actuais interpretações das religiões cristãs. A contradição declarada já deveria, desde muito, ter estimulado mais seriamente a um reflectir, se a restrição dogmática não obscurecesse tudo. Ao invés disso, partiu-se, sem a mais séria análise, absolutamente indispensável em assuntos tão incisivos, para um obstinado agarrar-se à Palavra transmitida e se colocou, desse modo, antolhos (*palas que impedem de ver lateralmente), que impediram a visão livre. A consequência natural é que tais intérpretes e mestres, embora se

encontrem na Criação de seu Deus, nem são capazes de reconhecê-la direito, através do que, unicamente, existe a possibilidade de se chegar também mais perto do próprio Criador, o ponto de partida da obra.

Cristo ensinou, em primeiro lugar, a completa naturalidade, isto é, adaptar-se às leis da natureza, portanto, da Criação. Contudo, adaptar-se só pode aquele que conhece as leis da natureza. As leis da natureza, por sua vez, trazem em si a vontade do Criador e podem, assim, abrir também o caminho para o reconhecimento do próprio Criador. Quem então conhece as leis da natureza, também toma conhecimento de que modo inamovível elas se engrenam umas nas outras actuando; sabe por isso que esse actuar é imutável em sua lógica constante e impulsionadora, assim como também a vontade do Criador, de Deus-Pai.

Qualquer desvio significaria uma alteração da vontade divina. Uma alteração, porém, denotaria imperfeição. Como, porém, a fonte primordial de todo o existir, Deus-Pai, só é uniforme e perfeita, assim também o menor desvio dentro das leis da natureza, portanto, das leis do desenvolvimento, deve ser simplesmente impossível e estar de antemão excluído. Esse facto condiciona que também a ciência da religião e a ciência da natureza têm de ser uma coisa só sob todos os aspectos, em uma clareza e lógica sem lacunas, se é que devam transmitir a *Verdade*.

Não se nega que a ciência da natureza ainda hoje tem um limite de conhecimento muito baixo em relação à Criação toda, pois restringiu-se apenas à matéria grosseira, devido ao facto de o intelecto, na acepção actual, só ser capaz de ocupar-se com aquilo que está ligado a espaço e tempo. O único erro, aliás, também imperdoável nisso é que os discípulos dessa ciência tentam negar ironicamente, como sendo inexistente, tudo que vai além disso, com excepção de poucos eruditos que se elevaram acima da mediocridade e adquiriram visão mais ampla, e que desprezaram encobrir a ignorância com presunção.

A ciência da religião, porém, vai muito mais além, mas fica, apesar disso, dependendo igualmente das leis da natureza que ultrapassam aquilo que está ligado a espaço e tempo, as quais, provenientes da fonte primordial, entram para o terrenalmente visível sem interrupção e sem alteração de sua espécie. Por esse motivo, também as doutrinas religiosas não podem possuir falhas nem contradições, se devam corresponder realmente à *Verdade*, isto é, às leis da natureza ou à vontade divina, se, portanto, devam encerrar a *Verdade*. Doutrinas de grande responsabilidade e que servem como guias não podem permitir-se liberdades de fé cega!

Gravemente pesa, por isso, o erro a respeito do conceito do Filho do Homem sobre os adeptos dos verdadeiros ensinamentos de Cristo, porque calmamente aceitam e propagam

tradições erróneas, apesar de que, às vezes, em muitas pessoas uma intuição contrária admoesta levemente.

É exactamente a imutabilidade da vontade divina, em sua perfeição, que exclui uma intervenção arbitrária de Deus na Criação. Mas é também ela que, após a separação de Lúcifer, por causa de seu agir erróneo, ^{*(Dissertação Nº 45: O mistério Lúcifer)} não pode excluí-lo simplesmente, e do mesmo modo tem de permitir um abuso das leis naturais, da vontade divina, por parte dos seres humanos, visto que ao espírito humano é reservada uma livre decisão devido à sua origem do eterno espírito-enteal. ^{*(Dissertação Nº 5: Responsabilidade)} *Nos fenómenos da Criação de matéria fina e grosseira deve justamente patentear-se a inamovível perfeição da vontade do Criador, como uma espécie de obrigação!* No entanto, somente medíocres e ínfimos espíritos humanos podem ver nesse reconhecimento uma restrição de poder e grandeza. Tal concepção seria unicamente o produto de sua própria estreiteza.

A imensurabilidade do todo os perturba, porque de facto apenas lhes é possível imaginar um quadro disso, se este – correspondente à sua compreensão – tiver uma delimitação mais restrita.

Quem, todavia, esforçar-se realmente por reconhecer o seu Criador em Sua actuação, receberá no caminho seguro das leis naturais uma noção convincente dos acontecimentos de amplo alcance, cujas origens residem na fonte primordial, isto é, no ponto de partida de todos os acontecimentos, para de lá perpassar a Criação, como que inamovíveis vias férreas, nas quais toda a vida posterior deverá então se desenrolar, segundo a direcção dada pelo posicionamento da chave de desvio. O posicionamento da chave, porém, executa o *espírito humano automaticamente* em sua peregrinação através da materialidade. ^{*(Dissertação Nº 30: O ser humano e seu livre-arbitrio)} E, infelizmente, por causa do princípio de Lúcifer, a maioria se deixa persuadir a um posicionamento errado da chave, e assim então se desenrola a sua vida segundo as imutáveis leis de evolução, as quais, semelhante às vias férreas, perpassam a matéria, descendo cada vez mais e mais na direcção de uma bem determinada meta final, de acordo com o posicionamento executado.

O posicionamento da chave pela livre resolução pode então ser exactamente observado ou intuído desde a origem, após o que o percurso posterior fica claramente reconhecível, visto que, após uma resolução tomada, terá de percorrer, na evolução, somente pelas correspondentes vias férreas das leis ancoradas na Criação. *Essa circunstância possibilita a previsão* de vários acontecimentos, porque as leis da natureza ou da Criação jamais se desviam em seu impulso de desenvolvimento. Milénios aí não representam qualquer papel. Nesses previstos pontos finais absolutos originam-se então as grandes revelações, mostradas

espiritualmente a agraciados em imagens, chegando por retransmissão ao conhecimento da humanidade. Só uma coisa, porém, *não* pode ser predita com certeza: *o tempo terreno* em que tais revelações e promessas se cumprirão!

Isso se dará na hora em que um tal percurso de vida, rodando pelos trilhos escolhidos, chegar a uma estação intermediária predeterminada ou na meta final. O destino do ser humano, assim como o do povo e, finalmente, de toda a humanidade, é comparável a um trem que se acha parado, esperando em uma linha férrea de uma só via, diante de um entroncamento de trilhos para todas as direcções. O ser humano posiciona uma das chaves de mudança de via segundo sua preferência, sobe e solta o vapor, isto é, vivifica-o. Ao entrar no trilho por ele escolhido, só é possível citar-se as estações intermediárias e a estação final, não, porém, a hora exacta das respectivas chegadas, pois isso depende da velocidade da marcha, que pode variar segundo a espécie da pessoa, pois o *ser humano vivifica* a máquina e a impelirá de acordo com sua própria espécie a uma marcha uniforme e serena, ou com impetuosidade desenfreada, ou com ambas, alternadamente. Quanto mais um tal trem, seja de uma só pessoa, de povos ou da humanidade, aproxima-se de uma estação, da direcção de seus trilhos ou de seu destino, tanto mais exacto poderá então ser vista e apontada a chegada iminente. A rede ferroviária, no entanto, possui também algumas linhas de interligação, as quais podem ser utilizadas *durante a viagem*, mediante correspondentes mudanças no posicionamento da chave de desvio, a fim de obter uma outra direcção e desse modo chegar, também, a um outro ponto final do que aquele inicialmente visado. Isso então exige, evidentemente, a diminuição da marcha ao se aproximar de um desses desvios, uma paragem e uma mudança no posicionamento da chave de desvio. O diminuir da marcha é o raciocinar; o parar, a resolução do ser humano, a qual, até um derradeiro ponto de decisão, sempre lhe é possível, e a mudança de direcção da acção que se segue a essa resolução.

A vontade divina, que, nas leis da natureza firmemente estabelecidas, perpassa a matéria como que vias férreas, pode ser chamada também de nervos na obra da Criação, que fazem sentir ou anunciam ao ponto de partida, à fonte primordial criadora, qualquer desigualdade no poderoso corpo da obra.

Essa visão segura, que abrange até todos os pontos finais, com base nas leis inamovíveis, faz com que o Criador acrescente às Suas revelações *também promessas*, que anunciam, a tempo, auxiliares vindos Dele para a época em que se aproximam as mais perigosas curvas, estações intermediárias ou finais! Esses auxiliares estão aparelhados por Ele para, pouco antes de acontecerem catástrofes inevitáveis ou que cheguem às curvas perigosas, abrirem os olhos dos espíritos humanos que enveredaram por esses trilhos errados, ao anunciar-lhes a Verdade, para que lhes seja possível ainda a tempo manobrar outra chave de desvio, a fim de

evitarem os lugares que se tornam cada vez mais perigosos e, através da nova direcção, escaparem também da funesta estação final. Ai do ser humano, no Aquém e no Além, que não percebe ou negligencia a última de todas as chaves de desvio e com isso a possibilidade de uma direcção melhor! Ele está irremediavelmente perdido.

Como o Criador não pode alterar a perfeição de Sua vontade, assim também cumprirá nesse auxiliar exactamente outra vez as melhores leis. Com outras palavras: Sua vontade é perfeita desde os primórdios. Cada um de Seus novos actos de vontade, evidentemente, também serão perfeitos. Isso condiciona que cada novo acto de vontade proveniente Dele também tem de trazer em si exactamente as mesmas leis, como os já precedentes. A consequência disso é novamente a adaptação exacta ao fenómeno de desenvolvimento do mundo de matéria fina e grosseira. Uma outra possibilidade fica excluída de uma vez para sempre, justamente devido à perfeição de Deus. Decorreu dessa previsão já esclarecida a promessa da encarnação do Filho de Deus, a fim de, com a anunciação da Verdade, induzir a humanidade à mudança da chave de desvio. O acto dessa mudança fica reservado ao próprio espírito humano, de acordo com as leis. Assim, porém, está fora de uma previsão, reconhecer a espécie da resolução; pois só podem ser abrangidas com a visão com exactidão, em todas as suas estações e curvas até o ponto final, aquelas linhas *já escolhidas* pelos espíritos humanos, para as quais eles haviam mudado a chave de desvio, segundo sua livre resolução. Disso estão excluídos, por evidência lógica, os pontos de transição onde é decisiva uma livre resolução da humanidade; pois também esse direito é identicamente inamovível como tudo o mais, devido à natural regularidade das leis de criação e de desenvolvimento provenientes da perfeição de Deus, e como o Criador outorgou esse direito aos espíritos humanos, por sua origem do espírito-enteal, Ele também não exige saber de antemão como será sua decisão. Apenas a *consequência* de uma tal decisão Ele pode reconhecer com exactidão, até o seu final, porque essa se processará então dentro dessa vontade que se encontra nas leis da Criação de matéria fina e grosseira. Se fosse diferente, então a causa disso, por esse motivo, só poderia significar uma falta de perfeição, o que está absolutamente excluído.

O ser humano, portanto, deve ter sempre plena consciência dessa sua enorme responsabilidade, de que é realmente independente em suas decisões básicas. Infelizmente, porém, ele imagina ser ou um servo totalmente dependente ou superestima-se como sendo uma parte do divinal. Provavelmente a causa disso se encontra no facto de que, em ambos os casos, julga-se dispensado da responsabilidade. Em um caso, como criatura demasiadamente inferior e dependente, no outro caso, como sendo muito superior. Ambos, porém, são errados! Pode considerar-se como administrador, ao qual, em certas coisas, compete uma livre resolução, contudo, também a plena responsabilidade, o qual, por conseguinte, goza de grande confiança, da qual não deve abusar mediante uma má administração.

Justamente essa perfeição torna necessário que o Criador na realização de auxílios imediatos para a humanidade, que toma um rumo errado, também tenha de contar com um falhar da humanidade na sua tomada de decisão. Para tais casos, a partir de Sua Sabedoria e Amor, que também lhe são inerentes, na lei e na natureza, reserva para tais casos novos caminhos de auxílio, que então se ligam como continuação ao primeiro caminho eventualmente cortado pelo falhar da humanidade.

Assim, já antes do tempo da encarnação do Filho de Deus, fora preparado no reino eterno do Pai um outro enviado para uma missão, para o caso de a humanidade vir a falhar, apesar do grande sacrifício de amor do Pai. Se o Filho de Deus, com sua sintonização puramente divina, não fosse ouvido de tal modo, que a humanidade, à sua advertência, manobrasse a chave de desvio de seus trilhos para a direcção que ele lhes apontava, mas permanecesse cegamente nos seus trilhos de até então rumo à ruína, deveria sair então mais um emissário, que pudesse estar mais próximo da essência mais intrínseca da humanidade do que o Filho de Deus, a fim de, na última hora, servir mais uma vez como advertidor e guia se — — — ela quisesse dar ouvidos ao seu chamado da Verdade. *Esse é o Filho do Homem.*

Cristo, como Filho de Deus, sabia disso. Quando reconheceu, durante seu actuar, o solo sufocado e ressecado das almas da humanidade, tornou-se-lhe claro, que sua peregrinação na Terra não traria aqueles frutos que, com a boa vontade da humanidade, teriam de amadurecer. Ele entristeceu-se profundamente com isso, pois em virtude das leis da Criação, por ele tão bem conhecidas, as quais portam a vontade de seu Pai, ele abrangia com a visão o incondicional prosseguimento para o fim inevitável, que a índole e vontade dos seres humanos tinham de acarretar. E aí começou a falar do Filho do Homem, de sua vinda que estava se tornando necessária devido aos factos que vinham surgindo. Quanto mais ia dando cumprimento à sua grande missão que, conforme a decisão da humanidade, deixou abertos dois caminhos, ou uma grande obediência aos seus ensinamentos com a conseqüente ascensão, evitando tudo o que traz a ruína, ou um falhar e desabalada corrida na estrada em declive que teria de levar à destruição, tanto mais claramente via que a decisão da maior parte da humanidade se inclinava para o falhar e com isso à queda. Devido a isso, suas alusões ao Filho do Homem transformaram-se em promessas e anunciações directas, ao falar: “Mas quando vier o Filho do Homem...” etc.

Com isso, ele designava a época pouco antes do perigo da queda que, segundo as leis divinas, devia cumprir-se no mundo material, devido ao falhar da humanidade em face de sua missão, como meta final do rumo obstinadamente prosseguido. Profundamente sofreu ele outrora com esse reconhecimento.

Errado é cada legado que afirma que Jesus, o Filho de Deus, teria se designado como sendo simultaneamente também o Filho do Homem. Tal falta de lógica não se encontra nas leis divinas, nem pode ser atribuída ao Filho de Deus, como conhecedor e portador dessas leis. Os *discípulos* não tinham conhecimento disso, conforme se depreende de suas próprias perguntas. Unicamente deles surgiu o erro, que até hoje tem perdurado. Supunham que o Filho de Deus designava a si mesmo com a expressão Filho do Homem, e nessa suposição transmitiram este erro também à posteridade, a qual, da mesma forma que os próprios discípulos, não se ocupou mais seriamente com a falta de lógica aí inerente, mas simplesmente passou por cima disso, em parte por temor, em parte por comodidade, apesar de que, na retificação, o amor universal do Criador ainda sobressai mais nítido e mais poderoso. Seguindo nas pegadas do Filho de Deus, isto é, tomando e prosseguindo sua missão, o Filho do Homem, como *segundo* enviado de Deus-Pai, irá defrontar a humanidade na Terra, a fim de arrancá-la de volta do trajecto de até então, pela anunciação da Verdade, e levá-la à decisão voluntária de uma outra sintonização, que desvie dos focos de destruição que agora a aguardam.

Filho de Deus – Filho do Homem! Que nisso deva haver uma diferença, certamente não é tão difícil de concluir. Cada uma dessas palavras tem seu sentido nitidamente delimitado e exactamente expresso, que deve tachar de preguiça do pensar uma mistura e fusão em uma só coisa. Ouvintes e leitores das dissertações estarão conscientes do desenvolvimento natural que, partindo da Luz primordial, Deus-Pai, estende-se para baixo, até o corpo sideral de matéria grosseira. O Filho de Deus veio do divino-inenteal, atravessando rapidamente o espírito-enteal e a matéria fina, para a encarnação no mundo de matéria grosseira. Por isso deve, com todo o direito, ser chamado a parte de Deus feita homem ou Filho de Deus. A passagem rápida pelo espírito-enteal, somente no qual o espírito humano tem seu ponto de partida, não deixou que ele firmasse o pé lá, como também na subsequente parte de matéria fina da Criação, de tal modo que seu espírito divino-inenteal pudesse levar consigo fortes invólucros protectores dessas diferentes espécies, mas sim estes invólucros, normalmente servindo de couraça, permaneceram ténues. Isso trouxe a vantagem de que a essência divina irradiasse mais fácil e mais fortemente, portanto, irrompesse, mas também a desvantagem de que nos planos inferiores da Terra, hostis à Luz, pudesse ser tanto mais rapidamente combatida e furiosamente agredida, por chamar atenção. O poderoso divinal, apenas tenuemente coberto no invólucro de matéria grosso-terrenal, teve de ficar estranho entre as criaturas humanas por estar demasiadamente distante. Expresso figuradamente, poder-se-ia dizer, portanto, que seu espírito divino não se achava suficientemente preparado e armado para o terrenal inferior de matéria grosseira, devido à carência de agregação proveniente do espírito-enteal e da matéria fina. O abismo entre o divinal e o terrenal ficou apenas fracamente transposto.

Uma vez que os seres humanos não deram apreço nem preservaram essa dádiva do amor divino, mas sim, devido ao impulso natural de tudo quanto é das trevas, enfrentaram o luminoso Filho de Deus com hostilidades e ódio, assim tinha de vir um segundo emissário no Filho do Homem, mais fortemente armado para o mundo de matéria grosseira.

Também o Filho do Homem é um enviado de Deus, proveniente do divino-inenteal. Contudo, antes de seu envio ao mundo de matéria grosseira, ele foi encarnado no eterno puro espírito-enteal, isto é, estreitamente ligado com a essência espiritual, do qual promana a semente do espírito humano! Com isso o núcleo divino-inenteal desse segundo enviado se aproxima mais do espírito humano em sua origem, pelo que ele ganha também maior protecção e força directa contra este.

Nas alturas mais elevadas da igual espécie do espírito humano vive, pois, para tudo o que existe, um ideal perfeito daquilo que a evolução a partir do espírito-enteal pode trazer dentro de si. Assim também o eterno ideal puro espírito-enteal de toda a feminilidade, por assim dizer, como rainha da feminilidade com todas as virtudes vivas. Cada gérmen espiritual feminino carrega dentro de si o anseio inconsciente de procurar seguir o exemplo desse ideal puro, vivo, na forma mais nobre. Infelizmente, muitas vezes durante a passagem através da materialidade, esse anseio inconsciente degenera para vaidade que, simulando e em auto-ilusão, deve substituir muita coisa não tornada viva, mas não obstante almejada. No entanto, esse anseio torna-se mais consciente ao ascender para a Luz, ainda no mundo da matéria fina. Assim que as baixas cobiças começam a desprender-se, ele irrompe cada vez mais forte para, no final, avivar e fortalecer as virtudes. O íman e foco dessa saudade nobre pelas virtudes femininas é a Rainha da feminilidade no reino eterno do Pai, o puro espírito-enteal. O núcleo divino inenteal do segundo enviado de Deus foi então introduzido neste ideal espírito-enteal da feminilidade e por ela, como mãe espírito-enteal, educado no eterno reino de Deus-Pai, com o Castelo do Graal como pátria de sua juventude espiritual. Somente a partir daí deu-se então o seu envio ao mundo de matéria grosseira, numa época, para que ele, na hora certa, possa entrar no campo de luta, a fim de poder apontar para os que buscam Deus com sinceridade, pedindo por condução espiritual, o caminho certo ao reino do Pai e, ao mesmo tempo, conceder protecção contra os ataques dos que propendem para baixo e lhes são hostis.

Como ele, diferentemente do Filho de Deus, passou sua juventude espiritual no espírito-enteal, portanto, na origem e ponto de partida do espírito humano, está enraizado simultaneamente, além de no divino-inenteal, também firmemente no espírito-enteal, com isso, em sua espécie, aproxima-se mais da humanidade e é na dualidade da origem e juventude verdadeiramente um *ser humano divino*! Procedendo do divino-inenteal e também do puro espírito-enteal, da origem da humanidade. Por *esse* motivo ele é chamado, ao

contrário do puro Filho de Deus, o Filho do Homem, ao qual, devido à sua origem, está aberto o caminho para o divino-inenteal! Por isso, ele traz em si força e poder divino e encontra-se com isso bem preparado para a luta diante de toda a humanidade como também de Lúcifer.

Velai, portanto, para que o reconheçais, assim que tenha chegado a hora para ele; pois ele traz também a hora para vós!

49. A diferença na origem entre o ser humano e o animal

Para esclarecer a diferença da origem entre o ser humano e o animal, faz-se necessário uma divisão mais pormenorizada da Criação do que até agora. Com as expressões usuais como “alma colectiva” do animal, frente ao “eu” pessoal do ser humano, não é feito o suficiente para isso, não obstante serem, em si, pensadas já bem acertadamente. Mas delineia-se aí, mui largamente, apenas o geral e o que se acha mais próximo ao terrenal, porém, não se menciona a *própria* diferença.

Necessário se faz aqui conhecer o desenvolvimento da Criação que está explicado na dissertação “Desenvolvimento da Criação”. *(Dissertação Nº 52)

Para uma visão geral mais fácil, sejam mais uma vez reproduzidos os principais degraus até agora mencionados, de cima para baixo:

1. Divino: Divino-inenteal
 Divino-enteal
2. *Espírito*-enteal: Espírito-enteal consciente
 Espírito-enteal inconsciente
3. Enteal: Enteal consciente
 Enteal inconsciente
4. Matéria: Matéria fina
 Matéria grosseira

O ser humano tem sua origem espiritual no espírito-enteal inconsciente. O animal, por sua vez, tem sua origem enteal no enteal inconsciente. Entre esses dois degraus há uma diferença gigantesca. O núcleo vivificador do ser humano é *espírito*. O núcleo vivificador do animal, porém, é apenas *enteal*.

Um espírito se encontra bem acima do enteal; a origem interior do ser humano, por conseguinte, também muito mais elevada do que a do animal, ao passo que ambos têm em comum apenas a origem do corpo de matéria grosseira. No entanto, o espírito do ser humano, com o tempo, aperfeiçoou o seu corpo de origem meramente animal mais do que foi possível à essência do animal.

A doutrina do desenvolvimento natural do corpo de matéria grosseira, começando do corpo animal mais inferior até o corpo do ser humano, é, por essa razão, correcta. Mostra sob todos os aspectos o trabalho progressivo e sem lacunas da vontade criadora na natureza. Um sinal da perfeição.

Nessa doutrina foi cometido apenas um erro, aliás, também grande, de não se ter ido além da matéria grosseira. Quando se diz que o corpo humano, isto é, o manto de matéria grosseira do ser humano, descende do corpo animal, que já existia antes do corpo humano, então isso está certo. Esses corpos, contudo, não constituem nem o ser humano nem o animal, mas somente pertencem a eles como algo necessário na matéria grosseira. Querer concluir disso, porém, que também a vitalidade interior do ser humano descende da do animal é um erro imperdoável e desencaminhador, que tem de despertar discordância. Devido a essa discordância surge também, em tantas pessoas, a salutar intuição *contra* semelhante aceção errónea. Por um lado, elas sentem-se atraídas pela justeza da aceção na parte referente aos corpos, por outro lado, porém, repelidas por causa da grosseira negligência que quer, sem mais nem menos, entretecer conjuntamente a origem interior.

A ciência, de facto, até agora mal era capaz de outra coisa senão afirmar que o ser humano, no desenvolvimento natural, por fim tem de descender do animal e, em primeiro lugar, de um animal semelhante ao macaco, que em sua forma mais se aproximava do corpo humano, porque ela até agora somente conseguiu ocupar-se com aquilo que é material. Preponderantemente até apenas com a matéria grosseira, que constitui uma parte bem pequena da Criação. E dessa, ela também só conhece as exterioridades mais grosseiras. Na realidade, portanto, infinitamente pouco, tanto quanto nada. Hoje ela até consegue utilizar, finalmente, diversos elementos de mais valia, mas ainda não os conhece em sua essência real, tendo forçosamente de se contentar com algumas palavras estrangeiras que coloca no lugar do saber. Essas palavras designam exclusivamente a classificação provisória de algo existente e já utilizável, mas cuja natureza essencial não se conhece, e muito menos ainda a origem.

O enteal, porém, e muito mais ainda o espiritual encontram-se *acima* de tudo quanto é material, são, da Terra em direcção ao alto, a continuação até a origem de tudo quanto existe, ou, o que é mais natural, de cima para baixo, o que precedeu o material no desenvolvimento.

Deve-se levar em consideração que todo o espiritual, como também todo o enteal, necessita evidentemente, e condicionado de modo natural pelo desenvolvimento, do manto de um corpo de matéria grosseira, tão logo, em obediência às leis de evolução, penetre, como factor formador e núcleo vivo, até a matéria grosseira. Cada discórdia desfar-se-á logo, quando finalmente ou se progride mais para cima em todo o pesquisar, isto é, para além de tudo o que é material, ou quando se consegue seguir o caminho natural de desenvolvimento de cima para baixo. É chegado o tempo em que se deve dar o passo para tanto. Contudo, a maior cautela é requerida aí, a fim de que o saber espiritual, que traz de modo evidente a lógica em si, não seja despercebidamente rebaixado para ignorante fantasia. Deve-se atentar

que o enteal e o espiritual também somente podem ser abordados com espírito *claro, livre*, não como no material, com balanças, bisturis e tubos de ensaio.

No entanto, também tampouco com espírito *limitado* ou com preconceito, conforme se tenta tantas vezes. Isso se proíbe por si só de maneira intransponível, segundo as leis vigentes da Criação. Nisso, uma pequena criatura humana, mesmo com a maior arrogância, nada poderá torcer na férrea vontade de seu Criador em Sua perfeição.

A verdadeira diferença entre o ser humano e o animal encontra-se, portanto, exclusivamente em seu íntimo. O animal, depois de despir o corpo de matéria grosseira, também só pode regressar ao enteal, ao passo que o ser humano volta ao espiritual, que se acha bem mais acima.

O ser humano consegue, em certo sentido, descer muitas vezes ao nível do animal, no entanto, sempre tem de permanecer ser humano, já que lhe é impossível esquivar-se à responsabilidade que seu germen possui em sua origem espiritual; o animal, porém, com sua origem apenas enteal, nunca pode se elevar à condição de ser humano. A diferença entre os corpos reside, no entanto, apenas na forma e no desenvolvimento mais nobre na criatura humana, provocado pelo *espírito*, depois que penetrou no corpo de matéria grosseira. ^{*(Dissertação}

Nº 7: A criação do ser humano)

50. A separação entre a humanidade e a ciência

Essa separação não precisava existir; pois a humanidade inteira tem pleno direito à ciência. Esta apenas procura tornar mais compreensível a dádiva de Deus, a Criação. A verdadeira actividade de cada ramo da ciência encontra-se na tentativa de perscrutar mais de perto as leis do Criador, a fim de que essas, pelo seu conhecimento mais apurado, possam ser utilizadas melhor para o bem e o proveito da humanidade.

Tudo isso não é nada mais do que um querer submeter-se à vontade divina.

Visto que a Criação e as leis da natureza ou de Deus, as quais a sustentam, são tão extremamente nítidas e simples em sua perfeição, devia ser dada, pela consequência lógica, também uma explicação singela e simples por aquele que realmente as tenha reconhecido.

Estabelece-se aqui, porém, uma diferença sensível que, por sua natureza doentia, abre um abismo cada vez mais largo entre a humanidade e os que se denominam discípulos da ciência, portanto, discípulos do saber ou da Verdade.

Estes não se expressam de modo tão simples e natural como corresponderia à Verdade, portanto, ao verdadeiro saber, sim, como a Verdade, aliás, requer como consequência natural.

Tem isso duas causas, na verdade três. Pelo esforço do estudo, segundo sua opinião, especial, eles esperam uma posição de destaque. Preferem não querer reconhecer que tal estudo constitui também apenas um empréstimo tomado junto à Criação pronta, semelhante ao que faz um simples camponês com a serena observação da natureza, para ele necessária, ou como outras pessoas o devem fazer em seus trabalhos práticos.

Além disso, enquanto um discípulo da ciência, em seu saber, não se aproximar realmente da Verdade, terá, pela natureza da coisa, sempre de se expressar sem clareza. Só quando tiver compreendido realmente a própria Verdade, tornar-se-á, também pela natureza da coisa, necessariamente simples e natural em suas descrições. Não é, pois, segredo algum que exactamente os que nada sabem, em suas fases transitórias para o saber, gostam de falar mais do que os próprios entendidos e terão aí de se servir sempre da falta de clareza, porque de outra maneira não são capazes, se ainda não tiverem diante de si a Verdade, isto é, o real saber.

Em terceiro lugar, existe realmente o perigo de que a maioria das criaturas humanas daria pouco apreço à ciência, se esta quisesse se mostrar com o manto natural da Verdade. Os seres humanos achariam-na então “natural demais” para poderem dar-lhe muito valor.

Não raciocinam que exactamente *isso* é o único certo, proporcionando inclusive o padrão para tudo quanto é legítimo e verdadeiro. Tão-só na evidência natural reside a garantia da Verdade.

Mas para tanto os seres humanos não podem ser convencidos tão facilmente, pois também não quiseram reconhecer em Jesus o Filho de Deus, porque ele lhes veio “demasiadamente simples”.

Os discípulos da ciência desde sempre conheciam esse perigo muito bem. Por isso fecharam-se, por prudência, cada vez mais à simplicidade natural da Verdade. A fim de dar mais prestígio a si mesmos e à sua ciência, criaram, em suas reflexões cismadoras, obstáculos cada vez mais difíceis.

O cientista, que foi se destacando da massa, desprezava finalmente expressar-se de modo simples e compreensível a todos. Muitas vezes apenas pelo motivo, por ele próprio mal conhecido, de que certamente não lhe restaria muito de destaque, se não formasse um modo de expressão que teria de ser aprendido especialmente em longos anos de estudo.

O facto de não se tornar compreensível a todos criou-lhe com o tempo uma primazia artificial, que foi conservada a qualquer preço pelos alunos e sucessores, porque senão, para muitos, o estudo de anos e os sacrifícios monetários a isso ligados realmente teriam sido em vão.

Chegou-se assim hoje a tal ponto que a muitos cientistas nem é mais possível se expressar perante pessoas simples de modo claro e compreensível, isto é, de maneira simples. *Tal* empenho, agora, exigiria decerto o *mais difícil estudo* e levaria mais tempo do que uma geração inteira. Antes de tudo, porém, produziria o resultado, para muitos desagradável, que então apenas sobressairiam ainda aquelas pessoas que com real *capacidade* teriam algo a dar à humanidade, estando com isso dispostas a servi-la.

Actualmente, a mistificação por incompreensibilidade é, para o público em geral, uma característica especialmente marcante do mundo dos cientistas, como semelhantemente já se tornou hábito em assuntos eclesiásticos, onde servidores de Deus nomeados terrenalmente como guias e condutores só falavam em latim a todos quantos buscavam devoção e elevação,

o que estes não entendiam e, portanto, também não podiam abranger nem assimilar, do que unicamente conseguiriam obter algum proveito. Os servidores de Deus, na ocasião, poderiam ter falado igualmente em siamês, com o mesmo insucesso.

O verdadeiro saber não deve precisar tornar-se incompreensível; pois encerra em si ao mesmo tempo a faculdade, sim, a necessidade de se expressar com palavras singelas. A Verdade é, sem exceção, para *todas* as criaturas humanas; pois estas se originam dela, porque a Verdade é viva no espírito-enteal, o ponto de partida do espírito humano. Isso permite concluir que a Verdade, em sua singeleza natural, também pode ser compreendida por todas as criaturas humanas. Tão logo, porém, ao ser transmitida, torne-se complicada e incompreensível, não permanece mais pura e verdadeira, ou então as descrições se perdem em coisas secundárias que não têm aquele sentido como o núcleo. Esse núcleo, o autêntico saber, tem de ser compreensível a todos. Algo artificialmente arquiectado, por sua distância da naturalidade, pode conter em si apenas pouca sabedoria. Quem não é capaz de transmitir o verdadeiro saber de modo simples e natural *não* o compreendeu, ou então procura involuntariamente encobrir algo, ou se apresenta como um boneco enfeitado e sem vida.

Quem na consequência lógica ainda deixar lacunas e exigir crença cega, reduz o Deus perfeito a um ídolo defeituoso e prova que ele próprio não está no caminho certo, não podendo, portanto, guiar com segurança. Isto seja uma advertência a cada perscrutador sincero!

51. Espírito

Usa-se tão frequentemente a expressão “espírito”, sem que aquele que sobre isso fale esteja consciente do que realmente seja espírito. Sem hesitar, um denomina de espírito a vida interior do ser humano, outro confunde alma e espírito, muitas vezes se fala também em seres humanos espirituosos, pensando aí em nada mais do que no simples trabalho cerebral. Fala-se de lampejos do espírito e de muitas outras coisas. Mas ninguém se põe uma vez a esclarecer direito o que é espírito. O mais elevado que até agora se compreendeu jaz na expressão: “Deus é espírito”! Disso, então, tudo é derivado. Tentou-se, através dessa afirmação, poder compreender também o próprio Deus, e nisso encontrar um esclarecimento sobre Ele.

Justamente isso, porém, teve de desviar novamente da realidade e, por isso, também acarretar erros; pois é *errado* dizer simplesmente: Deus é espírito.

Deus é *divino* e não espiritual! Nisso já consiste a explicação. Não se deve nunca designar de espírito o que é divino. Somente o que é espiritual é espírito. O erro de concepção de até agora é explicável pelo facto de o ser humano provir do espiritual, não conseguindo por isso pensar além do espiritual, sendo, por conseguinte, todo o espiritual o mais elevado para ele. É, pois, admissível que ele queira então ver o mais límpido e o mais perfeito disso como origem de toda a Criação, portanto, como Deus. Assim pode-se supor que essa conceituação errada não se originou apenas da necessidade de imaginar seu Deus segundo a própria espécie, se bem que perfeito em todos os sentidos, a fim de sentir-se mais intimamente ligado a Ele, mas a razão se encontra principalmente na incapacidade de compreender a verdadeira excelsitude de Deus.

Deus é divino, somente a *Sua vontade* é espírito. E dessa vontade viva originou-se o ambiente espiritual que Lhe está mais próximo, o Paraíso com seus habitantes. Porém, desse Paraíso, portanto, da *vontade divina tornada forma*, adveio a criatura humana como semente espiritual, a fim de prosseguir seu percurso pela Criação posterior, como um corpúsculo da vontade divina. O ser humano é, na verdade, portador da vontade divina, por conseguinte, portador *do espírito* em toda a Criação material. Por esse motivo, também em suas acções, encontra-se atado à pura vontade primordial de Deus, tendo de assumir toda a responsabilidade, se deixar que ela, devido a influências externas da matéria, fique coberta de impurezas e, sob certas circunstâncias, subterrada temporariamente de modo total.

Este é o tesouro ou o talento que em sua mão devia dar juro e juro sobre juro. Da falsa acepção de que o próprio Deus seja espírito, portanto, de idêntica espécie como a da origem

do próprio ser humano, decorre nitidamente que o ser humano jamais pôde fazer uma ideia exacta da divindade. Ele não deve apenas imaginar nisso o mais perfeito de si próprio, mas terá de ir muito além, até uma espécie que sempre lhe permanecerá incompreensível, porque para a compreensão dela jamais estará apto por sua própria espécie espiritual.

O espírito é, por conseguinte, a *vontade* de Deus, o elixir de vida de toda a Criação, que por ele precisa estar perpassada a fim de permanecer conservada. O ser humano é, em parte, o portador desse espírito que, ao tornar-se auto-consciente, deve contribuir para o *soerguimento* e o desenvolvimento contínuo de toda a Criação. Para isso é necessário, contudo, que aprenda a utilizar direito as forças da natureza e que as aproveite para o progresso coordenado.

52. Desenvolvimento da Criação

Já indiquei uma vez que as histórias escritas sobre a Criação não devem ser interpretadas em sentido terreno. Também a história da Criação na Bíblia não se refere à Terra. A criação da Terra foi meramente uma consequência natural que adveio da *primeira* Criação, efectuada pelo próprio Criador, em seu desenvolvimento contínuo. É quase incompreensível que pesquisadores das escrituras pudessem ter dado um salto tão grande, tão ilógico e lacunoso, com a suposição de que Deus, imediatamente após Sua perfeição, teria criado, sem transição, a Terra de matéria grosseira.

Não é preciso alterar-se a “Palavra” nas escrituras para nos aproximar da verdade dos fenómenos. Pelo contrário, a Palavra da história da Criação reproduz com muito maior clareza essa verdade do que todas as suposições lacunosas e erradas. Apenas as interpretações erróneas é que provocaram a incapacidade de compreensão de tantas criaturas humanas.

Estas intuem mui acertadamente o erro que com isso se comete, querendo colocar o Paraíso mencionado na Bíblia, incondicionalmente na Terra de matéria grosseira, tão afastada do divinal. Não é, afinal, tão desconhecido assim que a Bíblia é antes de tudo um livro *espiritual*. Ela dá esclarecimentos sobre fenómenos *espirituais*, onde seres humanos somente são mencionados lá, onde se encontram em ligação directa para a elucidação dessas coisas espirituais, para ilustrá-las.

Finalmente é compreensível também ao intelecto humano, por ser natural, se a descrição da Criação feita na Bíblia *não* se referir à Terra tão afastada do Criador. Dificilmente haverá alguém que tenha a ousadia de negar o facto de que essa Criação directa de Deus, designada como *primeira*, também só possa ser procurada em Sua proximidade imediata, já que saiu como *primeira* do próprio Criador e por isso *tem* de estar em ligação mais íntima com Ele. Ninguém, pensando serena e claramente, esperará que essa primeira e *verdadeira* Criação tenha se processado exactamente aqui na Terra, que mais se acha afastada do divinal, e que só se formou no curso progressivo da evolução.

De um Paraíso *na Terra*, portanto, não podia tratar-se. O que Deus criou pessoalmente, conforme está claramente expresso na história da Criação, permaneceu evidentemente também ligado *directamente* a Ele, devendo achar-se somente em Seu ambiente mais próximo. Da mesma forma, facilmente explicável e natural é a conclusão, que tudo quanto foi criado ou emanado em tão grande proximidade também conserve a maior semelhança com a

própria perfeição do Criador. E *este* é única e exclusivamente também o Paraíso, o Reino eterno de Deus!

Mas imaginar isso na Terra de matéria grosseira, deve criar cépticos. A ideia de uma “expulsão” do Paraíso *terreno*, onde os expulsos em todo caso devem permanecer sobre a mesma Terra, demonstra tanto de doentio, é tão visível e grosseiramente trasladada para o terrenal, que quase pode ser chamada de grotesca. Uma imagem morta que traz o cunho de um dogma forçadamente introduzido, com o qual nenhum ser humano sensato sabe o que fazer.

Quanto menos perfeito, tanto mais longinquamente afastado da perfeição. Também os seres espirituais criados da perfeição não podem ser os seres humanos da Terra, mas devem se encontrar na maior proximidade dessa perfeição e constituir, por isso, os modelos mais ideais para os seres humanos. São os espíritos eternos, que nunca vêm à materialidade, e que, portanto, também não se tornam seres humanos terrenos. São figuras ideais irradiantes, que actuam atraindo igual a ímans, mas também fortalecendo sobre todas as faculdades dos germens espirituais humanos e sobre os espíritos que mais tarde tornaram-se conscientes.

O Paraíso, que na Bíblia é mencionado como tal, *não* deve, por conseguinte, ser confundido com a Terra.

Para esclarecimento mais detalhado, torna-se necessário apresentar mais uma vez um quadro completo de tudo o que existe, a fim de tornar mais fácil à pessoa perscrutadora achar o caminho para o reino eterno de Deus, o Paraíso, de onde descende em suas origens espirituais.

O ser humano imagine o divinal como o que há de superior e mais elevado. O próprio Deus, como ponto de partida de todo o existente, como fonte primordial de toda a vida, é, em Sua perfeição absoluta, *inenteal*. Ele se envolve temporariamente, tomando forma, no manto da inentealidade divina então adjacente. Após o próprio Deus, em Sua inentealidade intrínseca, segue-se esse círculo do divino-*enteal*. Deste originam-se os primeiros seres que necessariamente tomaram forma. A esses pertencem em primeira linha os quatro arcanjos, em segunda e terceira linha um pequeno número de anciãos. Estes últimos não conseguem entrar no divino-inenteal, são, no entanto, de grande importância para o desenvolvimento contínuo rumo ao espírito-enteal, da mesma forma como mais tarde os seres enteais conscientes têm grande importância para o desenvolvimento da matéria. Lúcifer foi enviado do divino-enteal, a fim de ser um apoio directo à Criação no natural desenvolvimento contínuo desta.

O Filho de Deus, porém, veio do divino-inenteal, como uma parte que depois de sua missão de auxílio tem de retornar ao divino-inenteal, a fim de reunificar-se com o Pai. O Filho do Homem descende igualmente do divino-inenteal, directamente de Deus. Sua apartação tornou-se imperativa para permanecer separado devido à ligação com o espírito-enteal consciente e, no entanto, também por sua vez para estar directamente ligado com o divino-inenteal, a fim de que possa continuar eternamente como mediador entre Deus e Sua obra. Depois que Lúcifer, procedente do divino-enteal, falhou em sua actuação, teve de ser enviado em seu lugar um mais forte, que o algemassem e que auxiliasse a Criação. Por isso, o Filho do Homem, a isso destinado, descende do divino-inenteal.

Ao divino-enteal liga-se, a seguir, o *Paraíso*, o eterno Reino de Deus. Está em primeiro lugar, como o mais próximo, o *espírito-enteal consciente*, que consiste dos eternos seres espirituais criados, também chamados espíritos. Estes são as figuras ideais perfeitas para tudo aquilo a que os espíritos humanos, em seu mais perfeito desenvolvimento, podem e devem almejar. Eles atraem magneticamente para cima os que se esforçam por ascender. Essa ligação espontânea se faz sentir aos que procuram e se esforçam em ascender, como uma saudade muitas vezes inexplicável, que os faz sentir o impulso para procurar e se esforçar em ascender.

São os espíritos que jamais foram encarnados na materialidade e que o próprio Deus, fonte primordial de todo o ser e de toda a vida, criou como os primeiros seres puro espirituais, que, portanto, também se aproximam mais de Sua própria perfeição. São *elas*, igualmente, os que são realmente *segundo Sua imagem!* Não se deve omitir que na história da Criação está expressamente dito: segundo Sua *imagem*. Essa indicação também aqui não está sem significação; pois só segundo Sua *imagem* podem eles ser, não segundo Ele *próprio*, por conseguinte, apenas como Ele se *mostra*, porque o próprio puro divinal é, como único, *inenteal*.

Para se mostrar, conforme já mencionado, Deus tem de se cobrir antes com o divino-enteal. Mas também então não pode ser visto por espírito-enteais, mas apenas por divino-enteais, e isso também apenas por uma pequena parte; pois todo o puro divinal tem de ofuscar, em sua pureza e claridade perfeitas, o que não é divino. Mesmo os divino-enteais não conseguem contemplar o semblante de Deus! A diferença entre o divino-inenteal e o divino-enteal ainda é demasiadamente grande para isso.

Nesse Paraíso dos espírito-enteais conscientes vive simultaneamente também o *espírito-enteal inconsciente*. Ele contém as mesmas bases das quais se compõe o espírito-enteal consciente, isto é, os germens para isso. Nesses germens, porém, reside vida, e a vida em toda a Criação impulsiona para o desenvolvimento, segundo a vontade divina. Para o

desenvolvimento até a consciencialização. Esse é um processo totalmente natural e saudável. O tornar-se consciente, porém, só pode emergir do inconsciente através de experiências, e esse impulso para o desenvolvimento contínuo através da experiência acaba expelindo por fim naturalmente tais germens do espírito-enteal inconsciente, que assim vão amadurecendo ou pressionando, ou, como se queira dizer, expulsando-os para fora dos limites do espírito-enteal. Uma vez que esse expelir ou expulsar de um germen não pode se dar para cima, tem ele de tomar o caminho para baixo, que lhe é livre.

E essa é a expulsão natural do Paraíso, do espírito-enteal, necessária aos germens espirituais que se esforçam por tornarem-se conscientes!

Esta também é na realidade a expulsão do Paraíso, citada na Bíblia. De modo figurado é isso mui acertadamente transmitido, quando é dito: Com o suor de teu rosto deverás comer teu pão. Quer dizer, na dificuldade das experiências, com a necessidade que aí surge de defender-se e de lutar, frente às influências oriundas do ambiente inferior, no qual penetra como estranho.

Esse expelimento, exclusão ou expulsão do Paraíso não é de forma alguma um castigo, mas uma necessidade absoluta, natural e espontânea, ao manifestar-se uma determinada maturação em cada germen espiritual, pelo impulso para o desenvolvimento rumo à consciencialização. É o nascimento proveniente do espírito-enteal inconsciente para o enteal e depois para o material, com a finalidade de desenvolvimento. Por conseguinte, um *progresso*, não acaso um retrocesso!

É, também, uma descrição bem certa na história da Criação, quando nela é dito que o ser humano sentiu necessidade de “cobrir sua nudez”, depois que acordou nele a noção do bem e do mal, o lento iniciar da consciencialização.

Com o impulso cada vez mais forte para tornar-se consciente, ocorre naturalmente o expelimento ou expulsão da Criação primordial, do Paraíso, a fim de entrar na matéria, através do enteal. Assim que a semente espiritual sai da esfera do espírito-enteal, estaria como tal “nua” no ambiente mais inferior, de outra espécie e mais denso. Dito de outra forma, estaria “descoberta”. Com isso chega-se a ela não somente a necessidade, mas a absoluta exigência de cobrir-se de modo protector com a espécie enteal e material de seu ambiente, vestir uma espécie de manto, tomando o invólucro enteal, o corpo de matéria fina e então, por fim, também o corpo de matéria grosseira.

Apenas ao envolver-se com o manto de matéria grosseira ou corpo é que desperta então o instinto sexual absoluto e com isso também o pudor físico.

Quanto maior, portanto, é esse pudor, tanto *mais nobre* é o impulso e tanto mais elevado também se encontra o ser humano espiritual. A manifestação maior ou menor do pudor físico do ser humano terreno é a *medida directa de seu valor espiritual interior*! Essa medida é infalível e facilmente reconhecível a cada pessoa. Com o estrangulamento ou o afastamento do sentimento do pudor exterior, sempre é sufocado ao mesmo tempo também o sentimento do pudor anímico, muito mais subtil e de espécie totalmente diversa, e com isso é tornado sem valor o ser humano interior.

Um sinal infalível de queda profunda e de decadência certa é quando a humanidade começa, sob a mentira do progresso, a querer “erguer-se” acima da jóia do sentimento de pudor, tão favorecedora sob todos os aspectos! Seja isso, pois, sob o manto do desporto, da higiene, da moda, da educação infantil ou sob muitos outros pretextos para isso bem-vindos. A decadência e a queda, então, não podem ser impedidas, e apenas um susto da pior espécie poderá levar ainda alguns à reflexão, entre todos aqueles que se deixaram arrastar irreflectidamente para esse caminho.

Desde o instante do expelimento natural sucedem-se, com o peregrinar de tal gérmen espiritual através da entealidade e das materialidades da Criação posterior, não somente uma, mas sempre mais e mais necessidades urgentes de uma existência nesses planos inferiores da Criação para o seu desenvolvimento contínuo e elevação, que, por sua vez, actuam retroactivamente, de modo a fortalecer e firmar esse gérmen, não somente contribuindo para o desenvolvimento dele próprio, com vistas à consciencialização, mas, antes de mais nada, possibilitando isso.

É um colossal actuar e tecer, milhares de vezes entrelaçado, mas, apesar de toda a sua espontaneidade viva, engrena-se de modo tão obrigatoriamente lógico com seus efeitos recíprocos, que um único percurso de um tal gérmen espiritual até a sua conclusão se apresenta como parte de um tapete multicolorido, feito por hábil mão de artista, seja ascendente com a consciencialização, seja descendente com a decomposição que se segue para a protecção dos outros.

Na obra admirável da Criação encontram-se tantas leis actuando serena e seguramente, que seria possível escrever uma dissertação sobre cada um dos milhares de fenómenos na existência dos seres humanos, os quais, porém, sempre de novo retornariam para a única

grande característica fundamental: para a *perfeição do Criador como ponto de partida*, cuja *vontade é espírito* criador vivo. O Espírito Santo! *Todo o espiritual*, porém, é obra dele!

Como o ser humano descende dessa obra espírito-enteal, traz dentro de si uma partícula desse espírito, que sem dúvida contém em si a força da decisão livre, e com isso a responsabilidade, no entanto, não é idêntico ao próprio divinal, como muitas vezes é erroneamente suposto e explicado.

Todos os efeitos da vontade divina que actuam na Criação como leis naturais, auxiliando e beneficiando, têm que se formar então para os contempladores esclarecidos em um cântico de júbilo maravilhosamente harmónico. Em um único sentimento de alegria e gratidão, convergindo por milhões de canais para esse ponto de partida.

O processo de desenvolvimento que se repete eternamente na Criação, o qual acarreta a respectiva expulsão do gérmen espiritual para fora do Paraíso, num determinado estado de maturação, apresenta-se também visível aos olhos terrenos em todas as coisas do acontecimento na Terra, visto que por toda parte se encontra a cópia do mesmo acontecimento.

Pode-se denominar essa expulsão, que se desenvolve num processo evolutivo natural, também de fenómeno de desligamento espontâneo. Exactamente como uma maçã madura ou qualquer fruta madura cai da árvore para, segundo a vontade criadora, ao se decompor, libertar a semente, *que só então*, devido às influências externas que assim actuam directamente sobre ela, *rompe* o invólucro, a fim de tornar-se gérmen e delicada planta. Esta, por sua vez, só se torna resistente sob chuvas, tempestades e sol, podendo também somente assim se fortalecer e se tornar uma árvore. Com isso, a expulsão dos germens espirituais maduros do Paraíso é uma consequência necessária da evolução, assim como também a Criação enteal, material, e por fim terrena, em suas características básicas, é apenas uma sequência da Criação espírito-enteal, onde, sem dúvida, as características básicas da verdadeira Criação se repetem constantemente, mas sempre com a necessária diferença de que o efeito se apresenta diferentemente, de acordo com a espécie enteal e material. Também na matéria grosseira terrenal ocorre, ao percorrer tudo o que é espírito-enteal, novamente a expulsão da alma, tão logo chegue o tempo de maturidade para isso. É a morte terrena, que significa a expulsão espontânea ou o expelimento para fora da matéria grosseira e, com isso, o nascimento na matéria fina. Também nisso caem os frutos, como de uma árvore. Em tempo calmo, apenas os maduros, mas, durante vendavais e temporais, também os imaturos. Frutos maduros são aqueles cujo trespasse para o Além de matéria fina ocorre em hora certa, com

semente interior madura. Esses estão espiritualmente “prontos” para o Além, enraízam-se, portanto, de modo rápido e conseguem crescer com segurança.

Frutos imaturos, porém, são aqueles, cuja queda ou morte, com a conseqüente decomposição do corpo de matéria grosseira até então protector, põe a descoberto a semente *ainda imatura* no Além, expondo-a assim prematuramente a todas as influências, pelo que terá de fenecer ou será obrigada a um amadurecimento posterior, antes que possa enraizar (familiarizar-se) no solo do Além (contingências) e com isso poder desenvolver-se.

Assim prossegue sempre. De degrau de desenvolvimento a degrau de desenvolvimento, se, nesse meio tempo, não ocorrer apodrecimento, que destrói a semente ainda insuficientemente amadurecida, a qual assim se perde como tal, com ela naturalmente também o vivo crescimento, nela latente, para uma árvore frutífera independente, que, cooperando, pode continuar o desenvolvimento.

A pessoa, que olhar com atenção ao seu redor, poderá muitas vezes observar exactamente a imagem básica de todos os fenómenos da Criação em seu ambiente mais próximo, já que nas coisas menores sempre também se reflectem as maiores. — — —

Seguindo agora para baixo, encontra-se, como o mais próximo desse Paraíso espírito-enteal, o reino de todo o enteal. O próprio enteal divide-se, por sua vez, em duas partes. Em primeiro lugar está o *enteal consciente*. Este se compõe dos seres elementares e da natureza, aos quais também pertencem os elfos, gnomos, ondinas, etc. Esses seres elementares e da natureza foram o preparo indispensável para o desenvolvimento contínuo no caminho para a criação da materialidade; pois somente em ligação com o enteal pôde surgir o material.

Os seres elementares e da natureza tiveram de cooperar trabalhando na materialidade em formação, conforme ainda hoje acontece.

Em segundo lugar, no reino do enteal, está o *enteal inconsciente*. Desse enteal inconsciente advém a vida da alma animal. *(Dissertação Nº 49: A diferença na origem entre o ser humano e o animal) Aqui se deve prestar atenção para a diferença entre o reino do espírito-enteal e o reino enteal. Somente tudo quanto é *espiritual* traz em si desde os primórdios a força da livre deliberação que, como consequência, acarreta também a responsabilidade. Isso não acontece com o enteal que se encontra mais abaixo.

Outra consequência da evolução foi então o surgimento da materialidade. Esta se subdivide em *matéria fina*, que consiste de muitas subdivisões, e em *matéria grosseira*, que,

começando com a mais ténue névoa, torna-se visível aos olhos terrenos! Mas em um Paraíso na Terra, como ramificação extrema da matéria grosseira, não se pode pensar. *Deve* um dia surgir na Terra um *reflexo* do verdadeiro Paraíso, sob a mão do Filho do Homem, no início do Reino do Milénio, como também surgirá com isso, ao mesmo tempo, uma cópia terrena do Castelo do Graal, cujo original se encontra na parte mais excelsa do verdadeiro Paraíso, como o único verdadeiro Templo de Deus até agora.

53. Eu sou o Senhor, teu Deus!

Onde estão os seres humanos que realmente colocam em prática este mais alto de todos os mandamentos? Onde está o sacerdote que o ensina de modo puro e verdadeiro?

“Eu sou o Senhor, teu Deus, tu não deverás ter outros deuses a Meu lado!” Essas palavras são dadas de modo tão claro, tão *absoluto*, que nem deveria ser possível um desvio! Também Cristo apontou reiteradamente para isso, com grande clareza e severidade. Tanto mais lastimável é, pois, que milhões de pessoas passem por isso desatentamente, aderindo a cultos que se acham em brusca oposição a esse mais alto de todos os mandamentos. O pior em tudo isso é que desrespeitam esse mandamento de seu Deus e Senhor com crédulo fervor, na ilusão de honrar a Deus e de Lhe ser agradável nessa manifesta violação de Seu mandamento!

Este grande erro só pode persistir dentro de uma crença *cega*, onde qualquer exame é excluído; pois crença cega nada mais é do que falta de reflexão e preguiça espiritual de tais pessoas, que, tal como os preguiçosos e dorminhocos, procuram evitar, o quanto possível, o despertar e o levantar, pois acarreta obrigações, cujo cumprimento temem. Qualquer esforço lhes parece um horror. É, pois, muito mais cómodo deixar outros trabalharem e pensarem em seu lugar.

Todavia, quem deixa que os outros pensem em seu lugar dá-lhes poder sobre si, rebaixa-se ele próprio a criado e torna-se assim dependente. Deus, no entanto, deu ao ser humano uma força de livre resolução, deu-lhe a faculdade de raciocinar, de intuir e, para tanto, terá de receber, evidentemente, como prestação de contas, tudo aquilo que essa faculdade de livre resolução acarreta! Com isso, Ele queria criaturas humanas *livres*, não criados!

É triste quando um ser humano, por preguiça, torna-se *terrenalmente* escravo, mas terríveis são as consequências quando ele *espiritualmente* se desvaloriza de tal maneira, que se torna um adepto bronco de doutrinas que contradizem os mandamentos precisos de seu Deus. Nada lhes adianta se procurarem abafar as dúvidas, que aqui e acolá despertam, com a desculpa de que, enfim, terão de arcar com a maior responsabilidade aquelas pessoas que introduziram enganos nas doutrinas. Isso em si já está certo, mas, além disso, cada um, individualmente, ainda é especialmente responsável por tudo aquilo, que ele próprio pensa e faz. Integralmente, nada disso lhe pode ser perdoado.

Aquele que não põe em prática as faculdades do intuir e do raciocinar a ele presenteadas, em toda amplitude que lhe é possível, torna-se culpado!

Não é pecado, mas dever, que cada um, com o despertar da maturidade, quando assume plena responsabilidade por si mesmo, também comece a reflectir sobre aquilo que até aí lhe foi ensinado. Não podendo colocar suas intuições em consonância com alguma coisa disso, então também não deve aceitá-lo cegamente como certo. Com isso apenas se prejudica a si próprio, como em uma compra malfeita. O que não lhe é possível manter por convicção, deve deixar; pois do contrário seu pensar e seu actuar tornam-se hipocrisia.

Aquele que omite isto ou aquilo de realmente bom, porque não pode compreendê-lo, de longe ainda não é tão abjeto como aqueles que, sem convicção, aderem a um culto que não compreendem totalmente. Todo o actuar e pensar proveniente de tal incompreensão é vazio, e de tal vacuidade não pode resultar, por si só, nenhum efeito recíproco bom, porque na vacuidade não se encontra nenhuma base *viva* para algo de bom. Assim torna-se uma hipocrisia, que equivale a uma blasfémia, porque com isso procura-se enganar a Deus com algo que não existe. Ausência de intuições vivas! Isso torna aquele que age dessa maneira desprezível, um expulso!

Os milhões de seres humanos, pois, que impensadamente dão apreço a coisas que contrariam manifestamente os mandamentos divinos, não obstante algum eventual fervor, encontram-se incondicionalmente manietados e totalmente excluídos de uma escalada espiritual.

Somente a convicção livre é viva, e, por conseguinte, pode também criar algo vivo! Uma tal convicção, porém, só pode despertar mediante análise rigorosa e profundo intuir. Onde houver a menor incompreensão, sem se falar em dúvida, nunca pode surgir convicção.

Somente o compreender pleno e sem lacunas equivale à convicção, a qual unicamente possui valor espiritual!

Francamente é doloroso presenciar, quando nas igrejas as multidões se benzem, curvam-se e ajoelham-se irreflectidamente. Tais robôs não devem ser contados entre as pessoas que raciocinam. O sinal da cruz é o signo da Verdade, e com isso um signo de Deus! Carrega-se de culpa aquele, que se utiliza desse signo da Verdade, enquanto ao mesmo tempo o seu íntimo, no momento da prática, não é verdadeiro em todos os sentidos, se todas suas intuições não estão totalmente sintonizadas com a absoluta Verdade. Para tais pessoas seria cem vezes melhor que deixassem este acto de se benzer, reservando-a para momentos em que tenham toda sua alma sintonizada com a Verdade, portanto, com isso também com o próprio Deus e Sua vontade; pois Deus, seu Senhor, é a Verdade.

Porém, é *idolatria e transgressão aberta do mais sagrado de todos os mandamentos de seu Deus*, quando prestam honras a um *símbolo*, as quais cabem somente a Deus!

“Eu sou o Senhor, teu Deus, tu não deverás ter outros deuses a Meu lado!”, está dito expressamente. Conciso, nítido e claro, sem permitir sequer o mínimo desvio. Também Cristo apontou de forma bem especial para essa observância necessária. Propositalmente e de maneira significativa denominou-a, justamente perante os fariseus, de lei *suprema*, isto é, aquela lei que em circunstância alguma deve ser quebrada ou de alguma forma alterada. Essa designação diz, ao mesmo tempo, que todas as outras coisas boas e todas as outras crenças não podem ganhar valor total, se essa lei *suprema* não for cumprida de modo integral! Que *tudo* até depende disso!

Contemplemos então, por exemplo, totalmente livres de preconceitos, a veneração da custódia! Encontra-se nisso, em muitas pessoas, uma contradição ao mandamento claro e supremo.

Espera o ser humano que seu Deus desça para essa hóstia transmutável, como explicação para o facto de que ele presta a ela honrarias divinas? Ou que Deus, com a consagração de tal hóstia, seja forçado a descer? Uma coisa é tão inimaginável quanto a outra. Tampouco, porém, pode ser criada uma ligação directa com Deus mediante uma tal consagração; pois o caminho para lá não é tão simples nem tão fácil. Por seres humanos e por espíritos humanos ele, aliás, nem pode ser percorrido até o fim.

Se, pois, uma pessoa se prostra diante de uma figura esculpida em madeira, uma outra diante do Sol e uma terceira diante da custódia, então cada uma peca contra a suprema lei de Deus, *desde que veja nisso algo divino*, portanto, o próprio Deus vivo e, por isso, espere disso imediata graça e bênção divinas! Em tal errada pressuposição, esperança e intuição encontrar-se-ia a *verdadeira* transgressão, idolatria aberta!

E tal idolatria é praticada muitas vezes com fervor pelos adeptos de muitas religiões, mesmo que de maneiras diversas.

Cada pessoa que exercita seu dever de raciocinar sincero, oriundo de suas faculdades, *terá* de aí ficar em dúvida, a qual só conseguirá abafar temporariamente e de modo forçado mediante o erro de uma crença cega, assim como um vadio negligencia seus deveres quotidianos pelo sono da indolência. A pessoa sincera, porém, intuirá impreterivelmente que *terá* de procurar em primeiro lugar *clareza* em tudo quanto se lhe deva tornar sagrado!

Quantas vezes Cristo explicou que os seres humanos deviam *viver conforme* seus ensinamentos, a fim de auferir lucro disso, quer dizer, portanto, a fim de poder chegar à escalada espiritual e à vida eterna. Na expressão “vida eterna” já se patenteia a *vivacidade* espiritual, mas não a indolência espiritual. Com a indicação para o *viver conforme* seus ensinamentos, ele advertiu, expressa e nitidamente, a respeito de uma aceitação bronca desses ensinamentos, por ser errado e inútil.

Um vivenciar, naturalmente, pode se dar sempre apenas através da convicção, jamais de modo diferente. Convicção, no entanto, condiciona plena compreensão. Compreensão, por sua vez, um reflectir intenso e um examinar próprio. Deve-se avaliar os ensinamentos com as próprias intuições. Disso se depreende, por si só, que uma crença cega é totalmente errada. Tudo quanto é errado, porém, facilmente pode levar à ruína, à decadência, jamais, contudo, à escalada. Escalada equivale à libertação de toda pressão. Enquanto existir ainda algures uma pressão, não se pode falar de uma libertação ou redenção. O incompreendido, porém, é uma pressão que não se desfará antes que o lugar da pressão ou lacuna seja afastado pela compreensão plena.

Crença cega equivale sempre à incompreensão, portanto, jamais poderá ser convicção e, conseqüentemente, não pode trazer nenhuma libertação, nenhuma redenção! Pessoas que se restringiram na crença cega não podem ser vivas espiritualmente. Igualam-se aos mortos e não têm nenhum valor.

Se uma pessoa começa a raciocinar direito, a acompanhar serena e atentamente todos os acontecimentos, coordenando-os de modo lógico, então chegará por si mesma à convicção de que Deus, em Sua pureza perfeita e de acordo com Sua própria vontade criadora, *não pode chegar à Terra!*

A absoluta pureza e perfeição, portanto, justamente o divinal, exclui uma descida à matéria. A diferença é grande demais para que, aliás, seja possível uma ligação directa, sem que se leve exactamente em conta as necessárias transições, que condicionam as espécies enteais e materiais, que se encontram no meio. O levar em conta dessas transições, no entanto, apenas pode se efectivar pela encarnação, como se deu com o Filho de Deus!

Mas como este agora “retornou ao Pai”, portanto, de volta à sua origem, assim também ele se encontra outra vez no divinal, estando por isso de idêntico modo separado do terrenal.

Uma excepção nisso significaria uma torção da divina vontade criadora e isso, por sua vez, manifestaria uma falta de perfeição.

Como, porém, a perfeição é inseparável da divindade, não resta nenhuma outra possibilidade a não ser que também Sua vontade criadora seja perfeita, o que tem de ser considerado equivalente a imutável. Se os seres humanos fossem igualmente perfeitos, cada um devia e podia, pela natureza da coisa, andar sempre exactamente no mesmo caminho do outro.

Somente imperfeição pode permitir diversidades!

Exactamente em cumprimento às perfeitas leis divinas é que é tirada ao Filho de Deus, depois do “retorno ao Pai”, bem como a Este mesmo, a possibilidade de estar pessoalmente na materialidade, portanto, de descer à Terra. Não sem encarnação, de acordo com as leis da Criação!

Por essas razões, toda adoração divina de qualquer objecto *material* na Terra tem de equivaler à transgressão da lei suprema de Deus; porque unicamente ao Deus vivo podem ser prestadas honras divinas, e Este não pode estar presente na Terra, justamente devido à Sua divindade.

Por sua vez, porém, o corpo de matéria grosseira do Filho de Deus, devido à perfeição de Deus em Sua vontade criadora, tinha de ser igualmente *puramente terreno*, não devendo, por isso, ser denominado ou considerado como divino. *(Dissertação N° 58: Ressurreição do corpo terreno de Cristo)

Tudo o que está em contradição a isso demonstra logicamente dúvidas na absoluta *perfeição de Deus*, e deve, por conseguinte, ser também errado! Isso é incontestavelmente uma medida infalível para a verdadeira fé em Deus.

Algo diferente é com o puro simbolismo. Cada símbolo cumpre sua finalidade boa de modo estimulante, enquanto for seriamente considerado como *tal*; pois sua contemplação ajuda muitas pessoas a uma meditação maior e mais concentrada. Para muitos será mais fácil, ao contemplar os símbolos de sua religião, dirigir seus pensamentos para o Criador sem turvação, não importando com qual nome Ele lhes é compreensível. Seria, portanto, errado duvidar do elevado valor das práticas religiosas e do simbolismo, é indispensável, tão-só, que aí nada chegue ao ponto de adoração e veneração de *objectos materiais*.

Uma vez que o próprio Deus não pode chegar à Terra, à matéria grosseira, cabe unicamente ao espírito humano subir o caminho até o espírito-enteal, do qual se origina. E a fim de *mostrar esse caminho*, desceu algo do divino mediante encarnação, porque somente no divinal encontra-se a força primordial, da qual pode fluir a Palavra Viva. Mas o ser humano

não deve supor que algo de divino permaneceu na Terra, a fim de que cada pessoa, tão logo lhe surja o desejo, possa imediatamente ser absolvida de modo bem especial. Para a obtenção da absolvição *encontram-se as leis férreas de Deus* na Criação, e somente o incondicional cumprimento das mesmas pode trazer absolvição! Oriente-se segundo elas, quem quiser chegar às alturas luminosas!

Ninguém deve comparar o Deus perfeito com um soberano terreno, que em seu critério imperfeito e humano pode efectuar actos arbitrários de amnistia, através de sentenças proferidas pelos seus juizes de igual espécie. *Algo assim não é possível na perfeição do Criador e de Sua vontade, una com Ele!*

O espírito humano precisa finalmente se acostumar ao pensamento de que *ele mesmo* tem de se movimentar e de modo bem enérgico, a fim de obter absolvição e perdão, e nisso finalmente cumprir seu dever que indolentemente negligenciou. Ele deve animar-se e trabalhar em si próprio, se não quiser cair nas trevas dos condenados! Dever confiar no seu Salvador significa confiar nas palavras dele. Tornar vivo pela acção o que ele disse! *Nada de diferente consegue ajudar!* De nada lhe adianta a crença vazia. Crer nele não significa outra coisa senão dar-lhe crédito. Irremediavelmente perdido está todo aquele que não trabalha diligentemente para alçar-se por aquela corda que lhe foi colocada na mão pela Palavra do Filho de Deus!

Se a criatura humana quiser realmente ter seu Salvador, tem de finalmente recuperar ânimo para a vivacidade e actividade espiritual, as quais não visam exclusivamente vantagens e prazeres terrenos, e tem de se esforçar para cima, ao encontro dele. Não pode arrogantemente esperar que este baixe até ela. A Palavra oferece-lhe o caminho para lá. Deus não corre atrás da humanidade, mendigando, quando ela forma uma imagem errada Dele, afastando-se por isso e seguindo caminhos errados. Tão cómodo não é. Mas como tão absurda concepção alojou-se em muitas pessoas, devido à compreensão errónea, a humanidade, antes de tudo, terá de aprender novamente a *temer* seu Deus, ao reconhecer na reciprocidade inevitável de uma crença cómoda ou morta que a vontade Dele se encontra firme na perfeição e não se deixa torcer. Quem não se adaptar às leis divinas será ferido ou mesmo triturado, conforme terá de suceder por fim aos que se entregam a tais idolatrias, prestando honras divinas ao que não é divino! O ser humano tem de chegar ao reconhecimento: *o Salvador o aguarda, mas não o busca!*

A crença, ou, mais acertadamente dito, a ilusão, que a maior parte da humanidade traz hoje em si, *tinha de falhar*, conduzindo até mesmo à miséria e à ruína, *por ser morta*, e não conter em si verdadeira vida!

Assim como Cristo, outrora, purificou o templo dos vendedores ambulantes, *do mesmo modo*, antes de tudo, os seres humanos devem ser fustigados, a fim de saírem de toda a indolência de seu pensar e intuir em relação ao seu Deus! Continue, pois, dormindo sossegadamente, quem outra coisa não quiser, e recoste-se comodamente no almofadão macio da auto-ilusão de que seja acertado pensar bem pouco e de que cismar finalmente seja pecado. Horroroso será o seu despertar que se encontra mais próximo dele do que presume. De acordo com a sua preguiça ser-lhe-á então medido o quinhão!

Como pode uma pessoa que crê em Deus, que reflectiu sobre Sua essência e Sua grandeza, que sabe, acima de tudo, como a vontade perfeita de Deus se encontra na Criação na forma de leis da natureza actuantes, esperar que Lhe possam ser perdoados os seus pecados mediante qualquer penitência, imposta de modo absolutamente contrário a essas leis divinas de imprescindível reciprocidade. Mesmo ao Criador isso não seria possível; porque as leis da Criação e da evolução emanadas de Sua *perfeição* trazem em seus efeitos, por si só e actuando de modo totalmente natural, recompensa ou castigo pelo amadurecer e colher de boa ou má sementeira do espírito humano, com inamovível justiça.

Seja o que for que Deus queira, cada um de Seus novos actos de vontade tem de conter em si, sempre de novo, a perfeição, não pode, portanto, apresentar o mínimo desvio com relação aos actos de vontade anteriores, pelo contrário, deve estar em conformidade com estes em todos os sentidos. Tudo, mas tudo mesmo, tem de seguir, sempre de novo, os mesmos caminhos, devido à perfeição de Deus. Um perdão diferente daquele obtido pelo cumprimento das leis divinas, que residem na Criação e pelas quais cada espírito humano terá de passar obrigatoriamente no seu percurso, se quiser chegar ao Reino de Deus, é, pois, coisa impossível, portanto, também qualquer perdão directo.

Como pode uma pessoa, raciocinando um pouco, esperar quaisquer variações? Seria, sim, uma diminuição expressa de seu Deus perfeito! Quando Cristo, em sua existência terrena, disse a este ou àquele: “Teus pecados te estão perdoados”, isso estava absolutamente certo; pois no rogar sincero e na fé firme encontra-se a garantia de que a respectiva pessoa passaria a viver no futuro de acordo com os ensinamentos de Cristo, e dessa forma *teria* de encontrar o perdão dos pecados, porque se colocaria assim de acordo com as leis divinas da Criação, não procedendo mais contra as mesmas.

Quando, pois, uma pessoa impõe penitência a outrem, segundo critério próprio, a fim de então declarar seus pecados como saldados, está iludindo dessa forma a si e aos que dela solicitam auxílio, não importando se consciente ou inconscientemente, e coloca-se, sem escrúpulos, muito acima da própria divindade!

Se os seres humanos, pois, finalmente quisessem considerar seu Deus *de modo mais natural!* Ele, cujos actos de vontade criaram a natureza viva. Dessa maneira, porém, em sua crença cega e ilusória, fazem Dele somente uma imagem ilusória, Dele, que é tudo, menos isso. Justamente na perfeição natural ou naturalidade perfeita, como fonte primordial de todo o existir, como ponto de partida de tudo quanto é vivo, a magnitude de Deus é tão colossal e inconcebível para um espírito humano. Mas nos ensinamentos de muitas doutrinas encontram-se frequentemente torções e complicações forçadas, pelo que qualquer fé pura é desnecessariamente dificultada ao ser humano e às vezes se torna de todo impossível, porque nisso tem de faltar-lhe qualquer naturalidade. E quantas contradições inacreditáveis estão contidas em várias doutrinas!

Trazem, por exemplo, frequentemente, como pensamento fundamental, a onisciência e perfeição da vontade e da Palavra de Deus dela originada! Nisso, porém, naturalmente, deve se encontrar também uma *imutabilidade* indesviável, nem sequer por um fio de cabelo, porque perfeição não é de se imaginar diferentemente. No entanto, as actuações de muitos representantes de religiões demonstram *dúvidas* a respeito da própria doutrina, visto encontrarem-se em directa contradição com a mesma, negando suas bases fundamentais evidentemente pelos actos! Confissões auriculares com subsequentes penitências, por exemplo, o comércio de indulgências por dinheiro ou orações que devem resultar em imediato perdão de pecados, e outros costumes similares a estes, constituem, pois, analisando-se serenamente, uma negação da vontade de Deus, que repousa nas leis da Criação. Quem não dirige os pensamentos, de modo saltitante, para coisas flutuantes inconsistentes, outra coisa não encontrará nisso senão uma absoluta diminuição da perfeição de Deus.

É totalmente natural que a errónea pressuposição humana de poder oferecer perdão aos pecados, e outras investidas semelhantes contra a perfeição da vontade divina, tinha de levar a grosseiros excessos. Quanto tempo perdurará ainda a tolice de supor que se possa fazer negócios tão sujos com o Deus justo e Sua imutável vontade!

Se Jesus, como Filho de Deus, disse outrora aos seus discípulos: “*A quem perdoardes os pecados, àqueles eles serão perdoados*”, então isso não se referia a um direito de actuação geral e arbitrária.

Isso até teria sido equivalente a um desmantelamento da vontade divina na inamovível força dos efeitos recíprocos, que, actuando vivamente, encerram em si recompensa e castigo com justiça incorruptível, isto é, divina e, portanto, perfeita. Uma interrupção consentida.

Isso Jesus jamais poderia e nem teria feito, ele que veio para “cumprir” as leis, não para derrubá-las!

Com essas palavras referia-se ele ao facto inerente à vontade do Criador e de acordo com as leis de que uma pessoa pode perdoar a outra pessoa *aquilo* que *de mal lhe* foi feito *por esta pessoalmente!* Ela, como sendo a atingida, tem o direito e o poder de perdoar aquilo; porque com o perdão sincero será quebrada, desde já, a ponta do carma que, do contrário, infalivelmente teria se formado para a outra na reciprocidade, tirando-lhe desde logo a força, sendo que nesse processo vivo encontra-se também, simultaneamente, real perdão.

Isso, contudo, também *só* pode partir da própria pessoa atingida em relação ao causador ou autor, não de outra forma. Por isso reside tanta bênção e libertação no perdão pessoal, desde que este seja intencionado e intuído de modo sincero.

Uma pessoa não directamente participante fica excluída dos fios da reciprocidade, pela natureza da coisa, e também não pode interferir de modo vivo, isto é, eficiente, por não estar ligada. Apenas *intercessão* lhe é possível em tais casos, cujo efeito, no entanto, permanece dependente do estado anímico das pessoas directamente envolvidas nos respectivos casos. Ela própria terá de permanecer de fora, também não pode, por isso, proporcionar perdão. *Isso repousa exclusivamente na vontade de Deus*, que se manifesta nas leis de justas reciprocidades, contra as quais Ele próprio jamais agiria, porque, provenientes de Sua vontade, são perfeitas desde o início.

Reside na justiça de Deus que, seja o que for que aconteça ou tenha acontecido, *só o prejudicado pode perdoar*, na Terra ou mais tarde no mundo de matéria fina, senão o ímpeto da reciprocidade terá de atingir o causador, com cuja efectivação a culpa terá sido, então, de facto liquidada. Mas essa efectivação proporcionará, simultaneamente, o perdão do atingido, de alguma maneira, que está entrelaçada na efectivação, ou o atingido com esta. Não é possível de outra forma, uma vez que os fios de ligação permanecem insolúveis até aí. Isso não é vantagem apenas para o causador, mas também para o atingido, visto que este, sem a concessão do perdão, tampouco poderia chegar-se de todo à Luz. A inflexibilidade teria de impedi-lo disso.

Assim, ser humano algum consegue perdoar pecados alheios, pelos quais não seja ele, pessoalmente, o atingido. A lei da reciprocidade ficaria sem ser influenciada por tudo aquilo que não esteja entrelaçado nisso por um fio vivo, o qual somente pode ser gerado por aquele que é directamente atingido. Unicamente a correcção é o caminho vivo para o perdão! ^{*(Dissertação N° 6: Destino)}

“Eu sou o Senhor, teu Deus, tu não deverás ter outros deuses a Meu lado!” devia permanecer marcado como que com letras de fogo no espírito de cada ser humano, como protecção natural contra toda e qualquer idolatria!

Quem realmente reconhece Deus em Sua sublimidade deve intuir como blasfémia todas as actuações divergentes.

Uma pessoa pode e deve visitar um sacerdote, a fim de buscar *ensinamentos*, contanto que este esteja deveras apto a dá-los a ela. Se, porém, alguém exigir diminuir a perfeição de Deus por meio de qualquer acção ou modo erróneo de pensar, então ela deve afastar-se dele; pois um *servo* de Deus não é simultaneamente um *plenipotenciário* de Deus, que pudesse ter o direito de, em Seu nome, exigir e conceder.

Também nisso existe um esclarecimento bem natural e simples que, sem rodeios, indica o caminho certo.

Um plenipotenciário de Deus, pela natureza da coisa, nem pode ser um ser humano, a menos que tenha vindo directamente do divinal, portanto, que traga em si próprio algo divino! Unicamente nisso pode haver pleno poder.

Como, porém, o ser humano não é divino, então também é impossível que possa ser um plenipotenciário ou representante de Deus. O poder de Deus não pode ser transferido a ser humano nenhum, *porque o poder divino reside exclusivamente no próprio divinal!*

Esse facto lógico, em sua simplicidade absoluta e também de modo natural, exclui totalmente qualquer *escolha humana* de um substituto terreno de Deus, ou a *proclamação de um Cristo*. Qualquer tentativa nesse sentido terá de receber impresso o cunho da impossibilidade.

Por conseguinte, em tais assuntos, nem pode entrar em consideração uma escolha ou aclamação por criaturas humanas, mas apenas um *envio directo* do próprio Deus!

As opiniões humanas a esse respeito não são decisivas. Estas, pelo contrário, conforme *todo* o acontecido até agora, estiveram *sempre longe da realidade*, não se harmonizando com a vontade de Deus. Para os que pensam é inconcebível, com que aumento doentio os seres humanos procuram sempre de novo ultrapassar seu real valor. Eles que, em sua mais elevada perfeição espiritual, apenas conseguem alcançar o degrau *mais baixo* do consciente no eterno espírito-enteal! No entanto, justamente hoje, um grande número de seres humanos terrenos,

em suas intuições, pensamentos e esforços, nem sequer se diferencia muito dos animais desenvolvidos ao máximo, a não ser por um grande intelecto.

Tal qual insectos, esvoaçam e formigam em confusão, como se valesse, em fervorosa lufa-lufa e correria, alcançar o alvo máximo. Tão logo, porém, seus alvos forem examinados mais de perto e com maior atenção, mostra-se logo o vazio e a nulidade desse febril esforço, que realmente não é digno de tal dedicação. E do caos dessa balbúrdia eleva-se a presunção desvairada de poderem escolher, reconhecer ou recusar um enviado de Deus. Nisso haveria uma avaliação daquilo que eles jamais seriam capazes de compreender, se Aquele, que se acha mais acima, não se inclinar para eles, tornando-se-lhes compreensível. Faz-se alarde agora por toda parte da ciência, do intelecto e da lógica, e aceita-se nisso as mais grosseiras contradições, que se encontram em tantas correntes contemporâneas.

Para milhares não adianta desperdiçar palavras a esse respeito. Acham-se de tal maneira convictos de seu saber, que acabaram perdendo toda a capacidade para raciocinar sobre algo com singeleza e de modo simples. Destinam-se somente àqueles que ainda conseguiram conservar suficiente naturalidade para desenvolver uma sadia capacidade de discernimento própria, tão logo lhes seja dada a linha direccional para tanto. Àqueles que não se juntam cegamente uma vez a esta, outra vez àquela corrente da moda, para em seguida e de idêntica maneira abandoná-la rapidamente perante a primeira dúvida manifestada por ignorantes.

Não é preciso muito para, numa reflexão serena, chegar ao reconhecimento de que de uma espécie não pode se originar uma outra, a qual não tem nada em comum com a primeira. Para se verificar isso, bastam os conhecimentos mais elementares das ciências naturais. Uma vez, porém, que as ramificações das leis da natureza no mundo de matéria grosseira promanam da fonte primordial viva de Deus, claro se torna que elas devam ser encontradas com idêntica e inabalável lógica e inflexibilidade também no caminho posterior em direcção a Ele, até mais puras e mais claras ainda, quanto mais próximas se encontrarem do ponto de partida.

Tampouco o espírito humano pode ser transplantado para um animal na Terra, para que, com isso, um animal vivo deva se tornar um ser humano, tampouco pode algo divino ser implantado em um ser humano. Jamais poderá desenvolver-se algo diferente do que aquilo que a *origem* trouxe consigo. A origem até permite, no desenvolvimento, diferentes tipos e formas de composição, como se pode conseguir por meio de enxerto de árvores ou por cruzamento nas procriações, mas mesmo os resultados mais extraordinários terão de permanecer dentro das matérias básicas constituídas pela origem.

Uma mistura entre ser humano e animal pode se manter apenas dentro dos limites dos corpos *grosso-materiais*, por estes terem a sua origem na mesma materialidade. Não pode ser estabelecida uma ponte entre a origem interior do ser humano e a do animal. *(Dissertação Nº 49: A diferença na origem entre o ser humano e o animal)

É impossível introduzir ou tirar algo que esteja *acima* da própria origem, o que nela, portanto, não estava contido, como ocorre com a diferença entre a origem *espiritual* do ser humano e a do divinal. *(Dissertação Nº 51: Espírito)

Cristo, como Filho de Deus, veio do divino-inenteal; ele trazia o divinal em si da sua origem. Ter-lhe-ia sido impossível, porém, transferir esse divinal vivo a um outro ser humano, que apenas pode proceder do espírito-enteal. Consequentemente, também não podia *dar plenos poderes* a ninguém para acções que competem unicamente ao divinal, como por exemplo o perdão dos pecados. Este *apenas* pode ocorrer como consequência dos efeitos recíprocos que se equilibram exactamente nos fundamentos da vontade *divina* que se encontra na Criação, na qual a justiça imutável do Criador vive por si na perfeição, inapreensível ao espírito humano.

Uma procuração de plenos poderes do Filho de Deus perante os seres humanos podia referir-se, portanto, apenas àquelas coisas que, de acordo com a origem do espírito humano, fossem humanas, jamais ao divinal!

Evidentemente, também a origem do ser humano pode, enfim, ser reconduzida de modo lógico até Deus, mas ela *não está no próprio Deus*, mas sim *fora* do divinal, por isso o ser humano descende apenas *indirectamente* de Deus. *Nisso está a grande diferença.*

Plenos poderes, como, por exemplo, os que competem ao cargo de um administrador, poderiam existir *apenas, por si*, na mesma origem *imediata*. Isso pode ser facilmente compreensível a cada um, porque um plenipotenciário deve possuir todas as capacidades do outorgante desses poderes, a fim de poder actuar no lugar dele em uma actividade ou em um cargo. Um plenipotenciário, portanto, devia vir directamente do divino-inenteal, como o foi Cristo.

Se, apesar disso, uma pessoa empreender isso, mesmo que de boa fé, resulta, novamente, pela natureza da coisa, que sua destinação não pode ter nenhum valor de grande alcance e nenhuma vida, a não ser *puramente terrenal*. Aqueles, porém, que vêem nela mais do que isso incorrem em um erro, que só depois do falecimento tornar-se-lhes-á claro como tal e que os

faz perder todo o seu tempo terreno para uma ascensão. Ovelhas perdidas, que seguem um falso pastor.

Como esta lei suprema: “Eu sou o Senhor, teu Deus, tu não deves ter outros deuses a Meu lado”, assim também as outras leis são mui frequentemente violadas e não observadas devido à incompreensão.

E, contudo, os mandamentos na realidade outra coisa não são do que a explicação da vontade divina, que se encontra na Criação desde os primórdios, e da qual não se pode desviar nem pela espessura de um fio de cabelo.

Como se torna tolo, sob essa consideração, o princípio de tantos seres humanos, contrário a cada pensamento divino e a qualquer perfeição, de que “*um fim justifica os meios*”! Que confusão absurda isso não teria de ocasionar nas leis da vontade divina, se pudessem ser assim alteradas. Quem puder formar pelo menos uma pequena noção de perfeição, a esse não restará outra coisa a não ser rejeitar de antemão tais impossibilidades. Tão logo uma pessoa procure formar uma imagem *certa* da *perfeição* de Deus, então isso poderá servir-lhe como guia indicador e para melhor compreensão de todas as coisas na Criação! O saber da *perfeição* de Deus e o facto de tê-la sempre em mente são a chave para a compreensão da *obra* de Deus, à qual também pertence o próprio ser humano.

Então reconhece a força imperiosa e a severa advertência da sentença: “Deus não se deixa escarnecer!”. Em outras palavras: Suas leis se cumprem ou se efectuam imutavelmente. Ele deixa funcionar as engrenagens, conforme as ajustou por ocasião da criação. Um homúnculo nada alterará nisso. Se tentar, o máximo que pode conseguir é que todos aqueles que o seguirem cegamente sejam dilacerados juntamente com ele. De nada lhe adianta, se *acredita* de modo diferente.

Auferir bênçãos só poderá aquele que se ajustar por completo na vontade de Deus, que sustenta a Criação em Suas leis da natureza. Mas isso só consegue quem as conhece acertadamente.

As doutrinas, que exigem crença *cega*, devem ser condenadas como mortas e, portanto, prejudiciais; somente aquelas que, como Cristo, conclamam *para o tornar-se vivo*, isto é, para o raciocinar e analisar, a fim de que possa surgir a convicção da verdadeira compreensão, proporcionam libertação e redenção!

Somente a mais condenável irreflexão pode supor que a finalidade da existência do ser humano consista, principalmente, na correria visando a obtenção das necessidades e dos prazeres corpóreos, para, por fim, mediante alguma forma exterior e palavras bonitas, deixar se libertar sossegadamente de toda a culpa e das consequências de suas negligências indolentes na vida terrena. O percurso pela vida terrena e o passo para o Além, por ocasião da morte, não são como uma viagem quotidiana, para a qual se precisa comprar a passagem apenas no último momento.

Com tal crença o ser humano *duplica* sua culpa! Pois qualquer dúvida na justiça incorruptível do Deus perfeito *é blasfêmia!* A crença no perdão arbitrário e fácil dos pecados, no entanto, *é* um testemunho evidente da *dúvida* na justiça incorruptível de Deus e de Suas leis, mais ainda, confirma directamente a crença na arbitrariedade de Deus, o que equivaleria à imperfeição e à deficiência!

Pobres crédulos, dignos de lástima!

Ser-lhes-ia melhor permanecer ainda ateus, então poderiam encontrar sem impedimentos e mais facilmente o caminho que presumem já ter.

Salvação reside apenas em não reprimir medrosamente os pensamentos que nascem e a dúvida que com isso desperta em tantas coisas; pois nisso se manifesta o saudável impulso pela Verdade!

Lutar com a dúvida, porém, *é* o analisar, ao qual tem de se seguir, indiscutivelmente, a condenação do lastro dogmático. Só mesmo um espírito inteiramente liberto de toda a incompreensão consegue se elevar, alegremente convicto, às alturas luminosas, ao Paraíso!

54. A imaculada concepção e o nascimento do Filho de Deus

A imaculada concepção não deve ser tomada apenas em sentido corpóreo, mas acima de tudo, como tanta coisa na Bíblia, em sentido puramente espiritual. Somente quem reconhece e intui o mundo espiritual, como existindo realmente e actuando de modo vivo, consegue encontrar a chave para a compreensão da Bíblia, o que, unicamente, é capaz de tornar viva a Palavra. Para todos os outros ela permanecerá sempre um livro com sete selos.

Imaculada concepção, em sentido corpóreo, é toda concepção oriunda de um amor *puro*, em profundo erguer dos olhos para o Criador, onde os impulsos sensuais não constituem a base, mas sim permanecem apenas como forças co-participantes.

Esse fenómeno é na realidade tão raro, que foi justificado o seu destaque especial. A garantia de postergação dos impulsos sensuais foi conseguida mediante a anunciação, que por esse motivo é mencionada especialmente, pois do contrário faltaria um elo na cadeia dos fenómenos naturais e da firme colaboração com o mundo espiritual. A virgem Maria, em todo o caso já provida com todos os dons para poder cumprir sua alta missão, entrou em tempo certo, através da condução espiritual, em contacto com pessoas profundamente compenetradas das revelações e profecias referentes ao Messias em vias de chegar. Foi esse o primeiro preparativo na Terra que impulsionou Maria no rumo de sua verdadeira finalidade, deixando-a a par de tudo aquilo, no que ela própria então deveria representar um papel tão importante, sem que naquela época já soubesse disso.

Dos escolhidos, a venda é afrouxada sempre de modo cauteloso e pouco a pouco, para não se antecipar ao desenvolvimento indispensável; pois todos os estágios intermediários devem ser vivenciados seriamente, para, no final, possibilitar uma realização. Conhecimento demasiado prematuro da própria missão deixaria lacunas no desenvolvimento, que dificultam uma realização posterior. No constante olhar para a meta final, surge o perigo de um avançar demasiadamente rápido, pelo que muita coisa passa despercebida ou é aprendida apenas superficialmente, o que, para o preenchimento da verdadeira destinação, tem de ser vivenciado necessariamente de modo sério. Vivenciar seriamente, porém, pode o ser humano sempre só aquilo que no momento considera como a verdadeira missão de sua vida. Assim também com Maria.

Quando então chegou o dia em que se encontrava interna e externamente preparada, ela tornou-se, num momento de completo repouso e equilíbrio anímico, clarividente e

clariaudiente, isto é, seu íntimo abriu-se ao mundo de outra matéria e ela vivenciou a anunciação descrita na Bíblia. Com isso, a venda caiu, ela entrou conscientemente na sua missão.

A anunciação foi para Maria uma vivência espiritual tão poderosa e abaladora que, dessa hora em diante, preencheu por completo toda sua vida anímica. Daí por diante ficou sintonizada unicamente em uma direcção, a de poder esperar uma elevada graça divina. Esse estado de alma era *desejado* pela Luz através da anunciação, a fim de assim desprezar, de antemão e para longe, manifestações de impulsos inferiores e preparar o solo, onde um puro receptáculo terreno (o corpo infantil) pudesse surgir para a imaculada concepção espiritual. Com essa extraordinariamente forte sintonização anímica de Maria, tornou-se “imaculada” a concepção corpórea posterior, correspondente às leis naturais.

Que Maria já trouxera todos os dons para a sua missão, portanto, que era pré-natalmente destinada para tornar-se a mãe terrena do vindouro portador da Verdade, Jesus, não é difícil de ser compreendido com algum conhecimento do mundo espiritual e de sua respectiva actividade amplamente ramificada que, preparando todos os grandes acontecimentos, passa como que brincando por cima de milénios.

Com esse corpo de criança em formação, que sob tais contingências tornou-se o receptáculo mais puro, foram dadas as condições terrenas para uma “imaculada concepção *espiritual*”, a encarnação que se realiza no meio da gravidez.

Nesse caso então não se trata de uma das almas ou centelhas espirituais, que frequentemente aguardam encarnação, e que querem ou têm de percorrer uma vida terrena para o desenvolvimento, cujo corpo de matéria fina (ou invólucro) está mais ou menos turvo, isto é, maculado, com o que a ligação directa com a Luz fica obscurecida e, por momentos, completamente cortada. Foi levada em consideração uma parte completa da pura essência divina, que por amor foi dada à humanidade perdida na escuridão, suficientemente forte para não deixar que se interrompesse jamais a ligação directa com a Luz primordial. Disso resultou uma íntima ligação entre a divindade e a humanidade nesse um, que se assemelhou a uma coluna luminosa de força e pureza jamais esgotável, da qual tudo quanto é inferior tinha de resvalar. Assim surgiu também a possibilidade para a transmissão sem turvação da Verdade, haurida da Luz, bem como a força para as acções que pareciam milagres.

A narrativa das tentações no deserto mostra como os esforços de correntezas escuras para a conspurcação resvalaram na pureza da intuição, sem poder causar danos.

Após a imaculada concepção corpórea de Maria, pôde advir a encarnação proveniente directamente da Luz, o que se dá no meio da gestação, com tal vigor, que não permitiu qualquer turvação nos estágios intermediários entre a Luz e o corpo materno, resultando assim também “uma imaculada concepção *espiritual*”.

Portanto, é perfeitamente certo falar de uma imaculada concepção, a qual, na geração de Jesus, deu-se corporal e espiritualmente, sem que qualquer lei da Criação tivesse sido contornada, alterada ou necessariamente criada para esse caso especial.

O ser humano não deve pensar agora que haja nisso uma contradição, porque fora prometido que o Salvador haveria de ser gerado por uma virgem.

A contradição advém apenas da interpretação errónea da palavra “virgem” na profecia. Se essa fala de uma virgem, não se refere a um conceito mais restrito, muito menos ainda à opinião de um Estado, mas pode tratar-se tão-só de um amplo conceito da humanidade.

Uma opinião mais restrita teria de constatar o facto de que uma gravidez e o parto em si, sem pensar aí na geração, já excluem a virgindade em sentido comum. A profecia, porém, não se refere a tais coisas. Diz-se com isso que Cristo viria a nascer imprescindivelmente como o *primeiro* filho de uma virgem, isto é, duma mulher que ainda não tivesse sido mãe. Nela todos os órgãos necessários ao desenvolvimento do corpo humano *estão* virgens, isto é, ainda não funcionaram nesse sentido, desse corpo ainda não saiu nenhum filho. Com relação a *cada* primeiro filho, os órgãos no corpo materno têm, pois, de ser ainda virgens. Somente isso podia entrar em consideração em uma profecia tão ampla, porque cada promessa só se cumpre na absoluta lógica das actuações leis da Criação e também é dada dentro dessa previsão confiável! *(Dissertação Nº 48: Fenómenos universais)

A promessa refere-se, portanto, “ao *primeiro* filho”, por isso é que foi feita a distinção entre *virgem* e *mãe*. Outra diferença não entra em consideração, visto que os conceitos de virgem e de mulher originaram-se apenas das instituições puramente estatais ou sociais do matrimónio, que de modo algum foram consideradas em tal promessa.

Na perfeição da Criação, como obra de Deus, o acto da geração é absolutamente necessário; pois a omnisciência do Criador desde os primórdios ordenou tudo de tal maneira na Criação, que nada é demais ou supérfluo. Quem nutre tal pensamento está dizendo simultaneamente que a obra do Criador não é perfeita. O mesmo vale àquele que afirma que o nascimento de Cristo ocorreu *sem* a geração normal prescrita pelo Criador à humanidade. *Tem*

de haver ocorrido uma geração normal por uma pessoa de carne e sangue! Inclusive nesse caso.

Cada criatura humana que está consciente disso de modo certo, louva mais o Criador e Senhor com isso, do que aquelas que queiram admitir outras possibilidades. As primeiras dão prova de confiança tão inabalável na perfeição de seu Deus que, segundo sua convicção, uma excepção ou alteração nas leis por Ele condicionadas é de todo impossível. E *essa é a maior fé!* Ademais, todos os outros acontecimentos falam impreterivelmente a favor disso. Cristo tornou-se *ser humano terreno*. Com essa decisão, teve de se sujeitar também às leis determinadas por Seu Pai referentes à reprodução na matéria grosseira, uma vez que a perfeição de Deus condiciona isso.

Se a esse respeito deva-se dizer que “junto a Deus coisa alguma é impossível”, tal declaração assim obscura não satisfaz; pois nessa expressão reside, por sua vez, um sentido muito diferente do que muitas pessoas em seu comodismo imaginam. Bastará que se diga ser impossível haver em Deus imperfeição, falta de lógica, injustiça, arbitrariedade e outras tantas, para contradizer o *teor das palavras* dessa frase segundo o conceito comum. Poder-se-ia afirmar também que, se *nesse* sentido junto a Deus coisa alguma é impossível, Ele igualmente poderia, por um único acto de vontade, tornar crentes todos os seres humanos da Terra! Assim não precisaria, com a encarnação, expor Seu Filho às vicissitudes terrenas e à morte na cruz. Esse imenso sacrificio teria sido evitado. Mas o facto de que *assim* ocorreu constitui um testemunho da inflexibilidade das leis divinas actantes desde os primórdios na Criação, nas quais uma violação forçada para qualquer alteração não é possível devido à sua perfeição.

Em relação a isso, por sua vez, poderia ser replicado por aqueles, que disputam tenaz e cegamente, que assim como aconteceu era da vontade de Deus. Isso é dito de modo certo, mas não é absolutamente uma contraprova, ao contrário, na realidade um *concordar* da afirmativa anterior, quando se abandona a concepção mais ingénua e se segue um esclarecimento mais profundo, o qual, impreterivelmente, *exige* todos os ditos de natureza espiritual.

Era da vontade de Deus! Isso, contudo, nada tem a ver com uma arbitrariedade, mas, pelo contrário, nada mais significa do que a confirmação das leis inseridas por Deus na Criação, portadoras da Sua vontade, e o incondicional enquadramento nelas a isso ligado, as quais não admitem uma excepção ou contorno. *Exactamente na necessidade de cumprir efectua-se e comprova-se, sim, a vontade de Deus.*

Por isso Cristo, para o desempenho de sua missão, teve de se sujeitar, inevitavelmente, também a todas as leis da natureza, isto é, à vontade do seu Pai. Que Cristo tenha feito tudo isso, comprova toda a sua vida. O nascimento normal, o crescimento, a fome que nele também se manifestava e o cansaço, os sofrimentos e por fim a morte na cruz. A tudo quanto um corpo humano terreno está sujeito, também ele estava sujeito. Por que, então, única e exclusivamente a geração deveria ser de outra maneira, para o que não havia necessidade. Justamente na naturalidade torna-se a missão do Salvador maior ainda, de modo algum diminuída! Igualmente Maria, por esse motivo, não foi menos agraciada em sua elevada convocação.

55. A morte do Filho de Deus na cruz e a Ceia

Por ocasião da morte de Cristo rasgou-se no Templo a cortina que separava o Santíssimo da humanidade. Tal acontecimento é tido em conta como símbolo de que, com a morte por sacrifício do Salvador, cessava no mesmo instante a separação existente entre a humanidade e a divindade, isto é, foi criada uma ligação directa.

Tal interpretação, porém, é *errada*. Com a crucificação rejeitaram as criaturas humanas o Filho de Deus como o Messias esperado, com o que a separação tornou-se *maior*! Rasgou-se a cortina porque, conseqüentemente, não havia mais necessidade do Santíssimo. Ficou exposto à vista e às correntes impuras, uma vez que, simbolicamente expresso, o divinal depois desse facto não pôs mais o seu pé sobre a Terra, com o que se tornou supérfluo o Santíssimo. Portanto, exactamente o contrário das interpretações de até agora, nas quais novamente, como tantas vezes, apenas se evidencia a grande presunção do espírito humano.

A morte na cruz também não foi um sacrifício *necessário*, mas um assassinio, um verdadeiro crime. Qualquer outra explicação constitui uma evasiva, que deve valer como desculpa ou que surgiu por ignorância. Cristo não desceu à Terra absolutamente com a intenção de se deixar crucificar. *Nisso também não reside a redenção!* Cristo foi crucificado, no entanto, como um incómodo portador da Verdade, por causa de seus ensinamentos.

Não foi a sua morte na cruz que podia e devia trazer a redenção, mas *a Verdade*, que deu à humanidade *em suas palavras!*

A Verdade, porém, era incómoda aos então dirigentes de religiões e de templos, um aborrecimento, visto abalar-lhes fortemente sua influência. *Exactamente conforme também hoje, novamente, sucederia em tantos lugares.* Quanto a isso, a humanidade não mudou. Os dirigentes de outrora se apoiavam, assim como os de hoje, em antigas e boas tradições, mas estas tinham se tornado, por causa dos praticantes e esclarecedores, mera forma rígida, vazia, sem ser mais viva em si. Idêntico quadro ao que hoje novamente se apresenta de modo frequente.

Mas aquele que queria trazer essa vida necessária para dentro da Palavra existente, trouxe com isso naturalmente uma *revolução* na prática e na explicação, não na própria Palavra. Ele libertou o povo da rigidez e vacuidade opressoras, salvou-o disso, e isso foi mui naturalmente um grande aborrecimento para aqueles, que puderam reconhecer logo quão energicamente fora interferido assim nas rédeas de sua errada condução.

Por isso o portador da Verdade e libertador do fardo das interpretações errôneas teve de sofrer suspeita e perseguição. Quando não se conseguiu, apesar de todos os esforços, torná-lo ridículo, tratou-se de apresentá-lo como inverossímil. Para tanto devia servir o “passado terreno”, como filho de carpinteiro, para tachá-lo de “inculto e por isso incapaz para uma elucidação!” De um “leigo”. Tal como acontece também hoje em relação a cada um que enfrenta dogmas rígidos, os quais abafam já no gérmen todo o esforço ascendente, livre e vivo. Por precaução, nenhum dos adversários aprofundou-se em seus esclarecimentos, pois mui acertadamente sentiam que diante de uma réplica puramente *objectiva* deveriam ser derrotados. Ativeram-se, pois, na difamação vil, mediante seus instrumentos venais, a ponto de não temerem, por fim, em momento para eles propício, acusá-lo publica e falsamente e levá-lo à cruz, a fim de afastar junto com ele a ameaça ao seu poderio e prestígio.

Essa morte violenta, outrora comumente praticada pelos romanos, não constituiu em si a redenção e também não a trouxe. *Não remiu nenhuma culpa da humanidade*, não a libertou de coisa alguma, mas apenas *sobre-carregou* mais ainda *a humanidade*, por ser *um assassínio da mais baixa espécie!*

Se disso então, até os dias actuais, aqui e acolá se desenvolveu um culto, de ver nesse assassínio um facto essencial necessário da obra de redenção do Filho de Deus, então o ser humano fica com isso afastado justamente do que é mais precioso, daquilo que única e exclusivamente pode trazer a redenção. Desvia-o da *verdadeira* missão do Salvador, daquilo que tornou necessária a sua vinda do divinal à Terra. No entanto, isso não se deu para sofrer a morte na cruz, *mas sim, para anunciar a Verdade no amontoado da rigidez dogmática e da vacuidade*, que arrastam o espírito humano para baixo! Foi para descrever as coisas entre Deus, a Criação e o ser humano de tal forma como realmente são. Dessa forma, tudo quanto o limitado espírito humano havia engendrado a tal respeito, e que encobria a realidade, tinha de cair por si sem força. Só então o ser humano pôde ver claramente diante de si o caminho que o conduz para cima.

Somente no trazer essa Verdade e na libertação de erros ligada a isso *reside única e exclusivamente a redenção!*

É a redenção da visão turva, da crença cega. A palavra “cega” já caracteriza suficientemente a condição errada.

A Ceia antes de sua morte foi uma Ceia de despedida. Quando Cristo disse: “Tomai, comei, este é meu corpo. Bebei todos disto, este é meu sangue do novo testamento, que será derramado para muitos, para o perdão dos pecados”, declarava com isso que estava disposto

até mesmo a aceitar essa morte na cruz, somente para ter a oportunidade de transmitir à humanidade perdida a Verdade em seus esclarecimentos, que indica, única e exclusivamente, o caminho para o perdão dos pecados.

Ele diz também, textualmente: “para o perdão de *muitos*”, e não acaso “para o perdão de *todos*”! Por conseguinte, apenas para aqueles que se interessassem pelas suas explicações e delas tirassem lições vivas.

Seu corpo destruído pela morte na cruz e seu sangue derramado devem contribuir para que se reconheça a necessidade e a seriedade dos esclarecimentos trazidos por ele. Essa urgência somente deve ser sublinhada *pela repetição* da Ceia e na Ceia!

Que o Filho de Deus não tenha recuado nem mesmo diante de uma tal hostilidade da humanidade, cuja *probabilidade* já tinha sido reconhecida de antemão, antes de sua vinda, *(Dissertação Nº 48: Fenómenos universais) devia indicar especialmente para a situação desesperada do espírito humano, que só poderia ser arrancado da ruína pelo agarrar-se à corda de salvação da Verdade sem disfarce.

A referência do Filho de Deus, durante a Ceia, à sua morte na cruz é apenas uma última e expressa indicação sobre a necessidade urgente de seus ensinamentos, os quais ele viera trazer!

Ao tomar a Ceia, pois, cada pessoa deve se dar conta sempre de novo de que o próprio Filho de Deus não temeu a pressuposição de uma morte na cruz, causada pela humanidade, e que deu corpo e sangue a fim de possibilitar à humanidade o recebimento da descrição do real fenómeno no Universo, que mostra nitidamente os efeitos das leis imutáveis da Criação que trazem em si a vontade divina! Com esse reconhecimento da severidade amarga, que realça a necessidade urgente da mensagem para a salvação, deve renascer constantemente nas criaturas humanas nova força, novo impulso para *realmente viver* segundo os claros ensinamentos de Cristo, a fim de não só compreendê-los direito, mas também agir em tudo de acordo com eles. *Com isso* obterão então também perdão de seus pecados e salvação! Não diferentemente. Também não directamente. Mas encontrá-los-ão impreterivelmente no caminho que Cristo mostra em sua mensagem.

Por essa razão deve a Ceia sempre de novo vivificar o acontecimento, a fim de que não se enfraqueça o único zelo salvador para o cumprimento dos ensinamentos trazidos com tamanho sacrifício; pois pela indiferença que se inicia ou pelas formas meramente externas, as

criaturas humanas perdem essa corda de salvação e tornam a cair nos tentáculos dos erros e da destruição.

É um grande erro as criaturas humanas acreditarem que pela morte na cruz esteja garantido o perdão de seus pecados. Esse pensamento acarreta o terrível dano de que todos aqueles que nisso crêem serão por isso *retidos* do verdadeiro caminho para a redenção, que reside, *única e exclusivamente*, no facto *de viver de acordo com as palavras* do Salvador, de acordo com as explicações que ele deu, como conhecedor e por abranger tudo com a visão. E essas explicações mostram, em quadros práticos, o necessário cumprimento e observância da vontade divina, que se encontra nas leis da Criação, bem como os seus efeitos, na observância e na inobservância.

Sua obra redentora consistiu em trazer essa explicação, que devia mostrar as falhas e os danos da prática religiosa, pois ela trouxe em si a Verdade, a fim de iluminar a escuridão crescente do espírito humano. Não consistiu na morte na cruz, tampouco que a Ceia ou a hóstia consagrada podem oferecer perdão dos pecados. Esse pensamento é contra cada lei divina! Com isso cai também o poder dos seres humanos de perdoar pecados. Uma pessoa só tem o direito e também o poder de perdoar o que lhe foi feito por outrem pessoalmente, e mesmo então só quando seu coração, sem ser influenciado, a isso impele.

Quem reflectir seriamente reconhecerá também a Verdade e, assim, o caminho verdadeiro! Os que têm preguiça de pensar e os indolentes que não conservarem continuamente preparada, com todo cuidado e atenção, a lamparina a eles confiada pelo Criador, isto é, a faculdade de examinar e elucidar, podem perder facilmente a hora, quando a “Palavra da Verdade” chegar a eles, como as tolas virgens da parábola. Uma vez que se deixaram adormecer em cansado comodismo e crença cega, não serão capazes de reconhecer, por sua indolência, o portador da Verdade ou noivo. Têm de ficar então para trás, quando os vigilantes entrarem no reino da alegria.

56. “Desce da cruz”

“Se és Filho de Deus, então desce da cruz! Ajuda a ti mesmo e a nós!” De modo escarnekedor, ressoaram essas frases em direcção ao Filho de Deus, quando sofria na cruz sob os raios abrasadores do Sol. As criaturas humanas, que assim bradavam, tinham-se em conta de extraordinariamente inteligentes. Escarneciam, triunfavam, riam cheias de ódio, sem terem sequer um motivo próprio para tanto; pois o sofrimento de Cristo certamente não era razão para sarcasmo e zombaria, e muito menos para risos. Desvanecer-se-lhes-ia isso, se apenas por um instante tivessem podido “ver” os fenómenos simultâneos nos reinos de matéria fina e espiritual; pois suas almas foram aí pesadamente atadas por milénios. Mesmo que o castigo não tenha podido se tornar tão rapidamente visível na matéria grosseira, veio, no entanto, em *todas* as vidas terrenas posteriores, para as quais por isso as almas pecaminosas foram forçadas.

Os escarneedores tinham-se outrora em conta de espertos. Todavia, não puderam dar uma expressão mais acertada como prova de sua estreiteza do que essas palavras; pois aí reside a concepção mais pueril que se possa imaginar. Os que assim falam, longe se encontram de qualquer compreensão da Criação e da vontade de Deus na Criação. Como é deprimente, portanto, o triste saber de que também ainda hoje grande parte daqueles, que enfim ainda crêem em Deus e na missão de outrora de Seu Filho, pensam firmemente que Jesus de Nazaré poderia ter descido da cruz se apenas tivesse desejado.

Após dois mil anos, ainda a mesma sonolenta estreiteza, sem modificação para o progresso! Segundo as opiniões ingénuas de muitos que crêem em Deus, Cristo, por ter vindo de Deus, devia ser ilimitado em suas actuações nesta Terra.

É uma expectativa oriunda da ingenuidade mais mórbida, uma crença resultante da preguiça de raciocinar.

Com uma encarnação, o Filho de Deus também foi “posto sob a lei”, isto é, submeteu-se com isso às leis da Criação, à vontade inamovível de Deus na Criação. Aí não há quaisquer alterações no que se refere ao corpo terrenal atado à Terra. Obedecendo à vontade de Deus, Cristo sujeitou-se voluntariamente a essa lei, pois não veio para derrubá-la, mas sim para cumpri-la com a encarnação nesta Terra.

Por isso ele estava ligado a tudo aquilo a que o ser humano terreno se acha ligado e também como Filho de Deus não podia descer da cruz, apesar de seu poder e de sua força de

Deus, enquanto se encontrasse em carne e sangue na matéria grosseira. Isso equivaleria ao derrubamento da vontade divina na Criação!

Essa vontade, porém, é perfeita desde o princípio. Por toda parte, não apenas na matéria grosseira terrenal, mas também na matéria fina, assim como no enteal e no espiritual, com todas as suas graduações e transições. Não diferentemente no divinal e também no próprio Deus.

A actuação divina, a força e o poder divinos apresentam-se de modo bem diferente do que em apresentações exibitórias. Justamente o divinal viverá apenas no cumprimento absoluto da vontade divina, jamais querendo algo diferente. De modo idêntico, a criatura humana que tem elevada maturidade espiritual. Quanto mais desenvolvida estiver, tanto mais incondicionalmente se curvará às leis divinas na Criação, de modo voluntário, alegre. Jamais esperará actos arbitrários que se encontram fora das leis correntes da Criação, porque acredita na perfeição da vontade divina.

Se um corpo de matéria grosseira encontra-se pregado na cruz, realmente firme, não conseguirá libertar-se sem ajuda alheia, sem auxílio de matéria grosseira. Isso é lei, segundo a divina vontade criadora, que não se deixa transpor. Quem pensa de modo diferente e espera outra coisa, não crê na perfeição de Deus e na imutabilidade de Sua vontade.

Que os seres humanos agora, não obstante seu suposto progresso no saber e na capacidade, ainda não se tornaram diferentes, que ainda se encontram lá onde se encontravam outrora, mostram ao bradar novamente hoje:

“Se ele for o Filho do Homem, então, assim que quiser, pode desencadear as catástrofes que estão anunciadas.” Pressupõem isso como algo evidente. Isso significa, porém, com outras palavras: “Não conseguindo tal, então não é o Filho do Homem.”

No entanto, é do conhecimento dos seres humanos que o próprio Cristo, como Filho de Deus, já indicara, a tal propósito, que ninguém, a não ser Deus exclusivamente, conhece a hora em que se iniciará o Juízo. É, portanto, dupla dúvida quando as criaturas humanas falam dessa maneira. Dúvida quanto ao Filho do Homem e dúvida quanto à Palavra do Filho de Deus. Além disso, tal asserção por sua vez somente testemunha a falta de compreensão em relação a toda a Criação. A total ignorância exactamente em tudo aquilo que para cada ser humano é mais urgentemente necessário saber.

Se o Filho de Deus teve de se submeter à vontade de Deus na Criação, por ocasião de sua encarnação, não pode evidentemente o Filho do Homem encontrar-se acima dessas leis. Um estar acima das leis é totalmente impossível na Criação. Quem ingressa na Criação encontra-se com isso também sob a lei da vontade divina, que jamais se altera. Assim também o Filho de Deus e o Filho do Homem. Uma grande lacuna na possibilidade de compreensão de tudo isso advém apenas da circunstância de os seres humanos ainda não haverem procurado essas leis de Deus na Criação, por conseguinte, até hoje ainda nem as conhecem, tendo apenas encontrado de vez em quando pequenos fragmentos das mesmas lá, onde por acaso sobre eles tropeçaram.

Se Cristo realiza milagres, que estão muito além das possibilidades dos seres humanos terrenos, isso não justifica o pensamento de que ele não precisava preocupar-se com as leis da vontade de Deus que residem na Criação, de que passava por cima delas. Isso é impossível. Mesmo nos milagres, agia em plena concordância com as leis de Deus, e não arbitrariamente. Com isso apenas provou que trabalhava dentro da força *divina*, e não da espiritual, sendo evidente, por conseguinte, que nos efeitos ultrapassasse de longe as capacidades humanas. Os milagres, no entanto, não estavam fora das leis da Criação, mas se enquadravam completamente nas mesmas.

Tão atrasado ficou o ser humano em seu desenvolvimento espiritual, que nem sequer consegue levar ao pleno desabrochar as forças espirituais a ele disponíveis, do contrário também realizaria feitos que, nos conceitos de hoje, chegariam ao milagroso.

Com força divina, porém, naturalmente podem ser criadas obras ainda bem diferentes, que jamais poderão ser alcançadas com força espiritual, e que, já em sua espécie, diferenciam-se das mais elevadas actuações espirituais. Contudo, todos os acontecimentos permanecem dentro dos limites da regularidade das leis divinas. Nada vai além disso. Os únicos, que cometem actos arbitrários dentro dos limites de sua livre vontade a eles concedidos, são os seres humanos; pois estes jamais se enquadraram realmente na vontade de Deus, lá, onde como seres humanos têm certa liberdade de agir segundo o próprio querer. Sempre antepuseram nisso sua própria vontade. E com isso paralizaram-se a si mesmos, não podendo nunca se elevar mais alto do que a sua própria vontade intelectual, presa à Terra, o permitiu.

Portanto, os seres humanos não conhecem sequer as leis da Criação, as quais desencadeiam ou libertam seu poder espiritual, dentro das quais conseguem desenvolver seu poder espiritual.

Tanto mais admirados se encontram então diante do desenrolar da força divina. Mas pela mesma razão também não conseguem reconhecer a força divina como tal, ou dela aguardam coisas que se acham fora das leis divinas dentro da Criação. A isso, porém, faria parte o descer de um corpo de matéria grosseira da cruz de matéria grosseira.

Ressuscitações de mortos mediante a força divina *não* estão fora das leis divinas, contanto que isso se dê dentro de um certo tempo, que para cada pessoa é diferente. Quanto mais espiritualmente amadurecida for uma alma que se desprende do corpo de matéria grosseira, tanto mais rapidamente está livre dele, e tanto menor é o tempo da possibilidade, de acordo com as leis, de ser chamada de volta, uma vez que isso só pode suceder enquanto ainda houver ligação da alma com o corpo.

A alma vivificada pelo espírito tem de obedecer à vontade divina, isto é, à força divina e, diante de seu chamado, voltar pela ponte de matéria fina ao corpo de matéria grosseira já abandonado, enquanto a ponte ainda não estiver rompida.

Quando aqui se fala em força divina e em força espiritual, então isso não contesta o facto de que na verdade há somente *uma* força, que promanou de Deus e que penetra na Criação inteira. Mas existe uma diferença entre a força divina e a espiritual. A força espiritual é dominada pela divina, da qual se originou. Não é acaso uma força divina enfraquecida, mas uma força *modificada*, que pela sua modificação se tornou de espécie diversa, recebendo assim limites mais restritos em sua capacidade de acção. São, portanto, duas espécies actuando diferentemente e, na realidade, apenas uma força. Junta-se a isso ainda a força enteal, que é uma força espiritual modificada. Portanto, três forças fundamentais, das quais a espiritual e a enteal são alimentadas e regidas pela divina. Todas as três devem ser denominadas como uma só. Outras forças não existem, mas apenas muitas variações que se originaram da espécie fundamental espiritual e enteal, e que, então, também têm heterogeneidade em seus efeitos. Cada variação traz, por sua vez, pela modificação, também leis correspondentemente modificadas, as quais, no entanto, agregam-se sempre logicamente à espécie fundamental, embora exteriormente pareçam diferentes, correspondendo à modificação da força. Mas todas as espécies, inclusive as fundamentais, estão subordinadas à lei da força divina suprema, podendo, em suas próprias leis modificadas, ser diferentes somente nas formas externas. Por causa disso parecem diferentes, porque cada espécie e variação, excepto a vontade divina, só constituem espécies parciais, que por isso são obras parciais, as quais, por sua vez, só podem ter também leis parciais. Estas se esforçam em direcção ao todo, ao que é perfeito, de onde foram derivadas, à pura força divina, que equivale à vontade divina, a qual se efectiva como lei imutável e férrea.

Cada uma das forças actua agora com suas variações na matéria fina e grosseira existente conforme a respectiva espécie e forma nela, devido a sua heterogeneidade própria, também mundos ou planos heterogéneos que, considerados isoladamente, constituem para toda a Criação, cada vez, apenas uma parte dela, porque a força, que a formou, constitui também sempre apenas uma parte modificada da força divina perfeita, não com leis plenas, mas apenas parciais. *Somente todas as leis* dos planos universais isolados, *reunidas*, resultam então outra vez em leis plenas, que foram colocadas pela vontade divina na Criação primordial, no reino puro espiritual.

Por isso, também um gérmen do espírito humano tem de percorrer todos os planos do Universo, de maneira a vivenciar suas leis peculiares e torná-las vivas dentro de si. Tendo colhido daí todos os bons frutos, então realmente terá se consciencializado dessas leis e poderá, conseqüentemente, se as tiver utilizado direito e de acordo com a vontade de Deus, entrar no Paraíso, será levado para lá pelas leis em suas efectivações, a fim de, a partir de lá, intervir então conscientemente, auxiliando e beneficiando, nos planos parciais que se encontram abaixo dele, como missão suprema de cada espírito humano desenvolvido. Superlotação jamais poderá ocorrer, visto que os planos universais agora existentes podem ser estendidos ilimitadamente; pois pairam no infinito.

Assim o Reino de Deus vai se tornando cada vez maior e maior, edificado e ampliado cada vez mais pela força dos espíritos humanos puros, campo de actuação dos quais terá de se tornar a Criação posterior, a qual eles poderão dirigir do Paraíso, visto que eles mesmos já percorreram antes todas as partes e assim chegaram a conhecê-las plenamente.

Estas explicações estão aqui apenas para que não surjam equívocos devido às referências à força divina e à força espiritual, já que de facto só existe uma força única proveniente de Deus, da qual se formam as variações.

Quem tem conhecimento de todos esses fenómenos jamais manifestará esperança pueril sobre coisas, que nunca poderão ocorrer, por se acharem fora de cada uma das leis da Criação. Assim também o Filho do Homem não pode com o estender de sua mão desencadear catástrofes, as quais devem se realizar *directamente*. Isso seria contrário às existentes e inalteráveis leis da natureza. O Filho do Homem, como servo de Deus, envia a vontade divina, a Força divina, para as diversas forças básicas e essas seguem então a nova direcção que lhes foi dada com isso pela vontade divina reinante. Nisso actuam nessa direcção ordenada, correspondendo, porém, exactamente às suas leis parciais, as quais não podem contornar. Certamente ocorre a grande aceleração, mas também essa permanecerá sempre sujeita à possibilidade.

Assim o espiritual é, nisso, bem mais móvel e mais leve, portanto, também mais rápido do que o enteal. Por isso, o enteal necessita de mais tempo na efectivação do que o espiritual. Por essa razão, naturalmente, o enteal, isto é, o acontecimento elementar, terá de concretizar-se também mais tarde do que o espiritual. Da mesma forma, através dessas forças, a matéria fina pode ser movida mais depressa do que a matéria grosseira. Todas são leis, que devem ser cumpridas, não podem ser contornadas nem rompidas.

Todas essas leis são conhecidas na Luz, e o envio dos emissários realizadores ou de ordens especiais é disposto *de tal modo* que os efeitos finais aconteçam como por Deus é desejado.

Um dispêndio, de grandeza incompreensível aos seres humanos, tornou-se necessário para o actual Juízo. No entanto, trabalha de modo preciso, de modo que na verdade não ocorrem retardamentos... com excepção dos pontos onde a vontade humana deve colaborar. Somente os seres humanos procuram, sempre, com tola obstinação, manter-se fora de cada realização ou até mesmo colocar-se no caminho, impedindo perturbadora e hostilmente... com presunção que prende à Terra.

Felizmente, após a grande falha das criaturas humanas durante a existência terrena do Filho de Deus, isso agora foi levado em conta. Os seres humanos com seu falhar somente podem dificultar o caminho terreno do Filho do Homem até certo tempo, de modo que ele terá de andar por atalhos, dar voltas, mas não conseguem deter os acontecimentos desejados por Deus, ou até mesmo alterar de algum modo o desfecho predeterminado; pois já lhes foi tirado o apoio das trevas na retaguarda, supridora de forças para suas tolices, enquanto as muralhas de seu actuar intelectual, por trás das quais, acobertados, ainda atiram flechas venenosas, desmoronarão rapidamente sob a pressão da Luz em avanço. Então ela se precipita sobre eles, e nenhum perdão deverá ser-lhes concedido, depois de todo o dano que criaram constantemente com o seu mau pensar. Assim, o dia, ardentemente almejado por aqueles que se esforçam para a Luz, não chegará nem uma hora mais tarde do que deve.

57. Esta é a minha carne! Este é o meu sangue!

“Quem aceita a minha Palavra, aceita a mim”, disse o Filho de Deus a seus discípulos, “em verdade come da minha carne e bebe do meu sangue!”

Esse é o sentido das palavras que o Filho de Deus pronunciou quando instituiu a Ceia, e as quais ele simbolizou com a Ceia em memória de sua peregrinação pela Terra. Como podia ocorrer que a tal respeito eclodissem violentas disputas entre os eruditos e as igrejas. O sentido é tão simples e tão claro, se a criatura humana colocar como base que o Filho de Deus, Jesus Cristo, era a Palavra de Deus *encarnada*.

Como poderia ele falar a esse respeito mais nitidamente do que com as simples palavras: “Quem aceita a minha Palavra, come do meu corpo e bebe do meu sangue!” Também quando disse: “A Palavra é verdadeiramente meu corpo e meu sangue!” Tinha, pois, de falar assim, porque ele próprio era a Palavra Viva em carne e sangue. Em todas as transmissões somente foi omitido sempre de novo o principal: a indicação *à Palavra que peregrinou* pela Terra! Por esta não ter sido entendida, julgavam-na de pouca importância. Com isso, porém, toda a missão de Cristo foi mal compreendida e mutilada, desfigurada.

Também aos discípulos do Filho de Deus não foi dada naquele tempo, apesar de sua fé, a possibilidade de compreender acertadamente as palavras de seu Mestre, assim como tantas coisas, ditas por ele, nunca compreenderam direito. A esse respeito o próprio Cristo manifestou sua tristeza com bastante frequência. Formaram simplesmente o sentido da Ceia *àquela* maneira como haviam compreendido em sua simplicidade infantil. É evidente aí que reproduziram também as palavras, pouco claras para eles, de maneira correspondente à sua própria compreensão, não, porém, assim como o Filho de Deus as tinha em mente. —

Jesus era a Palavra de Deus encarnada! Portanto, quem acolheu direito a sua Palavra dentro de si, este acolheu com isso a ele próprio.

E se uma pessoa deixa se tornar viva dentro de si a Palavra de Deus a ela oferecida para que, assim, torne-se-lhe uma evidência no pensar e no actuar, então ela, com a Palavra dentro de si, também torna vivo o espírito de Cristo, porque o Filho de Deus foi a Palavra Viva de Deus encarnada!

A criatura humana tem apenas de se esforçar para penetrar finalmente nesse curso de pensamentos *de modo certo*. Não deve apenas ler e tagarelar a respeito, mas também precisa

procurar vivificar com imagens esse curso de pensamentos, isto é, vivenciar serenamente o sentido em imagens vivas. Então também vivenciará *realmente* a Ceia, pressupondo-se que reconheça nisso o recebimento da Palavra Viva de Deus, cujo sentido e querer ela naturalmente deve conhecer antes a fundo.

Não é tão cómodo assim, conforme pensam tantos fiéis. Aceitação bronca da Ceia não pode lhes trazer nenhum proveito; pois aquilo que é vivo, como a Palavra de Deus, quer e também deve ser *tomado* de modo vivo. A Igreja não consegue insuflar vida à Ceia para outrem, enquanto esse participante da Ceia não houver antes preparado em si próprio o lugar para recebê-la *direito*.

Vêm-se igualmente quadros que visam reproduzir a bela expressão: “Eu bato à porta!” Os quadros são certos. O Filho de Deus está parado diante da porta da cabana e bate, querendo entrar. No entanto, o ser humano aí já adicionou novamente algo do seu próprio pensar, ao deixar ver pela porta entreaberta a mesa posta na cabana. Surge assim o pensamento de que não deve ser repellido ninguém que peça de comer e de beber. O pensamento é belo e também corresponde à Palavra de Cristo, mas interpretado de modo demasiado restrito nisso. O “Eu bato à porta” significa mais! A caridade é apenas uma pequena parte do conteúdo da Palavra de Deus.

Quando Cristo diz: “Eu bato à porta”, quer ele dizer com isso que a Palavra de Deus, por ele corporificada, está batendo à porta da alma humana, não para *pedir* ingresso, mas sim *exigindo* entrada! A *Palavra* dada às criaturas humanas em toda a sua plenitude deve ser aceita por estas. A *alma* deve abrir sua porta para a entrada da Palavra! Se obedecer a essa exigência, então, os actos de matéria grosseira da criatura humana terrena serão como evidência de tal modo, como o exige a “Palavra”.

A criatura humana sempre procura apenas uma compreensão intelectual, o que significa desmembramento e com isso também diminuição, um estabelecimento de limites mais restritos. Por isso, incorre sempre de novo no perigo de reconhecer apenas fragmentos de tudo o que é grande, conforme também aqui sucedeu novamente.

A encarnação, portanto, corporificação, da Palavra Viva de Deus deverá permanecer sempre um mistério aos seres humanos terrenos, porque o início desse fenómeno desenrolou-se no divinal. Até no divinal, porém, a capacidade de compreensão do espírito humano não consegue penetrar, ficando assim vedada à compreensão da criatura humana a primeira fase para a futura encarnação. Portanto, não é surpreendente que exactamente *essa* acção simbólica do Filho de Deus, que consistiu na distribuição do pão e do vinho, ainda não pudesse ser

compreendida até hoje pela humanidade. Mas quem depois desse esclarecimento, que lhe permite imaginar um quadro, ainda quiser bradar contra tal propósito prova apenas que o limite de sua compreensão termina no espiritual. Sua defesa em favor da explicação literalmente antinatural de até então dessas palavras de Cristo testemunharia apenas uma obstinação inescrupulosa.

58. Ressurreição do corpo terreno de Cristo

Perfeito é Deus, o Senhor! Perfeita a Sua vontade, que está Nele e Dele emana para gerar e manter a obra da Criação. Perfeitas são, por isso, também as leis que em Sua vontade perpassam a Criação.

Perfeição, no entanto, exclui de antemão qualquer desvio. É esta a base que *justifica* incondicionalmente a dúvida a respeito de tantas afirmações! Várias doutrinas se contradizem, porque, ao mesmo tempo em que ensinam acertadamente a perfeição de Deus, estabelecem asserções absolutamente opostas, e exigem crença em coisas que excluem uma perfeição de Deus e de Sua vontade, que se encontra nas leis da Criação.

Com isso, no entanto, disseminou-se em muitas doutrinas o gérmen da doença. Um verme destruidor que um dia deverá fazer desmoronar toda a estrutura. O desmoronamento é tanto mais inevitável, onde de tais contradições foram feitas *colunas mestras*, que não apenas põem em dúvida a perfeição de Deus, mas até mesmo a negam severamente! Essa negação da perfeição de Deus até faz parte de exigências de credos dogmáticos, as quais só então possibilitam a admissão nas comunidades.

Temos aí a questão sobre a *ressurreição da carne*, com referência à ressurreição do corpo terreno do Filho de Deus, que é aceita impensadamente pela maioria das pessoas, sem deixar o mínimo vestígio de compreensão. Outros, por sua vez, apropriam-se de tal asserção, com desconhecimento totalmente consciente, pois lhes faltava o professor, que pudesse dar uma explicação correcta sobre isso.

Que quadro triste se oferece aí a um observador sereno e sincero. Quão lastimável encontra-se diante dele um tal grupo de pessoas, as quais muitas vezes ainda se consideram orgulhosamente como entusiastas fervorosas de sua religião, como fiéis ortodoxos, quando nisso demonstram o fervor ao olhar, precipitadamente com ignorante arrogância, do alto para quantos pensam de modo diverso, sem pensar que exactamente isso tem de ser considerado como sinal infalível de absoluta incompreensão.

Quem, *sem questionar*, aceita e confessa como sua convicção assuntos importantes mostra com isso ilimitada indiferença, mas nenhuma verdadeira fé.

Nesta luz encontra-se um tal ser humano diante Daquele que ele costuma chamar de Altíssimo e de Santíssimo, o Qual deve significar para ele o conteúdo e o apoio para toda a existência.

Com isso ele não é um elo vivo de sua religião, a quem possa advir ascensão e redenção, mas um metal ressoante, apenas um chocalho vazio e tininte, que não compreende as leis de seu Criador e nem se empenha em reconhecê-las.

Para todos que assim agem, isso significa uma paragem e um retrocesso no caminho que deve conduzi-los através da materialidade para fins de evolução e progresso, rumo à Luz da Verdade.

Também a concepção errada da ressurreição da carne é, como qualquer outra conceituação errônea, um estorvo gerado artificialmente, que eles levam consigo para o Além, diante do qual também lá têm de ficar retidos, não podendo prosseguir, porque não podem libertar-se sozinhos disso; pois a crença errada pende firmemente neles, e os ata de tal modo, que qualquer livre visão para a Verdade luminosa lhes é cortada.

Não ousam pensar diferentemente, e por isso não podem progredir. Com isso advém o perigo de que as almas, que se mantêm assim atadas por si próprias, percam ainda o último prazo para se libertar e não ascendam à Luz em tempo, pelo que terão de resvalar junto para a decomposição e encontrar como meta final a condenação eterna.

Condenação eterna é o estar permanentemente desligado da Luz. Um ficar separado *dela* para sempre, por si próprio, pela natureza do fenómeno lógico, de não poder voltar para a Luz como personalidade desenvolvida, plenamente consciente. Essa circunstância decorre do arrastamento à decomposição, que pulveriza e dissolve junto com o corpo de matéria fina também tudo o que tiver conquistado espiritualmente de pessoal-consciente. ^{*(Dissertação Nº 20: O Juízo}

^{Final)} Esta é então a assim chamada “morte espiritual”, da qual não pode mais haver nenhuma ascensão à Luz para o “eu” consciente que até aí havia se desenvolvido, ao passo que este, numa ascensão, não somente permanece, mas continua evoluindo até a perfeição espiritual.

A pessoa que passa para o Além com uma crença errada ou irreflectidamente aceita como sendo própria permanece atada e impedida até se tornar viva e livre *em si mesma* mediante outra convicção, rompendo assim o obstáculo que, devido à sua própria crença, impede-a de tomar o caminho certo e verdadeiro, e de ali prosseguir.

Mas essa superação e o desenvolvimento de forças, necessários para libertar-se a si mesma de tal ilusão, são imensos. Já o passo para aproximar-se de tal pensamento exige, espiritualmente, um enorme impulso. Assim, milhões mantêm-se presos, e não podem mais, por isso, reunir forças, nem mesmo para levantar o pé, na ilusão ruinosa de com isso cometer algo errado. Estão como que paralisados e também perdidos, se a própria força viva de Deus não procurar o caminho até eles. Esta, contudo, somente pode, por sua vez, intervir ajudando, quando houver na alma humana uma centelha de vontade para tanto, indo ao seu encontro.

Nesse fenômeno, tão simples e natural em si, há uma paralisação, como mais terrível e fatal não pode existir. É que, com isso, a bênção da força da livre decisão concedida ao ser humano se converte em maldição, devido à aplicação errada. Cada um, individualmente, tem sempre em mãos excluir-se ou unir-se. E precisamente nisso isso se vinga terrivelmente, quando uma pessoa se entrega cegamente a uma doutrina, sem o mais cuidadoso e severo exame! A indolência nisso poderá custar-lhe todo o seu ser!

O pior inimigo do ser humano, sob o ponto de vista puramente terreno, é o comodismo. Comodismo na fé, porém, torna-se sua morte espiritual!

Ai daqueles que não despertam logo e se animam para o exame mais rigoroso de tudo quanto chamam crença! Destruição, porém, aguarda aqueles que causam tão grande miséria! Aqueles que, como falsos pastores, conduzem suas ovelhas à selva desoladora. Nada consegue ajudá-los, a não ser reconduzir as ovelhas perdidas para o caminho certo. A grande pergunta aí, no entanto, é se ainda lhes resta suficiente tempo para tanto. Examine-se, pois, cada um a si próprio, cuidadosamente, antes de procurar doutrinar o seu próximo.

Crença errada é ilusão! E essa, tanto aqui como no Além, mantém o espírito humano preso, segura e firmemente, com tal intensidade, que apenas a força viva da verdadeira Palavra de Deus pode romper. Por isso, cada um ouça atentamente o seu chamado, que o atinge. Somente aquele que intui o chamado, para este ele é destinado! Ele que então examine e pondere, e se liberte!

Não deve esquecer aí que *apenas a sua resolução individual* é capaz de romper as algemas com as quais ele próprio se prendeu anteriormente devido à crença errônea. Assim como outrora, por comodismo ou preguiça, resolveu seguir às cegas qualquer doutrina, a qual não tenha examinado seriamente em *todas as partes*, ou como talvez tenha procurado negar Deus, apenas por não ter podido encontrar até então, ele próprio, um caminho para Ele, que correspondesse à necessidade justificada de uma sequência lógica, sem lacunas, assim também agora novamente terá de partir *dele próprio a primeira vontade* para um exame

irrestrito no pesquisar! *Só então* consegue erguer o pé, até então preso por causa da sua própria vontade, e dar o primeiro passo que o conduz à Verdade e, com isso, à liberdade na Luz.

Ele *próprio*, e sempre apenas ele próprio, *pode, deve e tem* de ponderar, pois traz em si o dom para isso. Tem também de tomar unicamente sobre si toda a responsabilidade, de uma ou de outra forma, pouco importando o que quiser e o que fizer.

Já a consciência devia obrigá-lo ao mais severo exame.

Precisamente essa responsabilidade dá a cada ser humano não somente o direito irrestrito a um tal exame, mas até o torna a mais premente necessidade! Considere ele isso calmamente como um saudável instinto de auto-conservação, o que absolutamente não é errado! Pois ele também não assina qualquer contrato terreno que lhe imponha uma responsabilidade, sem antes examinar rigorosamente palavra por palavra e reflectir se pode cumprir tudo. Não é diferente, porém, muito mais sério nas relações espirituais com a decisão de entregar-se a qualquer crença! Se a tal propósito os seres humanos pusessem em prática um instinto de auto-conservação tanto mais saudável, isso não seria pecado, mas bênção!

Ressurreição da carne! Como pode a carne de matéria grosseira ascender até o reino puro espiritual de Deus-Pai! Matéria grosseira, que nem sequer consegue passar para a matéria fina do Além. Tudo quanto seja de matéria grosseira, até mesmo de matéria fina, está sujeito à decomposição, segundo as leis eternas da natureza. Nisso não há exceções nem desvios, pois as leis são perfeitas. Por conseguinte, o que é de matéria grosseira também não pode, depois de ocorrida a morte, ascender ao reino do Pai e nem mesmo para o Além de matéria fina, igualmente sujeito à decomposição! Devido à perfeição das leis divinas da natureza, tais desvios são simplesmente impossíveis!

Em escala pequena, tudo isso também é nitidamente observável nas leis da Física, as quais igualmente nada mais demonstram do que as inamovíveis leis do Criador, que perpassam também esse campo, assim como tudo na existência inteira.

Tudo quanto existe se encontra, pois, submetido às leis uniformes da origem, as quais trazem em si, de maneira clara e nítida, a vontade divina simples, porém, indesviável. Nada pode ser separado disso.

Tanto mais lastimável é, por isso, quando algumas doutrinas não querem reconhecer precisamente essa poderosa grandeza de Deus que aí se manifesta, com a qual Ele, visivelmente, tanto se aproxima da compreensão da humanidade!

Cada doutrina indica de modo absolutamente certo para a perfeição de Deus. Se, portanto, a origem ou a fonte primordial, como tal, é perfeita, então somente o que é perfeito pode provir dela. Por conseguinte, devem ser perfeitas também, necessariamente, as leis da Criação provenientes dos actos da vontade. De modo absolutamente natural, uma coisa não se deixa separar da outra. Essas leis perfeitas da Criação, como leis da natureza, perpassam e sustentam tudo quanto se formou. A perfeição equivale, porém, à inalterabilidade. Disso resulta que é completamente impossível um desvio nessas leis básicas ou da natureza. Com outras palavras: em circunstância alguma podem ocorrer excepções que contradigam a todos os outros fenómenos em sua naturalidade.

Portanto, não pode ocorrer nenhuma ressurreição da carne que, por ser grosso-material, permanece incondicionalmente ligada à matéria grosseira!

Uma vez que todas as leis primordiais originaram-se da perfeição divina, um novo acto de vontade de Deus jamais poderá se desenvolver de forma diferente do que a dada desde os primórdios da Criação.

Se algumas doutrinas se fecham a essa evidência, que resulta incondicionalmente da perfeição de Deus, provam então que os seus fundamentos estão *errados*, que estão edificados sobre o intelecto humano adstrito a espaço e tempo e, conseqüentemente, não podem ter qualquer pretensão à mensagem de Deus, a qual não mostraria quaisquer lacunas, uma vez que uma tal mensagem só pode advir da perfeição, da própria Verdade, que não possui lacunas e também é compreensível em sua grandeza singela. Em primeiro lugar é *natural*, porque a natureza, assim denominada pelas criaturas humanas, originou-se da perfeição da vontade divina e conserva ainda hoje sua vitalidade de maneira inalterada, mas também não podendo, com isso, estar sujeita a excepção alguma.

Quando Cristo veio à Terra, a fim de anunciar a mensagem de Deus, da Verdade, teve para tanto, como qualquer ser humano, também de se servir de um corpo de matéria grosseira, isto é, da carne. Nisso, cada pessoa que reflecte já devia, por fim, reconhecer a inalterabilidade das leis da natureza, bem como também na morte corpórea ocorrida com a crucificação.

Essa carne de matéria grosseira, porém, também não podia, depois dessa morte, constituir nenhuma excepção, mas sim devia permanecer no mundo de matéria grosseira! *Não* podia

ressuscitar, a fim de entrar em um outro mundo! As leis divinas ou naturais firmemente estabelecidas não consentem isso, por causa de sua perfeição emanada da vontade divina. Nem podem, do contrário não seriam perfeitas, e isso, por sua vez, faria com que também a vontade de Deus, Sua força e Ele próprio não fossem perfeitos.

Uma vez que isso fica excluído, como cada ciência pode verificar na própria Criação, é errado e constitui uma dúvida em relação à perfeição de Deus, quando deve ser afirmado que esta carne de matéria grosseira tenha ressuscitado e após quarenta dias ingressado em um outro mundo.

Se a carne realmente deve ressuscitar, então isso só pode ocorrer quando a alma, ainda ligada por um cordão de matéria fina ao corpo de matéria grosseira durante algum tempo, for chamada de volta a esse corpo. ^{*(Dissertação Nº 40: A morte)} De acordo com as leis naturais, isso somente é possível enquanto subsistir esse cordão. Uma vez desligado tal cordão, um ressuscitar, isto é, uma chamada de volta da alma ao corpo de matéria grosseira de até então, seria impossível! Isso igualmente está sujeito estritamente às leis da natureza sem lacunas, e nem o próprio Deus o conseguiria, pois seria contra as Suas próprias leis perfeitas, contra a Sua vontade perfeita que actua de modo espontâneo na natureza. Exactamente devido a essa perfeição, nunca poderia Lhe ocorrer ideia tão imperfeita, que apenas constituiria um acto de arbitrariedade. Aqui se mostra, outra vez, uma aparente subordinação de Deus à obra da Criação, devido a Sua irrestrita perfeição, que tem de ser cumprida de qualquer forma e não admite alteração alguma, a qual, porém, nem é intencionada nem necessária. Não é absolutamente nenhuma autêntica subordinação de Deus, mas apenas *parece* como tal ao ser humano em algumas coisas, porque não consegue ter uma visão sobre *todos* os fenómenos. Esse não poder abranger com a visão o *todo* é que o leva, aliás, com intenções bastante boas e respeitosas, a esperar de seu Deus actos de arbitrariedade que, reflectindo bem, só têm de diminuir a perfeição divina. O que os seres humanos aí com toda a humildade consideram como bom não se torna nesse caso um respeitoso erguer de olhos, mas um rebaixar para a limitação inteiramente natural do espírito humano.

O cumprimento incondicional das leis da vontade divina ou da natureza verificou-se também no ressuscitar de Lázaro, bem como no do moço de Naim. Estes puderam ser ressuscitados porque o cordão de ligação com a alma ainda subsistia. Perante o chamado do Mestre, pôde a alma tornar-se novamente una com o corpo. Este, no entanto, ficou então obrigado, devido às leis da natureza, a permanecer no mundo da matéria grosseira, até que ocorresse um novo desenlace entre o corpo de matéria grosseira e o de matéria fina, possibilitando a este último ingressar no Além de matéria fina, isto é, seguindo-se uma nova morte grosso-material.

A passagem do corpo de matéria grosseira para um outro mundo é, todavia, uma coisa impossível. Se o espírito de Cristo tivesse reingressado no corpo de matéria grosseira ou se, talvez, nem o tivesse abandonado, teria sido obrigado a permanecer na matéria grosseira, até que ocorresse uma nova morte, não diferentemente.

Uma ressurreição em carne para um outro mundo é inteiramente impossível, para os seres humanos, assim como também outrora para o Cristo encarnado!

O corpo terreno do Redentor seguiu o mesmo caminho que tem de seguir qualquer outro corpo de matéria grosseira, segundo as leis naturais do Criador.

Por conseguinte, Jesus de Nazaré, o Filho de Deus, não ressuscitou carnalmente!

E, todavia, não obstante toda a lógica e a muito maior veneração a Deus justamente aí contida, ainda haverá muitos que, na cegueira e na indolência de sua crença errada, não quererão seguir os caminhos tão simples da Verdade. Certamente também muitos que não poderão seguir devido à própria limitação. Outros, por sua vez, que tentarão lutar raivosamente contra isso com intenção plena, pelo receio bem fundado de que com isso toda a sua estrutura de crença cómoda pensamente erguida terá de ruir.

De nada lhes pode adiantar se eles, como base, apóiam-se apenas em tradições verbais; pois os discípulos também eram seres humanos. É, pois, puramente humano, se naquele tempo os discípulos, fortemente abalados por causa de todo aquele horrível acontecimento, tenham entretecido, ao se recordar, vários pensamentos próprios em suas narrações, e transmitido muita coisa de modo diferente do que na realidade havia ocorrido, devido ao anterior presenciar de milagres a eles próprios ainda inexplicáveis.

Seus escritos e narrativas basearam-se, assim como na errónea fusão do Filho de Deus e do Filho do Homem, muitas vezes mui fortemente nas *próprias* pressuposições humanas, as quais então colocaram a base para muitos erros mais tarde.

Mesmo que eles tenham tido a seu lado, como auxílio, a mais forte inspiração espiritual, apesar disso, na retransmissão, opiniões próprias preconcebidas interferem intensamente, e turvam muitas vezes a mais bem-intencionada e a mais clara imagem.

O próprio Jesus, no entanto, não deixou quaisquer escritos, nos quais, unicamente, seria possível basear-se de modo incondicional e categórico.

Nunca teria dito ou escrito algo que não concordasse de modo pleno e integral com as leis de seu Pai, as leis divinas da natureza ou a vontade criadora. Ele próprio disse, pois, expressamente:

“Vim para cumprir as leis de Deus!”

As leis de Deus, porém, repousam nítidas na natureza, a qual, aliás, estende-se para mais longe do que somente à matéria grosseira, permanecendo, no entanto, “natural” por toda parte, também no mundo de matéria fina, bem como no enteal e no espiritual. Uma pessoa que reflecte certamente conseguirá encontrar nessas significativas palavras do Redentor algo que vai além das confusas doutrinas religiosas e que mostra um caminho àqueles que realmente procuram com seriedade!

Além disso, porém, cada pessoa também pode achar a respeito pontos de referência na Bíblia; pois Jesus apareceu a muitos. Mas o que aconteceu? A princípio, Maria não o reconheceu, Madalena não o reconheceu de imediato, os dois discípulos a caminho de Emaús não o reconheceram durante horas, não obstante andasse com eles e lhes falasse... Que se deve concluir disso? *Que devia ser um outro corpo* o que eles viram, senão todos o teriam reconhecido *imediatamente!* —

Pois que continue surdo, quem não quiser ouvir, e cego, quem é demasiadamente indolente para abrir seus olhos!

O conceito geral de “ressurreição da carne” encontra sua justificativa nos nascimentos *terrenos*, que não cessarão enquanto houver criaturas humanas terrenas. É uma grande promessa de concessão de repetidas vidas terrenas, de renovadas encarnações com o objectivo de um progresso mais rápido e um indispensável resgate de efeitos recíprocos de espécies inferiores, equivalendo a um perdão dos pecados. Uma prova do incomensurável amor do Criador, cuja graça se encontra no facto de que para almas desencarnadas, que malbarataram total ou parcialmente seu tempo terreno e, por isso, chegaram no Além imaturas para a escalada, é dada mais uma vez oportunidade de se envolverem com um novo corpo ou manto de matéria grosseira, pelo que sua carne deixada festeja uma ressurreição na nova carne. Com isso, a alma desencarnada vivencia uma nova ressurreição *na* carne!

A bênção, que reside nessa realização continuamente repetida de uma tão sublime graça, o espírito humano, que não consegue abranger tudo com a vista, somente mais tarde poderá compreender!

59. Conceito humano e vontade de Deus na lei da reciprocidade

Quando se deve falar em conceito humano e em concepção humana, a que também se acha ligada a justiça terrena, não se deve esperar que isso equivalha à justiça divina ou que sequer se lhe aproxime. Pelo contrário, deve-se infelizmente dizer que na maior parte dos casos existe até uma distância tão grande como o céu. Nessa comparação a expressão popular “tão grande como o céu” é apropriada no mais verdadeiro sentido. Essa diferença poderia ser explicada, muitas vezes, com o intelecto da humanidade, limitado a espaço e tempo, o qual em sua estreiteza não consegue reconhecer o errado *propriamente* e separá-lo do certo, uma vez que isso raramente é reconhecível de modo claro por exterioridades, mas reside exclusivamente no mais íntimo de cada pessoa, para cuja análise parágrafos rígidos de lei e sabedoria teórica não bastam. É entristecedor, porém, que por esse motivo tantos julgamentos dos tribunais terrenos tenham de estar em oposição brusca à justiça divina.

Não é o caso de se falar dos tempos da Idade Média, nem das épocas tristes das torturas cruéis, bem como das chamadas incinerações de bruxas e de outros crimes da justiça. Tampouco devem ser mencionadas as inúmeras incinerações, as torturas e assassinios que devem ser levados na conta de culpas das comunidades *religiosas* e que em seus efeitos recíprocos devem atingir os praticantes de modo duplamente pavoroso, porque abusaram aí do nome do Deus perfeito, cometendo em Seu nome todos aqueles crimes, como supostamente agradáveis a Ele e, com isso, cunhando-O perante os seres humanos como responsável por aquilo. Abusos e barbaridades, que não deveriam ser esquecidos tão depressa, mas que devia se fazer voltar à memória como advertência, sempre de novo, também nos julgamentos de hoje, principalmente porque os que outrora assim agiam cometiam diligentemente tais transgressões com a aparência do mais pleno direito e da melhor boa-fé.

Muito mudou. E, contudo, evidentemente virá o tempo em que se voltará a olhar com semelhante horror para a justiça actual, como nós, hoje, encaramos os tempos acima citados, os quais, segundo o nosso actual reconhecimento, encerram tanta injustiça. Esse é o curso do mundo e um certo progresso.

Olhando-se mais profundamente, porém, o aparentemente grande progresso entre o tempo de outrora e o de hoje encontra-se *apenas nas formas externas*. O poder absoluto de um só, sem responsabilidade pessoal para este na Terra, profundamente incisivo na existência inteira de tantas pessoas, continua frequentemente ainda o mesmo. Também não mudaram muito os

seres humanos, nem as molas propulsoras de suas ações. E onde a *vida interior* ainda é a mesma, são iguais também os efeitos recíprocos que trazem em si o Juízo *divino*.

Se a humanidade subitamente se tornasse *vidente a tal respeito*, a consequência somente poderia ser um único grito de desespero. Um horror que se estenderia sobre todos os povos. Ninguém levantaria a mão contra o seu semelhante com recriminações, uma vez que *cada um, individualmente*, sentiria sobre si de algum modo o peso de idêntica culpa. Ele não tem nenhum direito de enfrentar a outrem de modo repreensivo nisso, uma vez que até então *cada qual* julgou erroneamente apenas segundo as aparências externas, *não dando importância a toda a verdadeira vida*.

Muitos se desesperariam consigo mesmos no primeiro facho de luz, se este pudesse penetrar neles sem estarem preparados, ao passo que outros, que até agora jamais se deram tempo para reflectir, deveriam intuir incomensurável exasperação por haver dormido durante tanto tempo.

Por isso é, pois, oportuno o estímulo para a reflexão serena e para o desenvolvimento da *justa capacidade de julgamento próprio*, a qual repele qualquer inclinação cega a opiniões alheias e somente *assimila, pensa, fala e age* de acordo com seu *próprio* intuir!

Jamais o ser humano deve esquecer-se de que ele, *completamente só*, tem de se responsabilizar por tudo aquilo que *ele* intui, pensa e faz, mesmo que o tenha aceito de outrem de modo incondicional!

Feliz daquele que alcança esse nível elevado, indo ao encontro de cada parecer de modo criterioso, para então agir segundo suas *próprias* intuições. Assim não co-participa da culpa, como milhares que muitas vezes se sobrecarregam com carmas pesados, apenas por falta de reflexão e sensacionalismo, por preconceitos e difamação, que os levam a regiões cujos sofrimentos e dores jamais necessitariam conhecer. Com isso, frequentemente, já na Terra deixam se reter de muito do que é realmente bom, perdendo com isso não somente muito em benefício próprio, mas põem em jogo assim talvez tudo, sua existência inteira.

Assim foi com o ódio inflamado e insensato contra Jesus de Nazaré, cujo verdadeiro motivo apenas poucos dos malévolos que falavam com cólera e gritavam conheciam, ao passo que os demais se entregavam simplesmente a uma fúria totalmente ignorante e cega, gritando em conjunto, sem que jamais tivessem, pessoalmente, estado em contacto com Jesus. Não menos perdidos estão também todos aqueles que, baseados em opiniões errôneas de outros, afastaram-se dele e nem sequer ouviram suas palavras, e muito menos ainda se deram ao

trabalho de um exame criterioso, com o que, finalmente, ainda poderiam ter reconhecido o valor.

Somente assim pôde amadurecer a desvairada tragédia que colocou sob acusação de blasfémia exactamente o *Filho de Deus*, levando-o à cruz! Ele, o único que provinha directamente de Deus e lhes anunciava a Verdade sobre Deus e a Sua vontade!

O facto é tão grotesco, que nele se patenteia com ofuscante clareza toda a estreiteza das criaturas humanas.

E de lá até hoje a humanidade não progrediu interiormente, pelo contrário, só regrediu ainda mais, não obstante todas as outras descobertas e invenções.

Apenas o que progrediu, e isso em função dos êxitos exteriores, foi a presunção de sempre querer saber mais, a qual gera e cultiva exactamente a estreiteza, a qual, na verdade, é a característica específica da estreiteza.

E desse solo, que durante dois milénios foi se tornando cada vez mais fértil, é que brotaram as concepções humanas actuais, que actuam de modo decisivo e *devastador*, enquanto as criaturas humanas, sem pressentir, enredam-se a si mesmas nisso, cada vez mais, para sua própria horrível fatalidade.

Quem nisso tudo, através de falsas concepções, atrai para si, muitas vezes de boa-fé, efeitos maus de uma corrente recíproca, agindo, portanto, contra as leis divinas, isso até agora raras vezes se tornou claro a alguém. O número é grande, e muitos, em sua vaidade, sem o pressentir, estão inclusive orgulhosos a respeito disso, até que um dia terão de ver a Verdade com angustioso pavor, a qual é tão diferente daquilo que sua convicção os deixou imaginar.

Mas então será tarde demais. A culpa com que se sobrecarregaram terá de ser remida em luta penosa consigo mesmos, muitas vezes por decénios.

Longo e difícil é o caminho até o reconhecimento, quando uma pessoa perdeu a oportunidade favorável da existência terrena e se sobrecarregou, até intencionalmente, ou por ignorância, ainda com nova culpa.

Desculpas, aí, jamais são levadas em conta. *Cada* um pode sabê-lo, se *quiser*!

Quem sentir o anseio de reconhecer uma vez a justiça divina no decurso dos efeitos recíprocos, em contraste com concepções terrenas, este se esforce em observar a respeito algum exemplo da vida terrena, examinando aí de que lado se acha realmente o certo e o errado. Muitos se lhe apresentarão, diariamente.

Em breve sua própria capacidade de intuir se desenvolverá de forma mais acentuada e mais viva, para lançar fora, finalmente, todos os preconceitos aprendidos de concepções defeituosas. Surge assim uma intuição de justiça, que pode confiar em si mesma, porque, no reconhecer de todos os efeitos recíprocos, acolhe a vontade de Deus, está e actua nela.

60. O Filho do Homem

Desde o crime contra o Filho de Deus, o portador da Verdade, Jesus de Nazaré, pesa como que uma maldição sobre a humanidade, por esta não haver reconhecido justamente a profecia, a mais importante para os seres humanos, desse maior de todos os profetas, encontrando-se ainda hoje ignorante frente a ela, como se tivesse uma espessa venda diante dos olhos. A consequência terrível disso será que grande parte das criaturas humanas passará cambaleando pela única possibilidade de sua salvação da condenação, ao encontro da destruição.

Trata-se da profecia da vinda do Filho do Homem, dada pelo Filho de Deus como estrela de esperança e, não obstante, também como severa advertência, sob os constantes ataques das massas, que, por se encontrarem nas trevas, logicamente tinham de odiar o portador da Verdade. A mesma onda de sentimentos e pensamentos erróneos, que naquele tempo não deixava reconhecer o Filho de Deus como tal, perturbava a compreensão da importância dessa anunciação, já na época de sua origem. O espírito humano estava demasiadamente obscurecido, por demais convencido de si, para poder ainda receber, de modo puro, Mensagens de Deus tão elevadas. Mensagens, que vinham de uma altura acima de seu próprio círculo de origem, resvalavam pelos ouvidos, sem efeito. Para uma compreensão, teria sido necessária fé proveniente de convicção consciente, de que outrora nem os próprios adeptos eram capazes. O solo sobre o qual as palavras do Redentor caíam, ainda permanecia demasiadamente coberto de vegetação. Além disso, as colossais vivências e abalos anímicos dos que se encontraram na proximidade do Salvador comprimiam-se no espaço de apenas poucos anos, com o que tudo havia de concentrar-se sentimentalmente de tal modo na pessoa dele, que o seu falar a respeito de uma outra pessoa num futuro remoto não foi considerado nesse sentido, e sim relacionado novamente com ele próprio.

Assim o erro perdurou até os dias de hoje na concepção dos seres humanos, uma vez que os descrentes não se preocuparam com as palavras do Salvador, ao passo que os fiéis suprimiram, à força, exactamente por causa de sua fé, qualquer análise séria e crítica das tradições, pelo temor sagrado de não dever aproximar-se das palavras do Salvador. Nisso, eles não se deram conta, porém, que não se tratava das verdadeiras palavras originais e próprias dele, mas tão-só de retransmissões que foram escritas muito tempo depois de sua passagem pela Terra. Em virtude disso, porém, estavam susceptíveis naturalmente às alterações inconscientes do intelecto humano e da concepção pessoal humana. Há, sem dúvida, também uma grandeza nessa respeitosa conservação de tradição puramente humana e, por isso, tampouco se deve fazer qualquer censura a respeito.

Contudo, nada disso impede consequências estorvadoras de uma concepção errônea decorrente de tradição errada, porque as leis da reciprocidade nem mesmo nesse caso podem ser derrubadas. Mesmo se, no resgate, para o espírito humano elas se efectivem apenas como grades, estorvando a ascensão progressiva, isso significa, contudo, um estacionar fatal e um não-progredir, enquanto a palavra libertadora da elucidação não puder se tornar viva nele.

Aquele que acredita no Filho de Deus e em suas palavras, tendo as tornado vivas dentro de si, isto é, trazendo-as dentro de si na *correcta* interpretação e agindo de acordo, evidentemente não precisa esperar pelo prometido Filho do Homem, pois este não pode lhe trazer outra coisa senão o mesmo que o Filho de Deus já trouxe. Pré-requisito nisso é que haja *compreendido realmente* as palavras do Filho de Deus e que não fique obstinadamente preso a tradições errôneas. Caso tenha se atado a erros em qualquer parte, não poderá concluir sua escalada, até obter esclarecimento, que ficou reservado ao Filho do Homem, porque o limitado espírito humano, por si, não é capaz de se livrar das densas trepadeiras que agora obscurecem a Verdade.

Jesus designou a vinda do Filho do Homem como a última possibilidade de salvação, e indicou também que com ele se desencadeará o Juízo, que, portanto, aqueles que mesmo então não quiserem, ou dito de outro modo, não estiverem dispostos a receber esclarecimento algum, devido a sua própria obstinação ou indolência, terão de ser definitivamente condenados. Disso se deve concluir que em sequência posterior não haverá mais outra possibilidade de reflexão e de decisão. Nisso reside também, inconfundivelmente, a anunciação de uma acção severa, a qual traz o fim de uma paciente espera. Isso, por sua vez, atesta luta futura da Luz contra todas as trevas, que terá de findar com destruição violenta de todas as trevas.

Não é de se supor que isso se desenrole segundo as expectativas, desejos e conceitos humanos; pois *todos* os acontecimentos de até agora falam contra isso. Nunca, nos acontecimentos precedentes, o conceito humano mostrou-se uno com os efeitos da vontade divina. A realidade sempre foi diferente da imaginação dos seres humanos e só muito depois surgia, às vezes, lentamente o reconhecimento do ocorrido. Também desta vez não deverá ser esperada modificação alguma, porque o conceito dos seres humanos e suas concepções nada ganharam em relação a antigamente, pelo contrário, têm se tornado ainda muito mais “reais”.

O Filho do Homem! Um véu ainda paira por cima dele e do seu tempo. Mesmo que em muitos espíritos desperte um pressentimento vago, um anseio pelo dia de sua vinda, é provável também que muitos dos que anseiam passem por ele sem suspeitar, não querendo conhecê-lo, porque o aguardar lhes fez crer numa outra realização. O ser humano, pois,

apenas mui dificilmente pode familiarizar-se com a ideia de que o divinal, na Terra, não pode ser diferente, exteriormente, das próprias criaturas humanas, em obediência à lei de Deus. Ele absolutamente quer ver o divinal apenas de modo sobrenatural e, no entanto, lamentavelmente, já se manietou de tal modo que nem seria capaz de distinguir ainda *acertadamente* o que é sobrenatural, muito menos de suportá-lo. Isso, aliás, também nem é necessário!

A pessoa, que procura a vontade de seu Deus nas leis naturais de toda a Criação, em breve também a reconhecerá aí, sabendo por fim que o divinal só lhe pode vir pelos caminhos dessas leis imutáveis, não de outro modo. Em consequência disso, tornar-se-á vigilante, examinando cuidadosamente tudo o que aí se lhe deparar, mas somente com vistas às leis *divinas* e não segundo a opinião das criaturas humanas. Assim, pois, também reconhecerá na hora certa aquele que lhe trará a liberdade na Palavra. Através da própria análise daquilo que foi trazido, e não pela gritaria das massas.

Todo aquele que reflecte já há de ter chegado sozinho à conclusão de que o Filho de Deus e o Filho do Homem não podem ser um só! A diferença está expressa nitidamente nas próprias palavras.

A pura divindade do Filho de Deus trazia em si, durante sua missão e encarnação, conforme é natural, exactamente por causa do puro divinal, também a *condição da reunificação* com a divindade. Nem é possível diferentemente, pela natureza da coisa. Isso confirmam também as alusões do próprio Filho de Deus sobre a sua “reunificação com o Pai”, a expressão de seu “retorno ao Pai”. Por isso a missão do Filho de Deus, como mediador entre a divindade e a Criação, tinha de ter uma *duração limitada*. O Filho de Deus que, como puro divinal, devido à força de atracção da igual espécie mais forte, tinha de ser recolhido incondicionalmente para a origem divinal, sendo obrigado também a permanecer lá, após ter deixado tudo o que era extra-divinal nele aderido, não podia, portanto, continuar a ser o mediador *eterno* entre a divindade e a Criação com a humanidade. Assim, com o retorno do Filho de Deus ao Pai, ter-se-ia aberto um novo abismo, e o mediador entre a pura divindade e a Criação estaria faltando novamente. O próprio Filho de Deus anunciou então à humanidade a vinda do Filho do Homem, que permanecerá então como *eterno* mediador entre o divinal e a Criação. Reside nisso o grandioso amor do Criador por Sua Criação.

A diferença entre o Filho do Homem e o Filho de Deus consiste no facto de que o Filho do Homem se originou, sim, do puro divinal, mas ao mesmo tempo foi ligado ao espiritual consciente, de maneira a estar como que com um pé no divinal e, simultaneamente, com o outro no mais elevado espiritual consciente. Ele é uma parte de *cada*, e forma assim a ponte

eterna entre o divinal e o ápice da Criação. Essa ligação, porém, acarreta a lei de ter de permanecer separado do puro divinal, permitindo, não obstante, a entrada no divinal, condicionando-a até.

O aditivo espiritual ao divino apenas evita uma reunificação, que do contrário seria inevitável. Que isso constitui um novo sacrifício de amor do Criador e o cumprimento de uma promessa de tamanha grandeza, como só Deus mesmo pode oferecer e realizar, a humanidade certamente jamais compreenderá. *Essa* é a diferença entre o Filho de Deus e o Filho do Homem. Isso também justifica a denominação Filho do Homem; pois nele ocorreu um nascimento duplo, uma vez como Filho do divino, e por outra parte como Filho do espiritual consciente, de cujas extremidades inconscientes origina-se o germen do espírito humano.

A missão do Filho do Homem é a continuação e a complementação da missão do Filho de Deus, porque a missão do Filho de Deus só podia ser transitória. Ela é, portanto, com a continuação na complementação, simultaneamente, uma *consolidação* da mesma.

Enquanto o Filho de Deus nasceu directamente para a sua missão terrena, o percurso do Filho do Homem, antes de sua missão, teve de passar por um círculo muito maior, antes de poder iniciar a sua verdadeira missão. Como condição para poder cumprir a sua missão também mais terrena, em relação à do Filho de Deus, ele teve, vindo das alturas máximas, também de percorrer as profundezas mais baixas. Não apenas no Além, mas também terrenalmente, a fim de poder “vivenciar” em si mesmo toda a dor e todo o sofrimento dos seres humanos. Somente dessa maneira fica em condições para, quando chegar a sua hora, interferir nas falhas de modo eficiente e, auxiliando, trazer alteração. Por esse motivo não pôde ficar à margem do vivenciar da humanidade, mas sim teve de estar no meio disso tudo através da própria vivência, inclusive das coisas amargas, e também sofrer com isso. Novamente, só por causa das criaturas humanas esse seu tempo de aprendizagem teve de acontecer desse modo. Mas precisamente isso procurarão censurar nele, por, em sua estreiteza, ficar incompreensível uma tal condução superior ao espírito humano, e por só ser capaz de formar um juízo segundo as aparências externas, a fim de também a ele dificultar a missão, assim como a Cristo em sua época. Exactamente aquilo que teve de sofrer por causa das criaturas humanas, a fim de reconhecer os pontos mais fracos dos erros, aquilo que, portanto, sofreu ou através de vivência aprendeu a conhecer em prol do futuro bem-estar das criaturas humanas, quererão utilizar como pedra, a fim de atingi-lo com isso num ódio crescente, atizadas a isso pelas trevas trémulas de medo da destruição.

Que algo tão inacreditável possa suceder outra vez, apesar das experiências com a passagem do Filho de Deus pela Terra, não é inexplicável, porque na realidade mais da

metade dos seres humanos, que hoje se encontram na Terra, de modo algum pertencem a ela, mas deveriam amadurecer em regiões muito mais baixas e mais escuras! Somente devido ao contínuo retrocesso anímico, com o aumento dos escravos do seu próprio instrumento, do intelecto limitado, foi colocada a base para tanto. O intelecto limitado, como absoluto soberano, por ser puramente terreno, só favorecerá sempre apenas tudo aquilo que é material e assim cultivará também os subsequentes maus efeitos colaterais. O conseqüente declínio da compreensão mais elevada formou uma brecha e estendeu a mão para baixo, pela qual puderam subir almas para a encarnação, as quais, de outro modo, com o seu peso espiritual devido à escuridão mais densa, jamais poderiam ter subido até a superfície da Terra. Antes de tudo são também as intuições puramente animais nas gerações, bem como outras tendências pelos prazeres terrenos, que na época desmoralizada já desde séculos vêm contribuindo para que almas inferiores possam subir. Estas rodeiam então permanentemente as futuras mães e, quando se oferece uma oportunidade, chegam à encarnação, porque tudo o que é luminoso até agora recuou voluntariamente diante das trevas, a fim de não ser conspurcado.

Assim, pouco a pouco, pôde acontecer que o ambiente de matéria fina da Terra se tornasse cada vez mais denso e mais escuro e, com isso, também mais pesado, de tal peso, que chega até a manter a própria Terra de matéria grosseira afastada de uma órbita que seria mais acessível a influências espirituais mais elevadas. E como a maioria de todos os encarnados pertence de facto a regiões que se acham situadas muito mais abaixo do que a própria Terra, haverá, portanto, também nisso, apenas justiça divina, se tais almas forem varridas, para retornar até o lugar ao qual na verdade pertencem, onde, junto à sua absoluta igual espécie, não dispõem mais de oportunidade para se sobrecarregar ainda com novas culpas e, com isso, amadurecer mais facilmente no sofrimento em sua esfera, rumo a uma modificação ascendente.

Não é a vontade humana que poderá um dia escolher o Filho do Homem enviado por Deus, mas a força de Deus o elevará na hora em que a humanidade desamparada implorar choramingando por redenção. Então, calar-se-ão as injúrias, porque o pavor selará tais bocas, e de bom grado serão aceitas todas as dádivas que o Criador oferecer às criaturas através dele. Mas quem não quiser recebê-las dele será banido por toda a eternidade.

61. Erros

Procurando, muitos seres humanos erguem o olhar em direcção à Luz e à Verdade. Seu desejo é grande, porém, falta-lhes muitas vezes a vontade séria! Mais da metade de todos os que buscam não são verdadeiros. Trazem sua própria opinião, já formada. Se tiverem de modificar apenas uma fracção disso, então preferem muito mais recusar tudo quanto lhes é novo, mesmo que ali se encontre a Verdade.

Milhares de pessoas têm de afundar por terem impedido a liberdade de movimentação no emaranhamento de convicção errónea, liberdade essa de que necessitam para a salvação mediante o impulso para cima.

Existe sempre uma parte delas, que pensa já ter compreendido tudo o que é certo. Não reflectem, depois do que leram e ouviram, fazer também um exame severo *em relação a si mesmas*.

Naturalmente, *não* falo para essas pessoas!

Também não falo a igrejas e partidos, nem a ordens, seitas e sociedades, mas exclusivamente e com toda a simplicidade ao próprio *ser humano*. Longe de mim, querer derrubar algo existente; pois eu construo, complemento questões até agora insolúveis, que cada um deve trazer dentro de si, bastando que reflecta um pouco.

Somente uma condição básica é indispensável para cada ouvinte: a busca sincera da Verdade. Deve examinar *as palavras* dentro de si e deixar que se tornem vivas, mas não atentar na pessoa do orador. Senão não terá proveito. Para todos aqueles que *não* aspiram a isso, qualquer sacrifício de tempo é de antemão inútil.

É inacreditável com que ingenuidade a grande maioria de todos seres humanos quer persistir rigidamente em ignorar de onde eles vêm, quem são e para onde vão!

O nascimento e a morte, os pólos inseparáveis de toda a existência na Terra, não deviam constituir nenhum mistério para as criaturas humanas.

Reside divergência nas concepções que procuram esclarecer o núcleo essencial do ser humano. Isso é a consequência da presunção doentia dos habitantes da Terra, que se vangloriam atrevidamente de que seu núcleo essencial seja *divino*!

Observai os seres humanos! Acaso podeis encontrar neles algo de divino? Tal asserção tola devia ser considerada como blasfêmia, pois significa uma degradação da divindade.

A criatura humana não traz em si sequer um grãozinho de pó do divino!

Essa concepção é meramente uma presunção doentia que tem como origem apenas a consciência de uma incapacidade de compreensão. Onde está a criatura humana que pode dizer sinceramente que tal crença também se lhe tornou convicção? Quem fizer um exame de consciência com seriedade terá de negar isso. Sente perfeitamente que é apenas um anseio, um desejo de trazer em si algo de divino, mas não uma certeza! Fala-se acertadamente de uma centelha de Deus, que a criatura humana traz em si. Essa *centelha* de Deus, porém, é *espírito*! Não é uma parte da divindade.

A expressão centelha é uma designação bem acertada. Uma centelha desenvolve-se e desprende-se, sem levar ou portar em si algo da constituição do gerador. O mesmo se dá neste caso. Uma *centelha* de Deus, por si, não é divina.

Onde tais erros já podem ser encontrados com relação à *origem* de uma existência, aí *tem* de advir um falhar em todo o desenvolvimento! Se eu tiver construído sobre alicerces falsos, um dia o edifício inteiro terá de vir a oscilar e a desmoronar.

A origem constitui, pois, *apoio* para toda existência e todo desenvolvimento de cada um! Quem agora, como de costume, procura ir muito além da origem, estende as mãos para coisas a ele inatingíveis e assim, em acontecimento totalmente natural, perde todo apoio.

Se eu, por exemplo, agarro-me a um ramo de árvore que tem igual espécie, devido à sua constituição material com o meu corpo terreno, ganho com esse ramo um ponto de apoio e eu posso, então, impulsionar-me para cima.

Se eu, porém, estender as mãos para além do ramo, não posso encontrar nenhum ponto de apoio na diferente constituição do ar e... por consequência, também não posso subir! Isso é claro.

O mesmo se dá com a constituição *interior* do ser humano, que chamamos de alma, e seu núcleo, de espírito.

Se esse espírito quiser ter o necessário apoio da sua origem, de que necessita, não deverá logicamente procurá-lo no divino. Isso então se torna antinatural; pois o divino se encontra muitíssimo mais alto, é de constituição muito diversa!

E não obstante isso, em sua presunção, ele procura ligação com tal ponto, o qual jamais conseguirá alcançar, e interrompe com isso os acontecimentos naturais. Como uma *barragem*, impedindo, o seu desejo errado se interpõe entre ele e o seu necessário afluxo de força, proveniente da origem. Ele próprio se separa disso.

Por isso, fora com tais erros! Somente então pode o espírito humano desenvolver sua força plena, que hoje ainda desdenha descuidadamente, vindo então a ser o que pode e deve ser, *senhor na Criação!* Mas, bem compreendido, apenas na Criação, não *acima* dela.

Somente o *divino* se acha acima de toda a Criação. —

O próprio Deus, a origem de todo o ser e da vida, é, conforme a palavra já diz, divino! O ser humano, porém, como também não é desconhecido, foi criado por *Seu Espírito!*

O ser humano, portanto, não promana directamente de Deus, mas de Seu Espírito! Divino e espiritual não é a mesma coisa, Espírito é a *vontade* de Deus. Dessa *vontade*, somente, originou-se a *primeira* Criação, não, porém, do divinal! Atenhamo-nos, portanto, a essa simples realidade, ela dá a possibilidade para uma melhor compreensão.

Imagine-se, para comparação, a vontade própria. Ela é um acto e não uma parte do ser humano, pois senão cada criatura humana teria que se desmanchar com o tempo em seus múltiplos actos de vontade. Nada acabaria restando dela.

Não é diferente em relação a Deus! Sua vontade criou o Paraíso! Sua vontade, porém, é o Espírito, que se designa por “Espírito Santo”. O Paraíso, por sua vez, foi apenas *obra* do Espírito, e não uma parte dele próprio. Nisso se constituiu uma nova graduação para *baixo*. O Espírito Santo criador, isto é, a vontade viva de Deus, não foi absorvido por sua Criação. Tampouco lhe cedeu uma parte de si mesmo, pelo contrário, permaneceu inteiramente *fora* da Criação. Isso a Bíblia já esclarece de forma bem clara e nítida com as palavras: “O *Espírito* de Deus pairava *sobre* as águas”, não o próprio Deus em pessoa! Isto, enfim, é diferente. Por conseguinte, o ser humano também não contém dentro de si nada do próprio Espírito Santo, mas sim somente do *espírito*, que é uma obra do Espírito Santo, um acto.

Em vez de ocupar-se agora com este facto, já aqui quer se formar com toda a força uma lacuna! Basta pensardes na noção conhecida a propósito da *primeira* Criação, o Paraíso! Devia ter sido imprescindivelmente aqui na Terra. O insignificante intelecto humano puxou com isso para dentro de seu círculo limitado, restrito a espaço e tempo, os acontecimentos de milhões de anos necessários e apresentou-se como ponto central e eixo de todos os fenómenos universais. A consequência foi que ele, desta maneira, perdeu prontamente o caminho para o verdadeiro ponto de partida da vida. No lugar desse caminho nítido, que ele já não podia mais abranger com a vista, tinha de ser encontrado um substitutivo em suas concepções religiosas, se ele próprio não quisesse designar-se como o autor de todo o ser e da vida e, assim, *como Deus*. A expressão “crença” deu-lhe até agora esse substitutivo! E dessa palavra “crença” passou a padecer desde então a humanidade inteira! Sim, mais ainda, a palavra desconhecida que devia completar tudo o que se perdera, tornou-se-lhe um obstáculo que trouxe o completo fracasso!

Com crença se conforma somente cada *indolente*. É também a crença, em que podem apegar-se os *escarnecedores*. E a palavra “crença”, interpretada *erradamente*, é a barreira que, obstruindo, coloca-se hoje diante do caminho para o progredir da humanidade.

Crença não deve ser o manto, que oculta magnanimamente a indolência de todo o pensar, que, como uma doença do sono, desce comodamente paralisando sobre o espírito do ser humano! Na realidade, a crença tem de se tornar *convicção*. Convicção, porém, exige vida, o mais aguçado examinar!

Contudo, onde quer que permaneça *uma* lacuna, *um* problema não-solucionado, lá será impossível a convicção. Nenhum ser humano pode, portanto, ter uma verdadeira crença, enquanto nele houver ainda alguma pergunta não esclarecida.

Já a expressão “crença cega” dá a reconhecer o que há nisso de doentio!

A crença tem de ser *viva*, conforme Cristo já exigiu outrora, do contrário, não tem finalidade. Vivacidade, porém, significa movimentar-se, ponderar e também analisar! Não aceitação bronca de pensamentos alheios. Crer às cegas, quer dizer, explicitamente, não compreender. Aquilo, porém, que o ser humano não compreende, também não lhe pode trazer proveito espiritual, pois na incompreensão não pode tornar-se vivo dentro dele.

Mas, o que ele não vivenciar completamente dentro de si, nunca se lhe tornará algo próprio! E somente o que lhe é próprio o eleva.

Ninguém pode, afinal de contas, percorrer um caminho, ir adiante, se nesse caminho se apresentarem grandes fendas. O ser humano tem de se deter espiritualmente lá, onde não pode prosseguir conscientemente. Tal facto é indiscutível e por isso mesmo fácil de ser compreendido. Quem, portanto, quiser progredir espiritualmente, que desperte!

No sono nunca poderá tomar o caminho rumo à Luz da Verdade! Tampouco com uma venda ou véu diante dos olhos.

O Criador quer ter Suas criaturas humanas de olhos abertos na Criação. Estar vendo, porém, significa sabendo! E ao saber não se coaduna nenhuma crença cega. Em uma tal crença só há indolência e preguiça de pensar, nenhuma grandeza!

A prerrogativa da faculdade de pensar leva o ser humano também ao dever de *analisar*!

Visando furtar-se a tudo isso, por comodidade, diminuiu-se simplesmente o grande Criador de tal modo, que se Lhe atribui actos arbitrários como prova da onipotência.

Quem quiser pensar apenas um pouco tem de encontrar nisso outra vez um grande erro. Um acto arbitrário implica a possibilidade da alteração de leis vigentes da natureza. Onde, porém, é possível tal coisa, lá falta perfeição. Pois onde há perfeição, não pode haver alteração. Assim, erroneamente, a onipotência de Deus está sendo apresentada por uma grande parte da humanidade de tal maneira, que para aqueles que pensam mais profundamente teria de valer como uma prova de imperfeição. E nisso reside a raiz de muitos males.

Dai a Deus a honra da perfeição! Nisso encontrareis, então, a chave para os problemas não-solucionados de toda a existência. —

Levar até lá os sinceros pesquisadores há de ser o meu empenho. Um novo alento deve perpassar os círculos de todos os que procuram a Verdade. Por fim, acabarão reconhecendo com júbilo que em todos os acontecimentos universais não há nenhum segredo, nenhuma lacuna. E então... vêm diante de si, claramente, o caminho para a escalada. Necessitam apenas seguir por ele. —

O misticismo ^(*Doutrina oculta) não tem nenhuma justificativa em toda a Criação! Nela não há lugar para ele; pois tudo deve apresentar-se claro e sem lacunas diante do espírito humano, até sua origem. E este campo abrange toda a Criação. Somente aquilo que então estiver *acima* dessa Criação, unicamente o divinal, deverá permanecer para cada espírito humano o mais

sacrossanto mistério, por encontrar-se *acima* de sua origem, a qual se encontra na *Criação*. Por isso, o que é divino, nunca será compreendido por ele. Nem sequer com a melhor boa vontade e o maior saber. Nessa impossibilidade de compreender tudo que é divino, reside para o ser humano, porém, o acontecimento *mais natural* que se possa pensar; pois, como se sabe, nada consegue ultrapassar a composição de sua própria origem. Nem mesmo o espírito da criatura humana! Na composição diferente reside sempre um limite. E o divino é de constituição totalmente diversa do espiritual, do qual promana o ser humano.

O animal, por exemplo, mesmo no mais pleno desenvolvimento anímico, jamais poderá tornar-se criatura humana. De sua entealidade, em hipótese alguma, poderá florescer o espiritual, que gera o espírito humano. Na composição de tudo quanto é enteal, falta a espécie básica espiritual. Por sua vez, porém, o ser humano, que promanou da parte espiritual da Criação, também jamais poderá se tornar divino, porque o espiritual nada tem da espécie do divino. O espírito humano pode, sim, desenvolver-se até a perfeição, no mais alto grau, mas apesar disso terá de permanecer sempre *espiritual*. Não pode atingir o divino, acima dele. A constituição diferente forma também aqui, naturalmente, o limite jamais transponível para cima. A materialidade não desempenha aqui nenhum papel, por não ter vida própria e servir apenas de invólucro, impulsionado e moldado pelo espiritual e pelo enteal.

O enorme domínio do espírito estende-se por toda a Criação. O ser humano pode, deve e tem, por conseguinte, de compreendê-la e reconhecê-la plenamente! E através de seu saber nela dominará. Todavia, dominar, mesmo o dominar mais severo, significa, reconhecido correctamente, somente servir! —

Em nenhum lugar de toda a Criação, até no mais elevado espiritual, nada se desvia dos acontecimentos naturais! Essa condição, por si só, já torna tudo mais familiar para qualquer pessoa. O medo doentio e velado, o querer esconder-se diante de tantas coisas ainda desconhecidas até o momento, ruirá aí por si mesmo. Com a *naturalidade* passa uma corrente de ar fresco pelo pesado ambiente sombrio de fantasias mentais, daqueles que gostam de se pôr em evidência. Suas configurações fantásticas e doentias, que atemorizam os fracos e provocam o sarcasmo dos fortes, tornam-se ridículas e pueris diante do olhar cada vez mais nítido, que por fim abrange de modo refrescante e jubiloso a admirável naturalidade de todos os acontecimentos, que sempre se processam somente em linhas rectas e simples, que são claramente reconhecíveis.

Uniformemente se vai processando tudo, na mais severa ordem e regularidade. E isto facilita, a cada um que procura, a visão ampla e livre, até o ponto de sua verdadeira origem!

Para isso, ele não precisará empreender pesquisas trabalhosas e nenhuma fantasia. O principal é conservar-se afastado de todos aqueles que, na confusa mania de segredos, querem fazer aparentar mais os escassos conhecimentos parciais.

Tudo se apresenta *tão* simples perante os seres humanos, que estes, muitas vezes, não chegam ao reconhecimento só por causa dessa simplicidade, por suporem de antemão que a obra grandiosa da Criação devia ser muito mais difícil e complicada.

Nisso é que tropeçam milhares com a melhor boa vontade, levantam o olhar para cima, procurando, e não pressentem que basta que olhem simplesmente *à sua frente* e ao redor, sem esforço. Verão assim que, devido à sua existência terrena, já se encontram no verdadeiro caminho, necessitando apenas que caminhem com calma para frente! Sem pressa e sem esforço, mas com os olhos *abertos* e os sentidos livres e desembaraçados! O ser humano precisa finalmente aprender que a verdadeira grandeza só se encontra nos acontecimentos mais simples e naturais. Que a grandeza condiciona essa simplicidade.

Assim é na Criação, assim é nele próprio, que pertence à Criação como uma parte!

Unicamente o pensar e o intuir *simples* podem dar-lhe clareza! E tão simples como as crianças ainda os possuem! Uma reflexão calma o fará reconhecer que, na faculdade de compreensão, a simplicidade equivale à clareza e também à naturalidade! Nem se pode imaginar uma sem as outras. É um trítone, expressando *um só* conceito! Todo aquele que o tomar como pedra fundamental de suas buscas, romperá depressa a confusão nebulosa. Tudo quanto for articulado artificialmente tem de desfazer-se em nada.

O ser humano reconhece que em parte alguma os fenômenos naturais podem ser excluídos e que em nenhum lugar se acham interrompidos! E nisso revela-se também a grandeza de *Deus*! A imutável vitalidade da vontade criadora autónoma! Pois as leis da natureza são as leis férreas de Deus, permanentemente visíveis aos olhos de todos os seres humanos, falando-lhes com insistência, testemunhando a grandeza do Criador, de uma regularidade inabalável, sem exceção! Sem exceção! Pois a semente da aveia só pode produzir aveia, a do trigo, igualmente, apenas trigo, e assim por diante.

Assim é também naquela primeira Criação que, como a própria obra do Criador, encontra-se mais próxima de Sua perfeição. Nela as leis básicas encontram-se ancoradas de tal maneira que, impulsionadas pela vitalidade da vontade, tiveram de acarretar, por processos naturalíssimos, a formação da Criação seguinte, por fim até em baixo, até estes corpos

siderais. Apenas tornando-se mais grosseiros, à medida que a Criação, na evolução, se distancia da perfeição da origem. —

Vamos, primeiramente, contemplar uma vez a Criação.

Imaginais que toda a vida nela consiste apenas de duas espécies, pouco importando em que parte ela se encontre. Uma espécie é o consciente e a outra, o inconsciente. É de máximo valor prestar atenção a estas duas diferenças! Isto está relacionado à “origem do ser humano”. As diferenças dão também o estímulo para o desenvolvimento, para a luta aparente. O inconsciente constitui o alicerce de todo o consciente, no entanto, na composição, é de espécie totalmente idêntica. Tornar-se consciente é progresso e desenvolvimento para o inconsciente. O qual, devido à coexistência com o consciente, recebe continuamente o estímulo, para tornar-se igualmente consciente.

A primeira Criação trouxe, ao desenvolver-se lentamente para baixo, três grandes divisões fundamentais: como o supremo e o mais elevado, o *espiritual*, a Criação primordial, ao qual se liga o enteal, que se torna mais denso e por isso também mais pesado. Finalmente vem ainda, como o mais baixo, o grande reino da materialidade que, por sua maior densidade, é o mais pesado, e que, separando-se da Criação primordial, foi descendo pouco a pouco! Por esse motivo, ficou como o supremo, apenas o puro espiritual, por corporificar, em sua espécie pura, o que há de mais leve e mais luminoso. É o tão citado Paraíso, a coroa da Criação inteira.

Com o descer do que foi se tornando lentamente mais espesso, tocamos já na lei da gravidade, que não está ancorada somente na materialidade, mas tem efeito também em toda a Criação, começando no assim chamado Paraíso até em baixo, até nós.

A lei da gravidade é de uma importância tão relevante, que cada pessoa devia fixá-la sobremaneira na mente; pois é a alavanca principal em toda a evolução e todo o processo de desenvolvimento do espírito humano.

Já mencionei que essa gravidade diz respeito não somente às condições terrenas, como também age uniformemente naquelas partes da Criação, em que os seres humanos terrenos não mais podem enxergar e que, por isso, chamam simplesmente de Além.

Para melhor compreensão, devo dividir ainda a *materialidade* em duas secções. Em *matéria fina* e em *matéria grosseira*. Matéria fina é aquela materialidade que não se torna visível aos olhos terrenos, devido à sua espécie diferente. E, contudo, ainda é materialidade.

Não se deve confundir o assim chamado “Além” com o almejado Paraíso, que é só puro espiritual. Espiritual não deve acaso ser compreendido como “mental”, mas o espiritual é uma *constituição*, como também o é a entealidade e a materialidade. Dá-se, pois, assim simplesmente o nome de Além a essa matéria fina, por se achar além da capacidade visual terrena. Já a matéria grosseira é o Aquém, tudo quanto é terreno, que aos nossos olhos de matéria grosseira torna-se visível devido à igual espécie.

O ser humano devia perder o hábito de considerar as coisas invisíveis a ele como sendo também incompreensíveis e anti-naturais. *Tudo* é natural, mesmo o assim chamado Além e o Paraíso, que dele ainda se encontra muito distante.

Assim como aqui nosso corpo de matéria grosseira é sensível ao ambiente de *igual* espécie, que por isso ele pode ver, ouvir e sentir, o mesmo se passa nas partes da Criação, cujas constituições não são semelhantes às nossas. A criatura humana de matéria fina no assim chamado Além sente, ouve e vê apenas seu ambiente de igual espécie de *matéria fina*, e a criatura humana espiritual, mais elevada, só pode, por sua vez, sentir o seu ambiente *espiritual*.

Assim acontece, pois, que alguns habitantes da Terra aqui e acolá já podem, com seu corpo de matéria fina, que trazem em si, ver e ouvir a matéria fina, antes mesmo que se dê a separação do corpo terreno de matéria grosseira por ocasião do falecimento. Nisso não se trata absolutamente de algo anti-natural.

Ao lado da lei da gravidade se acha, cooperando, ainda a não menos valiosa lei da igual espécie.

Já me referi a ela de passagem, ao dizer que uma espécie só pode reconhecer sempre outra igual. Os ditados: “os iguais se atraem” e “os que se parecem não se largam”, parecem extraídos da lei primordial. Vibra através de toda a Criação, ao lado da lei da gravidade.

Uma terceira lei primordial encontra-se ao lado destas duas, já mencionadas, na Criação: a lei da reciprocidade. Actua de tal maneira, que o ser humano tem de colher o que outrora semeou, infalivelmente. Não pode colher trigo, onde semeia centeio, nem trevo, se dissemina cardos. O mesmo se dá no mundo de matéria fina. Não poderá colher bondade se intuiu ódio, nem alegria onde alimentou inveja dentro de si!

Estas três leis básicas constituem marcos da vontade divina! São elas unicamente que, de forma natural, proporcionam recompensa ou castigo a um espírito humano, com inexorável

justiça! De tal modo incorruptível, nas mais maravilhosas, finíssimas gradações, que nos acontecimentos gigantescos do Universo o pensamento de uma mínima injustiça torna-se impossível.

O efeito dessas leis simples leva cada ser humano exactamente ao lugar a que pertence por sua disposição íntima. Um erro aí é impossível, porque a efectivação dessas leis só pode ser posta em movimento pelo estado *mais íntimo* do ser humano, mas, em todo caso, também infalivelmente será movimentada! A efectivação condiciona, portanto, como alavanca para a actuação, a força puro-espiritual de suas *intuições* que se encontram *nas* criaturas humanas! Tudo o mais permanece para isso sem efeito. Por esse motivo, unicamente determinante é apenas a *vontade* verdadeira, a *intuição* do ser humano, a qual se desenvolve para ele no mundo a ele invisível, onde deverá ingressar depois de sua morte terrena.

Aí de nada adianta simulação, nem auto-engano. Terá então de colher impreterivelmente aquilo que houver semeado com sua *vontade*! Até exactamente de acordo com a maior ou menor intensidade de seu querer, ela coloca em movimento, também mais ou menos, as correntes de igual espécie dos outros mundos, indiferente se de ódio, inveja ou amor. Um fenómeno inteiramente natural, na maior simplicidade e, todavia, de efeito férreo, da mais absoluta justiça!

Quem procurar seriamente aprofundar o pensamento nesses fenómenos do Além reconhecerá quão inexorável justiça reside nesse efeito natural, vê já nisso a incompreensível grandeza de Deus. Ele não precisa interferir, depois que colocou a Sua vontade como leis, portanto, perfeitas, na Criação.

Quem, em sua escalada, atingir de novo o reino do espírito, este estará purificado; pois teve antes de passar pelas mós automáticas da vontade de Deus. Não há outro caminho que leve à proximidade de Deus. E *como* essas mós actuam no espírito humano, depende de sua vida interior anterior, de sua própria *vontade*. Podem elevá-lo beneficentemente às alturas luminosas ou também atirá-lo dolorosamente para baixo, para a noite do horror, sim, até mesmo arrastá-lo até a aniquilação total. —

Imagine que, por ocasião do nascimento terreno, o espírito humano, que se tornou maduro para a encarnação, já traz um invólucro de matéria fina ou corpo, de que já necessitara em sua passagem pela matéria fina. Fica com ele também durante a permanência na Terra, como elo com o corpo terreno. A lei da gravidade exerce então sua actuação principal sempre na parte mais densa e mais grosseira. Na vida terrena, portanto, no corpo físico. Contudo, ficando este

para trás ao falecer, então o corpo de matéria fina ficará livre outra vez e está sujeito nesse momento sem protecção a essa lei da gravidade, doravante como a parte mais grosseira.

Quando se diz que o espírito dá forma ao seu corpo, isso é verdade em relação ao corpo de matéria fina. A constituição interior do ser humano, seus desejos e seu verdadeiro querer formam a base para isso. O querer encerra a força para moldar a matéria fina. Devido à ânsia pelas coisas inferiores, ou apenas pelos prazeres terrenos, o corpo de matéria fina torna-se espesso e, por conseguinte, pesado e escuro, porque a satisfação desses desejos se encontra na matéria grosseira. A criatura humana ata-se, ela própria, com isso, ao que é grosseiro, ao terreno. Seus desejos arrastam consigo o corpo de matéria fina, isto é, este se vai tornando tão denso, que se aproxima o mais possível da constituição terrena, onde se encontra exclusivamente a perspectiva de poder tomar parte nos prazeres ou nas paixões terrenas, tão logo o corpo terreno de matéria grosseira tenha ficado para trás. Quem se empenha nesse sentido tem de afundar, devido à lei da gravidade.

Diferente, porém, se dá com as pessoas, cujo interior se acha voltado principalmente para as coisas mais elevadas e mais nobres. Aqui a vontade tece naturalmente o corpo de matéria fina de maneira mais leve e, com isso, também mais luminosa, para que possa aproximar-se de tudo aquilo que constitui a finalidade do querer sincero dessas pessoas! Portanto, da pureza das alturas luminosas.

Empregando outras palavras: o corpo de matéria fina no ser humano terreno, devido ao respectivo alvo do espírito humano, será simultaneamente equipado de tal maneira que, depois da morte do corpo terreno, possa ir ao encontro desse alvo, seja ele qual for. Aqui realmente o espírito molda o corpo; pois sua vontade, sendo espiritual, também traz em si a força para utilizar-se da matéria fina. Jamais poderá esquivar-se desse fenómeno natural. Ocorre com cada vontade, não importa se lhe é agradável ou desagradável. E tais formas lhe permanecem aderidas, enquanto as alimentar com sua vontade e intuição. Beneficiam-no ou retêm-no, conforme a espécie, que está sujeita à lei da gravidade. Contudo, se ele mudar seu querer e seu intuir, surgem com isso de imediato novas formas, ao passo que as de até então, por causa da mudança da vontade, já não recebendo mais nutrição, têm que definharem e desintegram. Com isso o ser humano modifica também o seu destino.

Tão logo se desfaz a ancoragem na Terra pela morte do corpo terreno, o corpo de matéria fina, assim solto, afundará ou flutuará como cortiça na matéria fina que é chamada de Além. Será retido pela lei da gravidade exactamente naquele lugar, que possui a mesma gravidade que ele; pois já então não poderá prosseguir, nem para cima nem para baixo. Ali encontrará, naturalmente, toda a igual espécie ou todos da mesma índole; pois igual espécie condiciona a

mesma gravidade e, logicamente, a mesma gravidade condiciona a espécie igual. Portanto, conforme ele próprio foi, terá de sofrer ou poderá alegrar-se com os de índole igual, até modificar-se de novo interiormente e, com ele, seu corpo de matéria fina que, pela acção do peso modificado, tem de conduzi-lo mais para cima ou para baixo.

Assim sendo, o ser humano nem poderá se lastimar, nem precisará agradecer; pois se vier a ser elevado em direcção à Luz, deve isso à sua própria constituição, que acarreta o soerguimento obrigatório, e se vier a cair nas trevas, foi novamente o seu estado que o forçou a isso.

Contudo, cada ser humano tem motivo para glorificar o Criador por causa da perfeição que reside nos efeitos dessas três leis. Com isso, o espírito humano torna-se incondicionalmente senhor absoluto de seu próprio destino! Já que sua real vontade, isto é, seu verdadeiro estado interior, tem que elevá-lo ou afundá-lo.

Se procurardes formar uma noção acertada do efeito, isoladamente e entrelaçando-se, constatareis que nisso se encontram, medidas com absoluta precisão, recompensa e castigo, graça ou também condenação para cada um, de acordo com ele mesmo. É o acontecimento mais simples, e mostra a corda de salvação decorrente da séria vontade de uma pessoa, que nunca pode arrebentar nem falhar. É a grandeza de uma tal simplicidade que obriga quem a reconhece a se prostrar veementemente de joelhos diante da incomensurável sublimidade do Criador!

Em todos os acontecimentos e em todas as minhas explicações, deparamos repetidamente, sempre de forma clara e nítida, com o efeito dessas leis simples, cujo maravilhoso entrelaçamento ainda devo descrever mais particularmente.

Tão logo o ser humano conheça esse entrelaçamento, ficará de posse da escada para o reino luminoso do espírito, para o Paraíso. Mas, então, distinguirá também o caminho que desce para as trevas!

Não precisará sequer deslocar-se, pois será elevado pelas engrenagens automáticas para as alturas, ou arrastado para as profundezas, conforme ele ajustar a engrenagem para si mediante sua vida *interior*.

Dependerá sempre de *sua* decisão, por qual caminho quer se deixar levar.

O ser humano não deve se deixar desorientar nisso pelos zombadores.

Dúvidas e zombarias, considerando bem, não são outra coisa senão desejos explícitos. Todo céptico exprime, de modo inteiramente inconsciente, aquilo que deseja, exteriorizando assim seu íntimo ao olhar perscrutador. Pois até mesmo na negação, na defesa, jazem facilmente reconhecíveis desejos profundamente escondidos. Que negligência e que pobreza às vezes se manifestam aí, é triste ou também revoltante, porque justamente através disso um ser humano se rebaixa em seu íntimo, não raro mais do que qualquer animal bronco. Dever-se-ia ter compaixão dessa gente, sem, contudo, ser indulgente; pois indulgência significaria cultivar a preguiça para uma análise séria. Quem procura seriamente deve tornar-se económico com a indulgência, senão acabará prejudicando a si mesmo, sem com isso ajudar a outrem.

Jubilando, porém, com o crescente reconhecimento, encontrar-se-á diante do milagre de uma tal Criação, para deixar-se elevar conscientemente até as alturas luminosas, as quais pode chamar de pátria!

62. A força sexual em sua significação para a ascensão espiritual

Eu chamo mais uma vez a atenção para o facto de que toda a *vida* na Criação consiste de duas espécies. Do consciente e do inconsciente. O consciente é o progresso de todo o inconsciente. Somente ao tornar-se consciente, molda-se também a imagem do Criador, que compreendemos como a forma humana. A moldagem processa-se uniforme e simultaneamente com a consciencialização.

Na *primeira* Criação verdadeira, então, que, por estar mais próxima do Espírito criador, também só pode ser espiritual, encontra-se ao lado do ser humano espiritual consciente, criado por primeiro, também o espiritual ainda *inconsciente*. Nesse inconsciente, com as mesmas propriedades do consciente, reside naturalmente o impulso para o desenvolvimento contínuo. Este só se pode dar, porém, com o aumento progressivo da consciencialização.

Quando, portanto, nesse espírito inconsciente o impulso para a consciencialização tiver aumentado até certo grau, dá-se, no desenvolvimento mais natural, um fenómeno que equivale a um nascimento terreno. Precisamos apenas prestar atenção ao nosso ambiente. Aqui, o corpo de matéria grosseira expele naturalmente cada fruto amadurecido. No animal e na criatura humana. Também cada árvore expele seus frutos. O fenómeno é a repetição de um desenvolvimento contínuo, cujo fundamento se encontra na *primeira* Criação, no assim denominado Paraíso.

De igual modo sucede também *lá*, em um determinado amadurecimento do inconsciente que anseia pela consciencialização, uma repulsão natural, uma separação do inconsciente ou também denominada expulsão. *Essas partículas espirituais inconscientes, assim expelidas, formam então os germens espirituais de futuros seres humanos!*

Este é o acontecimento da expulsão do Paraíso, que também foi reproduzido em imagem na Bíblia.

Esse fenómeno *tem* de acontecer, porque no inconsciente reside irresponsabilidade, ao passo que com a consciencialização amadurece simultaneamente a responsabilidade.

A separação do inconsciente em amadurecimento é, portanto, necessária para o espiritual, que por impulso natural quer desenvolver-se para o consciente. É um progresso, não um retrocesso!

Uma vez que esses germens vivos não podem ser expelidos para cima, para a perfeição, resta-lhes então o único caminho para baixo. Aí, no entanto, penetram no reino do enteal de mais peso, o qual nada contém de espiritual.

Assim, o gérmen espiritual que anseia pela consciencialização encontra-se de súbito em um ambiente de espécie diferente da dele, portanto, *estranho*, e com isso como se estivesse *descoberto*. Como sendo espiritual, ele sente-se descoberto e nu na entealidade mais densa. Se quiser permanecer aí, ou prosseguir, torna-se-lhe uma necessidade natural cobrir-se com um *invólucro* enteal, que tenha a mesma espécie do seu ambiente. De outra maneira, não consegue agir aí, tampouco se manter. Portanto, não sente apenas a necessidade de cobrir sua nudez no caminho para o reconhecimento, conforme figuradamente a Bíblia descreve, mas também aqui se trata de um processo evolutivo necessário.

O gérmen do espírito humano em desenvolvimento é então conduzido à materialidade, por caminhos naturais.

Aqui o envolve mais uma vez um invólucro necessário, da mesma constituição do seu novo âmbito material.

Encontra-se ele agora na orla mais extrema da matéria fina.

A Terra, porém, é *aquele* ponto de matéria grosseira, onde se reúne *tudo* quanto existe na Criação. Conflui para aqui de *todos* os sectores, os quais de outro modo se acham rigorosamente separados, devido às suas características específicas. Todos os fios, todos os caminhos convergem para a Terra, como que para um ponto de encontro comum. Ligando-se aqui e também gerando novos efeitos, são arremessadas para o Universo correntes de energia em poderoso mar de chamas! De tal modo, como de nenhum outro lugar da materialidade.

Sobre esta Terra processa-se o mais intenso vivenciar através da conglomeração de *todas* as espécies da Criação, para o que a materialidade contribui. No entanto, sempre outra vez, pode se dar somente pela conglomeração de todas as espécies *da Criação*, não de algo do divinal e nada do Espírito Santo, que paira *acima* e fora da Criação.—

As últimas manifestações desse vivenciar na Terra afluem, pois, ao encontro do gérmen espiritual, tão logo ele entra na matéria fina. É envolto por esses efeitos. São eles que o atraem, ajudando-o, porém, a despertar com isso sua consciencialização, e levá-lo ao desenvolvimento.

Sem ligação ainda, portanto, sem culpa, nesse limiar de toda a materialidade, ele intui as manifestações das vibrações de fortes experiências vivenciais, que se desenrolam na evolução e na decomposição de tudo quanto é material. Aí lhe advém então o anseio de um *melhor* conhecimento. Mas tão logo forme nisso um desejo, sintoniza-se voluntariamente, ao formular esse desejo, com qualquer vibração, seja ela boa ou má. E, imediatamente, devido à actuante lei da força de atracção da igual espécie, será atraído então por uma espécie igual, que é mais forte do que a sua. É impelido para um ponto onde a espécie almejada é venerada de modo mais veemente do que era seu próprio desejo.

Com tal anseio íntimo, o seu invólucro de matéria fina condensa-se logo de modo correspondente a esse anseio, e a lei da gravidade o deixa afundar ainda mais.

O verdadeiro *vivenciar*, porém, do anseio nele latente, *só* lhe oferece por fim a Terra de matéria grosseira! — —

Sente-se, por isso, impelido a prosseguir até o nascimento terreno, porque quer passar do petiscar também ao provar e saborear. Quanto mais intensos se tornam os desejos por prazeres *terrenos* do espírito que desperta no petiscar, tanto mais espesso forma-se também o invólucro de matéria fina que traz consigo. Com isso adquire também mais peso e afunda vagarosamente em direcção ao plano terreno, onde unicamente se acha a oportunidade para a realização dos desejos. Tendo, porém, chegado até esse plano terreno, tornou-se com isso também amadurecido para o nascimento terreno.

Nisso, a lei da força de atracção da igual espécie também se manifesta *mais nitidamente*. Cada um dos espíritos imaturos, exactamente de acordo com o desejo ou pendor que traz em si, é atraído como que magneticamente por um ponto, onde o conteúdo do seu desejo chega à realização através de seres humanos terrenos. Se tiver, por exemplo, um desejo de dominar, não nascerá acaso em um ambiente onde ele próprio então possa viver na realização de seu desejo, ao contrário, será atraído por uma pessoa com acentuada tendência para dominar, que, portanto, intui do mesmo modo como ele, e assim por diante. Expia dessa forma, em parte, também já o errado, ou acha a felicidade no certo. Pelo menos tem oportunidade para tanto.

Devido a esse fenómeno supõe-se, pois, erroneamente, transmissão hereditária de propriedades ou de faculdades espirituais! *Isso é errado!* Externamente, contudo, pode aparentar assim. Na realidade, porém, uma criatura humana não pode transmitir aos filhos *nada* de seu espírito vivo.

Não existe nenhuma hereditariedade espiritual!

Pessoa alguma se encontra em condições de ceder sequer uma reduzidíssima partícula de seu espírito vivo!

Nesse ponto cultivou-se um erro que lança suas sombras estorvantes e perturbadoras sobre muita coisa. Nenhum filho pode ser grato aos pais por qualquer faculdade espiritual, tampouco, porém, censurá-los por defeitos! Seria erróneo e uma injustiça condenável!

A obra maravilhosa da Criação é tão completa e perfeita que nunca poderia permitir tais actos arbitrários ou casuais de hereditariedade espiritual!

Essa força de atracção de todas as espécies iguais, tão importante no nascimento, pode partir do pai, bem como da mãe, assim como de cada um que esteja na proximidade da futura mãe. *Por isso uma futura mãe devia ser cautelosa em relação àqueles que ela permite ficar em sua proximidade.* Cumpre ponderar aí que a força interior reside predominantemente nas fraquezas, e não acaso no carácter exterior. As fraquezas trazem períodos importantes de vivenciar interior, que resultam em vigorosa força de atracção.

A vinda terrena do ser humano compõe-se, pois, de geração, encarnação e nascimento. A encarnação, isto é, a entrada da alma, ocorre *no meio do período da gravidez*. O crescente estado mútuo de maturação, tanto da futura mãe, como da alma em vias de encarnação, leva também ainda a uma ligação especial *mais terrena*. É essa uma irradiação que é provocada pelo mútuo estado de maturação, e por fenómeno natural buscam-se reciprocamente de modo irresistível. Tal irradiação vai se tornando cada vez mais intensa, prendendo a alma e a futura mãe, uma à outra, cada vez mais forte e de maneira exigente, até que por fim, em determinada maturidade do corpo em desenvolvimento no ventre materno, a alma é literalmente absorvida pelo mesmo.

Esse momento de ingresso ou de absorção acarreta também, naturalmente, os primeiros abalos do pequeno corpo, o que se manifesta por contracções, que são denominados de os primeiros movimentos da criança. Com isso se processa na futura mãe, muitas vezes, uma transformação de suas intuições. De modo bem-aventurado ou opressor, conforme a espécie da alma humana que ingressou. —

Com o pequeno corpo, a alma humana desenvolvida até tal ponto veste então o manto da matéria grosseira, que é necessário para, na matéria grosseira terrena, poder vivenciar, ouvir, ver e sentir tudo, de modo pleno, o que só se torna possível através de um invólucro ou de um instrumento da mesma matéria, *da mesma espécie*. Só então poderá passar do petiscar para o

saborear propriamente e, com isso, *para o discernimento*. É compreensível que a alma tenha de aprender primeiro a servir-se desse novo corpo como instrumento, e a dominá-lo.

Eis resumidamente o processo evolutivo do ser humano até o seu primeiro nascimento terreno.

Pois já desde muito tempo, por fenómeno natural, alma nenhuma pode vir mais à Terra para a *primeira* encarnação, pelo contrário, os nascimentos trouxeram almas que já haviam passado, *no mínimo*, por uma vida terrena. Por isso, já no nascimento se encontram estreitamente enlaçadas por vários carmas. *A força sexual propicia a possibilidade de se libertarem disso.*

Devido ao envolvimento pelo corpo de matéria grosseira, a alma de um ser humano fica isolada, durante todos os anos da infância, dos influxos que do lado de *fora* procuram alcançar a alma. Todas as trevas, todo o mal, que vivificam o plano terreno, encontram seu caminho para a alma impedido pelo corpo terreno de matéria grosseira. Por isso, também não podem obter nenhuma influência sobre a criança, não podem causar-lhe dano. O mal, porém, que a alma novamente encarnada trouxe consigo do vivenciar anterior, permanece-lhe mantido naturalmente de idêntico modo durante a infância.

O corpo constitui essa parede divisória, enquanto se achar ainda incompleto e imaturo. É como se a alma tivesse se retirado para um castelo, estando a ponte levadiça erguida. Assim, durante esses anos, há um abismo intransponível entre a alma infantil e a Criação de matéria fina, onde vivem as vibrações de matéria fina de culpa e de expiação. Fica assim a alma abrigada no invólucro terreno, amadurecendo para a responsabilidade e aguardando o momento que traz a descida da ponte levadiça erguida, para a verdadeira vida na materialidade.

O Criador dotou através de leis naturais o *instinto imitativo* em *cada* criatura, em lugar de um livre-arbítrio lá, onde ainda nenhum livre-arbítrio actua. Denomina-se isso em geral de “receptibilidade infanto-juvenil”. O instinto de imitação deve preparar o desenvolvimento para a vida terrena, até que, nos animais, ele seja enriquecido e amparado por experiências, nos seres humanos, porém, elevado pelo espírito no livre-arbítrio para o actuar auto-consciente!

Falta, pois, ao espírito encarnado no corpo da criança, uma ponte de irradiação que só poderá formar-se na época da maturação corpórea, com a força sexual. Ao espírito falta essa ponte para a actuação plenamente efectiva e realmente laboriosa na Criação, actuação que

somente pode ser efectuada pela possibilidade de irradiação sem lacunas através de todas as espécies da Criação. Pois apenas nas irradiações se encontra a vida, e somente delas e através delas surge movimento.

Durante esse tempo a criança, que só pode actuar de modo pleno sobre o seu ambiente a partir de sua parte *enteal*, não, porém, a partir do núcleo espiritual, tem, perante as leis da Criação, um pouco mais de responsabilidade do que um animal em desenvolvimento máximo.

Nesse ínterim vai amadurecendo o corpo jovem e, pouco a pouco, nele desperta a *força sexual*, que se encontra somente na *matéria grosseira*. Ela é a *mais fina e a mais nobre flor de toda a matéria grosseira*, o mais elevado que a Criação de matéria grosseira pode oferecer. Em sua *delicadeza* ela constitui o *ápice de tudo quanto é de matéria grosseira*, isto é, terrenal, que mais se aproxima da entealidade, como ramificação viva mais extrema da materialidade. A força sexual é a vida pulsátil da materialidade, e só ela pode constituir a *ponte* para a entealidade que, por sua vez, proporciona a continuação para o espiritual.

Por esse motivo, o despertar da força sexual no corpo de matéria grosseira é como o processo do abaixar da ponte levadiça de um castelo até então fechado. Com isso poderá, então, o morador desse castelo, isto é, a alma humana, sair plenamente preparada para a luta, na mesma medida, porém, poderão chegar a ela também os amigos ou inimigos que cercam esse castelo. Tais amigos ou inimigos são, antes de tudo, as correntezas de matéria fina de espécie boa ou má, mas também os do Além que aguardam apenas que se lhes estenda a mão mediante algum desejo, com o que têm condições de agarrar-se firmemente e exercer influência de igual espécie.

As leis do Criador, porém, em intensificação a mais natural, permitem entrar, de fora para dentro, sempre só a mesma força que de dentro possa ser contraposta, de maneira a ficar totalmente excluída uma luta desigual. – Enquanto aí não se pecar. Pois todo e qualquer impulso sexual antinatural, que for despertado por estímulo artificial, abre prematuramente esse forte castelo, pelo que a alma ainda não fortalecida uniformemente fica desamparada. Terá de sucumbir às correntezas más de matéria fina, que vêm se precipitando, as quais de outro modo estaria absolutamente em condições de enfrentar.

Em um amadurecimento normal pode haver, devido a fenómeno natural, sempre apenas a mesma força em ambos os lados. A decisão aí, porém, é dada pela vontade do habitante do castelo e não pela dos sitiantes. Assim, com boa vontade, ele sempre vencerá na matéria fina. Isto é, nos acontecimentos do mundo do Além, o qual o ser humano mediano não pode ver

enquanto se encontra na Terra, e o qual, no entanto, está estreitamente ligado a ele e de modo muito mais vivo do que o seu ambiente de matéria grosseira a ele visível.

Se o habitante do castelo, porém, *espontaneamente*, isto é, por desejo próprio ou livre resolução, estender a mão a um amigo ou inimigo de matéria fina que se encontra do lado de fora, ou também a correntezas, então evidentemente é algo completamente diferente. Visto que, através disso, ele se sintoniza com uma determinada espécie dos sitiantes que esperam do lado de fora, estes podem assim, facilmente, desenvolver contra ele uma força dez e até cem vezes maior. Sendo ela boa, receberá auxílio, bênçãos. Sendo, porém, má, colherá destruição. Nessa livre escolha encontra-se a actuação de seu próprio livre-arbítrio. Uma vez que se decidiu a isso, então fica sujeito às consequências, incondicionalmente. Para essas consequências seu livre-arbítrio fica então excluído. Segundo a própria escolha, liga-se a ele carma bom ou mau, ao qual evidentemente está sujeito, enquanto não se modificar interiormente. —

A força sexual tem a tarefa e também a capacidade de “*incandescer*” terrenalmente toda a intuição *espiritual* de uma alma. Só assim pode o espírito receber uma ligação certa com a materialidade toda, só assim também se torna de pleno valor, terrenalmente. Apenas então consegue abranger tudo o que é necessário para se fazer valer plenamente nesta materialidade, a fim de estar firme nela, influenciar de modo incisivo, ter protecção e, aparelhado de tudo, exercer vitoriosa resistência.

Há algo grandioso na ligação. *Essa é a finalidade principal* desse enigmático e imensurável impulso natural! Deve ajudar o espiritual a desenvolver-se nesta materialidade à plena força de actuação! Sem essa força sexual isso seria impossível, por falta de uma transição para a vivificação e o domínio de toda a materialidade. O espírito permaneceria demasiado estranho à materialidade, para nela poder manifestar-se direito.

Com isso, porém, o espírito humano recebe então também a força plena, seu calor e sua vitalidade. Somente com esse processo torna-se terrenalmente preparado para a luta.

Por isso principia aqui, pois, a responsabilidade! Um sério ponto de transição na existência de cada ser humano.

A sábia justiça do Criador outorga ao ser humano, porém, nesse importante momento, também simultaneamente, não apenas a possibilidade, mas sim até o impulso natural para desembaraçar-se *com facilidade e sem esforço* de todo o carma com que até então sobrecarregou seu livre-arbítrio!

Quando o ser humano negligencia o tempo, então a culpa é *dele*. Reflecti uma vez sobre isso: com a entrada da força sexual manifesta-se de modo preponderante um impulso poderoso para cima, para tudo o que é ideal, belo e puro! Isso pode ser observado nitidamente na juventude incorrupta de ambos os sexos. Daí o entusiasmo dos anos da mocidade, infelizmente muitas vezes ridicularizado pelos adultos. Por isso também nesses anos as intuições inexplicáveis e levemente melancólicas.

Não são infundadas as horas em que parece que um moço ou uma jovem teria de carregar toda a dor do mundo, quando lhes surgem pressentimentos de uma profunda seriedade. Também o não se sentir compreendido, que tão frequentemente ocorre, contém em si, na realidade, muito de verdadeiro. É o reconhecimento temporário da conformação errada do mundo em redor, o qual não quer nem pode compreender o sagrado início de um voo puro às alturas, e só está satisfeito quando essa tão forte intuição exortadora nas almas em amadurecimento é arrastada para baixo, para o “mais real” e sensato, que lhe é mais compreensível e que considera mais adequado à humanidade, julgando, em seu sentido intelectual unilateral, como o único saudável!

A graça misteriosamente irradiante de uma jovem ou de um moço incorruptos não é outra coisa senão o *puro* impulso ascendente, intuído juntamente pelo seu ambiente, da força sexual que desperta, visando o que é mais elevado, mais nobre, em união com a força espiritual!

Cuidadosamente, o Criador dispôs que isso ocorra no ser humano apenas em uma idade em que possa ter plena consciência de sua vontade e de sua acção. Então, é chegado o momento em que ele pode e devia libertar-se como que brincando de todo o passado, em ligação com a força plena nele agora existente. Cairia até por si, se a pessoa mantivesse a vontade para o bem, a que ela é impulsionada continuamente nesse período. Poderia, então, como indicam bem acertadamente as intuições, escalar sem esforço àquele degrau ao qual ela pertence como criatura humana! Contemplai o estado sonhador da juventude incorrupta! Não é outra coisa senão a intuição do impulso ascendente, do querer libertar-se de toda a impureza, o anseio ardente pelo que é ideal. A inquietação impulsionadora é, porém, o sinal para não negligenciar o tempo, e sim para libertar-se energicamente do carma e *principiar* com a escalada do espírito.

É algo maravilhoso estar nessa força concentrada, actuar *dentro dela e com ela*! Contudo, apenas enquanto a direcção que a pessoa escolher for boa. também, nada há de mais miserável do que malbaratar essas forças unilateralmente em cego delírio sensual, paralisando com isso o seu espírito.

Mas, infelizmente, infelizmente o ser humano negligencia na maioria dos casos esse tão precioso período de transição, deixa-se guiar pelo ambiente “esclarecido” para caminhos falsos que o retêm e, em seguida, levam-no para baixo. Assim *não* consegue libertar-se das vibrações turvadoras que dele pendem, pelo contrário, estas apenas recebem novo suprimento de forças de sua espécie igual e com isso o livre-arbítrio do ser humano é enredado mais e mais, até que não consegue mais reconhecê-lo, por causa de tantos sufocamentos desnecessários. Assim como nas trepadeiras, às quais um tronco saudável oferece no início apoio auxiliar, e que por fim tiram a vida desse tronco, cobrindo-o inteiramente e estrangulando-o.

Se o ser humano desse mais atenção a si próprio e aos fenômenos em toda a Criação, carma algum poderia ser mais forte do que seu espírito que chega à plenitude de sua força, tão logo receba, através da força sexual, ligação sem lacunas com a materialidade, à qual, pois, pertence o carma.

Mesmo quando o ser humano perde o período, quando se enreda mais, talvez até cai profundamente, apesar disso ainda se lhe oferece oportunidade para a ascensão: através do amor!

Não o amor cobiçoso da matéria grosseira, mas o elevado e puro amor, que nada mais conhece e visa senão o bem da pessoa amada. Ele também pertence à materialidade e não exige nenhuma renúncia, nenhuma penitência, mas apenas quer sempre o melhor para o outro. E esse querer, que jamais *pensa em si próprio*, constitui também a melhor protecção contra qualquer acto abusivo.

Mesmo na idade mais avançada do ser humano, tem o amor como fundamento sempre de novo as intuições que aspiram por ideais da juventude incorrupta, que esta sente no irromper da força sexual. Contudo, manifesta-se de outra forma: instiga a pessoa madura até o vigor de sua capacidade total, sim, até ao heroísmo. A tal respeito não há limite algum devido à idade. A força sexual persiste, mesmo quando o impulso sexual inferior se acha excluído; pois a força sexual e o impulso sexual não são uma só coisa.

Tão logo uma pessoa dê guarida ao amor puro, seja o do homem pela mulher ou vice-versa, por um amigo, por uma amiga, pelos pais, pelo filho, não importa, desde que seja puro, traz também como primeira dádiva a oportunidade para a remição do carma, que pode dissolver-se mui rapidamente “de modo simbólico”. “Seca”, por não encontrar mais nenhuma ressonância análoga, nenhuma nutrição na criatura humana. Com isso ela torna-se livre! E assim começa a escalada, a redenção das correntes indignas que a prendem em baixo.

A primeira intuição que aí desperta é o julgar-se indigno diante do ser amado. Pode-se denominar esse fenómeno de princípio da modéstia e da humildade, portanto, o recebimento de duas grandes virtudes. A isso se junta o impulso de manter a mão sobre o outro, protetoramente, a fim de que não lhe aconteça algum mal de nenhum lado. O “querer trazer nas palmas das mãos” não é um ditado oco, mas sim caracteriza mui acertadamente a intuição que brota. Nisso, porém, encontra-se uma abdicação da própria personalidade, uma grande vontade de servir, o que, por si só, poderia bastar para eliminar em pouco tempo todo o carma, tão logo essa vontade perdure e não dê lugar a impulsos puramente sensuais. Por último, manifesta-se ainda, no amor puro, o desejo ardente de poder fazer algo bem grande para o outro ser amado, no sentido nobre, de não ofendê-lo ou feri-lo com nenhum gesto, nenhum pensamento, nenhuma palavra, muito menos ainda com uma acção feia. Torna-se viva a mais delicada consideração.

Deve, então, procurar segurar essa pureza da intuição e colocá-la à frente de tudo o mais. Nunca alguém, nesse estado, ainda quererá ou fará algo de mal. Simplesmente não consegue, mas sim, pelo contrário, ele tem nessas intuições a melhor protecção, a maior força, o mais bem-intencionado conselheiro e auxiliador.

O Criador, em Sua sabedoria, deu com isso uma bóia de salvação, que não somente uma vez na existência terrena toca em *cada* criatura humana, a fim de que nela se segure e por ela se eleve!

O auxílio está à disposição de *todos*. Nunca faz uma distinção, nem à idade nem ao sexo, nem ao pobre nem ao rico, tampouco ao nobre ou ao humilde. Por essa razão o amor é também a maior dádiva de Deus! Quem compreende isso está certo da salvação de *toda* aflição e de *toda* a profundeza!

O amor é capaz de arremessá-lo para cima, com o ímpeto da tempestade, para a Luz, para Deus, que é o próprio amor. —

Tão logo em um ser humano se manifeste amor, que se esforça por proporcionar ao outro luz e alegria, não degradá-lo mediante cobiças impuras, mas sim elevá-lo protetoramente bem alto, então ele o *serve*, sem se tornar consciente do verdadeiro servir; pois assim torna-se antes um doador desinteressado, um alegre presenteador. E esse servir liberta-o!

A fim de encontrar nisso o caminho certo, atente o ser humano sempre apenas em uma coisa. Paira sobre todos os seres humanos terrenos, de modo imenso e forte, um desejo: poder

ser, realmente, diante de si mesmos, *aquilo* que valem diante *daqueles* pelos quais são amados. E esse desejar é o caminho certo! Conduz directamente às alturas.

Muitas oportunidades são oferecidas ao ser humano para tomar impulso e ascender, sem que delas se utilize.

O ser humano de hoje é somente como um homem, ao qual foi dado um reino, e que prefere desperdiçar seu tempo com brinquedos infantis.

É apenas evidente e nem se pode esperar de outro modo, que as forças poderosas, que são dadas ao ser humano, terão de *destruçá-lo*, se não souber *dirigi-las*.

Também a força sexual terá de destruir o ser humano individual, povos inteiros, lá, onde se abusar de sua *finalidade principal*! A finalidade da geração só vem em *segundo* lugar.

E que meios de auxílio oferece a força sexual a cada pessoa, a fim de que também reconheça a finalidade principal e a *vivencie*!

Pense-se no pudor corpóreo! Este desperta simultaneamente com a força sexual, é dado para *protecção*.

Como em toda a Criação, há também aqui um trítono, e, ao descer, pode ser reconhecido sempre também um tornar-se mais grosseiro. O pudor, como a primeira consequência da força sexual, deve constituir como transição para o impulso sexual o *obstáculo*, a fim de que o ser humano em seu alto nível não se entregue à prática sexual animaisicamente.

Ai do povo que não dá atenção a isso!

Um forte pudor cuida para que o ser humano jamais possa sucumbir a uma embriaguez dos sentidos! Protege contra paixão; pois, devido a fenómeno completamente natural, jamais permitirá oportunidades para a perda do auto-controle, nem sequer pela fracção de um momento.

Somente *com muita força* consegue o ser humano afastar, mediante sua vontade, essa maravilhosa dádiva, para então se comportar *animaisicamente*! Tal violenta intromissão na ordem universal do Criador *terá*, porém, de tornar-se maldição para ele; pois a força do impulso sexual corpóreo assim libertada não é mais natural para ele em seu desencadeamento.

Se falta o pudor, o ser humano transforma-se de senhor em servo, é arrancado de seu degrau humano e colocado ainda abaixo do animal.

Pondere o ser humano, somente acentuado pudor impede a oportunidade de queda. Com isso lhe é dada a mais vigorosa defesa.

Quanto maior for o pudor, tanto *mais nobre* será o impulso, e tanto mais alto espiritualmente estará o ser humano. É essa a melhor *medida do seu valor espiritual interior!* Essa medida é infalível e facilmente reconhecível por qualquer pessoa. Com o estrangulamento ou afastamento do sentimento exterior do pudor, ficam também, simultaneamente, sempre asfixiadas as propriedades anímicas mais finas e mais valiosas e, com isso, desvalorizado o ser humano interior.

Um sinal infalível de queda profunda e de decadência certa é quando a humanidade começa, sob a mentira do progresso, a querer “erguer-se” acima da jóia do pudor, tão favorecedora sob todos os aspectos! Seja isso, pois, sob o manto do desporto, da higiene, da moda, da educação infantil ou sob muitos outros pretextos para isso bem-vindos. A decadência e a queda então não podem ser impedidas, e somente um horror da pior espécie poderá levar ainda alguns à reflexão.

E, todavia, é facilitado ao ser humano terreno enveredar pelo caminho que leva às alturas.

Ele precisa apenas tornar-se “mais natural”. Ser natural, porém, não significa andar semi-nu por aí, ou perambular descalço, com trajes extravagantes! Ser natural significa atentar cuidadosamente às íntimas intuições, e não eximir-se veementemente das admoestações das mesmas! Apenas para não parecer antiquado.

Mais da metade de todas as criaturas humanas, porém, já chegaram hoje infelizmente a tal ponto, que se tornaram demasiado brucas para ainda compreender as intuições naturais. Para tanto já se restringiram excessivamente. Um grito de pavor e de horror será o fim disso!

Feliz daquele que então puder vivificar novamente o pudor! Tornar-se-lhe-á escudo e apoio, quando tudo o mais se destroçar.

63. “Eu sou a ressurreição e a vida; ninguém chega ao Pai, a não ser por mim!”

Jesus, vindo do divinal, usou com direito essas palavras, porque podia abranger tudo com a vista e era o único que podia esclarecer realmente. A sua mensagem, que não se deixa separar dele próprio, mostra, em meio à confusão das falsas concepções, o caminho *claro* para cima, para a Luz. Isso significa para todos os espíritos humanos a possibilidade de se elevarem, ou a *ressurreição da matéria* em que eles estão mergulhados para o próprio desenvolvimento contínuo. Tal ressurreição é, para cada um, *vida*!

Ouçam, por favor, com atenção: toda a baixeza e todo o mal, portanto, tudo quanto denominamos de trevas, encontra-se *apenas* na materialidade, tanto na grosseira como na fina! Quem compreende *isso* acertadamente, este já lucrou muito com isso.

Logo que o ser humano pensa de modo mau ou baixo, ele se prejudica *a si próprio* enormemente. A força principal de sua vontade flui então em direcção ao que é baixo, como um raio magnético, enviado, e atrai, em virtude do próprio peso, a matéria fina mais densa, por sua vez também mais escura devido à densidade, pelo que o *espírito* humano, de quem se origina a vontade, é envolvido com essa espécie densa da materialidade. Também quando a índole humana é preponderantemente dirigida apenas para as coisas terrenas, como no encanto de alguma paixão, que não precisa ser apenas imoralidade, jogatina ou bebedeira, mas também pode ser uma acentuada predilecção por qualquer coisa terrenal, então um invólucro de matéria fina, mais ou menos denso, fechar-se-á em torno de seu espírito, pelo fenómeno que já mencionei.

Esse invólucro denso, e por isso também escuro, retém o espírito de qualquer possibilidade de escalada e *permanece*, enquanto esse espírito não alterar o modo de seu querer.

Só o querer sincero e um sério esforço pelo *espiritual elevado* podem afrouxar semelhante invólucro e por fim soltá-lo totalmente, porque então não recebe mais suprimento de forças de igual espécie, perde aos poucos o apoio e cai por fim dissolvido para, com isso, libertar o espírito para a escalada.

Por matéria fina não deve ser entendido acaso um refinamento dessa matéria grosseira visível, mas é uma espécie totalmente *estranha* a essa matéria grosseira, de *outra* constituição,

mas que, não obstante, pode ser chamada de materialidade. É uma transição para a entealidade, da qual se origina a alma do animal.

Se, no entanto, os seres humanos permanecem na materialidade, então, de acordo com a natureza da coisa, eles têm de ser arrastados um dia à decomposição de tudo quanto é material, que a ela está sujeito, porque eles, devido ao seu invólucro, não conseguem mais se desligar da materialidade em tempo.

Eles que, por desejo próprio, mergulharam na materialidade para seu desenvolvimento, nela permanecem atados, *caso não mantenham o caminho certo!* Não conseguem realizar uma re-emersão da mesma, que significa uma ressurreição ao encontro da Luz. — —

Sirva-lhes de explicação mais detalhada, que *todo* o desenvolvimento de um gérmen espiritual que anseia pela autoconsciência pessoal *condiciona* o mergulhar na materialidade. *Só pelo vivenciar na materialidade ele pode desenvolver-se nesse sentido.* Nenhum outro caminho lhe fica aberto para tanto. Mas não será acaso forçado a isso, pelo contrário, acontecerá apenas quando nele despertar o *anseio próprio* para isso. Seu *desejar* impulsiona-o então ao encontro do necessário processo evolutivo. Para fora do assim chamado Paraíso do inconsciente e, com isso, também para fora do irresponsável.

Se as criaturas humanas na materialidade, por causa de desejos erróneos, perderem o caminho certo que conduz novamente para cima, de volta para a Luz, permanecerão vagando na materialidade.

Agora tentem uma vez olhar para os fenômenos na *matéria grosseira*. Para o formar e o decompor em seu ambiente mais próximo e visível.

Podem observar no germinar, crescer, amadurecer e decompor o formar-se, portanto, a ligação dos elementos básicos, o amadurecer e o retornar novamente para os elementos básicos mediante desagregação, isto é, pela desintegração do que é formado na decomposição. Podem ver isso nitidamente na água, também nas pedras pela assim chamada erosão, nas plantas e nos corpos animais e humanos. Contudo, como aqui nas coisas pequenas, assim também ocorre exactamente nas coisas grandes e, por fim, de modo igual, em todo fenómeno universal. Não somente na *matéria grosseira*, que é *visível* ao ser humano terreno, mas também na *matéria fina*, no assim chamado Além, que, no entanto, ainda nada tem a ver com o Paraíso. — —

Toda a materialidade pende, qual enorme grinalda, como a parte mais baixa da Criação, e move-se em um círculo enorme, cujo percurso abrange muitos milhões de anos. Portanto, no fenómeno da grande Criação, tudo gira não só em redor de si mesmo, mas, além disso, o todo se move irresistivelmente e de forma especial ainda em um circular gigantesco. Assim como esse grande percurso *resultou* da primeira ligação até a perfeição actual, *da mesma forma* segue adiante, sem interrupção, até começar e a efectuar-se a decomposição, retornando à matéria original. O circular, então, prossegue mesmo assim tranquilamente também com essa matéria original para, na nova ligação que então se segue, formar outra vez novas partes do Universo, as quais trazem em si energias virginais intactas.

Assim é o grande processo que se repete eternamente, tanto nas coisas mínimas como também nas máximas. E *acima* desse circular está, firme, a primeira Criação puramente espiritual, o assim chamado Paraíso. Este, ao contrário da materialidade formada, *não* está sujeito à decomposição.

Nesse puro espiritual eterno, que se acha resplandecente acima do circular, encontra-se o ponto de partida do germen espiritual inconsciente do ser humano. É também o espiritual que constitui novamente a *meta final* para o espírito humano, que na materialidade se tornou consciente de si e com isso também *peçoal*. Sai como germen inconsciente e irresponsável. Retorna como personalidade própria e consciente, e com isso também responsável, se... não se perder no seu caminho necessário através da materialidade e por isso ficar preso nela, mas sim festejar a ressurreição dela como espírito humano tornado plenamente consciente. É o alegre re-emergir da materialidade, ao encontro dessa parte luminosa e eterna da Criação.

Enquanto o espírito humano se encontra, pois, na matéria, participa com ela de uma parte do eterno grande circular, evidentemente, sem que ele próprio o perceba. E assim ele também chega finalmente um dia àquele limite em que a parte do Universo, onde ele se encontra, vai lentamente ao encontro da decomposição. Então, porém, será o último momento para todos os espíritos humanos que ainda se encontram *na* materialidade, para que se apressem em tornar-se *de tal modo*, que possam escalar o porto seguro e luminoso do reino eterno, isto é, encontrar o caminho certo e acima de tudo também o *mais curto*, a fim de sair do alcance dos perigos que se iniciam na materialidade, antes que estes os possam agarrar.

Se não o conseguir, tornar-se-á para ele cada vez mais difícil e por fim tarde demais!

Ele será então arrastado, com tudo o mais, para a decomposição lenta, sendo aí destruído o “eu” *peçoal* por ele adquirido. Sob mil tormentos transformar-se-á com isso novamente na

semente espiritual inconsciente. O mais horrível que pode suceder a um espírito que tenha se tornado pessoalmente consciente.

São todos aqueles que desenvolveram sua personalidade em um rumo errado. Eles têm de perdê-la por isso de novo, por ser inútil e nociva. Note-se bem, decomposição não significa acaso destruição. Nada pode ser destruído. É apenas um regressar ao estado primitivo. Destruído será, nos assim perdidos, o “eu” pessoal até agora adquirido, o que ocorre sob os maiores tormentos.

Tais perdidos ou condenados deixam de ser com isso espíritos humanos prontos, ao passo que os outros puderam entrar como espíritos auto-conscientes no reino eterno da alegria e da Luz, usufruindo conscientemente todo aquele esplendor. —

Assim como uma lavoura de trigo, após uma série de anos, produz espigas cada vez piores, e somente recebe novas forças pela mudança das sementeiras, diferente não é em toda a materialidade. Também esta fica gasta um dia e deve receber força nova através da decomposição e nova ligação. Tal processo, contudo, requer milhões de anos. No entanto, também no processo de muitos milhões de anos, chega uma vez *um determinado ano* como limitação decisiva para uma separação necessária de tudo quanto é útil do que é inútil.

E essa época é agora atingida por nós no grande movimento circular. O espírito humano que se encontra na materialidade *tem* que se decidir finalmente pela ascensão, ou a materialidade o mantém agarrado para a decomposição vindoura... que é a condenação eterna, de onde nunca mais será possível uma ressurreição espiritual de modo pessoal e auto-consciente e uma ascensão para a luminosa e eterna parte da Criação, que paira acima de tal decomposição. —

No desenvolvimento natural do todo, desde muito já foi tirada qualquer possibilidade de os germens espirituais que anseiam pela consciencialização poderem encarnar-se neste plano terreno superamadurecido, pois levariam demasiado tempo para sair ainda a tempo desta materialidade como espíritos conscientes de si próprios. Em fenómeno natural, o curso dos germens espirituais só encontra *aquelas partes do Universo* que *nisso* têm uma espécie igual, onde as necessidades de desenvolvimento requerem exactamente o mesmo tempo que um germen espiritual precisa para o pleno desenvolvimento, mesmo nos casos mais demorados. Somente espécie igual do degrau de desenvolvimento dá caminho livre ao germen espiritual, ao passo que um amadurecimento mais adiantado de uma parte do Universo estabelece barreiras totalmente inacessíveis aos germens espirituais imaturos. Também nisso fica de todo impossível a censura de uma injustiça e de uma falha. *Cada* espírito humano pode, por

consequente, com o amadurecimento máximo do ambiente material, no qual se move, estar simultaneamente amadurecido naquele limite onde se encontra agora aquela parte da materialidade que presentemente habitamos.

Não há *um* sequer, que não pudesse estar maduro! A desigualdade entre os seres humanos é apenas a consequência necessária da sua própria vontade livre. Entra agora a materialidade, devido ao superamadurecimento, em decomposição, indo com isso, simultaneamente, ao encontro de seu renascimento.

Para a seara dos espíritos humanos chega, porém, a ceifa, a colheita, e com isso a separação. O que estiver maduro será elevado para a Luz pelos efeitos de leis naturais que permitem que seja tirado pouco a pouco o invólucro de matéria fina, a fim de que o espírito liberto disso se eleve conscientemente ao reino da igual espécie, de tudo quanto é eterno-espiritual. O que não prestar, porém, será retido na materialidade, devido à densidade de seu corpo de matéria fina, por ele próprio desejada. O destino desses é então tal que seu corpo de matéria fina fica sujeito às alterações que se iniciam na materialidade, devendo nela sofrer dolorosíssima decomposição milenar. A amplitude de tal tormento estende-se por fim ao espírito humano de tal modo, que este perde a autoconsciência. Desintegra-se com isso, por sua vez também, a forma da imagem de Deus, a forma humana, adquirida através da consciência. Após a desintegração total do que é material, retornando à matéria original, torna-se outra vez livre a partícula espiritual agora *inconsciente* e se eleva de acordo com a sua espécie. Contudo, não volta como espírito humano consciente, mas como semente inconsciente, que um dia reiniciará todo o seu percurso em uma nova parte do Universo, devido a um novo anseio que desperta.

Olhando desse alto mirante, portanto, de *cima* para baixo, Cristo, *como sempre*, escolheu suas palavras de tal modo e, com isso, descreveu um processo absolutamente natural no ressurgir da materialidade, na qual a semente espiritual mergulhou.

Imaginem apenas uma vez encontrando-se *acima* da materialidade.

Abaixo de vós jaz estendida, qual um campo de cultivo, a materialidade geral em suas muitas espécies. Vindos de cima, os germens espirituais descem agora à materialidade. Pouco a pouco, depois de longo tempo, emergem daí, com muitos intervalos, espíritos humanos completos, que se tornaram auto-conscientes no vivenciar na matéria e com o impulso para esforçar-se para cima, podem deixar para trás tudo quanto é material. Estes festejam com isso ressurreição da materialidade!

Mas nem todos os germens reaparecem amadurecidos na superfície. Vários destes ficam para trás, devendo perecer inúteis nela. —

Tudo é exactamente assim como em uma lavoura de trigo.

Como no grão de trigo todo o misterioso *verdadeiro* desenvolvimento se processa *dentro da* terra para isso necessária, assim em um gérmen espiritual o principal desenvolvimento se processa dentro da materialidade em geral. —

Cristo, por meio de *cada uma* de suas frases, esclarece sempre *figuradamente* algum fenómeno natural na Criação. — —

Se, pois, disse: Ninguém chega ao Pai a não ser através da minha mensagem, ou através da minha palavra, ou através de mim, é o mesmo. Quer dizer tanto, como: “Ninguém acha o caminho, a não ser através daquilo que digo”. Um significa o mesmo que o outro. Da mesma forma, quando diz: “Trago-vos em minha mensagem a possibilidade de ressurreição da materialidade e, com isso, também a vida” ou “Eu, com a minha palavra, sou para vós a ressurreição e a vida”.

Os seres humanos devem compreender o *sentido*, mas não se confundir sempre de novo com palavreado inútil. — — —

64. O que separa hoje tantos seres humanos da Luz?

Como uma noite profunda, paira sobre esta Terra a escuridão de matéria fina! Já há muito tempo. Mantém a Terra em um cerco sufocante, tão denso e compacto, que cada intuição luminosa que tenta subir assemelha-se a uma chama que, por falta de oxigênio, perde a força e logo, minguando, extingue-se em si mesma. Terrível é esse estado da matéria fina que actualmente se manifesta com seus piores efeitos. Quem pudesse contemplar apenas por cinco segundos tais acontecimentos, a este o pavor roubaria toda a esperança de salvação! —

E tudo isso foi ocasionado por culpa da própria humanidade. Por culpa da propensão para o que é baixo. Assim a humanidade tornou-se, por si própria, sua maior inimiga. Até mesmo os poucos, que de novo aspiram com sinceridade às alturas, correm agora o perigo de serem arrastados *juntos* para as profundidades, ao encontro das quais os outros amadurecem agora com sinistra rapidez.

Dá-se como que um enlaçamento a que se segue forçosamente a absorção mortal. Absorção para o pântano abafadiço e visguento, onde tudo submerge silenciosamente. Não é mais um lutar, e sim apenas ainda um silencioso, mudo e sinistro estrangular.

E o ser humano não reconhece isso. A preguiça espiritual torna-o cego ante o fenómeno funesto.

O pântano, porém, envia continuamente suas emanções venenosas que acabam fatigando lentamente os ainda fortes e despertos, a fim de que também eles, adormecendo, submerjam juntos, sem forças.

Eis como é actualmente nesta Terra. Não é um quadro que com isso estou apresentando, mas sim *vida!* Como tudo quanto é matéria fina tem formas criadas e vivificadas pelas intuições das criaturas humanas, tal processo desenrola-se de facto, continuamente. E esse é o ambiente que aguarda as pessoas quando elas têm de sair desta Terra, e não podem ser conduzidas para cima para áreas mais luminosas e mais belas.

Entretanto, as trevas concentram-se cada vez *mais*.

Aproxima-se, por isso, a época em que esta Terra, por um espaço de tempo, deve permanecer entregue ao domínio das trevas, sem auxílio directo da Luz, porque a humanidade forçou isso com sua vontade. As consequências de sua vontade, na maioria, *tiveram* de

provocar esse fim. – Trata-se do tempo que a João foi permitido ver, outrora, em que Deus encobre Seu semblante. —

A noite estende-se em redor. Todavia, no auge das aflições, quando tudo, até mesmo o que é melhor, está ameaçado de submergir, irrompe então simultaneamente também a aurora! Mas a aurora traz primeiramente as dores de uma grande purificação, que é inevitável, antes que possa começar a salvação de todos os que buscam com sinceridade; pois *não* poderá ser estendida a mão em auxílio aos que aspiram a coisas baixas! Devem cair até aos abismos aterrorizantes, onde unicamente ainda poderão ter a esperança de despertar através de tormentos, os quais deverão provocar nojo de si próprios. Os que até agora, zombando, aparentemente impunes, podiam criar obstáculos para aqueles que se esforçam rumo às alturas tornar-se-ão calados e mais pensativos, até que finalmente, com lamentos e rogos, suplicarão pela Verdade.

Então não lhes será assim tão fácil, serão conduzidos incessantemente pelas mós das férreas leis da justiça divina, até que, através da *vivência*, cheguem ao reconhecimento de seus erros. —

Durante as minhas viagens pude reconhecer que com minha Palavra foi lançado um facho aceso entre os apáticos espíritos humanos, a qual esclarece que pessoa alguma pode dizer que traz consigo algo de divino, ao passo que, exactamente agora, em muitos trabalhos se visa descobrir Deus *dentro* de si, para com isso finalmente também se tornar Deus!

Por isso, inquietação foi despertada muitas vezes com a minha Palavra, a humanidade, revoltando-se, quer reagir a isso, porque só quer ouvir palavras soporíferas e tranquilizadoras, que lhe pareçam *agradáveis*!

Os que se revoltam dessa maneira são apenas covardes, que preferem esconder-se de si mesmos, somente para ficarem na penumbra, onde podem sonhar, tão bela e tranquilamente, conforme seus próprios desejos.

Não é qualquer um que suporta ser exposto à Luz da Verdade, a qual mostra de modo nítido e sem compaixão os defeitos e as manchas das vestes.

Com sorrisos, zombarias ou mediante hostilidade, querem tais impedir o dia vindouro, que deixa reconhecer claramente os pés de barro da construção insustentável do ídolo “eu”. Tais insensatos brincam apenas de festas de máscaras consigo mesmos, às quais seguir-se-á implacavelmente a sombria quarta-feira de cinzas. Com suas falsas opiniões querem apenas

endeusar-se a si próprios e dessa maneira sentem-se terrenamente bem e sossegados. Consideram por isso de antemão como inimigo *aquela* que lhes perturba esse sossego preguiçoso!

Toda essa revolta, todavia, de nada lhes adianta *desta vez!*

O auto-endeusamento, que se encontra na afirmativa de que existe algo de divino no ser humano, é um tactear sujo em direcção à sublimidade e à pureza de vosso Deus, que *com isso macula* o que para vós há de mais sacrossanto, para o que levantai os olhos na mais bem-aventurada confiança! —

Em vosso íntimo acha-se um altar que deve servir para a adoração de vosso Deus. Esse altar é a vossa faculdade intuitiva. Se ela for pura, tem ligação directa com o espiritual e, com isso, com o Paraíso! Há então momentos em que também vós podeis intuir plenamente a proximidade de vosso Deus, conforme muitas vezes se dá na mais profunda dor e na maior alegria!

Então intuireis Sua proximidade, de idêntico modo como a vivenciam permanentemente no Paraíso os eternos puro-espirituais, com os quais sois intimamente ligados em tais momentos. A vibração forte proveniente do alvoroço da alegria intensa, bem como a da dor profunda, afasta momentaneamente para longe tudo quanto é terreno e inferior, e com isso fica livre a pureza da intuição, formando imediatamente a ponte com a pureza de igual espécie que vivifica o Paraíso!

É esta a maior felicidade do espírito humano, dessa coroa de toda a Criação. Os eternos no Paraíso vivem nela permanentemente. Ela traz a maravilhosa certeza de encontrar-se abrigado. Eles estão então plenamente conscientes da proximidade de seu grandioso Deus, em cuja força se encontram, mas também reconhecem como evidente que se encontram em sua altitude máxima, e que nunca poderão ser capazes de contemplar Deus.

Isso não os oprime, pois no reconhecimento de Sua inacessível grandeza sentem jubilosa gratidão por Sua graça indescritível, que Ele sempre deixou actuar em relação à pretensiosa criatura.

E essa felicidade o ser humano terreno já pode usufruir. Está totalmente correto, quando se diz que o ser humano aqui na Terra sente, em momentos solenes, a proximidade de seu Deus. Mas passará a ser blasfémia, se, com base nessa maravilhosa ponte do tornar-se

consciente da proximidade de Deus, querer afirmar que possuem, eles próprios, uma centelha da divindade em seu íntimo.

De mãos dadas com essa afirmação segue também a degradação do amor divino. Como se pode medir o amor de Deus com a medida de um amor humano? Mais ainda, colocá-lo até no valor *abaixo* desse amor humano? Reparai nos seres humanos que imaginam o amor divino como o ideal mais sublime, sofrendo silenciosamente e, além disso, perdoando tudo! Querem reconhecer algo de divino *nisso*, no facto de tolerar todas as impertinências das *criaturas* bem inferiores, como somente acontece com o pior fracalhão, bem como com o mais covarde ser humano, que por isso é desprezado. Reflecti, pois, sobre o ultraje monstruoso que nisso está ancorado!

Os seres humanos querem pecar sem receber punição, para finalmente com isso proporcionar uma alegria a seu Deus, permitindo que Ele lhes perdoe as culpas sem qualquer penitência própria! Supor tal coisa implica uma desmedida estreiteza, preguiça condenável ou o reconhecimento da própria fraqueza sem esperança em relação à boa vontade para a ascensão: uma coisa é tão condenável quanto a outra.

Imaginaí o amor divino! Límpido como cristal, radiante, puro e imenso! Podeis imaginar então que ele possa ser tão sentimentalmente fraco, degradantemente complacente, como os seres humanos tanto o querem? Querem construir uma grandeza errónea lá, onde *desejam* fraqueza, apresentam um quadro falso, apenas para enganar ainda um pouco a si mesmos, para tranquilizarem-se a respeito da própria imperfeição, que os deixa diligentemente a serviço das trevas. Onde se encontram aí a limpidez e a força que incondicionalmente fazem parte da pureza cristalina do amor divino? O amor divino é inseparável da máxima severidade da justiça divina. É ela mesma até. Justiça é amor e amor, também, somente reside na *justiça*. Nela somente é que reside também o perdão divino.

Está certo quando as igrejas dizem que Deus perdoa *tudo*! E *realmente* perdoa! Ao contrário dos seres humanos que, mesmo quando alguém tenha expiado uma insignificante culpa, consideram-no continuamente indigno e, com tal espécie de pensamento, sobrecarregam-se duplamente, por não agirem nisso segundo a vontade de Deus. Aqui falta justiça ao amor dos seres humanos.

O efeito da vontade criadora divina purifica cada espírito humano de sua culpa, no próprio vivenciar ou por meio de voluntária correcção, tão logo ele se esforce para cima.

Saindo dessas mós na materialidade, de volta ao espiritual, encontra-se então puro no reino de seu Criador, não importa o *que* tenha errado antes! Encontra-se tão puro como aquele que nunca errou. No entanto, devido ao efeito das leis divinas, tem de percorrer *antes* o seu caminho, e *nesse* facto se encontra a garantia do perdão divino, da Sua graça!

Não se ouve hoje em dia tantas vezes a pergunta atónita: Como puderam ocorrer esses anos de tanta aflição com a vontade de Deus? Onde está nisso o amor, onde está nisso a justiça? Indaga a *humanidade*, indagam as *nações*, muitas vezes as famílias e até mesmo o ser humano individual! Não seria isso antes a prova de que o amor de Deus seja talvez *diferente* do que tantos gostariam de pensar? Tentai, pois, considerar uma vez o amor de Deus que tudo perdoa, *assim*, até o *fim*, conforme se esforçam obstinadamente por apresentá-lo! Sem penitência própria, tudo consentindo e por último ainda perdoando generosamente. Deverá ser um deplorável resultado! Cuida-se o ser humano tão valioso, que o seu Deus deva sofrer com isso? Mais valioso, por conseguinte, do que Deus? Quanto reside nessa arrogância dos seres humanos. —

Ao reflectir serenamente, tereis de tropeçar em milhares de empecilhos e só podereis *então* chegar a uma conclusão, se diminuides Deus e O tornardes imperfeito.

Entretanto, Ele foi, e é e será perfeito, independentemente do modo como os seres humanos aceitam esse facto.

O Seu perdão repousa na *justiça*. Não de outra forma. E é nessa justiça inexorável que repousa também unicamente o grande e até agora tão mal compreendido amor!

Desabituai-vos de medir conforme critérios terrenos. A justiça de Deus e o amor de Deus destinam-se ao *espírito* humano. A matéria nada tem a ver com isso. Ela é apenas *moldada* pelo próprio espírito humano, e sem espírito ela não tem vida.

Como vos atormentais tantas vezes com ninharias puramente terrenas, que considerais como pecado e que não o são absolutamente.

Somente aquilo que o *espírito quer*, em uma actuação, é determinante para as leis divinas na Criação. Mas essa vontade espiritual não é actividade de pensamentos, mas sim o intuir mais íntimo, a vontade propriamente dita no ser humano, a qual unicamente pode pôr em movimento as leis do Além e que também as coloca naturalmente em movimento.

O amor divino não se deixa rebaixar pelos seres humanos; pois nele repousam na Criação também as leis férreas de Sua vontade, a qual é conduzida pelo amor. E essas leis actuam de tal modo, conforme o ser humano nelas se comporta. Podem ligá-lo até a proximidade de seu Deus ou constituir uma parede divisória, que nunca poderá ser destruída, a não ser, finalmente, pela adaptação da criatura humana, o que equivale a obedecer, no que unicamente ele pode encontrar sua salvação, sua felicidade. É *uma* peça homogénea, a grande obra não apresenta falhas, nenhuma fenda. Qualquer tolo, qualquer insensato, que queira diferentemente, arrebentará a cabeça com isso. —

O amor divino só proporciona nisso o que é de *proveito* a cada espírito humano, e não o que lhe cause alegria na Terra e pareça agradável. A sua actuação vai muito *mais além*, porque domina toda a existência. —

Muitos seres humanos frequentemente pensam agora: Se realmente devem ser esperados dissabores, catástrofes, para provocar uma grande purificação, então Deus deve ser tão justo e enviar antes pregadores de penitências. O ser humano tem, pois, de ser advertido com antecedência. Onde está João, para anunciar o que está para vir?

São desditosos em irreflexão, que deve parecer grande! Somente a arrogância de um vazio ilimitado se esconde atrás de tais clamores. Pois iriam fustigá-lo e jogá-lo na prisão!

Abri, portanto, os olhos e os ouvidos! Os fenómenos naturais e catástrofes, que estão aumentando, não são advertências suficientemente severas? As situações na Rússia e na China não falam uma linguagem séria? Mesmo os alemães das regiões fronteiriças enviam muitas vezes suas lamentações sob o flagelo de seus, *de nossos* inimigos! No entanto, passa-se *dançando* por sobre toda aflição e calamidades de seu semelhante, levemente! Não se *quer* ver nem ouvir! —

Também já há dois mil anos precedeu um pregador de penitências, o Verbo feito carne seguiu-o logo após. Mas as criaturas humanas empenharam-se diligentemente em apagar novamente o brilho límpido do Verbo, em escurecê-lo, para que a força de atracção de seu fulgor se fosse extinguindo pouco a pouco. —

E todos aqueles que quiserem libertar o Verbo do emaranhado de ataduras, logo terão de sentir como os mensageiros das trevas se esforçam obstinadamente para impedir qualquer despertar jubiloso!

Hoje, porém, não se repete mais nenhum acontecimento como no tempo de Cristo! Aí veio o Verbo! A humanidade tinha seu livre-arbítrio e decidiu-se naquele tempo principalmente pela recusa, pela condenação! Dessa época em diante as pessoas ficaram então subjugadas às leis que naturalmente se incorporaram ao livre-arbítrio assim exercido outrora. Os seres humanos acharam depois no caminho por eles escolhido todos os frutos de sua própria vontade.

Em breve, fechar-se-á então o círculo. Acumula-se cada vez mais e represa-se como um dique, que breve ruirá sobre a humanidade, que em indiferença espiritual vive aí de modo ignorante. No final, na época da realização, os seres humanos naturalmente não disporão mais da livre escolha!

Eles terão então de colher o que semearam outrora e também nos posteriores caminhos falsos.

Todos estão encarnados hoje novamente nesta Terra para o ajuste de contas, os quais no tempo de Cristo rejeitaram a Palavra. Hoje não têm mais o direito a advertências prévias e a nova decisão. Nesses dois mil anos dispuseram de tempo suficiente, para mudar de opinião! Também todo aquele que aceita uma falsa interpretação de Deus e de Sua Criação e não se esforça por assimilá-la com mais pureza, este *não* a acolheu. É muito pior até, uma vez que uma crença errada impede de assimilar a Verdade.

Ai, porém, daquele que *falseia* ou *altera* a Verdade, para assim obter prestígio, porque em forma mais cómoda é também mais agradável aos seres humanos. Sobrecarrega-se não somente com a culpa da falsificação e de conduzir erroneamente, como também assume toda a responsabilidade por aqueles que conseguiu atrair a si, ao proporcionar maior comodismo e facilidades. *Nenhum* auxílio então lhe será prestado, quando soar a hora da retribuição. Despenará para abismos que nunca poderão devolvê-lo, e com razão! – Também isto João pôde ver e disso advertir em sua revelação.

E quando começar a grande purificação, não restará dessa vez ao ser humano tempo de se revoltar e muito menos de se opor aos acontecimentos. As leis divinas, das quais o ser humano tanto gosta de fazer uma ideia falsa, agirão então inexoravelmente.

Será exactamente no momento em que se passarem os factos mais terríveis que a Terra já presenciou, que a humanidade irá aprender finalmente que o amor divino está muito longe da moleza e da fraqueza que ela ousou atribuir-lhe.

Mais da metade de todos os seres humanos da actualidade sequer pertence a esta Terra!

Já desde milénios essa humanidade caiu de tal modo, vive *tão* fundo na escuridão que, em seu querer impuro, estendeu muitas pontes a esferas escuras, situadas muito *abaixo* deste plano terreno. Lá vivem profundamente decaídos, cujo peso de matéria fina nunca permitiu a possibilidade de subir para este plano terreno.

Nisso residiu *protecção* para todos os que vivem sobre a Terra, bem como para aqueles trevosos. Acham-se separados pela lei natural de gravidade da matéria fina. Os que se acham lá em baixo podem exacerbar suas paixões, todas as baixezas, sem com isso provocar danos. Pelo contrário. Seu desenfreado modo de viver atinge lá somente os de igual espécie, identicamente como o modo de viver destes também os ataca. Com isso sofrem mutuamente, o que leva ao amadurecimento e não ao aumento da culpa. Pois, pelo sofrimento pode vir a ser despertado um dia o nojo de si próprio, e com o nojo também o desejo de sair desse reino. Tal desejo faz nascer com o tempo o mais doloroso desespero, que pode acarretar, por fim, as mais veementes súplicas e com isto a vontade sincera de melhorar.

Assim devia acontecer. Entretanto, pela vontade errónea dos seres humanos, aconteceu diferentemente!

As criaturas humanas lançaram, por meio de sua vontade *tenebrosa*, uma ponte até a região das trevas. Com isso estenderam as mãos aos que lá vivem, possibilitando assim, por meio da força de atracção da igual espécie, que subissem para a Terra. Aqui encontraram naturalmente também oportunidade para a nova encarnação, facto esse que para eles ainda não estava previsto, segundo o curso normal dos acontecimentos universais.

Pois, no plano terreno, onde por intermédio da matéria grosseira podem *conviver* com seres mais luminosos e melhores, eles só conseguem causar danos e sobrecarregam-se desta forma com *novas* culpas. Não podem fazer isso em seus domínios inferiores; pois sua vileza só pode ser útil aos seus semelhantes, porque nisso por fim apenas reconhecem-se a si próprios e aprendem a enojar-se disso, o que contribui para uma melhoria.

Esse caminho normal de toda a evolução foi assim *perturbado* pela criatura humana, devido à baixa utilização de seu livre-arbítrio, com o que formou pontes de matéria fina até os domínios das trevas, de modo que os que até lá afundaram puderam ser arremessados qual um bando para o plano terreno, os quais, triunfando, povoam agora sua maior parte.

Como as almas luminosas têm de ceder lugar às trevas, lá onde quer que estas se instalem com firmeza, foi fácil, portanto, àquelas almas mais escuras, que de modo indevido atingiram o plano terreno, encarnarem-se às vezes, também, lá onde de outro modo somente teria entrado uma alma luminosa. A alma escura encontrou, assim, através de alguém do ambiente da futura mãe, um apoio que lhe possibilitou manter-se e afastar o luminoso, mesmo que a mãe ou o pai pertençam aos mais luminosos.

Explica-se, assim, também o enigma de poderem chegar muitas vezes ovelhas negras para pais bons. Se, porém, uma futura mãe estiver mais vigilante com relação a si própria, como também a seu ambiente mais próximo e suas relações sociais, então isto *não* pode acontecer.

Portanto, nisso há de se reconhecer somente *amor*, quando os efeitos finais das leis, com plena justiça, finalmente varrerem os que *não* pertencem ao plano terreno, de modo que eles se precipitem àquele reino das trevas a que pertencem por sua espécie. Dessa forma não mais poderão estorvar a escalada dos mais luminosos e acumular novas culpas sobre si próprios, pelo contrário, talvez ainda amadurecer no nojo de seu próprio vivenciar. — —

Tempo virá, sem dúvida, em que os corações de *todos* os seres humanos serão tocados com punhos férreos, quando com terrível inexorabilidade será extirpada a arrogância espiritual de cada criatura humana. Então cairá também toda a dúvida, que impede agora o espírito humano no reconhecimento de que o divino não existe *dentro* dele, e sim muito *acima* dele. E que só pode estar como a *imagem* mais pura no altar de sua vida íntima, para a qual levanta o olhar em humilde oração. —

Não é erro, mas sim culpa, sempre que um espírito humano declara também querer ser divino. Uma tal presunção deverá acarretar sua queda; pois equivale a uma tentativa de arrancar o ceptro da mão de seu Deus e de rebaixá-Lo ao mesmo degrau em que se encontra o ser humano, e cujo degrau ele nem sequer conseguiu preencher até agora, por querer vir a ser *mais*, voltando seu olhar para altitudes que nunca poderá atingir, nem sequer reconhecer. Com isso, desatento, não viu toda realidade, não se tornou somente inútil na Criação, mas muito pior, tornou-se *nocivo*!

Por fim lhe será demonstrado com sinistra nitidez, ocasionado pela sua própria disposição falsa, que ele, em sua actual constituição tão profundamente decaída, não significa sequer a sombra de uma divindade. Todo o tesouro do saber terreno, que ele acumulou penosamente em milénios, reduzir-se-á então a *nada* perante o olhar apavorado de seus olhos, vivenciará em si, desamparado, como os frutos de suas aspirações terrenas unilaterais tornam-se inúteis,

às vezes até mesmo uma maldição para ele. *Então, poderá lembrar-se de sua própria divindade, se conseguir!* — —

De modo grave retumbará em seus ouvidos: De joelhos, criatura, diante de teu Deus e Senhor! Não tentes injuriosamente arvorar-te a ti própria a Deus! — —

A excentricidade do preguiçoso espírito humano não prosseguirá. — —

Só então poderá essa humanidade pensar também em uma ascensão. E este será então também o tempo em que ruirá tudo o que não estiver em solo firme. As existências fictícias, os falsos profetas e associações que se formam ao redor destes, desmantelar-se-ão por si mesmas! Com isso também se tornarão evidentes os falsos caminhos de até então. E, satisfeitos consigo mesmos, muitos reconhecerão, atónitos, que se encontram rente a um abismo e, guiados erroneamente, deslizam rapidamente para baixo, enquanto supunham com orgulho já estarem elevando-se e aproximando-se da Luz! Que abriam portas de protecção, sem dispor de força suficiente para a defesa. Que atraíam perigos sobre si, que em um curso normal teriam sido transpostos por eles. Feliz daquele que então encontrar o caminho certo para a volta!

65. O clamor pelo líder

Observemos uma vez, mais de perto, todos os seres humanos que hoje em dia procuram, de forma especialmente vivaz, por um líder espiritual e que o esperam com elevação interior. Julgam-se já perfeitamente preparados espiritualmente para reconhecê-lo e para ouvir sua palavra!

O que observamos em uma contemplação serena são muitíssimas cisões. A missão de Cristo, por exemplo, actuou de maneira estranha sobre tantas pessoas. Criaram para si uma imagem falsa disso. Como de hábito, a causa para tanto foi auto-avaliação incorrecta, presunção.

No lugar do temor de outrora e da conservação de uma distância natural e delimitação nítida com relação ao seu Deus, surgiu de um lado um suplicar lamuriento, que sempre só quer receber, mas de modo algum fazer algo próprio. O “Ora” eles aceitaram, mas que nisso ainda existe o “e trabalha”, “trabalha em ti mesmo”, isso eles não queriam saber.

De outro lado, novamente, acredita-se ser tão autónomo, tão independente, que se pode fazer tudo por si mesmo e, com algum esforço, até mesmo tornar-se divino.

Há também muitos seres humanos que só exigem e esperam que Deus corra atrás deles. Pois, como Ele já uma vez lhes havia mandado Seu Filho, deu com isso a prova do quanto Ele se interessa que a humanidade se aproxime Dele, sim, que Ele, provavelmente, até precise dela!

Para onde se olha, só se pode encontrar em tudo apenas ainda arrogância, nenhuma humildade. Falta a auto-avaliação correta. —

Em primeiro lugar, é preciso que o ser humano desça da sua altitude artificial, a fim de poder tornar-se *verdadeiramente ser humano*, para, como *tal*, iniciar sua ascensão.

Acha-se hoje sentado na base da montanha, em cima de uma árvore, todo orgulhoso espiritualmente, em vez de estar com ambos os pés seguro e firme no solo. Assim também nunca poderá escalar a montanha, a não ser que desça antes da árvore ou caia de lá.

Enquanto isso, contudo, provavelmente todos quantos trilharam calma e sensatamente seu caminho no solo sob sua árvore e para os quais ele olhava com arrogância, já chegaram ao cume.

Mas nisso os acontecimentos virão em seu auxílio; pois a árvore *cairá* em bem pouco tempo. Talvez então o ser humano mais uma vez reconsidere melhor, quando lá da altura vacilante cair rudemente no chão. Então, porém, estará mais do que em tempo, nenhuma hora sequer resta-lhe para desperdiçar aí.

Agora muitos julgam que tudo pode continuar nessa rotina, como foi por milénios.

Acomodados e confortáveis, estão sentados em suas poltronas e esperam por um líder forte.

Mas *que* ideia fazem desse líder! É realmente de causar dó.

Em primeiro lugar, esperam dele, ou, digamos melhor, *exigem* dele, que *ele* prepare o caminho para cada um rumo à Luz! Tem *ele* de esforçar-se para construir pontes para o caminho da Verdade aos adeptos de *todas* as religiões! Tem *ele* de tornar tudo tão fácil e compreensível, que cada qual possa compreendê-lo sem esforço. Suas palavras têm de ser escolhidas de tal modo, que sua exactidão convença, sem mais nem menos, os grandes e os pequenos de todas as camadas sociais.

Tão logo a própria criatura humana precise esforçar-se e reflectir por si própria, então não é um líder certo. Pois se foi convocado para, conduzindo através de sua palavra, mostrar o caminho certo, ele terá naturalmente que se esforçar também em prol das criaturas humanas. *Sua* tarefa é convencê-las, despertá-las! Cristo também deu sua vida.

Os que hoje assim pensam, e esses são muitos, nem precisam se esforçar, pois se assemelham às virgens tolas, vão ao encontro do “tarde demais”!

O líder com certeza *não* os despertará, pelo contrário, deixará que continuem dormindo tranquilamente, até que o portal esteja fechado e eles não possam achar entrada para a Luz, visto não poderem se libertar em tempo certo do âmbito da materialidade, para o que a palavra do líder lhes indicou o caminho.

Pois o ser humano não é tão precioso quanto imaginava. Deus não precisa dele, ele, porém, precisa de seu Deus!

Já que a humanidade com seu assim chamado progresso hoje não sabe mais o que realmente *quer*, ver-se-á finalmente obrigada a saber o que *deve*!

Essa espécie de gente passará buscando e também criticando com superioridade, da mesma forma que tantos outrora passaram por *aquele*, para cuja vinda tudo já estava preparado pelas revelações.

Como se pode imaginar um líder espiritual *de tal maneira*!

Ele não fará quaisquer concessões à humanidade, *nem da largura de um pé e exigirá* em toda parte, onde se espera que ele dê!

Aquele ser humano, porém, que pode raciocinar de modo sério, este logo reconhecerá que *exactamente no exigir severo, sem consideração*, de um atento pensar repousa o melhor que a humanidade, já tão profundamente emaranhada em sua indolência espiritual, necessita para a salvação! Exactamente pelo facto de um líder, para compreensão de suas palavras, exigir desde logo vivacidade espiritual, vontade *séria*, auto-esforço, ele separa brincando, já no início, o joio do trigo. Reside nisso uma actuação espontânea, como se dá nas leis divinas. Sucederá aos seres humanos, também nisso, *exactamente de acordo com aquilo que eles realmente querem*. — —

Há, entretanto, também ainda uma outra espécie de criaturas humanas que se têm na conta de especialmente ágeis!

Essas formaram uma ideia muito diferente de um líder, conforme se pode ler em relatos. Isso, porém, não é menos grotesco; pois esperam nele um... acrobata espiritual!

Em todo o caso, já é suposto por milhares de que a clarividência, a clariaudiência, a clari-intuição, etc., constituiriam grande progresso, quando na realidade *não é* assim. Tais coisas aprendidas, exercitadas, até mesmo as trazidas como dote, nunca podem erguer-se acima do pesadume terreno, movimentam-se, portanto, apenas em limites inferiores, que jamais poderão pretender níveis elevados, sendo, por essa razão, bastante desprovidos de valor.

Pretende-se *com isso* porventura ajudar a humanidade a subir, mostrando-lhe coisas de matéria fina do mesmo nível, ou ensinando-lhe a vê-las e ouvi-las?

Isso nada tem a ver com a real ascensão do espírito. Tampouco tem utilidade para fenómenos terrenos! São acrobacias espirituais, nada mais, interessantes para as pessoas individualmente, *mas sem nenhum valor* para a humanidade toda!

Que todos esses desejem também um líder de igual espécie, que de facto o saiba melhor do que eles, é, pois, facilmente compreensível. —

Todavia, existe um grande número de pessoas que então vão ainda muito mais longe, até o ridículo. E que, apesar disso, tomam isso muito a sério.

Para elas vale como comprovação da liderança, por exemplo, também como condição básica, que um líder... não possa constipar-se! Quem pode constipar-se, já está destituído; pois isso não corresponde, segundo a opinião deles, a um líder ideal. Um forte tem que estar com o seu espírito, em todos os casos e em primeira linha, acima de todas estas ninharias.

Isso talvez soe um pouco forçado e ridículo, mas foi tirado de factos e significa uma fraca repetição da exclamação de outrora: “Se és Filho de Deus, então ajuda a ti mesmo e desce da cruz”. – Isso bradam já hoje, antes mesmo de aparecer tal líder!

Pobres ignorantes seres humanos! Aquele que disciplina seu corpo de forma tão *unilateral*, que este se torne insensível temporariamente sob a força do espírito, esse, de modo algum é um vulto eminente. Os que o admiram parecem-se com as crianças de séculos passados que acompanhavam de boca aberta e olhos arregalados as contorções dos malabaristas ambulantes, com o que lhes despertava o desejo ardente de também poder fazer tais coisas.

E tal qual as crianças outrora, nesse campo totalmente *terreno*, não são mais avançados no campo *espiritual* muitos dos assim chamados buscadores do espírito ou de Deus do tempo actual!

Prossigamos, pois, considerando: os acrobatas de exercícios nas praça pública dos velhos tempos, de quem acabei de falar, desenvolveram-se cada vez mais, tornando-se acrobatas nos circos, em teatros de variedades. Seu talento chegou a proporções extraordinárias e diariamente milhares de espectadores exigentes assistem ainda hoje a tais apresentações com sempre novo pasmo, e muitas vezes com calafrios interiores.

Porventura *ganharam para si* alguma coisa com isso? Que lucro lhes advém de tais horas? Embora muitos acrobatas também arrisquem suas vidas nessas exhibições. Nem o

mínimo proveito; porque mesmo tendo alcançado a mais alta perfeição, todas essas coisas deverão permanecer *sempre* apenas no contexto dos teatros de variedades e circos. Eles sempre servirão somente para entretenimento, mas nunca trarão qualquer vantagem para a humanidade.

Uma acrobacia *desse tipo*, no plano *espiritual*, é o que se procura agora como padrão para o grande líder!

Deixai tais criaturas humanas com esses brincalhões espirituais! Muito em breve vivenciarão para onde isso leva! Elas também não sabem *o que* realmente aspiram com isso. Elas imaginam: Grande é apenas aquele, cujo espírito domina o corpo de tal forma, que este não mais conheça doença!

Todo esse tipo de aprendizagem é unilateral, e a unilateralidade produz somente algo insalubre, doente! Com tais coisas o *espírito* não é *fortalecido*, mas sim *apenas o corpo* fica *enfraquecido*! O equilíbrio necessário para uma harmonia sadia entre o corpo e o espírito fica deslocado, e o fim é que um tal espírito se desliga bem mais prematuramente do corpo assim maltratado, que a ele não pode mais proporcionar a necessária ressonância sadia e vigorosa para o vivenciar terreno. Mas o espírito sente *falta* disso e chega então *imaturamente* ao Além. Ele será obrigado a viver *mais uma vez* sua existência terrena. Trata-se tão-somente de pequenos artificios espirituais que se processam às custas do corpo terreno, o qual, na realidade, deve auxiliar o espírito. O corpo *pertence* a uma fase do desenvolvimento do espírito. Caso seja enfraquecido e oprimido, também não pode ser útil ao espírito; pois suas irradiações são fracas demais, para produzirem na materialidade a força total de que este necessita.

Se um ser humano quiser subjugar uma doença, tem de provocar espiritualmente a pressão de um êxtase sobre o corpo, da mesma forma como ocorre em escala menor quando o medo do dentista pode afastar as dores. Um corpo suporta tais elevados estados de agitação sem perigo certamente uma vez, talvez mais vezes, mas não por períodos prolongados, sem sofrer sérios danos.

E quando um líder faz ou propõe *isto*, então não merece ser tomado na conta de líder; pois com sua actuação viola as leis naturais da Criação. O ser humano terreno tem de preservar seu corpo, como um bem que lhe foi confiado, e procurar manter a harmonia sadia entre o espírito e o corpo. Caso esta seja perturbada mediante opressão unilateral, então isso não é nenhum progresso, nenhuma ascensão, mas sim, será um absoluto estorvo incisivo para a realização de sua missão na Terra, bem como, aliás, *na materialidade*. A força plena do espírito em relação ao seu efeito *na materialidade* nisso se perde, porque ele necessita para isso, de qualquer

modo, da força de um corpo terreno não subjugado, mas sim em harmonia com o espírito! Aquele que, baseando-se em tais coisas, é chamado de mestre, vale menos do que um aprendiz que nem conhece as incumbências do espírito humano e as necessidades de sua evolução! É até mesmo prejudicial ao espírito.

Não tardarão a reconhecer dolorosamente sua tolice.

Cada falso líder, porém, terá de passar por experiências *amargas*! Sua ascensão no Além só poderá principiar, quando *o último* de todos aqueles, que ele desencaminhou ou deteve com suas brincadeiras espirituais, já tiver alcançado o reconhecimento. Enquanto seus livros, seus escritos, continuarem a ter efeito aqui na Terra, ele permanecerá detido no Além, mesmo que nesse ínterim tenha chegado ali a noções melhores.

Quem aconselhar práticas ocultas, este dá aos seres humanos pedras em lugar de pão e mostra com isso que ele nem sequer possui uma ideia dos *verdadeiros fenômenos* no Além, e menos ainda de toda a engrenagem universal! — —

66. Matéria grosseira, matéria fina, irradiações, espaço e tempo

Tem existido muitas perguntas sobre o conceito das minhas expressões matéria grosseira e matéria fina. A matéria grosseira é tudo aquilo que o ser humano pode ver com seus olhos *terrenos*, o que *terrenalmente* sente e ouve. A isso pertence também aquilo que vê por intermédio de recursos terrenos e que ainda verá por meio de futuras invenções. Como, por exemplo, tudo quanto é visto pelo microscópio. A matéria grosseira é apenas uma *determinada* espécie da materialidade. O grande domínio de *toda* a materialidade, no entanto, abrange *várias* espécies, que desde a base são totalmente diferentes entre si, razão por que *jamais se misturam entre si*.

As diferentes espécies da materialidade encontram-se, uma em cima da outra, bem em baixo, no fundo ou fim da Criação. Novamente, como em toda a Criação, começando de cima com a espécie mais leve e terminando em direcção para baixo, com a mais pesada e mais densa. Todas essas espécies da materialidade servem, unicamente, como meios auxiliares para o desenvolvimento de todo o espiritual que ali mergulha como semente em fértil campo de cultivo. Exactamente assim como um grão de semente necessita da terra para a germinação e o crescimento.

A própria materialidade, nas diversas camadas, é por si só inactiva, sem forças. Só quando é trespassada e ligada pelo enteal, que se acha acima dela, recebe calor e vida, serve de invólucros ou corpos das mais diversas formas e espécies.

Conforme já disse, as diferentes espécies da materialidade *não* se deixam *misturar*, mas sim ligar e entretecer multiplamente através do enteal. Nesse ligar e entretecer originam-se, pois, calores e irradiações. Cada uma das espécies da materialidade gera com isso sua própria e determinada irradiação, que se mistura com as irradiações das outras espécies às quais está ligada e, conjuntamente, formam um anel de irradiações que já hoje se conhece e se denomina sucintamente de aura ou também de irradiação. Assim, cada pedra, cada planta, cada animal tem sua irradiação, que pode ser observada e que, de acordo com o *estado* do corpo, isto é, do invólucro ou forma, é completamente diferente. Por isso também podem ser observadas perturbações no anel de irradiações e reconhecidos assim focos de doença do invólucro.

O anel de irradiações dá, por conseguinte, a cada forma um ambiente especial, que constitui uma protecção na defesa e, ao mesmo tempo, porém, uma ponte para o ambiente ao seu redor. Além disso, também atinge ainda a parte interna, a fim de co-participar do

desenvolvimento do núcleo enteal, no sentido *mais grosseiro*; pois na realidade juntam-se ainda muitas coisas para a verdadeira actuação na Criação, as quais devo desenrolar somente mui vagarosamente, passo por passo, para facilitar aos que procuram seriamente a penetração nas leis da Criação.

Sem ser perpassada pelo enteal, a materialidade nada é. O que agora observamos, porém, foi apenas a ligação do enteal com as diversas espécies da materialidade. E isso, por sua vez, proporciona então o *campo de cultivo* para o *espírito*! O enteal ata, liga e vivifica o que é material, o espírito, porém, domina a matéria *com* o enteal. Assim que o espírito, portanto, o que é espiritual, mergulha na ligação vivificada pelo enteal para o seu desenvolvimento, essa lhe fica subordinada sem mais nem menos, conforme a natureza da coisa, portanto, inclusive o enteal.

O domínio é assim entregue ao espiritual, do modo mais natural. Triste, se ele o utiliza mal ou erradamente! *O verdadeiro equipamento do espírito*, para seu desenvolvimento na materialidade, é, pois, *proporcionado pelas irradiações* de que acabamos de falar. O solo para o desenvolvimento do espírito já é, antes de seu mergulho, preparado cuidadosamente pelo enteal. Os invólucros envolvem-no automaticamente de forma protectora e a sua incumbência é utilizar correctamente o equipamento assim proporcionado, para o seu bem e ascensão, não, porém, para seu prejuízo e queda.

Não é difícil compreender que *aquela* espécie de materialidade do invólucro do espírito, que está representada do modo mais vigoroso, tem de ser também decisiva para a espécie da mistura de irradiações; pois nela dominará naturalmente sempre a irradiação da espécie da materialidade mais forte existente. No entanto, o predominante aí é, por sua vez, o que tem maior influência intrínseca e extrínseca.

A mistura de irradiações tem, contudo, uma importância muito maior do que a humanidade até agora pôde pesquisar. De seu verdadeiro objectivo não foi pressentida nem a décima parte!

A constituição do anel de irradiações é decisiva para a intensidade das ondas, as quais têm de absorver vibrações do sistema de irradiações do Universo inteiro. O ouvinte e leitor não passe aqui superficialmente sobre isso, pelo contrário, aprofunde-se nesse pensamento e assim verá diante de si, bem subitamente, todos os cordões de nervos na Criação, os quais deve aprender a tocar e utilizar.

Deve imaginar a força primordial irradiante derramada sobre a obra da Criação! Ela a perpassa, atravessa cada parte e cada espécie. E cada parte e cada espécie transmiti-la-á modificada de modo irradiante. A constituição diversa das partes da Criação produz assim modificação na irradiação primordial, que modifica igualmente a cor dessa irradiação. Assim, a Criação toda mostra um quadro maravilhoso de admiráveis irradiações coloridas, que pintor algum seria capaz de reproduzir. E cada parte da Criação em si, cada astro, até cada corpo individualmente, por pequeno e ínfimo que seja, assemelha-se a um prisma bem lapidado, que retransmite cada irradiação, que recebe, múltiplas vezes irradiando em diferentes cores. As cores, por sua vez, arrastam atrás de si um retinir sonoro que ecoa semelhante a um acorde retumbante. Não são os sons que possuem cores, mas as cores possuem sons. Isto é, as cores das irradiações, não as cores mortas aplicadas por mãos humanas. Mortas, em relação às cores das irradiações.

E o espírito do ser humano, aparelhado com seu equipamento de irradiações dos invólucros a ele concedidos, defronta-se com esse reino gigantesco de irradiações. Até o despertar da força sexual, o fenómeno é como em um lactente. Os invólucros materiais sugam, mediante suas irradiações, apenas aquilo de que necessitam para o amadurecimento. Com o advir da força sexual, porém, o espírito encontra-se completamente aparelhado, os portais em direcção a ele se encontram com isso abertos, a ligação directa está estabelecida. Recebe então, reforçado de vários lados, contacto com as poderosas forças das irradiações no grande Universo!

Como agora o ser humano, isto é, o espírito, desenvolve e rege as cores de suas próprias irradiações, assim ele também sintoniza, como em um rádio, suas ondas nas cores correspondentes e capta estas então do Universo. Do mesmo modo, o recebimento também pode ser denominado de atracção ou força de atracção da igual espécie. Não importa como seja denominado, o processo em si permanece o mesmo. As cores designam apenas a espécie, e a espécie dá a cor. Nisso se encontra também a chave perdida para a *verdadeira* arte régia da astrologia, bem como a chave para a medicina aprofundada das ervas e, igualmente, para a tão discutida arte do magnetismo terapêutico físico e espiritual, a chave para a arte da vida, assim como para a escada da ascensão espiritual. Pois com essa escada, a assim chamada escada para o céu, não se entende nada mais do que um simples *instrumento*, do qual devemos nos servir. As malhas dessa rede de irradiações na Criação são os degraus dessa escada. Nisso se encontra *tudo*, todo o saber e o último segredo da Criação.

Vós que procurais, pegai nas malhas dessa rede de irradiações! Conscientemente, mas com *boa* vontade e com humilde reconhecimento de vosso Deus, que deu essa maravilhosa Criação, a qual podeis dominar como que brincando infantilmente, se afinal, pelo menos uma

vez, quiserdes *sinceramente*, e vos despojardes de toda a presunção de sabedoria. Antes de tudo, o falso lastro tem de cair de vossos ombros, de vosso espírito, senão não podeis levantar-vos vigorosos e libertos.

Também na mistura de irradiações do corpo humano deve reinar absoluta harmonia, a fim de proporcionar ao espírito os meios integrais para a protecção, para o desenvolvimento e para a ascensão, os quais lhe estão destinados no desenvolvimento normal da Criação. Exactamente pela escolha da alimentação, da actividade física, como, aliás, de todas as situações da vida, em muitas coisas essas irradiações têm sido desviadas unilateralmente, o que requer um equilíbrio, se uma ascensão deva tornar-se possível. *Hoje, tudo aí é doente*. Nada pode ser chamado de saudável. —

A criatura humana pode então imaginar que efeitos somente a escolha de alimentos já exerce sobre esse sistema de irradiações. Mediante a escolha de alimentos para a nutrição do corpo, ela consegue ajudar equilibrando, fortalecendo, enfraquecendo algumas coisas, e também alterando o que predomina, quando isso actua de modo favorável ou inibidor, de maneira que *aquela* irradiação, que para ela é *favorável*, torne-se dominante e, com isso, também normal; pois somente o favorável é um estado normal.

Tudo isso, porém, não pode acaso condicionar nem causar a própria ascensão, mas tão-somente oferece solo saudável para a actividade integral do espírito, *a cuja vontade* fica reservado determinar o caminho para cima, para o lado, ou também para baixo.

O corpo, porém, deve ser fortalecido como o espírito, tão logo se tenha a capacidade de atentar nisso. Actualmente, contudo, peca-se nisso gravemente quase por toda parte, por ignorância. —

Quando falo em matéria grosseira e em matéria fina, então não se deve supor que a matéria fina deva significar um refinamento da matéria grosseira. A matéria fina é de uma espécie totalmente *diferente*, de outra constituição. Nunca poderá se transformar em matéria grosseira, mas sim forma um degrau de transição para cima. Tal como a respeito da matéria grosseira, deve-se entender por matéria fina apenas um *invólucro* que tem de ser ligado pelo enteal, a fim de poder ser vivificado por ele.

Passando agora a essas leis, devo mencionar que as divisões de modo algum ficam, com isso, esgotadas. Por conseguinte, já hoje quero dar a conhecer que além do espiritual consciente e inconsciente, e do enteal para a vivificação das espécies da materialidade, também ainda *correntes de energia* das diversas espécies atravessam a Criação e contribuem,

segundo as suas espécies, de modo igualmente diverso, para o desenvolvimento e progresso. As correntes de energia são, por sua vez, também somente o mais próximo, aquilo que se liga à actividade do espiritual e do enteal, ou melhor, aquilo que, precedendo-os, prepara o campo para sua actividade. Quanto mais desmembrarmos e entrarmos em detalhes, tanto mais ainda virá, muito mais.

Uma coisa enfileira-se progressivamente à outra, a fim de, em ligação com o já antes existente, gerar também sempre novas graduações. Tudo, porém, deixa-se explicar coerentemente; pois após a primeira Criação só podia surgir o que era coerente. Outra coisa não existe. E esse facto também dá, absolutamente, a garantia de uma solução sem lacunas, de uma visão clara. Em minhas dissertações ofereço, pois, a *chave!* Cada ouvinte pode abrir então para si próprio toda a Criação.

Tudo de uma só vez, porém, resultaria em uma obra, cuja multiplicidade poderia confundir as pessoas. Se, no entanto, como até agora, eu deixar evoluir calmamente uma coisa da outra no decorrer dos decénios vindouros, será fácil acompanhar e por fim também abranger com a vista, calma e conscientemente, tudo bem nítido. Fácil para aquele que quiser seguir-me até lá. No começo, quero primeiramente esclarecer os mais fortes fundamentos da Criação, antes de tocar em todos os pormenores.

Ao ouvinte e ao leitor certamente acontecerá assim como a uma criatura a quem eu mostro, primeiramente, o esqueleto de um ser humano e, em seguida, coloco ao lado dele um ser humano vivo, na plenitude de sua força e actividade. Se ela não tivesse ainda qualquer ideia do ser humano, não reconheceria na pessoa viva o esqueleto, talvez até dissesse que um nem tem ligação com o outro, ou ainda, que não é a mesma coisa. Identicamente sucederá com aqueles que em minhas explicações não me seguirem calmamente até o fim. Quem não procurar, desde o início, entender com sincero afincamento não poderá *então* compreender a Criação toda, quando eu tiver chegado aos derradeiros esclarecimentos. *Tem* de procurar seguir nisso apenas passo a passo. —

Como tive de falar em largos traços, passo agora *lentamente* para as coisas *novas*. Senão seria demasiadamente incoerente. Aliás, já me foi dito muitas vezes que em tudo dou somente o essencial, que a uma grande parte do público não se torna tão facilmente compreensível. No entanto, não posso agir de outro modo, se eu quiser trazer tudo aquilo que ainda tenho por falar. Senão teríamos que parar na quarta parte, visto que, para um esclarecimento mais amplo, uma existência terrena decerto não seria suficiente. Virão outros, que poderão escrever um ou mesmo mais livros de cada uma das minhas dissertações. Eu não posso me deter nisso agora. —

Uma vez que a matéria fina, como eu disse, é de espécie *diferente* da matéria grosseira, decorre disso algo a que até aqui não fiz menção. Para não confundir, servi-me até agora de expressões populares a respeito de muitas coisas, as quais devo agora ampliar. A isso pertence, por exemplo, também a expressão: “*Estar acima de tempo e espaço!*”

Isso se referia sempre ao extraterrenal. Com vista a um prosseguimento, precisamos dizer de hoje em diante: a vida na matéria fina “encontra-se acima do conceito terreno de espaço e tempo”; pois também na matéria fina existe um conceito de espaço e tempo, porém, de *espécie diferente*, consentânea com a matéria fina. O conceito de espaço e tempo encontra-se até na Criação toda, mas ele está sempre ligado à espécie determinada! A própria Criação tem seus limites, com isso, um conceito de espaço também é válido para ela.

Também todas as leis básicas que perpassam uniformemente a Criação inteira são em seus *efeitos* sempre influenciadas pela respectiva espécie da Criação e subordinadas às suas particularidades! Por isso, as consequências *de uma determinada lei* também devem apresentar-se *diferentemente* nos diversos sectores da Criação, o que levou a grandes equívocos, contradições, dúvidas quanto à uniformidade das leis da Criação ou da vontade divina, e também à crença em actos arbitrários do Criador. No fundo, porém, tudo residia e reside apenas na ignorância dos seres humanos a respeito da própria Criação.

Sobre essas coisas virei a falar mais minuciosamente somente muito mais tarde, pois hoje elas teriam de desviar e turvar a atenção do ouvinte e do leitor. Falarei, tão logo se torne necessário para uma compreensão progressiva. Não permanecerá nenhuma lacuna. —

67. O erro da clarividência

Clarividência! Quanto esplendor se edifica em torno disso, e também quanto escárnio se ouve de um lado, ao passo que do outro se apresenta uma curiosidade temerosa; o resto é respeitoso silêncio. Os próprios videntes andam orgulhosos por aí, como pavões pelo galinheiro. Julgam-se agraciados por Deus e, em presunçosa humildade, sentem-se com isso elevados muito acima dos outros. Deixam-se de bom grado admirar por algo que na realidade lhes é tão estranho, como ao seu ambiente que muito pergunta. Envolvem sua ignorância real em sorriso inexpressivo, que deve aparentar sabedoria. É, no entanto, muito antes a expressão, que se tornou hábito, de seu despreparo diante de perguntas que exigem seu conhecimento próprio sobre o fenómeno.

Na realidade, não sabem mais do que o martelo e o cinzel, com os quais a mão do artista molda qualquer obra. No entanto, aqui também são novamente apenas os próprios seres humanos que querem transformar os seus semelhantes, dotados de capacidades clarividentes, em algo diferente do que realmente são, prejudicando-os com isso gravemente. Essa é a situação doentia que se encontra hoje por toda parte. Na maioria dos casos, esse “ver” é, sim, *real*, mas de modo algum algo de extraordinário que fosse digno de admiração e muito menos ainda de um calafrio, uma vez que na realidade deveria ser algo muito natural. Natural, porém, permanece apenas quando surge por si só e, também, for deixado calmamente ao verdadeiro desenvolvimento, sem ajuda alheia ou própria. Uma *ajuda* a tal propósito é tão condenável quanto seria uma ajuda por ocasião do falecimento corpóreo.

A vidência, porém, só ganha valor pelo autêntico *saber*. Só o saber, exclusivamente, consegue dar segurança a essa faculdade natural e, simultaneamente, também a sintonização *certa* com o rumo certo. Contudo, que isso falta à grande maioria de todas as pessoas clarividentes, pode-se desde logo verificar pelo ambicioso excesso de zelo, que traz consigo a arrogância, bem como pelo facto, desveladamente exposto e também prazerosamente expresso, de se considerarem sabidas.

E essa imaginação de saber é exactamente aquilo que impede tais pessoas não só de progredir mais, mas que até lhes traz a perdição, levando-as, em seus esforços, a desvios que conduzem *para baixo*, em vez de para cima, sem que aquele que se considera mais sabido perceba algo disso. Para tais, como maior auxílio, apenas pode advir, aqui e acolá, que sua clarividência ou clariaudiência pouco a pouco se enfraqueça e se perca. Isso é salvação! Através de qualquer circunstância favorável que suceda para eles, das quais há múltiplas.

Observemos agora as pessoas videntes e sua convicção errônea, a qual transmitem a outras pessoas. Exclusivamente a elas cabe a culpa de que até agora todo esse terreno pudesse ter sido lançado à lama como errado e não confiável.

O que tais pessoas vêem é, no melhor e mais avançado caso, o segundo degrau do assim chamado Além, caso se queira dividi-lo em degraus (não entendidos por planos) e nos quais o da Luz seria, mais ou menos, o vigésimo, apenas para se obter uma imagem aproximada da diferença. Os seres humanos, porém, que realmente conseguem ver até um segundo degrau, pensam realizar com isso algo colossal. Aqueles, contudo, que apenas podem ver até o primeiro degrau, enfatua-se, na maioria dos casos, ainda muito mais.

Deve-se, pois, considerar que um ser humano, com seu dom máximo, na realidade pode observar sempre só até onde lhe permitir o seu próprio amadurecimento interior. *Está atado aí ao seu próprio estado íntimo!* Pela natureza da coisa, é-lhe simplesmente impossível ver algo diferente, *ver* realmente, que não seja sua própria igual espécie. Portanto, dentro do âmbito em que poderia locomover-se desimpedidamente depois de seu falecimento terreno. Não mais adiante; pois, no momento em que ele iria transpor aquele limite do Além, que lhe prescreve o estado de seu próprio amadurecimento, teria de perder imediatamente qualquer consciência do seu ambiente. Por si só, de modo algum conseguiria transpor esse limite.

Se, no entanto, sua alma, ao sair, fosse levada por alguém do Além, pertencente ao próximo degrau mais alto, logo ficaria inconsciente nos braços deste, ao transpor o limite para o degrau mais alto, isto é, adormeceria. Trazido de volta, poderia, apesar de seus dons clarividentes, lembrar-se sempre somente até o ponto em que sua própria maturidade lhe permitiu olhar acordado em redor. Portanto, não lhe adviria vantagem alguma, mas sim prejudicaria seu corpo de matéria fina.

Tudo quanto supõe ver mais além, sejam paisagens ou pessoas, jamais foi vivenciado por ele de modo realmente vivo, ou visto pessoalmente, mas trata-se aí apenas de *imagens* a ele mostradas e cuja linguagem também supõe ouvir. Jamais é a realidade. Tais imagens são aparentemente tão vivas, que ele mesmo não consegue distinguir entre o que apenas lhe é mostrado e o que realmente vivencia, porque o acto de vontade de um espírito mais forte pode criar tais imagens vivas. Acontece assim que muitos clarividentes e clariaudientes julgam encontrar-se muito mais alto, em seus passeios no Além, do que realmente estão. E daí se originam tão numerosos erros.

Igualmente constitui um grande engano quando alguns supõem ver ou ouvir Cristo; pois isso seria coisa impossível, devido ao enorme abismo decorrente da ausência de espécie igual,

segundo as leis da Criação da vontade divina! O Filho de Deus não pode vir a uma sessão espírita, como quem vai a uma reunião de chá, a fim de ali, distinguindo, tornar felizes os visitantes, tampouco grandes profetas ou espíritos mais elevados.

No entanto, a nenhum espírito humano, ainda ligado à carne e ao sangue, é permitido movimentar-se tão segura e firmemente no Além, durante a vida terrena, para poder ver ou ouvir tudo desveladamente, e talvez, sem mais nem menos, até correr os degraus para cima. Tão simples a coisa não é, apesar de toda a naturalidade. Ela permanece ligada às leis incontornáveis.

E quando um clariaudiente ou um clarividente negligencia suas tarefas terrenas, por somente querer penetrar no Além, perde mais do que com isso ganha. Quando lhe chegar então a hora para o amadurecer no Além, levará consigo uma lacuna que *somente na Terra* pode preencher. Por isso não pode subir mais, fica preso até certo ponto e tem de voltar a fim de recuperar o que perdeu, antes de poder pensar em uma continuação séria da escalada. Também aqui tudo é simples e natural, apenas sempre uma consequência indispensável do que ficou para trás, que jamais se deixa desviar.

Cada degrau de uma existência humana requer ser vivido realmente com toda a seriedade, com plena capacidade de recepção da respectiva época actual. Insuficiência nisso acarreta um afrouxamento que, no caminho seguinte, tem de se fazer sentir cada vez mais, produzindo finalmente uma ruptura com a conseqüente ruína, caso não se volte a tempo, reparando o local defeituoso mediante renovado viver, para que este se torne firme e seguro. Assim é em todos os fenómenos. Infelizmente, porém, o ser humano adquiriu o hábito doentio de estender a mão sempre além de si mesmo, porque julga ser mais do que realmente é.

68. Espécies de clarividência

Por longo tempo hesitei em responder às diversas perguntas sobre clarividência, porque cada ser humano, que houver lido *direito* a minha Mensagem do Graal, tem de estar perfeitamente informado a tal respeito. Pressuposto, naturalmente, que não tenha lido a Mensagem como mera leitura, como passatempo ou com preconceitos, mas nela tenha se aprofundado seriamente e tenha considerado importante cada frase, cujo profundo sentido em si, bem como o facto de ela pertencer incondicionalmente a toda a Mensagem, ele ao menos tem de se *esforçar* em investigar; pois assim é desejado de antemão.

Nisso, o espírito tem de estar desperto. Pessoas superficiais devem, dessa maneira, ser automaticamente excluídas.

Repeti várias vezes que uma *espécie* só pode ser reconhecida sempre pela *mesma espécie*. Por essas espécies entende-se naturalmente espécies da Criação.

Visto de baixo para cima, existe a espécie de *matéria grosseira*, a espécie de *matéria fina*, a espécie do *enteal* e, como mais elevada, a espécie do *espiritual*. Cada uma dessas espécies subdivide-se, por sua vez, em muitos degraus, de modo a existir facilmente o perigo de confundir os degraus finos da matéria grosseira com os degraus grosseiros da matéria fina. Praticamente imperceptíveis são as transições, as quais nos efeitos e fenómenos não são acaso firmemente unidas, pelo contrário, apenas se engrenam umas nas outras.

Em cada um desses degraus manifesta-se vida de espécie diversa. O ser humano dispõe de um invólucro de cada espécie da Criação que se encontra *abaixo* do espiritual. O núcleo em si é espiritual. Cada invólucro equivale a um corpo. O ser humano é, portanto, um núcleo espiritual, que no desenvolvimento da autoconsciência adquire forma humana, a qual, com o desenvolvimento contínuo rumo à Luz, torna-se cada vez mais ideal até a mais perfeita beleza, com um desenvolvimento para baixo, porém, adquire cada vez mais o contrário disso, até as deformações mais grotescas. A fim de excluir aqui qualquer equívoco, quero mencionar especialmente que o invólucro de matéria grosseira ou corpo não passa por esse desenvolvimento. Apenas tem de cooperar durante curto período e, no plano terreno de matéria grosseira, pode estar sujeito somente a bem reduzidas variações.

O ser humano na face da Terra, isto é, na matéria grosseira, traz consigo os invólucros de *todas* as espécies da Criação *ao mesmo tempo*. Cada invólucro, portanto, cada corpo das diversas espécies, tem também seus próprios órgãos sensoriais. Os órgãos de matéria

grosseira, por exemplo, *só* podem actuar *na mesma espécie*, isto é, na espécie de matéria grosseira. Um desenvolvimento mais refinado nisso dá, no caso mais favorável, a possibilidade de conseguir ver até um certo grau da matéria grosseira mais fina.

Essa matéria grosseira mais fina é denominada “astral” pelas pessoas que com ela se ocupam, um conceito, aliás, que na verdade nem é conhecido direito por aqueles que criaram essa expressão, muito menos ainda pelos que a repetem. Aplico essa terminologia conceitual por já ser conhecida. Aliás, essa denominação vale, como é usual em pesquisas ocultistas, apenas como uma espécie de conceito colectivo de tudo aquilo que se conhece, sim, e que se apresenta como existente, mas que ainda não se pode compreender direito, e menos ainda fundamentar. Todo o querer saber dos ocultistas, até agora formulado, nada mais é do que um grande labirinto de ignorância criado por eles próprios, um monte de entulho de arrogâncias do raciocinar intelectual, insuficiente para tais coisas. Não obstante, quero ficar com a designação “astral”, tão usada. No entanto, o que os seres humanos vêem e entendem como “astral” não pertence sequer à matéria fina, mas tão-somente à fina matéria grosseira.

Os pesquisadores imbuídos de ilusões humanas ainda nem saíram das paragens da matéria grosseira, mas sim permaneceram na *espécie mais inferior* da Criação posterior, e fazem por isso tanto alarde com estrangeirismos os mais “soantes” possíveis! Nem sequer enxergam com os olhos de matéria fina, mas tão-somente com a *intuição de transição* dos olhos de matéria grosseira para os de matéria fina. Poder-se-ia chamar isso de uma visão adquirida mediante exercício ou semivisão.

Quando uma pessoa se desfaz do corpo de matéria grosseira pela morte terrena, são abandonados com isso, naturalmente, também os órgãos sensoriais da matéria grosseira, porque eles pertencem exclusivamente ao respectivo invólucro. A morte terrena não é outra coisa, portanto, do que o abandono do invólucro mais externo ou casca, que lhe possibilitava ver e agir na matéria grosseira. Logo depois desse despir, encontra-se ela no assim chamado outro mundo ou, melhor falando, nas planícies da matéria fina. Aqui poderá, novamente, apenas agir com os órgãos sensoriais do corpo de matéria fina, que agora lhe ficou como casca mais externa. Vê, por conseguinte, com os olhos do corpo de matéria fina, ouve com os ouvidos deste, etc.

É natural que o espírito humano, ao entrar na matéria fina, precise aprender a servir-se adequadamente dos órgãos sensoriais do invólucro de matéria fina, que são assim de repente obrigados a entrar em funcionamento, como antes os órgãos do corpo grosso-material na matéria grosseira. Correspondendo à materialidade de espécie diferente, não tão pesada, a

aprendizagem da utilização correta dos órgãos ocorre também de modo mais rápido, mais leve. E assim é com cada espécie seguinte.

A fim de facilitar esse se aclimatar nas diferentes espécies, é dada a visão de transição ou semivisão dos planos intermediários. Os olhos de matéria grosseira conseguem, com certos esforços, através de estados extraordinários do corpo, ver, pressentindo, o plano de interligação entre a matéria grosseira e a matéria fina, ao passo que o olho de matéria fina, no início de suas actividades, alcança retrospectivamente também o mesmo plano de modo semivisual, onde a parte fina da matéria grosseira toca a parte grossa da matéria fina. Essa semivisão dá ao espírito humano um certo apoio durante seu transitar, de modo que nunca precisa se sentir completamente perdido. Assim ocorre em *cada* limite entre duas espécies diferentes. Para que as duas espécies diferentes de matéria possam manter-se interligadas e não formem acaso um abismo, por jamais poderem se misturar, encarregam-se ondas de forças *enteais* que, com sua capacidade de atracção magnética, actuam prendendo e unindo.

Após passar pelos diversos sectores da matéria fina, deixando também o corpo fino-material, o ser humano entra na *entealidade*. Restou-lhe então o corpo *enteal* como invólucro mais externo, através de cujos olhos tem agora de olhar e através de cujos ouvidos tem de ouvir, até que lhe seja possível também deixar os invólucros enteais e ingressar no reino do espírito. Somente aqui ele é *unicamente ele mesmo*, sem invólucros, e tem de ver, ouvir, falar, etc., com seus órgãos *espirituais*.

Estas minhas explicações devem ser analisadas rigorosamente pelos leitores, a fim de que possam fazer para si uma imagem correcta disso. Materializações de pessoas terrenalmente falecidas não são mais do que fenómenos onde, através da utilização de um médium, os falecidos terrenalmente, que portam o corpo de matéria fina, cobrem-se ainda com um invólucro da fina matéria grosseira. Essa seria, provavelmente, a única excepção onde as criaturas humanas terrenas de hoje seriam capazes de ver uma vez *nitidamente* a fina matéria grosseira com seus olhos de matéria grosseira e também abrangê-la com seus outros sentidos de matéria grosseira. Eles podem isso, porque, não obstante toda a subtileza, trata-se sempre ainda da mesma espécie de seus órgãos sensoriais, portanto, ainda de matéria grosseira.

Portanto, o ser humano deve atentar que a matéria grosseira só pode ser “percebida” pela matéria grosseira, a matéria fina só pela matéria fina, o que é enteal só pelo que é enteal e o que é espiritual só pelo que é espiritual. Nisso não há misturas.

Há, porém, uma coisa: uma criatura humana terrena pode ver, aqui e acolá, com os olhos de matéria grosseira e durante sua existência terrena também já abrir seus olhos de matéria

fina, pelo menos temporariamente. Isto é, não acaso ao mesmo tempo, mas consecutivamente. Quando vê com os olhos de matéria fina, os olhos de matéria grosseira permanecem fora de acção, totalmente ou em parte, e vice-versa. Jamais estará apto a ver direito com os olhos de matéria grosseira aquilo que é realmente de matéria fina, tampouco com os olhos de matéria fina o que seja de matéria grosseira. Isto é impossível. Afirmções contrárias basear-se-iam apenas em erros decorrentes do desconhecimento das leis da Criação. São ilusões, às quais tais pessoas se submetem, quando afirmam poder reconhecer com os olhos de matéria grosseira o que é de matéria fina, ou com os olhos de matéria fina o que é espiritual.

Quem considera direito tudo isso procura ter uma noção clara, reconhecerá que confusão indescritível tem de existir agora no julgamento sobre a clarividência, que até fica impossível conseguir-se informações seguras a respeito, enquanto não forem dadas a conhecer as leis sobre isso, o que *não* pode ocorrer através de inspirações ou manifestações em círculos espíritas, uma vez que os que se acham no Além, inspirando e também se manifestando, não possuem, eles mesmos, uma visão geral, mas sim, cada um tem de mover-se sempre nos limites aos quais pertence o seu respectivo estado de maturidade.

Uma autêntica ordem nos esclarecimentos do maravilhoso tecido da Criação posterior só pode ser dada quando um *saber* abranger tudo. Do contrário é impossível. As criaturas humanas, porém, em seu conhecido e doentio querer ser sábias, jamais reconhecem tal, mas desde logo se opõem hostilmente aos esclarecimentos.

Preferem prosseguir pavoneando-se em suas medíocres pesquisas e, justamente por isso, jamais podem chegar a uma concordância, jamais a um resultado real. Se apenas *uma vez* mostrassem uma grandeza tal e, ao vencer sua presunção, tomassem *realmente a sério* a Mensagem do Graal como esclarecimento universal, sem preconceitos, excluindo dos estudos todo o querer saber próprio, abrir-se-lhes-iam logo perspectivas que, em consequência lógica, esclarecem todos os fenómenos incompreendidos e aplainam com grande ímpeto os caminhos para o até então desconhecido.

Contudo, já é conhecido que justamente a teimosia é *apenas um* dos mais infalíveis sinais de verdadeira estupidez e estreiteza. Todas essas pessoas nem supõem que exactamente com isso imprimem em si o sinal de sua absoluta inutilidade, o qual já em tempo próximo as queimará de maneira vergonhosa e excludente, porque então não poderá mais ser escondido ou negado.

Para o julgamento de uma clarividência devia ser conhecido, como base, com que olhos o clarividente vê de cada vez, a que região, portanto, pertence a sua vidência e até que ponto ele

está desenvolvido neste sentido. Só então outras conclusões podem ser tiradas. Nisso, quem dirige tais investigações devia, pessoalmente, de modo absoluto, estar bem claramente informado a respeito de cada degrau das diferentes espécies, bem como a respeito do efeito variado e da actuação que aí se desencadeiam. E disso sofre a época de hoje, onde exactamente aquelas pessoas se julgam instruídas, que em geral nada entendem.

É lastimável ler a avalanche de publicações em folhetos e livros sobre toda a sorte de observações e experimentos ocultistas, com tentativas de esclarecimento mais ou menos ilógicas e insustentáveis, que, na maioria dos casos, ainda recebem arrogantemente impresso o carimbo de certo saber, enquanto que eles, sem excepção, não somente ficam longe dos factos, mas até trazem *o contrário*. E como o bando de tais inteligências se encoleriza hostilmente, quando, em singela sequência, é-lhes apresentada a estruturação da Criação posterior, sem cujo conhecimento exacto, em geral, nada poderão compreender. Da Criação primordial aqui nem queremos falar.

Quem quiser julgar ou mesmo condenar clarividentes tem de conhecer a Criação toda, conhecer realmente! Enquanto esse não for o caso, também deve se calar a tal respeito. Tampouco, porém, também como defensores fervorosos dos factos da clarividência, fazer afirmações que, sem o conhecimento exacto da Criação, não podem ser comprovadas. Tão nefastos erros são propagados a respeito de todos os fenómenos fora da matéria grosseira, que urge, finalmente, introduzir ordem e conformidade com a lei. Felizmente já não está mais distante o tempo em que uma varredura sadia será feita entre as inúmeras figuras, ridículas até, nos campos ocultistas em si tão sérios, as quais, sim, como se sabe, mais gritam e são as mais importunas com suas teorias. Pena é que exactamente esses tagarelas, através de sua conduta, já tenham extraviado muitos dentre os que procuram. A responsabilidade disso, contudo, não tardará e recairá com terrível força sobre todos aqueles que procuram tratar desses mais sérios domínios tão levemente, mas os desencaminhados e enganados dessa forma pouco lucrarão com isso, mas eles próprios terão igualmente de sofrer o prejuízo por terem se deixado conduzir tão facilmente a acepções erradas. Em geral, pode-se calmamente afirmar que exactamente no campo ocultista, por enquanto, o tagarelar ainda é designado com a bela expressão “pesquisar”, sendo, por conseguinte, a maioria dos pesquisadores apenas tagarelas.

Entre os clarividentes existe, portanto, uma visão da fina matéria grosseira, uma visão da matéria fina e uma visão da entealidade. Tudo isso com os respectivos olhos de igual espécie. Uma visão espiritual permaneceu, no entanto, vedada aos seres humanos, pois para isso devia ser um especialmente convocado, que é agraciado para uma determinada finalidade, para que possa abrir também seus olhos espirituais já na existência terrena.

Entre esses, porém, *não* se encontram os inúmeros clarividentes actuais. A maioria, aliás, consegue apenas reconhecer a matéria fina em *um* de seus vários degraus e, com o tempo, talvez abranger também mais degraus. São-lhes abertos, portanto, os olhos de matéria fina. Raras vezes apenas, ocorre que os olhos do corpo enteval também enxerguem.

Se, pois, em ocorrências terrenas especiais, como, por exemplo, em casos de crimes ou outros, deva ser utilizada uma pessoa clarividente para fins de esclarecimento, então o interessado nisso precisa saber do seguinte: o clarividente vê com seus olhos de matéria fina, *não* podendo, portanto, ver o próprio acontecimento de *matéria grosseira* que ocorreu. Cada acontecimento de matéria grosseira, contudo, tem ao mesmo tempo seus fenómenos simultâneos de matéria fina, que são muitas vezes idênticos às ocorrências de matéria grosseira ou, pelo menos, semelhantes. Portanto, o clarividente verá, na prática de um assassinio, o fenómeno *de matéria fina* que ocorreu ao mesmo tempo, não o real de matéria grosseira, que é unicamente decisivo para a justiça, segundo as leis terrenas hoje vigentes. Esse acontecimento de matéria fina, porém, pode em alguns pormenores desviar-se mais ou menos do acontecimento de matéria grosseira. É, por conseguinte, errado falar prematuramente de falhanço da clarividência ou de uma visão errónea.

Continuemos, pois, com um assassinio ou roubo. O clarividente, chamado para o esclarecimento, verá em parte de modo astral, em parte de modo fino-material. De modo astral, portanto, na fina matéria grosseira, o local da ocorrência, de modo fino-material, porém, a própria acção. Advém ainda que pode ver aí também diversas formas de pensamento originadas no curso dos pensamentos do assassino bem como do assassinado ou do ladrão. Distinguir isso deve fazer parte da capacidade de quem dirige as investigações! Só então o resultado será certo. Mas, por enquanto, ainda não existe um dirigente de investigações assim instruído. Por mais grotesco que possa soar, em virtude de não possuir na realidade a mínima analogia, quero citar, no entanto, um exemplo secundário referente à actividade de um cão policial, que também é utilizado, sim, na elucidação de crimes. Com referência a esses cães policiais, evidentemente, quem os conduz deve conhecer de maneira exacta o modo de actuação do cão e junto com ele trabalhar de modo directo, cooperando até mui activamente, como é do conhecimento dos iniciados. Precisa-se imaginar, pois, essa maneira de trabalhar apenas de forma muito mais enobrecida, temos então a actividade do trabalho conjunto de um dirigente de investigações e de um clarividente para a elucidação de crimes. Também aqui o dirigente de investigações deve ser quem trabalha activamente e quem calcula observando e quem assume a maior parte da actividade, enquanto que o clarividente continuará apenas como auxiliar, trabalhando passivamente. Para cada juiz deve preceder um longo estudo de tal actividade, antes que possa a isso se dedicar. É um estudo muito mais difícil do que a jurisprudência.

69. No reino dos demónios e dos fantasmas

Para tal esclarecimento é necessário antes o saber de que o ser humano terreno não se encontra na Criação primordial, mas em uma Criação posterior. A Criação primordial é, única e exclusivamente, o *reino espiritual* realmente existente por si, conhecido pelas criaturas humanas como o Paraíso, cujo ápice constitui o Castelo do Graal com o portal para o divinal, que se encontra fora da Criação. A Criação posterior, porém, é o assim chamado “mundo” em seu eterno circular orbital, *abaixo* da Criação primordial, e cujos universos solares isolados estão sujeitos à formação e à desintegração, portanto, ao amadurecer, envelhecer e decompor, porque não foram criados directamente pelo divinal, como a eterna Criação primordial, o Paraíso. A Criação posterior originou-se da vontade dos primordialmente criados e está sujeita à influência dos espíritos humanos em desenvolvimento, cujo caminho evolutivo passa através dessa Criação posterior. Por essa razão também a imperfeição nela, não encontrada na Criação primordial, que está sujeita à influência directa do divino Espírito Santo.

Para consolo dos primordialmente criados, totalmente desesperados por causa da imperfeição cada vez maior da Criação posterior, a qual se fazia sentir cada vez mais, foi clamado do divinal: “Aguardai aquele que Eu escolhi... para vosso auxílio!”, assim como foi interpretado na lenda do Graal, razoavelmente nítido, como retransmissão proveniente da Criação primordial. —

Agora, ao próprio tema: *cada* acção terrena pode ser considerada somente como expressão exterior de um processo interior. Por “processo interior” entende-se uma vontade da intuição espiritual. Cada vontade da intuição é *acção* espiritual que se torna incisiva para a existência de um ser humano, pois provoca ascensão ou descida. Em caso algum pode ser colocada no mesmo degrau que a vontade dos pensamentos. A vontade da intuição refere-se ao núcleo do próprio ser humano, a vontade dos pensamentos, porém, somente a um círculo exterior, mais fraco. Contudo, nem sempre ambas precisam se tornar também terrenalmente visíveis, apesar de seu efeito incondicional. A acção terrena, grosso-material, não é necessária para acumular um carma. Por outro lado, não existe nenhuma actividade terrena grosso-material à qual não devesse preceder uma vontade dos pensamentos ou uma vontade da intuição. A actividade terrenalmente visível, por isso, é dependente da vontade dos pensamentos ou da vontade da intuição, mas não inversamente.

Aquilo que é realmente incisivo para a existência de um espírito humano, para a sua ascensão ou descida, está, no entanto, ancorado de modo *mais forte* na *vontade da intuição*, à qual a criatura humana quase nem atenta, mas para cujo efeito incondicional, que jamais

falha, não há nenhuma fuga, nem qualquer paliativo ou adulteração. Somente nisso reside o verdadeiro “vivenciar” do espírito humano; pois a *vontade da intuição é a única alavanca para o desencadeamento das ondas de força espiritual*, que se encontram na obra do Criador e que aguardam apenas o estímulo da vontade da intuição dos espíritos humanos, para levá-las então imediatamente à efectivação, de modo multiplamente aumentado. Exactamente a esse tão importante fenómeno, o mais importante até, a humanidade tem dado pouca atenção até agora.

Por tal motivo quero apontar sempre de novo para um ponto principal, aparentemente simples, mas que encerra *tudo* em si: a *força* espiritual, que perpassa a obra da Criação, *só* pode obter ligação com a *vontade da intuição* dos espíritos humanos, tudo o mais fica excluído de uma ligação!

Já a vontade dos pensamentos não pode obter mais nenhuma ligação, muito menos quaisquer *produtos* da vontade dos pensamentos. Esse facto exclui *toda* a esperança de que a *verdadeira* força principal na Criação alguma vez pudesse ser posta em correlação com qualquer “invenção”! Contra isso é passado um ferrolho inamovível. O ser humano não conhece a força principal, tampouco os seus efeitos, embora se encontre dentro dela. O que este ou aquele pensador ou inventor imagina como força primordial, não o é! Trata-se então sempre apenas de uma energia bem secundária, da qual poderão ser descobertas muitas ainda com efeitos surpreendentes, sem com isso aproximar-se sequer um passo da força propriamente, da qual o espírito humano se serve diariamente de modo inconsciente. Infelizmente como que brincando, sem dar atenção às horríveis consequências dessa desmesurada leviandade! Em sua irrestrita ignorância, tenta sempre desviar criminosamente a responsabilidade das consequências para Deus, o que, no entanto, não o liberta da grande culpa com a qual se sobrecarrega pelo seu... não querer saber.

Quero tentar apresentar aqui uma imagem clara. Uma pessoa, por exemplo, *intui* inveja. Diz-se comumente: “A inveja brota dela!” De início trata-se de uma intuição genérica, muitas vezes nem claramente consciente ao espírito humano. Essa intuição, contudo, ainda nem moldada em determinados pensamentos, portanto, sem ter ainda “chegado” ao cérebro, já é aquilo que traz em si *a chave*, que *unicamente* é capaz de estabelecer ligação com a “*força viva*”, de formar a ponte até lá. Imediatamente flui então tanto dessa “força viva” existente na Criação para a referida intuição quanto seja a sua capacidade de assimilação, que é condicionada pela respectiva força da intuição. Somente *com isso* a intuição *humana*, isto é, “*espiritualizada*”, torna-se viva em si e recebe a enorme capacidade geradora (não força geradora) no mundo de matéria fina, que torna o ser humano senhor entre todas as criaturas, a criatura suprema na Criação. Esse fenómeno, contudo, deixa-o exercer também imensa

influência sobre toda a *Criação posterior*, acarretando com isso... responsabilidade pessoal, que criatura alguma além dele na Criação posterior pode ter, uma vez que somente o ser humano possui a faculdade determinante para tanto, a qual reside na constituição do *espírito*.

E somente *ele*, em toda a Criação posterior, contém espírito em seu âmago mais íntimo e obtém por isso, *como tal*, também exclusivamente ligação com a força *viva superior* que reside na Criação posterior. Por sua vez, os primordialmente criados no Paraíso são de espírito *diferente* do que os que peregrinam pelos mundos, os assim chamados seres humanos terrenos, razão pela qual sua faculdade de ligação destina-se também a uma onda de força diferente, mais elevada e ainda muito mais forte, da qual se utilizam conscientemente, podendo criar assim de modo natural também coisas muito diferentes do que os peregrinos dos mundos, aos quais pertencem os seres humanos terrenos, cuja onda de força superior é apenas uma graduação da energia latente na Criação primordial, assim como os próprios seres humanos terrenos são apenas uma graduação dos primordialmente criados.

O que até hoje tem faltado principalmente ao saber humano é o conhecimento das muitas graduações de tudo aquilo que se encontra na Criação primordial, que se tornam cada vez mais fracas em direcção descendente, e o reconhecimento de que eles próprios pertencem apenas a essas *graduações*. Se esta compreensão tiver uma vez penetrado correctamente, então cai a presunção de até agora e assim o caminho para a escalada fica livre.

Ruirá então por si, miseravelmente, a tola ilusão de serem os supremos, de trazerem dentro de si até mesmo algo de divinal e, por fim, restará apenas vergonha libertadora. Os primordialmente criados, tão mais superiores e mais valiosos, não possuem tal presunção. Apenas sorriem complacentemente dos desencaminhados vermes terrenos, tal qual sorriem muitos pais da tagarelice imaginosa de seus filhos.

Mas voltemos à intuição. A intuição assim fortalecida de uma pessoa, em graduação posterior, gera então imediatamente, de modo natural, uma configuração que corporifica mui exactamente a *espécie* da intuição! Nesse caso, pois, a inveja. De início, a configuração acha-se dentro, a seguir, ao lado do seu gerador, ligada a este por um cordão nutridor. Simultaneamente, porém, sob o efeito da lei de atracção da igual espécie, entra ela logo e naturalmente em contacto com o local de concentração das configurações de espécies iguais e recebe de lá vigoroso reforço, que, juntamente com a nova configuração, constitui agora o ambiente de matéria fina da respectiva pessoa.

Nesse ínterim, a intuição sobe até o cérebro, e aqui desperta *pensamentos* de igual espécie, que delineiam nitidamente o alvo. Assim, os pensamentos tornam-se canais ou vias

por onde as configurações seguem em direcção a um bem determinado alvo, a fim de ali causar danos, se encontrarem solo para tanto. A pessoa visada como alvo, tendo em si apenas solo puro, portanto, vontade pura, não oferece a essas configurações nenhuma área de agressão, nenhuma base de ancoragem. Nem por isso elas se tornam acaso novamente inofensivas, mas sim continuam a vagar isoladamente ou juntam-se com as espécies iguais em seus locais de aglomeração que podem ser chamados de “planos”, visto estarem sujeitas à lei de sua gravidade espiritual e, por isso, têm de formar *determinados* planos, os quais sempre apenas podem admitir e prender espécies iguais. Dessa maneira, porém, continuam absolutamente perigosas para todos aqueles espíritos humanos que não trazem em si suficiente pureza na forte vontade para o bem, e trazem por fim também destruição a seus geradores, uma vez que sempre permanecem em ligação com os mesmos, e continuamente deixam refluir pelo cordão nutridor novas energias de inveja sobre eles, que as próprias configurações recebem da aglomeração das centrais. Por isso não é tão fácil a tal gerador entregar-se novamente a intuições mais puras, porque fica fortemente constrangido devido ao refluxo das energias de inveja. É continuamente arrancado disso. É forçado a aplicar muito mais esforços para a escalada, do que um espírito humano que não esteja de tal modo constrangido. E somente mediante uma constante vontade pura, fenece, pouco a pouco, um cordão nutridor do mal, até que por fim, secando, caia sem forças. Isto é a libertação do gerador de tal mal, pressuposto que a sua configuração não tenha até aí causado dano; pois *então* entrarão logo *novas* ligações em vigor, as quais também devem ser resgatadas.

Para uma dissolução de tais fios, faz-se necessário, então, um novo encontro, no Aquém ou no Além, com as pessoas prejudicadas por esse mal, até que aí surjam o reconhecimento e o perdão. A consequência disso é que uma escalada do gerador de tais configurações não poderá preceder a escalada daqueles que foram assim atingidos. Os fios de ligação ou do destino retêm-no, enquanto não ocorrer uma dissolução pela reparação e pelo perdão.

Mas isso ainda não é tudo! Essa vontade da intuição tem, sob o reforço da “força” viva, um efeito ainda muito maior; pois não somente povoa o mundo de matéria fina, mas também dirige os destinos de toda a Criação posterior, à qual pertence a Terra e todos os astros circunvizinhos! Interfere, portanto, também na matéria grosseira. De modo construtivo ou destrutivo! A tal respeito devia o ser humano finalmente reconhecer quantos disparates já cometeu, em vez de cumprir seus deveres oriundos das faculdades de seu espírito, para bênção desta Criação posterior e de todas as criaturas. Muitas vezes o ser humano pergunta por que a luta se manifesta na natureza e, no entanto, o enteal na Criação posterior se orienta... segundo a índole das criaturas humanas! Com excepção dos enteais primordialmente criados.

– Mas prossigamos:

Os produtos da vontade da intuição do espírito humano, as configurações antes mencionadas, não deixam de existir depois que se desprendem de seu gerador, mas continuam existindo de maneira *autónoma*, enquanto forem recebendo nutrição dos espíritos humanos que têm a mesma espécie que elas! Não é necessário que seja seu próprio gerador. Procuram oportunidade para agarrar-se a este ou àquele ser humano disposto a tanto ou também a seres humanos fracos para uma defesa. São elas, no mau sentido, *os demónios*, oriundos da inveja, do ódio e de tudo quanto é similar. No bom sentido, porém, são entes benfazejos, que estabelecem a paz com amor e favorecem a ascensão.

Em todos esses fenómenos não é absolutamente necessária uma acção terrenalmente visível das pessoas, ela adiciona somente novas cadeias ou fios que terão de ser resgatados no plano da matéria grosseira, tornando necessária uma reencarnação, se a remissão não puder se realizar em uma vida terrena.

Essas configurações da vontade da intuição do ser humano contêm *em si* força, porque se originam da vontade *espiritual* em ligação com a “força principal neutra” e, o que é o mais importante, porque *com isso*, ao serem formadas, recebem em si algo do *enteal*, isto é, *aquela* espécie de onde se desenvolvem os gnomos, etc. A vontade de um animal não pode realizar isso, porque a alma do animal nada tem de espiritual em si, mas apenas de enteal. É, portanto, um fenómeno que *somente* se realiza nas configurações da vontade da intuição humana, que por isso tem de trazer grande bênção no caso de vontade *boa*, mas incalculável desgraça no caso de vontade má, porque um núcleo enteal de tais configurações possui *força impulsionadora própria*, ligada à capacidade influenciadora sobre tudo o que é de matéria grosseira. E, com isso, a responsabilidade do espírito humano aumenta enormemente. Sua vontade da intuição cria, de acordo com sua espécie, os *entes de vontade boa*, bem como também os *demónios* vivos.

Ambos são exclusivamente produtos da capacidade do espírito humano na Criação posterior. Contudo, o seu núcleo naturalmente impulsionador, e com isso imprevisível em sua acção, *não* se origina da *entealidade com capacidade de vontade*, de onde provêm as almas dos animais, mas *de uma gradação inferior* a isso, *que não possui capacidade de vontade própria*. Existem também na entealidade, assim como na região do espírito situada acima dela, muitas gradações e determinadas espécies, a cujo respeito ainda devo falar em especial.

*(Dissertação N° 49: A diferença na origem entre o ser humano e o animal)

Para esclarecimento adicional, sirva ainda que o enteal *também* encontra contacto com uma força viva, latente na Criação, que, contudo, não é a mesma à qual a vontade do espírito humano tem ligação, mas somente uma gradação disso.

Exactamente as variadas possibilidades e impossibilidades de ligação são os mais severos guardiões da ordem na Criação posterior, resultando em firme e inamovível estrutura em todo o formar e decompor.

Tão longe, portanto, alcança a actuação do espírito humano. A tal respeito olhai hoje os seres humanos, observando-os correctamente, e podereis imaginar quanta desgraça já causaram. Principalmente quando aí forem consideradas as posteriores consequências da actividade dessas configurações vivas, que são lançadas, sim, sobre todas as criaturas! É, pois, como a pedra que, uma vez atirada pela mão, fica fora do controle e da vontade de quem a arremessou.

Ao lado dessas configurações, para as quais a descrição de sua extensa actividade e influência seria necessário um livro inteiro, existe uma outra espécie que está em íntima ligação com as mesmas, mas que constitui uma secção *mais fraca*. Apesar disso, é ainda bastante perigosa para molestar muitas pessoas, dificultá-las e até levá-las ao afundamento. São as configurações dos pensamentos. Portanto, as formas de pensamentos, os fantasmas.

A vontade dos pensamentos, portanto, o produto do cérebro terreno, ao contrário da vontade da intuição, não possui a capacidade de entrar em ligação directa com a força principal neutra existente na Criação. Devido a isso falta a tais formas também o núcleo autónomo das configurações da intuição, as quais, em comparação com as almas dos animais, podemos chamar apenas de “*sombras* anímicas enteais”. As formas de pensamentos permanecem incondicionalmente dependentes de seu gerador, com o qual estão ligadas de maneira semelhante às configurações da vontade da intuição. Portanto, mediante um cordão nutridor, que forma simultaneamente a via para os efeitos de retorno da reciprocidade. Sobre essa espécie, porém, já anteriormente falei uma vez de forma pormenorizada na dissertação “Formas de Pensamentos”. ^{*(Dissertação Nº 22)} Por isso, posso poupar uma repetição nesse ponto.

As formas de pensamentos são, em relação à lei da reciprocidade, o degrau mais fraco. Apesar disso, ainda actuam de forma bastante desastrosa, podendo ocasionar não só a ruína de espíritos humanos isolados, mas até de grandes massas, bem como contribuir para a devastação de partes inteiras do Universo, tão logo sejam excessivamente nutridas e cultivadas pelas criaturas humanas, recebendo assim um poder não imaginado, conforme ocorreu nos últimos milénios.

Assim, todo o mal se originou *somente* através dos próprios seres humanos. Através de sua incontrolada e errada vontade da intuição e dos pensamentos, bem como através de sua leviandade nisso! —

Esses dois domínios, o reino das configurações da vontade da intuição humana e o reino das formas da vontade dos pensamentos humanos, onde, naturalmente, também espíritos humanos reais são obrigados a viver, constituíam exclusivamente o campo de trabalho e de visão dos maiores “magos” e “mestres” de todos os tempos, que aí se enredam e por fim, por ocasião do trespassse, também aí ficam detidos. E hoje?

Os “grandes mestres no ocultismo”, os “iluminados” de tantas seitas e lojas maçónicas... não estão em situação melhor! Mestres são eles apenas *nesses* reinos. Vivem entre suas próprias configurações. Somente *ali* podem ser “mestres”, não, porém, na *verdadeira vida do Além!* Tão longe nunca vai o poder e a mestria deles.

Criaturas humanas dignas de lástima, não importando se professam a magia negra ou a branca, conforme a espécie da vontade, má ou boa... julgavam-se e julgam-se poderosas na força do espírito, quando, na verdade, são menos do que uma pessoa *ignorante* a tal respeito. Esta, com sua simplicidade infantil, encontra-se bem *acima* dos campos de actuação, já por si inferiores, de tais ignorantes “príncipes do espírito”, portanto, *mais elevada* no espírito do que estes.

Tudo seria, sim, muito belo e bom, se os efeitos da actuação de tais sumidades pudessem recair retroactivamente *apenas* sobre eles próprios, mas tais “mestres”, com seus esforços e actividades, deixam mais movimentadas as camadas inferiores, por si próprias insignificantes e, sem necessidade, agitam-nas, fortalecem-nas assim, a ponto de torná-las perigosas para todos os fracos na defesa. Para outros, ficam felizmente inócuas; pois um espírito humano ingénuo, que se alegra com sua existência de maneira infantil, eleva-se sem mais nem menos *para além* dessas camadas inferiores, nas quais os sabichões chafurdam, acabando por ficar ali presos pelas formas e configurações fortalecidas por eles próprios. Por mais sério que isso deva ser considerado, ao ser visto de cima, apresenta-se indizivelmente ridículo e triste, indigno do espírito humano. Pois, inflados por falsa presunção e enfeitados de quinquilharias, rastejam e formigam activamente em redor, a fim de insuflar vida a um tal reino. Um reino de sombras no mais verdadeiro sentido, um mundo inteiro de *aparências*, que se torna capaz de simular todo o possível e o impossível. E aquele, que o evocou primeiro, por fim não é capaz de bani-lo novamente, tem de sucumbir! Muitos, pois, perscrutam com afinco, para lá e para cá nessas camadas inferiores, supondo com orgulho que altura colossal alcançaram dessa maneira. Um espírito humano, claro e singelo, no entanto, pode passar descuidadamente, sem mais nem menos, por essas camadas inferiores, sem ter de aí se deter de algum modo.

O que devo ainda dizer sobre tais “sumidades”? Nem um sequer daria ouvidos a isso, uma vez que no seu reino de aparência podem por certo lapso de tempo aparentar o que na

verdadeira existência *do espírito vivo* jamais conseguirão ser; pois lá está determinado para eles: “servir”. Então o querer ser mestre cessa rapidamente. Por esse motivo lutam contra isso, visto que muito lhes é tomado pela verdade! Falta a coragem para suportar isso. Quem deixaria cair de bom grado toda a estruturação de sua imaginação e de suas vaidades? Teria de ser de facto uma *pessoa direita* e realmente *grande*! E uma tal não teria caído em tais ciladas da vaidade.

Só uma coisa aí é entristecedora: quantas, ou melhor dito, quão poucas pessoas são tão esclarecidas e firmes em si, quão poucas ainda dispõem de tão infantil e alegre ingenuidade, a fim de poderem transpor *ilesas* esses planos, levemente criados e continuamente fortalecidos pela vontade dos seres humanos. Para todas as demais, porém, será conjurado com isso um perigo que só aumenta constantemente.

Se os seres humanos, finalmente, pudessem se tornar *realmente videntes* nisso! Quanta desgraça poderia ser evitada. Através de uma intuição mais pura, do pensar puro de cada ser humano, todos os planos sombrios e escuros do Além teriam de ficar logo tão enfraquecidos, que até aos espíritos humanos ali retidos e em luta chegaria uma redenção mais rápida, porque conseguiriam livrar-se mais facilmente do ambiente tornado mais fraco. —

Exactamente como tantos grandes “mestres” aqui na Terra, também no Além espíritos humanos vivenciam tudo como sendo inteiramente *legítimo* nos diversos ambientes, nas formas e nas configurações, quer seja nas regiões sombrias e inferiores, quer nas de matéria fina já mais elevadas, mais agradáveis... o medo como também a alegria, o desespero como a redenção libertadora... e, todavia, nem se encontram aí no reino da verdadeira vida, *mas a única coisa realmente viva aí são apenas eles próprios*! Tudo o mais, seu bem variado e mutável ambiente, só pode existir através deles mesmos e de seus semelhantes aqui na Terra.

Até o próprio inferno é apenas produto dos espíritos humanos, existindo, com efeito, e trazendo em si também sério perigo, desencadeando sofrimentos medonhos, e, todavia, dependente totalmente da vontade de todos aqueles seres humanos cujas intuições suprem o inferno com força para a existência, a partir da força neutra de Deus, a qual se encontra na Criação para utilização dos espíritos humanos. O inferno, portanto, não é instituição alguma de Deus, mas uma obra das criaturas humanas!

Quem reconhece *isso* direito, aproveitando então conscientemente esse reconhecimento, ajudará a muitos, também ele próprio escalará mais facilmente para a Luz, *onde unicamente se encontra toda a verdadeira vida*.

Se os seres humanos pelo menos uma vez ainda se abrissem *a ponto* de se tornarem aptos a pressentir que tesouro está à sua disposição nesta Criação! Um tesouro que deve ser encontrado e erguido por cada espírito humano individualmente, isto é, *que deve ser utilizado conscientemente*: a força neutra principal, tantas vezes por mim mencionada. Ela não conhece a diferença entre o bem e o mal, mas sim se encontra fora de tais conceitos, é simplesmente “força viva”.

Cada vontade da intuição de uma pessoa age *como chave* desse tesouro, estabelece contacto com essa força sublime. Tanto a vontade boa como a vontade má. Ambas são reforçadas e avivadas pela “força”, porque esta reage imediatamente à vontade da intuição do espírito humano. E *somente* a esta, nada além disso. *A espécie* da vontade é determinada pelo ser humano, está exclusivamente em suas mãos. A força não conduz nem o que é bom, nem o que é mau, mas ela é simplesmente “força” e vivifica o que o ser humano quis.

Importante é saber aqui, contudo, que o ser humano não traz em si mesmo essa força vivificadora *mas possui apenas a chave para isso, na capacidade de suas intuições*. É, portanto, administrador dessa força criadora e formadora, que actua de acordo com a sua vontade. Por esse motivo, tem de prestar contas da actividade administrativa que exerce a cada hora. Inconscientemente, no entanto, brinca nisso com o fogo, qual criança ignorante e, por isso, como tal, ocasiona grandes danos. Não tem necessidade, porém, de ser ignorante! Esse é o *seu* erro! Todos os profetas e por último o Filho de Deus esforçaram-se em dar clareza a respeito desse ponto mediante parábolas e ensinamentos, em mostrar o caminho que as criaturas humanas devem seguir, *de que maneira* devem intuir, pensar e agir, a fim de proceder de *modo certo*!

Foi, porém, em vão. Com esse poder incomensurável, confiado a eles, os seres humanos continuaram brincando somente segundo seu *próprio* parecer, sem ouvir as advertências e conselhos da Luz, e trazem assim por fim o desmoronamento e a destruição de suas obras e também de si próprios; pois essa força actua de modo inteiramente neutro, fortalece tanto a boa como a má vontade de um espírito humano, mas devido a isso destrói, de modo frio e sem hesitar, também a viatura e o condutor, como acontece com automóveis guiados erradamente. A imagem é certamente bastante clara enfim. Mediante a vontade e os pensamentos, os seres humanos dirigem os destinos de toda a Criação posterior, bem como também os deles mesmos, e nada sabem disso. Favorecem o florescer ou o fenecer, podem alcançar soerguimento na maior harmonia ou também *aquela* confusão caótica que *actualmente* se dá! Ao invés de construir sensatamente, apenas desperdiçam desnecessariamente o tempo e a energia com tantas vaidosas futilidades. Sensatos chamam a isso agora de castigo e

juízo, o que em certo sentido está correto, e, todavia, foram os *próprios* seres humanos que forçaram tudo quanto agora acontece.

Houve já muitas vezes pensadores e observadores que pressentiram tudo isso, mas se equivocaram na errônea suposição de que esse poder do espírito humano se manifestasse como um sinal da própria divindade. Isso é um engano, resultante apenas de observação externa e unilateral. O espírito humano não é nem Deus, nem divino. Esses tais, que pretendem ser sábios, só vêem o aspecto externo dos fenômenos, mas não o núcleo. Nos efeitos, confundem a causa. E, lamentavelmente, originaram-se dessa insuficiência muitas doutrinas errôneas e presunções. Por isso, mais uma vez acentuo: a força de Deus que perflui permanentemente a Criação, e que nela reside, é *apenas emprestada* a todos os espíritos humanos. Eles podem *dirigi-la, ao utilizar-se* dela, mas não a contêm em si, *ela não lhes pertence!* Tal força pertence apenas ao divinal. Este a aplica, no entanto, somente para o bem, porque o divinal nem conhece as trevas. Os espíritos humanos, porém, aos quais ela é emprestada, criaram com isso para si um covil de assassinos!

Por isso mais uma vez clamo insistentemente a todos: conservai puro o foco da vontade e de vossos pensamentos, com isso estabelecereis a paz e sereis felizes! Desse modo a Criação posterior, finalmente, ainda se assemelhará à Criação primordial, na qual reinam apenas Luz e alegria. Tudo isso está nas mãos dos seres humanos, na faculdade de cada espírito humano auto-consciente, que não permanece mais um estranho nesta Criação posterior! — —

Muitos dos meus ouvintes e leitores, intimamente, desejarão que eu ainda junte aos esclarecimentos alguma imagem condizente com tal fenômeno, proporcionando um panorama vivo para melhor compreensão. A outros, por sua vez, isso estorvará. Pode haver também os que digam a si mesmos que eu com isso enfraqueço a seriedade do que foi dito, porque a reprodução de um fenômeno vivo nesses planos facilmente pode ser considerada como fantasia ou vidência. Algo semelhante até já tive de ouvir, quando publiquei minhas dissertações: “O Santo Graal” e “Lúcifer”. Todavia, as pessoas que investigam a fundo, e que não têm os ouvidos espirituais fechados, intuirão também aquilo, para o que isso é dito por mim. A essas, unicamente, destina-se também a imagem que quero dar a respeito; pois saberão que não é fantasia nem vidência, mas sim muito mais.

Tomemos, pois, um exemplo: uma mãe pôs fim à vida por afogamento, arrastando consigo à morte terrena seu filho de dois anos. Ao acordar no Além, ela se encontra então afundando em águas escuras, lamacentas; pois o último e terrível momento da alma tornou-se vivo na matéria fina. É o lugar onde todas as espécies iguais sofrem a mesma coisa junto com ela, em contínuo tormento. Conserva nos braços o seu filho, que a ela se apega com angústia

mortal, mesmo que no acto terrenal ela o tenha lançado *antes* às águas. Esses terríveis momentos ela terá de vivenciar durante um período menor ou maior, de acordo com a sua constituição anímica, deverá ficar, portanto, afogando-se permanentemente, sem que aí chegue a um fim, sem perder a consciência. Pode durar decénios ou ainda mais, até que desperte em sua alma o legítimo grito de socorro, baseado em pura humildade. Isso não ocorre com facilidade; pois em seu redor somente existe espécie igual, mas nenhuma Luz. Ouve apenas maldições horrendas e imprecações ^(*pragas), palavras grosseiras, vê somente brutal falta de consideração.

Com o tempo, então, talvez lhe irrompa em primeiro lugar o impulso de pelo menos proteger o filho daquilo, ou de tirá-lo daquele ambiente medonho e do perigo e tormento contínuos. Angustuada, no próprio ter que afundar, ela o mantém, por isso, acima da superfície fétida e viscosa, enquanto muitas outras figuras ao seu redor, agarrando-se a ela, procuram arrastá-la consigo às profundezas.

Essas águas pesadas como chumbo são os pensamentos vivificados na matéria fina, mas ainda sem contornos nítidos, dos suicidas por afogamento, bem como de todos aqueles que ainda se encontram na Terra e se ocupam com pensamentos semelhantes. Estes têm ligação entre si e, atraindo-se de modo recíproco, conduzem mutuamente sempre novos reforços, com o que os tormentos se renovam infinitamente. Tais águas haveriam de secar, se ao invés desses afluxos de igual espécie afluíssem da Terra ondas de pensamentos refrescantes, alegres, cheios de vida.

A preocupação, pois, pela criança, a qual o instinto natural materno pode com o tempo aumentar até um amor dedicado e cuidadoso, recebe força bastante a fim de formar o primeiro degrau da escada de salvamento para a mãe, que a conduz para fora desse tormento que ela mesma criou para si, mediante tal fim prematuro de sua existência terrena. Ao desejar agora resguardar a criança do tormento para o qual ela própria a arrastou, ela nutre algo de mais nobre em si, o que por fim consegue elevá-la para o próximo ambiente, não tão lúgubre.

A criança em seus braços não é, na realidade, a alma viva do filho que ela arrastou consigo para as águas, matando-o. Tal injustiça não pode ocorrer. Na maioria dos casos, a alma *viva* da criança brinca em paragens ensolaradas, ao passo que a criança nos braços da mãe em luta é apenas... um fantasma, uma configuração viva da intuição da assassina e também... da criança! Pode ser então uma configuração de culpa, originada, portanto, sob a pressão da consciência de culpabilidade, ou uma configuração do desespero, do ódio, do amor, não importa, a mãe supõe que seja o próprio filho vivo, porque a configuração

assemelha-se perfeitamente à criança e assim também se move, chora, etc. Não quero entrar em tais pormenores nem nas muitas variações.

Inúmeros fenómenos poderiam ser descritos, cujas espécies sempre se encontram ligadas exactamente às acções precedentes.

Uma coisa, porém, ainda quero citar como exemplo, de que modo ocorre a transição do Aquém para o Além.

Admitamos que uma senhora ou uma moça tenha chegado na situação não desejada de vir a ser mãe e que, conforme infelizmente sucede mui frequentemente, tenha providenciado algo contra isso. Mesmo que tudo haja ocorrido, em casos especialmente favoráveis, sem prejuízos *corpóreos*, no entanto, com isso o acto não está simultaneamente remido. O mundo de matéria fina, como ambiente depois da morte terrena, regista de modo exacto e influenciável. Desde o momento em que isso ocorreu, apegou-se ao pescoço de matéria fina da mãe desnaturada o corpo de matéria fina da criança em formação, para não sair desse lugar até que o acto seja remido. Evidentemente, isto a respectiva moça ou senhora não notará enquanto viver na Terra, no corpo de matéria grosseira. No máximo sentirá, como efeito, uma vez ou outra, certa sensação levemente angustiante, porque o pequeno corpo de matéria fina da criança em relação ao corpo de matéria grosseira tem a leveza de uma pluma, e a maioria das jovens, hoje, é demasiadamente embotada para sentir esse pequeno fardo. Esse embotamento, contudo, não constitui nenhum progresso, tampouco um sinal de saúde robusta, pelo contrário, significa retrocesso, o sinal de estar enterrada animicamente.

No momento da morte terrena, porém, o peso e a densidade do pequeno corpo infantil nela aderido tornam-se *iguais* aos do corpo de matéria fina da mãe ao sair do corpo terreno, e com isso um autêntico fardo. Causará ao corpo de matéria fina da mãe, imediatamente, os mesmos incómodos como na Terra o agarrar-se de um corpo infantil de matéria grosseira ao seu pescoço. Conforme a natureza dos factos anteriores, isso pode crescer até um tormento asfíxiante. Terá a mãe de carregar no Além esse corpo infantil e dele não ficará livre até que nela desperte o amor materno, procurando então, de modo cuidadoso, proporcionar ao corpo infantil todas as facilidades e cuidados, penosamente e com sacrifício da própria comodidade. Até lá, porém, muitas vezes há um caminho longo, cheio de espinhos!

Esses acontecimentos não deixam de ter naturalmente também uma certa alegria triste. Basta apenas imaginar que uma pessoa qualquer, da qual tenha sido retirada a parede separadora entre o Aquém e o Além, entre em uma família ou reunião social. Ali talvez se encontrem senhoras sentadas em animada conversa. Uma das senhoras ou “donzelas” emite

com revolta moral durante a conversa juízos reprovadores sobre os seus semelhantes, enquanto que a visita vê, pendurado justamente no pescoço daquela tão revoltada ou orgulhosa, um ou até vários pequenos corpos infantis. E não somente isso, mas em *cada uma* das demais pessoas pendem as obras de sua verdadeira vontade, nitidamente visíveis, que frequentemente se encontram na mais grotesca oposição com as suas palavras e com aquilo que ela gostaria de aparentar e que também procura representar perante o mundo.

Quantas vezes um juiz encontra-se muito mais sobrecarregado de culpa diante de um réu por ele próprio condenado do que este o é. Quão céleres passarão os poucos anos terrenos, e então ele estará diante do *seu* juiz, perante o qual valem outras leis. Como será então?

Infelizmente, na maioria dos casos, o ser humano consegue enganar o mundo de matéria grosseira de modo fácil, no mundo de matéria fina, ao contrário, isso é impossível. Lá, felizmente, o ser humano *terá* de colher realmente aquilo que semeou. Por isso ninguém precisa se desesperar se aqui na Terra, temporariamente, a injustiça mantiver o domínio. Nem sequer um único mau pensamento permanecerá inexpressado, mesmo que não se tenha concretizado em uma acção de matéria grosseira.

70. Aprendizagem do ocultismo, alimentação de carne ou alimentação vegetal

As tendências, tanto da aprendizagem do ocultismo como da assim chamada reforma da vida, escolheram um elevado alvo, alcançá-lo significa uma nova etapa no desenvolvimento da humanidade. O tempo da concretização desses valiosos *alvos* também virá. Os esforços que agora surgem para esse fim somente fazem parte do processo de fermentação dessa nova era.

Contudo, enquanto os líderes das tendências ocultistas, imbuídos da melhor intenção, tomaram um caminho totalmente errado no terreno para eles próprios desconhecido, que não consegue nada mais a não ser abrir livre passagem para as trevas e expor a humanidade a perigos aumentados do Além, os assim chamados reformadores da vida, para conseguir seu alvo digno de louvor, vão muito além do mesmo, em relação à *época actual!* As actividades de ambas as partes devem ser empreendidas diferentemente. Os exercícios espirituais exigem, desde a base, uma maneira *mais elevada* do que os até agora praticados. Deve ser enveredado nisso um caminho totalmente diferente, a fim de poder chegar às alturas. O actual caminho leva exclusivamente a vegetação rasteira do Além, onde a maior parte dos seguidores é inteiramente enlaçada pelas trevas e arrastada para baixo.

O caminho *certo* tem de conduzir *para o alto* já desde o início, e não deve perder-se primeiro em ambientes inferiores e, no máximo, de nível idêntico. Os dois caminhos não têm nenhuma semelhança, já são completamente diferentes em sua espécie básica. O caminho certo logo eleva interiormente, segue, portanto, já desde o início para cima, sem tocar antes no ambiente de matéria fina equivalente, muito menos ainda no mais inferior; pois isso é desnecessário, uma vez que no sentido normal só deve haver um aspirar da Terra para cima. Por isso, seja mais uma vez advertido com relação a todo o acrobatismo do espírito.

Durante sua existência terrena, o espírito necessita para o *pleno* cumprimento de sua finalidade de existir, imprescindivelmente, de um corpo saudável e robusto, terrenalmente em estado normal. Alterando-se esse estado do corpo, tal alteração perturba a harmonia prementemente necessária entre o corpo e o espírito. *Só essa* proporciona um desenvolvimento saudável e forte do espírito, que não admite excrescências doentias.

O corpo saudável e não oprimido, devido ao seu estado normal, harmonizará sempre com o espírito de modo absolutamente natural, proporcionando-lhe assim uma base firme na materialidade, na qual o espírito não se encontra sem finalidade, e dando-lhe, com isso, o

melhor auxílio para cumprir de modo integral essa sua finalidade de auto-desenvolvimento e simultâneo beneficiamento da Criação.

Cada corpo gera determinadas irradiações que o espírito necessita impreterivelmente para sua actividade na materialidade. É essa, antes de tudo, a tão misteriosa força sexual, que permanece independente do impulso sexual. No caso de uma alteração da harmonia entre o corpo e o espírito, essa força que actua traspassando e irradiando é puxada para outra direcção e, com isso, enfraquecida em sua finalidade real. Isso ocasiona um estorvo ou uma paralisação do cumprimento na existência do espírito na materialidade. A consequência disso é que também o espírito não pode chegar a um desenvolvimento normal e, por essa razão, incondicionalmente, terá de retornar extenuado em algum ponto posterior de sua desejada escalada, a fim de, pela natureza da coisa, mais uma vez recuperar uma grande parte do seu curso evolutivo. Pois o que ele negligencia na matéria grosseira não pode recuperar na matéria fina, porque lá lhe faltam para tanto as irradiações do corpo de matéria grosseira. Terá de voltar, para preencher essa lacuna.

Também nesses acontecimentos encontra-se uma tão nítida objectividade, um fenómeno tão natural e simples, que nem pode ser diferente. Qualquer criança não terá dúvidas a esse respeito, e achará lógico, uma vez que tenha compreendido acertadamente as leis básicas. Exige de mim ainda toda uma série de dissertações, para trazer a Criação grandiosa tão perto da humanidade, para que ela possa abranger com a vista, mesmo regressiva e progressivamente, todos os fenómenos em suas consequências mais naturais na incomparável e maravilhosa conformidade de leis.

Esse desvio da força sexual, necessária ao espírito na materialidade, pode dar-se de diversas maneiras. Por excesso das práticas sexuais ou apenas por seu excitação. Bem como pelo aprendizado do ocultismo ou pelos falsos exercícios espirituais, quando o espírito apodera-se violentamente dessa força do corpo amadurecido para desperdiçá-la nessa espécie de actividade errada e inútil. Em ambos os casos uma utilização errada que, com o tempo, deverá acarretar também enfraquecimento do corpo. O corpo enfraquecido, por sua vez, não pode produzir mais irradiações tão fortes como o espírito realmente delas necessita, e assim um adocece devido ao outro, mais e mais. Chega-se desse modo a uma unilateralidade que *sempre* se processa em detrimento da finalidade correta, acarretando por isso danos. Não quero entrar aqui em pormenores sobre outros desvios, onde o espírito, identicamente, necessita demais da força sexual para finalidades erradas, não dispondo por isso do suficiente para a finalidade principal, como na absurda leitura de livros que deixam surgir na fantasia um falso mundo e outras coisas mais.

Em todos esses casos o espírito chega *imaturamente* ao mundo de matéria fina e leva consigo também um corpo de matéria fina *fraco*. As consequências de tais pecados terrenos intervêm em todo o ser de maneira tão incisiva, que cada ser humano terá de pagar por isso com peso múltiplo. Tal negligência, tal actuação errada durante o tempo terreno, adere-se então a ele de modo inibidor, e torna-se para ele cada vez mais pesada, até que ele, como já foi dito, em um certo ponto de sua escalada, não pode mais prosseguir, e então tem de retornar para lá, onde sua actuação errada se iniciou. É até o limite, onde ainda possuía sua harmonia.

A força de um espírito desenvolvido pela aprendizagem do ocultismo, com prejuízo do corpo, é também apenas *aparente*. O espírito então *não é forte*, mas sim como uma planta de estufa, que mal pode resistir ao vento, muito menos ainda às tempestades. Um tal espírito é *doente*, e não evoluído. O estado equivale a uma febre produzida artificialmente. Também o doente febril pode dispor temporariamente de energias extraordinárias, para então recair ainda mais na fraqueza. Mas o que para o doente febril representa apenas segundos e minutos, para o espírito equivale a decênios e séculos. Chegará o momento em que tudo isso se vingará amargamente. Por isso, advirto mais uma vez! —

Por toda parte a harmonia é a única coisa certa. E unicamente o *caminho do meio* proporciona harmonia em tudo. A beleza e a força da harmonia são, pois, tão frequentemente cantadas. Por que não se quer deixá-la valer aqui, mas destruí-la absolutamente?

Todas as aprendizagens do ocultismo no modo de ser de até agora são errados, mesmo que o alvo seja elevado e necessário. —

Totalmente diferente é com os guias e os adeptos das assim chamadas reformas da vida. O caminho aqui é certo, sim, mas se quer fazer já *hoje aquilo*, que *só* será adequado para daqui a *gerações*, e por essa razão é hoje, no efeito final, não menos perigoso para a maioria dos seres humanos. *Falta a transição necessária*. A época para o início está aí! Todavia, não se deve sem mais nem menos saltar para dentro dela com os dois pés, pelo contrário, deve-se conduzir a humanidade *lentamente* através dela. Para isso decênios não bastam! Conforme se pratica hoje, ocorre, na realidade, mesmo com aparente bem-estar do corpo, um enfraquecimento devido à velocidade da transição. E o corpo assim enfraquecido jamais conseguirá se fortalecer de novo!

Alimentação vegetal! Produz, mui acertadamente, o refinamento do corpo humano, um enobrecimento, também o fortalecimento e grande saneamento. Com isso também o espírito é ainda mais elevado. *No entanto, tudo isso não é já para a humanidade de hoje*. Sente-se a falta de uma direcção ponderada nessas tendências e lutas. Para o corpo de hoje não basta, em

circunstância alguma, uma alimentação vegetal assim de imediato, como se tenta tão frequentemente. É muito bom, quando aplicada temporariamente, e talvez durante anos em doentes, indispensável até, para curar algo ou, fortalecendo unilateralmente, ajudar em alguma parte, isto, porém, não é para durar muito tempo. Deverá então ser reiniciada lentamente a alimentação a que hoje os seres humanos estão tão acostumados, se é que o corpo deva manter sua plena força. A aparência de bem-estar engana. Certamente é muito bom quando também os saudáveis uma vez se utilizam durante algum tempo exclusivamente da alimentação vegetal. Sem dúvida sentir-se-ão bem com isso e, igualmente, sentirão um livre impulso do seu espírito. Mas isso é causado pela *mudança*, como qualquer mudança refresca, também espiritualmente.

Se, porém, mantiverem a alimentação unilateral repentinamente para sempre, não notarão então que, na realidade, também se tornam mais fracos e para muitas coisas mais sensíveis. A serenidade e o estado de equilíbrio, na maioria dos casos, não constituem força alguma, antes uma fraqueza de bem determinada espécie. Apresenta-se de maneira agradável e não opressiva, por não ter sua origem em uma doença.

O equilíbrio é semelhante ao equilíbrio da *velhice* ainda sadia, com exceção do corpo ficando mais fraco. Está, pelo menos, muito mais próximo dessa espécie de fraqueza, do que da fraqueza de uma doença. O corpo não pode aí, pela falta repentina daquilo a que está habituado desde milênios, reunir aquela força sexual da qual o espírito necessita para o pleno cumprimento de sua finalidade na materialidade. —

Muitos fervorosos vegetarianos notam-no pela leve moderação do impulso sexual, o que saúdam alegremente como progresso. Isso, porém, não é de modo algum o sinal do enobrecimento de seu espírito através da alimentação vegetal, mas sim a *diminuição* da força sexual, que deve acarretar igualmente a diminuição de sua elevação espiritual na materialidade.

Existem aí erros sobre erros, porque o ser humano quase sempre só vê diante de si o mais próximo. Certamente é de se saudar e constitui um progresso quando, pelo enobrecimento do espírito, o impulso sexual inferior torna-se muito mais moderado do que é hoje. Certo também é que ingerir carne aumenta o impulso sexual inferior, mas não devemos medir aí pela humanidade de hoje; pois nela o impulso sexual tem sido *cultivado de modo unilateral e doentio*, sendo hoje de todo antinatural. Isso, porém, não se deve creditar exclusivamente ao uso da carne.

A moderação do impulso sexual também não depende em absoluto da diminuição da força sexual. Pelo contrário, esta é capaz de amparar, *favorecendo*, o espírito humano, *libertando-o* da dependência hoje pronunciada do impulso grosseiro. A força sexual é até o *melhor meio* para isso. —

Os líderes das actuais reformas de vida já devem ser vistos, em seus esforços, como pioneiros da grande época vindoura de desenvolvimento da humanidade, que acontecerá sob todas as circunstâncias e impele para diante de modo incessante, vitorioso, mesmo se todo o antigo comprimido venha a se opor, lutando desesperadamente. *No entanto, esses pioneiros devem antes se tornar líderes!* Um líder não pode ignorar descuidadamente algo existente da época actual. Ele deve simultaneamente olhar adiante para o futuro, também ainda além de tudo o que é grosso-material. E então ele reconhecerá que, da maneira actualmente adoptada, deveria ficar constantemente uma lacuna, que sempre será perceptível e, no final, mesmo com a melhor construção, forçará um desmoronamento. Falta a ponte! Para que os corpos da humanidade de hoje também possam acompanhar, sem prejuízo para a actividade do espírito.

A transição, como primeiro degrau, é a limitação exclusiva à *carne branca*. Quer dizer: aves, vitela, cordeiro e outras, ao lado da alimentação vegetal aumentada. Somente assim pode vir aos poucos um passo atrás do outro. Até que no final, em calma transição, o corpo seja de tal modo preparado que possa conservar a força plena com a alimentação vegetal.

“Não descuidai de vosso corpo”, quero clamar, advertindo, para um grupo! Para o outro grupo, o contrário: “Pensai no espírito!” Então, o que estiver certo ainda amadurecerá das confusões da época actual.

Sobre opiniões, que nenhum animal deva ser morto, nem entrarei em pormenores agora; pois também a planta possui uma alma. Mostra apenas atraso, quando se pensa dessa maneira, e um não-aprofundamento nos segredos de até agora da Criação. —

71. Magnetismo terapêutico

O magnetismo terapêutico ocupa uma das posições de liderança no desenvolvimento contínuo do género humano.

Quando falo de magnetoterapeutas, entende-se, com isso, exclusivamente pessoas sérias e capacitadas que, com vontade sincera, estão dispostas a ajudar a humanidade. Não acaso o grupo daqueles que, com insignificante irradiação média, muitas palavras e gestos misteriosos, supõem realizar algo de grande.

Sem dúvida, passa hoje uma inquietação nervosa pelas fileiras daqueles corajosos que, já há anos, em tantos casos ofereceram aos seus semelhantes a melhor dádiva terrena que podiam oferecer: a cura de vários sofrimentos por meio do assim chamado magnetismo de seu corpo, ou mediante a transmissão de correntes semelhantes provenientes da matéria fina, do Além.

Infelizmente se procura, sempre de novo, denominar a classe dos magnetoterapeutas como de pouco valor, senão até de algo pior, a fim de embaraçá-los e de oprimi-los. Com muito alarde, exagera-se demasiadamente as excepções isoladas, onde a vil ganância criou caracteres desonestos, ou onde de antemão já havia intenções fraudulentas como motivação, visto nem sequer ter existido essa bela dádiva nos praticantes.

Olhai, pois, em redor: onde é que *não* existem enganadores e charlatães? Encontram-se por toda parte! Em outras profissões, até muito mais ainda. Por esse motivo cada um vê aí, nessas hostilidades, imediatamente e de modo claro, o mal muitas vezes *intencionado*.

Mas a inveja, mais ainda o medo, faz crescer agora o número dos adversários e dos inimigos. Em rodas de cerveja e vinho, evidentemente, *essa* arte terapêutica *não* pode ser adquirida.

Ela exige pessoas sérias e, acima de tudo, vigorosas e sadias!

A maior raiz de toda a inveja, certamente, reside *nisso*, o que acarreta então as principais hostilidades; pois condições de tal espécie hoje não são fáceis de preencher. E o que aí uma vez foi perdido, não é possível recuperar.

Além do mais, *legítima* e vigorosa força curativa também não pode ser aprendida. É um dom, que designa de convocado aquele assim agraciado.

Quem quiser oprimir tais pessoas prova com isso que *não* tem diante dos olhos o bem da humanidade, muito menos ainda no coração. Sobrecarrega-se assim também com uma culpa que terá de tornar-se-lhe fatal.

O pequeno grupo desses corajosos não precisa temer. Também eles são precursores da nova era. Os obstáculos são apenas aparentes, insignificantes, passageiros. Na realidade, constituem um sinal seguro de uma breve, alegre e ativa ascensão.

72. Vivei o presente!

Observando-se os seres humanos, verificam-se diversas categorias. Uma parte vive exclusivamente no passado. Quer dizer, começam a compreender algo, somente quando já passou. Assim acontece que nem podem alegrar-se de facto com algo que ocorre, nem intuir toda a gravidade de uma coisa. Só depois é que começam a falar disso, a entusiasmar-se ou a entristecer-se com isso. E nesse constante falar somente sobre aquilo que pertence ao passado, e sentir-se bem nisso ou lastimar-se, negligenciam sempre de novo o acontecimento presente. Só quando se tornou velho, passado, é que começam a apreciá-lo.

Uma outra parte, por sua vez, vive no futuro. Sempre desejam e esperam somente do futuro e esquecem, assim, que o presente tanto lhes tem a oferecer, esquecem, igualmente, de mover-se de tal modo que muitos de seus sonhos, referentes ao futuro, poderiam se tornar realidade.

Na realidade parece que ambas as partes, às quais pertence a grande maioria dos seres humanos, nem viveram na Terra. Desperdiçam seu tempo terreno.

Haverá também pessoas que compreenderão algo completamente errado com a conclamação: “Vivei o presente”; talvez que eu queira incentivar o gozar e o desfrutar de cada momento, tendo encorajado para uma determinada vida leviana. Dessas há, pois, tantas que, desse modo afirmando, cambaleiam sem sentido pela vida.

Com essa conclamação eu exijo, sim, um aproveitar total de cada minuto, mas *interiormente*, e não de modo superficial, apenas exterior. Cada hora do presente tem de se tornar um verdadeiro vivenciar para o ser humano! Tanto o sofrimento, como também a alegria. Ele, com todo o seu meditar e pensar, com o intuir, deve estar aberto para cada acontecimento do presente e, com isso, *alerta*. Somente *assim* ele tem proveito da existência terrena, o qual nela está previsto para ele. Nem nos pensamentos no passado nem nos sonhos para o futuro pode encontrar um verdadeiro vivenciar tão forte que imprima um cunho em seu espírito, o qual, como proveito, leva consigo para o Além.

Se não *viver*, também não pode *amadurecer*, o amadurecimento depende, exclusivamente, do vivenciar.

Se, pois, não tiver sempre vivenciado o *presente* em si na existência terrena, voltará vazio e terá de percorrer mais uma vez o tempo assim perdido, porque não esteve aí alerta, não tendo se apropriado de nada através do vivenciar.

A vida terrena é como um degrau na existência inteira do ser humano, tão grande, que ele não pode saltá-lo. Se não colocar, pois, seu pé de modo firme e seguro sobre o degrau, não pode, de modo algum, subir ao seguinte; pois necessita do anterior como base para tanto. Se a criatura humana imaginar sua existência inteira, desde esta Terra de volta para a Luz, ascendendo em degraus, terá então de ficar ciente de que só pode alcançar o próximo degrau se tiver cumprido correctamente o anterior, estando firmemente sobre ele. Pode ser expresso até de forma mais forte ainda: somente do cumprimento completo e incondicional do respectivo degrau a ser vivenciado pode desenvolver-se o imediatamente superior. Se uma criatura humana não cumpre pelo vivenciar, que unicamente lhe pode servir para o amadurecimento, aquele degrau em que se encontra, então o novo degrau não se lhe tornará visível, porque ela necessita para este da vivência do degrau anterior. Somente com o preparo desta vivência, recebe a força para reconhecer e escalar o próximo e mais elevado degrau.

Assim, prossegue de um degrau para o outro. Se quiser olhar *somente* para o alvo elevado, sem dar a devida atenção a cada degrau que a leva até lá, jamais alcançará o alvo. Os degraus, que ela própria tem de construir para a escalada, seriam então demasiadamente precários e também frágeis demais, acabando por ruir na tentativa de escalada.

Esse perigo, porém, é prevenido pelo fenómeno natural de que um degrau seguinte sempre só pode se desenvolver pelo total cumprimento do degrau presente. Quem, pois, não quiser permanecer durante a metade de sua existência em um degrau, e sempre de novo voltar para o mesmo, esse que se obrigue a pertencer sempre inteiramente ao presente, a compreendê-lo dentro de si acertadamente, a vivenciá-lo, para que tenha proveito espiritual disso.

Nisso também não lhe faltará o proveito terrenal; pois sua primeira vantagem disso é que ele não espera outra coisa dos seres humanos e da época, senão aquilo que *realmente* lhe podem dar! Assim, nunca se decepcionará e, do mesmo modo, estará em harmonia com o ambiente.

Se, porém, trazer em si apenas o passado e os sonhos do futuro, mui facilmente irá além do âmbito de seu presente em suas expectativas, e deve entrar assim em desarmonia com o presente, com o que *não somente ele* sofre, mas *também o seu ambiente mais próximo*. Deve-se, sim, pensar também no passado, a fim de extrair dele ensinamentos, bem como sonhar

com o futuro, a fim de receber estímulo, mas *viver* plenamente consciente deve-se apenas no presente!

73. O grande cometa

Já há anos vêm os entendidos falando da vinda dessa estrela especialmente significativa. O número dos que a esperam vem aumentando constantemente, e mais e mais vão se densificando as alusões a respeito, de maneira que ela, na realidade, também pode ser esperada para breve. Entretanto, *o que* ela significa, o que ela traz, de onde ela vem, ainda não foi esclarecido direito.

Julgam que ela acarretará transformações de carácter incisivo. Contudo, essa estrela significa muito mais.

Estrela de Belém *pode* ela ser chamada, porque é da mesmíssima espécie como esta o foi. Sua força aspira as águas para grandes alturas, traz catástrofes climáticas e ainda mais. A Terra treme quando seus raios a envolvem.

Desde o acontecimento em Belém, algo semelhante não ocorreu. Tal como a estrela de Belém, também esta se desligou do eterno reino do puro espiritual em uma determinada época, a fim de que chegasse a actuar nesta Terra no momento exacto em que devem passar por toda a humanidade os anos de iluminação espiritual.

A estrela tem seu percurso em linha *recta* desde o reino eterno até esta parte do Universo. Seu núcleo está repleto de elevada força espiritual; envolver-se-á com a materialidade e desta forma será visível também aos seres humanos terrenos. Seguro e imperturbável, prossegue o cometa seu percurso e na hora certa estará presente, conforme já há milénios havia sido determinado.

Os primeiros e imediatos efeitos já principiaram nos últimos anos. Quem não quiser ver e ouvir isto, quem não intuir o ridículo de pretender considerar tudo quanto já vem acontecendo de *extraordinário* como factos comuns, a esse naturalmente não pode ser dada ajuda. Ou quer fazer-se de avestruz, por medo, ou está sobrecarregado com a pior restrição. Ambas as espécies deve-se deixar seguir seus caminhos sossegadamente, podendo-se apenas dar um sorriso perante suas afirmações de fácil contestação. Aos que sabem, porém, poderia ser dito também onde irão bater os primeiros raios *fortes*. Mas como os raios envolverão pouco a pouco também a Terra toda, não há motivo para entrar em maiores explicações a respeito. Decorrerão anos até chegar a esse ponto, e passarão anos até que ele liberte novamente a Terra da influência. E *então* ela estará *purificada e renovada em todos os sentidos*, para benção e alegria de seus habitantes. Nunca ela foi mais bela como então há de ficar, por isso deve cada

fiel olhar para o futuro com serena confiança, sem se apavorar com o que possa ocorrer nos próximos anos. Se puder volver os olhos para Deus, confiantemente, não lhe sobrevirá nenhum sofrimento. — —

74. O que tem o ser humano de fazer para poder entrar no Reino de Deus?

Seria errado responder a essa pergunta, que se apresenta frequentemente, com uma bem determinada regra, dizendo: faça isso e faça aquilo! *Com isso ainda não se indicou nenhum caminho!* Não haveria nisso nada de vivo e, por esse motivo, também nada de vivo poderia originar-se daí, que é absolutamente indispensável para um impulso ascendente; pois unicamente *vida* possui a necessária chave para a ascensão.

Se eu, porém, disser: “Faça isso e aquilo, deixe isto”, então dou com isso apenas muletas fracas e exteriores, com as quais ninguém pode se locomover de modo direito e independente, porque essas muletas não lhe servem simultaneamente para “ver”. E, no entanto, ele deve *ver* o “*caminho*” diante de si, nitidamente, do contrário nada lhe adiantam as muletas. Tal pessoa coxeia errante como um cego em um caminho a ele desconhecido. Não, isso não é o certo, mais uma vez conduziria apenas a um novo dogma que, obstando, impede qualquer escalada.

Reflicta o ser humano: se quiser entrar no reino do espírito, terá evidentemente de ir até lá. *Ele* terá de ir, o reino não vem a ele. No entanto, este se encontra no ápice da Criação, é o próprio ápice.

O espírito humano, porém, encontra-se ainda nos baixios da matéria grosseira. Por isso, certamente será compreensível a cada um que antes terá de percorrer o caminho desses baixios até as alturas almeçadas, a fim de alcançar o alvo.

Para que não se perca, é indispensável também que *conheça exactamente* todo o trajecto que terá de percorrer. E não apenas esse trajecto em si, mas também tudo quanto durante o mesmo possa vir-lhe ao encontro, quais os perigos que nisso o ameaçam e quais os auxílios que lá encontra. Uma vez que todo esse trajecto se encontra *na Criação*, é a Criação, torna-se indispensável que um peregrino, que se dirige ao reino do espírito, *reconheça* antes, portanto, de modo absolutamente exacto, a Criação que o conduz até lá. Pois ele quer atravessá-la, senão não chegará ao alvo.

Até agora não houve, pois, ser humano algum que pudesse descrever a Criação de tal forma como é necessário conhecê-la para a escalada. Dito de outro modo, não houve ninguém que pudesse indicar de modo visível e nítido *o caminho para o Castelo do Graal*, para o ponto mais alto da Criação. O caminho para aquele Castelo, que se encontra no reino do

espírito como o Templo do Altíssimo, onde unicamente existe o puro culto a Deus. Não apenas imaginado figuradamente, mas existindo em toda a realidade.

A mensagem do Filho de Deus já apontou uma vez esse caminho. No entanto, pelo querer ser inteligente dos seres humanos, ela muitas vezes foi *empregada erradamente*, desse modo enganando o espírito humano e impedindo-o de ascender. —

Todavia, chegada é a hora em que *cada* espírito humano *terá* de decidir-se por si próprio pelo sim ou pelo não, pelo dia ou pela noite, se deva haver para ele uma ascensão às alturas luminosas ou uma descida, de modo definitivo e irrevogável, sem possibilidade mais tarde de uma nova alteração. Por isso, vem novamente uma mensagem do luminoso Castelo. A mensagem agora *corrige* outra vez os indicadores de caminho, erradamente colocados, a fim de que o caminho certo se torne reconhecível aos que procuram *sinceramente*. É a Mensagem do Graal, o Evangelho do Graal!

Felizes são todos aqueles que se ajustam a si mesmos a esta Mensagem com uma mente aberta e um coração livre! Eles irão encontrar Nela *aquilo* que eles devem saber na Criação, e eles irão ver *esses* degraus da escada que o seu espírito deve usar de forma a ascender e entrar no Reino Espiritual, no Paraíso.

Cada um individualmente encontrará nela o que *ele* necessita para, com as faculdades que *ele* possui, escalar para a Luz.

Só isso dá *vida*, liberdade para a escalada, desenvolvimento das faculdades para isso necessárias de cada um individualmente, e não apenas um jugo tão uniforme em dogma fixo, que os torna escravos sem vontade própria, que oprime desenvolvimentos autónomos e, com isso, não somente estorva a ascensão, mas, para muitos, a destrói totalmente. —

O ser humano, que conhece a Criação em sua actuação de acordo com as leis, nela compreende logo também a grande vontade de Deus. Se ele se sintoniza direito com isso, então a Criação lhe serve, portanto, também o caminho, *somente* para a alegre ascensão; pois desse modo se encontra também de maneira certa na vontade de Deus. Seu caminho e sua vida, por isso, devem ser agradáveis a Deus! —

Não é um beato levantar de olhos, não é contorcer-se por remorsos, ajoelhar-se, rezar, mas é a oração *concretizada*, executada vivamente com actividade sadia, alegre e pura. Não é suplicar choramingando por um caminho, mas *vê-lo* com grato elevar dos olhos e *seguir-lo* alegremente.

Completamente diferente do que se pensou até agora, portanto, apresenta-se toda a vida que pode ser chamada de agradável a Deus. Muito mais bela, mais livre! É o estar *certo na Criação*, assim como quer o vosso Criador através da Criação! Na qual, falando figuradamente, segura-se a mão de Deus, que Ele assim oferece à humanidade.

Por isso, exorto uma vez mais: tomai, finalmente, tudo *de modo concreto, real*, não mais figuradamente, e vós mesmos sereis reais, em lugar das actuais sombras mortas! Aprendei a conhecer direito a Criação, *em suas leis!*

Nisso se encontra o caminho para o alto, em direcção à Luz!

75. Tu vês coisa sem importância no olho de teu irmão, e não atentas para a trave no teu olho

Cada um julga haver entendido plenamente essas palavras simples, e, todavia, haverá poucos que reconheceram seu verdadeiro sentido. É unilateral e errado, se essa palavra for interpretada como se tivesse sido expressa apenas para que o ser humano aprenda a ter indulgência (*facilidade em perdoar os erros cometidos pelos outros) para com o seu próximo. Indulgência para com o seu próximo vem espontaneamente com o vivenciar desta expressão, como algo evidente, mas apenas em segundo lugar. Quem investiga assim as palavras de Cristo, este não investiga suficientemente a fundo e mostra com isso que se acha muito distante de poder tornar vivas as palavras do Filho de Deus, ou que subestima de antemão a sabedoria contida em suas palavras. Também essas palavras, nas interpretações de muitos pregadores, como tudo o mais, são enquadradas na moleza e na lassidão *daquele* amor, que a Igreja de tão bom grado procura apresentar como amor cristão.

O ser humano, porém, pode *e deve* aplicar esta expressão do Filho de Deus apenas como critério de seus próprios erros. Se olhar à sua volta com olhos abertos e se, simultaneamente, observar aí a si próprio, reconhecerá logo que exactamente aqueles erros que mais o incomodam no próximo são os que se acham pronunciados nele próprio, em grau bem mais acentuado, e incómodos para outrem.

A fim de aprender agora a correta observação, será melhor prestardes cuidadosamente atenção primeiro apenas em vossos semelhantes. Dificilmente haverá entre estes um que não tenha a reclamar isso ou aquilo de outrem e que também aberta ou veladamente se pronuncie a respeito. Tão logo isso aconteça, mantende uma vez essa pessoa, que se queixa dos defeitos dos outros ou até se irrita, então sob vossa rigorosa observação. Não tardará muito até descobrires, para vosso espanto, que exactamente aqueles defeitos, que a referida pessoa tão asperamente censura nos outros, existem nela mesma em grau muito maior!

Isso é um facto que no começo vos deixará perplexos, mas que se apresenta *sempre*, sem excepção. Ao avaliar as pessoas, podeis no futuro considerar isso serenamente como certo, sem precisardes temer que estais errando. Permanece o facto de que uma pessoa, que se irrita com estes ou aqueles defeitos de outrem, com certeza possui exactamente os mesmos defeitos em escala muito maior.

Efectuai uma vez com calma tais exames. Vós o conseguireis, e logo reconhecereis a verdade, porque vós próprios não estais aí implicados e, portanto, não procurais atenuar coisa alguma em ambas as partes.

Tomai uma vez uma pessoa que cultivou em si o mau costume de ser predominantemente mal-humorada e descortês, de raras vezes mostrar uma fisionomia afável, a quem, portanto, prefere-se evitar. Exactamente essas são as que se outorgam o direito de querer ser tratadas de modo especialmente afável e exasperam-se, moças e senhoras, até mesmo a ponto de chorar, quando uma vez enfrentam, justificadamente, apenas um olhar repreensivo. A um observador sereno isso actua de modo tão indizivelmente ridículo e triste, que se esquece de se indignar com isso.

E assim é de mil e uma maneiras diferentes. Fácil se tornará para vós o aprender e o reconhecer. Mas quando então chegardes a tanto, deveis também ter a coragem de supor que nisso vós próprios não formais excepção alguma, uma vez que encontrastes a prova em todos os demais. E com isso, finalmente, ser-vos-ão abertos os olhos a respeito de vós próprios. Isso equivale a um grande passo, talvez até o maior para o vosso desenvolvimento! Cortareis com isso um nó que hoje mantém a humanidade inteira presa! Libertai-vos e auxiliai então, alegremente, também aos outros de igual maneira.

*É isso o que quis dizer o Filho de Deus com essas simples palavras. Tais valores educativos ele deu com suas frases singelas. Os seres humanos, porém, não procuraram nelas de modo sincero. Quiseram, como sempre, elevando-se sobre isso, aprender apenas a olhar sobre os outros de modo indulgente. Isso lisonjeava o seu orgulho repugnante. A completa miserabilidade de seu falso pensar, o farisaísmo desvelado e hipócrita, chega a manifestar-se por toda parte nas interpretações de até agora. Transplantou-se inalteradamente para o cristianismo. Pois, mesmo os que se denominam perscrutadores, aceitaram e continuam aceitando tudo com demasiada leviandade em sua habitual ilusão de que com a leitura também devam ter compreendido realmente o sentido, porque assim o fazem crer a si próprios, bem de acordo com *seu* respectivo parecer. Isso não é nenhum procurar sincero. Por isso não conseguem encontrar o verdadeiro tesouro. Por isso também não pôde haver qualquer progresso. O Verbo permaneceu morto para aqueles que deviam torná-lo *vivo* dentro de si, a fim de auferir daí valores para si que conduzam às alturas.*

E cada frase que o Filho de Deus deu à humanidade encerra tais valores, que só não foram encontrados porque nelas nunca foram procurados correctamente!

76. A luta na natureza

Tolos, vós que sempre de novo perguntais se é certa a luta na Criação, vós que a considerais apenas como crueldade, não sabeis vós que com isso vos designais como fracalhões, como nocivos para qualquer possibilidade *actual* de ascensão?

Despertai finalmente dessa moleza inaudita, a qual só deixa o corpo e o espírito *afundar* lentamente, jamais, porém, elevar!

Olhai ao vosso redor, observando, reconhecendo, e tereis de *abençoar* a grande força impulsionadora que impele para a luta e, com isso, para a defesa, para a cautela, para o *estar alerta* e para a *vida*! Ela protege a criatura do envolvimento pela indolência mortífera!

Acaso poderá um artista atingir um ponto culminante e mantê-lo, se não se exercitar constantemente, e lutar por isso? Não importa com o que se ocupe, quão fortes sejam as capacitações que possua. A voz de um cantor logo se enfraqueceria, perderia sua firmeza, se não pudesse obrigar-se a exercitar e aprender sempre de novo.

Um braço só pode se fortalecer quando se esforça continuamente. No esmorecer nisso, tem que enfraquecer. E assim também cada corpo, cada espírito! Voluntariamente, porém, pessoa alguma se deixa levar a isso. Alguma pressão deve existir!

Se tu quiseres ser saudável, então *cuida* de teu corpo e do espírito. Quer dizer, mantém-no em rigorosa actividade!

Aquilo que o ser humano hoje e desde sempre tem na conta de “cuidar” não é o certo. Ou entende sob “cuidar” um doce ócio, no qual, já por si só, encontra-se o que é enfraquecedor, paralisante, ou pratica o “cuidar” apenas de modo unilateral, como em cada desporto, isto é, o cuidar torna-se “desporto”, *excesso unilateral*, e com isso se transforma em abusos levianos, ambiciosos, que são indignos de um humanismo sério. Verdadeiro humanismo deve, pois, ter diante dos olhos o *último alvo*, que com salto em altura, natação, corridas, equitação, dirigir insensatamente não se pode alcançar. A humanidade e a Criação inteira não lucram coisa alguma com semelhantes façanhas individuais, para as quais tantas pessoas sacrificam, mui frequentemente, a maior parte de seus pensamentos, de seu tempo e de sua vida terrena!

Que tais abusos pudessem se formar mostra como é falso o caminho, que a humanidade segue, e como ela novamente também tem direccionado essa grande força impulsionadora na

Criação somente para trilhos errados e com isso a desperdiça em brincadeira fútil, senão até em prejuízo devido à obstrução do progresso saudável, para o qual todos os meios repousam na Criação.

O curso das fortes correntezas do espírito, as quais devem beneficiar o impulso ascendente, eles torcem em sua presunção humana de tal modo que, em lugar do benefício desejado, surgem estagnações que actuam como obstáculos, os quais, retroagindo, aumentam o impulso para a luta e, por fim, rebentando, arrastam tudo consigo para as profundezas.

É *isso* com que o ser humano se ocupa hoje predominantemente em suas vazias brincadeiras e fúteis ambições consideradas por eles científicas. Como *perturbador da paz* em toda a harmonia da Criação!

Já há muito ele teria caído no sono indolente da ociosidade, ao qual deve seguir a podridão, se não existisse na Criação felizmente ainda o impulso para a luta, que o *obriga, todavia*, a se mexer! Do contrário, já há muito tempo teria chegado à arrogância de que Deus deve cuidar dele através de Sua Criação, como nos sonhos do país das delícias.^{*(ler nota do tradutor abaixo)} E se, para tanto, expressa seu agradecimento em uma oração, sem participação do espírito, então seu Deus está com isso altamente recompensado, pois existem muitos que nem Lhe agradecem por isso!

(* nota do tradutor: “país das delícias”: terra mitológica, não havia trabalho e o alimento era abundante, lojas ofereciam seus produtos de graça, casas eram feitas de cevada ou doces, sexo podia ser obtido livremente, o clima sempre era agradável, o vinho nunca terminava e todos permaneciam jovens para sempre. Viviam-se entre os rios de vinho e leite, as colinas de queijo (queijo chovia do céu) e leitões assados que ostentavam uma faca espetada no lombo.)

Assim é o ser humano, e de facto nada diferente!

Ele fala de crueldade na natureza! Não lhe ocorre a ideia de, antes de tudo, examinar-se uma vez a si próprio. Só quer sempre apenas criticar.

Também na luta entre os animais só existe bênção, nenhuma crueldade.

Basta que se observe bem qualquer animal. Tomemos, por exemplo, o cão. Quanto mais cuidadosamente for tratado tal cão, tanto mais comodista se tornará, mais preguiçoso. Se um cão vive na sala de trabalho de seu dono e este atenta, diligentemente, para que o animal jamais seja pisado, ou apenas empurrado, mesmo que se deite em lugares onde constantemente esteja em perigo de poder ser machucado sem intenção, como junto à porta, etc., isso redundará apenas em *prejuízo* do animal.

Em bem pouco tempo o cão perderá sua própria vigilância. Pessoas “de bom coração” dizem, atenuando “afectivamente”, talvez até comovidas, que com isso ele mostra uma “confiança” indizível! Sabe que ninguém o machucará! Na realidade, porém, nada mais é do que uma grave diminuição da capacidade de “vigilância”, um acentuado retrocesso da actividade anímica.

Se, no entanto, um animal tiver de estar constantemente alerta e em prontidão de defesa, ele não somente torna-se e permanece animicamente vigilante, mas progredirá continuamente em inteligência, *lucra* de toda maneira. Permanecerá vivo em todos os sentidos. E isso é progresso! Assim se dá em relação a *cada* criatura! Senão sucumbe; pois nisso também o corpo enfraquece pouco a pouco, torna-se mais facilmente acessível às doenças, não tem mais resistência alguma.

Que o ser humano, também nisso, tem e exerce em relação ao animal uma atitude totalmente errada, em vários sentidos, não surpreenderá um observador atento, uma vez que o ser humano, sim, tem se sintonizado contra *tudo*, também contra si próprio e contra toda a Criação, de modo totalmente errôneo, causando espiritualmente apenas prejuízo em toda parte, ao invés de trazer benefício.

Se hoje não existisse mais o impulso para a luta na Criação, o qual tantos indolentes denominam como cruel, há muito tempo a materialidade já se encontraria em apodrecimento e em decomposição. Actua ainda como algo anímica e fisicamente *conservador*, jamais como algo destruidor, conforme superficialmente apenas aparenta. De outra maneira, nada mais manteria essa inerte matéria grosseira em movimento e, com isso, no saneamento e no vigor, depois que o ser humano, devido ao seu desencaminhamento, torceu de modo tão ignominioso o efeito reparador, a isso especificamente destinado, da *força espiritual* que tudo perpassa, de modo que ela não pode actuar *assim* como realmente devia! (Compare dissertações anteriores.)

Se o ser humano não tivesse falhado tão miseravelmente em realizar o seu intencionado propósito, então muito, *tudo* ficaria diferente hoje! A então chamada “luta” não se manifestaria *dessa forma* na qual se mostra a si mesma *no presente*.

O impulso para a luta seria enobrecido, espiritualizado pela vontade ascendente das criaturas humanas. O efeito, primitivamente bruto, em vez de aumentar como se dá agora, ter-se-ia modificado com o tempo devido à influência espiritual e *correta*, para um impulso comum e alegre do desenvolvimento mútuo, que requer a mesma intensidade de energia que a mais violenta luta. Apenas com a diferença de que da luta sobrevém exaustão, do

desenvolvimento, porém, em efeito retroactivo, maior intensificação ainda. Por fim, ter-se-ia estabelecido através disso, também na cópia da Criação, onde a vontade *espiritual* do ser humano constitui a influência mais forte, o estado paradisíaco da verdadeira Criação, para *todas* as criaturas, onde não se faz mais necessária luta alguma e nenhuma aparente crueldade! O estado paradisíaco, porém, não é acaso ociosidade, mas, pelo contrário, equivale à mais enérgica *actividade*, à vida real, pessoal e plenamente consciente!

Que isso não pôde acontecer é culpa do espírito humano! Nisso, volto sempre de novo ao incisivo pecado original, que descrevo detalhadamente na dissertação “Era uma vez...!”.

*(Dissertação Nº 80)

Somente o total falhar do espírito humano na Criação, com o *emprego abusivo* da força espiritual a ele concedida, através do desvio dos efeitos *para baixo*, em vez de em direcção às alturas luminosas, conduziu aos abusos errados de hoje!

Até mesmo a capacidade de reconhecer o erro, o ser humano já desperdiçou, perdeu-a. Assim, eu só *pregaria a ouvidos surdos*, se quisesse falar ainda mais a tal respeito. Quem realmente *quiser* “ouvir” e *puder* procurar com sinceridade, encontra na minha Mensagem *tudo* quanto precisa! Por toda a parte foi dado também esclarecimento sobre o grande falhar, que acarretou tão indizível desgraça em tão múltipla configuração. Quem, todavia, é *espiritualmente surdo*, como tantos, tem, pois, apenas o riso inexpressivo da incompreensão, que deve *aparentar saber*, mas preconiza, na realidade, apenas leviana superficialidade, equivalente à máxima estreiteza mental. A quem hoje o riso idiota dos que são espiritualmente restritos ainda causa alguma impressão, este, ele próprio, nada vale. É aqui que cabe a palavra de *Cristo*: “Deixai, pois, que os mortos enterrem seus mortos!” Pois quem é *espiritualmente surdo* e cego, equivale a espiritualmente morto!

O espírito humano podia, com a sua capacidade, transformar o mundo terreno como cópia da Criação, em um Paraíso! Não o fez e por isso vê agora o mundo diante de si *assim* como ele o deformou, devido à sua influência errada. *Nisso se encontra tudo!* Por conseguinte, não insulteis por falsa moleza um fenómeno tão importante como a luta na natureza, que necessariamente ainda equilibra algo que o ser humano negligenciou! Não ouseis designar vossa moleza doce-abafadiça ainda com a expressão “amor”, na qual a criatura humana procura, de tão bom grado, enfileirar as suas fraquezas! A falsidade e a hipocrisia terão de vingar-se amargamente!

Por isso ai de ti, ó criatura humana, como obra corroída de tua arrogância! Caricatura daquilo que *deverias ser!*

Contemplai uma vez com calma o que costumais chamar de natureza: as montanhas, lagos, bosques, prados! Em todas as estações do ano. Os olhos podem saciar-se com a beleza de tudo aquilo que contemplam. E então reflecti: o que tanto vos consegue alegrar e proporcionar restabelecimento são os frutos de um actuar de tudo quanto é *enteal*, que se encontra na Criação *abaixo* do espiritual, cuja força vos foi proporcionada!

Depois procurai os frutos de *vosso* actuar, vós que sois espirituais e nisso denominais como sendo vossas muito mais aptidões, mas, por isso, também teríeis de efectuar algo mais elevado do que o *enteal* que vos antecede.

O que vedes aí? Apenas uma imitação sem vida de tudo aquilo, que o *enteal* já fez, mas nenhum desenvolvimento contínuo em direcção à altura ideal no que é vivo e, com isso, na Criação! Com instintos criadores simplesmente atrofiados, procura a humanidade imitar formas sem vida, na maneira mais baixa, enquanto que, de espírito livre e consciente, com o olhar voltado para o divinal, seria capaz de formar algo absolutamente diferente, muito mais grandioso!

Da grandeza, que só provém do *espírito livre*, os seres humanos privaram-se criminosamente, e por isso, além de imitações pueris, conseguem somente fazer ainda... máquinas, construções, técnica. Tudo, como eles próprios: preso à Terra, inferior, vazio e morto!

Esses são os frutos que os seres humanos agora, como sendo espirituais, podem contrapor à actuação do *enteal*. *Assim* cumpriram a missão espiritual na Criação posterior presenteadada a eles para tanto!

Como querem agora subsistir na prestação de contas? Pode aí então causar espanto, que o elevado Paraíso *tenha* de permanecer fechado para as criaturas humanas com o pendor pelo que é inferior? Deve ainda causar surpresa, se agora, no fim, o *enteal*, reagindo, destrói completamente a obra tão erradamente conduzida pelo espírito humano? —

Quando tudo vier a desmoronar sobre vós, em consequência de vossa incapacidade manifesta, então cobri vosso rosto, reconhecei envergonhados a imensa culpa, com que *vos* sobrecarregastes! Não tenteis, por causa disso, acusar novamente vosso Criador ou chamá-Lo de cruel, de injusto!

Tu, porém, ó perscrutador, examina-te com sinceridade, sem piedade, e então procura sintonizar todo o teu pensar e intuir, sim, todo o teu ser, de modo *novo* sobre base *espiritual*, a

qual não mais vacilará como a base até agora intelectual e por isso muito restrita! Quem disso não for capaz, este estará condenado por toda a eternidade! —

77. Efusão do Espírito Santo

O acontecimento descrito na Bíblia, da efusão do Espírito Santo sobre os discípulos do Filho de Deus, é para muitas pessoas um fenómeno ainda inexplicável, considerado frequentemente como extraordinário, como só tendo ocorrido naquela única vez e, conseqüentemente, como sucedido de modo arbitrário.

Nessa consideração errónea reside, no entanto, também exactamente a causa do aparente “inexplicável”.

O acontecimento não foi isolado, não foi levado a efeito especialmente para os discípulos, mas foi já desde o existir da Criação um fenómeno que se *repete regularmente!* Com esse reconhecimento ele também perderá logo o inexplicável e torna-se compreensível aos leitores da Mensagem do Graal que investigam seriamente, sem com isso perder em grandeza, mas, pelo contrário, muito antes se tornar ainda mais grandioso.

Quem houver estudado atentamente a minha Mensagem do Graal já pôde também ter encontrado nela a solução para isso; pois leu também o esclarecimento “O Santo Graal”. Aí mencionei a renovação da força, que se *repete regularmente* todos os anos para a Criação inteira. É o momento em que nova força divina se derrama no Santo Graal para a conservação da Criação!

Com isso surge por momentos sobre o Graal a “Pomba Sagrada”, que é a forma espiritual visível da presença do Espírito Santo, que pertence directamente à “forma” do Espírito Santo, que, portanto, constitui uma parte de sua “forma”.

Como a Cruz é a forma espiritual visível da Verdade divina, assim a “Pomba” é a forma visível do Espírito Santo. Ela é a forma, realmente, não é imaginada apenas como forma! Como já falei detalhadamente a respeito, indico a dissertação. *(Dissertação Nº 44: O Santo Graal)

Essa renovação de forças pelo Espírito Santo, isto é, pela vontade viva de Deus, que é a força, ocorre cada ano em um bem determinado tempo no santuário do supremo Castelo ou do Templo, que abriga o Santo Graal, o único ponto de ligação da Criação com o Criador, e por isso também chamado de *Castelo do Graal*.

A renovação pode ser designada também de efusão de forças, isto é, efusão do Espírito Santo ou, mais nitidamente ainda, efusão de forças *pelo* Espírito Santo, pois o Espírito Santo não é acaso derramado; pelo contrário, ele derrama força!

Uma vez que os discípulos naquele dia se encontravam reunidos, em memória do seu Senhor, que havia ascendido, que lhes prometera enviar o Espírito, isto é, a força viva, então, nessa recordação fora dada uma base de ancoragem *para que*, no acontecimento que se realizava na mesma hora no puro espiritual, este se efectivasse em determinado e correspondente grau, directamente sobre os discípulos reunidos na Terra, sintonizados em devoção! Principalmente porque o caminho para esses discípulos fora possibilitado e aplainado mais facilmente pela existência terrena do Filho de Deus.

E por *esse* motivo aconteceu o milagroso, que de outra forma não teria sido possível na Terra, cujo vivenciar é transmitido na Bíblia. O *vivenciar* puderam os evangelistas descrever, mas não o verdadeiro acontecimento, que eles próprios não conheciam.

O Pentecostes vale, pois, aos cristãos como recordação desse acontecimento, sem que tenham um pressentimento de que efectivamente, mais ou menos nessa época, é sempre o dia da Pomba Sagrada no Castelo do Graal, isto é, o dia da renovação de força para a Criação pelo Espírito Santo! Evidentemente nem sempre exactamente no dia de Pentecostes calculado na Terra, mas sim na aproximada época deste.

Naquela ocasião, a reunião dos discípulos coincidiu *exactamente* com o facto real! Mais tarde será comemorado também aqui na Terra, regularmente e na época *certa*, como a suprema e mais sagrada solenidade da humanidade, em que o Criador presenteia, sempre de novo, Sua força conservadora à Criação, como o “dia da Pomba Sagrada”, isto é, o dia do Espírito Santo, como grande oração de gratidão a Deus-Pai!

Será comemorado por *aquelas* pessoas que finalmente estiverem *conscientemente* nesta Criação, que chegaram a conhecê-la então de modo certo em todos os seus efeitos. Devido a sua sintonização devocional na época exacta, será também possível que, ao se abrirem, chegue, reciprocamente, de novo a bênção viva até em baixo, até a Terra, e se derrame nas almas sedentas, como outrora nos discípulos.

Paz e júbilo trará então essa época, que já não mais está tão distante, se as criaturas humanas não falharem e não quiserem ficar perdidas por toda a eternidade.

78. Sexo

Grande parte dos seres humanos terrenos deixa-se oprimir sobremaneira pelos pensamentos referentes às relações entre os dois sexos, o masculino e o feminino. Excluídos disso ficam talvez apenas os levianos, que em geral não se deixam oprimir por nada. Todos os outros, por mais diferentes que possam ser, procuram alguma solução, abertamente ou retraídos silenciosamente em si. Existem, felizmente, muitas pessoas que exactamente a tal propósito anseiam por um indicador de caminho certo. Se, então, orientar-se-iam de acordo, fica, aliás, uma questão aberta. Facto é, contudo, que se ocupam muito com isso e que também em grande parte deixam-se oprimir pela consciência de que se encontram diante dessa questão de modo ignorante.

Procurou-se resolvê-la ou ligá-la a questões matrimoniais, mas ainda não se aproximou com isso de uma ideia fundamental satisfatória, uma vez que também aqui, como por toda parte, o objectivo principal é apenas que o ser humano saiba com o que tem de lidar! Do contrário, jamais chegará a uma solução. Permanece-lhe a inquietação.

Muitos confundem aí, mui frequentemente, já de antemão, o conceito certo da palavra “sexo”. Tomam-na de modo genérico, quando o verdadeiro sentido para isso reside bem mais fundo.

Se quisermos ter uma imagem certa a tal respeito, não devemos ser tão unilaterais a ponto de comprimi-la em preceitos que somente podem servir a uma ordem social puramente terrena, e muitas vezes totalmente oposta às leis da Criação. Em assuntos tão importantes, é necessário aprofundar-se na Criação, a fim de compreender *a ideia fundamental*.

Denominamos o conceito, feminino e masculino, simplesmente de dois sexos diferentes. A palavra sexo, porém, faz com que a maioria das pessoas erre de modo incisivo desde o início, porque involuntariamente em muitos pensamentos surge a ligação com a procriação. E isso é errado. A separação entre feminino e masculino *nesse* sentido, dentro da grande acepção da Criação, somente tem algo a ver com a mais externa e densa matéria grosseira. No fenómeno *principal*, não.

O que é um sexo? O gérmen espiritual, em sua saída do reino espiritual, não tem sexo. Também não ocorre uma divisão, conforme é admitido muitas vezes. Divisão são excepções especiais, sobre as quais voltarei a falar no final desta reflexão. No fundo, um gérmen espiritual permanece sempre algo completo em si. Com a consciencialização do gérmen

espiritual em sua peregrinação através da Criação posterior, portanto, da cópia natural da verdadeira Criação, adquire, como já disse diversas vezes, as formas humanas que conhecemos, de acordo com o grau de sua consciencialização, as quais são cópias das imagens de Deus, dos primordialmente criados.

Decisivo aí é, pois, o *modo de actividade* de um germen espiritual. Isto é, em que direcção tal germen espiritual, durante a consciencialização, procura desenvolver de modo predominante as faculdades nele latentes, se de modo positivo, vigorosamente impulsionador, ou de modo negativo, serenamente conservador. Para onde sua vontade principal o impele.

Devido à sua origem, ele pode realizar *ambos os modos*, porque um germen espiritual traz *todas* as faculdades integralmente dentro de si, tanto um modo como o outro. Ele é em si totalmente completo. Depende apenas do *que* ele desenvolve disso. E na actividade por ele agora realizada, mesmo que no início essa actividade consista somente em forte desejar, que se intensifica para forte anseio, *molda-se a forma*. O positivo constitui a forma masculina, o negativo, a forma feminina. Aqui já o masculino e o feminino se mostram reconhecíveis exteriormente por sua forma. Ambos são, por suas formas, a expressão definida da *espécie* de sua actividade, que escolhem ou desejam.

O feminino e o masculino nada têm a ver, portanto, com o conceito habitual de um sexo, mas indicam apenas *o modo de actividade na Criação*. Somente na matéria grosseira, tão conhecida dos seres humanos, desenvolvem-se, oriundos da forma, os órgãos de reprodução que compreendemos por masculino e feminino. Somente o corpo de matéria grosseira, isto é, o corpo terreno, necessita desses órgãos para a sua reprodução.

O modo de actividade na Criação molda, pois, a forma do corpo propriamente, a masculina ou a feminina, da qual o corpo terreno de matéria grosseira é, por sua vez, apenas uma reprodução toscamente estruturada.

Com isso, coloca-se também a prática sexual naquele degrau a que pertence, isto é, no mais baixo degrau existente na Criação, no do puramente grosso-material, que se encontra bem distante do espiritual.

Tanto mais triste é, pois, quando um espírito humano se curva de tal modo ao jugo dessa actividade, pertencente meramente ao invólucro mais externo, a ponto de tornar-se um escravo disso! E isso infelizmente tornou-se hoje tão generalizado, resultando em um quadro, que mostra como o inestimável e elevado espiritual, sob a camada da materialidade mais grosseira, voluntariamente, deixa-se pisar e deter em baixo.

É evidente que tal procedimento antinatural tenha de resultar em um fim nefasto. Antinatural porque, por natureza, o espiritual é o mais elevado na Criação toda, e só pode reinar harmonia nela, enquanto o espiritual dominar como o supremo, tudo o mais, porém, permanecer *debaixo* dele, inclusive na ligação com a matéria grosseira terrena.

Não preciso aqui chamar a atenção especialmente para o triste papel que representa uma pessoa que curva seu espírito sob o domínio do manto de matéria mais grosseira. De um manto, que só através dele adquire a sua sensibilidade, devendo perdê-la de novo pelo despir, uma ferramenta na mão do espírito, que necessita, sim, de cuidados, a fim de que seja mantida útil, mas que só pode continuar sempre uma ferramenta dominada; pois na ordem da Criação não há comunismo! *Onde este* ameaça se infiltrar, o colapso vem como consequência impreterível, porque uma tal parte tem que ser afastada como doentia, para que a desarmonia não mais encontre acesso. Com um tal desmoronamento, o efeito retroactivo na Criação conserta os pontos danificados.

A forma espiritual, enteal e fino-material do corpo modifica-se, tão logo um gérmen espiritual modifique a sua actividade. Se ele passa predominantemente do negativo para o positivo, então a forma feminina terá de se transformar em masculina e vice-versa; pois a espécie *predominante* na actividade molda a forma. Contudo, o invólucro de matéria grosseira terrena não pode acompanhar assim rapidamente a modificação. Esse não é de tal modo mutável, por isso também é destinado apenas para um período bem curto. Aqui se mostra então uma mudança nas *reencarnações*, as quais na maioria dos casos são numerosas.

Assim acontece que um espírito humano peregrine através de suas vidas terrenas muitas vezes *alternadamente* em corpos masculinos e femininos, de acordo com a sua sintonização interior em mutação. E isso é *necessário*, para que *todas* as faculdades de um gérmen espiritual cheguem pouco a pouco ao desenvolvimento.

Eu já disse que o *predominante* na actividade desejada é determinante para o surgimento da forma, porque um gérmen espiritual não actuará absolutamente de modo totalmente positivo e também não absolutamente de modo totalmente negativo.

As faculdades nisso não activadas permanecem então dormitando, porém, podem ser acordadas a qualquer momento.

Se, porém, venha a acontecer que um gérmen espiritual chegue a desenvolver *todas* as partes *positivas*, então isso terá efeito tão forte sobre as faculdades negativas, não desenvolvidas, que pode ocorrer um afastamento, e com isso também uma exclusão, com o

que se processa uma *divisão*. As partes de outra espécie, assim excluídas, são então obrigadas a acordar por si, e tomarão naturalmente, em sua coesão, a forma oposta, portanto, a feminina. *Estes* são então germens divididos, que devem se reencontrar, para retornar como um todo. Em geral, porém, um acontecimento tal não deve ser suposto.

A aceção dos seres humanos de que para cada pessoa exista uma alma complementar, é correta em si, mas não no sentido de uma divisão precedente. A alma dual é algo bem diferente. Esta, já acentuei em minha dissertação “O matrimónio”. ^{*(Dissertação N° 25)} Uma alma dual é apenas aquela *adequada* a uma outra alma. Quer dizer, uma alma que desenvolveu exactamente *aquelas* faculdades que a outra alma deixou adormecer em si. Disso advém então uma complementação total, resulta em um trabalhar em comum de todas as faculdades do espírito, de todas as positivas e de todas as negativas. Mas tais complementações não se dão apenas uma vez, pelo contrário, muitas vezes, de maneira que uma pessoa, ao desejar uma complementação, não depende acaso exclusivamente de uma outra bem determinada pessoa. Dessas poderá encontrar muitas em sua existência terrena, contanto que conserve pura e vigilante a sua faculdade intuitiva.

As condições da vida para a felicidade não são, portanto, de modo algum tão difíceis de cumprir, como parece à primeira vista aos semi-conhecedores. A felicidade é muito mais fácil de ser obtida do que tantos imaginam. A humanidade só tem de conhecer primeiramente as leis que residem na Criação. Se viver de acordo com elas, *terá* de se tornar feliz! Hoje, porém, ela ainda se acha muito distante disso e, por essa razão, aqueles que se aproximam da Verdade na Criação deverão se sentir, por enquanto, solitários na maior parte das vezes, o que, porém, de modo algum infelicitiza, mas sim traz em si uma grande paz.

79. Pode a velhice constituir um obstáculo para a ascensão espiritual?

De acordo com os conceitos terrenos, querer o certo, ou querer o que é bom é, muitas vezes, uma grande diferença! O que é certo terrenamente nem sempre também é o *bom*!

Hoje não é mais suficiente para o ser humano, simplesmente ter querido o certo! Algo assim ele pôde fazer na sua primeira encarnação. Agora é exigido mais dele! Se ele não adquirir ânimo com toda força para, espiritualmente, poder finalmente ascender no saber, então ele estará impreterivelmente perdido. A velhice não constitui nenhum obstáculo, mas sim estímulo, uma vez que na velhice sua hora do trespassar aproxima-se visivelmente! Trata-se apenas da preguiça e do comodismo, já frequentemente mencionados por mim como os piores inimigos, com os quais tais hesitantes sobrecarregam-se e com isso sucumbem.

O tempo da vagabundagem espiritual terminou, assim como o tempo do comodismo e da espera aconchegante. Com implacabilidade e terribilidade sinistra isso se abaterá em breve sobre os dorminhocos e preguiçosos, de modo que então também o mais surdo despertará.

O estudo de minhas dissertações, porém, condiciona de antemão um esforço próprio, uma concentração enérgica de todos os sentidos e, com isso, uma vivacidade espiritual e vigilância *integral*! Só *então* é possível aprofundar-se em minhas palavras, assimilá-las também realmente.

E isso é desejado assim! Recuso cada preguiçoso espiritual.

Se, no entanto, as criaturas humanas *deixaram* de soterrar dentro de si ao menos um grãozinho da Verdade oriunda da pátria do reino espiritual, então a Palavra *terá* de atingi-las como um chamado, pressuposto que também se esforcem em lê-la uma vez *ininfluenciadamente* e com toda a seriedade. E se *então* nada intuírem, que nelas desperte um eco, então também no Além mal será possível ainda acordá-las, porque lá também não podem receber *nada de diferente*. Ficam paradas, onde elas mesmas se colocam, por sua vontade própria. Ninguém as forçará a desistir disso, mas elas também não sairão dessa materialidade a tempo, a fim de se salvar da decomposição, portanto, da condenação eterna.

O “não querer ouvir”, naturalmente, levam consigo desta Terra para a matéria fina, e lá não se comportarão diferentemente de como aqui aconteceu. Como pode então a velhice constituir um obstáculo! É um chamado da eternidade que as atinge, proveniente da Palavra

que, no entanto, não querem ouvir, por assim lhes ser mais cómodo. Mas a comodidade por fim as destruirá, se não quiserem se tornar vivas em tempo. A pergunta, porém, mostra muito nitidamente essa comodidade. É a mesma espécie de tantas pessoas, que permanentemente querem iludir-se a si próprias, sob qualquer pretexto mais ou menos aceitável. Pertencem ao joio que não será fortalecido pelos vindouros vendavais purificadores, pelo contrário, varrido, por ser imprestável para a seriedade da verdadeira existência.

Exigiriam sempre novos prazos do Criador para reflectir, sem jamais chegarem a uma escalada, para a qual devem animar-se espiritualmente. Por tal motivo, não vale a pena ocupar-se com isso longamente. São os que eternamente querem e os que jamais realizam algo em si. E com isso também os perdidos. — — — —

80. Era uma vez...!

São apenas três palavras, todavia, são como uma fórmula mágica; pois trazem em si a propriedade de despertar em cada ser humano imediatamente alguma intuição fora do comum. Raramente essa intuição é sempre igual. É semelhante ao efeito da música. Tal como a música, estas três palavras também encontram seu caminho directamente até o espírito do ser humano, seu verdadeiro “eu”. Naturalmente, apenas naqueles, que não mantêm o espírito inteiramente enclausurado e, com isso, já perderam a verdadeira natureza humana aqui na Terra.

Cada *pessoa*, porém, diante estas palavras, involuntariamente recordar-se-á logo de alguma vivência do passado. Esta se levanta viva diante dela e, com a imagem, também uma intuição correspondente.

Ternura saudosa para uns, felicidade melancólica, também desejos silenciosos irrealizáveis. Para outros, no entanto, orgulho, cólera, horror ou ódio. O ser humano sempre pensa em algo que outrora vivenciou, que lhe produziu uma impressão fora do comum, mas que ele presumia desde muito já extinta dentro de si.

Entretanto, nele nada se apagou, nada ficou perdido daquilo que ele realmente *vivenciou* outrora. Tudo isso pode chamar ainda de coisa sua, como realmente adquirida e, por conseguinte, imperecível. Mas também somente aquilo que foi vivenciado! Outra coisa não poderá surgir com tais palavras.

O ser humano deve prestar muita atenção nisso, com cuidado e com o sentido alerta, então logo reconhecerá o que está realmente vivo dentro dele e o que pode ser denominado morto, como invólucro sem alma de recordações inúteis.

Finalidade e proveito para o ser humano, onde não devemos considerar o corpo, só tem aquilo que durante sua existência terrena actuou de modo suficientemente profundo, para imprimir na *alma* uma marca, que não desvanece, que não se deixa apagar novamente. Somente tais marcas têm influência sobre a formação da alma humana e, assim, prosseguindo, também sobre a evolução do espírito em seu constante desenvolvimento.

Na realidade, portanto, só é vivenciado e com isso tornado propriedade, *aquilo* que deixa uma impressão de tal maneira profunda. Tudo o mais passa sem efeito ou, no máximo,

contribui como meio auxiliar para preparar acontecimentos, que são aptos a causar impressões tão grandes.

Feliz daquele que pode denominar tantas e tão fortes vivências como sendo suas, quer tenham sido provocadas por alegria ou dor; pois essas impressões serão um dia o que de mais valioso uma alma humana levará consigo em seu caminho para o Além. —

A actuação puramente terrena do intellecto, conforme é usual hoje, serve, *quando bem aplicada*, só para facilitar a existência *corporal* terrena. Este é, raciocinando com nitidez, o verdadeiro alvo de *cada* actuação do intellecto! Em última análise, não há nunca outro resultado. Em *toda* a sabedoria teórica, não importando qual seja o campo, assim como em toda a actuação, tanto na esfera do Estado ou na família, em cada pessoa individual ou nas nações, bem como, finalmente, na humanidade inteira. Infelizmente, *tudo* acabou se submetendo incondicionalmente apenas ao intellecto e, por conseguinte, encontra-se com isso preso a pesadas correntes da restrição terrena da capacidade de compreensão, o que logicamente teve de ocasionar e ocasionará ainda consequências funestas em todo o actuar e em todos os acontecimentos.

Quanto a isso, existe apenas *uma* excepção na Terra inteira. Contudo, a excepção não nos é oferecida por acaso pela Igreja, como tantos hão de pensar e como também devia ser, e sim pela *arte*! Nesta o intellecto exerce função estritamente *secundária*. Porém, onde quer que o intellecto alcance supremacia, a arte logo é degradada a *ofício*; ela desce directamente e também de modo totalmente incontestável bem para baixo. Trata-se de uma consequência, que, em sua simples naturalidade, nem pode ser diferente. Nem uma excepção pode ser aí comprovada.

A mesma conclusão também deve ser tirada de tudo o mais! E isso, então, não dá o que pensar aos seres humanos? Tem de ser como se lhes caísse uma venda dos olhos. Para aquele que pensa e compara, fica bem claro que, em tudo o mais que é dominado pelo intellecto, ele só pode receber um sucedâneo, coisa de pouco valor! Diante essa constatação, o ser humano devia reconhecer a que lugar, por natureza, pertence o intellecto, se deva surgir algo certo e valioso!

Somente a arte nasceu, até agora, ainda da actuação do espírito vivo, da intuição. Somente ela teve uma origem e um desenvolvimento natural, isto é, normal e saudável. O espírito, porém, não se *manifesta* no intellecto, e sim nas *intuições*, e *mostra-se* somente naquilo que de um modo geral se denomina “*alma*”. Exactamente aquilo, do que o actual ser humano de intellecto, desmedidamente orgulhoso de si mesmo, gosta de escarnecer e ridicularizar. Zomba

assim do que há de mais valioso no ser humano, sim, exactamente daquilo que faz do ser humano realmente um ser humano!

O espírito nada tem a ver com o intelecto. Se o ser humano finalmente quiser melhorar em tudo, tem de observar as palavras de Cristo: *Por suas obras os reconheceréis!* É chegado o tempo em que isso acontecerá.

Somente obras do *espírito* trazem em si, por sua origem, a *vida* e, com isso, duração e constância. Tudo o mais, uma vez passado seu tempo de florescência, terá de ruir por si mesmo. Assim que os frutos devam chegar para isso, ficará patente o vazio!

Olhai, pois, a história! Somente a obra do espírito, isto é, a arte, sobreviveu aos povos, que já desmoronaram pela actuação de seu intelecto frio e sem vida. Seu alto e tão apregoado saber não pôde oferecer-lhes salvação disso. Egípcios, judeus, gregos, romanos seguiram este caminho, mais tarde também os espanhóis, franceses e agora os alemães, – *contudo, as obras da verdadeira arte sobreviveram a todos eles!* Também nunca poderão vir a perecer. Todavia, ninguém notou a regularidade severa na ocorrência dessas repetições. Criatura humana alguma pensou em investigar a verdadeira raiz desse grave mal.

Em vez de procurá-las e dar fim de uma vez a essa decadência, que se vem repetindo sempre de novo, o ser humano rendeu-se cegamente, submetendo-se com lamentações e rancor a essa grande “fatalidade”.

Agora, porém, atinge por fim a humanidade toda! Muita miséria já ficou atrás de nós, miséria maior ainda está por vir. E um profundo sofrimento perpassa as densas fileiras dos que em parte já estão sendo atingidos por isso.

Pensai nos povos todos, que já tiveram de cair, assim que atingiram a sua florescência, o ponto mais alto de seu intelecto. Os frutos decorrentes dessa florescência foram *por toda parte os mesmos!* Imoralidade, indecência e gula em múltiplos aspectos, ao que se seguiu inevitavelmente a decadência e a ruína.

A absoluta igual espécie é de chamar a atenção de qualquer pessoa! E também cada um que pensa tem de encontrar em tais fenómenos uma bem determinada espécie e lógica de leis as mais severas.

Esses povos, um atrás do outro, tiveram de reconhecer por fim que sua grandeza, seu poder e magnificência foram apenas aparentes, mantidos só pela violência e pela pressão, não fortalecidos em si mesmos por saúde.

Abri, pois, vossos olhos em vez de desanimar! Olhai ao redor de vós, aprendei com o que passou, comparai isso com as mensagens que já há milénios vos têm chegado da esfera divina, e *tereis* de descobrir a raiz do mal que corrói, que constitui exclusivamente o estorvo para a ascensão da humanidade inteira.

Somente depois que o mal tiver sido completamente erradicado, é que estará aberto o caminho para ascensão geral, não antes. E esse caminho então será estável, porque pode trazer em si algo de vivo do espírito, o que até agora estava excluído. —

Antes de entrarmos em pormenores, quero esclarecer o que é espírito, como sendo o único realmente vivo dentro do ser humano. Espírito não é esperteza nem intelecto! Tampouco é sabedoria aprendida. Por isso chama-se erroneamente de “espirituosa” a uma pessoa, que estudou muito, leu, observou e sabe conversar bem a esse respeito. Ou quando brilha pelas boas ideias e por perspicácia do intelecto.

O espírito é algo muito diferente. Trata-se de uma *constituição autónoma*, oriunda do mundo de sua espécie igual, que é diferente da parte a que pertence a Terra e, com isso, o corpo. O mundo espiritual encontra-se mais alto, constitui a parte superior e mais leve da Criação. Essa parte espiritual no ser humano, devido à sua constituição, traz em si a incumbência de voltar ao puro espiritual, tão logo se tenham desligado dela todos os envoltórios materiais. O impulso para isso surge em um bem determinado grau de amadurecimento, e o conduz então para cima, para sua igual espécie, por cuja força de atracção é elevado. *(Dissertação Nº 63: Eu sou a ressurreição e a vida, etc.!)

O espírito nada tem a ver com o intelecto terreno, e sim apenas com a propriedade que denominamos como “coração”. Espirituoso tem, pois, a mesma significação que “dotado de coração”, e não que dotado de intelecto.

A fim de mais facilmente descobrir tal diferença, o ser humano sirva-se então da frase: “Era uma vez!” Muitos dos que procuram já encontrarão uma explicação através dela. Caso observarem atentamente a si mesmos, poderão reconhecer tudo o que foi útil à sua *alma* na vida terrena de até agora, ou o que serviu apenas para lhes facilitar a passagem e o seu trabalho no âmbito terreno. Portanto, o que não só possui valores terrenos, mas também do Além, e o que serve unicamente para finalidades terrenas, permanecendo, porém, sem valor

para o Além. O primeiro, ele pode levar consigo para o Além, o outro, porém, deixa para trás, no desenlace, como algo válido somente aqui, já que mais adiante de nada lhe pode servir. O que deixa para trás, vem a ser apenas o instrumento para os acontecimentos terrenos, meio auxiliar para a *época terrena*, nada mais.

Se um instrumento não é utilizado somente como tal, e sim ajustado muito acima de sua capacidade, lógico é que não é adequado para essa altitude, encontra-se em lugar errado, acarretando com isso também falhas de várias espécies que, com o decorrer do tempo, trarão consequências desastrosas.

A esses instrumentos pertence, como o mais elevado, o *intelecto terreno* que, como produto do cérebro humano, tem de trazer a restrição em si, à qual tudo quanto é de matéria grosseira corporal fica sempre sujeito, por sua própria constituição. E o produto também não pode ser diferente da origem. Esse permanece sempre ligado à espécie da origem. Do mesmo modo, as obras que surgem através do produto.

Disso resulta para o intelecto, naturalmente, a mais restrita capacidade de compreensão, somente terrena, estreitamente ligada a espaço e tempo. Como ele descende da matéria grosseira, por si morta, a qual não traz em si vida *própria*, ele também não possui força viva. Essa circunstância manifesta-se, logicamente, em todos os actos do intelecto, o qual, por isso, permanece impossibilitado de inserir algo vivo em suas obras.

Nesse acontecimento natural imutável encontra-se a chave para as ocorrências sombrias durante a existência do ser humano sobre esta pequena Terra.

Temos de aprender finalmente a distinguir entre o espírito e o intelecto, entre o núcleo vivo do ser humano e o seu instrumento! Se esse instrumento for colocado *acima* do núcleo vivo, como aconteceu até agora, resulta algo insano que há de trazer em si já na origem o germen da morte, e assim, aquilo que é vivo, o mais sublime, o mais precioso, será sufocado, atado e separado de sua indispensável actividade, até que, inacabado, erga-se livremente dos destroços no inevitável desmoronamento da construção morta.

Imaginemos agora em vez de “Era uma vez” a pergunta: “Como era antigamente?” Quão diverso é o efeito. Logo se nota a grande diferença. A primeira frase fala para a intuição, que está em ligação com o espírito. Já a segunda se dirige ao intelecto. Imagens muito diferentes surgem com isso. São de antemão limitadas, frias, sem calor de vida, porque o intelecto não tem outra coisa para dar.

A maior culpa da humanidade, porém, desde o início, foi ter colocado esse intelecto, que somente pode formar coisas incompletas e sem vida, sobre um alto pedestal, adorando-o literalmente e dançando ao seu redor. Foi-lhe dado um lugar que *só* devia ser reservado *para o espírito*.

Tal empreendimento encontra-se, em tudo, em oposição às determinações do Criador e, portanto, contra a natureza, já que estas jazem ancoradas na actividade da natureza. Por conseguinte, também nada pode conduzir a um verdadeiro alvo, ao contrário, tudo tem de ruir no ponto em que a colheita deve começar. Não é possível de outro modo, mas sim um acontecimento natural, previsível.

Somente é diferente na *mera técnica*, em cada indústria. Esta atingiu um alto nível através do intelecto e progredirá ainda muito mais no futuro! O facto, no entanto, serve como prova da veracidade de minhas declarações. A técnica é e sempre permanecerá, em *todas* as coisas, puramente terrena, morta. Como o intelecto, pois, também pertence a tudo o que é terrenal, consegue, no que diz respeito à técnica, desenvolver-se admiravelmente, realizar coisas realmente grandes. Ele se encontra aí no lugar certo, em sua verdadeira incumbência! Contudo, lá onde for necessário entrar em consideração também o que é “vivo”, isto é, essencialmente *humano*, o intelecto não basta em sua espécie e por isso *tem* de falhar, tão logo não for guiado aí pelo espírito! Pois só o espírito é vida. Êxito em uma bem determinada espécie pode trazer sempre apenas a actuação da igual espécie. Por esta razão, o intelecto terreno jamais poderá actuar no espírito! Por esse motivo constituiu uma grave falta dessa humanidade, o facto de ter colocado o intelecto acima da vida.

Com isso, o ser humano *alterou* a sua tarefa, colocou-a, a bem dizer, de cabeça para baixo, contra a determinação criadora, isto é, totalmente natural, ao conferir ao intelecto, que vem em segunda posição, somente terrenal, o lugar mais alto, que pertence ao espírito vivo. Com isso, por sua vez, torna-se bem natural que agora seja obrigado a procurar penosamente de baixo para cima, no que o intelecto, colocado acima, com sua restrita faculdade de compreensão, impede qualquer visão mais ampla, em vez de poder ver, através do espírito, de cima para baixo.

Se quiser despertar, então o ser humano é obrigado, antes disso, a “inverter as luzes”. Colocar o que agora está em cima, o intelecto, no lugar que lhe foi destinado por natureza, e levar o espírito outra vez ao lugar mais elevado. Essa inversão necessária não é mais tão fácil para o ser humano de hoje. —

O acto inversor de outrora dos seres humanos, que se colocou tão incisivamente contra a vontade do Criador, por conseguinte, contra as leis da natureza, foi o “*pecado original*” propriamente dito, cujas consequências nefastas nada deixam a desejar; pois este então se transformou no “*pecado hereditário*”, porque a elevação do intelecto a dominador único acarretou, por sua vez, também a natural consequência de que o cuidado e a actuação tão unilateral fortalecesse com o tempo também o cérebro unilateralmente, de modo que cresceu somente a parte que tem de executar o trabalho do intelecto, e a outra teve de definhar. Por isso, essa parte atrofiada por negligência só consegue hoje em dia agir ainda como um cérebro de sonhos pouco confiável, que ainda por cima está sob a poderosa influência do assim chamado cérebro diurno, que acciona o intelecto.

A parte do cérebro, que deve constituir a ponte para o espírito, ou melhor, a ponte do espírito para tudo o que é terreno, foi, portanto, paralisada com isso, uma ligação rompida, ou pelo menos bastante afrouxada, com o que o ser humano impediu para si toda a acção do espírito e com isso também a possibilidade de tornar seu intelecto “animado”, espiritualizado e vivificado. Ambas as partes do cérebro deveriam ter sido desenvolvidas bem *uniformemente*, para uma actividade comum e harmónica, como tudo no corpo. O espírito guiando e o intelecto executando aqui na Terra. Torna-se assim evidente que devido a isso toda a actividade do corpo, e até mesmo este, nunca pode ser assim como ele deve ser. Esse acontecimento manifesta-se naturalmente através de tudo! Porque com isso falta o essencial para todas as coisas terrenas!

É um facto fácil de compreender que com o impedimento estavam ligados simultaneamente também o afastamento e o alheamento do divino. Pois não havia mais caminho para lá.

Isso teve, por fim, novamente a desvantagem que já desde milénios todo corpo de criança, que nasce, traz para a Terra o cérebro anterior do intelecto tão grande, por causa da hereditariedade de alcance cada vez maior, que de antemão toda a criança, devido a essa circunstância, será outra vez facilmente subjugada pelo intelecto, tão logo esse cérebro entre em plena actividade. O abismo entre as duas partes do cérebro tornou-se agora tão grande, a relação das possibilidades de trabalho tão desiguais que, sem uma catástrofe, na maior parte dos seres humanos não se consegue mais uma melhora.

O actual ser humano de intelecto não é mais uma criatura humana *normal*, mas falta-lhe todo o desenvolvimento da parte principal do seu cérebro, pertencente ao ser humano completo, devido à atrofia processada desde milénios. Todo o ser humano de intelecto, sem excepção, tem somente um cérebro normal *aleijado*! Por conseguinte, dominam a Terra, há

milénios, *aleijados de cérebro*, consideram os seres humanos normais como inimigos e procuram subjugar-los. No atrofiamento consideram-se capazes de realizar muito e não sabem que a criatura humana normal tem condições de realizar *dez vezes mais* e produzir obras que possuem *duração* e que são mais perfeitas do que os empreendimentos actuais! O caminho para obter tal capacitação está aberto a cada pesquisador verdadeiramente sincero!

Todavia, um ser humano de intelecto não poderá mais estar tão facilmente em condições de compreender algo que faz parte da actividade dessa parte atrofiada de seu cérebro! Ele simplesmente não é *capaz* de compreender, mesmo se quisesse, e somente devido à sua estreiteza voluntária é que zomba de tudo o que não está ao seu alcance e que nunca mais poderá ser compreendido por ele, em consequência de seu cérebro em verdade *retrógrado*, anómalo. Nisso repousa exactamente a parte mais terrível da maldição dessa aberração antinatural. A cooperação harmoniosa entre as duas partes do cérebro humano, que é absolutamente necessária para uma criatura humana normal, é coisa definitivamente impossível para os actuais seres humanos de intelecto, que denominamos materialistas. —

Ser materialista não é acaso um elogio, mas sim a legitimação de um cérebro atrofiado.

Domina, por conseguinte, até agora nesta Terra o cérebro *antinatural*, cuja actuação, por fim, evidentemente, tem que trazer a ruína inevitável de tudo, pois tudo aquilo, quanto ele também queira trazer, já contém em si desde o início, naturalmente, desarmonia e doença, devido ao atrofiamento.

Nisto agora nada mais há para modificar, mas deve-se aguardar tranquilamente o desmoronamento que se processa de forma natural. *Então, porém, é chegado o dia da ressurreição para o espírito, e também uma nova vida!* Com isso estará aniquilado para sempre o escravo do intelecto que, desde milénios, tem a palavra! Nunca mais ele poderá erguer-se, porque a prova e a vivência própria finalmente o forçarão a submeter-se voluntariamente, como doente e pobre de espírito, *àquilo* que era incapaz de compreender. Nunca mais lhe será dado a oportunidade de levantar-se contra o espírito, quer com escárnio, quer com aparente direito, usando violência, como também foi praticado contra o Filho de Deus, que teve de lutar contra isso. Outrora, ainda teria sido possível evitar muitas desgraças. Mas agora não mais; pois nesse intervalo tornou-se impossível reatar a debilitada ligação entre as duas partes do cérebro.

Haverá muitos seres humanos de intelecto, que mais uma vez quererão zombar das explicações nesta dissertação, contudo, sem aí, como sempre, além de palavras de propaganda vazias, poderem apresentar sequer uma *contraprova realmente objectiva*. Entretanto, todo

aquele que procura sinceramente e que raciocina tem de tomar esse alvoroço cego apenas como nova prova daquilo que aqui esclareci. Tais pessoas simplesmente não *podem*, mesmo que se esforcem para tanto. Consideremo-las, por isso, de hoje em diante, como doentes que em breve necessitarão de auxílio e... aguardemos calmamente. Não há necessidade de luta nem de nenhum acto de violência para forçar o progresso necessário; pois o fim virá por si mesmo. Também nisto se efectiva o acontecimento natural de forma totalmente inexorável e também pontual nas leis inamovíveis de todas as reciprocidades. — —

Uma “nova geração” deve surgir então, de acordo com tantas profecias. Essa não será constituída, porém, somente de novos nascimentos, tidos como dotados de um “novo sentido”, conforme já foi observado agora na Califórnia e também na Austrália, mas sim principalmente de *peçoas que já vivem* na Terra, que em tempo próximo tornar-se-ão “videntes” devido a muitos acontecimentos que estão por vir. Terão, então, o mesmo “sentido” que os actuais recém-nascidos; pois esse sentido nada mais é do que a capacidade de estar no mundo com o espírito aberto e livre, o qual não se deixa mais subjugar pelas restrições do intelecto. *Com isso, o pecado hereditário será finalmente extinguido!*

Tudo isso, porém, nada tem a ver com as propriedades denominadas até agora de “faculdades ocultas”. *Trata-se apenas da criatura humana normal, como deve ser!* O “tornar-se vidente” não tem relação alguma com a “clarividência”, mas sim, significa o “*entender*”, o reconhecer.

Os seres humanos estarão então em condições de distinguir tudo sem serem influenciados, o que nada mais significa do que formar um juízo próprio. Eles vêem o ser humano de intelecto tal qual é realmente, em sua tão perigosa restrição, tanto para ele como para seu ambiente, da qual simultaneamente se originam a arrogância de dominar e a mania de querer ter sempre razão, que, na verdade, faz parte disso.

E eles vão compreender, como desde milénios, em severa consequência, a humanidade inteira sofreu sob esse jugo, uma vez dessa, outra vez de outra forma, e como essa afecção cancerosa, qual inimigo hereditário, sempre se dirigiu contra o desenvolvimento do *espírito* humano livre, a principal finalidade na existência da criatura humana! Nada lhes escapará, nem mesmo a amarga certeza de que a aflicção, *todos* os sofrimentos, cada uma das quedas, tinham de se originar desse mal, e que a melhora nunca pôde ocorrer, porque cada reconhecimento mais amplo estava excluído de antemão devido à restrição da faculdade de compreensão.

Com o despertar, porém, também terá cessado toda influência, todo poder desses seres humanos de intelecto. Para *todos* os tempos; pois se inicia então uma nova e melhor época para a humanidade, onde o antigo não pode mais se manter.

Com isso, virá a necessária, já hoje desejada por centenas de milhares, vitória do espírito sobre o intelecto que falha. Muitas das massas, até agora induzidas a erro, ainda reconhecerão com isso que até então tinham interpretado de modo inteiramente errado a expressão “intelecto”. A maioria, sem examinar, aceitou-o simplesmente como um ídolo, só porque também os demais o apresentavam assim, e porque todos os seus adeptos sempre sabiam apresentar-se, pela violência e pelas leis, como dominadores absolutos e infalíveis. Muitos, devido a isso, nem se dão ao trabalho de descobrir a verdadeira vacuidade e as falhas que se ocultavam atrás disso.

Contudo, existem com certeza também outros que, desde decênios, vêm lutando contra esse inimigo com tenaz energia e convicção, escondida e, em parte, também abertamente, expostos às vezes também aos mais pesados sofrimentos. *Porém, lutaram, sem conhecer o próprio inimigo!* E isso dificultava, logicamente, o sucesso. Tornou-o de antemão impossível. A espada dos lutadores não era bem afiada, porque iam gastando-a constantemente ao bater em factos secundários. Com esses factos secundários, porém, davam também sempre golpes ao acaso, desperdiçando as próprias forças, e ocasionaram apenas desunião entre si, que hoje aumenta cada vez mais.

Há na realidade apenas *um* inimigo da humanidade ao longo de toda a linha: *o domínio, até agora irrestrito, do intelecto!* Isso foi o grande *pecado original*, a mais grave culpa do ser humano, que acarretou todos os males. *Isso se tornou o pecado hereditário, e isso também é o anticristo*, sobre o qual foi anunciado, que levantará sua cabeça. Em termos mais claros, o domínio do intelecto é seu instrumento, pelo qual os seres humanos lhe estão submissos. A ele, ao inimigo de Deus, ao próprio anticristo... Lúcifer! *(Dissertação Nº 89: O anticristo)

Encontramo-nos no meio dessa época! Ele habita hoje em *cada* ser humano, pronto a destruí-lo, pois sua actividade causa o imediato afastamento de Deus, como consequência totalmente natural. Ele intercepta o espírito, tão logo possa reinar.

Eis por que deve o ser humano manter-se em constante vigilância. —

Não deve, por isso, acaso diminuir seu intelecto, mas sim transformá-lo em *instrumento*, que ele é, e não torná-lo uma vontade determinante. Não torná-lo senhor!

A criatura humana da geração vindoura poderá contemplar os tempos de até agora apenas ainda com asco, horror e com vergonha. Semelhante ao que se dá connosco, quando entramos em uma antiga câmara de tortura. Também aí vemos os maus frutos do frio domínio do intelecto. Pois é incontestável que uma pessoa *com um pouquinho só de coração* e consequente actividade espiritual jamais teria inventado um tal horror! No geral, porém, hoje isto não é diferente, apenas algo disfarçado, e as misérias das massas são idênticos frutos podres, como a antiga tortura individual.

Quando o ser humano vier a lançar um olhar retrospectivo, então não cessará mais de mover de um lado para o outro a cabeça. Ele perguntará a si mesmo como foi possível suportar tais erros em silêncio durante milénios. A resposta é, evidentemente, muito simples: pela violência. Para onde quer que se olhe, pode-se reconhecer isso bem nitidamente. Excluindo os tempos da remota antiguidade, basta que entremos nas já citadas câmaras de tortura, que ainda hoje podem ser vistas por toda parte, e cuja utilização não dista tanto assim da época presente.

Sentimos arrepios, quando contemplamos esses antigos instrumentos. Quanta brutalidade fria há nisso, quanta bestialidade! Decerto, nenhuma pessoa do tempo actual terá dúvidas de que tais práticas constituíram pesados crimes. Cometeu-se com isso, nos criminosos, um crime ainda maior. Mas também muitos inocentes foram arrancados da família e da liberdade, e atirados brutalmente naquelas masmorras. Quantas lamentações, quantos gritos de dor faziam-se ouvir dos que ficavam ali inteiramente à mercê de seus carrascos. Seres humanos tiveram de sofrer coisas, diante das quais, em pensamento, só se pode sentir aversão e pavor. Cada um pergunta a si próprio, involuntariamente, se de facto foi humanamente possível ter acontecido tudo isso com esses indefesos, e ainda por cima sob a aparência de todo o direito. Um direito que outrora só se arrogou pela violência. E agora novamente, através de dores físicas, forçou-se confissões de culpa das pessoas suspeitas para que, dessa forma, sem percalços, pudessem ser assassinadas. Mesmo que tais confissões de culpa só fossem obtidas à força e prestadas apenas para fugir a esses impiedosos maus-tratos corporais, elas eram suficientes aos juízes, que precisavam de tais confissões para cumprir a “palavra” da lei. Presumiriam esses indivíduos medíocres realmente que com isso podiam lavar-se também perante a vontade divina? De livrar-se da acção inexorável da lei fundamental de uma reciprocidade?

Ou todas essas criaturas humanas eram escória dos mais endurecidos criminosos, que se arrogaram o direito de submeter outros a julgamento, ou fica demonstrado através disso, tão nitidamente, a estreiteza do intelecto terreno. Não pode haver um meio-termo.

Segundo as leis divinas da Criação, todo dignitário, todo juiz, indiferente de qual cargo ele exerce aqui na Terra, não deveria nunca ficar, em sua *actuação*, sob o abrigo do cargo que exerce, mas sim, sozinho e de forma puramente *pessoal, sem protecção* como qualquer outra pessoa, teria de arcar ele mesmo com a plena responsabilidade, por tudo quanto fizer em seu cargo. E não só espiritualmente, como também terrenamente. Assim cada qual tomaria as coisas muito mais a sério e com mais cuidado. E os assim chamados “erros” com toda a certeza não mais se repetirão tão facilmente, cujas consequências jamais podem ser reparadas. Sem falar dos sofrimentos físicos e anímicos das pessoas atingidas e de seus familiares.

Examinemos uma vez ainda o capítulo também pertencente a este assunto dos processos das assim chamadas “bruxas”!

Quem teve alguma vez acesso aos autos de tais processos gostaria de, corado de vergonha, desejar para si, nunca ter feito parte desta humanidade. Bastava, outrora, um ser humano possuir conhecimentos sobre plantas terapêuticas, seja mediante experiência prática ou adquirida por tradição, e com isso prestar ajuda a pessoas doentes que a solicitassem dele, então era arrastado impiedosamente a essa tortura, de que por fim só o livrava a morte na fogueira, se seu corpo não sucumbisse antes a essas crueldades.

Até mesmo a beleza corporal podia servir outrora de motivo para isso, principalmente a castidade que não se subjugava.

E então ainda as atrocidades medonhas da Inquisição! ^(*Tribunal do Santo Ofício) Relativamente poucos são os anos que nos separam desse “outrora”!

Da mesma forma que hoje reconhecemos essa injustiça, também as reconhecia outrora o povo. Pois este não estava ainda tão restringido pelo “intelecto”, nele ainda repontava aqui e acolá o sentimento, o espírito.

Não se reconhece hoje uma total estreiteza nisso tudo? Uma estupidez irresponsável?

Fala-se sobre isso com superioridade e encolher de ombros, todavia, no fundo nada se alterou aí. Ainda se conserva intacta a presunção estreita diante de tudo o que não foi compreendido! Só que em lugar dessas torturas se recorre actualmente ao sarcasmo público em tudo o que, devido à própria estreiteza, não se compreende. Que cada qual bata no peito e pense primeiro sobre isso, sem nisso se poupar. Toda a pessoa, que possui a capacidade de saber o que para os demais fica inacessível, que talvez possa ver, com os olhos de matéria fina, também o mundo de matéria fina como um fenómeno natural, o que dentro em pouco

não provocará mais dúvidas, muito menos ataques brutais, será de antemão considerada como impostora pelos heróis do intelecto, isto é, por criaturas humanas não completamente normais, e talvez também perante a justiça.

E aí daquele, que não sabe o que fazer com isso e que com a maior inocência fala dessas coisas que viu e que ouviu. Terá de sentir medo disso, como os primeiros cristãos sob o domínio de Nero com seus auxiliares sempre prontos para cometer assassinios.

Caso essa pessoa ainda possua outras faculdades, que *nunca* poderão ser compreendidas pelos pronunciados seres humanos de intelecto, então ela será implacavelmente e sem piedade perseguida, caluniada e posta à margem, se não se submeter à vontade de todos; se for possível, será tornada “inócua”, conforme se costuma expressar tão habilmente. Ninguém sente remorsos por causa disso. Um tal ser humano vale ainda hoje como caça livre de qualquer indivíduo às vezes interiormente muito pouco limpo. Quanto mais restrito um ser humano, maior também a ilusão de perspicácia e o pendor para a arrogância.

Não se aprendeu nada com esses acontecimentos dos velhos tempos, com as suas torturas e fogueiras, e ridículos autos dos processos! Pois ainda hoje qualquer pessoa pode impunemente macular e ofender o que é fora do comum e não-compreendido. Nisso não é diferente do que foi outrora.

Pior ainda do que com a justiça, foi nas inquisições criadas pela Igreja. Aqui, os gritos dos martirizados eram abafados por orações beatas. Era um escárnio em relação à vontade divina na Criação! Os representantes eclesiásticos daqueles tempos demonstravam com isso que não tinham a mínima noção do verdadeiro ensinamento de Cristo, nem da divindade e de sua vontade criadora, cujas leis repousam de modo inabalável na Criação e aí actuam, homogeneamente desde o começo até o fim dos tempos.

Deus deu ao espírito humano, em sua constituição, o livre-arbítrio da decisão. Somente *nele* é que ele pode amadurecer assim *como deve*, lapidar-se e desenvolver-se plenamente. Só aí encontra a possibilidade para tanto. Se, porém, essa vontade livre for reprimida, torna-se um obstáculo, quando não um retrocesso violento. Contudo, as igrejas cristãs, bem como muitas religiões, combatiam outrora essa determinação divina, opondo-se a ela com a maior crueldade. Queriam, por meio de torturas, e por fim pela morte, obrigar as pessoas a enveredar e seguir por caminhos, fazer confissões que eram contra suas convicções, isto é, contra *sua vontade*. Com isso, pecavam contra o mandamento divino. No entanto, não somente isso, mas impediam também as pessoas na evolução de seu espírito, e arremessaram-nas centenas de anos para trás.

Se apenas uma centelha de verdadeiro sentimento, portanto, do espírito, houvesse se manifestado nisso, então tal coisa jamais deveria e poderia ter acontecido! Somente a frieza do intelecto ocasionou assim esse procedimento desumano.

É comprovado pela história que até mesmo muitos papas mandaram trabalhar com punhal e com veneno para realizar seus desejos puramente terrenos, seus objectivos. *Isso* só se podia dar sob o domínio do intelecto, que em sua marcha triunfal *tudo* subjugava, sem se deter diante de coisa alguma. —

E acima de tudo isso pairava e paira, como factó inamovível, a vontade férrea de nosso Criador. Ao passar para o Além, cada pessoa fica despida do poder terreno e de sua protecção. Seu nome, sua posição, tudo ficou para trás. Apenas uma pobre alma humana trespassa para o Além, para aí receber, usufruir o que semeou. Não é possível sequer *uma* excepção! Seu caminho a conduz através de toda a engrenagem da incondicional reciprocidade da justiça divina. Lá não existe nenhuma Igreja, nenhum Estado, e sim apenas almas humanas individuais, que têm de prestar contas, pessoalmente, de cada um dos erros que cometeram!

Quem age contra a vontade de Deus, isto é, quem peca na Criação, fica submetido às consequências de tal transgressão. Não importa quem seja e sob que pretexto tenha sido cometido. Quer seja um ser humano individual, sob a cobertura da Igreja, da justiça... um crime contra o corpo ou contra a alma é e continua sendo crime! Isso não pode ser alterado de forma alguma, nem mesmo através de uma *aparência* de direito, que absolutamente nem sempre é o direito; pois evidentemente as leis também foram estabelecidas apenas pelos seres humanos de intelecto e, por conseguinte, têm de conter restrição terrena.

Veja-se, por exemplo, a legislação de muitos países, principalmente da América Central e do Sul. A pessoa que hoje governa e que por isso recebe todas as honrarias pode, já amanhã, ir parar em um cárcere como criminosa ou ser executada, caso seu adversário consiga apoderar-se desse governo por um golpe de força. Caso malogre, em lugar de ser *ele* proclamado regente, passará a ser considerado como criminoso e perseguido. E todas as autoridades constituídas servem de bom grado, tanto a um como a outro. Até mesmo um viajante, dando voltas ao mundo, tem muitas vezes de mudar de consciência como quem muda de roupa, quando passa de um país para outro, para poder ser considerado bom em todas as partes. O que em um país é tido como crime, no outro muitas vezes é permitido e, ainda mais, talvez até mesmo bem-visto.

Isso naturalmente só é possível nas conquistas do intelecto terreno, mas nunca onde o intelecto deve assumir seu degrau natural como instrumento do espírito vivo; pois quem

escutar o espírito jamais ignorará as leis de Deus. E onde estas forem tomadas como fundamento, lá não pode haver defeitos nem lacunas, e sim tão-só unidade, que traz consigo felicidade e paz. As manifestações do espírito em todas as partes, em suas linhas gerais, somente podem ser sempre as mesmas. Jamais se oporão umas às outras.

Também a ciência do direito, a medicina, a política, tem de permanecer officio imperfeito lá, onde somente o intellecto pode constituir a base e onde falta o espiritual. Simplesmente não é possível de outro modo. Partindo-se nesse caso, evidentemente, sempre do verdadeiro conceito de “espírito”. —

O saber é um produto, o espírito, porém, vida, cujo valor e cuja força só podem ser medidos segundo suas ligações com a origem do espiritual. Quanto mais íntima for essa ligação, tanto mais valiosa e poderosa há de ser a parte que se desprende da origem. Quanto mais enfraquecida, porém, tornar-se essa ligação, tanto mais distante, estranha, isolada e fraca tem de ser também a parte saída da origem, isto é, o respectivo ser humano.

Todas essas são evidências tão simples, que não se pode compreender como os seres humanos de intellecto, que erraram o caminho, possam passar sempre e sempre de novo como cegos por isso. Pois o que a raiz traz, recebem o tronco, a flor e o fruto! Mas também nisso se mostra essa desesperançada auto-restrição na compreensão. Penosamente construíram um muro à sua frente e agora não podem mais olhar por cima e muito menos através dele.

No entanto, a todos os espiritualmente vivos eles têm, com seu sorriso trocista e presunçoso, com seus ares de superioridade e olhar de desprezo para outros ainda não tão escravizados, de assemelhar-se às vezes a pobres tolos doentes, os quais, apesar de toda a compaixão, deve-se deixar em sua ilusão, porque o seu limite de compreensão deixa passar sem impressões mesmo os factos reais de comprovações contrárias. Todo e qualquer esforço para melhorar alguma coisa nisso deve assemelhar-se tão-só às tentativas vãs de envolver um corpo doente com um manto novo e bem vistoso, a fim de restabelecer também simultaneamente a saúde.

Já agora o materialismo está além do seu ponto culminante, e breve, falhando por toda parte, terá de desmoronar em si. Não sem nisso arrastar consigo muita coisa boa. Seus adeptos já chegaram ao fim de suas possibilidades, dentro em breve ficarão confusos em relação à sua própria obra e depois a si próprios, sem perceber o abismo que se abriu diante deles. Em pouco tempo serão qual um rebanho sem pastor, não confiando uns nos outros, cada qual seguindo seu próprio caminho e, não obstante isso, elevando-se ainda orgulhosamente por cima dos outros. Irreflectidamente, seguindo apenas o hábito anterior.

Com todos os sinais da aparência exterior de sua vacuidade eles, por fim, também tombarão às cegas no abismo. Consideram ainda como espírito, aquilo que apenas é produto de seus próprios cérebros. Como, porém, pode a matéria morta gerar espírito vivo? Em muitas coisas mostram-se orgulhosos por seu pensar exacto e, nos assuntos essenciais, sem o mínimo escrúpulo, deixam lacunas da maior irresponsabilidade.

Cada novo passo, cada tentativa de melhora, terá que trazer sempre novamente em si toda a aridez da obra do intelecto, e assim o gérmen da decadência inevitável.

Tudo quanto digo de tal natureza não é nenhuma profecia, nenhum predizer sem base, e sim a consequência inalterável da vontade criadora, que tudo vivifica, cujas leis já esclareci em minhas numerosas dissertações precedentes. Quem segue comigo em espírito os caminhos nitidamente indicados nas mesmas também tem de abranger com a vista o fim inevitável e reconhecê-lo. E todos os indícios para isso já estão aí.

Lastima-se e grita-se, vê-se com asco de que maneira as excrescências do materialismo exibem-se hoje em formas quase inacreditáveis. Implora-se e roga-se pela libertação do sofrimento, pela melhora, pela cura desse declínio ilimitado. Os poucos, que ainda puderam salvar qualquer emoção de sua vida anímica dessa tempestade de acontecimentos incríveis, que não se sufocaram espiritualmente na decadência geral que ilusoriamente traz com orgulho na testa o nome “progresso”, sentem-se como expulsos, retardatários, e também como tais são considerados e ridicularizados pelos seguidores sem alma da época moderna.

Uma coroa de louros a todos quantos tiveram a coragem de não se juntar às massas! Que altivamente se abstiveram da rampa íngreme que leva para baixo!

É um *sonâmbulo* aquele que por isso ainda se considera hoje um infeliz! *Abri os olhos!* Não vedes, pois, que tudo o que vos oprime já é o começo do repentino fim do materialismo, que actualmente só domina de maneira aparente? A construção inteira já está para ruir, sem a participação dos que sob ele sofreram e ainda terão de sofrer. A humanidade de intelecto tem agora de colher aquilo que durante milénios gerou, alimentou, criou e idolatrou.

Para o cálculo humano, um longo período, para as mós automáticas de Deus na Criação, um breve lapso de tempo. Para onde vós olhardes, em toda parte surge o falhar. Ele flutua recuando e represa-se ameaçadoramente, elevando-se como um pesado dique para, em breve, precipitando-se e desmoronando, soterrar fundo os seus adoradores em baixo de si. Trata-se da lei inexorável da reciprocidade, que tem de mostrar-se de modo terrível nesse desencadeamento, porque durante milénios, apesar de múltiplas experiências, nunca houve

uma alteração para algo mais elevado, e sim, pelo contrário, foi alargado ainda mais o mesmo caminho errado.

Desalentados, o tempo é chegado! Levantai a fronte, que tantas vezes tivestes de baixar cheios de vergonha, quando a injustiça e a estupidez puderam vos infligir sofrimento tão profundo. Encarai hoje calmamente o adversário, que dessa maneira quis subjugar-vos!

A veste pomposa de até agora já está bem estraçalhada. Através de todos os seus buracos já se vê finalmente a figura em sua forma verdadeira. Inseguro, mas nem por isso menos arrogante, o fatigado produto do cérebro humano, o intelecto, que se deixou elevar a espírito, olha dela para fora... sem compreender!

Tirai sossegadamente a venda e olhai mais nitidamente ao redor de vós. Já um relance em alguns bons jornais transmite a um olhar claro toda uma série de coisas. Vê-se um esforço obstinado para se agarrar ainda a toda a velha aparência. Procura-se, com arrogância e não raro com sarcasmos grosseiros, encobrir toda essa incompreensão que cada vez se mostra mais nitidamente. Muitas vezes uma pessoa quer, empregando expressões insípidas, julgar algo do que, na realidade, não possui evidentemente sequer um vislumbre de compreensão. Até mesmo pessoas com qualidades muito boas debandam hoje desamparadas para caminhos pouco limpos, somente para não terem de confessar que muitas coisas ultrapassam a capacidade de compreensão de seu próprio intelecto, sobre o qual unicamente queriam apoiar-se até agora. Não percebem o ridículo do procedimento, não vêem os pontos fracos que dessa maneira só ajudam a aumentar. Confusos, ofuscados, encontrar-se-ão em breve diante da Verdade e, entristecidos, lançarão um olhar sobre sua vida fracassada, nisso reconhecendo finalmente, envergonhados, que havia estupidez exactamente lá, onde se tinham como sábios.

Até que ponto já se chegou hoje? *O ser humano musculoso é trunfo!* Acaso um pesquisador sério, que em luta durante decénios descobriu um soro que anualmente presenteou centenas de milhares de pessoas, adultos e menores, com protecção e também ajuda contra os perigos de doenças fatais, pôde festejar tamanhos triunfos como um boxeador, que vence seu adversário com rude brutalidade puramente terrena? Ou como um aviador que, com um pouco de coragem, não mais do que cada combatente tinha que ter no campo de batalha, executa um importante voo, graças à sua excelente máquina? É considerado quase um acontecimento político. Acaso uma única *alma* humana tem algum proveito com isso? Só terrenal, completamente terrenal, isto é, *inferior* em toda a obra da Criação! Correspondendo inteiramente ao bezerro de ouro da actividade do intelecto. Como triunfo desse príncipe fictício de barro, tão preso à Terra, sobre a restrita humanidade! — —

E ninguém vê esse deslizar vertiginoso rumo ao abismo horrendo!

Quem intui isso mantém-se por enquanto ainda em silêncio, com a consciência vergonhosa, de que seria ridicularizado se falasse. Trata-se já de uma confusão absurda, onde, no entanto, desponta o reconhecimento da incapacidade. E com o pressentir *do* reconhecimento, tudo se revolta mais ainda, já por teimosia, por vaidade, e não por último pelo temor e pelo pavor do que há de sobrevir. Não se *quer* por nenhum preço já pensar no fim desse grande erro! Torna-se um agarrar obstinado à orgulhosa construção dos milénios passados, que se assemelha em tudo à construção da torre de Babel e que também acabará identicamente!

O materialismo, até agora não perturbado, traz em si o pressentimento da morte que, a cada mês, torna-se mais evidente. —

Nas inúmeras almas, porém, isso se faz sentir, por toda parte, na Terra inteira! Sobre o brilho da Verdade só resta ainda uma ténue camada das concepções velhas e falsas que o primeiro golpe de vento purificador sopra para longe, de modo a assim libertar o núcleo, cujo luzir se ligará a tantos outros, para ostentar sua auréola radiante que se eleva como uma chama de agradecimento em direcção ao reino da luminosa alegria, aos pés do Criador.

Esta será a época do tão almejado Reino do Milénio, que está diante de nós como grande estrela da esperança em radiante promessa!

Com isso, estará remido finalmente o grande *pecado* da humanidade inteira *contra o espírito*, que o deixou preso à Terra por meio do intelecto! Somente *esse* é então o caminho certo para a volta ao natural, o caminho da vontade do Criador, que quer que as obras dos seres humanos sejam grandes e perfluídas por intuições vivas! A vitória do espírito será simultaneamente também a vitória do mais puro amor!

81. Pai, perdoai-lhes; pois não sabem o que fazem!

Quem não conhece estas palavras tão significativas, que Jesus de Nazaré pronunciou quando pendia na cruz. Uma das maiores intercessões que alguma vez foram pronunciadas. De modo nítido e claro. Todavia, permaneceu-se durante dois milénios diante destas palavras sem compreendê-las. Foram interpretadas *unilateralmente*. Apenas *naquela* direcção, que parecia agradável aos seres humanos. Não houve um sequer que levantasse sua voz em prol do verdadeiro sentido e o bradasse com toda a clareza à humanidade, principalmente aos cristãos!

Contudo, não apenas isso. *Todos* os acontecimentos abaladores na vida terrena do Filho de Deus, devido à unilateralidade na transmissão, foram colocados sob uma luz errada. Isso, contudo, são erros que não somente o cristianismo apresenta, mas se encontram em *cada* religião.

Quando discípulos colocam o puramente pessoal do professor e mestre acima de tudo e bem em evidência, então, isso é compreensível, principalmente quando esse mestre é arrancado de modo tão brutal e repentino de seu meio, para então ser exposto, na mais completa inocência, ao mais penoso sofrimento, ao mesmo tempo ao mais grosseiro escárnio e, por fim, à mais dolorosa morte por martírio.

Tal coisa se grava profundamente nas almas daqueles que puderam conhecer o seu professor da maneira mais ideal na convivência em comum, e faz com que aquilo que é pessoal se coloque então à frente de todas as recordações. Algo assim é absolutamente natural. Mas a sagrada *missão* do Filho de Deus foi a sua *Palavra*, foi trazer a Verdade das alturas luminosas, a fim de assim mostrar à humanidade seu caminho para a Luz, que até então lhe esteve vedado, porque seu estado espiritual, em seu desenvolvimento, não lhe possibilitava antes *seguir* aquele caminho!

O sofrimento infligido pela humanidade a esse grande portador da Verdade fica aí completamente à parte!

No entanto, o que era bastante compreensível e natural para os discípulos, resultou em muitos e grandes erros na religião posterior. A *objectividade* da mensagem de Deus ficou bem em segundo plano diante do culto da pessoa do portador da Verdade, o que Cristo jamais quis.

Por tal motivo, patenteiam-se agora falhas no cristianismo, que levam ao perigo de um descalabro, se os erros não forem reconhecidos a tempo e, em confissão aberta, corrigidos corajosamente.

Não é de se esperar de modo diferente, senão que o menor progresso sério terá de tornar visíveis tais lacunas. Então, incontestavelmente, é melhor não se desviar delas, mas atacá-las corajosamente! Por que a purificação não haveria de partir da própria liderança, de modo vigoroso e alegre, com o olhar aberto para a grande divindade! Agradecidos, grandes grupos da humanidade, como que libertados de uma opressão até agora talvez pressentida, porém nunca reconhecida, seguiriam o chamado que os conduz à Luz de jubilosa convicção! —

Ao seguir os hábitos *daquelas* pessoas, que se sujeitam às cegas ao domínio ilimitado de seu próprio intelecto e estreitam com isso fortemente a sua faculdade de compreensão, deu-se à vida terrena de Cristo valor igual ao da sua missão. Nisso, interessaram-se por questões de família e por todos os acontecimentos terrenos, até mais ainda do que pela finalidade essencial de sua vinda, que consistia em dar aos espíritos humanos amadurecidos esclarecimento sobre todo fenómeno *real* na Criação, onde, exclusivamente, encontram a vontade de Deus, que nela foi entretecida e, com isso, para eles garantida.

O trazer dessa Verdade até então desconhecida, *unicamente*, tornou necessária a vinda de Cristo à Terra. Nada mais. Pois sem reconhecer correctamente a vontade de Deus na Criação, ser humano algum consegue encontrar o caminho para a escalada ao reino luminoso, muito menos ainda segui-lo.

Ao invés de aceitar este facto simplesmente como tal, de se aprofundar na *mensagem* e de *viver* de acordo com ela, conforme repetida e insistentemente exigia o portador da Verdade, os fundadores da religião cristã e igrejas criaram como o principal dos fundamentos um culto *pessoal* que os obrigou a fazer dos sofrimentos de Cristo algo muito diferente do que foi na realidade.

Precisavam disso para esse culto! Daí resultou, por fim, mui naturalmente em sua evolução, um erro grave após outro, que não deixava reconhecer correctamente o *caminho certo*.

Somente a estruturação errada, por *falta de objectividade*, acarretou a deturpação de todo o acontecer. A naturalidade puramente objectiva teve, sim, de sucumbir no momento em que o culto principal tornou-se estritamente pessoal! Nisso surgiu o impulso de ancorar uma missão

do Filho de Deus principalmente na *vida terrena*. Sim, na realidade, resulta uma necessidade para isso.

No entanto, que assim se procede *erradamente*, o próprio Cristo provou em todo o seu modo de ser. Mais de uma vez repeliu clara e incisivamente o pessoal em relação a ele. Sempre indicava para Deus-Pai, cuja vontade cumpria e em cuja força se encontrava e agia, em cada palavra e em cada acção. Ele explicava como, de agora por diante, os seres humanos deveriam aprender a olhar para *Deus-Pai*, mas nunca se referiu aí a si próprio.

Uma vez que nisso não se obedecia às suas palavras, não podia, finalmente, deixar de acontecer que se passasse a considerar o *sofrimento terreno* de Cristo como sendo *necessário* e desejado por Deus, até o rotulasse de missão principal de sua *vinda* à Terra! Segundo a concepção oriunda disso, ele veio das alturas luminosas apenas para sofrer aqui na Terra!

Como ele próprio não se carregara com *uma culpa sequer*, ficou como justificativa novamente apenas o único caminho: tinham de ser então os pecados alheios, que colocara sobre si, a fim de expiá-los por eles!

O que restava, então, senão continuar a construir *dessa maneira* sobre a base colocada.

Força nutridora e solo adequado deram então ainda a supervalorização íntima, já não mais tão desconhecida, e da qual a humanidade inteira padece. A consequência daquele grande pecado original, que fora dirigido contra o espírito, e que já repetidas vezes expliquei minuciosamente. Ao valorizar seu intelecto demasiadamente alto, o homem se preocupa apenas com ele mesmo e não com seu Deus, para o Qual ele assim destruiu todas as pontes. Apenas poucos possuem ainda, aqui e acolá, pequenas pontes precárias para o espiritual, as quais, porém, também só podem deixar pressentir bem pouco, mas *nunca saber*.

Por isso ninguém chegou ao pensamento correto e natural *de separar totalmente da mensagem de Deus o sofrimento terreno de Cristo, como acontecimento à parte*. De reconhecer todas as hostilidades, perseguições e torturas como os graves, mais brutais crimes, que realmente foram. É um novo e grande agravo enaltecê-los como necessidade!

Mui certamente esses sofrimentos e a morte torturante na cruz merecem luz irradiante da mais sublime glória, porque o Filho de Deus não se deixou apavorar diante tão sinistra acolhida pelos seres humanos ávidos por domínio e vingativos, o que, após o pecado original, era de se esperar, mas, apesar disso, por causa dos poucos bons, trouxe sua tão necessária mensagem da Verdade à Terra.

O acto é de se avaliar tanto mais elevado, porque realmente se trata apenas de uma pequena parte da humanidade que deseja se salvar dessa maneira.

No entanto, é novo ultraje contra Deus, quando os crimes de outrora dessa humanidade devem ser tão atenuados por meio de falsas pressuposições, como se as criaturas humanas aí tivessem sido apenas os instrumentos para uma realização necessária.

Devido a essa incorrecção surge, por parte de muitas pessoas *que pensam*, a incerteza com relação às consequências do procedimento de Judas Iscariotes! Com toda a razão. Pois se a morte de Cristo na cruz era a necessidade para a humanidade, então Judas, com a traição, serviu de instrumento indispensável para isso, por conseguinte, não deveria, na realidade, estar sujeito à punição no sentido espiritual por isso. Mas a verdade sobre o acontecimento real afasta todas essas discórdias, cujo aparecimento justificado somente resulta na comprovação de que a acepção até agora mantida tem de estar realmente errada. Pois onde existe o *certo*, não há lugar para tais questões não esclarecidas, pelo contrário, o fenómeno completamente natural pode ser tomado em consideração por *qualquer* lado, sem deparar aí com nenhum obstáculo.

Deve-se, finalmente, ter agora a coragem de reconhecer nesse enaltecimento a covardia mantida acobertada apenas pela astúcia do intelecto preso à Terra, do maior inimigo de tudo aquilo que pode se elevar *acima* dele, conforme sempre se observa nitidamente em qualquer sujeito inferior. Ou como presunção disfarçada, que se origina da mesma fonte! É, pois, agradável poder imaginar ser avaliado tão precioso, que uma divindade, lutando para tanto, tome a si todos os sofrimentos, apenas para poder oferecer então ao homúnculo um lugar de honra no divino reino da alegria!

Na *realidade* essa é a acepção fundamental, dita de forma nua e crua! Não tem outro aspecto, tão logo se arranque com mão firme as lantejoulas daquelas formas!

Que tal acepção possa originar-se somente da mais restrita limitação de compreensão a respeito de todos os fenómenos extraterrenos, certamente nem preciso ainda mencionar. É sempre de novo uma das graves consequências da glorificação do intelecto terreno, que impede toda a visão livre e ampla. Depois do pecado original, a adoração desse ídolo intelecto aumentou mui naturalmente de modo constante, até se desenvolver, pois, no anticristo terrenalmente poderoso ou, falando mais claramente ainda, em tudo quanto é *anti-espiritual*! Isso, pois, hoje é nitidamente reconhecível, para onde quer que se olhe. Para tanto, não se necessita mais de uma visão apurada.

E visto que *unicamente* o espiritual pode proporcionar a ponte para a aproximação e para a compreensão de tudo quanto é divinal, então, a concessão da soberania ao intelecto terreno, à qual todas as ciências hoje se confessam orgulhosamente, nada mais é do que a *declaração aberta de luta contra Deus!*

Contudo, não somente as ciências, mas sim a *humanidade inteira* movimenta-se hoje sob esse signo! ^(*área de influência) Mesmo cada um, que se denomina sério perscrutador, traz consigo esse veneno.

Por essa razão, não é antinatural que também a Igreja deva conter em si muito disso. Eis por que se imiscuiu tanta coisa na reprodução e nas interpretações de todas as palavras do Salvador, facto que tem sua origem unicamente na astúcia terrena do intelecto!

Essa é também a serpente que sempre de novo tenta o ser humano, da qual adverte a narração da Bíblia! Unicamente essa serpente da astúcia do intelecto coloca cada ser humano diante a decisão enganadora: “*Teria Deus dito...?*”

Tão logo fique entregue a ela, portanto, ao intelecto exclusivamente, qualquer decisão, ela escolherá sempre, como também é indicado de modo acertado na Bíblia, o que é *hostil* a Deus ou *afastado* de Deus, o puramente terrenal, o muito inferior, ao qual o próprio intelecto pertence, como flor deste. Por isso, ele não consegue compreender o que é mais elevado.

O ser humano recebeu o intelecto a fim de que este lhe *dê*, para cada vida *terrena*, em *direcção para baixo*, um *contrapeso* para o *puro espiritual* que aspira para cima, com a finalidade de que o ser humano na Terra não paire somente em alturas espirituais, e esqueça com isso a sua missão terrenal. O intelecto deve também lhe servir para facilitar e para tornar mais cómoda toda a vida terrena. Antes de tudo, porém, para transferir o forte impulso pelo que é elevado, puro e perfeito, que reside no espírito *como sua constituição mais intrínseca*, para o restrito âmbito terrenal, e levá-lo à efectivação terrenalmente visível na matéria. Actuando como ajudante do espírito vivo, como seu criado! Não como quem decide, nem como quem tudo dirige. Deve auxiliar a criar possibilidades terrenas, portanto, materiais, para a concretização do impulso espiritual. Deve ser o instrumento e o servo do espírito.

Se, no entanto, for-lhe permitido decidir *sozinho*, como acontece actualmente, então não continua mais apenas como contrapeso, não mais como auxiliador, mas coloca no prato da balança de cada decisão *somente o seu próprio peso*, e esse terá mui naturalmente como consequência *apenas o afundar*, porque ele puxa para baixo. Outra coisa aí não pode suceder, uma vez que pertence à materialidade e a ela permanece fortemente atado, ao passo que o

espiritual vem de cima. Ao invés de, então, auxiliando, ainda estender a mão para o espiritual, de modo a robustecer-se e engrandecer-se, repele a mão mais forte estendida para ele do espiritual e descarta-a tão logo tudo lhe seja entregue. Ele nem pode de outro modo, age aí apenas segundo as leis de sua própria constituição.

Mas, note-se bem, o intelecto terreno só é inimigo do espírito *quando* for colocado *acima* deste! Não antes. No entanto, se estiver *sob* o domínio do espírito, conforme está disposto por natureza, segundo a vontade do Criador, então ele permanece um criado fiel, que se pode *apreciar* como tal. Se, porém, é-lhe dado, em oposição às leis naturais, um lugar de regente, ao qual não tem direito, então ele oprime, como consequência imediata, tudo o que possa perturbá-lo, a fim de manter-se no trono emprestado. Fecha automaticamente os portais que, permanecendo abertos, deveriam lançar luz sobre suas deficiências e sua grande limitação.

Um retrato *daqueles* actos das pessoas que, em condições de vida ordenadas e sob boa condução, sentem crescer suas capacitações, superavaliam-nas e, na queda então, devido à incapacidade para algo mais elevado, lançam um povo à miséria e à calamidade. Assim como estas jamais podem chegar a um compreender, e procuram lançar sempre toda a culpa da própria incapacidade somente sobre o passado, perante si mesmas e perante os outros, tampouco o intelecto humano reconhecerá que jamais pode actuar no lugar do espírito superior, sem provocar os mais graves danos e, por fim, a ruína. Em tudo é sempre o mesmo quadro, idêntico acontecer em eterna repetição.

Reflicta o ser humano apenas uma vez de modo sereno e claro a respeito desse fenómeno. Tudo se lhe tornará logo compreensível, devendo parecer também como o mais útil.

Essa circunstância fechou também para os fundadores de igrejas e religiões a cortina sobre a tão grande simplicidade da Verdade divina, estendeu um véu sobre cada possibilidade de uma compreensão acertada.

A humanidade não podia sobrecarregar-se com coisa mais terrível do que com esta restrição voluntária, a incapacidade de compreensão de tudo aquilo que se situa além do terreno, portanto, da parte muito maior de todos os fenómenos. Isso, porém, situa-se literalmente *acima* de seu horizonte tão restrito.

Lute, pois, uma pessoa contra essa impenetrabilidade do muro. Logo terá de reconhecer como se confirma a palavra do poeta, que contra a estupidez mesmo deuses lutariam *em vão!*

Esse muro resistente só pode ser rompido de dentro para fora pelo próprio ser humano individual, por ter sido construído a partir de dentro. *Mas não querem!*

Por isso o falhar está hoje em toda parte. Para onde quer que se olhe, há um quadro da mais desoladora confusão e de muita miséria!

E, em cima do monte de escombros, encontra-se vazio, presunçoso, orgulhoso, o causador da confusão tremenda... o “homem moderno”, conforme ele próprio costuma denominar-se de preferência. O “progressista”, que na realidade regrediu constantemente! Exigindo admiração, autodenomina-se também ainda de “mero materialista”. —

Dói a cabeça, um asco brota, quando se co-vivencia tudo isso, quando se vê afundar junto tanta coisa boa que, em ambiente apropriado, teria prosperado, quando se vê tantos outros sofrerem por causa disso, e fervorosamente forma-se a oração: “Dê *Tu* um fim nisso, Senhor! *Nós* não o podemos!”

Acrescentam-se ainda a tudo isso as inúmeras cisões, o sempre crescente ódio mútuo, apesar da uniformidade da escravidão voluntária! Nem o empregador nem os empregados têm culpa disso, nem o capital nem a sua falta, nem a Igreja nem o Estado, nem as diferentes nações, mas tão-somente a sintonização errada das pessoas, individualmente, fez com que tudo chegasse a tanto!

Até mesmo os assim chamados perscrutadores da Verdade raramente se encontram agora no caminho certo. Nove décimos deles tornam-se meros fariseus, que olham criticando de modo arrogante os seus semelhantes, combatendo-se aí ainda com afínco. Tudo está errado! Terá de vir primeiro ainda a inevitável consumação de um fim terrível, antes que alguns ainda possam despertar desse sono.

A volta ainda é possível. A cada um! Mas em breve virá, finalmente, o “tarde demais” para sempre, contrário a todas as esperanças de tantos fiéis, que cultivam as interpretações errôneas de que há necessidade, sim, de um período mais ou menos longo para a indispensável purificação, dependendo do próprio ser humano, todavia, que por fim seu caminho tem que conduzir, pois, novamente rumo à Luz, à alegria eterna, à felicidade da proximidade divina!

Esse pensamento é um consolo agradável, contudo, incorrecto, não correspondendo à Verdade. —

Observemos mais uma vez com calma e lucidez, contudo, em traços largos, o grande processo evolutivo da Criação e das criaturas humanas, que a ela pertencem. Prestai atenção exactamente à *lei primordial da igual espécie*, que frequentemente tenho explicado, incluindo tudo quanto ela encerra de imutáveis e indispensáveis consequências no acontecimento:

A materialidade, qual um grande campo, segue no gigantesco circular orbital na orla *mais baixa* da Criação toda, como a parte mais pesada. Desde a semente primordial, em constante movimento, desenvolvendo-se continuamente, cada vez mais se congregando, formando até os astros a nós visíveis, aos quais pertence esta Terra. Portanto, amadurecendo até a máxima florescência e frutificação, que corresponde ao nosso tempo, para então, na supermaturação vindoura, completamente por si só, segundo as leis da Criação, decompor-se novamente, dissolver-se na semente primordial que, prosseguindo, recebe continuamente a oportunidade de ligar-se e formar-se novamente. —

Assim o quadro global, serenamente observado de cima.

A materialidade em si nada mais é do que a matéria, que serve para o formar, para invólucros, e que somente chega à vida, quando o enteal não-material, que paira *acima* dela, perpassa-a e então, através da ligação, incandesce-a.

A ligação dessa matéria com o enteal não-material forma uma base para o desenvolvimento contínuo. Do enteal formam-se também todas as almas de animais.

Acima dessas duas divisões básicas, do material e também do enteal, encontra-se ainda, como divisão mais elevada da Criação, o *espiritual*. É uma constituição por si, conforme os meus leitores já sabem. Desse espiritual partem as sementes que desejam se constituir nos espíritos humanos auto-conscientes.

Somente no campo de cultivo da materialidade é que tal semente do espírito consegue amadurecer, para tornar-se um espírito humano auto-consciente, igual ao grão de trigo que no campo de cultivo transforma-se em uma espiga madura.

Sua penetração no campo de cultivo material, porém, só é possível quando este tiver atingido certo grau de desenvolvimento, que corresponde à constituição do espiritual, que está situado no ponto mais elevado de toda a Criação.

É *aquela* época em que a Criação produz o corpo animal desenvolvido ao máximo, no qual um maior desenvolvimento através da alma animal proveniente do enteal não é mais possível.

Uma pequena cópia, uma repetição desse grande fenómeno universal, por exemplo, constitui mais tarde, sempre de novo, também o nascimento terreno da alma humana, da mesma forma, aliás, que em um ser humano, como coroa da Criação, portanto, como a criatura mais elevada criada, reflecte-se todo o fenómeno universal. Uma alma humana também só pode penetrar no corpo infantil em formação no ventre materno quando esse corpo tiver atingido uma bem determinada maturidade. Antes, não. Só o indispensável estado de maturidade abre à alma o caminho para a penetração. Esse momento encontra-se *no meio* de uma gestação.

Assim, igualmente, no grande fenómeno universal, a época do desenvolvimento máximo do corpo animal também ocorre no meio, isto é, na metade do circular orbital de toda a materialidade! O leitor preste bem atenção nisso.

Uma vez que nesse ponto o *enteal* da alma animal tinha outrora atingido o *máximo* no desenvolvimento do corpo da materialidade, ele abriu automaticamente nessa circunstância, então, o caminho para a penetração do *espiritual*, situado *acima dele!*

Sendo a mais baixa de suas espécies espirituais, o germe espiritual, por sua vez, só poderia entrar na obra-prima máxima do enteal situado abaixo dela, portanto, no corpo animal desenvolvido ao máximo por este.

Nesse penetrar, por sua constituição superior, toma naturalmente logo nas mãos a direcção de tudo, e pode então conduzir o corpo por ela habitado, bem como todo o seu ambiente terreno, ainda a um desenvolvimento contínuo, o que o enteal não teria conseguido. Com isso se desenvolve, de modo totalmente natural, simultaneamente também o espiritual.

Assim o breve quadro de todos os fenómenos *na* Criação, cujas minúcias exactas ainda darei em dissertações posteriores, até em todas as mínimas partes.

Nós pertencemos à *primeira de todas as partes* desse círculo de materialidade, encontramos-nos como os primeiros no primeiro plano na ponta de seu circular. Antes de nós, nada houve de espécie semelhante, porém, depois de nós, será eterno.

Portanto, a parte, à qual também nós pertencemos, passa, antes de todas as demais, por todos os acontecimentos pela primeira vez. É por isso, também, que a Terra tem um papel especialmente importante, porque nela, como corpo celeste grosso material mais maduro, têm de se efectuar todos os acontecimentos universais incisivos.

Não é, portanto, ainda nenhuma repetição o que agora vivenciamos, e o que ainda está diante de nós. Nem, por acaso, algo já ocorrido nos acontecimentos universais! —

Voltemos à primeira entrada dos germens de espíritos humanos nesta materialidade, portanto, na metade do circular orbital da materialidade. Os animais de outrora, desenvolvidos ao máximo, que hoje são erroneamente denominados como seres humanos primitivos, extinguiram-se. Deles, apenas foram conduzidos ao aprimoramento *aqueles* corpos, nos quais haviam penetrado *germens espirituais*, em lugar das almas enteais de animais. Os germens espirituais amadureceram neles em múltiplas vivências, elevaram o corpo animal até o corpo humano agora por nós conhecido, dividiram-se em raças e povos. — O grande pecado original havia ficado para trás. Foi a primeira acção de decisão espontânea depois da auto-consciencialização dos germens espirituais, consistiu em colocar o intelecto *acima* do espírito, e deixou crescer o pecado hereditário de graves consequências, que mui rapidamente produziu os frutos ocos do domínio do intelecto, de modo nítido e facilmente reconhecível. O pecado hereditário é também o cérebro unilateralmente desenvolvido, devido à actividade unilateral do intelecto, que como tal se transmite constantemente por hereditariedade. Já muitas vezes me referi a esse facto, ^{*(Dissertação Nº 9: Pecado hereditário)} e com o tempo ainda falarei disso muito mais minuciosamente. Certamente, também ainda haverá pessoas que, mediante a direcção assim indicada, poderão cooperar alegremente nessa grande obra de esclarecimento.

Incessantemente o circular orbital seguiu seu percurso. A humanidade, porém, desviando-se, ocasionou paralisação e confusão no progresso necessário. No meio desta confusão, o povo judeu caiu sob o conhecido pesado flagelo dos egípcios. A aflição e o forte anseio pela libertação permitiram que as almas amadurecessem mais rapidamente. Por essa razão, eles tomaram espiritualmente a dianteira de todos os outros, porque, devido a essa forte comoção de intuições livres de conotação sexual, olharam de maneira certa, antes de tudo, para dentro de si mesmos e também para as almas de seus opressores! Depois de intuírem com clareza que tudo quanto é terrenal e mesmo a mais aguçada inteligência do intelecto não podiam mais ajudar, com o que reconheceram igualmente o vazio de suas almas, o olho espiritual aprendeu a ver com mais nitidez, e lentamente surgiu por fim um conceito da divindade, propriamente, mais verdadeiro e elevado do que até então o tinham tido. E as orações perpassadas pela dor elevaram-se novamente com mais intensidade às alturas.

Por esse motivo, o povo judeu pôde tornar-se o povo convocado, aquele que se encontrava espiritualmente na dianteira dos demais, por haver tido uma concepção, a mais pura até então, do conceito da divindade. Tanto quanto era possível naquele tempo, dado o grau de maturidade da alma humana.

Por favor não confunda maturidade espiritual com saber aprendido, mas você deve sempre lembrar-se que *cheio de espírito* equivale a *cheio de alma*!

A máxima maturidade espiritual de outrora dos judeus, pois, capacitava-os também a receber por intermédio de Moisés uma vontade clara de Deus sob a forma de leis, que significavam o maior tesouro para o desenvolvimento contínuo, proporcionando o melhor e o mais forte apoio.

Como o fenómeno universal, de maneira bem natural, somente se concentrará sempre no lugar de maior maturação, assim ele se centralizou outrora, pouco a pouco, nesse povo humano judeu que espiritualmente amadurecia cada vez mais. —

Mas aqui, por sua vez, o fenómeno universal não deve ser confundido com a história mundial terrena, que se acha muito distante do fenómeno universal propriamente, e que reproduz, na maioria das vezes, apenas os efeitos do *livre-arbítrio* do espírito humano, tantas vezes aplicado erradamente, e o qual sempre lança somente muitas pedras no verdadeiro fenómeno e gera com isso muitas vezes torções transitórias e confusões terrenas.

O povo judeu achava-se, naquele tempo, na dianteira dos demais em seu culto religioso e em sua concepção, com isso, também mais próximo da Verdade.

A consequência lógica disso foi que, reciprocamente, a anunciação de uma encarnação proveniente da Luz também tinha de vir somente por esse caminho, o qual, por ser o mais certo, podia chegar até a proximidade mais imediata. Os outros caminhos, devido à sua maior distância da Verdade, não podiam estar livres para tais possibilidades, porque se perderam em erros.

Por sua vez, segundo a lei da igual espécie, absolutamente indispensável para um actuar, nem era possível de outra maneira, senão que um portador da Verdade, proveniente da Luz, na sua encarnação, somente pudesse seguir *aquele* caminho, que se encontra absolutamente mais próximo dessa Verdade, que vem o máximo ao encontro dela em sua semelhança. Somente isso dá um apoio indispensável, atrai, ao passo que as concepções falsas repelem e fecham sistematicamente um caminho para a penetração e a vinda proveniente da Luz.

A lei da reciprocidade e a da igual espécie têm de chegar, também aqui, necessariamente ao pleno valor. As leis primordiais abrem ou fecham um caminho em seus efeitos uniformes e imutáveis.

A circunstância fornece, ao mesmo tempo, naturalmente, a comprovação para o facto de que o povo, no qual Cristo foi encarnado, como o grande portador da Verdade, tinha que ter a visão mais pura do divino e de sua actuação, que, portanto, todas as demais religiões existentes naquela época *não* chegaram tão perto da Verdade. O budismo, por exemplo, *não* esteve e *não* está, por conseguinte, tão perto da Verdade, mas engana-se em muitas coisas. Pois as leis na Criação não mentem. Em uma calma reflexão, cada um deve, por isso, chegar ao caminho certo, sendo logo tirado de sua hesitação. —

Quando, porém, nesse ínterim, também entre os judeus iniciou-se de novo o domínio do intelecto na religião e criou ambição ignóbil, auxiliou então novamente o pesado punho dos romanos, para que permanecesse ainda um pequeno grupo em legítimo reconhecimento, a fim de que o Verbo pudesse ser cumprido.

Os meus ouvintes devem se esforçar em ocupar-se uma vez de modo mais profundo e abrangente com o efeito das leis da necessária igual espécie para a actuação, bem como o da reciprocidade e da gravidade, imaginá-lo em todas as direcções, procurar nelas todas as minuciosidades. Logo reconhecerão nisso o que mantém e abrange tudo, bem como o que é vivo. Equipados com essas chaves, orientar-se-ão rapidamente em qualquer acontecimento. Eles devem perceber que é realmente a chave universal, com a qual podem abrir qualquer portal. Não através de fantasia e mística desnecessárias, mas com o olhar claro do reconhecimento sem lacunas. —

Da mesma forma que um germen espiritual, em sua espécie ainda não desenvolvida, porém, sempre mais elevada, só pode penetrar em uma parte do Universo que se encontra em condições adequadas, jamais, porém, em uma por demais imatura para isso, tampouco em uma demasiadamente madura para tanto, como o é hoje nossa parte do Universo, onde só podem viver ainda almas que já tenham se encarnado várias vezes, diferente não é o acontecimento na encarnação de um portador da Verdade, proveniente da Luz. Sua vinda só pode ocorrer na parte da humanidade mais amadurecida para isso. As condições de todas as leis tinham de ser cumpridas *da forma mais severa* no caso do emissário proveniente do *divinal*. Só poderia ter sido encarnado, portanto, *naquelas* concepções que se aproximassem ao máximo da Verdade.

Assim como o gérmen espiritual *só* pode penetrar na materialidade depois que o enteal tiver chegado ao seu ponto supremo no actuar, onde sem o penetrar do gérmen espiritual tem de ocorrer uma estagnação e com isso um retrocesso, da mesma forma foi atingido, antes da vinda de Cristo, um ponto aqui na matéria em que o espiritual, na *perdição* devido ao pecado hereditário, *não podia progredir mais!* O livre-arbítrio que reside no espiritual, ao invés de favorecer tudo quanto existe, havia *impedido* o desenvolvimento em direcção ao alto, desejado na Criação, dirigiu todas as suas faculdades, mediante soerguimento do intelecto, *unilateralmente* só para o que é material. Este era um momento de maior perigo!

O enteal, *sem* a posse do livre-arbítrio, havia realizado mui naturalmente o desenvolvimento da Criação, portanto, *com acerto*, segundo a divina vontade do Criador. O espiritual, no entanto, *com* o seu livre-arbítrio, tornara-se incapaz para isso pelo pecado original, trouxe somente confusão e retardo no desenvolvimento contínuo da matéria. A utilização errada do poder a ele concedido para dirigir a força criadora divina, como indispensável progresso na materialidade amadurecida, teve até de levar à *queda*, ao invés de ao desenvolvimento máximo. Através do pecado original, o espírito humano retardou de modo violento toda *verdadeira* evolução progressiva; pois conquistas técnicas terrenas não são propriamente um progresso no sentido do fenómeno universal desejado por Deus! *Por isso, fez-se necessário o auxílio mais urgente, a intervenção do próprio Criador!*

Cada século seguinte teria aumentado o mal de tal modo, que uma possibilidade de caminho para auxílio divino ficava com o tempo totalmente excluída, uma vez que o domínio do intelecto teria interceptado, pouco a pouco, totalmente qualquer compreensão de tudo o que é realmente espiritual e, ainda mais, do que é divinal. Teria faltado então qualquer base de ancoragem para uma encarnação vinda da Luz!

Por isso, tinha que se agir rapidamente, porque ainda não havia chegado o tempo do Filho do Homem, o qual, naquela época, já se encontrava no desenvolvimento para sua missão.

Devido a essa urgência, originou-se o grande mistério divino, que Deus, em prol da Criação, fez o sacrifício de mandar à Terra uma parte da divindade, a fim de trazer Luz aos que se perderam!

Esta vinda de Cristo ainda não estava prevista no começo!

Somente a utilização errada do livre-arbítrio pela humanidade no pecado original e suas consequências tornaram necessária a intervenção divina, contrária à Sua vontade original! O

enteal na matéria tinha *cumprido* sua missão na evolução da Criação, o *espiritual* mais elevado, porém, *falhou* totalmente através dos seres humanos! Pior ainda até; pois utilizou a força de resolução a ele concedida directamente em sentido contrário, e tornou-se com isso *hostil* à vontade divina, com a Sua própria força, entregue ao espiritual para utilização. Quão grande é a culpa, o próprio ser humano pode imaginar.

O nascimento de Cristo *não* foi, portanto, cumprimento das promessas e revelações que prometeu aos espíritos humanos, como presente de Deus, o eterno mediador! Mas foi um *acto de emergência* divino para toda a Criação, que estava sob a ameaça de ser minada pelo espírito humano em perdição.

Isso acarreta também que a parte divina, outrora encarnada em Jesus de Nazaré, tenha de reingressar completamente para o Pai, para o divino, conforme o próprio Cristo tantas vezes acentuou. Tem de se tornar novamente um só com Ele. Esse facto comprova também que ele não pode ser o prometido mediador eterno entre Deus e a Criação, não o Filho do Homem, para isso prometido!

Este é o último progresso para a Criação, ele é, desde sempre, previsto somente para o final da primeira parte da materialidade, quando então a Criação deve movimentar-se de acordo, com o Filho do Homem na vanguarda como eterno mediador, o qual, com isso, é e permanecerá simultaneamente o *servo* mais elevado de Deus. Cristo, o Filho de Deus, foi uma parte do divino e, por isso, tinha de reintegrar-se totalmente no divino. O Filho do Homem é o servo executante de Deus, que é enviado do divino, porém, que nunca mais poderá reintegrar-se *totalmente* na divindade, por ter recebido como propriedade inseparável, além da origem divina, também o puro espiritual. Esse o retém da constante reintegração no divino. Somente *com isso* cumpre-se *então* aquela revelação da promessa do *eterno* mediador entre Deus e a Sua Criação, à qual, pois, a humanidade também pertence. —

Assim é o decurso dos acontecimentos universais até o fim. Um resulta bem naturalmente do outro. Se o pecado original tiver sido compreendido correctamente e, subsequentemente, esta vinda não predeterminada de Cristo tiver sido compreendida como um acto de emergência, então não será difícil a compreensão do restante, e todas as lacunas preenchem-se por si mesmas. As questões não solucionadas são eliminadas.

Somente através da mensagem de Cristo é que os portais do Paraíso foram abertos aos espíritos humanos *amadurecidos*. Até aí ainda não existia a faculdade de compreender com acerto o caminho até lá. Porém, ela devia perder-se novamente em caso de demora, devido ao desvio dos espíritos humanos, caso não tivesse vindo auxílio imediato. A mensagem

destinava-se aos seres humanos terrenos, bem como aos falecidos, como *cada* mensagem de Deus, cada palavra da Verdade luminosa!

As criaturas humanas nela ouviram, depois da severidade das leis, também de um amor, que até então ainda não teriam podido compreender, mas que deveriam dali por diante desenvolver em si. Por essa mensagem de amor, contudo, as leis não foram derrubadas, pelo contrário, apenas ampliadas. Elas deveriam permanecer como aquela base firme, cujo efeito encerrava em si tal amor. —

Sobre essa palavra do Filho de Deus procurou-se também edificar mais tarde, mas já aponteí no início da minha dissertação os erros que aí se originaram devido a inúmeras falsas pressuposições. —

Contemplemos mais uma vez a história cristã. Pode-se tirar daí as melhores lições e, com isso, como por meio de um facho de luz, iluminar *todas* as religiões. Por toda parte encontramos os mesmos erros.

Cada um dos pequenos e grandes portadores da Verdade, sem exceção, teve de sofrer sob escárnio e zombaria, bem como sob perseguições e ataques dos queridos semelhantes, os quais, como também ainda hoje, sempre se julgavam demasiadamente inteligentes e sábios para aceitar, através de enviados de seu Criador, a explicação da vontade Deste, principalmente tendo em vista que esses enviados, de facto, nunca vieram das escolas superiores dessa humanidade!

Uma explicação da vontade divina é no fundo sempre apenas a interpretação do funcionamento de Sua Criação, na qual os seres humanos vivem, à qual eles pertencem. Conhecer a Criação, porém, significa tudo! Se o ser humano a conhece, então lhe é muito fácil utilizar-se de tudo quanto ela contém e oferece. O poder utilizar, por sua vez, proporciona-lhe *toda* a vantagem. Assim, também em breve reconhecerá e cumprirá a verdadeira finalidade da existência e, beneficiando tudo, ascenderá rumo à Luz, para alegria própria e somente para bênção de seu ambiente.

No entanto, zombaram de cada Mensageiro e com isso também da própria mensagem. Nem uma vez ocorreu que este Mensageiro lhes fosse bem-vindo, não importa o quanto de bom Ele tenha feito. Ele sempre permaneceu um aborrecimento, o que, evidentemente, deixasse facilmente explicar em face do intelecto tão hostil a Deus, e que testemunha por si a hostilidade a Deus. Cristo resumiu o acontecimento nitidamente na alusão do amo que enviou os seus servos a cobrar dízimos de todos os seus arrendatários. Mas, ao invés do pagamento,

os seus servos foram meramente escarnecidos e fustigados, antes de serem mandados de volta com sarcasmo e de mãos vazias.

Disfarçando, denomina-se isso por sua vez de *parábola*. Em apazível comodismo o indivíduo coloca-se sempre *ao lado* desses factos, sem jamais referi-los a si próprio! Ou sente a necessidade de declarar que é parte de uma *distinção* de Deus, quando Seus enviados têm de sofrer assim, ao invés de considerar isso como um crime dessa humanidade, não desejado por Deus.

Como o intelecto necessita de lantejoulas e quinquilharias para encobrir sua estreiteza, que de outro modo se tornaria demasiadamente visível, empenha-se quase que obstinadamente em olhar com absoluto desprezo para a singeleza da Verdade, porque *esta* pode tornar-se-lhe perigosa. Ele próprio precisa de guizos sonantes na carapuça que veste. De muitas palavras pomposas, a fim de manter viva a atenção sobre si. E hoje mais do que nunca. Todavia, o desprezo à singela simplicidade da Verdade há muito já se transformou em medo. Pendura-se nessa necessária carapuça multicolorida de tolos mais e mais chocalhos sonantes, para que soem cada vez mais alto com as contorções convulsivas e os saltos, a fim de manter-se ainda algum tempo no trono usurpado.

Todavia, ultimamente tais saltos já se transformaram em dança do desespero, a ponto de se tornarem em breve a derradeira dança da morte! Os esforços tornam-se maiores, *têm* de se tornar maiores, porque o vazio perpassa cada vez mais nitidamente todo aquele chocalhar. E com o pulo forçado ao máximo, que se prepara, cairá finalmente a carapuça multicolorida da cabeça!

Então a coroa da Verdade singela se elevará irradiante e tranquilizadora para aquele lugar que só a ela compete.

Os perscrutadores sinceros, completamente confundidos por tudo aquilo que se encontra tão grotescamente forçado a uma altitude dificilmente compreensível, encontram aí finalmente, para o olhar, o firme ponto de apoio, um amparo. Poderão assimilar plenamente, sem esforço, *toda* a Verdade, ao passo que até agora era preciso um grande esforço para encontrar apenas uma pequena partícula.

Voltar à simplicidade no pensar! Do contrário, ninguém poderá compreender *plenamente* o grande, e por isso jamais alcançá-lo. Pensar de forma simples como as crianças! Reside nisso o sentido da grande expressão: “Se não vos tornardes como as crianças, não podereis chegar ao Reino de Deus!”

O caminho para tanto jamais poderá ser encontrado com o pensar tão complicado de hoje. Também nas igrejas e nas religiões ainda não é diferente. Quando aí se diz que *sufrimentos* ajudam a *ascender* e que por isso constituem graças de Deus, fica com isso assim acolhido um pequeno grãozinho de Verdade, mas de maneira disfarçada muito deturpada. *Pois Deus não quer sufrimentos de Seu povo!* Quer apenas alegria, amor e felicidade! O caminho *na* Luz nem pode ser de outra maneira. E o caminho *para* a Luz também só apresenta pedras quando a criatura humana antes aí as coloca.

O grãozinho de Verdade na doutrina do sofrimento é que com o sofrimento pode ser remida alguma culpa. Mas isso só acontece lá, onde uma pessoa *reconhece* conscientemente tal sofrimento como merecido! Igual ao ladrão que implorou na cruz.

De modo insensato vive hoje todo o mundo. Também aqueles que falam de maneira tão inteligente sobre remições de carma. Enganam-se nisso, porque é muito mais difícil ainda do que imaginam esses pretensos sabedores. Pois *efeitos retroactivos* de carma nem sempre constituem também as *remições*! A isso atente bem cada pessoa. Pelo contrário, nesse caso muitas vezes pode-se *decair ainda mais profundamente*!

Uma ascensão depende, não obstante os efeitos retroactivos de culpa, exclusivamente da disposição interior de cada pessoa. De como manobra o grande leme dentro de si, se para cima, para frente ou para baixo, *dessa maneira*, e não diferentemente, seguirá, apesar de todas as experiências vivenciais!

Aqui se evidencia que ela não é nem pode ser um joguete ^(*coisa que é movida sem opor resistência), mas sim *tem* de *dirigir* o verdadeiro caminho unicamente pela força de seu *livre-arbítrio*. *Nisso esse arbítrio permanece sempre livre até o derradeiro momento!* Aqui cada pessoa é realmente seu livre senhor, no entanto, deve contar incondicionalmente com as... idênticas consequências de suas disposições, que a conduzem para cima ou para baixo.

Se, porém, manobra seu leme *para cima*, através de reconhecimento e firme vontade, então os maus efeitos retroactivos atingem-na cada vez menos, efectivar-se-ão por fim nela até apenas de modo simbólico, porque já foi afastada dos planos inferiores de maus efeitos retroactivos, devido aos esforços ascendentes, mesmo que ainda se encontre nesta Terra. Passam por baixo dela. Não é necessário, absolutamente, que uma pessoa tenha de *sofrer*, quando se esforça rumo à Luz.

Por isso, tirei a venda dos olhos, que foi colocada, para não tremer diante do abismo que desde muito se abriu. Tranquilização transitória não é nenhum fortalecimento, significa tão-somente perda de tempo, que jamais poderá ser recuperado.

Até agora nunca se teve a explicação e fundamentação acertada para o sofrimento terreno. Por isso, apresentou-se paliativos como um narcótico, os quais, sempre de novo, são transmitidos irreflectidamente aos que sofrem, com palavras mais ou menos habilidosas. O grande erro unilateral de todas as religiões!

E quando alguém que procura de modo totalmente desesperado exige uma resposta *demasiadamente* clara, então, simplesmente se coloca aquilo que não se compreende no reino do divino mistério. Ali devem desembocar todos os caminhos de perguntas não solucionadas, como porto de salvação. Mas assim se revelam nitidamente como sendo os caminhos *errados*!

Pois cada caminho certo tem também um fim claro, não deve conduzir a impenetrabilidades. Lá, onde “imperscrutáveis caminhos de Deus” devam servir como explicação, ocorre uma fuga decorrente de inconfundível ignorância.

Para os seres humanos *não* precisa haver mistério *na* Criação, não deve haver; pois Deus quer que Suas leis, que actuam na Criação, sejam bem *conhecidas* pelos seres humanos, a fim de que possam orientar-se de acordo com elas e, por meio delas, completar e cumprir mais facilmente seu percurso pelo mundo, sem se perder na ignorância.

Uma das concepções mais fatais, porém, continua sendo o brutal assassinio do Filho de Deus *como um sacrifício necessário* em favor da humanidade!

Pensar que esse brutal assassinio do Filho deva reconciliar um Deus!

Uma vez que não se pode encontrar logicamente nenhum esclarecimento para essa estranha concepção, desta maneira as pessoas se escondem de modo embaraçado novamente atrás do tão frequentemente utilizado muro de protecção do divino mistério, portanto, de um fenómeno que não pode se tornar compreensível a um ser humano!

No entanto, Deus é tão claro em tudo quanto faz. A própria clareza! Ele criou, pois, a natureza a partir de Sua vontade. Portanto, o que é natural tem de ser exactamente também o certo! Por ser a vontade de Deus absolutamente perfeita.

Mas o holocausto na cruz tem de ser *antinatural* a cada bom senso, por ser, além disso, injusto contra o Filho de Deus inocente. Nisso não há nem um contornar nem um esquivar-se. Seria, pois, melhor se a criatura humana confessasse uma vez, de modo sincero, que uma coisa dessa espécie é realmente incompreensível! Pode se esforçar como quiser, não chega aí a nenhuma conclusão, e não pode mais compreender seu Deus nesse caso. *Todavia, Deus quer ser compreendido!* Ele também o pode, porque a manifestação de Sua vontade reside claramente na Criação, nunca se contradizendo. São somente os seres humanos que se empenham em introduzir coisas incompreensíveis em suas investigações religiosas.

A penosa construção para o falso pensamento básico de um holocausto *necessário* com a morte na cruz já fica desfeita pelas palavras do próprio Salvador, na ocasião em que o crucificaram.

“*Pai, perdoai-lhes; pois não sabem o que fazem!*” Seria, pois, necessária essa intercessão, se a morte na cruz devesse ser um sacrifício necessário para a reconciliação? “*Não sabem o que fazem!*” é, pois, uma acusação da mais grave espécie. Uma indicação nítida de que está *errado* o que fazem. Que esse acto foi apenas um crime comum.

Teria Cristo rogado no Getsêmani que o cálice do sofrimento lhe fosse desviado, se a morte na cruz devesse ser um holocausto necessário? Nunca! Cristo não teria feito isso! Assim, porém, sabia que as torturas que o aguardavam eram *apenas uma consequência do livre-arbítrio humano*. E *por isso* seu rogo.

Cegamente passou-se diante disso durante dois milénios e irreflectidamente aceitou-se em troca o mais impossível.

De modo doloroso tem de se ouvir, mui frequentemente, as opiniões de que os preferidos entre os actuais discípulos e discípulas de Jesus são agraciados com sofrimentos corpóreos, como, por exemplo, estigmas! ^(*Chagas)

Naturalmente, tudo isso decorre apenas dessa falsa interpretação dos sofrimentos terrenos de Cristo. Nem pode ser de outro modo. Quais as pesadas consequências pessoais que isso pode acarretar, quero ainda mencionar.

Quanta irreflexão se faz necessária e que baixo servilismo, imaginar o Todo-Poderoso Criador do céu e da Terra de um tal modo, que pudesse agir dessa maneira! É, pois, sem qualquer dúvida, a mais pecaminosa degradação da sublime divindade, para cuja imaginação da essência o mais belo ainda não pode ser suficientemente belo, o melhor, só muito inferior,

para com isso aproximar-se apenas um pouco da realidade! E julgam esse grande Deus capaz de exigir que o ser humano, o qual Ele criou, tenha de se contorcer em dores diante Dele, quando Ele o agracia?

Como poderá seguir-se a isso uma ascensão!

Os seres humanos formam o seu Deus conforme *eles* o querem ter, *eles* Lhe dão a direcção de sua vontade! E ai Dele, se não for assim conforme pensam, então, sem mais nem menos Ele será recusado, assim como são recusados, combatidos, como uma prova, imediatamente *aqueles* que ousam ver Deus muito maior e mais sublime. Não há grandeza nas concepções humanas de até agora. Pelo contrário, atestam apenas a fé inabalável no valor *próprio*, por cuja benevolência um Deus tem de mendigar, de cujas mãos ensanguentadas foi-Lhe permitido receber de volta o Seu Filho, zombando e escarnecido, martirizado e torturado, que Ele outrora enviara em auxílio com a mensagem salvadora!

E ainda hoje se pretende sustentar que, para Deus, tudo isso foi um necessário sacrificio reconciliador? Quando o próprio Cristo, sob os seus tormentos, já totalmente desesperado diante dessa cegueira, clamou: “Eles, pois, não sabem *o que* com isso fazem!”

Existe, enfim, então ainda uma possibilidade de levar a humanidade para o caminho certo? Mesmo os mais graves acontecimentos sempre são ainda demasiadamente fracos para tanto. Quando, finalmente, o ser humano reconhecerá quão profundamente, na realidade, ele afundou! Quão vazias e ocas são as ilusões que criou para si!

Mas tão logo se investigue apenas um pouco mais profundamente, então se encontra o egoísmo encapsulado na forma mais legítima. Embora se fale agora por todos os cantos de uma procura por Deus com palavras bombásticas, isto é *mais uma vez* uma grande hipocrisia na usual vaidade, à qual falta totalmente qualquer anseio realmente sincero pela Verdade pura. Procura-se apenas auto-endeusamento, nada mais. Pessoa alguma se esforça seriamente para *compreender Deus!*

Com sorrisos pretensiosos logo colocam rapidamente de lado a simplicidade da Verdade, sem dar atenção a ela; pois se julgam instruídos demais, elevados demais e importantes demais para que *seu* Deus ainda deva ocupar-se com o que é simples. Ele tem de ser muito mais complicado, para honra deles. Do contrário, pois, não vale a pena crer Nele! Como se poderia, segundo a acepção deles, reconhecer ainda algo que seja facilmente compreensível a cada ignorante. Algo assim não se pode tachar de *grande*. Hoje nem mais se deve ocupar com isso, senão torna-se ridículo. Deixai isso para as crianças, as mulheres velhas e os ignorantes.

Não é, pois, para criaturas humanas de intellecto tão instruído, de tal intelligência, as quais são agora encontradas entre as pessoas cultas. O *povo* que se ocupe com isso! A cultura e a sabedoria só podem ser *medidas* com a escala de grandeza *na dificuldade das possibilidades de compreensão!* —

São ignorantes, porém, os que assim pensam! Não são dignos sequer de receber uma só gota d'água das mãos do Criador por intermédio da Criação!

Por limitação, privaram-se da possibilidade de reconhecer a grandeza deslumbrante na simplicidade das leis divinas! Eles são, no sentido literal, incapazes para tanto, ou, falando de modo bem claro, demasiado brancos, devido a seu cérebro unilateral tão atrofiado, que até hoje trazem consigo como um troféu das maiores conquistas, já desde a hora do nascimento.

Constitui um acto de graças do Criador, se Ele deixar que pereçam na construção que ergueram; pois, para onde se olha, tudo é hostile a Deus, desfigurado pela mórbida mania de grandeza de todos os seres humanos de intellecto, cuja incapacidade se evidencia aos poucos por toda parte.

E isso já vem crescendo desde milénios! Isso trouxe consigo inevitavelmente o envenenamento nas igrejas e nas religiões, uma vez que, como mal corrosivo, foi a consequência impescindível daquele pecado original, onde o ser humano se decidiu irrestritamente a favor do domínio do intellecto.

E esse falso domínio sempre enganou as criaturas humanas a ele escravizadas, em tudo o que se refere ao divinal! E até mesmo em todo o espirital.

Quem não derrubar dentro de si esse trono e assim libertar-se, terá de ser destruído junto com ele!

Já não se deve mais dizer *pobre* humanidade; pois eles são *conscientemente* culpados, como jamais a criatura pôde tornar-se culpada! A expressão: “Perdoai-lhes; não sabem mais o que fazem!” *não* é mais adequada à humanidade de hoje! Tiveram mais de uma vez a oportunidade para abrir os olhos e os ouvidos. Agem plenamente conscientes, e todo o efeito retroactivo terá de atingi-los por isso na medida mais completa, integralmente! —

Portanto, quando se fechar o círculo de todo o acontecer de até agora, sobrevirá com isso para esta *parte do Universo, pela primeira vez amadurecida* em toda a Criação, o corte, a colheita e a separação. Nunca, desde a existência de toda a materialidade, isso aconteceu até

agora; pois a nossa parte do Universo antecede a todas as demais no eterno circular, como a primeira que deve passar por isso!

Por isso também, há dois mil anos, o Filho de Deus foi encarnado nesta Terra. Foi um acontecimento universal, que sucedeu na parte mais madura, na primeira parte de toda a materialidade, mas que nunca virá a se repetir; pois nas partes seguintes sempre continuará se efectivando o *aqui* acontecido. Assim também acontecerá que esta parte, como *primeira*, entrará em um novo acontecimento, que nunca existiu antes, mas que, depois de nós, repetir-se-á sempre. É um desfazer-se da materialidade formada, que traz consigo o superamadurecimento em acontecimento natural. —

Está consumado! Mostrado o caminho para a Luz e, com isso, para a vida eterna do espiritual pessoal! Os próprios espíritos humanos podem reflectir agora, na última hora para uma decisão, qual o caminho que querem seguir: para a condenação eterna ou para a alegria eterna; pois têm, conforme a vontade divina, a livre escolha para isso!

82. Deuses – Olimpo – Valhala

Há quanto tempo já se procura obter uma interpretação correta e uma ligação com a época actual sobre os conhecidos deuses dos tempos passados. Convocados e pessoas eruditas procuram uma solução, que traz esclarecimento total.

Mas isso só pode ocorrer se essa solução der simultaneamente uma visão geral sem lacunas sobre *todos* os tempos! Desde o princípio da humanidade até agora. Do contrário, permanecerá outra vez uma obra fragmentária. Não adianta destacar, simplesmente, aquele tempo em que teve sua florescência o culto dos deuses, conhecido a todos, dos gregos, dos romanos, e também dos germanos. Enquanto os esclarecimentos não abrangerem ao mesmo tempo também todo o formar e o perecer, por si mesmo, como algo totalmente natural, estarão errados. As tentativas levadas a efeito até agora, apesar da sagacidade empenhada, evidenciaram por fim, sempre de novo, somente falhar, não conseguiram se manter diante do intuir mais profundo, ficaram pairando no ar, sem ligação com as épocas anteriores e posteriores.

Nem é de se esperar diferentemente, quando se observa de modo atento a evolução dos seres humanos. —

Os ouvintes e leitores de minha Mensagem do Graal deveriam poder chegar por si à conclusão de como é o procedimento nessas coisas, as quais em parte até já foram relegadas para o reino das lendas e das sagas, ou procurou-se aceitá-las como meras configurações de fantasia de concepções religiosas, formadas, imaginadas das observações da natureza e em ligação com os acontecimentos diários.

Não deve ser difícil àquele que pensa e investiga encontrar *algo mais* nas antigas doutrinas de deuses do que apenas *lendas* de deuses. Ele até deve ver nitidamente o *fenómeno real!* Quem quiser, que me siga. Eu o conduzirei à compreensão.

Volto aqui à minha dissertação: “Pai, perdoai-lhes; pois não sabem o que fazem”. ^{*(Dissertação Nº 81)} Lá relatei brevemente a história da humanidade na Terra, desde o princípio até hoje. Dei também uma perspectiva do prosseguimento subsequente. Com isso, mostrou-se como, no meio de um circular da Criação, o enteal, situado mais abaixo do que o espiritual, cumpriu o máximo de sua capacidade dentro do material, localizado ainda mais abaixo, e nesse cumprimento proporcionou passagem livre à penetração do espiritual mais elevado, processo esse que se repete constantemente na Criação. Esclareci também como, no corpo animal

desenvolvido ao máximo pelo enteal, chamado homem primitivo, *só então*, em seu desenvolvimento máximo, foi dada a possibilidade da penetração de um germen espiritual, o que também ocorreu, e que, nesse ponto do desenvolvimento da Criação, também sempre será dada novamente. No animal de outrora, desenvolvido ao máximo, portanto, entrou com isso algo novo, o espiritual, que até então não estava nele.

Desse acontecimento, no entanto, não se deve porventura tirar outra vez precipitadamente a conclusão de que tal fenómeno se repita constantemente na *mesma* parte do Universo em seu desenvolvimento contínuo; pois assim não é! Mas acontece *apenas uma vez* nesta *mesma* parte.

A lei de atracção da igual espécie, no desenvolvimento contínuo, passa aqui igualmente um ferrolho irremovível contra uma repetição na mesma parte do Universo. Atracção da igual espécie equivale nesse caso à *permissão* durante um bem determinado período evolutivo, no qual, devido a certo estado de semi-amadurecimento da materialidade, sementes espirituais esvoaçando no limite, qual estrelas cadentes, podem lançar-se na materialidade, que para tanto se acha em estado de receptividade, a fim de lá serem absorvidas, envolvidas, isto é, encapsuladas e retidas pelos pontos preparados para a recepção, nesse caso, pelos corpos animais de outrora, desenvolvidos ao máximo. Assim como em escala menor, como simples reflexo em um processo químico de combinação, a ligação de uma substância estranha só se torna possível em bem determinada temperatura ou grau de calor da massa receptora, depois que essa temperatura ou esse calor tiver produzido, por sua vez, também um estado todo especial nessa massa, alcançável somente naquele determinado grau. A mínima alteração nisso torna a união novamente impossível, e as matérias se defrontam de modo inacessível, repelindo-se.

Aqui a igual espécie encontra-se em um determinado grau de amadurecimento mútuo, que apenas *aparentemente* apresenta grandes contrastes, porque é mantida em equilíbrio, devido à diferença de nível superior e inferior de ambas as partes que estão se ligando. O ponto mais inferior do espiritual é, na maturidade, semelhante ao ponto mais alto do enteal situado abaixo dele. Somente no ponto desse *exacto* encontro é possível uma ligação. E como a materialidade em seu desenvolvimento movimenta-se sempre em um grande circular, no germinar, florescer, amadurecer e decompor pelo superamadurecimento, enquanto o espiritual encontra-se acima dela, isso só pode ocorrer sempre em um bem determinado ponto de ligação em ignição, durante o circular da materialidade. Uma fecundação espiritual da materialidade, que, intumescida, vem-lhe ao encontro, preparada para isso pela actuação do enteal.

Se esse ponto de uma parte do Universo, em seu avanço, tiver sido ultrapassado, cessa então para ela a possibilidade de fecundação espiritual *por germens espirituais*, enquanto que a que se segue chega ao lugar dela, para ela, no entanto, inicia-se uma nova fase, em que espíritos em amadurecimento podem encontrar acesso, e assim por diante. Para desenrolar toda a fenomenologia do Universo, não disponho de espaço nesta dissertação. Mas um pesquisador sincero poderá imaginar muito bem o prosseguimento. —

Logo ao entrar na materialidade, o espiritual, em consequência de sua constituição mais elevada, fez sentir então a sua influência viva sobre tudo o mais, começou a dominar com a entrada na materialidade, mesmo ainda em seu estado *inconsciente* de então. Como esse espiritual elevou então o corpo animal, pouco a pouco, até o actual corpo humano, não fica mais incompreensível, pois, a nenhum leitor. *(Dissertação Nº 7: A criação do ser humano)

Todavia, aqueles corpos animais da raça outrora desenvolvida ao máximo, nos quais não penetraram sementes espirituais, estacionaram em seu desenvolvimento, uma vez que neles o enteal já havia atingido o máximo e, para seguir adiante, faltava-lhes a força do espiritual, e com o estacionar ocorreu rapidamente o superamadurecimento, ao que se seguiu o retrocesso para a decomposição. Existiam para essa raça apenas duas possibilidades, ou o soerguimento pelo espírito para o corpo humano, ou extinção, desintegração. E, com isso, essa espécie animal madura cessou totalmente de existir. —

Sigamos agora a lenta *auto-consciencialização* deste inicialmente inconsciente germen espiritual para um espírito humano, e *acompanhemos em espírito sua gradual penetração nos invólucros e ambientes que o envolvem*.

Isso não é assim tão difícil, porque o processo evolutivo, exteriormente, mostra-se bem nitidamente. Basta observar as raças humanas que *hoje ainda* se encontram na Terra.

O espírito dos seres humanos mais primitivos, por exemplo, aos quais devem ser acrescentados os assim chamados povos selvagens, e também os bosquímanos, os hotentotes, etc., não se encontram acaso há menos tempo na materialidade, mas sim não acompanharam o desenvolvimento, *ou, depois de já terem alcançado um progresso no Aquém ou no Além, retrocederam novamente tanto*, que só puderam ser encarnados em ambiente assim *inferior!* Por conseguinte, encontram-se por sua *própria culpa*, em processo natural, *ainda* ou *novamente* em degrau muito inferior, pelo que também sua visão do ambiente *não grosso-material* não pode ser exactamente de natureza elevada.

O impulso espiritual, de ver além do próprio degrau, já se encontra na semente espiritual, faz parte de sua constituição mais intrínseca e, devido a isso, já se efectiva fortemente nos degraus mais baixos do desenvolvimento. E esta é a força impulsora viva *no espírito*, o especial, que falta a outras constituições ou espécies na Criação. Mas a possibilidade desse querer pressentir ou querer ver só é possível sempre até *um* degrau *acima* do próprio degrau correspondente, não mais além. Acontece por esse motivo que essas almas humanas, que se encontram em degrau inferior, que em seu desenvolvimento negligenciaram ou pecaram de tal modo, só podem também pressentir ou ver por clarividência apenas entes *inferiores*.

Dotados de mediunidade ou clarividentes há, pois, em *todas* as raças, não importando a que degrau eles pertencem!

Quero aqui mais uma vez mencionar especialmente que neste esclarecimento entendo por “ver” ou “pressentir” sempre apenas a verdadeira “visão *própria*” dos clarividentes. Visão própria, porém, dos “videntes” de todos os tempos constitui, *no máximo*, sempre apenas a quarta parte daquilo que vêem. E isso pode ser, por sua vez, só um degrau acima da própria maturidade interior, não mais. Não é possível diferentemente. Essa circunstância, porém, significa ao mesmo tempo uma grande protecção natural para cada vidente, conforme diversas vezes já mencionei. Os ouvintes, portanto, não devem necessariamente avaliar os médiuns e videntes tão amadurecidos e elevados interiormente como aquilo que descrevem como tendo sido “visto”; pois as alturas mais puras e luminosas, os acontecimentos e os espíritos são *mostrados* a eles por guias espirituais e por mais elevados apenas em *quadros vivos*! Os clarividentes, no entanto, supõem erroneamente vivenciar tudo aquilo realmente, e iludem-se a si próprios a respeito. Por isso, surge tantas vezes a grande surpresa sobre a frequente mediocridade do carácter de muitos médiuns, que descrevem coisas como vivenciadas e ocorridas, que de forma alguma ou muito pouco se coadunam com seu próprio carácter. —

Aqui falo, portanto, apenas da reduzida extensão da *verdadeira visão própria* dos médiuns e clarividentes. O restante não entra em consideração.

Clarividentes e médiuns de *todos* os tempos devem, na realidade, servir apenas para, mediante seus dons, ajudar a humanidade cada vez mais em sentido ascendente, mesmo que não seja como guias, mas sim como instrumentos. Uma pessoa mediúnica nunca poderia ser guia, por ser demasiadamente dependente de correntes e de outras coisas. Devem ser temporariamente portas abertas para a finalidade de desenvolvimento contínuo. Degraus para a escada da ascensão.

Quando então se considera que para as raças, que se encontram em degrau de desenvolvimento espiritual inferior, só é possível uma visão sobre um ambiente inferior semelhante, com pouco espaço livre para cima, então não é difícil compreender que possamos encontrar entre as raças humanas *inferiores* predominantemente apenas medo dos demónios e adoração aos demónios. É aquilo, o que conseguem ver e pressentir.

Assim a observação superficial. Mas quero ir mais fundo na explicação, embora com isso nos desviemos da clara visão global.

O espírito não desenvolvido ou novamente atrofiado das raças humanas inferiores é, naturalmente, também ainda ou novamente *espiritualmente cego e surdo*. Tal criatura humana não consegue ver com os olhos espirituais, *o que, aliás, mesmo até hoje infelizmente ainda não se tornou possível a pessoa alguma*.

Quem se encontra ainda em plano inferior também não consegue ver com os olhos enteais, tampouco com os de matéria fina, mas exclusivamente com os olhos de matéria grosseira, que nas selvas vão se tornando mais e mais aguçados, devido à necessária luta pessoal com seus semelhantes, com os animais e os elementos, pelo que eles, pouco a pouco, podem distinguir a *matéria grosseira fina e a matéria grosseira mais fina*.

Percebem com isso primeiramente *fantasmas!* Configurações, que só foram *formadas* pelo medo e pelo temor dos seres humanos e também mantidas por estes. Tais fantasmas, *sem vida própria*, dependem inteiramente das intuições das criaturas humanas. São por elas atraídos ou repelidos. Aqui se efectiva a lei da atracção de toda a igual espécie. O medo sempre atrai essas configurações do medo e do pavor, de modo que, aparentemente, precipitam-se literalmente sobre as pessoas medrosas.

Uma vez que os fantasmas ficam ligados aos geradores por cordões elásticos nutridores, portanto, a pessoas que são igualmente muito medrosas, cada medroso entra sempre indirectamente também em ligação com a massa dos medrosos e apavorados, recebe destes novo afluxo, que só aumenta ainda o medo e o pavor próprio e pode levá-lo por fim até o desespero, à loucura.

Intrepidez, no entanto, isto é, coragem, repele tais fantasmas impreterivelmente de maneira natural. Por isso, o intrépido, conforme é suficientemente conhecido, leva sempre vantagem.

É de admirar então, quando nas raças inferiores originaram-se os assim chamados curandeiros e feiticeiros, cuja casta foi fundada por *clarividentes*, uma vez que estes eram capazes de observar como era possível “expulsar” essas formas, erroneamente consideradas entes vivos individuais, mediante um pouco de recolhimento interior, com distração do medo por meio de saltos e contorções, ou mediante concentração ou exorcismos que despertam a coragem?

Mesmo que aí cheguem a ideias para nós absurdas, parecendo-nos ridículas, isso em nada altera no facto de que, *para o seu âmbito de visão* e de sua capacidade de compreensão, façam algo *mui acertado*, sendo *nós* apenas aqueles a quem falta uma compreensão disso por falta de conhecimento.

Na sucessão desses feiticeiros e curandeiros acontece naturalmente que muitos sucessores não tenham nem dom mediúnico, nem sejam de algum modo clarividentes, principalmente por se ligarem ao encargo, simultaneamente, influência e ganhos, para cuja obtenção os seres humanos dos degraus mais inferiores empenham-se de idêntico modo inescrupuloso quanto os da elevada raça branca. Esses não-videntes imitaram então simplesmente, sem compreender, todos os actos de seus antecessores, adicionando até ainda algumas tolices, a fim de causar maior impressão, uma vez que só davam valor ao reconhecimento de seus semelhantes, e tornaram-se assim os astutos impostores, que aí só visam suas vantagens, porém, sem terem eles próprios ideia alguma do verdadeiro significado, e, com base nesses impostores, procura-se hoje avaliar e condenar a casta inteira.

Assim acontece então que nas raças humanas inferiores podemos encontrar, em primeiro lugar, apenas medo dos demónios e adoração aos demónios. É isso, o que elas conseguem ver, e o que temem como outra espécie. —

Passemos agora para degraus de desenvolvimento algo mais elevados, que conseguem ver mais adiante, seja através de clarividentes ou também apenas inconscientemente pelo pressentir, o que também pertence à visão interior. Nesses mais desenvolvidos, outras camadas envoltórias do espírito encapsulado, que desperta cada vez mais, são rompidas de dentro para fora, em direcção ao alto.

Por isso, eles já vêem seres de melhor índole, ou sabem deles através de pressentimento, e irão perdendo assim, pouco a pouco, a adoração aos demónios. Assim prossegue. Cada vez mais alto. Torna-se mais e mais luminoso. O espírito, em desenvolvimento normal, avança cada vez mais.

Os gregos, romanos, os germanos, por exemplo, viam então ainda mais! Sua visão interior ultrapassou a materialidade, até o enteal situado mais alto. Eles puderam, em seu desenvolvimento contínuo, ver por fim também *os guias dos enteais e dos elementos*. Algumas pessoas mediúnicas, por seus dons, até puderam entrar em contacto mais próximo com eles, porque eles, como enteais conscientes criados, em todo caso têm algo de análogo com *aquela* entealidade da qual também o ser humano, além do espiritual, traz uma parte em si.

Ver, sentir e ouvir os enteais foi para o desenvolvimento de *outrora* dos povos o máximo que puderam atingir. É evidente que esses povos, então, considerassem os poderosos guias dos elementos, em sua actividade e espécie diferentes, como o mais elevado e os denominaram de deuses. Sua elevada sede qual castelo, realmente existente, de Olimpo e Valhala.

A visão e a audição interior dos seres humanos, porém, ao serem expressas, ligam-se sempre à sua respectiva capacidade *pessoal* de compreensão e expressão. Daí resulta que os gregos, romanos e germanos descreveram os *mesmos* guias dos elementos e todo o enteal segundo a forma e o conceito na respectiva concepção de seu ambiente de então. No entanto, eram sempre os mesmos, não obstante algumas variações nas descrições!

Quando hoje, por exemplo, reúnem-se cinco ou mais pessoas clariaudientes realmente competentes e todas recebem, simultaneamente, uma determinada frase *pronunciada do Além*, então, na transmissão, apenas será uniforme *o sentido* do que foi ouvido, não, porém, a transmissão das palavras! Cada um transmitirá as palavras de modo diferente e também as ouvirá diferentemente, porque na recepção já entra muito de *pessoal* no prato da balança, da mesma forma como a música é intuída de modo totalmente diferente pelos ouvintes, no fundo, todavia, desencadeia o mesmo sentido. A respeito de todos esses fenómenos colaterais de longo alcance na ligação do ser humano terreno com o Universo, devo falar mais pormenorizadamente somente com o decorrer do tempo. Hoje, isso nos desviaria demasiadamente do tema. —

Quando então, mais tarde, povos *convocados*, portanto, os interiormente desenvolvidos ao máximo (desenvolvimento do intelecto *não* conta aí) puderam ultrapassar esse limite da entealidade, amadurecendo pelo vivenciar, sua visão ou pressentimento alcançou *até o limiar* do reino *espiritual*.

A consequência natural foi que, com isso, os seus deuses de até então tiveram de sucumbir como tais, e algo mais elevado colocou-se em seu lugar. Mas apesar disso, infelizmente, eles *não* chegaram ao ponto de se tornar aptos *para ver espiritualmente*.

Assim lhes permaneceu *fechado* o reino espiritual, uma vez que o curso natural da evolução não progrediu mais nesse ponto, impedido pela presunção do intelecto que se erguia cada vez mais acentuadamente.

Somente poucas exceções puderam manter-se livres dessa estagnação, como, por exemplo, Buddha e ainda outros, que conseguiram, mediante renúncia ao mundo, continuar seu desenvolvimento de modo normal e também se tornar espiritualmente videntes, até certo grau!

Essa renúncia ao mundo, isto é, o manter-se afastado de criaturas humanas para a finalidade de desenvolvimento contínuo do espírito, só se tornou necessária devido ao cultivo em geral unilateral do intelecto, inimigo do espírito, cada vez mais dominante. Era uma auto-protecção natural diante da crescente desvalorização espiritual, o que no desenvolvimento *geral* normal não deve ser absolutamente necessário. Pelo contrário; pois quando uma pessoa alcança um determinado grau no desenvolvimento espiritual terá que, actuando nele, novamente se fortalecer, senão surge enfraquecimento, e com isso cessa rapidamente a possibilidade de desenvolvimento subsequente. Dá-se uma estagnação, da qual facilmente se origina o retrocesso.

Apesar de que a evolução espiritual de Buddha e também de outros só foi alcançada até um bem determinado grau, isto é, não completamente, mesmo assim a distância dos seres humanos tornou-se grande, de maneira que estes consideraram os assim normalmente desenvolvidos como enviados de Deus, ao passo que, pelo avanço do espírito, originou-se de modo inteiramente natural apenas uma nova concepção.

Estes, que se destacavam da massa humana, que estacionara espiritualmente e em parte regredira, encontraram-se, no entanto, sempre apenas diante da porta aberta do espiritual, conseguiram até perceber vagamente algo aí, *sem, contudo, ver de modo nítido!* Mas pressentiram e intuíram claramente uma condução *uniforme*, poderosa e consciente que vinha de cima, de um mundo para o qual não se tornaram aptos a ver.

Cedendo a tal intuição, formaram então *o Deus único e invisível!* Sem saberem algo mais pormenorizado disso.

Por isso, é compreensível que imaginassem esse Deus, apenas pressentido, como o supremo ser *espiritual*, porque o espiritual era a nova região, em cujo *limiar* ainda se encontravam.

Ocorreu assim que, com essa nova concepção do Deus invisível, apenas foi acertado o facto em si, *mas não o conceito*; pois seu conceito disso era errado! Pelo espírito humano *nunca* foi imaginado *aquele* Deus, *que Ele realmente é!* Imaginou-o, contudo, apenas como um *altíssimo ser espiritual*. Essa deficiência da falta de desenvolvimento contínuo evidenciava-se também ainda hoje no facto de que muitas pessoas, absolutamente, querem insistir em trazer em si *algo de igual espécie* Daquela que intuem como seu Deus!

O erro está na *estagnação do desenvolvimento espiritual*.

Se este tivesse prosseguido *mais*, a humanidade em amadurecimento, na transição dos antigos deuses provenientes do enteal, não teria logo imaginado esse Deus único como invisível, mas sim poderia ter visto primeiro novamente os *primordialmente criados espirituais*, que se encontram acima dos guias de todos os elementos, denominados deuses, *cuja sede é o Castelo do Graal*, como o Supremo Castelo do *espiritual!* E, por sua vez, teriam considerado no início esses como deuses, até que então se tornassem *em si de tal modo* que pudessem ver os primordialmente criados, as verdadeiras *imagens* de Deus, não somente de modo pressentido, mas sim *ouvi-los* espiritualmente. Destes, teriam recebido a nova da existência do “*Deus Único existente*” fora da Criação!

Dirigindo então a sua intuição de tal maneira a esse facto, teriam por fim ainda amadurecido espiritualmente em si para a capacidade de, como desenvolvimento contínuo, receber com júbilo de um enviado de Deus uma *mensagem divina*, proveniente do legítimo divinal! Portanto, de fora da Criação, e com isso também fora de sua possibilidade de visão.

Esse teria sido o caminho normal!

Assim, porém, seu desenvolvimento estacionou já no limiar do espiritual, tendo até mesmo regredido rapidamente, devido aos erros das criaturas humanas.

Com isso surgiu o tempo em que, como *acto de emergência*, teve de ser encarnado um forte enviado de Deus em Jesus de Nazaré, para conceder auxiliadoramente uma mensagem proveniente do divinal para esclarecimento da humanidade para isso ainda não amadurecida, a fim de que os que buscam pudessem, em sua imaturidade, sustentar-se nela *provisoriamente, pelo menos na crença*.

Por esse motivo, não restava outra coisa ao Filho de Deus, enviado em auxílio da humanidade em vias de perder-se, senão exigir por enquanto somente *crença* e *confiança* em sua Palavra.

Uma incumbência desesperadora. *Cristo não pôde sequer dizer tudo quanto queria ter dito*. Por isso *não* falou de muitas coisas, como das reencarnações terrenas e outros assuntos. Encontrava-se frente a uma imaturidade espiritual demasiadamente grande para tais coisas. E tristemente ele próprio disse a seus discípulos: “*Ainda teria muitas coisas a dizer-vos, mas não compreenderíeis!*”

Portanto, nem mesmo os discípulos, que em muitas coisas o interpretaram incorretamente. E se o próprio Cristo, já durante sua existência terrena, sabia que não era compreendido *por seus discípulos*, fica evidente, pois, que na retransmissão de sua Palavra, mais tarde, originaram-se muitos erros, aos quais infelizmente ainda hoje se procura apegar com tenacidade. Embora Cristo, da imaturidade de outrora, tenha exigido apenas *crença* em sua Palavra, exigia, no entanto, dos que tinham vontade sincera, que essa crença inicial também se tornasse “viva” neles!

Isso significa que nisso chegassem à convicção. Pois quem seguisse confiante a Palavra dele, nesse a evolução espiritual prosseguiria novamente, e ele teria de chegar com isso, no desenvolvimento, lentamente da crença à convicção do que fora dito por Cristo!

Por isso, agora o Filho do Homem, ao invés de crença, exigirá *convicção*! Inclusive de todos aqueles que querem trazer em si a mensagem de Cristo, que afirmam segui-la! Pois quem ainda não puder trazer em si a *convicção* da Verdade da mensagem divina de Cristo, que é *uma só* com a Mensagem do Graal e inseparável dela, no lugar da crença, também não atingiu a maturidade de seu espírito, necessária para a entrada no Paraíso! Esse será condenado! De modo totalmente imutável!

Nem mesmo a maior sabedoria intelectual proporciona-lhe aí qualquer passagem secreta! Naturalmente tem de ficar para trás e está perdido para sempre. — —

Que a humanidade desta parte do Mundo ainda se encontre, em seu desenvolvimento, no *limiar* do reino espiritual, em sua maior parte até mesmo ainda muito *abaixo* disso, decorre exclusivamente do não querer próprio, da presunção de um querer saber melhor do intelecto. Nisso a realização do desenvolvimento normal tinha que fracassar totalmente, como, nesse ínterim, certamente já se tornou claro a muitos. —

Os cultos religiosos da humanidade em suas diversidades não se originam absolutamente de alguma fantasia, pelo contrário, mostram sectores da *vida* no assim chamado Além. Mesmo o curandeiro de uma tribo de negros ou de índios tem a sua profunda razão de ser *no degrau inferior* de seu povo. O facto de aí se misturarem charlatães e impostores não pode desacreditar a coisa em si.

Demónios, entes das florestas e do ar, e também os assim chamados deuses antigos encontram-se inalterados ainda hoje nos mesmos lugares e na mesma actividade de antes. Também o supremo castelo desses grandes guias de todos os elementos, o Olimpo ou Valhala, jamais foi lenda, mas sim visto na realidade. O que, porém, as criaturas humanas que estacionaram no desenvolvimento *não mais* puderam ver são as imagens de Deus puro espirituais, primordialmente criadas, que igualmente possuem um castelo no ápice, e o denominam de Castelo do Graal, o Supremo Castelo no puro espiritual e com isso também em toda a Criação! Somente por meio de inspirações pôde ainda chegar notícia da existência desse Castelo aos seres humanos que se encontram no limiar de todo o espiritual, uma vez que espiritualmente não amadureceram tanto para, presentindo, ver também *aquilo*.

Tudo é vida! Somente os seres humanos, que se julgam progressistas, em vez de progredir, desviaram-se, voltando em direcção às profundezas. —

Agora, não se deve acaso esperar ainda que, com um desenvolvimento subsequente, deva se alterar novamente o conceito de Deus ensinado por Cristo e pela minha Mensagem do Graal! Esse permanece de agora em diante, porque algo mais não existe. Com um ingresso no espiritual, que hoje ainda falta, e o aperfeiçoamento nisso, cada espírito humano pode ascender tanto, que por fim adquirirá incondicionalmente a convicção desse facto no vivenciar interior. Poderia então de modo consciente, estando na força de Deus, realizar o grandioso, para o qual já fora convocado desde o princípio. Mas então nunca mais imaginaria trazer em si algo de divino. Essa ilusão é meramente o carimbo e o cunho de sua imaturidade de hoje!

No estado consciente *correcto*, porém, encontrar-se-ia então a grande humildade, originar-se-ia o servir libertador, o que pela doutrina pura de Cristo é dado sempre *como exigência*.

Somente quando os missionários, os pregadores e os professores, baseados no saber do desenvolvimento natural em toda a Criação, e com isso também no conhecimento exacto das leis da vontade divina, começarem sua actividade, sem saltos e sem deixar lacunas, é que poderão registar verdadeiros êxitos *espiritualmente vivos*.

Agora infelizmente cada religião nada mais é do que uma forma rígida, que conserva penosamente um conteúdo inerte. Após a transformação indispensável, no entanto, esse conteúdo até então inerte, ao adquirir vida, torna-se vigoroso, rebenta as frias, mortas e rígidas formas e, bramindo, derrama-se jubilando sobre todo o mundo e entre todos os povos! —

83. Convocado

Alemães devem ser convocados para tornarem-se o povo-guia espiritual e terrenamente! Inúmeros livros indicam isso, e muitas boas profecias e visões, que não podem ser afastadas sem mais como produtos de fantasia, repetem frequentemente e sempre de novo com grande clareza o mesmo sentido. Sem dúvida, muitos desses livros foram escritos apenas para reerguer os alemães em grande aflição, a fim de não deixar as coisas boas serem totalmente sobrepujadas no desespero pelos maus ressurgimentos de tais estados de aflição; contudo, quem procura ocupar-se seriamente com o futuro desse povo, que primeiramente tem de sair dos escombros da situação actual, achará também que tem de existir um grãozinho de sabedoria ou verdade nas alusões referentes a um grande futuro.

Digo, porém, de modo totalmente intencional: “dos *escombros* da situação actual!”, pois para fora da própria situação actual só existe um caminho: o de mais decadência e queda!

Olhai uma vez calmamente as pessoas, como são *agora*! Procurai, apenas uma vez de forma bem atenta, na juventude mais madura, a geração vindoura, a próxima geração *alemã*. Ela está envenenada já desde a base, tanto no corpo como na alma. As poucas excepções, que ainda se apresentam, destacam-se como singulares, mas para um povo inteiro são quase como nada.

Essas excepções parecem tão fortemente exageradas em relação ao seu ambiente, cada vez mais decadente, que começam a parecer grotescas e estão próximas de cair na zombaria geral, sendo consideradas como não normais, doentias, entusiastas e tolas inúteis!

Esse grotesco sobressair, porém, não é causado por essas excepções louváveis, mas sim pelo ambiente decadente, que, em sua queda desesperada, cada vez mais e mais se afasta do estado de alma razoavelmente normal. As pessoas não mais percebem essa sua queda, que as distancia do solo saudável e firme, onde aqueles poucos ainda se encontram, pelo contrário, têm a intuição errada, como se aqueles estivessem devaneando doentamente em ilusões pueris, para, a qualquer momento, para zombaria de todos, caírem em breve, desiludidos.

Contudo, não demorará muito, e seus olhos perderão toda a zombaria, dando lugar, em contrapartida, ao pavor, quando finalmente terão de reconhecer que os outros, até agora ridicularizados, tinham o ponto de vista correcto e *firme*, enquanto que eles, submergindo na pior lama, pouco a pouco se sufocam. Na lama, que eles mesmos prepararam para si, e que agora, irresistivelmente, abate-se sobre suas cabeças!

O pior nisso é que esse estado calamitoso não deve ser atribuído aos inimigos da Alemanha, mas sim aos próprios alemães.

Contudo, como no cozimento toda a sujeira é impelida para cima, assim também acontece nessa grande época de fermentação. Uma vez que tudo agora se desloca com enorme velocidade ao encontro de um colossal processo de purificação, vê-se de fora apenas a espuma suja ou escória, levantada em turbilhões do verdadeiro povo alemão, e que não mais deixa reconhecer a base sadia, fazendo crer que *tudo* já esteja irremediavelmente estragado. No entanto, não é assim! Quanto mais a espuma suja se concentra em cima, como cobertura, tanto mais clarificada e pura tornar-se-á a *parte principal* debaixo dela. E então, quando na desilusão devido a acontecimentos horríveis vier o arrefecimento da fervura, que causou a situação actual e a penúria resultante, abrir-se-á, de baixo para cima, uma fenda após outra nessa rígida escória, pondo à mostra subitamente a pureza e a clareza que se formaram sob a cobertura suja, gasta e perturbadora dos sentidos.

Mas então irrompe vitoriosamente, com imensa força, a essência clareada, e arranca a escória cada vez mais ressecada em si, e que, futuramente, não mais pode permanecer de modo obstrutivo entre os acontecimentos e o verdadeiro núcleo do povo!

O vencedor, contudo, não é uma nova e vindoura geração, não é a juventude alemã de hoje, animicamente tão doente e miseravelmente desenvolvida, que se deixou envenenar, devendo ser levada como debulho pelo primeiro sopro de vento, já que, imatura, seguiu trilhas erradas, desgastando-se em excessos até a destruição de todo o verdadeiro apoio. *O vencedor será o antigo, o de até agora*, que, purificado como aço, subitamente erguer-se-á da confusão insensata, como um bloco inabalável, sobre o qual, unicamente, poderá se realizar a nova construção!

Olhai para dentro de vós próprios, ó homens alemães maduros, mulheres maduras, não para a juventude em formação, que só pode e tem de aprender convosco. *Vós* trazeis o futuro em vós, *unicamente vós*, que ainda vivenciastes o passado como base!

Apenas sem compreender vos deparastes com a actuação insensata de até agora e por isso ainda não interferistes! Ajudai finalmente a juventude enfraquecida com a *antiga força alemã*, que não conhece condescendência fraca, e que com severidade em relação a si própria, bem como a outrem, levanta-se como poderosa chama, temida pela falsidade, pela moleza e pela fraqueza!

Era apenas espanto desmedido diante da possibilidade dos acontecimentos actuais, que paralisou assim temporariamente vossa invencível e salutar vontade, mas não a concordância ou prazer na degradação do corpo e não menos também da alma.

E vós que, juntamente com as vindouras gerações, deixastes-vos acorrentar tanto, tendes o dever de *vós mesmos* romperdes novamente as correntes e, para isso, não esperar uma solução por parte dos sucessores!

Vós, porém, que esperais comodamente pela realização de elevadas profecias, contaís com elas, não vos enganeis! Onde não se actua, nem a melhor profecia pode realizar-se! O próprio “aguardar” coloca um ferrolho diante da possibilidade.

E vossas disputas sobre interpretações e as épocas de possíveis realizações são tão perigosas e nefastas para o futuro da Alemanha, como a epidemia alemã das constantes cisões na política interna, onde temos de constatar que até agora não houve ainda um verdadeiro espírito nacional alemão. Este pôde ser encontrado somente em *pessoas isoladas*! Apenas em perigo extremo, as massas ficavam às vezes unidas, mas também nem sempre. Onde é que houve aí um *povo* realmente *alemão*, animado por *um espírito livre e orgulhoso*? Qualquer intrigante podia manifestar-se mui facilmente, seu jogo maldoso sempre encontrava solo fértil.

Dançando despreocupadamente, ouvem-se, com um encolher de ombros, as queixas desesperadas de partes inteiras do povo *alemão*, que sofrem diariamente com o ódio dos inimigos.

Promessas e profecias, contudo, falam de um *povo escolhido*! Pode entrar em consideração para isso, realmente, o povo alemão, como *hoje* se apresenta? Mostra-se ele como *escolhido*? A resposta para isso posso poupar.

Ser convocado é algo bem singular. Já Cristo falou advertindo: “Muitos são convocados, mas apenas poucos deles são escolhidos!” Isto quer dizer que apenas poucos dos convocados chegam à realização do cumprimento, uma vez que eles *mesmos* têm de concretizar esse cumprimento, mediante esforços ferrenhos, actividade extraordinária e trabalho dedicado. E como se dá com pessoas individuais, assim também ocorre com os povos! Ser convocado significa simplesmente trazer em si *a faculdade* para o cumprimento, não, porém, que esse cumprimento será lançado ao convocado em seu colo. Só quando o convocado, portanto, o capacitado, empenha-se *totalmente*, utiliza irrestritamente suas faculdades com dedicação ferrenha e indesviável, com árduos esforços e buscas tenazes, chega-lhe então ao encontro o

auxílio de cima, de maneira extraordinária, que o conduz para a vitória, portanto, para o cumprimento de sua convocação. Mas também isto não deve, novamente, ser mal compreendido; pois o *vir ao encontro* de ajuda poderosa e extraterrena não deve ser entendido figuradamente. A força para a vitória final está sempre à disposição. O convocado apenas tem de se adiantar com seu trabalho mediante seu esforço e a capacitação a ele concedida, para que vá ao encontro dessa força, a qual então se une a ele!

Portanto, totalmente diferente do que é frequentemente imaginado por muitos convocados. Ser convocado compromete! Um convocado recebe a espada da vitória para a *luta*, colocada na mão, devido às suas faculdades. Manejar e dar o golpe, ele *mesmo* tem de fazê-lo sempre. Portanto, não passeis sonhando uma época, na qual já estais destinados a fazer algo grande, época essa que, por si, tem de fazer-vos vencer, assim que vos *movimentardes*. Também para isso pode sobrevir um “tarde demais”, com o que uma vitória posterior será dificultada dez vezes, sim, cem vezes.

Como agora qualquer um vê que o povo alemão, assim como agora se apresenta, não pode ser considerado como o “escolhido”, que promessas, contudo, sempre trazem a *possibilidade* para o cumprimento, então está claro que muitas mudanças têm de se processar com o povo alemão. Voluntariamente ele não se modifica, é o que já mostrou nos últimos anos, uma vez que o espírito alemão decaiu em vez de subir, para o que cada alemão tem que contribuir com a sua parte. A consequência, pois, é que ele será obrigado à força a tornar-se a base e a terra de cultivo para, a partir da grande aflição, deixar desenvolver-se finalmente o indispensável espírito alemão. O que o sossego e a alegria não conseguem, certamente alcançará por fim o sofrimento. E se os sofrimentos de até agora ainda não foram suficientes, então terão de vir mais pesados e mais duros do que até então, e um dia será alcançado aquele ponto, em que toda a oposição obstinada quebra, ou se submete. Entre o quebrar e o submeter-se o ser humano individual ainda tem sempre a livre escolha, visto que tem de colher a recompensa por ambos, de acordo com a espécie de sua decisão.

Quanto mais próximo o cumprimento, tanto maior há de ser aguardado o sofrimento. Feliz daquele, cuja decisão resulta na sua felicidade.

O povo escolhido, evidentemente, não pode, no acontecimento universal, ficar limitado a apenas uma nação. Por essa razão, *não* é considerado aí o povo alemão, no sentido mais restrito, como, de modo algum, *uma nação* em si entra em consideração em acontecimentos universais, embora possa representar *um papel* nisso para a efectivação de muitos acontecimentos. A espécie e a extensão de seu papel cada nação desenvolve para si, sozinha.

O que aqui, na vindoura era universal, é determinante de forma exclusiva, é a raça, não, porém, uma nação. A raça *branca* é a superior de todas no desenvolvimento por ocasião da decisão. Nisso, não importa mais que a Ásia e outros continentes já tenham sido anteriormente mais adiantados do que a Europa de outrora. Na época em que agora deve ser feito o ajuste final de contas, não somente para estes seres humanos terrenos, mas para toda esta parte do Universo, à qual pertence esta Terra. Unicamente o respectivo estado, *na hora da decisão*, é determinante, nada mais. E nisso, na Terra, a raça branca encontra-se agora em primeiro lugar. Por esse motivo também entra em consideração terrenamente a Europa como campo de batalha. Já me referi claramente na dissertação “Deuses, Olimpo, Valhala” ^{*(Dissertação N° 82)} ao facto de que cada reencarnação ocorre num ambiente em estado análogo ao da alma que se encarna. Um branco, em acentuado retrocesso do degrau espiritual, pode, portanto, ser encarnado numa tribo inferior de negros, da mesma forma, naturalmente, também em sentido contrário. Na raça branca é de ser considerado, doravante, como o supremo, o *verdadeiro espírito alemão!* O espírito alemão em toda a sua limpidez e grandeza. O impulso para isso ele já tomou várias vezes, nunca, contudo, alcançou a verdadeira altura, a não ser em pessoas isoladas, que, aliás, sempre têm de ir à frente. Essas pessoas isoladas mostravam as capacidades de sua raça. O espírito alemão deve tornar-se exemplo e também guia na última ascensão da humanidade terrena. O espírito, não como é agora, mas sim como deve tornar-se, como também pode tornar-se, de acordo com suas faculdades, e como também se *tornará* infalivelmente no vivenciar vindouro!

No entanto, aí também *não* deve ser entendida *exclusivamente a nação* que se *denomina alemã*. Cada conceito num acontecimento universal vai muito além, não é tão restrito. Esse desejado espírito alemão qualquer cidadão de outras nações pode trazer por predisposição dentro de si. Deve ser entendido objectivamente por suas faculdades, de modo algum nacionalmente. Contudo, os que pertencem ao povo alemão trazem dentro de si *principalmente* todas as características básicas indispensáveis para esse espírito do futuro, ao qual fica reservada vitória incondicional e liderança na humanidade.

Cuidai, por isso, ó alemães, empregai toda a força, a fim de que vós, convocados devido à vossa predisposição, também sejais *escolhidos*. O *povo* escolhido compor-se-á dos seres humanos individuais escolhidos, para o que tendes todas as prerrogativas. Por isso ele compor-se-á também não somente de alemães, mas também de partes de outras nações, as quais, avaliadas espiritualmente, pertencem a ele. Não se detém nas fronteiras do país alemão.

Não desperdiceis a elevada missão que nisso vos aguarda! Arrancai-vos dessa superficialidade dos actuais pensamentos de toda a vida contemporânea e vos torneis aquilo que podeis e deveis ser: *um* espírito, *um* povo, que, guiando, há de caminhar de modo

exemplar à frente dos outros. Se perderdes o tempo exactamente determinado para isso, quando todo o cosmo actua apoiando, aguardar-vos-á, em vez de ascensão, queda de ímpeto tão pavoroso, que vós, como definitivamente condenados, nunca mais podereis chegar à ascensão. Ser convocado compromete para o máximo desenvolvimento de força! Guardai essa advertência na memória para sempre!

84. Criatura humana

Sempre de novo surgem novas ondas de indignação e lançam seus círculos sobre Estados e países, provocadas por minha afirmação de que a humanidade nada tem de divino em si. Isso mostra quão profundamente a presunção lançou raízes nas almas humanas, e com que má vontade estas querem se separar disso, mesmo quando sua intuição, advertindo aqui e acolá, já surja à tona, e deixe-as reconhecer, contudo, que finalmente tem de ser assim.

O relutar, no entanto, em nada modifica o facto. Os espíritos humanos são até *ainda* menores, mais insignificantes do que julgam, quando já tiverem chegado interiormente à convicção de que lhes falta tudo o que se refere ao divino.

Por isso, quero ir ainda além do que até agora, estender mais um pouco ainda a Criação, a fim de mostrar a que degrau pertence o ser humano. Não é bem possível que possa iniciar com a ascensão, sem antes saber exactamente o que ele *é* e o que ele *pode*. Uma vez ciente disso, então sabe finalmente também ainda o que *deve*!

Isso, porém, é uma grande diferença em relação a tudo o que ele hoje quer! E que diferença!

Não desperta mais piedade naquele, a quem é concedido ver claramente. Entendo com “ver” não a visão de um vidente, mas a de um sábio. Ao invés de misericórdia e compaixão, há de surgir agora apenas ainda *ira*. Ira e desprezo por causa da ilimitada arrogância perante Deus, que centenas de milhares, em sua presunção, praticam diariamente e a toda hora, renovadamente. Numa presunção que não encerra nem uma sombra de saber. Não vale a pena perder nisso uma palavra sequer.

O que eu disser doravante destina-se àqueles poucos que, devido à sua pura humildade, ainda podem chegar a certo reconhecimento, sem terem antes de ser tão arrasados, conforme acontecerá brevemente segundo as leis divinas, para finalmente proporcionar ingresso à Sua *verdadeira* Palavra, e abrir solo fértil para tanto!

Toda a vazia e eloquente obra mal feita dos que se julgam sabidos terrenalmente cairá em ruínas, simultaneamente com o actual solo completamente estéril!

Urge que esse palavrório vazio, que actua como veneno sobre tudo o que se esforça para cima, desmorone em si mesmo em toda a sua vacuidade. —

Mal estabeleci a separação entre o Filho de Deus e o Filho do Homem, como duas personalidades, já surgem dissertações querendo *esclarecer* em enredos teológico-filosóficos que assim não é. Sem entrar objectivamente na minha indicação, procura-se conservar o erro antigo *a qualquer preço*, mesmo pelo preço da objectividade lógica, no modo sem clareza dos dogmas de até então. Teimosamente se insiste em algumas frases das velhas escrituras, excluindo qualquer pensamento próprio e, assim, também sob a condição não expressa de que os ouvintes e leitores igualmente não devam reflectir, menos ainda intuir; pois do contrário se reconhecerá rapidamente que com aquelas numerosas palavras nada fica fundamentado, porque fica impossível uma conclusão certa, quer no passado quer no futuro. Ainda mais visivelmente, porém, falta àquelas muitas palavras uma ligação com o fenómeno real.

Quem nisso finalmente se tornar capaz de abrir seus ouvidos e seus olhos terá de reconhecer, sem mais, a nulidade de tais “doutrinações”; é um derradeiro agarrar-se obstinado, que já não se pode mais denominar como um apegar-se a um apoio de até então, o qual em breve, em acontecimentos vindouros, evidenciar-se-á como *nada*.

A única fundamentação é formada por frases, cuja transmissão correcta não pode ser comprovada, as quais, pelo contrário, devido à impossibilidade de inclusão lógica nos fenómenos universais, mostram bem nitidamente que seu sentido chegou à retransmissão de modo desfigurado pelo cérebro humano. Nenhuma delas pode ser incluída, sem lacunas, nos fenómenos e na intuição. Mas somente onde tudo se fecha *em um círculo completo*, sem fantasias e sem palavras de crença cega, *aí* todos os fenómenos são esclarecidos de modo *certo!* —

Contudo, por que se esforçar, se o ser humano *não quer* libertar-se de tal ideia fixa! Aconteça, pois, calmamente o que nessas condições agora *terá* de acontecer. Somente alguns poucos anos irão modificar tudo isso definitiva e impreterivelmente. —

Afasto-me com horror dos fiéis e de todos aqueles que, em sua falsa humildade e devido a tanto saber melhor, não reconhecem uma verdade singela, rindo dela até ou ainda querendo melhorá-la com benevolência. Quão depressa justamente esses se tornarão tão pequenos, pequenos mesmo, e perderão todo o apoio, porque não o têm nem na crença nem no seu saber. *Terão* o caminho, o qual obstinadamente querem manter, pelo qual não mais poderão voltar para a vida. O direito de escolha jamais lhes foi negado. —

Os que até aqui me acompanharam sabem que o ser humano se origina da parte suprema da Criação: do espiritual. Contudo, muitas diferenças têm de ser registadas ainda na região do espiritual. O ser humano terreno que se atreve a querer ser grande, que frequentemente nem

hesita em rebaixar seu Deus como sendo o supremo *daquele* degrau ao qual *ele* pertence, que às vezes até ousa negá-Lo ou injuriá-Lo, na realidade nem é aquilo que um ou outro humilde, no melhor sentido, julga ser. O ser humano terreno não é *um ser criado*, mas apenas um *ser desenvolvido*. É uma diferença, como a criatura humana não pode imaginar. Uma diferença, que simplesmente nunca conseguirá abranger.

As palavras são belas e bem-vindas a muitos, as quais inúmeros professores trazem nos lábios, a fim de aumentar o número de adeptos. Contudo, até mesmo esses professores ignorantes estão ainda convictos de todos os erros que propagam e não sabem como é grande o dano que assim causam aos seres humanos!

Somente a certeza com relação àquela grande pergunta pode conduzir a uma *ascensão*: “*O que sou eu?*” Se ela não estiver resolvida antes de modo irrestrito, reconhecida, então a ascensão tornar-se-á amargamente difícil; pois *voluntariamente* os seres humanos não se dignam a tal humildade, que lhes proporciona o caminho certo, o qual também realmente podem seguir! Todos os acontecimentos têm comprovado isso de modo claro até a época actual. Mesmo a humildade fez desses seres humanos ou escravos, o que é tão errado quanto a presunção, ou eles também nessa humildade ultrapassaram em muito o alvo propriamente e puseram-se em um caminho, a cujo fim jamais podem chegar, porque a constituição do espírito não é suficiente para isso. Caem por isso em uma profundidade, que os faz despedaçarem-se, porque antes quiseram ser superiores demais. —

Unicamente os *seres criados* são imagens de Deus. São os primordialmente criados, os puro espirituais naquela verdadeira Criação, da qual tudo o mais pôde se desenvolver. Nas mãos desses encontra-se a direcção suprema de todo o espiritual. Eles são os ideais, exemplos eternos para a humanidade inteira. O ser humano terreno, pelo contrário, só pôde desenvolver-se ao formar-se posteriormente a partir dessa Criação constituída. Do pequenino germen espiritual inconsciente até uma personalidade auto-consciente.

Somente plenamente desenvolvido pela observância do caminho certo na Criação, torna-se cópia das imagens à semelhança de Deus! Ele mesmo, de modo algum, é a própria imagem! No meio jaz ainda um grande abismo até ele, em baixo!

Mas também a partir das legítimas imagens, o próximo passo de longe ainda não chega até Deus. Por isso, uma criatura humana terrena, finalmente, devia reconhecer tudo aquilo que se encontra entre ela e a sublimidade da divindade, que tanto se esforça por arrogar a si. O ser humano terreno julga tornar-se divino quando plenamente desenvolvido, ou pelo menos uma parte disso, ao passo que em sua máxima elevação apenas se torna a *cópia* de uma *imagem* de

Deus! Permitido lhe é chegar até o átrio, aos vestíbulos do verdadeiro Castelo do Graal, como máxima distinção que possa ser conferida a um espírito humano. —

Lançai fora, finalmente, essa presunção que só vos pode impedir, uma vez que com isso perdeis o caminho luminoso. Os que se acham no Além, que querem dar ensinamentos bem-intencionados nos círculos espíritas, *nada* sabem a respeito; pois a eles próprios ainda falta o necessário reconhecimento para tanto. Poderiam rejubilar-se, se lhes fosse permitido ouvir a respeito disso. Também entre eles não deixará de vir o grande lamento, quando chegar o reconhecimento do tempo perdido em brincadeiras e obstinação.

Assim como na região espiritual, também é no enteal. Aqui os guias de todos os elementos são enteais *primordialmente criados*. Todos os enteais que se tornam conscientes, como as ondinas, os elfos, os gnomos, as salamandras, etc., *não* são entes criados, mas apenas desenvolvidos, oriundos da Criação. Desenvolveram-se, portanto, da parte enteal, desde a semente *enteal* inconsciente até o enteal consciente, pelo que, na consciencialização, adquirem também formas humanas. Isso se processa sempre simultaneamente com a consciencialização. É a mesma graduação aqui no enteal como, mais acima, no espiritual. Os primordialmente criados dos elementos têm no enteal, da mesma maneira que os primordialmente criados no espiritual, forma masculina ou feminina, segundo a espécie de sua actividade. Daí o conceito na antiguidade de *deuses* e *deusas*. É aquilo a que já me referi na minha dissertação “Deuses – Olimpo – Valhala”. *(Dissertação N° 82) —

Uma grande e uniforme disposição perpassa a Criação e o Universo!

O ouvinte e o leitor de minhas dissertações trabalhem sempre em si mesmos, coloquem sondas e pontes de uma dissertação para a outra, bem como para fora, para os grandes e pequenos fenómenos universais! *Só então* podem compreender a Mensagem do Graal, e perceberão que com o tempo ela se fecha em um todo completo, sem deixar lacunas. Nos fenómenos, o leitor voltará sempre de novo para os elementos básicos. Pode esclarecer tudo e tirar conclusões de tudo, sem precisar modificar uma só frase. Quem vê lacunas, a este falta a compreensão completa. Quem não reconhece a grande profundidade, aquilo que abrange tudo, é superficial e nunca tentou penetrar vivamente no espírito da Verdade aqui enunciada.

Deixai que ele se associe àquelas massas que, em vaidade e na ilusão de já terem o máximo saber, seguem pela estrada larga. A ilusão do saber impede os assim perdidos de ver o que é vivo em outros pronunciamentos, e que ainda falta a seu saber aparente. Para onde olham, o que ouvem, por toda parte se antepõe a satisfação própria daquilo que julgam ter firmemente nas mãos. Somente quando atingirem aquele limite que inexoravelmente rejeita

tudo o que é inverídico e tudo o que é aparente, reconhecerão, ao abrir as suas mãos, que estas *nada* contêm que lhes possibilite uma continuação do caminho e dessa forma, por fim, o ingresso no reino do espírito. Mas então já é tarde demais para voltar pelo caminho e retomar o que foi rejeitado e não levado em consideração. Para tanto, não há mais tempo suficiente. O portal de entrada está fechado. A última possibilidade, perdida. —

Enquanto o ser humano não se tornar *assim* como *deve*, mas permanecer ainda preso naquilo que ele deseja, não pode falar de uma verdadeira condição humana. Deve ter sempre em mente que apenas se originou da *Criação*, e não directamente das mãos do Criador.

“Jogos de palavras, no fundo é uma só coisa expressa apenas de modo diferente”, dizem presunçosos e podres frutos ocos dessa humanidade, porque sempre serão incapazes de intuir a grande diferença que aí existe. A simplicidade das palavras faz com que se enganem novamente.

Apenas quem é vivo dentro de si não passará descuidadamente por cima disso, mas intuirá as imensuráveis distâncias e as rigorosas delimitações.

Se eu quisesse mostrar *todas* as divisões da Criação já agora, muitas pessoas hoje, “em si” grandes, no reconhecimento de que as palavras contêm verdade, ficariam logo prostradas desesperadamente. Esmagadas pela percepção de sua nulidade e pequenez. A expressão tão frequentemente empregada “verme da terra” não é injustificada para os “superiores espiritualmente” que se vangloriam ainda hoje da inteligência, e os quais, em breve, muito em breve, terão de se tornar os ínfimos em toda a Criação, se não pertencerem aos condenados até. —

É chegado, pois, o tempo de reconhecer direito o mundo como tal. Não é sem razão que se separa o mundano do espiritual, mesmo na vida terrena. Essas denominações certamente se originaram da capacidade correcta de pressentimento de diversas pessoas; pois reflectem também a diferença na Criação inteira. Também a Criação podemos dividir em Paraíso e mundo, isto é, no espiritual e no mundano. Também com isso não fica excluído o espiritual no mundano, mas sim o mundano no espiritual.

O mundo nós devemos denominar de materialidade, que também é propulsada pelo espiritual. O espiritual é o reino espiritual da Criação, o Paraíso, onde fica excluído tudo o que é material. Temos, por conseguinte, Paraíso e mundo, espiritual e material, Criação primordial e desenvolvimento, que também pode ser denominado de formação posterior natural.

A verdadeira Criação é exclusivamente o Paraíso, o actual reino espiritual. Tudo o mais é apenas *algo desenvolvido*, portanto, não mais algo criado. E o *desenvolvido* deve ser designado com a expressão *mundo*. O mundo é transitório, desenvolve-se das emanções provenientes da Criação, imitando-a em imagens, impulsionado e mantido através de emanções espirituais. Amadurece, para então, no superamadurecimento, novamente decompor-se. O espiritual, porém, não envelhece conjuntamente, mas sim permanece eternamente jovem, ou expresso de outro modo: eternamente igual.

Somente no *mundo* são possíveis culpa e expiação! Isso decorre da imperfeição do desenvolvimento posterior. Culpa de qualquer espécie é completamente impossível no reino do espírito.

Quem tiver lido as minhas dissertações com seriedade, a este isto fica bem claro. Sabe que nada de todo o espiritual, que perflui o Universo, pode voltar ao puro espiritual, enquanto ainda estiver aderida ao espiritual uma *partícula* de outra espécie, proveniente da peregrinação. A menor partícula torna impossível a ultrapassagem de um limite para o espiritual. Ela retém, mesmo que o espírito tenha avançado até o limiar. Com essa derradeira partícula ele não pode ingressar, porque essa partícula, devido a sua constituição diferente e inferior, não permite a entrada, enquanto ainda estiver aderida ao espiritual. Só no momento em que tal partícula se desliga, cai para trás, o espírito se torna totalmente livre e adquire com isso a mesma leveza que se encontra na camada *mais inferior* do espiritual e que, portanto, existe como lei para esta camada inferior do espiritual, e ele não só *pode*, mas *tem* de passar pelo limiar, onde, até então, ainda havia sido retido por causa da derradeira partícula.

O fenómeno pode ser observado e descrito de tantos ângulos, pouco importando com que palavras é retransmitido figuradamente, permanece em si exactamente o mesmo. Posso enfeitá-lo com as mais fantásticas narrativas, posso servir-me de muitas parábolas para torná-lo compreensível, o facto em si, no entanto, é singelo, bem simples e provocado pelo efeito das três leis que frequentemente mencionei.

Enfim, pode-se dizer também, com razão, que no Paraíso, portanto, no puro espiritual, jamais um pecado consegue manifestar-se, ele não será atingido por nenhuma culpa, por ser criado pelo próprio Espírito Santo. Consequentemente, apenas o que é criado tem pleno valor, ao passo que mais tarde então, naquilo que progressivamente se desenvolveu disso como cópia da Criação divina, que foi cedida totalmente ao espírito humano para o seu desenvolvimento e fortalecimento, como campo de actividade, pôde surgir uma culpa pela vontade errónea desses indolentes espíritos humanos, a qual tem de ser expiada por remissão, antes que o espiritual seja capaz de regressar. Quando sementes espirituais partem da Criação,

isto é, do Paraíso, seguindo um impulso por elas escolhido, a fim de empreender uma peregrinação por aquele mundo, então, evidentemente, pode-se dizer, de modo figurado, que os filhos deixam a pátria, a fim de aprender, e depois voltar plenamente amadurecidos. Tal expressão é justificada, se for tomada *figuradamente*. Tudo, no entanto, deve permanecer sempre figuradamente, não deve ser transformado em algo pessoal, conforme se tenta por toda parte. Visto que o espírito humano só se carrega de culpa no mundo, por ser impossível algo assim no espiritual, então, evidentemente, também não pode voltar para o reino espiritual, antes que se liberte dessa culpa que nele pesa. A tal respeito, eu poderia tomar milhares de imagens, *todas* poderiam ter em si somente o único sentido fundamental, que muitas vezes já dei no efeito das simples três leis básicas.

Soa estranho a muitos, quando descrevo o fenómeno *de modo objectivo*, porque o que é figurado lisonjeia a sua presunção e o amor próprio. O ser humano prefere estar no seu mundo de sonhos; pois aí tudo soa muito mais bonito, aí ele próprio se sente muito mais importante do que realmente é. Comete nisso então o erro de não querer ver o que é objectivo, excede-se em fantasias, perde assim o caminho e seu apoio, e fica horrorizado, talvez até revoltado, quando lhe mostro agora com toda a simplicidade e sobriamente *como* a Criação é, e qual o papel que ele realmente representa nela. É para ele uma transição, como a de uma criança pequena que, sob os cuidados carinhosos de uma mãe ou de uma avó, pôde ouvir contos, feliz, com os olhos cintilantes e as faces aquecidas pelo entusiasmo, para então, finalmente, ver o mundo e os seres humanos na realidade. Completamente diferente do que soa nos belos contos, contudo, em uma análise mais rigorosa e retrospectiva desses contos, basicamente idêntico. O momento é amargo, porém, necessário, senão uma criança não poderia progredir e sucumbiria com grande sofrimento como “estranha ao mundo”.

Aqui não é diferente. Quem quiser ascender mais, este terá que conhecer finalmente a Criação em toda a sua *realidade*. Terá de andar firme nos pés, não deve mais devanear em intuições que servem bem para uma criança irresponsável, mas não para uma pessoa madura, cuja força de vontade penetra na Criação, de modo favorecedor ou perturbador, e com isso a eleva ou a destrói.

Moças que lêem romances que deturpam e colocam uma máscara sobre a vida real, experimentarão mui rapidamente amargas decepções na vida com a fantasia assim despertada, muitas vezes ficarão até traumatizadas por toda a sua existência terrena, como presa fácil da falsidade inescrupulosa, da qual se aproximaram confiantemente. Não é diferente na evolução de um espírito humano na Criação.

Por isso, fora com tudo o que é figurado, que o ser humano nunca aprendeu a entender, porque foi demasiadamente comodista para a seriedade de uma interpretação certa. É chegado o tempo de caírem os véus, e de ele ver claramente de onde veio, que obrigações lhe impõe a sua tarefa, e também para onde terá de ir. *Para tanto, necessita do caminho!* E esse caminho ele o vê claramente indicado na minha Mensagem do Graal, pressuposto que o *queira* ver. A Palavra da Mensagem do Graal é viva, de modo que só se deixa encontrar abundantemente por aquelas pessoas, que têm na alma verdadeiro e sincero anseio! Tudo o mais ela repele naturalmente.

Para os presunçosos e para os que procuram apenas superficialmente, a Mensagem permanece o livro com sete selos!

Somente quem se abrir espontaneamente receberá. Se ele, de antemão, começa a leitura com disposição sincera e pura, tudo o que procura florescer-lhe-á em maravilhosa realização! Todavia, os que não forem de coração inteiramente puro serão repelidos por esta Palavra, ou ela se fechará diante dos falsos olhares. Não encontrarão nada! Assim, cada um terá o seu julgamento, exactamente conforme ele se posicionar diante desta Palavra. —

O tempo de sonhar passou. *A Palavra traz o Juízo.* Ela separa os espíritos humanos naturalmente segundo a diversidade de sua compreensão. Esse acontecimento é, pois, por sua vez, tão simples e natural, que para a maioria dos seres humanos será simples demais, de modo que nisso novamente não reconhecerão o grande e poderoso Juízo, que com isso se inicia.

O Juízo processa-se *nos dias dessa primeira* separação de todos os espíritos humanos, que a respectiva assimilação da nova Palavra de Deus impõe a cada um individualmente! Não se encontra somente nas consequências posteriores que se seguem à separação, quando então cada um deve concluir o caminho para o qual se decidiu, no qual ele encontrará sua recompensa ou seu castigo.

Para, no entanto, sacudir antes *mais uma vez* todos os seres humanos, dar oportunidade para uma reflexão séria, na qual talvez muitos ainda agarrem *aquela* corda de salvação, que unicamente conduz para fora desses baixios, chegam acontecimentos de espécie tão grave, como a humanidade obstinada talvez nem sonha de estarem tão perto. Quão facilmente muito disso poderia ter sido poupado! Agora, porém, é tarde demais. Que os acontecimentos exaustivos ainda se tornem a salvação para muitos, tão logo nisso se dêem conta da nulidade de falsos profetas e também de líderes, nos quais agora confiam tanto; pois somente a Verdade irá sobreviver vitoriosamente à época iminente, e deixará reconhecer em breve o líder

determinado por Deus, ao qual, unicamente, é dada a força para ajudar na desesperadora aflição espiritual e também terrena!

85. E mil anos são como um dia!

Quem das criaturas humanas já compreendeu o sentido dessas palavras, em que igreja é correctamente interpretado? Em muitos casos é considerado apenas como um conceito de vida sem tempo. Todavia, na Criação nada existe sem tempo e nada sem espaço. Já o conceito da palavra Criação tem de contradizer isso; pois o que é criado, é uma obra, e cada obra tem uma limitação. Mas o que tem limitação não é sem espaço. E aquilo que não é sem espaço, tampouco pode ser sem tempo.

Há diversos mundos que formam a morada de espíritos humanos, segundo sua maturidade espiritual. Esses mundos são de densidade maior ou menor, estão mais próximos ou mais afastados do Paraíso. Quanto mais afastados, tanto mais densos e, com isso, mais pesados.

O conceito de espaço e tempo restringe-se com a crescente densidade, com a mais firme compactação da materialidade, com a maior distância do reino espiritual. Dessa forma, a Terra pertence *àquela* parte do Universo, que equivale à segunda posição da densidade. Existe, portanto, ainda uma outra parte do Universo que é mais densa ainda, por isso também ainda mais limitada no conceito de tempo e espaço.

O conceito diverso de espaço e tempo origina-se da maior ou menor capacidade de assimilação do vivenciar pelo cérebro humano, que por sua vez está ajustado ao grau do respectivo ambiente, portanto, à espécie daquela parte do Universo em que o corpo se encontra. Sucede, assim, que devemos falar da diversidade dos conceitos para espaço e tempo nas diferentes partes do Universo.

Existem, pois, partes do Universo que se acham muito mais próximas do Paraíso, portanto, da parte do Universo puro espiritual, do que aquela a que pertence a Terra. Essas que se encontram mais próximas são de outra espécie da materialidade, mais leve e menos compacta. Consequência disso é a possibilidade de um vivenciar mais amplo com plena consciência. Aqui denominamos isso de vivenciar diurno consciente.

As materialidades de outra espécie pertencem à matéria grosseira de consistência mais fina, bem como à parte de consistência grosseira da matéria fina e, ainda, à própria matéria fina absoluta, ao passo que nós nos encontramos, actualmente, no mundo da matéria grosseira absoluta. Quanto mais refinada for então a materialidade, tanto mais permeável também ela é. Contudo, quanto mais permeável for uma materialidade, tanto mais amplo e mais extenso

para o espírito humano, que se encontra no corpo, será também o campo da possibilidade de vivenciar conscientemente, ou, digamos, da possibilidade de receber impressões.

O espírito humano, que habita um corpo mais grosseiro e mais denso, com o cérebro correspondentemente mais denso como estação de passagem dos fenômenos exteriores, encontra-se de modo natural mais firmemente isolado ou amuralhado do que em uma espécie de matéria mais penetrável, menos comprimida. Por conseguinte, na mais densa, ele também somente pode perceber em si acontecimentos ou deixar-se impressionar por eles até uma limitação mais restrita.

Quanto menos densa, porém, é uma espécie de matéria, tanto mais leve ela é por natureza e, com isso, deve se encontrar tanto mais alta, igualmente será também mais translúcida e, por conseguinte, também mais clara. Quanto mais perto se encontrarem do Paraíso, em decorrência de sua leveza, tanto mais luminosas e radiantes serão também por esse motivo, por deixarem passar as irradiações provenientes do Paraíso.

Quanto mais, pois, um espírito humano, por meio de seu corpo, receber a possibilidade do intuir vivo, devido a um ambiente mais leve, menos denso, tanto mais capaz será de vivenciar em si, de modo que no decorrer de um dia terreno poderá assimilar muito mais vivências em seu ambiente, do que uma criatura humana terrena com seu cérebro mais denso, em seu ambiente mais pesado e com isso mais firmemente compactado. Conforme a espécie da permeabilidade, portanto, conforme a espécie mais leve e mais luminosa do ambiente, um espírito humano consegue, no decorrer de um dia terreno, vivenciar então tanto como em um *ano* terreno, devido à assimilação mais fácil e, no próprio reino espiritual, no decorrer de um dia terreno, tanto como em mil anos terrenos!

Por isso se diz: “Acolá mil anos são como um dia”. Portanto, na riqueza do vivenciar, cuja intensificação se orienta segundo o amadurecimento crescente do espírito humano.

O ser humano pode imaginar isso melhor, quando pensa em seus *sonhos*! Aí consegue muitas vezes, em um único minuto de tempo terreno, intuir, vivenciar realmente no espírito uma vida humana inteira! Vivencia aí as coisas mais alegres, bem como as mais dolorosas, ri e chora, vivencia seu envelhecer e, no entanto, gastou aí apenas o tempo de um único minuto. Na própria vida terrena necessitaria, para esse mesmo vivenciar, de muitos decênios, porque o tempo e o espaço do vivenciar terreno são demasiadamente limitados e, por isso, cada degrau prossegue mais lentamente. E como o ser humano na Terra somente em sonho pode vivenciar tão rapidamente, porque aí as algemas do cérebro são parcialmente tiradas do espírito pelo sono, então ele se encontra nas partes mais luminosas do Universo como espírito não mais tão

fortemente algemado e, mais tarde, como espírito completamente livre *sempre* nesse vivenciar activo e rápido. Para o vivenciar real de mil anos terrenos, ele não precisa de mais tempo do que um dia!

86. Intuição

Cada intuição forma imediatamente uma imagem. Nessa formação de imagem participa o cerebelo, que deve ser a ponte da alma para o seu domínio do corpo. É *aquela* parte do cérebro que vos transmite o sonho. Essa parte encontra-se, por sua vez, em ligação com o cérebro anterior, de cuja actividade se originam os pensamentos, mais ligados a espaço e tempo, dos quais, por fim, é composto o intelecto.

Agora, atentai bem ao processo evolutivo! Podeis aí distinguir nitidamente quando a intuição vos fala por meio do espírito, ou o sentimento por meio do intelecto!

A actividade do espírito humano provoca no plexo solar a intuição e impressiona com isso, simultaneamente, o cerebelo. O *efeito* do espírito. Portanto, uma onda de força que *parte* do espírito. Essa onda o ser humano intui naturalmente lá, onde o espírito dentro da alma se acha em ligação com o corpo, no centro do assim chamado plexo solar, que transmite o movimento para o cerebelo, o qual com isso fica impressionado. Esse cerebelo forma, segundo a determinada espécie da impressão diferente, igual a uma chapa fotográfica, a imagem do acontecimento desejado pelo espírito, ou que o espírito formou com sua poderosa força, através de sua vontade. *Uma imagem sem palavras!* O cérebro anterior recebe então essa imagem e procura descrevê-la com palavras, com o que se dá a geração dos pensamentos que chegam então à expressão na linguagem.

O fenómeno todo é na realidade muito simples. Quero repetir mais uma vez: o espírito, com o auxílio do plexo solar, impressiona a ponte a ele dada, imprime, portanto, uma determinada vontade em ondas de força no instrumento a ele dado para tanto, o cerebelo, que logo retransmite ao cérebro anterior o que recebeu. Nesse retransmitir já se processou uma pequena modificação pela compressão, visto que o cerebelo acrescenta algo de sua própria espécie. Como elos articulados de uma corrente, assim actuam os instrumentos no corpo humano, os quais estão à disposição do espírito para utilização. Todos eles agem, porém, *apenas formando*, não podem diferentemente. Tudo quanto lhes é transmitido, eles formam de acordo com sua própria espécie peculiar. Dessa maneira, também o cérebro anterior recebe a imagem transmitida pelo cerebelo e, de acordo com sua espécie um pouco mais grosseira, comprime-a pela primeira vez em conceitos mais restritos de espaço e tempo, com isso, torna-a mais densa e a faz chegar assim ao mundo fino material, já mais palpável, das formas de pensamentos. Logo a seguir, porém, já forma também palavras e frases, que, então, por meio dos órgãos da linguagem, penetram como ondas sonoras formadas na fina matéria grosseira, para aí, por sua vez, provocar um novo efeito, o qual acarreta o movimento dessas ondas. A

palavra falada é, portanto, uma manifestação das imagens por meio do cérebro anterior. Este, porém, também pode dar a direcção da manifestação, em vez de aos órgãos da linguagem, aos órgãos da movimentação, pelo que se origina, em lugar da palavra, a escrita ou a acção.

Esse é o curso normal da actividade do espírito humano, desejada pelo Criador, na matéria grosseira.

É o caminho *certo* que teria conduzido ao saudável desenvolvimento posterior na Criação, pelo qual nem era possível um perder-se para a humanidade.

No entanto, o ser humano saiu voluntariamente dessa via, que lhe foi prescrita pela constituição do corpo. Com teimosia, interferiu no curso normal da corrente de seus instrumentos, fazendo do intelecto o seu ídolo. Dessa maneira, lançou toda a energia sobre a educação do intelecto, unilateralmente, apenas sobre esse único ponto. O cérebro anterior, como gerador, foi forçado desproporcionalmente em relação aos demais instrumentos cooperadores. Isso naturalmente se vingou. O funcionamento uniforme e conjunto de todos os elos individuais foi derrubado e prejudicado, com isso também qualquer desenvolvimento correcto. O esforço máximo *somente* do cérebro anterior durante milénios provocou seu crescimento muito além de tudo o mais. A consequência é a repressão forçada da actividade de todas as partes negligenciadas que, pela menor utilização, tinham de ficar mais fracas. A isso pertence em primeira linha o cerebelo, que é o instrumento do espírito. Disso decorre que a actividade do verdadeiro espírito humano não somente ficou fortemente impedida, mas muitas vezes interceptada e desligada totalmente. A possibilidade de correcto intercâmbio com o cérebro anterior, através da ponte do cerebelo, está enterrada, ao passo que uma ligação directa do espírito humano com o cérebro anterior fica totalmente excluída, visto que sua constituição não é absolutamente adequada para isso. Depende totalmente do pleno funcionamento do cerebelo, em cuja *sucessão* se encontra, de acordo com a vontade de Deus, se quiser cumprir correctamente a função que lhe compete. Para receber as vibrações do espírito, é necessária a espécie do cerebelo. Isso não pode ser contornado; pois o cérebro anterior, já pela actividade, tem de preparar a transição para a matéria fina e a fina matéria grosseira e, por isso, é também de constituição completamente diferente, muito mais grosseira.

No cultivo unilateral do cérebro anterior encontra-se, pois, o pecado hereditário do ser humano terreno contra Deus, ou, expresso de modo mais nítido, contra as leis divinas, as quais estão estabelecidas na distribuição correcta de todos os instrumentos corpóreos, da mesma forma como em toda a Criação. A observação da distribuição *correcta* também teria trazido em si o caminho certo e recto para a ascensão do espírito humano. Assim, no entanto,

o ser humano, em sua presunção ambiciosa, interferiu nas malhas do actuar saudável, separou uma parte disso e cuidou dela de modo especial, não atentando às demais. Isso *tinha* de implicar em desigualdade e estagnação. Mas, se o curso do processo natural for impedido desse modo, então a doença, o falhar e, por último, uma emaranhada confusão e ruína terão de ser a absoluta consequência.

Aqui, no entanto, não entra em consideração apenas o corpo, mas em primeira linha o espírito! Com esse abuso do cultivo desigual de ambos os cérebros, o cérebro posterior, no decorrer dos milénios, foi oprimido pela negligência, e com isso o espírito impedido em sua actividade. Tornou-se *pecado hereditário*, porque, com o tempo, o cultivo excessivo e unilateral do cérebro anterior já é transmitido a cada criança, como herança grosso-material, pelo que já de antemão dificulta-lhe incrivelmente o despertar e o fortalecimento espiritual, porque a ponte do cérebro posterior, indispensável para tanto, não lhe ficou mais tão facilmente transitável e mui frequentemente foi até cortada.

A criatura humana nem sequer pressente que ironia gravemente condenatória há nas expressões criadas por ela própria “cérebro e cerebelo”! Essa acusação não pode ser formulada de modo mais terrível contra o seu abuso da determinação divina! Ela caracteriza com isso exactamente o pior de sua culpa terrena, uma vez que com criminosa teimosia mutilou de tal modo o instrumento fino do corpo de matéria grosseira, o qual deve auxiliá-la nesta Terra, que este não somente não pode servir-lhe *assim* como foi previsto pelo Criador, mas *tem* de conduzi-la até as profundezas da perdição! Com isso, pecaram muito pior do que bêbados ou aqueles que destroem seu corpo ao entregar-se a todas as paixões!

E, além disso, ainda têm a arrogância de querer que Deus deva tornar-se-lhes *de tal modo* compreensível, que eles, no invólucro arbitrariamente torcido de seu corpo, também possam compreender! Por cima desse crime já praticado, ainda *essa* exigência!

Em desenvolvimento normal, a criatura humana teria podido escalar os degraus para a altura luminosa de maneira fácil e cheia de alegria, se não tivesse interferido na obra de Deus com mão criminosa! Maldição sobre ela, se agora não segurar, cheia de gratidão, a última âncora de salvação! Perdição sobre ela, para que não possa tramar e disseminar ainda mais desgraça e pecados, e espalhar sofrimento sobre os próximos, como aconteceu até agora! Não era possível de outra forma, senão que tais aleijados cerebrais caíssem em megalomania insana, que ainda hoje possuem no mais alto grau! O ser humano do futuro terá cérebros *normais* que, trabalhando uniformemente, apoiar-se-ão então mutuamente, somente de modo harmonioso. O cérebro posterior, o qual se chama cerebelo, porque foi atrofiado, robustecer-

se-á então, porque chegará à actividade certa, até ficar em relação correcta com o cérebro anterior. Então, haverá novamente harmonia, e o rígido, doentio, terá de desaparecer!

Agora, sigamos para as *demais* consequências do modo de vida tão errado de até então: o cérebro posterior, demasiadamente pequeno na relação, também dificulta aos que hoje procuram de modo realmente sincero distinguir o que neles é legítima intuição e o que é simplesmente sentimento. Eu já disse anteriormente: o sentimento é gerado pelo cérebro anterior, quando seus pensamentos actuam sobre os nervos do corpo que, irradiando retroactivamente, impõem ao cérebro anterior o estímulo da assim chamada fantasia.

Fantasia são imagens criadas pelo cérebro anterior. Não podem ser comparadas às imagens formadas pelo cerebelo sob pressão do espírito! Temos aqui a diferença entre a expressão da intuição como a consequência de uma actuação do espírito, e os resultados dos sentimentos provenientes dos nervos corpóreos. Ambos produzem imagens, que para os leigos são difíceis ou até impossíveis de distinguir, apesar de existir aí uma diferença tão enorme. As imagens da intuição são legítimas e contêm força viva, porém, as imagens do sentimento, a fantasia, são simulações de uma força emprestada.

A diferença, porém, é fácil para quem conhece o processo evolutivo na Criação inteira e, então, observa-se a si próprio de modo rigoroso.

Nas imagens da intuição, da actividade do cerebelo como ponte para o espírito, surge *primeiro* a imagem imediatamente, e só depois se transforma em pensamentos, pelo que a vida emocional do corpo fica então influenciada pelos pensamentos.

No entanto, nas imagens geradas pelo cérebro anterior dá-se o contrário. Aí os pensamentos têm de *anteceder*, a fim de estabelecer as bases das imagens. Mas tudo isso se passa tão depressa, que quase parece uma só coisa. Com um pouco de prática no observar, contudo, a pessoa pode, em pouco tempo, distinguir com exactidão de que espécie é o fenómeno.

Uma outra consequência desse pecado hereditário é a confusão dos sonhos! Por esse motivo, as pessoas hoje não podem mais dar aos sonhos *aquele* valor que lhes caberia, propriamente. O cerebelo normal transmitiria os sonhos, influenciado pelo espírito, de maneira clara e não confusa. Quer dizer, nem seriam *sonhos*, mas um *vivenciar* do espírito, que é acolhido e retransmitido pelo cerebelo, enquanto o cérebro anterior repousa em sono. A actual força dominante do cérebro anterior ou diurno, porém, exerce também durante a noite sua influência, irradiando sobre o sensível cérebro posterior. Este, em seu enfraquecido estado

actual, acolhe as fortes irradiações do cérebro anterior, simultaneamente com as vivências do espírito, com o que se origina uma mistura, semelhante à exposição dupla de uma chapa fotográfica. Isso resulta, então, nos sonhos confusos actuais.

A melhor prova disso é que, muitas vezes, também surgem nos sonhos palavras e frases, que *só* se originam da actividade do cérebro *anterior*, o único a formar palavras e frases, por estar mais intimamente ligado a espaço e tempo.

Por essa razão, o ser humano agora também não está mais acessível, ou só precariamente, a advertências e ensinamentos espirituais através do cérebro posterior, e devido a isso muito mais exposto a perigos, dos quais, em caso contrário, poderia desviar-se pelas advertências espirituais!

Assim existem, além dessas mencionadas consequências más, muitas outras, que a interferência do ser humano nas determinações divinas trouxe consigo; pois na realidade *todo* o mal se originou somente desse único falhar hoje tão visível a qualquer um, que foi tão-só um fruto da vaidade, que se originou devido ao aparecimento da mulher na Criação.

Liberte-se, portanto, o ser humano finalmente das consequências do mal hereditário, se não quiser se perder.

Tudo, evidentemente, requer esforço, assim também isto. O ser humano *deve*, sim, despertar de seu comodismo, para tornar-se finalmente aquilo que já deveria ter sido desde o início! Favorecedor da Criação e mediador de Luz para toda criatura!

87. O Mestre do Universo

O Mestre do Universo é o Filho do Homem. Não é, porventura, chamado de Mestre do Universo porque deve instruir o Universo, talvez fundar uma religião que venha a unificar o Universo, em sentido mais restrito, a Terra, ou, ainda melhor, a humanidade da Terra, ou que domina a Terra, mas é chamado Mestre do Universo porque *esclarece* o “Universo”, traz ensinamentos a respeito do Universo. Aquilo que o ser humano realmente precisa saber! Ele ensina a *reconhecer* o “Universo” em sua actuação natural, para que o ser humano terreno possa se orientar de acordo e, assim, torne-se-lhe possível a ascensão de forma consciente, no reconhecimento das verdadeiras leis do Universo!

Trata-se, portanto, de uma doutrina do Universo, de ensinamentos a respeito do Universo, da Criação.

Atrás desse *legítimo* Mestre do Universo encontra-se radiante, como outrora se deu com Cristo, visível aos *videntes puros*, a grande *Cruz do Redentor*! Pode-se dizer também “*Ele porta a Cruz*”! Todavia, isto nada tem a ver com sofrimento e martírio.

Esse será um dos sinais que, “reluzindo de forma viva”, nenhum charlatão ou mago, mesmo o mais habilidoso, consegue imitar, e mediante o qual pode ser reconhecida a absoluta legitimidade de sua missão!

Esse fenómeno extraterreno não é acaso desconexo, apenas arbitrário, portanto, não antinatural. Compreende-se imediatamente a ligação, logo que se conhecer o real sentido da verdadeira “Cruz do Redentor”. A Cruz do Redentor não tem a mesma significação da cruz do sofrimento de Cristo, por meio da qual a humanidade também não podia ser salva, conforme descrevo pormenorizadamente na dissertação “Morte na cruz” ^{*(Dissertação Nº 55)} e tantas vezes repeti. Trata-se de algo bem diferente, por sua vez aparentemente simples, e, no entanto, gigantesco!

A Cruz, pois, já era conhecida antes do tempo terreno de Cristo. É o sinal da Verdade divina! Não somente o sinal, mas a forma viva desta. E como Cristo foi o portador da Verdade divina, da autêntica, e emanou da Verdade, estava em ligação directa com ela, trazia em si uma parte dela, ela aderiu também vivamente nele e a ele! Ela é *visível* na Cruz viva, portanto, luminosa e por si naturalmente *radiante*! Pode-se dizer que ela é a própria Cruz. Lá onde se encontra essa Cruz radiante, encontra-se, por conseguinte, também a Verdade, porque essa

Cruz não pode ser separada da Verdade, por ser uma só coisa, *porque essa Cruz mostra a forma visível da Verdade.*

A Cruz que emana raios, ou a Cruz radiante *é*, portanto, a Verdade em sua forma intrínseca. E como somente por intermédio da Verdade o ser humano pode ascender e não de outra forma, logo, o espírito humano também só encontra a verdadeira *redenção* no reconhecimento ou conhecimento da Verdade divina!

E como, por sua vez, somente na Verdade se encontra a redenção, conclui-se daí que a Cruz, isto *é*, a Verdade, *é* a Cruz redentora, ou a *Cruz do Redentor!*

É a Cruz do Redentor! *O Redentor, porém, é a Verdade* para a humanidade! Somente o conhecimento da Verdade e a decorrente utilização do que reside na Verdade, ou do caminho apontado pela Verdade, pode conduzir o espírito humano para fora de sua actual alienação mental e desencaminhamento, para cima, rumo à Luz, libertá-lo, salvá-lo da situação actual. E como o enviado Filho de Deus e o Filho do Homem, que agora está por vir, são os *únicos* portadores da Verdade *límpida*, trazem-na em si, ambos também têm de trazer a Cruz, em si e aderida a si, de modo natural e inseparável, portanto, serem portadores da Cruz radiante, portadores da Verdade, portadores da redenção, que reside na Verdade para os seres humanos. Eles trazem a redenção na Verdade para quantos a acolherem, isto *é*, para os que seguirem o caminho apontado. – Que vale, comparado a isso, todo o palavreado astuto dos seres humanos? Desvanecer-se-á na hora da aflição.

Por isso, o Filho de Deus disse aos seres humanos que tomassem a *Cruz* e o seguissem, isto significa, portanto, que *assimilassem a Verdade e vivessem de acordo com ela!* Que se adaptassem às leis da Criação, aprendessem a compreendê-las direito e utilizassem-nas em seus efeitos naturais somente para o bem.

Mas o que a restrita mente humana fez novamente desse facto simples e natural! Uma doutrina de sofrimento não desejada por Deus e pelo Filho de Deus, seu enviado! E com isso foi enveredado um caminho *falso*, que não *é* consentâneo com o caminho apontado, e sim se afasta para bem longe da vontade de Deus, a qual só deseja conduzir para a alegria e não para o sofrimento.

É naturalmente um símbolo terrível para a humanidade, que o Filho de Deus outrora tenha sido pregado por ela justamente na forma terrenamente reproduzida da configuração da Verdade e martirizado até a morte, portanto, sucumbiu terrenamente no símbolo da Verdade, que ele trouxe! A cruz do sofrimento das igrejas, porém, *não é* a Cruz do Redentor!

Diz-se do Filho de Deus que é “aquele que se encontra na força e na Verdade”. A força é a Vontade de Deus, o Espírito Santo. Sua forma visível é a Pomba. A forma visível da Verdade é a Cruz por si irradiante. Ambas eram visíveis vivas no Filho de Deus, porque ele se encontrava nelas. Tratava-se nele, portanto, de um fenómeno natural e evidente.

O mesmo se verá também no Filho do Homem! A Pomba por cima dele, a Cruz do Redentor atrás dele; pois ele está, por sua vez, inseparavelmente ligado a isso, como o portador da Verdade, “que se encontra na força e na Verdade”! *São os sinais infalíveis de sua legítima missão, para o cumprimento das profecias.* Os sinais, que nunca podem ser imitados, que são indestrutíveis, advertindo e, não obstante a terrível severidade, também prometendo! Diante deles, unicamente, todas as trevas têm de desaparecer!

Elevai o olhar! Assim que os inexoráveis presságios de sua vinda tiverem se anunciado, que lhe desembaraçam o caminho dos empecilhos que a presunção humana ali amontoa, *cairá a venda dos olhos de muitos*, que são agraciados em reconhecê-lo *dessa maneira!* E em altas vozes *terão* que dar testemunho, impelidos pela força da Luz.

Ninguém dos inúmeros falsos profetas e guias de hoje poderá subsistir diante *dele*; pois em ambos os altos sinais, que ninguém pode portar, a não ser o Filho de Deus e o Filho do Homem, o próprio Deus fala a favor de Seus servos, e toda a astúcia humana terá de se calar em face disso. —

Prestai atenção à hora, estará mais próxima do que *todos* pensam.

88. O Estranho

As trevas pairavam novamente sobre a Terra. Obscureciam triunfantemente os seres humanos, e fecharam o caminho para o reino puro espiritual. A Luz de Deus havia se retirado deles. O corpo, que como receptáculo terreno servira para isso, pendia sangrando e destruído na cruz, como vítima do protesto daqueles a quem quis trazer a felicidade e a santa paz.

No ponto mais alto de toda a Criação, na radiante proximidade de Deus, paira o Castelo do Graal, como Templo da Luz. E nele dominava imensa tristeza por causa dos espíritos humanos perdidos nas profundidades que, em cega ilusão do querer saber melhor, fecharam-se hostilmente à Verdade e deixaram-se atizar pelas trevas cheias de ódio até perpetrar o crime contra o Filho de Deus. Pesadamente abatia-se sobre o mundo todo essa maldição assim criada pela humanidade e oprimiu-a em uma estreiteza de compreensão ainda maior. —

Com sério espanto, um jovem contemplava lá do Castelo do Graal o ignominioso acontecimento... o futuro Filho do Homem. Já nesse tempo ele se encontrava em sua preparação que levou milénios; pois bem aparelhado deveria descer para os baixios onde as trevas reinavam por vontade dos seres humanos.

E eis que pousou delicadamente no ombro do jovem absorto a mão de uma mulher. A Rainha primordial da feminilidade achava-se ao seu lado e falou com afectuosa tristeza:

“Deixa o acontecimento actuar sobre ti, querido filho. *Assim* é o campo de luta que terás de atravessar na hora da realização; pois, a pedido do Salvador assassinado, Deus-Pai concede que tu, antes do Juízo, anuncies mais uma vez Sua Palavra aos renegados, a fim de salvar aqueles que ainda queiram ouvi-la!”

Calado, o jovem baixou a cabeça, e em fervorosa oração pediu forças, pois o eco de tão grande amor de Deus agitava-se poderosamente nele!

Depressa se espalhou por toda parte a notícia da reiterada última possibilidade de graça e muitas almas rogaram a Deus consentimento para poder colaborar na grande obra de redenção de todos quantos ainda queiram encontrar o caminho para Deus. O amor de Deus-Pai consentiu a algumas almas, às quais tal oportunidade resultava em vantagens para sua ascensão. Em alegria, repleto de gratidão, o grupo dos assim agraciados prestou, jubilando, uma promessa de fidelidade para o cumprimento da concedida possibilidade de servir.

Assim se formaram *aqueles* convocados, que deveriam ficar mais tarde à disposição do enviado de Deus, quando chegasse a sua hora de realização na Terra. Com cuidado foram desenvolvidos para essas tarefas e em tempo certo encarnados na Terra, para poderem estar prontos, assim que lhes fosse dirigido o chamado, *ao qual estarem atentos era seu primeiro cumprimento do dever*.

— — —

Enquanto isso, o legado do assassinado Filho de Deus, sua Palavra Viva, era utilizada na Terra apenas para fins egoísticos. Faltava aos seres humanos toda e qualquer noção dos verdadeiros princípios de Cristo. Acostumaram-se, pelo contrário, a um servilismo de amor tão falso, exclusivamente terreno, que acabaram recusando tudo o mais como não vindo de Deus, e ainda hoje recusam e hostilizam tudo quanto não se mostre nessa moleza repugnante desejada por eles, e que não professe o mesmo tão insano e escravo culto da humanidade. Tudo, onde falta como base o reconhecimento da supremacia humana, é considerado simplesmente como falso e não-pertencente à Palavra de Deus. Mas por baixo de tal conduta esconde-se, na realidade, nada mais do que a preocupação receosa de que se torne evidente o vazio dessa falsa estrutura, já desde muito sentido.

Foi *isso* que fizeram do sagrado legado do Filho de Deus! Sob tais pressuposições humilhantes transmitiram suas palavras claras, interpretando-as de modo demasiadamente humano. Adeptos foram atraídos mediante concessões às fraquezas humanas, até que se pudesse estabelecer determinado poderio terreno, ao qual a meta final sempre era dirigida. Então, no entanto, mostraram logo, com bestial crueldade, o quanto esses portadores do não-compreendido princípio de Cristo achavam-se longe da verdadeira compreensão do mesmo, e quão pouco viviam de acordo com ele. Constantemente e cada vez mais nítida foi apresentada a prova de que exactamente os que queriam apresentar-se como portadores do princípio de Cristo eram os piores inimigos e maiores ofensores do verdadeiro princípio de Cristo, de maneira vergonhosa e imperdoável! Toda a história depois da existência terrena de Cristo mostra, com o começo das igrejas, esses factos tão claramente gravados em caracteres inapagáveis e marcados a fogo, que jamais poderão ser contestados ou atenuados. O estigma da hipocrisia consciente foi formado abertamente devido à longa história dos assassinios individuais e em massa, levados a efeito sob a criminosa invocação de Deus, no qual ainda hoje em muitos lugares continua a ser edificado, apenas em formas alteradas, adequadas ao tempo actual.

Assim as trevas aumentaram cada vez mais o seu negror, graças ao empenhamento de todos os espíritos humanos, à medida que ia se aproximando o tempo em que o Filho do Homem tinha de ser encarnado na Terra.

Movimento jubiloso nos elementos anunciou o nascimento terreno. Anjos acompanharam-no, cheios de amor, na sua descida até esta Terra. Os primordialmente criados formaram uma sólida barreira ao redor dele e de sua infância terrena. Ensolarada pôde ser sua infância terrena. Como uma saudação de Deus-Pai, via de noite o cometa cintilando sobre si, o qual contemplava como algo natural, como parte dos demais astros, até que lhe foi posta a venda nos olhos, a qual deveria manter durante sua amarga educação terrena.

Estranho lhe parecia então tudo à sua volta, apenas um anseio elevado e insaciável enchia a sua alma, que aumentou até a inquietação, até um procurar ininterrupto, nervoso. Não se deixava acalmar por coisa alguma que a Terra oferecesse.

Com a venda de matéria fina diante dos olhos, encontrava-se agora em terreno hostil em frente às trevas, em um campo de luta em que todas as trevas podiam fincar os pés mais firmemente do que ele próprio. Por isso estava na natureza da coisa que, por toda parte onde ele procurasse empreender algo, não podia ressoar nenhum eco, nem surgir nenhum êxito, mas apenas a escuridão sempre hostil. Enquanto não era chegado o tempo da realização para ele, as trevas sempre podiam permanecer mais fortes e prejudicá-lo terrenamente lá, onde de alguma forma actuasse terrenamente, não importando se no sector privado, comercial ou público; pois tudo quanto é terreno *tinha*, mui naturalmente, de se contrapor hostilmente ao enviado de Deus, já que hoje toda a vontade dos seres humanos é dirigida *contra* a legítima vontade de Deus, não obstante a aparente procura pela Verdade, atrás da qual se esconde sempre apenas a própria presunção em múltiplas formas. As trevas encontraram facilmente, por toda parte, criaturas dispostas a estorvar o enviado da Luz, e a feri-lo mui dolorosamente.

Assim o seu tempo de aprendizagem na Terra tornou-se um caminho de sofrimento.

— — —

Assim como o espiritual actua com grande força aparentemente atraindo e sustentando magneticamente sobre o enteal, sobre a matéria fina e a matéria grosseira, de maneira igual e ainda muito mais forte tem de actuar aquilo, que tem a sua origem acima do espiritual na Criação posterior, sobre *tudo* quanto está situado abaixo dele. Trata-se de um fenómeno natural, que de outro modo não é possível. Contudo, somente em seu efeito se assemelha a uma força de atracção. Força de atracção, no sentido conhecido, só a espécie igual tem

reciprocamente. Neste caso, porém, trata-se do existente *poder do mais forte* no sentido puramente objectivo e mais nobre! Não concebido no sentido terreno humano; pois na matéria grosseira essa lei, como tudo o mais em seus efeitos, ficou embrutecida pela intervenção dos seres humanos. O efeito natural desse poder dominante mostra-se na forma exterior como uma atracção, concentração, união, dominação magnética.

Em decorrência dessa lei, também os seres humanos sentiram-se então atraídos magneticamente para esse Estranho velado e forte, proveniente das alturas, embora muitas vezes opondo-se hostilmente. Os invólucros espessos que o envolviam não conseguiam reter de todo o transparecer dessa força estranha na Terra, enquanto ela, por sua vez, ainda não podia irradiar livremente, a fim de exercer *aquele* poder irresistível que terá depois da queda dos invólucros sobrepostos na hora da realização. Isso trouxe discórdia entre as intuições dos seres humanos. A existência do Estranho, por si só, já lhes despertava, ao encontrarem-se com ele, pensamentos de esperanças das mais variadas espécies, os quais, infelizmente, só se concentravam, por causa de sua mentalidade, em desejos terrenos que eles nutriam e desenvolviam em si.

Mas o Estranho nunca podia atender a tais desejos, porque sua hora ainda não era chegada. Por isso, muitos se viram às vezes fortemente enganados em sua imaginação, chegando mesmo, de modo estranho, a sentirem-se ludibriados. Nunca reflectiam que, na realidade, tinham sido *apenas suas próprias* expectativas egoísticas que não se realizaram e, revoltados em sua desilusão, atiravam a responsabilidade por isso sobre o Estranho. Contudo, este não os chamara, eles o importunavam e agarravam-se a ele, devido àquela lei para eles desconhecida, e não raro se lhe tornavam uma carga pesada, com a qual ele caminhava por *aqueles* anos terrenos, que lhe haviam sido previstos como tempo de aprendizagem.

Os seres humanos terrenos sentiam nele algo misterioso, desconhecido, que não podiam explicar, pressentiam um poder oculto, que não compreendiam, e, por isso, em sua ignorância, supuseram por fim naturalmente apenas sugestão, hipnose e magia propositais, de acordo com o grau de sua incompreensão, quando de tudo isso nada entrava em consideração. A simpatia inicial, a consciência de um estranho sentir-se atraído, transformava-se então muitas vezes em ódio, que desabafava em pedradas morais e tentativas de conspiração contra aquele, de quem prematuramente tinham esperado tanta coisa.

Ninguém se deu ao trabalho de uma justa auto-análise, a qual teria demonstrado que o Estranho, que vivia por si em outras concepções e ideais, era o explorado pelos importunadores, e não que este tenha explorado alguém, conforme tais elementos importunadores tentavam convencer a si mesmos e a outros na amargura por verem desfeitas

as realizações de seus desejos de uma vida cómoda. Cegos, respondiam às gentilezas recebidas com insensato ódio e inimizade, semelhante à acção de Judas.

Mas o Estranho na face da Terra tinha de suportar tudo, pois era apenas uma consequência natural de sua existência, enquanto a humanidade vivesse no erro. Tal vivência, porém, trouxe simultaneamente também a têmpera para ele necessária que, aos poucos, foi se colocando como uma armadura em volta de sua índole em geral sempre disposta a auxílio, e assim abriu um abismo entre ele e a humanidade... por causa das feridas da alma, as quais actuavam de modo separador e só podem sarar novamente pela completa transformação da humanidade. Estas feridas a ele infligidas constituíram a partir dessa hora o abismo que só poderá ser transposto por *aquela* ser humano *que* percorrer *totalmente* a estrada das leis de Deus. Apenas esta pode servir de ponte. Todos os outros terão de cair no abismo; pois não há outro caminho para a travessia. E permanecer parado diante dele acarreta a destruição.

Na hora exacta, antes do fim desse tempo difícil de aprendizagem, já se realizava o encontro com *aquela* companheira que, como uma parte dele, devia peregrinar junto com ele pela vida terrena, a fim de, segundo a determinação divina, cooperar na grande missão. Ela, também uma estranha na face da Terra, no reconhecimento próprio, inseriu-se alegremente na vontade de Deus, a fim de gratamente mergulhar nela.

Só então chegou o tempo para os convocados, que outrora haviam prestado a Deus o juramento de fidelidade para o servir! O consentimento do pedido dos mesmos foi realizado com zelo. No tempo certo se processou a encarnação na Terra. Sob condução fiel foram aparelhados terrenamente para a respectiva missão com tudo aquilo de que necessitavam para o cumprimento. Tudo lhes foi conduzido, presenteado e de modo tão visível, que nem podiam deixar de considerá-lo como um presente, como um feudo para a hora do cumprimento de sua promessa de outrora. Entraram pontualmente em contacto com o enviado, por meio de sua Palavra, a seguir também pessoalmente... mas muitos deles pressentiram, sim, o chamado, intuíram algo de estranho em suas almas, no entanto, durante a sua peregrinação na Terra, já tinham se deixado envolver de tal maneira com coisas puramente terrenas e em parte até pelas trevas, que não podiam reunir a força para se dedicarem ao verdadeiro servir, para cuja realização lhes fora permitido vir à Terra nessa época tão importante. Alguns manifestavam ainda a fraca vontade para o cumprimento, mas suas falhas terrenas os impediam. Houve infelizmente também outros, que até entraram no caminho de sua finalidade, mas procuraram aí, *antes de tudo*, vantagens terrenas para si. Até muitos daqueles, imbuídos de vontade sincera, esperavam que aquele a quem *eles* teriam de servir, devia aplainar o seu caminho para a realização, em vez do contrário. Apenas poucos, isoladamente, mostraram-se realmente de tal forma, de modo a estarem aptos a se desenvolver em sua missão. A esses então, na hora da

realização, era dada uma força dez vezes maior, de modo que as lacunas não mais ficaram perceptíveis e eles, em sua fidelidade, tornaram-se capazes de realizar até mais do que o grupo numeroso jamais teria conseguido. —

Com tristeza o Estranho na Terra viu as devastações no grupo dos convocados. Esta *foi para ele uma das mais amargas experiências!* Por mais que tivesse aprendido, por mais que tivesse sofrido através dos próprios seres humanos... diante desse último facto ficou atônito, sem poder compreender; pois não encontrou nenhuma desculpa para esse falhar. Segundo sua concepção, um convocado, que em atendimento de seus pedidos fora especialmente conduzido e encarnado, não podia outra coisa senão, em jubiloso cumprimento, realizar fielmente a sua missão! Para que outra finalidade estava então na Terra! Por que tinha sido protegido fielmente até a hora em que o enviado precisasse dele! Tudo somente lhes fora presenteado por causa de seu servir indispensável. Por isso, aconteceu então que o Estranho, quando encontrou os primeiros convocados, confiou plenamente neles. Considerou-os somente como amigos, os quais de modo algum poderiam pensar, intuir e agir de outra maneira, senão na mais inabalável fidelidade. Pois se tratava do mais elevado e precioso que podia acontecer a um ser humano. Não lhe veio um pensamento sequer da possibilidade de que também convocados pudessem tornar-se impuros durante o tempo de sua espera. Para ele era incompreensível que uma pessoa distinguida com tamanha graça pudesse de modo injurioso negligenciar e desperdiçar a verdadeira finalidade de sua existência terrena. Eles, com seus erros aderentes, pareciam-lhe apenas mui necessitados de auxílio... Assim, o horror desse reconhecimento atingiu-o tanto mais duramente, quando teve de vivenciar que o espírito humano, também em tais casos extraordinários, não é confiável e mostra-se indigno da mais elevada graça, mesmo com a condução espiritual mais fiel!

Abalado, viu de repente diante de si a humanidade em sua depravação, indescritível inferioridade. Ela lhe causou asco.

— — —

De maneira mais opressora caía a miséria sobre a Terra. Cada vez mais nitidamente mostrava-se a inconsistência da construção falsa de toda a actividade humana de até agora. Mais evidente apresentava-se a prova de sua incapacidade. Em meio à confusão crescente, pouco a pouco tudo começou a vacilar, excepto uma coisa: a presunção humana a respeito de seu próprio querer ser capaz.

Justamente essa se desenvolvia com mais pujança do que nunca, o que também era natural, uma vez que a presunção sempre necessita do solo da estreiteza. O aumento da estreiteza tem de acarretar também um forte florir da presunção.

A mania de sobressair evoluiu para convulsão febril. Quanto menos o ser humano tinha para dar e quanto mais nele a alma angustiada clamava pela libertação, presentindo claramente o afundamento, tanto mais inoportunamente procurava então, em uma falsa necessidade de equilíbrio, as *futilidades terrenas exteriores*, as distinções humanas. Mesmo que eles, em horas silenciosas, também finalmente duvidassem muitas vezes de si mesmos, tratavam tanto mais diligentemente de no mínimo ainda serem *considerados* como conhecedores. A *qualquer* preço! Assim seguiu velozmente para baixo. No angustiante reconhecimento do desmoronamento vindouro, cada qual, por fim, procurava entorpecer-se conforme sua maneira, e deixou o inaudito seguir seu curso, sem alterá-lo. Ele fechava os olhos diante da responsabilidade ameaçadora.

“Sábios” seres humanos, entretanto, anunciavam a hora da vinda de um poderoso auxiliador da calamidade. A maioria destes queria, contudo, reconhecer esse auxiliador em si mesmos, ou, quando havia modéstia, queriam encontrá-lo pelo menos em seu círculo.

“Devotos” oravam a Deus por auxílio para sair da confusão. Mas evidenciava-se que esses homúnculos terrenos já em seu rogo, na expectativa do atendimento, procuravam intimamente impor condições a Deus, ao desejar este auxiliador de *tal* modo, como correspondia às *suas opiniões*. Tão longe alcançam os frutos da estreiteza terrena. Os seres humanos chegam a acreditar que um emissário de Deus precise enfeitar-se com futilidades terrenas! Esperam que ele deva orientar-se por suas restritas concepções terrenas, a fim de com isto ser reconhecido por eles, e dessa forma conquistar sua fé e sua confiança. Que presunção inaudita, que pretensão já se manifesta somente nesse facto! A presunção estará terrivelmente quebrada na hora da realização, juntamente com todos aqueles que em espírito entregaram-se a tal ilusão! —

E eis que o Senhor chamou o Seu servo, que andava pela Terra como Estranho, para que falasse, para que anunciasse a quantos se mostrassem sedentos!

E vede, o saber dos “sábios” era falso, as orações dos devotos não eram sinceras; pois não se abriam à voz que vinha da Verdade e que, por isso, só podia ser reconhecida lá, onde a gota da Verdade não tivesse sido soterrada no ser humano pelos erros terrenos, pelo poder do intelecto e por todas essas coisas, que são propícias a desviar o espírito humano do verdadeiro caminho e a levá-lo à queda.

Ela só poderia achar eco onde o pedido partisse de uma alma verdadeiramente humilde e sincera.

O chamado se fez ouvir. Onde chegava, ocasionava inquietação e separação. Mas nos pontos onde era aguardado sinceramente, produzia paz e felicidade.

As trevas ficaram atentas, entraram em movimentação inquieta e aglomeraram-se ainda mais espessas, pesadas e escuras ao redor da Terra. Já rosnavam hostilmente aqui e acolá, assobiavam cheias de ódio nas fileiras daqueles que queriam atender ao chamado. Cada vez mais estreitamente rodeavam *aqueles* convocados, que pelo falhar tinham de afundar na escuridão, à qual voluntariamente haviam estendido a mão. Seu juramento anterior os prendia espiritualmente de modo firme ao enviado, atraindo-os para junto dele na hora da realização próxima, ao passo que seus erros actuavam estorvando e os repeliam dele, porque dessa forma nenhuma ligação com a Luz era possível.

Dessa contingência, por sua vez, somente podia surgir uma ponte para o ódio, para todo o ódio das trevas contra toda a Luz. E assim eles tornavam mais árduo o caminho de sofrimento do enviado da Luz até o Gólgota, para cujo agravamento colaborou de bom grado a maior parte da humanidade, principalmente os que presumiam já conhecer e trilhar o caminho da Luz, como outrora os escribas e os fariseus. Tudo isso criou uma situação, na qual a humanidade pôde demonstrar mais uma vez que ela hoje repetiria a mesma coisa que perpetrara outrora contra o Filho de Deus. Só que desta vez em uma forma mais moderna, a crucificação simbólica mediante tentativa de *morte moral* que, segundo as leis de Deus, *não é menos condenável do que o assassinio corporal*.

Era o cumprimento, depois da última possibilidade de graça, levemente perdida. Traidores, falsas testemunhas e caluniadores vieram das fileiras dos convocados. Os vermes das trevas em número cada vez maior ousavam aproximar-se, por se julgarem seguros, porque o Estranho na Terra, no cumprimento, ficou calado em face da sordidez, como lhe fora ordenado, e como outrora também o Filho de Deus não fez de outra maneira diante da multidão vociferante, que queria tê-lo pregado à cruz como criminoso. Todavia, quando os renegados perjuros em seu ódio cego já se consideravam diante da vitória, quando as trevas, por sua vez, consideravam anulada a obra da Luz, porque esperavam ter desacreditado terrenamente por completo o portador dessa obra, aí Deus revelou desta vez *Sua vontade com onnipotência!* E então... tremendo, caíram de joelhos também os escarnecedores diante de Sua magnificência, mas... era tarde demais para eles!

89. Uma última palavra

Acautela-te, espírito humano; pois tua hora é chegada! Só para maldades utilizaste o tempo que te foi concedido para o desenvolvimento que ansiosamente almejavas!

Acautela-te com a tua tão atrevida presunção de intelecto que te arremessou nos braços das trevas, que hoje triunfantemente te cravam as garras! Com teu próprio querer!

Levanta o olhar! Teu Senhor está próximo! Encontras-te no Juízo divino!

Humanidade, acorda da apatia, do delírio, que, paralisando, já te envolve com o sono da morte. Desperta e treme. Eu clamo ai de vós! Vós renegados, vós que na estreiteza e visão restrita vos aglomerais ao redor do bezerro de ouro das coisas efémeras, como traças atraídas por falso fulgor. Por vossa causa quebrou outrora Moisés, na ira da decepção, as Tábuas das Leis de vosso Deus, destinadas a vos auxiliar na escalada para a Luz. Esse quebrar foi o símbolo vivo de que a humanidade inteira não merecia ter conhecimento da vontade de Deus, daquela vontade que ela repeliu em um comportamento frívolo e em uma presunção terrena, para dançar ao redor de um ídolo que ela própria fizera e assim se ocupar com os desejos próprios! Mas agora se aproxima o fim no último efeito retroactivo, nas consequências, na retribuição! Pois nessa vontade, outrora tão levianamente rejeitada, deveis agora vos arrebentar!

Por isso despertai, o Juízo está sobre vós! Aí não adianta mais nenhuma queixa, nenhum pedido; pois durante milénios vos foi dado tempo para reflexão! Mas jamais tivestes tempo para isso! Não quisestes, e ainda hoje, em incorrigível presunção, vos julgais demasiadamente sábios. Não quereis reconhecer que *exactamente nisso* se mostra a maior estupidez. E assim acabastes transformando-vos neste mundo nos vermes nocivos que outra coisa não conhecem senão injuriar com obstinação toda a Luz, porque vós, na teimosia de somente cavar nas trevas, perdestes toda a possibilidade de procurar com um olhar livre para cima, para reconhecer ou suportar a Luz.

Com isso, estais agora marcados por vós próprios!

Por conseguinte, ofuscados, recuareis cambaleando, tão logo a Luz torne a raiar, e nisso afundareis irremediavelmente no abismo que já agora se abriu atrás de vós, a fim de absorver os assim rejeitados!

Em inevitável cerco deveis ficar atados nele, para que agora todos quantos se esforcem por encontrar a Luz, achem, no reconhecimento bem-aventurado, o caminho livre de vossa presunção e de vossa ansiedade de aceitar lantejoulas ao invés de ouro puro! Afundai nesse pavor letal que vós próprios preparastes com obstinado esforço! No futuro não mais deveis poder perturbar a Verdade divina!

Como eles tem zelo, estes seres humanos pequenos, por colocar seu ridículo saber aparente no primeiro plano, e como perturbam dessa maneira tantas almas que poderiam ser salvas, se não tivessem caído nas garras desses salteadores do espírito que, quais assaltantes das estradas, rodeiam ainda o caminho certo no primeiro trecho, onde *aparentam* seguir o mesmo caminho. O que é, porém, que oferecem realmente? Com grande gesto e palavras vazias baseiam-se vaidosos e ostensivos em tradições, cujo verdadeiro sentido nunca compreenderam.

A boca do povo emprega para isso uma boa expressão: Eles estão debulhando palha vazia! Vazia, porque não levantaram do chão, simultaneamente, os grãos propriamente, para os quais lhes falta a compreensão. Tal estreiteza de compreensão encontra-se por toda parte; com teimosia bronca repete frases alheias, já que não tem nada de seu para acrescentar.

São milhares, os que disso fazem parte, e outros milhares que cuidam possuir com *exclusividade* a verdadeira fé! Humildemente, com satisfação íntima, advertem da presunção lá, onde algo ultrapassa sua compreensão! *São dos piores até!* Exactamente estes já agora estão condenados, porque em sua obstinação de crença jamais poderão ser auxiliados. Quando um dia perceberem que foi um engano, já não adiantará mais qualquer espanto, lamento ou súplica. Pois não quiseram de outra maneira, perderam seu tempo. Não se deve sentir tristeza por sua causa. Cada instante é demasiado precioso, para que ainda possa ser desperdiçado com esses que querem saber tudo melhor; pois jamais despertarão de sua teimosia, mas afundarão nisso cegamente! Com palavras repugnantes e asquerosas e com afirmações de sua crença em Deus, com seu apenas ilusório reconhecimento de Cristo!

Não estão em melhor situação as massas daqueles que executam seu culto a Deus com a regularidade e obrigação de outros trabalhos, como necessário e útil, conveniente. Em parte também por hábito, ou porque é “costume”. Talvez também por ingénuo precaução, porque finalmente “não se pode saber para que, afinal de contas, isso é bom”. *Desaparecerão como um sopro ao vento!* —

Aí antes são de lastimar os pesquisadores que, em um pesquisar realmente sério, deixam de elevar-se do matagal, em que remexem infatigavelmente e supõem encontrar *nele* um

caminho que vá ao começo da Criação. Isso, contudo, de nada adianta e não tem justificativa! Também são poucos, muito poucos. A maior parte dos que se intitulam pesquisadores perde-se em brincadeiras insignificantes.

A restante grande maioria da humanidade, porém, *não tem tempo* para “introspecção”. Trata-se, aparentemente, de seres humanos terrenos muito atormentados, bastante sobrecarregados de trabalho, a fim de conseguir a realização dos desejos terrenos, das necessidades quotidianas, mas, por fim, também de outras coisas que se acham muito além. Não notam que com a realização também aumentam os desejos, com o que um fim nunca chegará, que aquele, que assim se esforça, também *nunca* poderá chegar a obter tranquilidade, nunca encontra tempo para o despertar *interior*! Totalmente sem alvo elevado para a eternidade, ele se deixa empurrar pela sua existência terrena, um escravo da cobiça terrena.

Enfim, exausto por tal actividade, ainda precisa cuidar também do corpo, mediante repouso, distração, divertimento. Logicamente não lhe sobra tempo para coisas extraterrenas, espirituais! Caso sobrevenha de vez em quando, aqui e acolá, bem suavemente a intuição para o “depois da morte”, fica igualmente algo pensativo por momentos, mas nunca se deixa sensibilizar nem despertar por isso, mas, irritado, repele então rapidamente tais coisas com lamentos de que não pode, mesmo que quisesse realmente! Falta-lhe para tanto também o *devido* tempo!

Muitos até querem que a possibilidade para isso lhes seja facultada por *outros*. Também não é raro queixarem-se do destino e resmungarem contra Deus! Para todos esses, evidentemente, cada palavra é perdida, porque *jamais* *quererão* reconhecer que dependia exclusivamente deles mesmos configurar isso diferentemente!

Para eles só há necessidades *terrenas* que, à medida dos sucessos, vão sempre aumentando. Nunca desejaram *seriamente* outra coisa. Sempre criaram obstáculos de toda sorte a tal respeito. Levianamente isso foi relegado para o quinto ou sexto lugar, a que só se chega em grave aflição ou na hora da morte. Para todos, que ainda têm tempo, isto permaneceu até hoje coisa secundária!

E, mesmo se houve alguma vez *nitidamente reconhecível a oportunidade* para se ocuparem seriamente com isso, surgiram logo novos desejos especiais, que não passam de desculpas, como: “Quero *antes ainda* fazer isto ou aquilo, e depois, sim, de bom grado estarei disposto a tanto”. Exactamente como Cristo já mencionara outrora!

Em parte alguma se encontra a seriedade tão indispensável a esta mais necessária de todas as coisas! Tal lhes parecia demasiadamente distante. Por essa razão, agora *todos* estão perdidos, todos! Nenhum deles será admitido no Reino de Deus!

Frutos podres para a ascensão, que só espalham mais podridão ainda à sua volta. Considerai, pois, vós mesmos, quem *então* ainda pode sobrar! Um quadro triste! Contudo, infelizmente bem verídico. —

E quando, agora, o Juízo subjugar a humanidade, todos cairão depressa de joelhos na poeira! Contudo, imaginai já *hoje de que maneira* eles, então, ajoelhar-se-ão: em todo o seu estado miserável, ao mesmo tempo também outra vez arrogantes; pois novamente apenas lamentando, *pedindo, que lhes seja dado auxílio!*

A pesada carga, com que eles próprios se carregaram, e que por fim os ameaça esmagar, *lhes deve ser retirada!* Estas são então suas súplicas! Ouvis bem? As súplicas são pelo afastamento do suplício, porém, nenhum pensamento aí na própria melhora interior! Nem sequer *um* desejo sincero de mudança voluntária do pensar errado de até então, dos desejos puramente terrenos! Nem a *mínima* vontade de reconhecer e de corajoso admitir de seus enganos e erros de até então.

E quando então o Filho do Homem, na grande aflição, apresentar-se entre eles, aí, todas as mãos estender-se-ão em sua direcção, choramingando, suplicando, porém, outra vez, somente na esperança de que ele *os ajude segundo seus desejos*, isto é, que suspenda o seu sofrimento, que os conduza a uma nova vida!

Ele, porém, repelirá a maior parte desses pedintes como vermes venenosos! Pois todos esses suplicantes, depois de um auxílio, logo tornariam a cair em seus antigos erros, envenenariam também o ambiente. Ele acolherá *somente aqueles* que lhe pedirem forças, a fim de finalmente adquirirem ânimo para uma melhora duradoura, aqueles que humildemente esforçarem-se para desfazer-se de toda obstinação de até então, e saudarem alegremente a Palavra da Verdade proveniente da Luz como redenção! —

O Filho do Homem! Já hoje, arrogantemente, a humanidade quer tê-lo somente de acordo com os seus desejos, e presumir que pode medir nele a sua crítica intelectual terrena! Que podem aproximar-se dele com o tagarelar moroso das próprias opiniões.

Tolos, justamente *isso* vos causará feridas terríveis! Justamente por isso sereis antes de tudo condenados, porque da mesma forma também fostes outrora ao encontro do Filho de

Deus, o qual até hoje ainda não reconhecestes *direito*. O Filho do Homem, agora na hora do Juízo, não traz explicações, sobre as quais fastidiosamente ainda podeis trocar opiniões, mas em sua Palavra encontram-se *determinações*, que devem ser cumpridas por vós inalteravelmente, se não quiserdes vos perder! —

Esta é *por ora* a última *palavra*. Agora o *vivenciar* poderá testemunhar pela verdade de minha Mensagem!

Os espíritos humanos colocaram-se desde o início sobre base errada. Por isso, agora em média, tudo o que pensam ou fazem está errado ou torcido.

Por causa disso, uma compreensão da Mensagem do Graal, bem como, antes, da mensagem do Filho de Deus, só lhes será possível, quando um espírito humano atirar para o lado *tudo* quanto ele agora construiu para si por meio de sua suposta compreensão, e *recomeçar tudo desde o princípio!* Não existe outro caminho! Eles têm, antes, de tornar-se nisso novamente como as crianças! Uma transição a partir dos erros de até agora é impossível. É preciso surgir algo totalmente *novo* desde a base, que cresce e se fortalece da simplicidade e humildade. Quem não pode isso, ou não quer, está irremediavelmente perdido, juntamente com os outros. —

Se os seres humanos fossem ajudados de acordo com o que pedem na hora do perigo e da aflição, então, depressa tudo seria esquecido outra vez, assim que lhes fosse tirado o temor. Sem escrúpulos, com sua insensatez, eles começariam novamente criticando em vez de ponderarem, e isso, na salvação, não é mais admitido! O tempo agora passou.

Uma tal perda de tempo como até agora será inteiramente impossível no futuro, pois a existência desta parte do mundo tem de correr para o seu final. Para cada espírito humano significa agora: ou uma coisa – ou outra! Salvação dos emaranhados por ele mesmo criados ou afundamento nisso! A escolha é livre, porém, não pode ser adiada, mas tem que ser tomada *imediatamente*. As consequências da resolução, porém, são definidas e imutáveis! Um hesitar é o mesmo que uma escolha para a queda! Tudo será extinto, excepto o realmente bom, que pode chegar ao reconhecimento, do qual *não* faz parte o actual julgar-se bom!

Como que libertados de uma grande pressão, os salvos então respirarão e jubilarão, depois que as trevas imundas e repelentes, junto com as criaturas que a elas se prenderam prazerosamente, tiverem finalmente, por meio dos golpes de espada da Luz, que afundar para o local, ao qual pertencem!

Então a Terra finalmente erguer-se-á virginalmente purificada de todos os pensamentos pestíferos, e a paz florescerá para todas as criaturas humanas!

90. O anticristo

Seres humanos! Quando soar a hora, em que segundo a vontade divina tiver que se processar na Terra a purificação e separação, atentai então para os sinais a vós prometidos, em parte sobrenaturais, que surgirão *no céu!*

Não vos deixeis confundir então por *aquelas* criaturas humanas e também igrejas, que há muito já se entregaram ao anticristo. É triste que nem sequer as igrejas tenham sabido, até então, *onde* deviam procurar esse anticristo que, contudo, já há tanto tempo age no meio de todos os seres humanos. Um pouco de vigilância, e eles tinham de reconhecê-lo! Quem pode, pois, agir de modo mais anticristão do que aqueles que outrora combateram o *próprio Cristo* e que por fim também o assassinaram! Quem podia mostrar-se pior e também mais nitidamente contra Cristo!

Foram os portadores e representantes da religião terrena, aos quais a legítima doutrina de Deus, apresentada e trazida pelo Filho de Deus, não se enquadrava em sua própria estrutura. A verdadeira mensagem de Deus não podia se coadunar com isso, já que a estrutura dos dignitários eclesiásticos terrenos estava direccionada em primeira linha para a influência terrena, para o poder e expansão terrenos. Bem nitidamente demonstravam com isso que eram servos do intelecto humano, que está direccionado unicamente para o saber e o poder terrenos, sendo inimigo e contrário a tudo o que se situa além da compreensão terrena! Como Deus permanece inteiramente além da compreensão do intelecto terreno, e também o espiritual, então, é exactamente o intelecto o único empecilho verdadeiro! É, por isso, em sua espécie, também adversário de tudo o que é divino e de tudo o que é espiritual! E, por conseguinte, com ele todos os seres humanos que consideram seu intelecto como o mais elevado e mais sublime, procurando confiar somente *nele!*

Os representantes da religião daquele tempo temiam perder influência junto ao povo, devido aos esclarecimentos do Filho de Deus. *Esse* foi, como hoje todos sabem, o motivo predominante para as calúnias que procuraram espalhar contra Cristo e, por fim, também para a execução do Filho de Deus. Pregaram-no na cruz, como blasfemador de Deus, aquele, que fora enviado para esclarecimento por esse mesmo Deus, do Qual se faziam passar como servos!

Tão pouco eles conheciam na realidade *esse* Deus e Sua vontade, ao Qual servir, queriam fazer crer aos seres humanos, em Cujá honra, em Cujá defesa terrena, porém,... assassinaram esse Filho de Deus, o enviado de Deus!

Mostrou-se como consequência funesta disso, que eles eram escravos do seu intelecto terreno, o qual apenas lutava pela própria influência. Entregaram-se como instrumentos a serviço do anticristo, ao qual, dentro de si, sem comportamento exibicionista, haviam elevado um trono. Pois nisso encontravam satisfação para fraquezas humanas, como a presunção, o orgulho, a sua vaidade.

Quem espera uma prova mais clara não pode ser auxiliado; pois algo mais contrário a Cristo, o Filho de Deus, e suas Palavras, não existe! E anticristo significa, pois, o lutador *contra* Cristo, contra a redenção dos seres humanos pela mensagem de Deus. O intelecto terreno impeliu-os a isso! É justamente este, como uma planta venenosa de *Lúcifer*, um instrumento dele, que se tornou o mais perigoso para a humanidade! Por isso, outrora, o exagerado cultivo do intelecto humano transformou-se no pecado hereditário para o ser humano! Atrás dele, porém, encontra-se o próprio *Lúcifer*, como anticristo em pessoa! É *ele*, que por meio das criaturas humanas pôde erguer a cabeça! Ele, o único real inimigo de Deus! Ele adquiriu para si o nome de anticristo, pela luta hostil contra a missão do Filho de Deus. Nenhum outro teria tido a força e o poder para se tornar o anticristo.

E *Lúcifer* serve-se aqui na Terra, na sua luta contra a vontade de Deus, não apenas *de um* ser humano, mas de quase toda a humanidade, a qual, com isso, sob o efeito da ira divina, ele conduz também ao descalabro! Quem não puder compreender *isto*, o mais evidente, que somente o *próprio Lúcifer* podia ser *o anticristo*, aquele que ousa opor-se a Deus, jamais poderá compreender algo de tudo quanto se passa fora da matéria grosseira, isto é, fora do puramente terrenal. Um tal ser humano já hoje deve considerar-se perdido.

E da mesma forma que foi outrora, *continua sendo ainda hoje!* Até mesmo muito pior. Também hoje muitos representantes das religiões quererão lutar ferozmente, a fim de manter nos templos e nas igrejas as regras do intelecto terreno até agora executadas.

Justamente esse intelecto humano, que restringe todas as intuições mais nobres, é, entre outras, a mais perigosa das plantas cultivadas por *Lúcifer*, que ele pôde disseminar pela humanidade. Todos os escravos do intelecto são, porém, na verdade, *servidores de Lúcifer*, cúmplices da monstruosa ruína que devido a isso tem de cair agora sobre a humanidade!

Como, no entanto, nenhum ser humano procurava o anticristo sob o intelecto, a sua nefasta expansão era tanto mais fácil! *Lúcifer* triunfou; pois dessa forma excluía a humanidade de toda e qualquer compreensão de tudo aquilo que se encontra fora da matéria grosseira. Da *verdadeira vida!* Do lugar onde se inicia o contacto com o espiritual, que conduz à proximidade de Deus!

Com isso, colocou o seu pé em cima desta Terra como senhor da Terra e da maior parte da humanidade!

Por isso, também não era de admirar que ele tivesse podido avançar até os altares, e que representantes terrenos das religiões, inclusive de igrejas cristãs, tornassem-se suas vítimas. Também eles esperam o anticristo somente próximo do Juízo anunciado. A grande revelação na Bíblia ficou assim incompreendida até agora, como muitas coisas mais.

Diz a revelação que esse anticristo *erguerá sua cabeça* antes do Juízo! Não, porém, que ainda virá! Se, portanto, nela está declarado que ele erguerá a cabeça, isso mostra que ele já deve estar aqui, e não, porém, que ainda virá. *Ele terá o auge do seu domínio* pouco antes do Juízo, eis o que se diz com isto!

Vós, que ainda não vos tornastes espiritualmente surdos nem cegos, escutai este brado de advertência! Dai-vos ao trabalho, de *vós mesmos* reflectirdes bem seriamente; pois isso agora será exigido de vós! Se nisso ainda continuardes acomodados, então, vós próprios vos dais por perdidos!

Tão logo alguém tira a cobertura protectora do esconderijo de uma serpente venenosa e esta repentinamente se vê exposta, então naturalmente procura dar uma investida para picar a mão sem consideração.

O mesmo sucede aqui. Vendo-se assim descoberto, o anticristo há de logo querer reagir por meio de seus servos, gritar ao sentir-se desmascarado e procurar por todos os meios possíveis manter-se no trono, que a humanidade de bom grado lhe ofereceu. Tudo isso, no entanto, ele só consegue através dos que no íntimo o adoram. Assim sendo, observai à vossa volta com toda a atenção, quando principiar a luta! Será exactamente pela gritaria que havereis de reconhecê-los com mais segurança, cada um dos que lhe pertencem! Pois esses hão de *novamente*, como antes, caminhar em oposição e com medo da Verdade límpida!

O anticristo tentará, de novo, manter obstinadamente sua influência sobre a Terra. Atentai à sua falta de objectividade na defesa e no ataque; pois novamente há de trabalhar apenas caluniando e lançando suspeitas, porque seus adeptos não conseguem fazer outra coisa. Apresentar-se diante da Verdade e contradizê-la, não é possível.

Assim, os servos de Lúcifer quererão, desta vez, designar o enviado de Deus como o anticristo, como blasfemador de Deus, exactamente como outrora com o Filho de Deus! E, todavia, cada um deve reconhecer nisso apenas uma defesa fraca, que carece de qualquer

lógica. Como se pode designar de anticristo aquele que desmascara Lúcifer, e força vir à tona as suas maquinações. Isso é apenas uma nova forma para o facto de ter apresentado o *Filho* de Deus como *blasfemador* de Deus, apenas porque os seus esclarecimentos não se identificaram com as opiniões dos seres humanos. Onde ocorrer tal tentativa, aí deveis ficar bem atentos; pois, com isso, tais criaturas humanas visam apenas proteger Lúcifer, de modo a manter seu domínio sobre a Terra. Lá se encontra um foco das trevas, mesmo se os seres humanos externamente costumam vestir roupas terrenas claras, mesmo se são servidores de uma igreja.

Não esqueçais os acontecimentos no tempo terreno do Filho de Deus, mas ponderai que ainda hoje o *mesmo* anticristo se esforça com número ainda muito maior de adeptos para conservar seu domínio terreno, escapar à destruição e continuar a escurecer a verdadeira vontade de Deus.

Por isso, atentai bem a todos os sinais que são prometidos! Pois é chegado o momento da *derradeira* opção para cada um. Salvação ou perdição! Pois desta vez é da vontade de Deus que se perca o que se atrever mais uma vez erguer-se contra Ele e Seu mensageiro!

Toda e qualquer negligência nisso transformar-se-á agora para vós em juízo! – Os sinais de Deus não estarão sobre nenhuma igreja, nenhum dignitário eclesiástico terreno portará as credenciais de que ele é emissário de Deus! Mas tão-somente aquele, que está indissolivelmente unido aos sinais e que os traz, por conseguinte, também vivos e luminosos consigo, como outrora o Filho de Deus, quando viveu nesta Terra. É a Cruz da Verdade, viva e luminosa nele, e a Pomba pairando sobre ele! Tornar-se-ão visíveis a todos os que foram agraciados de ver o que é espiritual, a fim de testemunhar perante todas as criaturas humanas na Terra; pois haverá, entre todos os povos, aqueles aos quais dessa vez será dado “ver”, como última graça de Deus! — — —

Esses altos sinais da Verdade sacrossanta jamais se deixarão simular. Isso também o próprio Lúcifer não consegue, o qual tem de fugir deles, e muito menos um ser humano. Quem, portanto, ainda quiser se opor a essa credencial de Deus, este se coloca doravante contra Deus, como inimigo de Deus. Comprova, com isso, não ser, nem nunca haver sido servo de Deus, pouco importando o que procurou aparentar até então na Terra. Ele é um servo de Lúcifer, do anticristo, como escravo do intelecto que, juntamente com este, será submetido agora ao Juízo, pela vontade de Deus!

Acautelai-vos, para que não pertençais a esses também!

91. E cumpriu-se...!

A grandes alturas elevaram-se as ondas da injustiça no tempo dos faraós. A imoralidade e os crimes festejavam triunfos, e a escravidão de Israel atingira seu ponto máximo.

Foi quando Abdruschin pôs o pé sobre esta Terra! Desse modo foi dado pela Luz o primeiro passo para a salvação daquelas almas humanas, que aspiravam por ela saudosamente! A grande aflição dos judeus purificou-os de tal modo, suas qualidades de alma chegaram ao desenvolvimento de modo tão intuitivamente sensível no tormento da opressão que, entre os seres humanos da época, foram os únicos que se tornaram susceptíveis a vibrações provenientes das alturas luminosas em direcção à profundidade.

As vibrações sempre existiram e continuam existindo, mas não havia seres humanos na Terra, que se esforçavam em assimilá-las. Somente o mais doloroso sofrimento abalou e abriu, depois de longo tempo, as almas dos judeus escravizados de tal modo que também puderam intuir, por fim, as vibrações mais finas do cosmo, com o que aos poucos surgiu neles o desejo pela proximidade de Deus, que por fim elevou-se à mais fervorosa súplica.

Este ansioso grito de auxílio dirigido à Luz também não ficou sem um efeito recíproco. Enquanto esses seres humanos conservavam pensamentos e intuições dirigidos para a Terra, não era possível, naturalmente, que através do efeito recíproco refluísse para eles algo diferente. Mas quando, por fim, dirigiram seu olhar para o alto, em direcção à Luz, em um querer sincero, verdadeiramente humilde, então também apenas na reciprocidade o fluxo da Luz pôde jorrar mais fortemente para as almas. O grito de aflição do povo sofredor foi com isso ouvido. Veio o Libertador!

Veio no cumprimento da vontade divina, de onde se originou. Por esse motivo permanece também como lei inalterável que em toda parte, em que ele pisa, *tem* de se manifestar inimizade naqueles lugares onde houver algo *contra* a justa vontade de Deus, mas também a mais legítima paz e felicidade, onde a justiça, no *verdadeiro* sentido, constitui uma parte da vida.

Uma vez que Abdruschin, tanto outrora como agora, traz em si a vontade viva de Deus, de onde partem as leis na Criação, por *ser* ele a vontade divina tornada ser humano, ele pode desencadear, já por meio de sua existência, todos os efeitos finais de leis espirituais na Criação.

Neste caso, o desencadear para cada pessoa individual como para povos inteiros sempre se dará *assim* como é o fim do caminho por eles mesmos escolhido, portanto, correspondendo exactamente à espécie, na qual eles já haviam voluntariamente ajustado a direcção. Se ela se inclinar para as trevas, seguir-se-á, então, inevitavelmente também o horror, porém, visando a Luz, trará felicidade e alegria. E se o caminho para esse final estiver ainda tão distante de todos os seres humanos, a ponto de eles imaginarem ter tempo, muito tempo, para uma última decisão definitiva... surge entre eles Abdruschin, como uma parte da vontade viva de Deus, então, será naturalmente, sem qualquer transição, acelerado o fim de todos os caminhos, como lei natural, e nisso reside o Juízo Final!

O fim se apressa para o desencadear através do poder irradiante e magnético de Abdruschin, de forma que a alma humana não pode seguir seu caminho como até agora, mas sim tem de receber imediatamente como frutos, o que semeou, e também as acções de todas as almas entram no julgamento. Elas florescem, assim que estejam de acordo com a vontade de Deus, ou desmoronam, se *não* se encontram em completa harmonia com ela. Disso fazem parte *todos* os empreendimentos, a começar pela família e o matrimónio, até a actividade profissional, seja no ofício, na indústria, no comércio, nas organizações económicas ou estatais, pouco importa, ficam imediatamente sujeitos ao rápido desencadeamento das leis espirituais, de acordo com a justiça divina. O ser humano nada pode retardar ou adiar nisso, nem encobrir ou ocultar. Impotente, tem de suportar o que o *verdadeiro* direito exige, mesmo que isso não se manifeste conforme as suas concepções terrenas!

A vontade divina tornada ser humano é como um contacto vivo, que faz surgir a faísca de ignição de um desencadeamento, onde quer que ele em sua existência terrena entre em contacto com o ser humano, bem como com o povo todo. Sua presença força o ajuste de contas, e por toda parte impele para a decisão, a última que ainda é possível a tudo o que existe.

Desse modo ele se torna o Juízo, onde quer que chegue, sem que ele mesmo precise julgar. Devido a sua origem, ele é como uma chave automática para o desfecho de qualquer acontecimento, a espada, que só precisa se colocar no mundo, para que cada um e também cada coisa nela se separe! —

Uma vez que a injustiça dos egípcios, outrora, no sofrimento do povo judeu, clamava até a Luz, Abdruschin, atendendo aos lamentos, precedeu ao Filho de Deus, a fim de trazer o Juízo aos egípcios, para que o povo judeu ficasse livre, para que, purificado pelos martírios, um dia cumprisse a convocação, para que acolhesse, como o povo mais maduro naquela época, o Filho de Deus, assim que chegasse o tempo para isso! —

Assim chegou à Terra o enviado para o Juízo de Deus, na condição de príncipe do mais poderoso povo vizinho dos egípcios. Como príncipe dos árabes tinha o nome de Abdruschin. De acordo com o sentido equivale a: Filho do Espírito Santo.

Entrava e saía frequentemente do palácio do faraó e trouxe com isso, sozinho, o desencadeamento das leis espirituais para o povo inteiro. Somente desse modo foi possível que também Moisés, naquele tempo, pudesse anunciar todos os castigos que se cumpriram *rapidamente!* Tal cumprimento veio por intermédio de Abdruschin, que, como uma parte da vontade viva de Deus, teve de trazer justiça compensadora para a Terra, no desencadeamento natural das leis espirituais, cujas consequências também se manifestam na matéria grosseira.

Assim, o povo egípcio, em sua injustiça e imoralidade, foi duramente golpeado e julgado pela vontade de Deus, e desse modo o povo judeu foi libertado para a ascensão, para o cumprimento da convocação de preparar em seu círculo, com a crescente maturidade, um solo para a recepção do Filho de Deus na Terra.

Era o começo de um ciclo, que trazia em si acontecimentos colossais, e que tem de se fechar com a volta de Abdruschin para esta Terra! Com isso, foi colocada nas mãos da humanidade a possibilidade de ascensão para alturas inimaginadas. —

Nessa época de outrora, Abdruschin havia subjugado, entre outros, também um povo altamente desenvolvido, de origem hindu. No meio desse povo havia um vidente, ao qual, justamente com a presença de Abdruschin, podiam ser transmitidas elevadas revelações. A missão do vidente teria sido divulgar essas revelações, uma vez que teriam ajudado os seres humanos a ascender espiritualmente mais fácil e mais rapidamente. No entanto, em vez disso, ele se retraiu integralmente, viveu apartado de seus semelhantes, e aperfeiçoou seu saber extraordinário exclusivamente para si mesmo, como também hoje muitos ainda o fazem. Também hoje sábios ou aqueles que se tornaram sábios retraem-se, na maioria dos casos, ou até se isolam de todas as pessoas, na medida do possível, por temor de não serem compreendidos ou até de sofrerem zombarias. Muitas vezes também, para sozinhos saborearem o seu saber e deleitarem-se com ele.

Semelhante proceder, porém, é *errado*. Quem recebe um saber maior deve retransmiti-lo, a fim de com isso ajudar a outrem; pois também ele mesmo recebeu-o de presente. Ele não pode adquiri-lo por si próprio. Sobretudo o recebimento de revelações compromete. Geralmente, porém, apenas aqueles que vêem algo inferior, vociferam tudo pelo mundo, o que não tem qualquer valor para outrem, e causam assim danos àqueles que se tornaram realmente sábios, uma vez que então estes, de antemão, são lançados na mesma panela e não se lhes dá

valor nenhum. Também por esses motivos muitos dos sábios ficam calados, os quais, do contrário, falariam.

Assim, também esse vidente daquela época falhou quanto a sua verdadeira missão. Ele estava presente, quando levaram à sepultura o invólucro terreno de Abdruschin. Mas então, sobreveio-lhe uma força poderosa, e em sublime inspiração esculpiu, em uma grande pedra na câmara sepulcral, todo o acontecer, desde a origem de Abdruschin no divinal, suas missões durante a peregrinação através dos Universos, até a reunificação com o divinal e sua missão final. A inscrição na pedra também abrange a época actual com todos os acontecimentos.

A pedra sepulcral de Abdruschin, hoje ainda oculta aos olhares de seres humanos curiosos, apresenta também o mesmo sinal que se encontra na pedra sepulcral que cobre os restos mortais pertencentes ao Filho de Deus na Terra. A revelação desse facto ainda permanecerá reservada aos olhos humanos para uma hora de realização terrena. Contudo, o tempo para isso não está distante. —

— — —

Começara a vibrar o início do círculo. O acontecimento desenrolava-se. Como coroação, veio o Filho de Deus à Terra para a pretendida salvação da humanidade e de toda a Criação.

Contudo, os seres humanos não aceitaram essa salvação. Com o começo do bem-estar terreno, também aumentou novamente a negligência espiritual, que subjugou toda a delicadeza da intuição, e como consequência imediata deixou florescer a presunção humana, que, como sufocante moita de espinhos, deitava-se cada vez mais densamente em volta da alma humana, separando-a de todas as vibrações que desciam das alturas luminosas.

Assim, a mensagem proveniente da Luz, através do Filho de Deus, encontrou apenas pouca ressonância nas almas humanas novamente tão restritas e limitadas. O grande portador da Luz foi assassinado por lhes ser incómodo. —

Nessa época, também ao vidente hindu do tempo terreno de Abdruschin foi concedida a oportunidade de reparar seu falhar de outrora. Por graça, encarnou-se novamente na Terra como Gaspar, um dos três reis do Oriente, que reconheceram a Estrela e visitaram a criança. Com isso, ele teve a possibilidade de resgatar o destino, com que se sobrecarregara, devido ao seu silêncio na época de Abdruschin; porque a missão de Abdruschin encontra-se na mais íntima ligação com a missão do Filho de Deus. Mas também aqui ele falhou novamente, junto com os outros dois reis. A incumbência deles não era somente a de viajar para Belém, a fim de

oferecer, *uma única vez*, presentes à criança e, a seguir, desaparecer novamente. Eles foram escolhidos e destinados a, através do reconhecimento, assistir *sempre* o Filho de Deus, a fim de facilitar-lhe seu percurso terreno em todas as coisas puramente *terrenais*! Durante *toda* a sua existência terrena. Deviam apoiá-lo *terrenamente* com seu poder e suas riquezas. Para essa finalidade, exclusivamente, tinham nascido naquele seu meio, já destinados a isso pré-natalmente, e então agraciados com a clarividência, a fim de poderem cumprir facilmente o que haviam suplicado outrora.

No entanto, falharam nisso, e entre eles também o vidente de outrora, pela segunda vez.

Perdera-se o puro brilho da sublime mensagem do Filho de Deus, proveniente da Verdade, já outrora mal compreendida, cada vez mais desfigurada e muitas vezes erradamente interpretada pelos posteriores líderes religiosos. As trevas estendiam-se novamente sobre toda a humanidade e sobre todos os países. —

Desimpedidamente, porém, vibrava esse círculo aberto em ritmo crescente e aproximou, com isso, também o mundo cada vez mais da hora, em que, no retorno da vontade divina tornada ser humano, tem de ocorrer também o inevitável fechamento desse círculo. O fim será agora ligado ao começo. Nisso, porém, reside resgate e ajuste de contas de todos os acontecimentos! Traz a grande transição universal!

Transição universal! Urgentemente necessária, para que o mundo não seja impelido completamente para a ruína pela auto-ilusão errada dos seres humanos. E Abdruschin veio novamente para esta Terra, a fim de fechar o círculo, desencadear todas as leis espirituais, obstruídas fortemente pela vontade errada dos seres humanos, e assim cumprir o que já há milénios estava prometido, advertindo e exortando:

“*O Juízo!*”

Esperou pacientemente, acompanhando atentamente a actuação errada dos seres humanos, vivenciando muito disso em si próprio, e, por sua vez, despertando inimizade lá, onde algo não estava de acordo com a vontade divina, e trazendo paz onde havia uma sintonização correcta com a vontade de Deus. Esperou até que o chamado de Deus o atingisse para começar.

E como as trevas, nesse ínterim, já se haviam infiltrado em tudo o que surgira pela actividade dos seres humanos, então, só havia para ele, predominantemente, sofrimentos e

luta sem esperanças, enquanto permanecesse atado, sem poder ainda desempenhar o seu poderio. As irradiações dentro dele estavam bem encobertas, para que não provocassem, cedo demais, os fortes desencadeamentos, que fazem parte do Juízo universal. Somente com a chegada da hora, que trouxe a transição universal, podiam, lentamente e pouco a pouco, cair dele os invólucros.

Até aí, porém, ele podia, uma vez mais, anunciar a Palavra da Verdade, sem deformações, como já a trouxera o Filho de Deus, a fim de que aqueles que procuram pela Luz com verdadeira seriedade tenham a oportunidade de salvar-se no Juízo, pois as almas humanas que buscam a Verdade com verdadeira seriedade, que anseiam por ascensão *espiritual* e não apenas por progresso terreno sob o pretexto da busca espiritual, essas também encontrarão nessa Palavra da Verdade sua âncora de salvação! Para todas as demais, porém, ela não é oferecida. Permanecem cegas e surdas para isso, como uma lei da incondicional reciprocidade; pois não mereceram uma salvação. Pois, também no Além, após a morte terrena, são cegas e surdas, embora tenham de viver.

A fim de indicar para o início desse círculo dos acontecimentos, que tem de se fechar com essa transição universal, ele deu à humanidade a Palavra de Deus da Verdade novamente com o seu nome de outrora: Abdruschin! É destinada àqueles que, reconhecendo em tempo certo, ainda sobreviverão ao Juízo.

Uma indicação para facilitar mais tarde a visão geral! Compreensão disso chegará aos seres humanos *depois* da purificação, quando as almas perturbadoras e falsas estiverem excluídas, para todas as demais, porém, começará a ascensão em renovado florescer. —

E subitamente chegou a hora do cumprimento da promessa para a grande transição universal! Aparentemente de modo repentino, como foi outrora no Egito. Somente os participantes sabiam disso, ao passo que a humanidade dormia calmamente. Algo grandioso se preparava com isso, e Abdruschin, depois da longa aprendizagem terrena, iniciou sua missão, que o coloca diante da humanidade como o Filho do Homem, o qual é prometido, para que a humanidade nele se julgue! *Nele*; pois, como já foi esclarecido, ele é Juízo, mas ele não julga. —

Embora fortemente impedido até a transição universal na Terra, devido aos densos invólucros, mesmo assim Abdruschin já actuava desencadeando leis espirituais durante o tempo de aprendizagem, aliás, de modo fraco, e sempre apenas onde ele *pessoalmente* entrava em contacto, contudo, infalivelmente em pessoas isoladas, bem como em suas obras, também dessa forma de maneira natural, no entanto, castigando ou recompensando de modo impessoal

tudo o que aí vinha ao seu encontro, unicamente através de sua presença! Essa viva lei natural não se deixou impedir integralmente em seus efeitos. O que era doentio e errado não podia, através dele, colher coisas sadias ou certas, a dissimulação, ou a auto-ilusão hipócrita, na qual muitas pessoas mui frequentemente vivem, naturalmente também não podia, então, esperar nenhum proveito, mas sim sempre somente danos, no inabalável resgate dos efeitos recíprocos.

No entanto, também era por sua vez evidente que os vaidosos seres humanos, na grave falta de seu auto-reconhecimento, não viam aí os efeitos justos de sua *própria* vida interior, mas sim apenas queriam admitir o acontecimento exterior, como que partindo de Abdruschin, e então o hostilizaram, injuriaram e lançaram suspeitas sobre ele, o que teve de oprimir frequentemente a primeira metade de seu caminho terreno. Então, porém, ele trouxe o Juízo para a Criação!

Como Rei Imanuel no Universo, como Parsival para os primordialmente criados e no reino espiritual, e por fim como Filho do Homem para a matéria grosseira sobre este planeta Terra. Um só dividido em três, actuando simultaneamente como um mistério divino. Um fenómeno, que não pode ser compreendido por espíritos humanos desenvolvidos, mas do qual os primordialmente criados já participam; pois também eles conseguem actuar aqui na Terra, enquanto que ao mesmo tempo cumprem seu serviço no alto, no Castelo do Graal.

Com a transição universal caíram os invólucros estorvantes de Abdruschin. O efeito adquiriu com isso inimaginado poder, o qual Abdruschin pode e deve enviar agora, conscientemente, para aquelas direcções que lhe são indicadas pela vontade de Deus, a fim de destruir tudo o que é doentio, e assim libertar o que é saudável da pressão nociva, que o oprime e que impediu a livre ascensão ao encontro da Luz.

Assim surgirá finalmente o tão almejado Reino de Deus na Terra, prometido outrora aos justos como sendo o do Milénio. Será forçado com o poder supraterrano e sobre-humano, dado ao Enviado de Deus para o cumprimento da promessa!

E mais uma vez o vidente hindu, mais tarde rei Gaspar do Oriente, recebeu a oportunidade de resgatar o duplo falhar. Foi-lhe concedido, como última possibilidade, cooperar no último acontecimento, desta vez, porém, não terrenamente, mas espiritualmente.

E cumpriu-se agora *cada* promessa, de modo incessante e imutável, como está na determinação de Deus! Nem sequer uma delas ficará em aberto; pois o círculo já começa a fechar-se lentamente! E com a parte Abdruschin – Parsival liga-se agora, no próprio corpo

terreno, também sua parte divina, de modo que nesta matéria grosseira surge agora Imanuel, que já fora prometido a toda a humanidade por Isaías, o profeta! Que os seres humanos tenham tentado apresentar a promessa referente a Imanuel, o Filho do Homem, como sendo uma só coisa com a promessa referente a Jesus, o Filho de Deus, demonstra apenas a insuficiência da compreensão humana, mesmo em relação aos mais nítidos e inequívocos escritos da Bíblia. Já que pôde ser cometido o erro, de querer considerar o conceito das denominações Filho de Deus e Filho do Homem como uma só coisa, por não se ter orientado aí direito, e por terem sido os devotos demasiadamente medrosos, para conceber nisso a ideia de que se tratava de duas pessoas, então, pois, a nítida indicação a dois nomes completamente diferentes teria de levar incondicionalmente à conclusão de que se tratava de duas pessoas nas profecias. Por isso, felizes todos aqueles seres humanos, que na última hora ainda puderem, dentro de si, chegar ao reconhecimento!

Assim Seja!

Palavra final

Abdruschin concluiu agora sua Mensagem para a humanidade. Nele surgiu então, depois da conclusão, o Filho do Homem enviado por Deus

IMANUEL

que fora prometido à humanidade pelo próprio Filho de Deus, Jesus, para o Juízo e a redenção, depois que velhos profetas já a ele haviam se referido. Ele traz os sinais de sua elevada missão: a Cruz viva da Verdade, irradiando dele, e sobre ele a Pomba divina, como o Filho de Deus os havia trazido.

Humanidade, desperta do sono de teu espírito!

Primeiro Mandamento

Eu sou o Senhor teu Deus! Tu não deverás ter outros deuses ao meu lado!

Quem for capaz de ler correctamente estas palavras, nelas certamente já verá o julgamento de muitos que não observam este mais nobre de todos os mandamentos.

“Tu não deverás ter outros deuses!” Muitos imaginam muito pouco sob estas palavras. Tornam-nas demasiadamente fáceis para si mesmos! Imaginam entre os idólatras certamente em primeiro lugar somente aquelas pessoas que se ajoelham diante de uma fileira de figuras de madeira, onde cada uma representa um determinado deus, pensam talvez também nos adoradores do diabo e semelhantes transviados, aos quais, na melhor das hipóteses, referem-se com compaixão, contudo, não pensam aí em si mesmos. Olhai calmamente para vós próprios e examinai-vos, se talvez também fazeis parte dessas pessoas!

Um possui um filho, que lhe significa de facto mais que tudo, pelo qual seria capaz de qualquer sacrifício, e que o faz esquecer tudo o mais. Outro coloca os prazeres terrenos acima de tudo e, mesmo que tomado da melhor boa vontade, não seria capaz de privar-se deles por motivo algum, se uma tal exigência lhe fosse apresentada, que lhe permitisse livre decisão. Um terceiro, por sua vez, ama o dinheiro, um quarto, o poder, um quinto, uma mulher, outro, honrarias terrenas, e todos, em última análise, em tudo isso somente... a si mesmos!

Isso é idolatria no mais verdadeiro sentido. Disso adverte o primeiro mandamento! Proíbe-a! E aí daquele que não o cumpre ao pé da letra! Tal transgressão traz como consequência imediata que tal ser humano sempre terá de permanecer preso à Terra, quando passar para o reino de matéria fina. Na realidade, porém, é ele mesmo que se prendeu à Terra, pelo pendor por algo nela existente! Fica assim impedido de continuar a ascensão, perde o tempo a ele concedido para esse fim e corre o perigo de não sair a tempo do reino de matéria fina, numa ressurreição deste para o reino luminoso dos espíritos livres. É arrastado então para a inevitável decomposição de toda a materialidade, que serve de purificação para o ressurgimento *desta* e de sua nova formação. Isso, porém, é para a alma humana a morte fino-material e espiritual de toda a consciencialização pessoal e, com isso, também o aniquilamento de sua forma e de seu nome para toda a eternidade!

Desse terrível acontecimento deve proteger a observância do mandamento! É o mais nobre dos mandamentos, porque é o mais imprescindível para o ser humano! Infelizmente, o

ser humano tende, com demasiada facilidade, a entregar-se a algum pendor, que por fim o escraviza! Aquilo, porém, que ele deixa constituir-se num pendor, transforma assim num bezerro de ouro, que coloca no lugar mais alto e, com isso, também como falsa divindade ou ídolo ao lado de seu Deus e, muitas vezes, até *acima* Dele!

Desses “pendores”, infelizmente, existem demais, que o ser humano criou para si, e dos quais ele se apropria de muito bom grado e na mais absoluta despreocupação! O pendor é a predileção por algo terreno, conforme já citei. Desses, existem naturalmente ainda muitos mais. Quem, porém, adquire um pendor, este “pende”, como já indica acertadamente a palavra. Inclina-se assim no que é grosso-material quando chega ao Além para prosseguir no seu desenvolvimento, e não consegue libertar-se facilmente, fica, portanto, impedido, retido! Pode-se chamar isso também de maldição, que fica pesando sobre ele. O acontecimento é o mesmo, pouco importando como venha a ser expresso.

Se, porém, na sua existência terrena, colocar Deus acima de tudo, não apenas na sua imaginação ou por meio de palavras, mas no intuir, portanto, de modo verdadeiro e legítimo, com respeitoso amor, que o prende como a um pendor, então ele através da ligação continuará a esforçar-se, no mesmo efeito, imediatamente para cima, quando chegar ao Além; pois leva consigo a veneração e o amor a Deus, que o sustenta e o conduz por fim até a Sua proximidade, ao Paraíso, à Criação primordial, à morada dos espíritos puros, libertos de todos os fardos, e cuja ligação conduz somente à Verdade luminosa de Deus!

Atentai, pois, estritamente à observância deste mandamento. Assim ficareis preservados de *muitos* golpes do destino de espécie desfavorável, para cujo resgate poderia não vos restar mais tempo suficiente!

Segundo mandamento

Tu não deverás profanar o nome do Senhor teu Deus!

O nome desperta e concentra no ser humano o conceito! Quem desonra um nome, e se atreve a desvalorizá-lo, desvaloriza com isso o conceito! Recordai-vos disso sempre!

Este claro mandamento do Senhor é, porém, o menos respeitado entre todos os dez mandamentos, portanto, o mais transgredido. São inúmeras as maneiras desses desrespeitos. Mesmo quando o ser humano imagina que muitas das transgressões sejam inteiramente inócuas, apenas maneiras de falar, sem importância, não deixam, apesar disso, de constituir uma transgressão deste mandamento, dado tão severamente! São justamente essas milhares de inobservâncias, supostamente inócuas, que rebaixam o nome sagrado de Deus e, com isso, o conceito de Deus, que está sempre intimamente ligado ao nome, privando-o de sua santidade perante as pessoas e até mesmo perante as crianças, maculam sua intangibilidade pelo uso diário, pelo rebaixamento numa maneira de falar comum! Os seres humanos não têm receio de cair no ridículo com isso. Não tenciono citar nenhuma das numerosas frases; pois para isso o nome é elevado e sagrado demais! Mas a qualquer pessoa bastará prestar atenção durante *um* dia somente, e certamente há de ficar pasmada diante do imenso número de vezes em que o segundo mandamento é transgredido por pessoas de ambos os sexos, por grandes e pequenos, até pelas crianças, que mal são capazes de compor uma sentença exacta. Pois como os velhos cantam, assim entoam os jovens! Por esse motivo, são justamente os rebaixamentos de Deus, muitas vezes, uma das primeiras coisas que a mocidade aprende nessas transgressões, apenas aparentemente tão inofensivas, das leis de Deus!

O efeito disso, porém, é o pior de todas as transgressões! Encontra-se generalizado de modo deveras devastador entre toda a humanidade, não apenas entre cristãos, mas também entre maometanos, judeus e budistas, por toda parte ouve-se a mesma coisa até ao cansaço! O que pode então ainda valer para o ser humano o nome “Deus”? Está desvalorizado, não se dá a ele nem mesmo a importância da menor de todas as moedas! Muito pior do que uma peça de roupa usada. E esse ser humano da Terra, que geralmente quer ser tão inteligente, considera que isso seja inócuo, peca em tal sentido mais de cem vezes em um dia! Onde está a reflexão! Onde, a menor manifestação da intuição! Vós também vos encontrais totalmente insensíveis e ouvis calmamente, quando o mais sagrado de todos os conceitos é desse modo arrastado à sujeira do dia-a-dia! Não vos enganéis, porém! A conta de dívidas no Além fica desse modo impiedosamente sobrecarregada para cada um que pecou nisso! E não é tão fácil expiar justamente isso, porque acarreta tão amplas e más consequências, que terão de se vingar até a

terceira e quarta geração, se em uma dessas gerações não surgir uma pessoa que chegue ao reconhecimento claro a tal respeito, dando um fim a esse mau proceder.

Procurai, portanto, combater esse costume nocivo em vossos círculos mais chegados. Antes de tudo, cortai primeiramente os fios de vosso próprio carma, com a máxima energia que ainda resta em vós, para que a conta de culpas não aumente ainda mais do que ela nisso já está. Não acrediteis numa remição fácil, somente porque até agora nada de mal pensastes a respeito! O dano é, por isso, exactamente o mesmo! E o pecado contra o mandamento continua existindo incondicionalmente! Vós o conhecestes, pois, perfeitamente. Se não vos esforçastes por tornar-vos cientes do alcance disso, então a culpa é *vossa*! Por isso também nada vos poderá ser descontado! Ouvi e procedei, para que sejais capazes de remir muitas coisas ainda na Terra.

Caso contrário, é apavorante o lodaçal que vos aguarda, quando chegardes ao Além, e que se coloca como um obstáculo no caminho para a ascensão.

Não apenas o indivíduo isolado, mas também as autoridades, durante muitos séculos, mostraram abertamente sua oposição a este mandamento e também à Palavra de Deus, ao obrigar pessoas a prestar juramento, forçando-as violentamente à transgressão sob ameaças de pesados castigos terrenos, se não correspondessem à exigência. O castigo do Além, porém, é muito mais grave e recai sobre todos aqueles que exigiram o juramento, e não sobre aqueles que se viram coagidos a prestá-lo. Também Cristo disse expressamente: “Que vossa fala seja sim ou não; pois o que passa disso é do mal!”

E as autoridades, todavia, tinham o poder para dar importância decisiva ao sim ou ao não, castigando-o em caso de fraude perante o tribunal da mesma forma como o perjúrio! Desse modo podiam conseguir elevar o valor das palavras perante o tribunal, até aquele degrau que elas necessitavam para um julgamento. Não havia necessidade de, por esse motivo, forçar seres humanos a transgredir o mandamento de Deus! Agora terão seu julgamento no Além. Mais duro, mais severo, do que jamais haviam suposto ao escarnecer da reciprocidade. Disso não há nenhuma escapatória!

Pior ainda foi o procedimento das igrejas e de seus representantes, que submeteram seus semelhantes às mais terríveis torturas, sob a invocação de Deus, e, por fim, queimaram-nos, novamente sob a invocação de Deus, se já não tivessem sucumbido antes em virtude das torturas. O mal afamado imperador romano Nero, bem conhecido por todos devido à sua crueldade, não foi tão perverso nem tão condenável ao torturar os cristãos, quanto a Igreja católica, com seu registo imenso de pecados perante as leis de Deus! Em primeiro lugar, ele

não martirizou nem assassinou tantas pessoas e, em segundo lugar, não o fazia sob tão hipócritas invocações de Deus, as quais nesta espécie têm de ser incluídas entre as piores blasfêmias contra Deus, que são possíveis de serem praticadas por um ser humano!

De nada adianta quando essas mesmas igrejas condenam hoje o que outrora, infelizmente por tempo demasiado, foi cometido por elas de modo criminoso; pois não abandonaram essas práticas voluntariamente!

E ainda hoje não se procede muito diferente em hostilização mútua, apenas mais silenciosa e sob forma diferente e mais moderna! Também aqui, com o tempo, só se modificou a *forma*, não o núcleo vivo! E somente esse núcleo, que escondem de tão bom grado, conta diante o Juízo de Deus, jamais a forma exterior!

E essa forma actual, apenas aparentemente inócua, nasceu do mesmo indizível orgulho do espírito dos representantes de *todas* as igrejas, como até agora. E onde não há o orgulho condenável, encontra-se então uma presunção vazia, que se apoia sobre o poder terreno das igrejas. Esses maus costumes dão frequentemente origem às mais descabidas inimizades, que ainda são entrelaçadas com os cálculos terrenos, visando à ampliação da influência, quando não chega até mesmo ao anseio por uma importância política em grande escala.

E tudo isso com o nome de “*Deus*” nos lábios, de forma que mais uma vez eu gostaria de exclamar igual ao Filho de Deus: “Transformastes com vossas acções as casas de meu Pai, como devendo ser para *vossas* honras, em covis de assassinos! Denominai-vos servos da Palavra de Deus, contudo, tornaste-vos servos de vossa soberba!”

Cada católico se julga perante Deus muito melhor do que um protestante, sem que haja motivo para isso, ao passo que cada protestante se julga mais sabido, mais adiantado e *por isso* mais próximo de Deus do que o católico! E esses são todos aqueles que afirmam ser adeptos de Cristo, que se formam de acordo com suas palavras.

Ambas as partes são tolas, por se apoiarem em coisas que não valem nada perante a vontade de Deus! Justamente todos esses pecam muito mais contra o segundo mandamento de Deus, do que os adeptos das outras religiões; pois não somente abusam do nome de Deus pelas palavras, mas também pelos actos, com toda a sua maneira de viver e até mesmo no seu assim denominado culto a Deus. Dão a cada pessoa, que pensa e observa bem, apenas um repugnante exemplo de formas vazias e de pensamento oco. Justamente na presunção ilimitada de quererem fazer crer a si próprios e aos que os cercam que já possuem um lugar no céu, à frente dos adeptos de outras crenças, rebaixam mais profundamente um conceito de

Deus! A forma externa dos rituais da igreja, um baptismo e tantas outras coisas, não propicia isso! O ser humano interior, sozinho, terá de comparecer perante o Juízo! Gravai isto, ó orgulhosos, a quem já foi anunciado que no dia do Juízo desfilarão com arrogância e presunção convencidos de si, com bandeiras e vestes pomposas, a fim de receber alegremente a sua recompensa. Não alcançarão, porém, jamais o reino do espírito aos pés do trono de Deus, porque receberão a recompensa que merecem, antes de chegar lá. Um sopro gélido os levará, qual joio sem nenhum valor; pois lhes faltam a humildade pura *dentro de si* e o verdadeiro amor ao próximo!

São, por causa de seus modos, os que mais abusam do nome de “Deus”, os maiores transgressores do segundo mandamento!

Todos eles serviam a Lúcifer, não a Deus! E escarnecem com isso de todos os mandamentos de Deus! Do primeiro ao último! Principalmente, porém, deste segundo mandamento, cuja transgressão constitui aqui a mais negra conspurcação do conceito de Deus, no nome!

Acautelai-vos de continuar a passar levemente por este mandamento! Observai doravante atentamente a vós próprios e ao vosso ambiente! Considerai que, se cumprirdes fielmente nove mandamentos e não atentardes a um deles, estareis, *não obstante*, por fim perdidos! Se um mandamento é dado por Deus, tal facto já comprova que não pode ser considerado levemente, que tem de ser cumprido com inexorável necessidade! Do contrário, nunca vos teria sido dado.

Não vos atreveis a orar, se não puderdes vibrar ao mesmo tempo com toda a alma nas palavras, e acautelai-vos, para não vos apresentardes diante de vosso Deus como tagarelas irreflectidos; pois nesse caso seríeis diante Dele culpados de abusar do nome de Deus. Antes de pedir-Lhe alguma coisa, reflecti cuidadosamente se isso é impreterivelmente necessário! Não vos emaranheis em orações formuladas, cuja recitação monótona em horas determinadas tornou-se um mau costume em *todos* os rituais religiosos. Isso não é apenas abuso, mas blasfémia do nome de Deus! Na alegria ou na aflição, um intuir ardente sem palavras fica sempre muito mais valioso do que mil orações verbais, mesmo que esse intuir dure apenas uma partícula de segundo. Pois tal intuir é então sempre legítimo, e nenhuma hipocrisia! Por esse motivo também nunca é abuso do conceito de Deus. É um momento *sagrado*, quando o espírito humano quer curvar-se suplicando ou agradecendo diante os degraus do trono de Deus! Isso nunca deve se tornar tagarelice habitual! Nem mesmo por servidores de uma igreja!

O ser humano, que é capaz de usar o nome de Deus em todas as oportunidades possíveis e impossíveis durante o dia, jamais teve a mínima noção do conceito de Deus! É um animal, mas não um ser humano! Pois, como espírito humano, *tem* de possuir a faculdade de intuir dentro de si o pressentimento de Deus, mesmo que seja apenas uma vez em sua existência terrena! Porém, essa única vez seria o suficiente para tirar-lhe, incondicionalmente, a vontade de transgredir levianamente o segundo mandamento! Trará, então, eternamente dentro de si a necessidade de pronunciar o nome de “Deus” somente ajoelhado, na maior pureza de todo o seu íntimo!

Quem não possui isso está muito longe de sequer merecer a Palavra de Deus e muito menos ainda de ingressar no Reino de Deus! De usufruir Sua proximidade bem-aventurada! Por esse motivo é também vedado fazer uma *imagem* de Deus-Pai, segundo o sentido humano! Qualquer tentativa nesse sentido terá de levar apenas a uma diminuição lastimável, porque nem o espírito humano nem a mão humana estão capacitados a distinguir, através da vidência, sequer a menor parte da realidade e a fixá-la em uma imagem terrena! A maior obra de arte nesse sentido significaria apenas um profundo rebaixamento. Tão somente um olho, em seu brilho indizível, indica tudo. – *Assim* sublime é a grandeza a vós incompreensível, que concentrais na palavra “Deus”, e que vós em insensata ousadia vos atreveis muitas vezes a usar como o mais corriqueiro dos palavrórios vazios e inconsiderados! Tereis de prestar contas por essa vossa conduta!

Terceiro mandamento

Tu deverás santificar o dia de descanso!

Quem se dá ao trabalho de intuir um mandamento. Ao contemplar as crianças e os adultos, como costumam lidar levemente com os mandamentos de seu Deus, poderia e deveria sobrevir um horror a cada pessoa que reflecta seriamente. Os mandamentos são aprendidos na escola e discutidos de modo superficial. O ser humano dá-se por feliz, quando consegue assimilar o seu teor e é capaz de razoavelmente dar explicações a respeito, enquanto houver para ele o perigo de ser perguntado sobre isso. Saindo, porém, da escola para a vida económica, então também esse teor é logo esquecido e, dessa forma, também o seu sentido. É a melhor prova de que na realidade nem se interessava por aquilo que o seu Senhor e Deus exige dele. Ele, porém, com isso não *exige* nada, mas *dá* com amor a todos os seres humanos o que urgentemente necessitam! Pois fora observado pela Luz como os seres humanos se transviaram. Por isso, Deus, qual cuidadoso educador, indicou-lhes o caminho que os conduz à existência eterna no reino luminoso do espírito, portanto, à sua felicidade. Ao passo que a inobservância terá de conduzir à desgraça e aniquilamento das criaturas humanas! Por isso mesmo, no fundo, não é certo quando se fala em *mandamentos*. Trata-se, antes, de conselhos muito bem-intencionados, da indicação do caminho certo através da materialidade, cujo conhecimento constituiu anseio dos próprios espíritos humanos. Mas até mesmo esse pensamento tão bonito não produz efeito no ser humano. Aferrou-se literal e demasiadamente a suas próprias ideias e nada mais deseja ver ou ouvir, além daquilo que condiz com os conceitos que para si mesmo criou em seu limitado saber terreno. Não sente como a materialidade o conduz cada vez mais até o limite onde ele estará pela última vez diante do sim ou do não, como sendo *aquela* decisão que então permanecerá determinante para toda a sua existência, e segundo a qual terá de trilhar até o fim o seu caminho assim escolhido, sem possibilidades de voltar atrás. Mesmo que ainda no último momento lhe surja o reconhecimento. Virá tarde demais e só contribuirá para aumentar-lhe os tormentos.

Para auxiliar aqui, a fim de que, apesar dos erros, pudesse advir-lhe o reconhecimento ainda *a tempo*, Deus deu aos seres humanos o *terceiro* mandamento, o conselho de santificar o dia de descanso! No cumprimento deste mandamento, no decorrer do tempo, teria despertado em cada ser humano o anseio de esforçar-se para a Luz e com esse anseio ter-se-ia mostrado, por fim, também o caminho que o conduziria para cima, à realização de seus desejos, que, tornando-se cada vez mais poderosos, condensar-se-iam em oração. Então seria *outra* a posição do ser humano hoje, na transição universal! Estaria espiritualizado, *maduro* para o reino que agora terá de vir.

Ouvi, pois, e agi para que o cumprimento do mandamento aplaine o vosso caminho. Tu deverás santificar o dia de descanso! *Tu!* Está bem evidente nas palavras, que *tu* deverás consagrar o dia de descanso, tu deverás *santificá-lo para ti!* Dia de descanso é hora de descanso, portanto, quando repousas do trabalho, que teu caminho na Terra te impõe. Porém, não consagras a hora de descanso, o dia de repouso, se só queres cuidar de teu corpo. Também não o fazes se apenas procuras divertimento em jogos, bebidas ou na dança. A hora de descanso deverá conduzir-te para que com calma te aprofundes em teu pensar e intuir, que reflectas sobre tua existência terrena de até então, principalmente, porém, sempre sobre os dias de trabalho da *última* semana, e disso tires lições proveitosas para o teu futuro. Sempre é possível fazer um apanhado de seis dias, o que passa disso é facilmente esquecido. Não tardará, e teu intuir elevar-se-á lentamente e tu te tornarás buscador da Verdade. Uma vez tornado buscador de facto, ser-te-á também mostrado um caminho. E da mesma maneira como aqui na Terra percorres um caminho novo, a ti até então desconhecido, apenas examinando, investigando, assim deverás trilhar também os novos caminhos espirituais que agora se abrem para ti, cuidadosamente, passo a passo, a fim de conservar sempre solo firme sob teus pés. Não deverás saltar, pois assim aumentará o perigo de tombar. Com tal pensar e intuir nas horas de descanso da tua existência terrena, jamais perderás algo, pelo contrário, somente lucrarás.

Ninguém santifica uma hora de descanso com visitas a igrejas, se simultaneamente não se dispuser a reflectir em seu tempo de repouso sobre aquilo que lá ouviu, a fim de assimilá-lo correctamente e viver de acordo. O sacerdote não poderá santificar-te o teu dia, se tu próprio não o fizeres. Pondera sempre se o sentido verdadeiro das palavras de Deus está integralmente em concordância com teu modo de agir. *Dessa* maneira o dia de descanso será então por ti santificado; pois alcançou, através de serena introspecção, *aquele* conteúdo, para cuja finalidade foi instituído. Cada dia de descanso tornar-se-á assim um marco no teu caminho, que, agindo retroactivamente, dará também a teus dias de actividade grosso-material *aquele* valor, que esses devem ter para o amadurecimento da tua alma. Então não terão sido vividos em vão, e progredirás constantemente. Santificar quer dizer não desperdiçar. Se descuidares disso, desperdiçarás teu tempo, o qual te foi concedido para o amadurecimento e, após a transição universal, que agora começa a envolver-vos lentamente com seus raios, apenas pouco tempo ainda será dado para recuperar o que foi negligenciado, pressuposto que empregueis aí toda a energia que vos restou. Santificai, por isso, o dia de descanso! Seja em vossa casa ou, melhor ainda, em contacto com a natureza, que vos auxilia a despertar no pensar e no intuir! Cumpri assim o mandamento do Senhor. *É para vosso proveito!*

Quarto mandamento

Tu deverás honrar pai e mãe!

Este mandamento Deus mandou dar outrora à humanidade através de Moisés. Despertou, porém, indizíveis lutas de alma. Quantas crianças e quantos adultos não lutaram penosamente para não pecar da maneira mais grave justamente contra este mandamento. Como pode uma criança honrar o pai, que se degrada no vício da bebida, ou uma mãe, que torna todas as horas amargas ao pai e a todos no lar, em virtude dos seus caprichos, pelo seu temperamento desenfreado, por falta de autocontrole e por tantos outros modos, e impossibilita totalmente o surgir de uma atmosfera serena! Pode uma criança honrar os pais quando ouve que se insultam mutuamente de forma dura, quando enganam um ao outro ou quando chegam até a agredir-se? Muitos acontecimentos matrimoniais tornaram este mandamento frequentemente uma tortura para os filhos, acarretando a impossibilidade do seu cumprimento. Pois seria apenas hipocrisia, se um filho quisesse afirmar honrar ainda uma mãe, que se porta muito mais amavelmente com estranhos que com seu próprio marido, o pai desse filho. Quando nota nela a tendência para a superficialidade, quando vê como ela, na mais ridícula vaidade, rebaixa-se à escrava submissa de qualquer tolice da moda, que tantas vezes não mais se coaduna com o conceito da serena e elevada maternidade, que rouba toda a beleza e sublimidade da dignidade materna... como pode um filho, nessas condições, sentir ainda de livre vontade veneração pela mãe? Quanta coisa já encerra essa palavra: “mãe”! Quanto, porém, também exige. Uma criança ainda não envenenada *tem* de sentir em si de modo inconsciente que uma pessoa de espírito sério e amadurecido nunca poderia decidir-se a expor seu corpo grosso-material, apenas para atender aos ditames da moda. Como pode, então, a mãe continuar venerável para a criança! A veneração natural diminui impulsivamente, transformando-se na forma vazia de um dever habitual ou, conforme a educação, na simples cortesia social, isto é, na hipocrisia, à qual falta qualquer elevação de alma. Justamente *aquela* elevação, que encerra em si calorosa vida! Que é indispensável à criança e que a acompanha em seu crescimento e em seu ingresso na vida, como um escudo protector, resguardando-a de tentações de toda natureza e que interiormente permanece como um forte local de refúgio, sempre que se encontrar em alguma dúvida. Até na idade avançada! A palavra “mãe” ou “pai” deveria, em todos os tempos, despertar uma intuição ardente e fervorosa, da qual a imagem aparecesse *condignamente* diante da alma, em plena pureza, aconselhando ou aprovando, como estrela-guia durante toda a existência terrena!

E que tesouro então não é tirado de cada criança, quando *não pode* honrar com toda a alma seu pai ou sua mãe!

A causa de todas essas torturas de alma, todavia, encontra-se de novo somente na falsa concepção dos seres humanos em relação ao mandamento. Falsa era a concepção de até então, que limitou o sentido e deixou-o tornar-se unilateral, ao passo que tudo o que é enviado por Deus não pode ser unilateral. Mais errado ainda foi deformar este mandamento, ao querer melhorá-lo de acordo com o critério humano, formulando-o de modo mais definido pelo acréscimo: “Tu deverás honrar *teu* pai e *tua* mãe!” Com isso tornou-se pessoal. Isso tinha de conduzir a erros; pois o mandamento em sua feição correta diz apenas: “Tu deverás honrar pai e mãe!”

Não se refere, pois, a determinadas pessoas isoladamente, cuja *indole* não pode ser *previamente* determinada nem prevista. Semelhante absurdo jamais ocorre nas leis divinas. Deus não exige absolutamente que se honre algo que não mereça incondicionalmente ser honrado!

Este mandamento, pelo contrário, abrange, em vez de personalidade, um *conceito* da paternidade e maternidade. Portanto, não se dirige em primeiro lugar às crianças, mas aos próprios *pais*, exige *destes* que conservem honradas a paternidade e a maternidade! O mandamento impõe deveres incondicionais aos pais, para sempre estarem totalmente conscientes de sua elevada missão, e com isso também que mantenham diante dos olhos a responsabilidade que nela se encontra.

No Além e na Luz não se vive com palavras, mas dentro de conceitos.

Por esse motivo acontece que na reprodução da palavra ocorre facilmente uma restrição desses conceitos, como se patenteia neste caso. Mas aí daqueles, que não atentaram a este mandamento, que não se esforçaram por reconhecê-lo correctamente. Não serve de desculpa que ele, até agora, tenha sido tantas vezes erroneamente interpretado e intuído. As consequências duma inobservância do mandamento já se fizeram valer por ocasião da geração e da entrada da alma. Seria totalmente diferente nesta Terra, se os seres humanos tivessem entendido e cumprido este incisivo mandamento. Almas completamente diferentes podiam então chegar à encarnação, às quais não era possível permitir uma degradação da decência e da moralidade em grau semelhante ao que ocorre hoje! Vede somente os assassínios, vede as danças desregradas, vede as orgias, nas quais, hoje, tudo quer se intensificar. É como que a coroação do triunfo das correntezas abafadiças das trevas. E vede a indiferença incompreensível, com que se aceita a decadência como algo certo ou já sempre existente e até se fomenta.

Onde está o ser humano, que se esforça por reconhecer direito a vontade de Deus, que procura, elevando-se, compreender a extensa grandiosidade, em vez de comprimir obstinadamente essa vontade imensa sempre e sempre de novo na miserável restrição do cérebro terreno, que ele transformou em templo do intelecto. Com isso ele mesmo força sua vista para o chão, como um escravo preso com correntes de ferro, em vez de, com brilho de alegria, ampliando-a, elevá-la para as alturas, para encontrar o raio do reconhecimento.

Não vedes, pois, como vos comportais mesquinamente em *cada* interpretação que fazeis de tudo o que vos chega da Luz! Quer sejam os mandamentos, as profecias, a mensagem de Cristo, ou mesmo toda a Criação! Nada quereis ver nem reconhecer! Nem procurais, pois, compreender algo *realmente*! Não aceitais as coisas como são de facto, mas procurais obstinadamente transformar tudo, sempre de novo, nas baixas concepções a que desde milénios vos rendestes. Libertai-vos, pois, finalmente, dessas tradições. A força para isso se acha à vossa disposição. A cada momento. E sem necessidade de fazerdes sacrifícios. Mas tereis de livrar-vos delas *num só* acto de vontade, *num só golpe*! Sem reter algo disso, com desejo velado. Tão logo vos empenheis em procurar uma *transição*, jamais vos libertareis de tudo o que vos prende até agora, ao contrário, isso vos puxará sempre de novo e tenazmente para trás. Somente vos será fácil, se separardes de *um só* golpe todo o velho, enfrentando assim o novo, sem nenhum lastro antigo. Somente então é que o portal se abrirá para vós, do contrário, permanecerá firmemente fechado. E para isso é necessária somente uma vontade realmente sincera. É o acto de um momento. Exactamente como o despertar do sono. Se não vos levantardes imediatamente de vossa cama, ficareis novamente cansados, e a alegria pelos trabalhos do novo dia se enfraquece, se não desaparecer por completo.

Tu deverás honrar pai e mãe! Tornai isso um mandamento sagrado para vós. Honrai a paternidade e a maternidade! Quem ainda hoje sabe, pois, que grande dignidade reside nisso. E que poder, capaz de enobrecer a humanidade! Os seres humanos, que se unem aqui na Terra, deviam estar uma vez cientes disso, então também cada matrimónio tornar-se-ia um verdadeiro matrimónio, ancorado no espiritual! E todos os pais e mães seriam *dignos de serem honrados*, segundo as leis divinas!

Para as crianças, porém, este mandamento torna-se sagrado e vivo através de seus pais. Essas crianças nem poderão proceder de outro modo, do que honrar o pai e a mãe com toda a alma, não importando a sua própria índole. Serão forçadas a isso, pelo facto da índole dos pais. E ai então *daqueles* filhos que não cumprirem o mandamento plenamente. Pesado carma recairia sobre eles; pois o motivo para isso é então dado plenamente. O cumprimento, porém, logo se transformará, pela reciprocidade, em naturalidade, em alegria, em necessidade! Por

esse motivo, ide e respeitai os mandamentos de Deus com mais seriedade do que até agora!
Isto é, observai-os e cumpri-los! Para que vos torneis felizes! —

Quinto mandamento

Tu não deverás matar!

Bate no teu peito, ó ser humano, e gaba-te em voz alta que não és nenhum assassino! Pois matar é assassinar, e segundo tua convicção nunca transgrediste este mandamento do Senhor. Podes apresentar-te a Ele com orgulho e, sem receio nem medo, aguardar cheio de esperanças a abertura justamente dessa página do livro de tua vida.

No entanto, já reflectiste uma vez que para ti também há um *matar moralmente*, e que *matar moralmente* equivale a assassinar fisicamente?

Não há nenhuma diferença nisso. Somente a fazes em teu modo de expressar, em tua linguagem; porque o mandamento não diz de maneira unilateral: tu não deverás matar nenhuma vida terrena de matéria grosseira! Mas sim de modo abrangente, amplo, sucinto: Tu não deverás matar!

Um pai, por exemplo, tinha um filho. Esse pai alimentava a pequena vaidade terrena de que o filho tinha de estudar, custasse o que custasse. Nesse filho, porém, repousavam dons que o impeliam a fazer outras coisas, em que o estudo não lhe era de nenhuma utilidade. Nada mais natural, portanto, que esse filho não sentisse a menor vontade pelos estudos obrigatórios, nem pudesse reunir com alegria as energias necessárias para isso. O filho obedecia. Esforçava-se, com prejuízo da saúde, para cumprir a vontade de seu pai. Mas como esta era contrária à natureza do filho, contrária aos dotes inerentes a ele, era totalmente natural que o corpo também se ressentisse com isso. Não quero acompanhar mais longe esse caso aqui, que tão frequentemente se repete na vida terrena, a ponto de chegar a centenas de milhares ou mais ainda. No entanto, é irrefutável que nesse caso o pai, por sua vaidade ou obstinação, procurava matar algo no filho, que a este foi dado para desenvolvimento na Terra! Em muitos casos também consegue realmente extingui-lo, porque o desenvolvimento mais tarde torna-se quase impossível, por haver sido quebrada, na melhor época, a sadia energia principal para isso, desperdiçada levianamente em coisas estranhas à natureza do filho.

Com isso o pai violou gravemente o mandamento: Tu não deverás matar! Sem levar em conta que com seu proceder privou os seres humanos de algo, que talvez pudesse vir a ser-lhes de muita utilidade através do filho! No entanto, deve se considerar que esse filho é ou pode ser espiritualmente muito semelhante a ele ou à mãe, mas apesar disso, perante o Criador permanece uma personalidade individual, a qual *tem o dever de* desenvolver os dotes que

trouxe à Terra, para seu próprio proveito. Talvez até lhe fora concedido com isso, pela graça de Deus, resgatar um carma pesado, devendo inventar algo que, em determinado sentido, traz grande proveito para a humanidade! A culpa desse impedimento pesa de modo especial sobre o pai ou a mãe, que colocaram suas mesquinhas considerações terrenas acima dos grandes fios do destino e, dessa maneira, abusaram do poder da paternidade.

Não é diferente quando os pais, por ocasião do casamento dos filhos, são capazes de deixar prevalecer os mesquinhos cálculos terrenos do seu intelecto. Quantas vezes é aniquilada nisso, sem consideração, uma das mais nobres intuições de seu filho, com o que é dado a este, sim, a despreocupação terrena, porém, nisso também a infelicidade de alma, que se torna mais incisiva para a vida do filho do que todo o dinheiro e bens terrenos.

É natural que os pais não devam ceder a qualquer sonho ou desejo de um filho. Isso não seria o cumprimento dos seus deveres de pais. É exigido, porém, o mais severo exame, o qual nunca deve ser terrenamente unilateral! E justamente esse exame, feito de *maneira desinteressada*, é realizado raras vezes ou nunca pelos pais. Assim há casos de mil e uma espécies. Não é necessário que eu fale mais sobre isso. Reflecti vós próprios a respeito, para que não venhais a transgredir essa grave palavra de Deus no mandamento! Abrir-se-ão, assim, caminhos não imaginados para vós!

No entanto, também o filho pode sufocar esperanças nos pais, que são justificadas! Quando não desenvolve em si os dotes como é necessário, para que nisso possa conseguir algo grande, tão logo os pais, prontos a ajudar, tenham lhe permitido escolher o caminho que pediu. Nesse caso também vem a ser um matar de nobres intuições nos pais, e ele transgrediu assim o mandamento de maneira brutal!

O mesmo acontece quando o ser humano de alguma maneira trai uma amizade verdadeira ou a confiança, que alguém lhe dedica. Dessa forma, mata e fere no outro algo que encerra verdadeira vida! É transgressão da palavra de Deus: Tu não deverás matar! Acarreta-lhe destino prejudicial, que terá de remir.

Vedes que todos os mandamentos são apenas os melhores amigos para os seres humanos, a fim de preservá-los fielmente de desgraça e de sofrimento! Por esse motivo, amai-os e respeitai-os como a um tesouro, cuja guarda só vos acarretará alegria! —

Sexto mandamento

Tu não deverás cometer adultério!

Já o facto de existir outro mandamento que diz: “Não cobiçarás a mulher de teu próximo!” demonstra quão pouco este sexto mandamento tem relação com aquilo que a lei terrena estabelece a respeito.

“Tu não deverás cometer adultério” pode também significar: “Tu não deverás destruir a paz de um matrimónio!” É natural que por paz também se entenda harmonia. Isto condiciona ao mesmo tempo *como*, aliás, um matrimónio deve ser constituído; pois onde nada existe para romper ou perturbar, também o mandamento não tem validade, o qual não se orienta por conceitos e determinações terrenas, mas sim segundo a vontade divina.

Um matrimónio existe, pois, apenas onde paz e harmonia imperam como algo natural. Onde um procura sempre apenas viver para o outro e proporcionar-lhe alegria. Excluem-se com isso, de antemão, completamente e para sempre, a unilateralidade e o tão enganador tédio mortífero, assim como o perigoso anseio por distração ou a ilusão de não ser compreendido! Os instrumentos mortíferos para toda felicidade! Justamente esses males nem *podem* surgir num verdadeiro matrimónio, no qual um vive realmente para o outro, pois o não querer ser compreendido e também o anseio por distração são apenas os frutos de um egoísmo pronunciado, que procura viver apenas para si e não para o outro!

Num verdadeiro amor das almas, no entanto, o mútuo alegre renunciar a si próprio torna-se algo completamente natural e nisso, reciprocamente, fica também totalmente excluído que uma das partes fique prejudicada. Pressuposto que também o nível de cultura dos que se unem não apresente demasiada disparidade!

Esta é uma condição, que a lei de atracção da igual espécie no grande Universo exige, a qual terá de ser cumprida, se a felicidade deva ser completa.

Onde, porém, não se encontra a paz, nem a harmonia, o matrimónio não merece ser chamado de matrimónio; pois então ele também não o é, sendo apenas um vínculo terreno, que perante Deus não tem nenhum valor, e que, por isso, também não pode trazer bênçãos *naquele* sentido, como é de se esperar num verdadeiro matrimónio.

No sexto mandamento, portanto, o matrimónio verdadeiro é, de acordo com a vontade de Deus, severa condição básica! Outro tipo de matrimónio não goza de protecção. Mas ai daquele que ousa perturbar um matrimónio *verdadeiro*, seja de que forma for! Pois o triunfo que julga obter aqui na Terra aguarda-o na matéria fina de uma forma inteiramente diversa! Apavorado, gostaria de fugir dela ao ter de entrar no reino, onde ela o aguarda.

Um adultério, no mais amplo sentido, já existe lá, onde é feita a tentativa de separar duas pessoas que de facto se amam animicamente, como muitas vezes o fazem os pais, aos quais esta ou aquela circunstância terrena não é de seu agrado! E ai também da mulher, ai de um homem, quer jovem ou quer velho, que, movidos pela inveja ou por motivos fúteis, semeiam deliberadamente discórdia ou até o rompimento entre um tal par! O amor puro entre duas pessoas deverá ser sagrado para cada pessoa, deverá ser objecto de respeito e consideração, mas não de cobiça! Pois está sob a protecção da vontade de Deus!

Se, porém, um tal sentimento de cobiça impura procura surgir, deverá o ser humano afastar-se e somente olhar com olhos límpidos para *aquelas* pessoas que ainda não se ligaram animicamente a ninguém.

Se procurar com seriedade e paciência, encontrará incondicionalmente uma pessoa que com ele combine no sentido desejado por Deus, com a qual então também se tornará feliz, sem se sobrecarregar com uma culpa, que jamais pode trazer ou proporcionar felicidade!

O grande erro dessas pessoas é, muitas vezes, que se esforçam em seguir um impulso de sentimento inicialmente sempre fraco, retendo-o à força e cultivando-o artificialmente em sua fantasia, até que, tornando-se forte, preenche-as e, martirizando, também induz ao pecado! Milhares de espíritos humanos não teriam de se perder, se apenas quisessem atentar sempre para o *inicio* disso, que, quando não decorre de cálculos do intelecto, é meramente fruto de namoros indignos de seres humanos, os quais, por sua vez, têm sua origem em nefastos hábitos da vida familiar terrena e, principalmente, da vida social! Exactamente estes são frequentemente os verdadeiros mercados casamenteiros, em nada mais limpos que o tráfico sem disfarces de escravos no Oriente! Nisso reside uma incubadora para os germes do adultério.

Vós, pais, acautelai-vos, para que não vos torneis culpados do crime de adultério para com vossos filhos, devido a cálculos demasiadamente intelectivos! Inúmeros já se enredaram nisso! Muito lhes custará para se libertarem novamente disso! Vós, filhos, tende cuidado para não vos tornardes por acaso instrumentos de discórdia entre os vossos pais, senão também sereis culpados de adultério! Reflecti bem sobre isso. Senão tornar-vos-eis inimigos de vosso

Deus, e não há sequer um destes inimigos que por fim não tenha de perecer com sofrimentos indizíveis, sem que Deus mova um dedo para tanto! Jamais deverás destruir a paz e a harmonia entre dois seres humanos.

Grava isso em ti, para que te sirva sempre de advertência diante do olho de tua alma. —

Sétimo mandamento

Tu não deverás roubar!

O ladrão é considerado uma das criaturas mais desprezíveis. Ladrão é todo aquele que toma de outrem algo de sua propriedade, sem a sua vontade!

Nisso reside a explicação. A fim de cumprir também correctamente o mandamento, o ser humano nada terá de fazer, além de distinguir sempre com clareza o que pertence a outrem! Isso não é difícil, qualquer um dirá imediatamente. E com isso já o coloca de lado. De facto, não é difícil, como no fundo todos os dez mandamentos não são difíceis de serem cumpridos, sob condição de que se queira realmente. Mas condição nisso será sempre que o ser humano os conheça correctamente. E *isso* falta a muitos. Para o cumprimento, reflectistes uma vez realmente sobre o que na verdade constitui propriedade de outrem, da qual nada deves tomar?

É o seu dinheiro, as jóias, o vestuário, talvez também casa e propriedade, incluindo o gado e tudo quanto dela faça parte. Não consta, porém, no mandamento, que o mesmo se refira unicamente a propriedades terrenas, de matéria grosseira! Pois existem valores ainda infinitamente mais preciosos! À propriedade de um ser humano pertence também a sua reputação, o conceito de que goza na sociedade, os seus pensamentos, o seu carácter, também a confiança de que goza perante terceiros, se não de todos, ao menos perante este ou aquele! Uma vez chegado a este ponto, muito orgulho de alma perante o mandamento já terá diminuído sensivelmente. Então, pergunta-te: jamais tentaste, talvez de boa fé, arruinar a confiança que uma pessoa goza perante outra, com advertência de cautela, ou até enterrá-la totalmente? Com isso, roubaste literalmente aquela, que era a depositária dessa confiança! Pois a tomaste dela! Ou pelo menos fizeste a tentativa para isso.

Também terás roubado ao teu próximo se, sabendo algo a respeito de sua situação, o tiveres comunicado a terceiros, *sem a aprovação do referido*. Poderás reconhecer disso como estão gravemente emarenhados nas malhas da culpa todos aqueles que procuram transformar esses assuntos em negócio, ou que se dedicam a esse tipo profissionalmente, como as tais agências de informações ou similares. Os auto-emaranhamentos nisso acarretam, devido a todas as consequências dessa actividade das constantes transgressões do mandamento divino, uma rede tão enorme, que tais pessoas nunca mais poderão libertar-se e ficam entregues à condenação; pois todas elas estão *mais sobrecarregadas* do que ladrões e assaltantes grosseiros. São também culpados e equiparados a cúmplices aqueles que auxiliam e estimulam tais “negociantes” na sua pecaminosa actividade. Cada ser humano íntegro e honesto, quer

particular, quer negociante, possui o direito e o dever de exigir esclarecimentos *directos* e, se preciso, documentos que o elucidem sobre todos aqueles que lhe submetem qualquer solicitação, a fim de que possa decidir até que ponto poderá confiantemente atender às suas solicitações. Tudo o mais é insano e reprovável.

O cumprimento deste mandamento tem simultaneamente como efeito que a intuição desperte cada vez mais e suas faculdades, uma vez estimuladas, sejam libertadas. O ser humano adquire assim o verdadeiro conhecimento da natureza humana, o qual apenas por comodismo havia perdido. Perde pouco a pouco o carácter mecânico e inanimado, e torna-se novamente um ser humano vivo. Surgem verdadeiras personalidades, ao passo que a actual criatura massificada cultivada tem de desaparecer.

Dai-vos ao trabalho de meditar profundamente a esse respeito, e zelai para que no fim não encontreis precisamente este mandamento muito transgredido nas páginas de vosso livro de culpas!

Oitavo mandamento

Tu não deverás levantar falso testemunho contra teu próximo!

Se assaltares um de teus próximos e lhe bateres, de modo a causar-lhe ferimentos, e se talvez ainda o roubares, sabes então que o prejudicaste e que serás passível de punição terrena. Nem sequer pensas que com isso simultaneamente também te emaranhaste nas malhas de um efeito recíproco que não está sujeito a nenhuma arbitrariedade, mas que se desencadeia com justiça até nas mais ínfimas reacções da alma, o qual não consideras, para o qual nem possuis intuição. E esse efeito recíproco não tem nenhuma relação com a pena terrena, mas age totalmente independente, de modo sereno por si, mas de forma tão inevitável para o espírito humano, que em toda a Criação não encontrará um cantinho sequer, capaz de protegê-lo e de escondê-lo.

Quando ouvís falar a respeito de tal acto brutal de agressão e de ferimentos causados à força, senti-vos indignados. Se as vítimas forem pessoas que vos são próximas, ficareis também assustados e horrorizados! Não vos incomodais, porém, quando ouvís, aqui e acolá, uma pessoa ausente ser caluniada por terceiros, mediante o emprego subtil de palavras malévolas, como também muitas vezes apenas com gestos muito expressivos, que deixam entrever mais do que poderá ser dito com palavras.

Atentai, porém: uma agressão grosso-material pode ser reparada muito mais facilmente do que um ataque à alma, a qual sofre com a difamação.

Evitai, por isso, todos os assaltantes da reputação, da mesma maneira como os assassinos grosso-materiais!

Pois são exactamente tão culpados, e muitas vezes mais ainda! Como não têm piedade alguma para com as almas por eles perseguidas, assim também não nenhuma deverá ser-lhes estendida para auxílio no Além, quando o implorarem! Frio e impiedoso é o nefasto impulso em seu íntimo de difamar outras pessoas, muitas vezes até estranhas a eles, e por isso hão de encontrar frio e inclemência centuplicados no local que os aguarda, assim que tiverem de abandonar o seu corpo terreno!

Continuarão a ser no Além os proscritos e os mais desprezados, mesmo perante os assaltantes e os ladrões; pois um traço comum, ignóbil e desprezível, caracteriza toda essa

espécie, desde a simples tagarela aos indivíduos corruptos, que não têm medo de levantar falso testemunho, sob juramento voluntariamente prestado, contra um próximo, ao qual, em muitas coisas teriam tido motivo suficiente para agradecer!

Tratai-os como vermes venenosos; pois não merecem ser outra coisa.

Por faltar completamente a toda a humanidade o objectivo elevado e uniforme de alcançar o Reino de Deus, as pessoas não têm assunto quando se encontram em grupos de dois ou três, e costumam assim tornar o falar sobre os outros um hábito de seu agrado, cuja baixeza não são mais capazes de reconhecer, porque, com o constante exercício, perdeu-se totalmente o conceito para isto.

Que continuem sentadas juntas no Além, e se dediquem ao seu assunto predilecto, até que tenha passado o tempo concedido para a última possibilidade de ascensão, que talvez pudesse ter-lhes trazido salvação, e sejam arrastadas à decomposição eterna, para onde chegam todas as espécies de matéria grosseira e fina para a purificação de *todo* o veneno introduzido por espíritos humanos, que não são dignos de conservar um nome!

Nono mandamento

Não cobiçarás a mulher de teu próximo!

Este mandamento é dirigido de modo severo e claro directamente contra os impulsos animais corporais, que o ser humano... infelizmente... muitas vezes permite que surjam de modo excessivo, tão logo se lhe ofereça oportunidade para isso!

Aí também já tocamos no ponto capital, que constitui a maior armadilha para os seres humanos, na qual quase todos sucumbem, assim que com ela entrem em contacto: *a oportunidade!*

O impulso é despertado e guiado apenas pelos pensamentos! O ser humano pode verificá-lo facilmente em si próprio, que o impulso não se manifesta, não pode manifestar-se, se não houver pensamentos a este respeito! É totalmente dependente disso! Sem excepção!

Não digais que também o sentido do tacto pode despertar o impulso; pois isso é errado. É apenas uma ilusão. O sentido do tacto desperta apenas o pensamento e este, então, o impulso! E para despertar tais pensamentos, a oportunidade, que se oferece, é o meio auxiliar mais poderoso, que deve ser temida pelos seres humanos! Por essa razão, constitui-se também a maior defesa e a melhor protecção para todos os seres humanos de ambos os sexos, quando a oportunidade para isso for evitada! É a âncora de salvação na aflicção actual, até que toda a humanidade tenha se fortalecido de tal maneira, que seja capaz de, como sã evidência, *manter puro o foco de seus pensamentos*, o que hoje, infelizmente, não se torna mais possível! Então, porém, uma transgressão deste mandamento é inteiramente impossível.

Até lá muitas tempestades purificadoras terão de assolar a humanidade, mas *aquela* âncora resistirá, desde que cada bem-intencionado se esforce realmente por nunca dar oportunidade de encontro sedutor a sós entre pessoas de sexos diferentes!

Cada qual deve gravar isso com letras de fogo; pois não é tão fácil novamente libertar-se anímicamente de tal transgressão, já que aí a outra parte também entra em questão! E para a ascensão *simultânea* raramente existe uma possibilidade.

“Não cobiçarás a mulher de teu próximo!” Isso não se refere apenas a uma mulher casada, mas sim ao sexo feminino em geral! Portanto, também às filhas! E como é dito

expressamente: “Não *cobiçarás!*”, refere-se apenas ao impulso corporal, não por acaso ao cortejar sincero!

Um engano nem pode haver nessas palavras tão claras. Trata-se aqui da severa lei divina contra a sedução ou violação. Bem como contra a conspurcação por pensamentos oriundos de uma cobiça oculta! Já isso, como ponto inicial de todo o mal de um acto, constitui transgressão do mandamento, que acarreta a punição mediante um carma, que terá de ser remido inevitavelmente de alguma forma, antes que a alma possa libertar-se disso novamente. Por vezes tal acontecimento, considerado erroneamente pelos seres humanos como de pouca importância, constitui até um factor determinante para a espécie da próxima encarnação sobre a Terra, ou para seu futuro destino *nesta* existência terrena. Não considereis, por isso, demasiadamente leviano o poder dos pensamentos, ao qual se liga, naturalmente, também a responsabilidade na mesma proporção! Vós sois responsáveis pelo pensamento mais leviano; pois já acarreta danos no mundo de matéria fina. *Naquele* mundo, que terá de receber-vos, depois desta vida terrena.

Se a cobiça, porém, levar à sedução, chegando, portanto, a um acto grosso-material, temeí pela recompensa, se não fordes mais capazes de repará-lo corporal e animicamente aqui na Terra!

Tendo, pois, ocorrido a sedução de maneira mais bajuladora, ou mediante exigência brutal, seja com isso também por fim obtida uma anuência da parte feminina, não influenciará em nada o efeito recíproco, pois este já se iniciou quando surgiu a cobiça, e toda a astúcia e todas as artimanhas apenas servirão para agravá-lo. Então, mesmo a anuência final não o anulará!

Tende, pois, cuidado, evitai cada oportunidade e jamais vos torneis despreocupados a esse respeito! *Conservai puro, em primeiro lugar, o foco de vossos pensamentos!* Assim jamais transgredireis este mandamento!

Também não vale como desculpa, se um ser humano procura iludir-se com o facto de que existia a probabilidade do matrimónio! Pois pensando assim, seria até a mais grosseira inverdade. Um matrimónio destituído do amor das almas é nulo perante Deus. O amor das almas, porém, será a mais forte de todas as protecções contra a transgressão do mandamento, pois aquele que realmente ama deseja proporcionar ao ser amado sempre somente o melhor, sendo, portanto, incapaz de manifestar-lhe desejos ou exigências impuras, contra o que se volta em primeira linha o mandamento!

Décimo mandamento

Tu não deverás cobiçar casa, propriedade e gado do teu próximo, e tudo o que lhe pertence!

Quem procura auferir ganhos com trabalho ou comércio honesto poderá aguardar sossegadamente o chamado deste mandamento no dia da grande prestação de contas; pois passará por ele sem que os golpes o atinjam. Considerando bem, é tão fácil cumprir todos os mandamentos e, não obstante... observai *bem* todos os seres humanos e logo chegareis ao reconhecimento de que mesmo o cumprimento deste mandamento, em verdade para o ser humano tão evidente,... não sucede, ou então apenas raramente e, ainda assim, não com alegria, porém somente com grande esforço.

Sobre todos os seres humanos, quer brancos, amarelos, morenos, negros ou vermelhos, passa um anseio insaciável de invejar o próximo por aquilo que eles mesmos não possuem. Expressando ainda melhor: de invejá-lo por tudo! Nessa inveja já reside a cobiça proibida! Com isso já se consumou a transgressão do mandamento, tornando-se a raiz de muitos males, que deixam sobrevir rapidamente a queda do ser humano, da qual ele, em muitos casos, nunca mais se ergue.

O ser humano comum, estranhamente, raras vezes preza o que é seu, mas apenas aquilo que ainda não possui. As trevas semearam avidamente a cobiça, e as almas humanas, infelizmente, entregaram-se com demasiada boa vontade para criar o solo mais fértil para a triste sementeira. Assim, no decorrer dos tempos, a cobiça pela propriedade alheia tornou-se motivo dominante de toda a actividade da maior parte da humanidade. A começar pelo simples desejar, passando pela astúcia e pela habilidade de convencer, aumentando até a inveja ilimitada decorrente da constante insatisfação e até ao ódio cego.

Para a satisfação, qualquer caminho era tido ainda como correcto, desde que não estivesse em conflito demasiadamente evidente com a lei terrena. A lei de Deus ficou ignorada diante da ânsia crescente de aquisição! Cada qual se julgava realmente honesto, enquanto não tinha sido citado perante os tribunais terrenos para prestação de contas. Conseguir evitar isso, no entanto, não lhe custava muitos esforços; pois empregava a maior cautela e a maior astúcia do intelecto, quando era sua intenção prejudicar sem nenhuma consideração o seu próximo, tão logo fosse preciso, para auferir qualquer vantagem a preço baixo. Não lhe ocorreu sequer que, na realidade, justamente isso ia custar-lhe muito mais caro do que explorar todos os valores terrenos! A assim chamada inteligência tornou-se trunfo! A inteligência, porém, de acordo

com os conceitos *actuais*, nada mais é que a florescência de uma esperteza, ou de uma intensificação desta. Somente fica esquisito que todos manifestam desconfiança diante do ser humano esperto, do inteligente, porém, respeito! O *conceito básico geral* produz tal contra-senso. O ser humano esperto é um ignorante na arte de satisfazer suas cobiças, ao passo que os seres humanos racionalmente inteligentes tornaram-se mestres no assunto. O ignorante não sabe encobrir os seus desejos com mantos vistosos e colhe por isso apenas desprezo compassivo. Para o mestre, porém, brota de todas as almas, que se entregam a pendor idêntico, a mais invejosa admiração! Inveja também nisso, pois no solo da humanidade actual nem sequer a admiração da igual espécie consegue ser isenta de inveja. Os seres humanos desconhecem essa forte mola propulsora dos inúmeros males e nem sabem mais que essa inveja, sob múltiplos aspectos, domina e conduz actualmente todos os seus pensamentos e todos os seus actos! Ela reside no ser humano isolado, assim como em povos inteiros, dirige os países, gera guerras bem como também os partidos e luta eterna, onde quer que duas pessoas tenham de deliberar sobre algo!

Onde fica a obediência ao décimo mandamento de Deus, desejar-se-ia exclamar como *advertência* aos países! Na mais impiedosa cobiça, ambiciona cada um dos países terrenos apenas a posse do outro! Nisso, não recuam diante do assassinio isolado, também não diante de massacres, não diante da escravização de povos inteiros, apenas para assim se projectarem em grandeza. Os belos discursos sobre auto-conservação ou autodefesa são apenas subterfúgios covardes, pois eles mesmos sentem claramente que algo precisa ser dito, para atenuar ou desculpar um pouco esses crimes tão monstruosos contra os mandamentos de Deus!

Isso, porém, de nada lhes adianta; pois inexorável é o cinzel, que grava as transgressões dos mandamentos de Deus no livro dos acontecimentos mundiais, e indestrutíveis são os fios do carma que aí se ligam a cada um, de modo que nem sequer a menor manifestação de seu pensar e do agir possa perder-se sem ser expiada!

Quem puder abranger com a vista todos esses fios verá que terrível Juízo foi assim provocado agora! Confusão e desmoronamento do quanto foi construído até então são apenas as primeiras e *leves* consequências dessa mais repugnante de todas as violações do décimo mandamento de Deus! Ninguém poderá ser benevolente convosco, tão logo todo o efeito começar agora a cair cada vez mais sobre vós. Não o merecestes de outra forma. Virá com isso somente aquilo que vós mesmos forçastes para vós!

Arrancaí por completo a sórdida cobiça de vossa alma! Ponderai que também um país se compõe apenas de pessoas isoladas! Deixai de lado toda a inveja e todo o ódio contra *aquelas*

peças que, segundo a vossa opinião, possuem muito mais que vós próprios! Isso tem sua razão de ser! Que não sejais capazes de reconhecer essa razão, toda a culpa é *apenas vossa*, por terdes forçado voluntariamente para vós a enorme, e *não* desejada por Deus, limitação de vossa capacidade de compreensão, que teve de surgir como consequência de vosso nefasto servilismo intelectual!

Aquele que não estiver satisfeito com a posição que lhe é dada no novo Reino de Deus aqui na Terra, decorrente do efeito dos fios de seu carma por ele próprio criados, também não é digno de que com isso lhe seja propiciada a oportunidade de libertar-se, de modo relativamente fácil, de velhos fardos de culpas a ele aderidos e de, simultaneamente, ainda amadurecer espiritualmente, a fim de encontrar o caminho que leva à pátria de todos os espíritos *livres*, lá, onde imperam apenas Luz e alegria!

Futuramente, cada insatisfeito será destruído impiedosamente como imprestável perturbador da paz finalmente ansiada, como obstáculo à ascensão sadia! Se, porém, existir nele ainda um germe bom, que assegura fortemente uma conversão breve, então permanecerá submetido a uma nova lei terrena, para o *seu* bem e para sua derradeira salvação, até nele surgir um reconhecimento do infalível acerto da sábia vontade de Deus; *acerto também referente a ele*, que, apenas por miopia de sua alma e por tolice voluntária, não foi capaz de reconhecer ainda que o leito, em que *agora* está deitado na Terra, foi por ele próprio fabricado para si, como consequência incondicional de *toda* a sua existência de até então, de *várias* vidas no Além e também na Terra, não sendo, portanto, cega arbitrariedade de um acaso! Reconhecerá então, finalmente, que necessita para si exactamente aquilo e *apenas* aquilo que vivencia e o lugar onde se encontra, bem como as condições em que nasceu, com tudo o que a isso se liga!

Se trabalhar assiduamente em si próprio, progredirá não só espiritualmente como também terrenamente. Se, porém, quiser obstinadamente forçar outro caminho para si, sem consideração e para prejuízo de seus próximos, então isso jamais poderá auferir-lhe um verdadeiro proveito.

Ele não deve dizer que o reconhecimento disso ainda deva e tenha de ser-lhe proporcionado por Deus, para que obedeça e se modifique nisso! Trata-se apenas de ousadia e novo pecado, se espera ou até exige que primeiro seja-lhe provado que está errado com a sua opinião, para que possa acreditar, convencido do contrário! É *ele*, tão-só *ele*, que se tornou completamente incapaz para o reconhecimento, e que se desviou do caminho certo, no qual se encontrava no início! As possibilidades do reconhecimento já lhe tinham sido dadas por Deus no caminho que ele havia pedido poder seguir! Como ele agora as enterrou profundamente

através da própria má vontade, deve Deus agora, como seu servo, reabrir tal cova para ele! Comportamento pueril! Exactamente essa arrogância, essa exigência, fará com que agora seja mais difícil ao ser humano remir as blasfêmias contra Deus com isso cometidas! Eu vos digo: será mais fácil para qualquer ladrão ficar novamente livre de culpa, do que para uma alma humana que, esperando, ousa exigir que Deus deva reparar para ele a própria e maior culpa do ser humano mediante nova doação de reconhecimento! Exactamente aquilo que o próprio ser humano, na maneira mais rebelde contra a vontade de Deus, tomou sobre si como o mais pesado fardo de pecados!

Será uma luta árdua para as almas humanas, até que possam libertar-se das costumeiras transgressões do décimo mandamento de Deus, isto é, até que se modifiquem nisso, para finalmente viver realmente de acordo com o mesmo, no pensar, falar e agir! Para todos, porém, que não o conseguem, aguardam sofrimento e aniquilação aqui na Terra e no Além!

Assim Seja!

A vida

O conceito do ser humano sobre a vida estava errado até agora. Tudo quanto ele denominava vida nada mais é do que um movimento impulsionado, que deve ser considerado apenas como efeito natural da verdadeira vida.

Na Criação inteira é, portanto, formador, maturativo, conservador e desintegrador apenas o efeito posterior do movimento mais ou menos forte. O intelecto humano pesquisou esse movimento como sendo o mais elevado e encontrou ali o seu limite. Não pode ir além em suas pesquisas, por ser ele mesmo um produto desse movimento. Por isso, denominou-o, por ser o máximo de seu reconhecimento, simplesmente de “força” ou “força viva”, ou denominou-o também de “vida”.

Contudo, não é nem força nem vida, mas tão-somente um efeito natural e inevitável disso; pois força existe apenas na própria vida, é uma só coisa com ela, inseparável. Uma vez, pois, que a força e a vida são inseparáveis, a Criação, porém, é apenas formada, conservada e novamente desintegrada pelo movimento, tampouco se pode falar de força nem de vida dentro da Criação.

Quem, portanto, quiser falar em descoberta da força primordial ou até em aproveitamento da força primordial por meio de máquinas está enganado, porque nem poderá encontrar essa força dentro da Criação. Considera como tal algo diferente e apenas o denomina, segundo a sua aceção, erroneamente como “força”. Uma tal pessoa prova com isso, porém, não ter ideia alguma dos fenómenos na Criação ou dessa própria Criação, pelo que, contudo, não pode ser censurada; pois co-participa dessa ignorância com *todos* os seus semelhantes, instruídos ou não instruídos.

Por isso, desde o começo, falei na minha Mensagem de uma “força” que perflui a Criação, porque somente dessa maneira eu podia tornar muitas coisas compreensíveis aos seres humanos.

Do contrário, nem teriam compreendido minhas explicações. Mas agora posso prosseguir e dar uma imagem, que reflecte de modo realístico os acontecimentos de todos os fenómenos. Esta descrição é nova, mas não altera *nada* de meus esclarecimentos até aqui dados, contudo, tudo permanece exactamente assim como eu disse e *é real*. O novo em minha actual apresentação é apenas aparente, porque desta vez eu o ilumino de maneira diferente.

Dou com isso uma base firme, uma grande taça, na qual a pessoa pode colocar tudo o que foi dito na presente Mensagem como um conteúdo borbulhante em contínuo movimento, com o que então perfaz um todo, algo que forma incondicionalmente um conjunto, algo confluyente. Assim, o ser humano ganha uma visão global, para ele inesgotável, harmonizando em tudo, do grande fenómeno até então desconhecido por ele, o qual encerra em si o seu próprio evoluir e existir.

O ouvinte e o leitor procurem, pois, conceituar em imagens o que eu lhes desenrolo:

Vida, vida real é algo completamente autónomo, completamente independente. Do contrário, não deveria ser denominado de “vida”. Essa, contudo, só se encontra em *Deus!* E uma vez que fora de Deus nada é realmente “vivo”, também só Ele tem a força, que reside na vida. Unicamente Ele, portanto, é a frequentemente chamada força primordial ou, aliás, “a força”! E na força, por sua vez, reside a Luz! A expressão “Luz primordial” para isso é tão errada quanto a expressão “força primordial”; pois existe simplesmente apenas aquela uma Luz e aquela uma força: *Deus!*

A existência de Deus, da Força, da Luz, portanto, da Vida, já por si só condiciona as Criações! Pois a Luz viva, a força viva não pode evitar *irradiações*. *E essas irradiações, pois, encerram todo o necessário para a Criação.*

A irradiação, porém, não é a própria Luz!

Portanto, tudo o que existe fora de Deus tem sua origem exclusivamente na irradiação de Deus! Essa irradiação, contudo, é para a Luz um efeito evidente. E esse efeito *sempre* existiu, desde a eternidade.

A intensidade da irradiação é, pois, na proximidade da Luz, naturalmente a mais forte, de maneira que nisso não pode haver nenhum outro movimento senão o absoluto e rigoroso *movimento para a frente*, que reside na irradiação. Assim emana de Deus para longe, para distâncias lendárias, cuja extensão um espírito humano não consegue imaginar.

Lá, porém, onde esse incondicional impelir para frente, que equivale a uma pressão descomunal contínua, por fim, diminui um pouco, o movimento até então apenas impulsionador passa *para um modo circular*. Esse modo circular é provocado pelo facto de que a atracção simultaneamente actuante da força viva atrai novamente tudo o que foi lançado para além do limite da irradiação integral, até o ponto onde predomina o movimento que apenas impele para frente. Originam-se assim os movimentos circulares em forma *elíptica*,

por *não* ser um movimento *próprio*, mas apenas produzido pelo lançamento para além de certo ponto e o subsequente retraimento provocado pela atracção que reside na força, portanto, no próprio Deus.

Nesses movimentos circulares, pois, onde a descomunal pressão da irradiação directa diminuiu, origina-se naturalmente também um ligeiro resfriamento e disso, por sua vez, uma determinada sedimentação.

A sedimentação desce mais, ou se afasta mais da mais forte irradiação original, é, contudo, sempre ainda amparada pela atracção da força que tudo perpassa, contém, porém, simultaneamente sempre ainda suficiente força propulsora da irradiação, pelo que, por sua vez, surgem novos movimentos circulares, que permanecem dentro de limites sempre diferentes, porém, bem determinados. Assim sucede sedimentação após sedimentação, forma-se nisso um plano de movimento elipticamente circular após outro, que produzem aglomerações e, por fim, formas cada vez mais firmes, mais e mais distantes da irradiação original e de sua colossal pressão propulsora.

As graduações que daí se originam constituem planos, onde se congregam e se mantêm determinadas espécies, conforme o grau de seu arrefecimento. Esses planos ou espécies já descrevi em minha Mensagem, como sendo os grandes planos básicos do espiritual, no lugar mais elevado da Criação, seguindo-se depois o enteal, a matéria fina e por último a matéria grosseira com suas muitas graduações. Que com isso todas as espécies mais perfeitas fiquem mais no alto, mais próximas do ponto de origem, por mais se assemelharem com este, é natural, uma vez que sobre tais a atracção da força viva tem de actuar de modo mais forte.

Conforme já disse, sempre existiu essa irradiação da Luz de efeito tão inconcebível, desde a eternidade.

No entanto, Deus não deixou essa irradiação actuar e ir mais além do que até o limite, em que a corrente incondicionalmente impulsora ainda formava uma linha recta, de maneira que a pura irradiação divina, sem arrefecimento e sem os sedimentos daí decorrentes, ainda permanecesse resplandecente em toda a clareza. Isso constituía, com o próprio Deus, a esfera divina eterna! Nessa clareza jamais pôde surgir turvação, por conseguinte também nenhum desvio, nenhuma alteração. Tão-só harmonia completa com a origem, a própria Luz, era possível. E ela se encontra inseparavelmente ligada a Deus, porque *essa* irradiação da força viva, como seu efeito natural, não é possível de ser evitada.

A essa esfera divina que se encontra sob a pressão, inconcebível ao espírito humano, da máxima proximidade da força viva, pertence, como extremo ponto de delimitação e ancoragem, o Castelo do Graal propriamente dito, a imaginar-se também como o extremo pólo oposto terminal. Ele se encontra, por conseguinte, ainda no círculo do divinal e existe por isso desde toda a eternidade, e permanecerá inalterado por toda a eternidade, mesmo que a Criação um dia tivesse de reduzir-se a escombros.

Assim tem sido desde toda a eternidade. Algo não compreensível para o espírito humano.

Somente quando Deus, em Sua vontade, emitiu a grande expressão: “*Faça-se a Luz!*”, as irradiações se lançaram, além do limite até então desejado, para o espaço sem Luz, trazendo movimento, calor. E assim teve início a Criação que, gerando o espírito humano, pôde tornar-se sua pátria.

Deus, a Luz, não necessita desta Criação. Se Ele limitar a irradiação novamente até o ponto do inevitável, de modo a restar apenas uma esfera da pureza divina, onde jamais pode ocorrer uma turvação, como já fora antes, então, é chegado o fim para tudo o mais. Mas com isso acabaria também a existência da criatura humana, que só *nela* pode estar consciente! —

A irradiação imediata da Luz *só* pode gerar algo perfeito. Nas alterações dessa primeira pressão, porém, que se originam em decorrência das distâncias cada vez maiores, essa perfeição original diminui, porque no arrefecimento progressivo separam-se continuamente partes individuais e ficam para trás. Pureza na perfeição condiciona a *pressão da irradiação divina em sua mais alta potência*, como somente é possível na proximidade de Deus. A pressão gera movimento, resultando daí aquecimento, calor e incandescência. A pressão, por sua vez, é apenas o efeito da força, não a própria força; como também as irradiações se originam apenas sob a pressão da força, mas não são a própria força. Por isso, as irradiações na Criação são também apenas a consequência de um movimento correspondente que, por sua vez, tem de se orientar pela respectiva pressão. Onde, portanto, não houver irradiações na Criação, também não há movimento ou, conforme dizem as pessoas erroneamente, nenhuma “vida”. Pois cada movimento irradia, e a paralisação é o nada, a imobilidade, chamada de morte pelas criaturas humanas. Assim, também o grande Juízo só se realizará por meio da aumentada pressão de um raio divino, intermediado por um enviado de Deus encarnado na matéria grosseira, ao qual Deus deu uma centelha de *Sua força viva*. Somente poderá resistir à pressão dessa *centelha de força viva*, que naturalmente não pode ser tão forte como a poderosa pressão da força viva no próprio Deus-Pai, tudo aquilo que vibrar *direito* nas leis do efeito da força de Deus! Assim, é fortalecido, mas não transformado em incandescência branca, porque para isso não basta a irradiação da força da centelha. Tudo o que for

perturbador, porém, será arrancado, impelido para fora de seus falsos movimentos, destruído e desintegrado, para o que a irradiação da força da centelha é completamente suficiente. Assim, o grande Juízo de Deus se processa de forma totalmente natural e não fica, acaso, sujeito a uma arbitrariedade do enviado de Deus. Ocorre simplesmente baseado na lei de irradiações, que tinha de se formar como consequência da irradiação da força de Deus; pois tudo o que se move *direito* no pensar e no actuar irradia na matéria grosseira a cor violeta.

Mas, o que é das trevas, do mal, ou tende para isso, quer no pensar ou no desejar, apresenta um *amarelo* turvo. Essas duas cores são agora fundamentais para o Juízo! Segundo a força de uma vontade ou de uma acção, as irradiações são também fracas ou fortes. Com o enviado de Deus vem para a Criação um raio de Luz *divina* de modo inalterado, com isso, também aqui para a Terra! A Luz divina fortalece e eleva o bem, portanto, tudo quanto tiver a cor violeta terrena, ao passo que o amarelo turvo terreno é desintegrado e destruído por ela.

Conforme a espécie e a força de uma vontade ou de uma acção, é mais forte ou mais fraca a irradiação. E, de acordo com isso, formam-se, então, também a espécie e a força do efeito julgador do raio de Luz divina, em imutável justiça!

Pode muito bem ser dito que a Criação acha-se envolta e perpassada por uma gigantesca rede de irradiações multicores. Essas irradiações, porém, são apenas a expressão dos diversos movimentos, que têm sua origem na pressão da força viva em Deus. Com outras palavras: Deus em Sua força viva mantém a Criação. Tudo isso é certo, pouco importando qual a forma de expressão escolhida para tanto, deve apenas ser conhecida com exactidão a origem certa e o progressivo curso evolutivo, caso se queira fazer algo com isso.

Como, pois, o grau máximo de calor faz incandescer até o *branco*, assim também ocorre na esfera divina, enquanto que, com a diminuição dos graus, surgem pouco a pouco outras cores e, com o arrefecimento, tudo se torna mais e mais denso!

Para prosseguir esclarecendo nesses conceitos terrenos, quero dizer que o espírito humano jamais pode se tornar branco-incandescente, porque se originou em um plano, onde a pressão encontrava-se em declínio, não sendo mais capaz de produzir aquele grau máximo de calor. Assim, em sua origem, ele é de uma espécie que não pode mais suportar conscientemente esse grau máximo de força. Ou pode-se dizer igualmente: somente com um bem determinado arrefecimento surge o que é espiritual e pode tornar-se consciente. Também a espécie, da qual se origina o “espírito”, é apenas ainda um *sedimento* proveniente da esfera divina, que tinha de se formar devido ao leve arrefecimento, e assim por diante.

No entanto, agora isso gradualmente ainda se amplia mais. O primeiro sedimento da esfera divina forma o puro espiritual, de onde se originam os primordialmente criados. E somente o sedimento destes produz a espécie, da qual podem se desenvolver os espíritos humanos. O sedimento dessa espécie, por sua vez, produz o enteal, do qual se sedimenta a matéria fina que, por sua vez, produz como último o que é de matéria grosseira. Todavia, existem aí ainda muitíssimos degraus intermediários de cada uma das espécies básicas aqui citadas, inclusive no divinal, os quais, como transições, devem tornar possível a ligação.

O *primeiro* sedimento proveniente da esfera divina é, como facilmente se compreende, também o de conteúdo mais rico, pôde, por isso, tornar-se imediatamente auto-consciente, e formou os assim chamados primordialmente criados, ao passo que o sedimento subsequente e proveniente desse primeiro sedimento não é mais tão forte e deve se desenvolver primeiro pouco a pouco para uma consciencialização. Desse se originam os espíritos humanos.

Devido ao conteúdo mais rico de sua espécie, os primordialmente criados se encontram, por isso, no lugar supremo da Criação, porque constituem o *primeiro* sedimento proveniente da esfera divina, ao passo que os espíritos humanos só se originaram do sedimento subsequente e, naturalmente, mesmo com plena maturidade, não podem chegar à altura dos primordialmente criados, pela espécie, mais ricos em conteúdo, devendo, contudo, permanecer na altura de sua própria espécie. Para escalar mais alto falta-lhes algo, que não é possível complementar. A não ser que lhes fosse proporcionado algo directamente da força viva de Deus, o que, porém, não pode ocorrer pelo caminho natural de transição, mas sim teria de provir de uma parte viva de Deus, transferida para a Criação, visto que com ela, como *força* própria, realmente *viva*, fica neutralizado o arrefecimento da irradiação, que do contrário ocorreria imprescindivelmente na transição. Tão-só ela está, portanto, em condições de juntar algo a um espírito humano, através de sua directa irradiação própria, o que lhe possibilita passar o limite da região dos primordialmente criados.

Quando do lançamento das irradiações para além dos limites da esfera divina, isto é, no princípio da Criação, originou-se um anexo ao eterno Castelo do Graal, que se encontra no limite extremo, no outro lado, portanto, na parte mais espiritualizada da Criação, de modo que também os primordialmente criados, do seu lado, possam visitar a parte nova do Castelo no espiritual, até o limite superior determinado pela sua espécie. Um passo para cima, isto é, para a esfera divina, significaria para eles um imediato desfalecimento, um consumir-se na incandescência branca, se... pudessem dar esse passo. Mas isso é impossível, porque seriam simplesmente repelidos pela pressão muito mais forte da esfera divina, a que não estão adaptados, ou, dito de outra forma, essa pressão não os deixa entrar. De modo totalmente natural impede-lhes a entrada, sem que aí precise acontecer algo mais.

De modo análogo sucede aos espíritos humanos desenvolvidos em relação aos primordialmente criados, e da planície existencial desses.

Assim, o Castelo do Graal com seu anexo espiritual encontra-se hoje como mediador entre o divinal e a Criação. Através dele têm de passar todas as irradiações necessárias à Criação, e o Filho do Homem, como Rei do Graal, é o único mediador que pode ultrapassar o limite da Criação para o divinal, devido à sua espécie de origem, que liga o divinal com o espiritual. Por esse motivo *tinha* de acontecer o mistério dessa ligação.

Só muito abaixo desse Castelo do Graal e da região dos primordialmente criados encontra-se o Paraíso, como ponto mais alto e mais belo para os espíritos humanos que, para o pleno amadurecimento na vontade divina, submeteram-se às leis das suas irradiações. — —

Não quero entrar aqui em pormenores, a fim de que a imagem do fenómeno em si não seja estendida excessivamente. Sobre isso ainda editarei livros para a ciência terrena, destinados ao estudo dos processos isolados como, por exemplo, o desenvolvimento nos diversos planos, seu interactuar e assim por diante. Nada deve ser omitido, senão ocasiona uma lacuna, que logo provoca uma estagnação do saber humano.

Voltando, pois, um espírito humano terreno em seu amadurecimento após longa peregrinação, aos limites determinados à sua espécie, portanto, ao início de uma pressão mais forte, não poderá incandescer-se mais ainda do que sua plena maturidade já lhe permite incandescer. A pressão aumentada de uma força ainda mais intensificada devia fazer derreter e queimar a espécie de sua constituição, transformá-lo para o grau de calor mais elevado, com o que o seu eu se perde. Então não poderia mais subsistir como espírito humano e teria de queimar, desfazendo-se na Luz branca, ao passo que ele já desfaleceria na região dos primordialmente criados, devido à pressão mais elevada ali reinante.

A Luz branca, isto é, a irradiação de Deus, onde tão-somente o que é divinal pode manter-se consciente, *contém, portanto, em si todos os componentes fundamentais da Criação*, os quais, no arrefecimento lento, sedimentam para baixo, formam-se no movimento e, formados, congregam-se, contudo, não mais se absorvem reciprocamente, visto faltar-lhes a pressão correspondente para tanto. Em cada grau de arrefecimento forma-se um determinado sedimento e fica para trás. Primeiro o divinal, depois o espiritual e a seguir o enteal, até que finalmente apenas a matéria fina e a grosseira continuam descendo.

Assim a Criação é, na verdade, a sedimentação do progressivo arrefecimento da Luz branca, da irradiação da Luz viva. O espiritual, bem como o enteal, só podem formar-se e

consciencializar-se em um bem determinado grau de arrefecimento, o que equivale à diminuição da pressão da irradiação de Deus.

Quando falo aqui de um derreter ou ser dissolvido do espírito humano, sob uma pressão excessiva da irradiação da Luz, então, nesse limite não é de se considerar acaso o nirvana dos budistas, como estes talvez queiram de bom grado interpretar meu esclarecimento. Meu actual esclarecimento trata apenas do fenómeno na direcção da Luz para baixo, ao passo que o nirvana seria o ponto culminante para o caminho para cima.

Aí seria passado um ferrolho; pois, para chegar desta Terra até o reino espiritual, o Paraíso, em cujo supremo limite deve-se procurar este ponto, cada espírito humano, no estado “auto-consciente”, já deve ter alcançado a máxima maturidade. Maturidade segundo a vontade divina, e não acaso segundo a opinião humana. Senão, não poderá entrar nesse reino. Se estiver, porém, como espírito consciente de si, amadurecido até esse ponto, será rigorosamente retido, repellido no limite pela aumentada pressão da esfera divina. Não *pode* ir adiante! E também não quer. Na esfera divina jamais conseguiria deleitar-se com as alegrias, visto que lá não pode ser mais espírito humano, mas seria fundido, ao passo que, no reino espiritual, no Paraíso, encontra alegrias eternas e, com gratidão, nem mais pensa em querer ser dissolvido totalmente.

Além disso, em seu pleno amadurecimento, ele é *necessário* para a elevação e o aperfeiçoamento dos planos que ficam abaixo dele, que, em novos sedimentos, são apenas capazes de resistir a uma pressão ainda menos forte do que ele próprio. Lá *ele*, o espírito humano, é o maior, porque resiste a uma pressão mais forte, até necessita dela. — — —

A missão do espírito humano, pois, nessas camadas inferiores é, com a força nele inerente, abrir tudo o que estiver abaixo dele, tanto quanto possível, à influência das puras irradiações da Luz, e assim poder actuar como mediador, através do qual pode penetrar pressão mais forte, proporcionando bênçãos para tudo o mais, porque pode receber essa pressão mais elevada e, repartindo, transmiti-la, a qual, purificando, desintegra tudo o que é impuro.

Infelizmente, nisso a criatura humana procedeu mal. Bem que, nas Criações, desenvolveu-se tudo o que devia se desenvolver até agora, seguindo a pressão ou o impulso, porém, de modo errado, porque aqui a criatura humana não somente falhou, mas de modo enganador até conduziu para baixo, ao invés de para o alto! Por esse motivo originaram-se somente feias caricaturas de tudo, em lugar de beleza natural.

Ser natural, porém, significa subir, esforçar-se em direcção ao alto, seguindo a atracção da força viva. Pois na naturalidade tudo se esforça somente para cima, como cada erva, cada flor, cada árvore. Assim, lamentavelmente, aquilo que a vontade humana conduziu só ainda exteriormente apresenta *semelhança* com aquilo que ela devia impulsionar.

Uma rica vida interior, por exemplo, na observação superficial pode ser muitas vezes confundida exteriormente com o vazio que se mostra na vaidade. Veneração pura de toda beleza é, em suas manifestações, no início, também semelhante à baixa cobiça; pois ambas apresentam certo grau de entusiasmo, porém, apenas uma é legítima, a outra é falsa e serve tão-só como meio à finalidade. Assim, a verdadeira graça é substituída pela vaidade, o verdadeiro servir, simulado pela ambição. Dessa maneira prossegue em tudo o que o ser humano criou. Apenas raramente seus caminhos conduzem à Luz. Quase tudo tende para as trevas.

Isso tem de ser extirpado, para que dessa Sodoma e Gomorra venha, agora, o Reino de Deus na Terra! Tudo finalmente ao encontro da Luz, para o que o ser humano é o mediador!

— — —

Da própria Luz, de Deus, não falo aqui. É-me demasiado sagrado! Além disso, o ser humano jamais poderia compreendê-Lo, tem de se contentar por toda a eternidade de que Deus é!

Índice

Na Luz da Verdade.....	1
Mensagem do Graal de Abdrushin.....	1
Sequência das dissertações.....	1
Para orientação!.....	3
1. O que procurais?.....	4
2. Despertai!.....	7
3. O silêncio.....	15
4. Ascensão.....	22
5. Responsabilidade.....	26
6. Destino.....	30
7. A criação do ser humano.....	35
8. O ser humano na Criação.....	40
9. Pecado hereditário.....	44
10. Filho de Deus e Filho do Homem.....	46
11. Deus.....	49
12. A voz interior.....	53
13. A religião do amor.....	57
14. O Redentor.....	58
15. O mistério do nascimento.....	65
16. É aconselhável a aprendizagem do ocultismo?.....	73
17. Espiritismo.....	76
18. Preso à Terra.....	83
19. A abstinência sexual é necessária ou aconselhável?.....	86
20. O Juízo Final.....	88
21. A luta.....	96
22. Formas de pensamento.....	100
23. Moralidade.....	106
24. Vela e ora!.....	111
25. O Matrimónio.....	116
26. O direito do filho em relação aos pais.....	121
27. A oração.....	125
28. O Pai Nosso.....	130
29. Adoração a Deus.....	136
30. O ser humano e seu livre-arbítrio.....	144
31. Moderna ciência do espírito.....	162
32. Caminhos errados.....	173
33. Seres humanos ideais.....	175
34. Lançai sobre ele toda a culpa.....	179
35. O crime da hipnose.....	182
36. Astrologia.....	186
37. Simbolismo (*Resgate simbólico) no destino humano.....	189
38. Crença.....	195
39. Bens terrenos.....	197
40. A morte.....	199
41. Falecido.....	204
42. Milagres.....	209

43. O baptismo.....	211
44. O Santo Graal.....	213
45. O mistério Lúcifer.....	219
46. As regiões das trevas e a condenação.....	226
47. As regiões da Luz e o Paraíso.....	230
48. Fenómenos universais.....	232
49. A diferença na origem entre o ser humano e o animal.....	242
50. A separação entre a humanidade e a ciência.....	245
51. Espírito.....	248
52. Desenvolvimento da Criação.....	250
53. Eu sou o Senhor, teu Deus!.....	258
54. A imaculada concepção e o nascimento do Filho de Deus.....	272
55. A morte do Filho de Deus na cruz e a Ceia.....	277
56. “Desce da cruz”.....	281
57. Esta é a minha carne! Este é o meu sangue!.....	287
58. Ressurreição do corpo terreno de Cristo.....	290
59. Conceito humano e vontade de Deus na lei da reciprocidade.....	298
60. O Filho do Homem.....	302
61. Erros.....	307
62. A força sexual em sua significação para a ascensão espiritual.....	320
63. “Eu sou a ressurreição e a vida; ninguém chega ao Pai, a não ser por mim!”.....	332
64. O que separa hoje tantos seres humanos da Luz?.....	338
65. O clamor pelo líder.....	348
66. Matéria grosseira, matéria fina, irradiações, espaço e tempo.....	354
67. O erro da clarividência.....	360
68. Espécies de clarividência.....	363
69. No reino dos demónios e dos fantasmas.....	369
70. Aprendizagem do ocultismo, alimentação de carne ou alimentação vegetal.....	382
71. Magnetismo terapêutico.....	387
72. Vivei o presente!.....	389
73. O grande cometa.....	392
74. O que tem o ser humano de fazer para poder entrar no Reino de Deus?.....	394
75. Tu vês coisa sem importância no olho de teu irmão, e não atentas para a trave no teu olho	397
76. A luta na natureza.....	399
77. Efusão do Espírito Santo.....	405
78. Sexo.....	407
79. Pode a velhice constituir um obstáculo para a ascensão espiritual?.....	411
80. Era uma vez...!.....	413
81. Pai, perdoai-lhes; pois não sabem o que fazem!.....	431
82. Deuses – Olimpo – Valhala.....	453
83. Convocado.....	465
84. Criatura humana.....	471
85. E mil anos são como um dia!.....	480
86. Intuição.....	483
87. O Mestre do Universo.....	488
88. O Estranho.....	491
89. Uma última palavra.....	499

90. O anticristo.....	505
91. E cumpriu-se...!	509
Palavra final.....	517
Primeiro Mandamento.....	518
Eu sou o Senhor teu Deus! Tu não deverás ter outros deuses ao meu lado!.....	518
Segundo mandamento.....	520
Tu não deverás profanar o nome do Senhor teu Deus!.....	520
Terceiro mandamento.....	525
Tu deverás santificar o dia de descanso!.....	525
Quarto mandamento.....	527
Tu deverás honrar pai e mãe!.....	527
Quinto mandamento.....	531
Tu não deverás matar!.....	531
Sexto mandamento.....	533
Tu não deverás cometer adultério!.....	533
Sétimo mandamento.....	536
Tu não deverás roubar!.....	536
Oitavo mandamento.....	538
Tu não deverás levantar falso testemunho contra teu próximo!.....	538
Nono mandamento.....	540
Não cobiçarás a mulher de teu próximo!.....	540
Décimo mandamento.....	542
Tu não deverás cobiçar casa, propriedade e gado do teu próximo, e tudo o que lhe pertence!	542
A vida.....	546